

# WILBUR SMITH



O ÚLTIMO  
DEUS DO NILO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# O ÚLTIMO DEUS DO NILO

River God

Trilogia Egípcia — livro 1

***Wilbur Smith***

## Sinopse

Mais que um romance grandioso, *O Último Deus do Nilo* é uma magistral combinação de história e ficção escrita por um profundo estudioso da Antigüidade. Enquanto se desenvolvem os dramas de seus personagens, o dia-a-dia no antigo Egito parece renascer, recriando-se magicamente com extraordinária vivacidade e riqueza de detalhes. O fio condutor da narrativa é o escravo Taita. Eunuco, ele devota a sua senhora — a bela adolescente Lostris, filha de Intef, conselheiro real — uma adoração sem limites; sábio, domina as artes da cura e da vidência. Taita sabe que Lostris ama desesperadamente Tanus, jovem comandante do exército de elite do faraó; ele sabe, sobretudo, que a união dos dois amantes é impossível. Intef deseja um casamento muito melhor para sua filha: ele quer vê-la no trono dourado ao lado do grande rei. Mas, muito além dos desencontros amorosos, o destino das personagens mescla-se com os caminhos do próprio Egito, enfraquecido pela corrupção, ameaçado por povos vizinhos e dilacerado pela violência indiscriminada. O olhar arguto de Taita enxerga nitidamente o despreparo do faraó e as mazelas de sua terra. Acompanhado por Lostris e Tanus, ele decide arriscar a vida e a honra para restaurar a grandeza perdida do império dourado, mergulhando numa aventura vertiginosa que irá conquistar o leitor e mantê-lo eletrizado até a última página.

Título original inglês: RIVER GOD  
Copyright © 1993 by Wilbur Smith  
ISBN 85-7123-527-9  
Editora Best Seller, 2005.

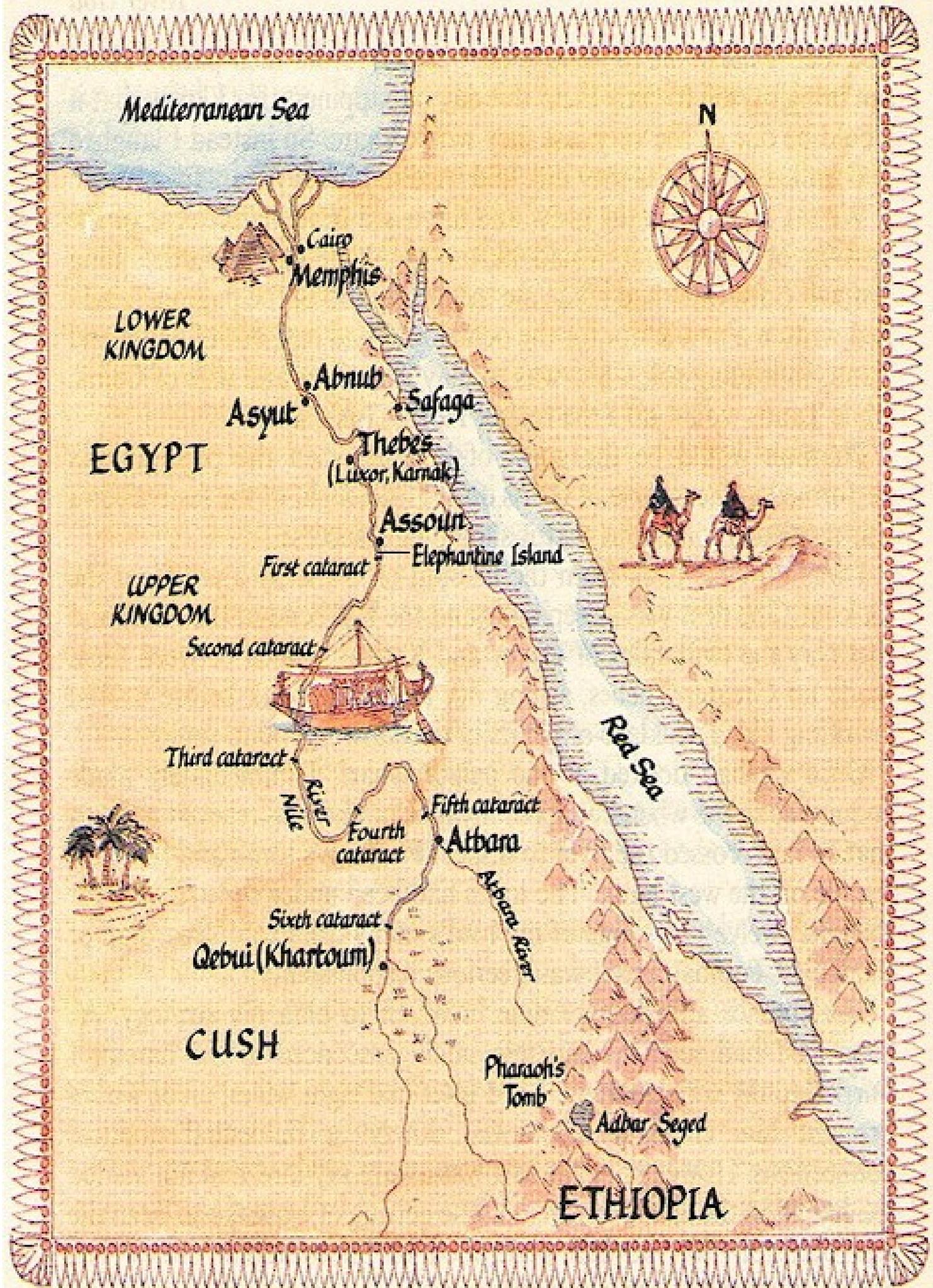
Versão ePub: AZ



*Este livro, como tantos outros anteriores, é para minha mulher, Danielle Antoinette.*

*O Nilo que corre através desta história nos encantou a ambos. Passamos dias deliciosos viajando por suas águas e entregando-nos à preguiça em suas margens. Assim como nós, ele é uma criatura dessa África verdadeira.*

*Mas esse grande rio não corre tão forte ou tão fundo quanto meu amor por você, minha querida.*



Mediterranean Sea

N

Cairo

Memphis

LOWER KINGDOM

Abnub

Asyut

Safaga

EGYPT

Thebes  
(Luxor, Karnak)

Assouan

First cataract

Elephantine Island

UPPER KINGDOM

Second cataract

Third cataract

Nile River

Fifth cataract

Red Sea

Fourth cataract

Atbara

Atbara River

Sixth cataract

Gebui (Khartoum)

CUSH

Pharaoh's Tomb

Adbar Seged

ETHIOPIA



O rio estende-se pesado pelo deserto, brilhante como metal fundido que houvesse escorrido de uma fornalha. O céu está enevoado de vapor quente e o sol golpeia a paisagem como o malho de um ferreiro. Na miragem, as suaves colinas que bordam o Nilo parecem vibrar sob as marteladas.

Nosso barco aproximou-se veloz das moitas de papiros, perto o suficiente para que escutássemos o rangido dos baldes dos *shaditf* que os equilibram em longas varas desde os campos até a água. O som harmonizava com o canto da garota na proa.

Lostris tinha catorze anos. O Nilo havia iniciado sua última cheia no dia exato em que sua lua vermelha feminina florescera pela primeira vez, uma coincidência que os sacerdotes de Hapi haviam considerado altamente propícia. Lostris, o nome escolhido por eles para substituir o de batismo da garota, significava "Filha das Águas".

Lembro-me dela vividamente naquele dia. Ficaria ainda mais bonita com o passar dos anos, tornando-se mais ativa e imponente, mas nunca mais irradiaria aquele brilho de feminilidade virginal tão impressionante. Todos os homens a bordo, mesmo os guerreiros nos bancos de remadores, estavam cientes dele. Nem eu nem qualquer outro conseguia despregar os olhos da garota. Ela me enchia de uma sensação de insegurança e de um profundo e pungente desejo; pois embora eu seja um eunuco, só fui castrado depois de conhecer as alegrias de um corpo de mulher.

— Taita — ela me chamou. — Cante comigo!

Quando obedeci, ela sorriu contente. Minha voz era uma das várias razões pelas quais, sempre que possível, ela me guardava a seu lado; meu tenor completava à perfeição seu adorável soprano. Cantamos uma das velhas canções de amor camponesas que eu lhe havia ensinado, uma de suas favoritas:

Meu coração voa qual ave ferida quando vejo o rosto de meu bem-amado e minhas faces brilham como o alvorecer refletindo seu sorriso ensolarado...

Da popa, outra voz juntou-se às nossas. Era uma voz de homem, grave e poderosa, mas lhe faltavam a pureza e a clareza da minha. Se eu tinha a voz de um pássaro saudando o amanhecer, aquela era a de um jovem leão.

Lostris virou a cabeça e então seu sorriso brilhou como os raios de sol na superfície do Nilo. Apesar de o homem a quem ela dirigia o sorriso ser meu amigo, senti a bile amarga da inveja queimar minha garganta. Forcei-me a sorrir para Tanus, como ela fazia, com amor.

O pai de Tanus, Pianki, o senhor Harrab, havia sido um dos grandes da nobreza egípcia, mas sua mãe fora uma filha de escravo *tehenu* liberto. Como tantos entre sua gente, ela tivera cabelos claros e olhos azuis. Morrera de febre dos pântanos quando Tanus ainda era criança, por isso não me lembro muito bem dela. No entanto, os mais velhos diziam que poucas vezes se vira beleza como a daquela mulher em ambos os reinos.

Por outro lado, eu havia conhecido e admirado o pai de Tanus, antes que perdesse sua vasta fortuna e as extensas propriedades que quase chegaram a rivalizar com as do próprio faraó. Ele tinha pele morena, olhos de egípcio, escuros e vítreos como obsidiana polida, um homem com mais força física que beleza, mas de nobre e generoso coração — poder-se-ia dizer generoso e confiante demais, pois havia

morrido na penúria, com o coração partido pelos que considerara seus amigos, só na escuridão, longe do brilho dos favores faraônicos.

Tanus parecia ter herdado o melhor de ambos, com a única exceção da riqueza material. De natureza e força era como o pai; em beleza puxara à mãe. Então por que deveria eu ter ciúme do amor de minha ama por ele? Também a amava e, pobre coisa neutra que eu era, sabia que jamais poderia tê-la para mim, nem que os deuses houvessem elevado minha posição além da de escravo. Mas tal é a perversidade da natureza humana que eu almejava o que nunca poderia ter; sonhava com o impossível.

Lostris sentou-se sobre sua almofada na proa, tendo a seus pés duas jovens escravas negras de Kuch, esguias como panteras, inteiramente nuas a não ser pelos colares dourados ao redor do pescoço. A própria Lostris usava apenas uma saia de algodão alvejado, engomada e branca como a asa da garça. A pele de seu torso, acariciada pelo sol, era da cor do cedro azeitado que crescia nas montanhas além de Biblos. Seus seios tinham o tamanho e a forma de figos maduros, prontos para serem colhidos, e as pontas pareciam pálidos rubis.

Ela havia retirado a peruca que usava habitualmente e tinha os cabelos verdadeiros presos de lado, caindo como uma corda escura sobre um dos seios. O rasgo de seus olhos era realçado pelo verde-prateado do pó de malaquita, habilmente aplicado às pálpebras superiores. Seus olhos também eram verdes, mas de um tom mais escuro e transparente, como o Nilo quando as águas baixam e depositam no fundo sua preciosa carga de sedimentos. Entre os seios, pendurada em uma corrente de ouro, ela trazia uma imagem de Hapi, a deusa do Nilo, moldada em ouro e rico lápis-lazúli. Era sem dúvida uma jóia maravilhosa, que eu mesmo havia confeccionado para ela.

Tanus subitamente ergueu a mão direita com o punho cerrado. Como um só homem, os remadores interromperam sua cadência e mantiveram as lâminas dos remos no ar, reluzindo ao sol e respingando. Tanus girou então o leme com força e os homens do lado do porto enfiaram as pás na água, criando uma série de pequenos redemoinhos na superfície verde da água. Os de estibordo remaram com força para frente. O barco girou tão depressa que o convés inclinou-se num ângulo alarmante. Então os dois lados remaram juntos e a embarcação disparou adiante. A proa esguia, com os olhos azuis de Hórus pintados num brasão, afastou a densa vegetação de papiros e o barco singrou para fora da correnteza, ganhando as águas calmas de uma lagoa.

Lostris interrompeu a cantiga e sombreou os olhos com a mão para enxergar.

— Lá estão eles! — gritou, apontando com a mão graciosa. Os outros barcos da esquadra de Tanus espalhavam-se como uma rede pela borda sul da enseada, bloqueando a entrada principal do grande rio e impedindo qualquer fuga naquela direção.

Tanus, naturalmente, escolhera para si a posição norte, sabendo que ali o esporte seria mais ferrenho. Eu desejava que não o fosse. Não que eu seja um covarde, mas sempre tenho de levar em conta a segurança de minha senhora. Ela havia conseguido embarcar no *Sopro de Hórus* somente após muitas intrigas, em que, como sempre, me envolvera profundamente. Quando seu pai soubesse, como certamente saberia, de sua presença no ardor da caçada, as coisas ficariam feias para mim, mas se também soubesse que eu era responsável por permitir que ela passasse um dia inteiro em companhia de Tanus, nem mesmo minha posição privilegiada me pouparia de sua ira. As instruções que ele me dera a respeito do rapaz haviam sido inequívocas.

No entanto, eu parecia ser a única alma perturbada a bordo do *Sopro de Hórus*. Os outros vibravam de excitação. Tanus deteve os remadores com um gesto peremptório e o barco deslizou até parar,

balançando-se suavemente sobre as águas verdes, tão imóveis que quando espiei sobre a amurada vi meu próprio reflexo olhando para mim. Como sempre, fiquei espantado ao ver como minha beleza havia sobrevivido ao tempo. Meu rosto pareceu-me mais encantador que os lótus azuis que o emolduravam. Mas tive pouco tempo para admirá-lo, pois a tripulação já se agitava.

Um dos oficiais de Tanus içou seu estandarte ao mastro. Era a imagem de um crocodilo azul, com a grande cauda dentada ereta e a mandíbula aberta. Somente um oficial do calibre dos Melhores dos Dez Mil tinha direito a um estandarte pessoal. Antes de completar vinte anos, Tanus já havia conquistado essa distinção, juntamente com o comando da divisão Crocodilo Azul da guarda de elite do faraó.

O estandarte no topo do mastro era o sinal para o início da caçada. No horizonte da enseada, o resto da esquadra estava reduzido pela distância, mas os remos começaram a bater ritmadamente, erguendo-se e caindo como asas de gansos selvagens em revoada, reluzentes. Das popas, as inúmeras marolas que criavam espalhavam-se pelas águas plácidas e permaneciam um longo instante na superfície, como que moldadas em gesso.

Tanus baixou o gongo por cima da popa. Era um longo tubo de bronze, cuja extremidade ele mergulhou no rio. Quando tocado por um martelo do mesmo metal, o som agudo e reverberante era transmitido através da água, enchendo de temor nossa presa. Infelizmente, para minha tranqüilidade, eu sabia que o temor poderia se transformar numa fúria assassina.

Tanus riu para mim. Mesmo em sua excitação, percebera minha preocupação. Para um rude soldado, ele possuía uma perspicácia incomum.

— Venha até a torre da popa, Taita! — ele ordenou. — Você pode tocar o gongo para nós. Isso afastará sua mente da segurança de seu belo esconderijo por algum tempo.

Fiquei magoado por sua frivolidade, mas aliviado pelo convite, já que a torre da popa fica bem afastada da água. Movi-me dignamente para atendê-lo, sem pressa, mas quando passei por ele fiz uma pausa para exortá-lo gravemente:

— Cuide da segurança de minha senhora. Está me ouvindo, rapaz? Não incentive sua ousadia, pois ela é tão selvagem quanto você.

Eu podia dirigir-me assim a um ilustre comandante dos dez mil porque ele fora meu aluno, e mais de uma vez eu havia aplicado a vara àquelas nádegas marciais. Ele sorriu para mim como naquele tempo, arrogante e presunçoso como sempre.

— Deixe a dama em minhas mãos, eu lhe imploro, velho amigo. Não há nada que eu preze mais, acredite!

Não o censurei por seu tom desrespeitoso, pois queria subir logo à torre. De lá, vi-o apanhar o arco.

Aquele arco já se tornara famoso em todo o exército, e na verdade por toda a extensão do grande rio, das cataratas até o mar. Eu o havia criado para Tanus quando começara a se mostrar insatisfeito com as armas menores que até então lhe haviam sido permitidas. Sugeri que tentássemos fabricar um arco de algum material novo, que não as frágeis madeiras que cresciam em nosso estreito vale; talvez madeiras exóticas como o cerne da oliveira das terras hititas, ou o ébano de Kuch; ou ainda materiais mais estranhos, como o chifre de rinoceronte ou a presa de marfim do elefante.

Assim que começamos a experimentar, topamos com inúmeros problemas, sendo o primeiro deles a rigidez desses materiais exóticos. Em seu estado natural, nenhum se vergava sem rachar, e apenas os maiores e mais caros dentes de elefante nos permitiriam esculpir um arco inteiro. Resolvi essa questão

partindo em lascas o marfim de uma presa menor e montando-as num feixe suficientemente espesso para formar um arco. Infelizmente era riço demais para que qualquer homem o vergasse.

No entanto, daí foi um passo fácil e natural laminar juntos todos os quatro materiais escolhidos: oliveira, ébano, chifre e marfim. É claro que houve vários meses de experimentos com combinações desses materiais, com vários tipos de cola para uni-los. Não conseguíamos produzir uma cola bastante forte. Afinal solucionei esse último detalhe amarrando todo o arco com fio de eletrum, feito de âmbar, para impedir que se desconjuntasse. Dois homenzarrões ajudaram Tanus a torcer o fio com toda a sua força junta, enquanto a cola ainda estava quente. Quando se resfriou, formou uma combinação quase perfeita de força e flexibilidade.

Então recortei tiras das entranhas de um grande leão de juba negra que Tanus caçou e matou no deserto com sua espada de guerra de bronze. Curti-as e trancei-as para fazer a corda. O resultado foi um arco magnífico, de potência tão extraordinária que apenas um homem dentre as centenas que o experimentaram conseguiu vergá-lo ao máximo.

O estilo de arquearia regulamentar ensinado pelos instrutores militares era visar o alvo e puxar a flecha até o osso esterno, no peito, manter a mira por um instante e então disparar ao comando. No entanto, nem mesmo Tanus tinha força para vergar seu arco e mirar o alvo fixamente. Foi obrigado a criar um estilo completamente novo. Parado de lado para o alvo, mirando-o por cima do ombro esquerdo, ele erguia o arco com o braço esquerdo estendido e, num gesto violento, puxava a flecha até que as aletas de pluma tocassem seus lábios, com os músculos dos braços e do peito realçados pelo esforço. No momento em que atingia a extensão completa, aparentemente sem mirar, ele disparava.

A princípio suas flechas voavam ao acaso, como abelhas selvagens deixando a colméia, mas ele praticou dia após dia, mês após mês. Os dedos de sua mão direita ficaram rachados e sangraram com os golpes da corda, mas cicatrizaram e tornaram-se calejados. O lado interno de seu braço esquerdo ficou ferido e lanhado pelo açoite da corda quando passava ao impelir a flecha, mas criei para ele uma proteção de couro. E Tanus praticou incansavelmente.

Até mesmo eu perdi a confiança em sua capacidade de dominar aquela arma, mas Tanus nunca desistiu. Lentamente, agonizantemente, ele adquiriu o controle até o dia em que, enfim, conseguiu disparar três flechas com tal rapidez que ficaram todas no ar ao mesmo tempo. Pelo menos duas atingiram o alvo, um disco de cobre do tamanho de uma cabeça de homem, colocado à distância de cinquenta passos de onde estava Tanus. Era tamanha a força daquelas setas que elas atravessaram com precisão o metal, da espessura de meu dedo mínimo.

Tanus batizou a poderosa arma de Lanata, que, não por acaso, era o antigo nome de batismo de minha ama. Agora ele estava de pé na proa, com a garota a seu lado e o arco na mão esquerda. Formavam um casal esplêndido, mas isso era evidente demais para que eu ficasse tranqüilo.

Chamei asperamente:

— Senhora! Volte aqui imediatamente! Aí onde está não é seguro.

Ela nem se dignou a olhar por cima do ombro, mas fez-me um sinal por trás das costas. Todos os tripulantes da galé o viram, e o mais atrevido deles riu. Uma daquelas feiticeirinhas negras que eram suas aias devia ter ensinado o gesto a Lostris, mais apropriado às damas das tavernas ribeirinhas do que a uma refinada filha da Casa de Intef. Pensei em repreendê-la, mas imediatamente desisti da idéia imprudente, pois minha senhora só aceitava censuras em determinados estados de humor. Então apliquei-me a bater o gongo de bronze com bastante força para disfarçar meu desagrado.

O som agudo e vibrante reverberou pelas águas espelhadas da lagoa, o ar se encheu instantaneamente com o murmúrio de asas e uma sombra escondeu o sol quando das moitas de papiros, dos poços escondidos e da água aberta uma vasta nuvem de aves ergueu-se no céu. Havia uma centena de variedades: íbis pretos e brancos de cabeças semelhantes às de abutres, consagrados à deusa do rio; bandos de gansos barulhentos de plumagem avermelhada, cada qual com uma mancha rubi no centro do peito; garças verde-azuladas ou negras como a meia-noite, de bicos como espadas e possante batida de asas; e patos em tamanha profusão que contá-los desafiava a vista e a credulidade do espectador.

A caça é uma das atividades mais apreciadas da nobreza egípcia, mas naquele dia o jogo era diferente. Não demorei a ver, a distância, algo perturbar a superfície envernizada da lagoa. Era pesado e maciço, e meu espírito tremeu, pois sabia que ali se movera uma terrível fera. Tanus também a enxergara, mas sua reação foi completamente diferente da minha. Ele emitiu um som como o de um mastim de caça, e seus homens gritaram com ele, dobrando-se sobre os remos. O *Sopro de Hórus* disparou adiante como se fosse um dos pássaros que toldavam o céu sobre nós, e minha ama gritou de excitação, batendo o delicado punho no ombro musculoso de Tanus.

A água agitou-se mais uma vez e Tanus indicou ao homem do leme para seguir o movimento, enquanto eu martelava o gongo para criar mais coragem. Atingimos o local onde o havíamos visto pela última vez, e a embarcação deslizou até parar, enquanto todos os homens no convés olhavam em volta avidamente.

Apenas eu olhava diretamente por cima da popa. A água sob o casco era rasa e quase tão límpida quanto o céu acima. Gritei tão alto e agudo quanto minha senhora havia gritado, e saltei afastando-me do costado, pois o monstro estava exatamente embaixo de nós.

O hipopótamo é relacionado a Hapi, a deusa do Nilo. Foi apenas com sua autorização especial que pudemos caçá-lo. Com essa finalidade, Tanus havia orado e feito sacrifícios no templo da deusa naquela manhã, com minha ama a seu lado. É claro, Hapi é sua deusa protetora, mas duvido que fosse apenas esse o motivo da participação dela na cerimônia.

O animal que eu vira abaixo de nós era um macho velho e enorme. A meus olhos parecia tão grande quanto nossa galé, uma forma gigantesca que se arrastava pelo fundo da lagoa. Seus movimentos eram contidos pela resistência da água, de modo que se locomovia como uma criatura de pesadelo, erguendo nuvens de lama com os cascos, assim como um órix selvagem agita a poeira ao correr pelas areias do deserto.

Tanus manobrou o barco e aceleramos atrás do hipopótamo. Mas mesmo com seu galope lento e cadenciado ele afastou-se rapidamente. Sua forma escura desapareceu na profundidade verde da lagoa à nossa frente.

— Força! Pelo hálito podre de Seth, força! — Tanus gritou para os homens, mas quando um dos oficiais brandiu o chicote cheio de nós, Tanus franziu o cenho e balançou a cabeça. Nunca o vi aplicar o açoite sem necessidade.

Subitamente o hipopótamo subiu à superfície adiante de nós e soprou uma grande nuvem de vapor fétido de seus pulmões. O mau cheiro nos envolveu, embora ele estivesse distante, fora do alcance de uma flecha. Por um momento suas costas formaram uma ilha de granito brilhando na lagoa, então ele inspirou forte com um assobio e desapareceu de novo num redemoinho.

— Atrás dele! — gritou Tanus.

— Lá está — gritei, apontando para o lado. — Está voltando.

— Muito bem, amigo velho — Tanus riu para mim —, ainda faremos de você um guerreiro.

A idéia era ridícula, pois sou um escriba, um sábio e um artista. Minhas bravuras pertencem ao espírito. Não obstante, senti um frêmito de prazer, como sempre que Tanus me elogia, e minha vibração misturou-se momentaneamente à excitação da caçada.

Ao sul, as demais galés da esquadra haviam-se unido à perseguição. Os sacerdotes de Hapi mantinham uma contagem precisa daqueles grandes animais da lagoa, e haviam autorizado o abate de cinquenta hipopótamos para o grande festival de Osíris. Isso deixaria quase trezentos do rebanho da deusa em seu templo aquático, número que os sacerdotes consideravam ideal para manter as vias fluviais desobstruídas de vegetação, para impedir que os bancos de papiros se agarrassem às terras aráveis e para abastecer regularmente de carne o templo. Apenas os próprios sacerdotes tinham permissão para comer carne de hi-popótamo fora dos dez dias do festival de Osíris.

Assim, a caçada desenrolou-se pela água como uma elaborada dança, os navios da esquadra cruzando-se e fazendo piruetas enquanto os animais fugiam à sua frente, mergulhando, soprando e bufando ao emergir para novamente mergulhar. Mas cada mergulho era mais curto que o anterior, e os remoinhos na superfície mais freqüentes na medida em que seus pulmões eram esvaziados e não podiam ser completamente reabastecidos antes que os navios em perseguição os obrigassem a afundar de novo. Todo o tempo os gongos de bronze soavam na torre de popa das galés, mesclando-se aos gritos dos remadores e às exortações dos pilotos. Tudo era uma selvagem e confusa excitação, e vi-me gritando e torcendo junto com os mais sanguinários deles.

Tanus concentrava a atenção no primeiro animal, o macho maior. Ignorava as fêmeas e os filhotes que se colocavam ao alcance das flechas e seguia a grande besta em todas as suas convoluções, aproximando-se inexoravelmente a cada vez que ele subia à tona. Mesmo em minha exacerbação eu só podia admirar a habilidade com que Tanus conduzia o *Sopro de Hórus* e o modo como a tripulação reagia a seus sinais. Ele sempre tivera o dom de extrair o melhor de seus subordinados. De que outra forma, sem fortuna ou um grande patrono para sustentá-lo, poderia ter galgado tão rapidamente a alta hierarquia? Suas conquistas foram por mérito próprio, apesar da influência maléfica de inimigos ocultos que haviam colocado todos os obstáculos em seu caminho.

Subitamente o enorme macho irrompeu na superfície, a menos de trinta passos dos arcos. Surgiu reluzindo ao sol, monstruosamente negro e terrível, com nuvens de vapor jorrando de suas narinas como a criatura do outro mundo que devora os corações daqueles que os deuses julgam faltosos.

Com uma seta já preparada, Tanus ergueu o grande arco e lançou-a no mesmo instante. Lanata tocou sua música mortal e sibilante, e a flecha disparou num borrão que os olhos não puderam discernir. Enquanto ainda zunia no ar, outra seguiu-a, e depois mais uma. A corda do arco vibrou como um alaúde e as flechas atingiram o alvo em seqüência. O animal berrou quando elas se enterraram completamente em seu amplo dorso, e tornou a mergulhar.

Eu criara aquelas flechas especialmente para a ocasião. As aletas emplumadas haviam sido removidas e substituídas por pequenas bóias de baobá, como as usadas pelos pescadores para fazer flutuar as redes. Eram encaixadas na extremidade da flecha de modo que ficavam firmes no vôo, mas soltavam-se quando o animal mergulhava e as arrastava pela água. Eram unidas à ponta de bronze da flecha por um fio de linho enrolado na haste, que se libertava quando a bóia se desprendia. Agora, portanto, enquanto o hipopótamo acelerava o nado, as três pequenas bóias brotaram na superfície e se agitaram atrás dele. Eu as havia pintado de amarelo vivo, para que atraíssem o olhar revelando imediatamente a localização do animal, mesmo que ele mergulhasse fundo.

Tanus pôde assim prever cada desvio frenético da besta e acelerou o barco à sua frente, acertando outro conjunto de flechas em suas brilhantes costas negras quando elas emergiram. Agora o grande macho arrastava umas bonitas pequenas bóias amarelas e a água se tingia de vermelho com o sangue. Apesar da violenta emoção do momento, era-me impossível não sentir pena da criatura ferida quando surgia berrando na superfície, apenas para receber mais uma carga das sibilantes e mortíferas setas. Minha simpatia não era compartilhada por minha jovem senhora, que estava tomada de comoção e gritava com o horror e a excitação daquilo tudo.

Novamente o hipopótamo surgiu pouco adiante, mas dessa vez de frente para o *Sopro de Hórus*, que avançava veloz em sua direção. Ele escancarou tanto a mandíbula que pude enxergar o fundo de sua garganta, um túnel de carne vermelha-viva, que facilmente poderia engolir um homem inteiro. As mandíbulas eram guarnecidas de uma fileira de presas que me cortou a respiração e fez minha pele eriçar-se. Na parte inferior havia enormes dentes de marfim destinados a colher os rijos e flexíveis caules de papiro. Na superior, vi hastes brancas e brilhantes, grossas como meu punho, que poderiam romper o casco de madeira do *Sopro de Hórus* com a mesma facilidade com que eu morderia um bolo de fubá. Pouco tempo atrás eu havia visto o cadáver de uma camponesa que, ao cortar papiros na margem do rio, havia perturbado uma fêmea que acabara de parir um filhote. A mulher fora cortada pela metade de maneira tão precisa que parecia ter sido atingida por uma lâmina de bronze aguçada.

Agora o monstro enfurecido, com a boca cheia de dentes cintilantes avançava em nossa direção, e, embora eu estivesse no alto da torre de popa e tão longe dele quanto possível, fui incapaz de fazer um som ou movimento, como uma estátua do templo, congelado de terror.

Tanus disparou mais uma flecha, que voou diretamente pela garganta escancarada, mas a agonia da criatura já era tão terrível que ela não pareceu notar esse novo ferimento, que finalmente se revelou fatal. O animal avançou sem hesitar diretamente para o ventre da embarcação. Da garganta torturada brotou um rugido terrível, de tal fúria e angústia mortal que uma artéria se rompeu em sua profundidade e jorros de sangue brotaram das mandíbulas abertas. O jato formou uma névoa avermelhada à luz do sol, horrível e bela ao mesmo tempo. Então o animal colidiu de cabeça contra o bojo de nossa galé.

O *Sopro de Ho'rus* cortava a água com a velocidade de uma gazela, mas o hipopótamo era ainda mais ágil em sua fúria, e seu corpo era tão sólido que parecíamos ter batido num costão rochoso. Os remadores despencaram de seus bancos, e eu fui atirado para a frente com tamanha força contra a amurada da torre que o ar escapou de meus pulmões, sendo substituído por uma dor que parecia uma pedra dentro do peito.

Mas apesar do tormento, minha preocupação era toda para minha ama. Através das lágrimas de agonia vi-a ser impelida para a frente pelo impacto. Tanus estendeu o braço na tentativa de salvá-la, mas também estava desequilibrado pelo choque e o arco que segurava na mão esquerda o atrapalhou. Pôde apenas conter sua trajetória por um instante, mas então ela bateu contra o parapeito, agitando os braços desesperadamente, e suas costas arquearam-se sobre o vazio.

— Tanus! — ela gritou, estendendo-lhe uma das mãos. Ele recuperou o equilíbrio com a presteza de um acrobata e tentou segurá-la. Por um instante seus dedos tocaram-se, mas depois Lostris pareceu ter sido sugada e voou sobre a amurada.

De minha posição elevada na popa pude acompanhar a queda. Ela girou no ar como um gato e as saias brancas ergueram-se, expondo suas pernas longas e belas. Pareceu-me que ela caíra para sempre, e meu grito angustiado misturou-se a seu gemido de desespero.

— Meu bebê! — gritei. — Minha criança!

Tive certeza de que ela estava perdida. Pareceu-me ver toda a sua vida, que eu bem conhecia, desenrolar-se diante dos meus olhos. Vi-a novamente como uma menininha e escutei sua fala querida dirigindo-se a mim, seu pajem e adorador. Vi-a tornar-se mulher e lembrei-me de cada alegria e cada preocupação que ela me causara. Amei-a então, no momento de perdê-la, ainda mais. do que em todos aqueles catorze anos.

Lostris despencou sobre o imenso dorso do animal furioso, manchado de sangue, e por um instante ficou ali estirada como um sacrifício humano no altar de alguma religião obscena. A fera revirou-se, erguendo-se na água, e torceu sua grande e disforme cabeça para trás, tentando atingi-la. Seus olhos de porco, injetados de sangue, brilharam com um ódio insano e as enormes mandíbulas se fecharam na direção dela.

De alguma forma Lostris conseguiu aprumar-se e agarrar duas das flechas que brotavam do dorso do hipopótamo, como se fossem alças. Ficou deitada com os braços e pernas bem abertos. Não gritava, empregando toda a sua habilidade e sua força para manter-se viva. As presas de marfim recurvadas rangeram como espadas num duelo de guerreiros ao abocanhar o vazio. A cada mordida elas pareciam errar o alvo por um dedo, e eu esperava ver a qualquer instante um dos adoráveis membros de Lostris ser podado como um delicado broto de vinha, e seu jovem e querido sangue mesclar-se aos jorros que fluíam das chagas do animal.

Na proa, Tanus recuperou-se agilmente. Por um momento vi seu rosto aterrorizado. Ele atirou de lado o arco, agora inútil, e agarrou o punho de sua espada, libertando a lâmina da bainha de couro de crocodilo. Era uma peça de bronze reluzente, tão longa quanto seu braço, cujo gume havia sido afilado até que pudesse raspar os pêlos das costas de suas mãos.

Ele saltou sobre a amurada e equilibrou-se por um instante, observando as voltas enlouquecidas da besta ferida de morte, na água abaixo. Então atirou-se sobre ela como um falcão, segurando nas duas mãos a espada apontada para baixo.

Aterrissou sobre o grosso pescoço do hipopótamo, como se fosse cavalgá-lo pelo mundo submerso. O peso de seu corpo e o ímpeto do ousado pulo dirigiram a espada quando acertou o animal. Metade da lâmina enterrou-se em seu pescoço, na base do crânio, e Tanus, mon-tando-o como um cavaleiro, empurrou ainda mais a arma, usando os dois braços e a força de seus largos ombros. No final da lâmina a fera enlouqueceu. Seus esforços anteriores pareceram frágeis comparados ao novo rompante. O enorme hipopótamo ergueu quase todo o corpo para fora da lagoa, agitando a cabeça para os lados e atirando ao ar lençóis de água tão espessos que, ao cair sobre o convés da galé como uma cortina, ocultavam a cena de meu olhar horrorizado.

O tempo todo vi o casal montado nas costas do monstro ser sacudido impiedosamente. A haste de uma das flechas que Lostris segurava rebentou e ela quase foi atirada longe. Se isso acontecesse, certamente teria sido agarrada pelo animal e dilacerada sangrentamente por aquelas presas de marfim. Tanus inclinou-se para trás e com uma das mãos segurou-a, enquanto com a outra continuou a afundar cada vez mais a espada de bronze na nuca do animal.

Incapaz de atingi-los, o hipopótamo feria os próprios flancos, infligindo terríveis cortes ao corpo, de modo que num perímetro de cinquenta passos ao redor da galé as águas ficaram rubras, e tanto Lostris quanto Tanus estavam completamente tingidos de carmim, do topo da cabeça às solas dos pés, pelo

sangue que jorrava. Seus rostos haviam-se transformado em máscaras grotescas, das quais sobressaía o clarão branco dos olhos.

Os violentos espasmos de agonia da fera os haviam arrastado para longe do barco, e fui o primeiro a bordo a recuperar o tino. Gritei para os remadores:

— Sigam-nos! Não os deixem perder-se! — Os homens saltaram para seus postos e rumaram o *Sopro de Hórus* em perseguição.

Naquele momento, pareceu que a ponta da espada de Tanus atravessara as vértebras do pescoço da besta. A imensa carcaça enrijeceu-se e ficou imóvel. O hipopótamo rolou sobre o dorso, estendeu as quatro patas rigidamente para o alto e afundou na lagoa, levando Lostris e Tanus para as profundezas.

Sufoquei o gemido desesperado que brotou de minha garganta e gritei uma ordem para o convés abaixo:

— Recuem! Não passem por cima deles! Nadadores, para os costados! — Até eu me surpreendi com a potência e a autoridade de minha voz.

O curso da galé foi detido e, antes que eu pudesse refletir sobre o acerto do que estava fazendo, vi-me correndo pelo convés à frente dos pesados guerreiros. Eles provavelmente teriam aplaudido ao ver qualquer outro oficial afogar-se, mas não seu querido Tanus.

Quanto a mim, já me havia desfeito da saia e estava nu. Nem a ameaça de cem chicotadas poderia ter-me levado a isso em outras circunstâncias, pois só havia permitido a uma pessoa ver os ferimentos que me infligira o carrasco do Estado tanto tempo atrás, e esta fora justamente quem ordenou a aplicação da faca castradora. Mas agora eu havia esquecido totalmente a grosseira mutilação de minha masculinidade.

Sou bom nadador, e embora sinta tremores ao me lembrar dessa insensatez, realmente acredito que teria mergulhado sobre a amurada e nadado pelas águas tintas de sangue para tentar salvar minha senhora. No entanto, enquanto me equilibrava no parapeito do navio, a água abriu-se bem abaixo de mim e surgiram duas cabeças, escorrendo água e tão juntas quanto as de um casal de lontras. Uma era morena e a outra, clara, mas das duas brotou o som mais inacreditável que já ouvi. Eles estavam rindo! Gritavam, gemiam e cuspiam de tanto rir ao aproximar-se do casco do navio, abraçados tão firmemente que me pareceu real o perigo de afogarem um ao outro.

Toda a minha preocupação transformou-se imediatamente em ultraje diante dessa frivolidade, ao pensar na terrível insensatez que eu estivera a ponto de cometer. Qual uma mãe cujo primeiro instinto ao reencontrar o filho perdido é censurá-lo, escutei minha própria voz perder toda a autoridade e tornar-se aguda e queixosa. Eu ainda repreendia Lostris com minha famosa eloqüência quando ela e Tanus foram içados para o convés por uma dezena de mãos prestimosas.

— Sua selvagemzinha sem juízo! — ralhei. — Sua bruxinha insensata, egoísta e rebelde! Você prometeu! Jurou sobre a cabeça da deusa...

Ela correu para mim e atirou os braços em volta do meu pescoço.

— Oh, Taita! — gritou, ainda borbulhante de riso. — Você o viu? Viu Tanus atirar-se em meu socorro? Não foi o feito mais nobre de que já ouviu falar? Como o herói de suas melhores histórias!

O fato de que eu estivera a ponto de fazer um gesto igualmente heróico foi completamente ignorado, o que apenas aumentou minha irritação. Além disso, eu subitamente notara que Lostris havia perdido a

saia e que o corpo frio e molhado que colava ao meu estava totalmente nu. Ela exibia ao rude olhar dos oficiais e dos homens a bordo o par de nádegas mais firme e belo de todo o Egito.

Agarrei o escudo mais próximo e usei-o para cobrir nossos corpos, enquanto gritava para as escravas que lhe buscassem outra saia. Seus risos só fizeram aumentar minha raiva e, assim que Lostris e eu estávamos novamente cobertos e decentes, virei-me para Tanus.

— Quanto a você, seu rufião imprudente, vou denunciá-lo a meu senhor Intef! Ele mandará arrancar a pele de suas costas.

— Você não fará isso — Tanus zombou, passando um braço molhado e musculoso sobre meu ombro e abraçando-me com tal vigor que fui erguido do chão —, pois ele o açoitaria com a mesma satisfação. Assim mesmo, obrigado pela preocupação, velho amigo.

Ele olhou em torno rapidamente, ainda me abraçando, e então ficou sério. O *Sopro de Hórus* havia se afastado dos outros barcos da esquadra, mas agora a caçada terminara. Todas as galés, menos a nossa, haviam se abastecido da carga autorizada pelos sacerdotes.

Tanus balançou a cabeça.

— Não aproveitamos nossa sorte, não é? — resmungou, e ordenou a um dos oficiais que enviasse à esquadra o sinal de reunir. Então deu um sorriso forçado. — Vamos abrir um barril de cerveja, pois agora teremos de esperar um bocado e o esforço me deixou sedento.

Ele foi até a proa, onde as escravas paparicavam Lostris. A princípio eu estava tão zangado que não quis me juntar ao piquenique improvisado no convés. Preferi continuar altivamente digno na popa.

— Ah, deixe-o ficar emburrado — escutei Lostris sussurrar para Tanus ao completar sua taça de cerveja espumante. — O querido velho levou um susto terrível, mas logo esquecerá tudo, quando sentir fome. Ele adora comer...

Minha ama é o epítome da injustiça. Nunca fico de mau humor, não sou glutão e na época eu tinha apenas trinta anos, embora para uma jovem de catorze qualquer pessoa com mais de vinte seja um ancião, e admito que no que se refere a comida tenho o gosto refinado de um perito. O ganso selvagem assado com figos que Lostris exibia ostensivamente era um de meus pratos favoritos, como ela bem sabia.

Deixei-os sofrer por mais um instante, e foi somente quando Tanus me trouxe uma caneca de cerveja nas próprias mãos e elogiou-me com todo o seu encanto que concedi em ceder um pouco e permiti que me levasse até a proa. Ainda assim fui um tanto áspero com eles até que Lostris beijou-me o rosto e disse, alto o suficiente para que todos escutassem:

— Minhas meninas contaram-me que você assumiu o comando do navio como um veterano, e que ia mergulhar para me salvar. Oh, Taita, o que eu faria sem você?

Só então sorri para ela e aceitei a fatia de ganso que me oferecia. Estava delicioso, e a cerveja era da melhor qualidade. Mesmo assim comi parcimoniosamente, pois sempre cuidei de minha silhueta e o comentário anterior sobre meu apetite ainda me irritava um pouco.

A esquadra de Tanus estava dispersa por toda a lagoa, mas começava a reagrupar-se. Vi que, como nós, algumas das outras galés haviam sofrido danos. Dois navios colidiram no calor da caçada, enquanto quatro outros tinham sido atacados pelos animais. No entanto, reagruparam-se rapidamente e assumiram suas posições de batalha. Então, en-fileirados e com cordões de alegres flâmulas tremulando nos mastros, para proclamar o tamanho do butim de cada barco, desfilaram diante de nós. As tripulações erguiam uma aclamação quando se emparelhavam com o *Sopro de Hórus*. Tanus as saudava com o punho cerrado e o

estandarte do Crocodilo Azul foi alçado no mastro, como se tivéssemos acabado de conquistar uma notável vitória contra probabilidades pessimistas. Exibição infantil, talvez, mas eu mesmo ainda sou suficientemente criança para apreciar o cerimonial militar.

Assim que terminou, a esquadra retomou as posições de batalha e manteve o rumo contra a suave brisa que se havia levantado, usando habilmente os remos e lemes. Ainda não havia sinal dos hipopótamos abatidos. Embora cada galé houvesse matado pelo menos um, enquanto outras haviam liquidado dois ou até três, as carcaças haviam imergido nas verdes profundezas da lagoa. Eu sabia que Tanus lamentava secretamente o fato de o *Sopro de Hórus* não ter sido o navio mais bem-sucedido, e que o longo combate com a fera tivesse limitado nossa presa a apenas um hipopótamo. Ele estava habituado a superar-se. De todo modo, não se mostrava efusivo como de costume e logo nos deixou na proa e foi supervisionar os reparos no casco do navio.

O ataque do animal havia rachado as tábuas do casco, e entrava tanta água que era necessário retirá-la incessantemente com baldes de couro. Era um processo muito ineficiente, que afastava os homens de suas funções como remadores e guerreiros. Certamente poderia ser aperfeiçoada, pensei.

Então, enquanto esperávamos que as carcaças dos animais mortos boiassem, mandei uma das escravas buscar o cesto que continha meus instrumentos de escrever. Depois de pensar um pouco, comecei a esboçar uma idéia para remover mecanicamente a água dos porões de uma galé de combate, um método que não exigisse a participação de metade dos tripulantes. Baseava-se no mesmo princípio dos baldes d'água dos *shaduf*. Imaginei que dois homens poderiam operá-lo, em vez de dezenas, como acontecia agora.

Quando terminei o rascunho, avaliei a colisão que havia causado o estrago. Historicamente, a tática utilizada nas batalhas entre esquadras fluviais fora a mesma dos embates em terra. Os navios postavam-se lado a lado e trocavam revoadas de setas. Depois aproximavam-se, atracavam-se e abordavam, terminando o assunto com as espadas. Os capitães de galés sempre tomavam cuidado para evitar as colisões, que eram consideradas navegação inábil.

"Mas e se...", pensei de repente, e comecei a rabiscar uma galé de proa reforçada. A idéia se enraizou e acrescentei um chifre parecido ao do rinoceronte na linha d'água. Poderia ser esculpido em madeira dura e revestido de bronze. Num ângulo levemente inclinado para baixo, poderia se enfiar no casco de uma nave inimiga, rompendo-lhe as entranhas. Estava tão entusiasmado que não ouvi Tanus aproximar-se por trás. Ele arrancou o pergaminho de minha mão e examinou-o atentamente.

Compreendeu de imediato de que se tratava. Quando seu pai havia perdido a fortuna, eu fizera o possível para encontrar um patrono rico que o mandasse para um dos templos como aprendiz de escriba, onde poderia prosseguir os estudos e sua formação. Eu realmente acreditava que sob minha tutela ele teria todas as oportunidades de se tornar um dos grandes cérebros do Egito, e com o tempo talvez igualar-se à fama de Imhotep, que, mil anos atrás, desenhara as maravilhosas pirâmides de Saqqarah.

Eu fracassara, é claro, pois o mesmo inimigo cuja cobiça destruíra o pai de Tanus se dedicara a bloquear o caminho do próprio Tanus. Ninguém sobre aquela terra poderia superar influência tão maligna. Assim, eu ajudara Tanus a ingressar no exército. Apesar de minha decepção e de meus conselhos, essa carreira havia sido sua opção desde que começara a andar e a brandir sua espada de madeira sobre os outros meninos nas brincadeiras.

— Pelos furúnculos das nádegas de Seth! — ele exclamou então, examinando meus esboços. — Você e esse seu pincel valem dez das minhas esquadras!

A blasfêmia de Tanus sobre o nome do grande deus Seth sempre me alarmava. Pois embora ele e eu sejamos homens de Hórus, continuo desaprovando as ofensas explícitas a qualquer membro do panteão de deuses egípcios. Pessoalmente, nunca passo por um santuário sem fazer uma oração ou oferecer um pequeno sacrifício, por mais humilde e sem importância que seja o deus que ali habita. Na minha opinião, é simples bom senso e um bom seguro. Temos inimigos suficientes entre os homens para deliberadamente buscarmos outros entre os deuses. Sou em especial obsequioso para com Seth, pois sua formidável reputação me aterroriza. Suspeito que Tanus sabe disso e o faz propositalmente para me provocar. No entanto, meu desconforto logo foi esquecido diante de seu elogio caloroso.

— Como faz isso? — perguntou. — Eu sou um soldado, e hoje vi tudo o que você fez. Por que essas idéias não me ocorrem?

Mergulhamos imediatamente numa animada discussão de meus projetos. E claro que Lostris não poderia ficar afastada muito tempo, e veio juntar-se a nós. As criadas lhe haviam secado e penteado os cabelos e refeito a maquiagem. Sua graça me distraía, sobretudo quando ela parou a meu lado e distraidamente estendeu o braço esguio sobre meu ombro. Jamais tocaria um homem daquele jeito em público, pois seria uma ofensa aos bons modos e ao recato. Mas de qualquer maneira não sou um homem, e embora ela se encostasse a mim seus olhos jamais abandonaram o rosto de Tanus.

Seu interesse por ele remontava a quando ela mal começara a andar. Titubeava em adoração atrás do senhorzinho de dez anos, tentando copiar fielmente cada gesto e cada palavra dele. Quando ele cuspiu, ela cuspiu. Quando ele xingava, ela balbuciava a mesma ofensa, até que Tanus queixou-se seriamente a mim: "Não pode fazê-la me deixar em paz, Taita? Não passa de um bebê!" Agora eu notava que ele não se queixava tanto.

Finalmente fomos interrompidos por um grito do vigia na proa; todos corremos para a frente e perscrutamos com atenção a lagoa. A primeira carcaça de hipopótamo emergira. Veio de barriga para cima, pois os gases em seu intestino se expandiram e as tripas esticaram-se como um balão de criança feito de bexiga de cabra. O animal boiou com as quatro patas rigidamente estendidas. Uma das galés apressou-se a recolhê-lo. Um marinheiro alcançou a carcaça e amarrou uma corda a uma das patas. Assim que o fez, a galé singrou em direção à margem distante.

Agora os enormes cadáveres brotavam à volta toda. As galés os reuniam e rebocavam. Tanus amarrou dois deles a uma grossa corda na popa e os remadores esforçaram-se com suas pás para puxá-los pela água.

Ao nos aproximarmos da costa, sombrei os olhos contra o sol mor-dente e olhei adiante. Parecia que cada homem, mulher e criança do Alto Egito esperava na margem. Era uma verdadeira multidão, dançando, cantando e agitando folhas de palmeira para receber a frota. Os movimentos incansáveis de suas túnicas brancas pareciam ondas de tempestade quebrando-se na borda da tranqüila lagoa.

Na medida em que cada galé encostava à margem, grupos de homens vestidos em sumárias tangas enfiavam-se na água até os ombros e amarravam cordas às carcaças inchadas. Em sua excitação, esqueciam-se do constante perigo dos crocodilos que espreitavam nas águas verdes e turvas. A cada temporada aqueles ferozes dragões devoravam centenas de pessoas. Às vezes eram tão ousados que corriam até terra firme para agarrar uma criança que brincava perto da água, ou uma camponesa que lavava roupa ou buscava água para sua família.

Agora, na avidez de carne que os dominava, as pessoas só estavam interessadas numa coisa. Atavam as cordas e puxavam as carcaças para terra. Ao galgar o barranco enlameado, bandos de

pequenos peixes prateados, que se banquetavam nas feridas abertas, recusavam-se a abandonar a presa e eram tirados com as carcaças. Espalhando-se pelo barranco, debatiam-se reluzentes como estrelas que houvessem caído à terra.

Empunhando facas ou machados, homens e mulheres fervilhavam sobre os animais como formigas. Numa cobiça delirante, gritavam e rosnavam uns para os outros, como abutres e hienas sobre a presa de um leão, disputando cada pedacinho enquanto destroçavam as gigantescas carcaças. Sangue e lascas de ossos revoavam, enquanto as lâminas trabalhavam incansáveis. Haveria longas filas de feridos no templo naquela noite, esperando que os sacerdotes lhes tratassem os dedos amputados e os cortes profundos feitos por facas descuidadas.

Eu também teria trabalho pela metade da noite, pois em alguns bairros minha fama de médico supera a dos sacerdotes de Osíris. Com toda a modéstia, devo admitir que essa reputação não é totalmente infundada, e Hórus sabe que meus honorários são muito mais razoáveis que os dos homens santos. Meu senhor Intef permite que eu guarde uma terça parte do que ganho. Assim, sou um homem de certas posses, apesar da posição de escravo.

Da torre de popa do *Sopro de Hórus* observei a pantomima de fraqueza humana que se desenrolava diante de mim. Tradicionalmente, o povo tem permissão para comer à vontade a carne caçada ainda na praia, desde que não seja transportada. Como vivemos numa terra verdejante, fertilizada e banhada pelo grande rio, nosso povo é bem-alimentado. No entanto, a dieta comum das classes mais pobres é de grãos, e podem passar-se meses entre as oportunidades que têm de comer carne. Além disso, na época do festival todas as restrições da vida cotidiana eram deixadas de lado. Havia licença para excessos em tudo o que se refere ao corpo — comida, bebida e paixão carnal. Depois haveria dores de barriga e de cabeça e acusações conjugais, mas este era o primeiro dia da festa e não se reprimiam os apetites.

Sorri ao ver uma mãe, nua até a cintura e empastada dos pés à cabeça de sangue e gordura, surgir de uma cavidade aberta no ventre de um hipopótamo segurando um escorregadio pedaço de fígado, que ela atirou para um dos filhos entre o bando de crianças estridentes e excitadas que cercavam a carcaça. A mulher enfiou-se de novo no animal, enquanto, agarrando o prêmio, a criança correu para uma das centenas de fogueiras que ardiam ao longo da praia. Um irmão mais velho apanhou o pedaço de fígado e atirou-o sobre as brasas, enquanto um bando de menores se agrupou impaciente, salivando como cachorrinhos.

O menino mais velho fogueou com um galho verde o fígado maltostado para fora do fogo e seus irmãos avançaram sobre ele, devorando-o. Imediatamente depois de consumi-lo pediram mais, com a gordura e o suco ainda escorrendo pelos rostos e pingando dos queixos. Muitos dos menores provavelmente jamais haviam saboreado a deliciosa carne da vaca-do-rio. É doce, macia e sem nervuras, mas a maior parte é gordura, e os tutanos são realmente uma iguaria digna do próprio deus Osíris. Nosso povo é privado de gordura animal, e seu gosto o levava à loucura. Eles se fartavam, como era seu direito naquele dia.

Eu me alegrei por estar distante da multidão desordenada, feliz de saber que os criados de meu senhor Intef garantiriam os melhores cortes e tutanos para as cozinhas do palácio, onde os cozinheiros preparariam com perfeição meu prato favorito. Minha posição na casa do vizir supera todas as outras, inclusive a do mordomo ou a do comandante de sua guarda pessoal, os quais nasceram livres. Nunca se fala nisso, é claro, mas todos reconhecem tacitamente minha posição privilegiada e superior, e poucos ousariam desafiá-la.

Observei os criados atarefados, reclamando a parte de meu senhor, o governador e grão-vizir dos vinte e dois distritos do Alto Egito. Eles brandiam as longas facas com a perícia obtida com muita prática, atingindo as costas ou nádegas nuas que se metessem à sua frente e gritando suas exigências.

Os dentes de marfim dos animais pertenciam ao vizir e foram todos recolhidos pelos criados. Eram tão valiosos quanto as presas de elefante trazidas pelos comerciantes da terra de Kuch, além das cataratas. O último elefante do Egito havia sido morto quase cem anos atrás, no reinado de um faraó da Quarta Dinastia; pelo menos é o que afirmam os hieroglifos na esteira de seu templo. Naturalmente, do fruto da caçada meu amo deveria dar o dízimo aos sacerdotes de Hapi, que eram os pastores oficiais do rebanho de vacas-do-rio, pertencente à deusa. No entanto, a quantidade da doação ficava por conta de meu senhor, e eu, que era o encarregado geral da contabilidade do palácio, sabia onde iria parar a parte do leão. Meu senhor Intef não se entrega a generosidades desnecessárias, nem mesmo em relação a uma deusa.

Quanto às couraças dos hipopótamos, pertenciam ao exército e seriam transformadas em escudos de guerra para os oficiais dos regimentos. Os quarteleiros supervisionavam o corte e o manuseio das couraças, cada qual do tamanho de uma tenda de beduíno.

A carne que não pudesse ser consumida na margem do rio seria conservada em salmoura, defumada ou seca, e usada ostensivamente para alimentar o exército, os membros dos tribunais, os templos e outros funcionários do Estado. Mas na prática uma grande parte seria vendida com discrição e os rendimentos se infiltrariam naturalmente nos cofres de meu amo. Como já mencionei, meu senhor era o homem mais rico do Alto Reino depois do próprio faraó, e a cada ano tornava-se ainda mais rico.

Uma nova agitação atrás de mim me fez virar rapidamente. A esquadra de Tanus continuava em ação. As galés alinhavam-se em formação de batalha, paralelas à margem do rio, mas a cinquenta passos dela, no limite das águas mais profundas. Em cada navio, arpoadores postavam-se nas amuradas com suas armas prontas e voltadas para a superfície da lagoa.

O sangue e os dejetos atirados na água haviam atraído crocodilos. Eles acorriam ao banquete, vindos não apenas de toda a extensão da lagoa como de mais longe, do curso principal do Nilo. Os arpoadores os esperavam. Cada longo arpão era equipado de uma pequena ponta de bronze, malignamente serrilhada. Presa a um anel na cabeça metálica havia uma resistente corda de sisal.

A habilidade dos arpoadores era realmente impressionante. Os répteis vinham deslizando pela água verde, abanando a grande cauda den-teada, deslocando-se como sombras escuras, silenciosas e mortais sob a superfície; eles aguardavam. Permitiam que o crocodilo passasse por baixo da galé e então, quando emergia no lado oposto, o arpoador, com seus movimentos ocultos pelo casco, inclinava-se sobre o costado e o atingia.

Não era um golpe violento, mas uma perfuração quase delicada com a longa vara. A ponta de bronze era afiada como uma agulha, e enfiava-se inteira na pele grossa do sáurio. O arpoador visava a parte posterior do pescoço, e as investidas eram tão precisas que muitos deles perfuravam-lhes a espinha, matando as criaturas instantaneamente.

No entanto, se um golpe errava o alvo, havia uma explosão de água quando o crocodilo ferido se agitava em terríveis convulsões. Com um giro do arpão, a ponta metálica se desprendia e ficava enterrada na couraça do réptil. Então quatro homens seguravam a criatura pela corda de sisal para controlar suas contorções. Se fosse um crocodilo grande — e alguns deles tinham quatro vezes o tamanho

de um homem deitado —, a corda se desenrolava sobre o costado do barco, soltando fumaça e queimando as mãos dos homens que tentavam segurá-la.

Quando isso acontecia, mesmo a multidão esfaimada na margem se detinha por um instante para encorajá-los aos gritos e assistir à luta. O crocodilo era subjugado ou a corda se partia com uma chicotada e os marinheiros eram jogados para trás sobre o convés. Em geral, a resistente corda de sísal agüentava. Assim que a tripulação conseguia virar a cabeça do réptil em sua direção, ele não podia mais nadar para as águas profundas. Então era possível puxá-lo num turbilhão de espuma branca até o costado da galé, onde outro grupo esperava com cacetes para esmagar o crânio duríssimo.

Quando as carcaças dos crocodilos foram arrastadas até a margem, desci à terra para examiná-las. Os esfoladores do regimento de Tanus já estavam em ação.

Foi o avô de nosso atual rei quem conferiu ao regimento o título honorífico e o estandarte da Guarda do Crocodilo Azul. Suas armaduras de batalhas são feitas da pele desses dragões, rija como chifre. Tratada e curada da maneira correta, ela se torna suficientemente dura para deter uma flecha ou amassar o fio de uma espada inimiga. É muito mais leve que o metal, e mais fresca de se usar ao sol do deserto. Tanus, com seu capacete de pele de crocodilo, decorado com plumas de avestruz, e uma placa peitoral do mesmo couro, polida e enfeitada com rosetas de bronze, é uma visão que infunde terror no coração de um inimigo, ou um turbilhão nas entranhas de qualquer moça que o veja.

Eu media e anotava o comprimento e a espessura de cada carcaça, observando o trabalho dos esfoladores. Não sentia a mais ínfima simpatia por aqueles monstros odiosos, como tinha pelos hipopótamos abatidos. Para mim não há besta mais desprezível na natureza que o crocodilo, com a possível exceção da venenosa naja.

Minha repulsa multiplicou-se por cem quando um peleiro cortou o ventre de um dos maiores animais, e escorregaram para a lama os restos parcialmente digeridos de uma menina. O crocodilo havia engolido inteira a metade superior de seu corpo. Embora a carne estivesse branca e pastosa pela ação dos sucos digestivos e se desprendesse do crânio, o cabelo da menina continuava intacto e enrolado acima do rosto terrivelmente destruído. Num toque ainda mais macabro, havia um colar no pescoço do cadáver, e nos pulsos belos braceletes de contas de cerâmica vermelhas e azuis.

Assim que a medonha relíquia foi revelada, ouviu-se um grito tão agudo e horrível que superou o burburinho da multidão. Uma mulher correu, empurrando os soldados, e ajoelhou-se ao lado dos tristes despojos.

Ela rasgou as próprias roupas e começou a gritar terrivelmente, em sinal de luto.

— Minha filha! Minha menininha!

Era a mesma mulher que estivera no palácio no dia anterior para relatar o desaparecimento da filha. Os funcionários lhe disseram que provavelmente a garota fora raptada e vendida como escrava por um dos bandos de criminosos que aterrorizavam os campos. Esses bandos haviam se tornado uma força no país, conduzindo abertamente suas depredações em plena luz do dia, mesmo junto aos portões das cidades. Os guardas palacianos haviam advertido a mulher de que nada poderiam fazer para recuperar sua filha, pois os bandos escapavam ao controle do governo.

A previsão provara-se errada. A mãe reconheceu os ornamentos que ainda enfeitavam o patético cadáver. Meu coração apiedou-se da mulher em prantos e mandei um escravo buscar um jarro de vinho vazio. Embora a mulher e a criança me fossem estranhas, não pude impedir que minhas lágrimas rolassem enquanto a ajudava a recolher os despojos e colocá-los na urna para um enterro decente.

Enquanto ela se afastava cambaleando através da multidão apática, carregando o jarro apertado nos braços, refleti que apesar dos ritos e orações que a mãe dispensaria à filha, e mesmo no caso improvável de que ela pudesse arcar com os custos da mais rudimentar mumificação, a sombra da criança jamais encontraria a imortalidade na vida além-túmulo. Para isso o cadáver deve estar intacto e completo antes de ser embalsamado. Meus sentimentos uniram-se totalmente aos daquela mãe. É uma fraqueza minha que muitas vezes lamento, assumir as preocupações e tristezas de qualquer infeliz que cruze meu caminho. Seria mais fácil ter um coração mais duro, uma mentalidade mais cínica.

Como de hábito quando estou triste ou aborrecido, peguei o pergaminho e o pincel e passei a registrar tudo o que acontecia ao meu redor, desde a ação dos arpoadores, a mãe mortificada, a esfoladura e o corte dos hipopótamos e crocodilos na praia, o comportamento irrestrito do populacho em festa.

Os que já se haviam estofado de carne e embebido de cerveja roncavam onde quer que houvessem caído, insensíveis aos chutes e pisadas dos que permaneciam de pé. Os mais jovens e desavergonhados dançavam e beijavam-se, usando a escuridão envolvente e o esconderijo impróprio dos arbustos esparsos e moitas de papiros para velar suas cópulas indignas. Esse comportamento libertino era meramente um sintoma da decrepitude que atingia todo o país. Não seria assim se houvesse um faraó forte e uma administração moral e direita no distrito da Grande Tebas. O povo comum toma como exemplo os que estão acima dele.

Embora eu reprovasse veementemente tudo aquilo, registrava-o com fidelidade. Durante uma hora fiquei sentado de pernas cruzadas e completamente absorto no convés de popa do *Sopro de Hórus*, a escrever e desenhar. O sol baixou e pareceu mergulhar no grande rio, deixando uma camada acobreada sobre a água e um brilho esfumado no céu a poente, como se houvesse incendiado as moitas de papiros.

A multidão na praia tornava-se cada vez mais barulhenta e desenfreada. As prostitutas estavam em plena função. Vi uma gorda e matronal sacerdotisa do amor, usando na testa o amuleto azul de sua profissão, conduzir um marinheiro magro, que tinha a metade de seu tamanho, para as sombras além das fogueiras. Ali deixou cair as saias e ajoelhou-se na terra, apresentando a ele um par de nádegas monumentais e tremulantes. Com um grito de felicidade, o rapaz montou-a como um cachorro sobre uma cadela, e em segundos ela gania tão alto quanto ele. Comecei a desenhá-los, mas a luz se reduziu rapidamente e fui obrigado a parar.

Ao guardar meu pergaminho, percebi alarmado que não vira minha ama desde antes do incidente com a criança morta. Saltei, em pânico. Como podia ser tão omissa? Minha senhora fora educada rigidamente, isso eu podia garantir. Era uma menina de boa moral, totalmente consciente dos deveres e obrigações que lhe cabiam pela lei e os costumes. Também tinha consciência da honra da distinta família a que pertencia e de seu lugar na sociedade. Além disso, temia tanto quanto eu a autoridade e o temperamento de seu pai. Eu confiava nela, é claro.

Confiava tanto nela como teria confiado em qualquer outra jovem criatura de opiniões fortes no primeiro rompante de feminilidade apaixonada numa noite como esta, sozinha em algum lugar escuro com o belo e igualmente apaixonado soldado, por quem ela estava totalmente embevecida.

Meu pânico não foi tanto pela frágil virgindade de minha ama — o etéreo talismã que, uma vez perdido, raramente é lamentado — quanto pelo risco mais concreto de danos à minha própria pele. No dia seguinte retornaríamos a Karnak e ao palácio de meu senhor Intef, onde haveria muitas línguas ávidas para propagar qualquer indiscrição de nossa parte.

Os espiões de meu amo permeavam todas as camadas da sociedade e todo canto da terra, das docas e campos ao palácio do próprio faraó. Eram ainda mais numerosos que os meus próprios, pois ele tinha mais dinheiro para pagar seus agentes. Mas muitos serviam a nós dois imparcialmente e nossas teias se entrelaçavam em muitos níveis. Se Lostris nos desgraçasse a todos, pai, família e eu, seu tutor e guardião, meu senhor Intef o saberia pela manhã, assim como eu.

Corri de uma extremidade a outra do navio, buscando-a. Subi na torre de popa e vasculhei a praia desesperado. Não consegui vê-la, nem Tanus, e meus piores temores aumentaram.

Não podia imaginar onde os procurar naquela noite louca. Vi-me retorcendo as mãos numa agonia de frustração, e contive-me imediatamente. Sempre me esforço para evitar quaisquer maneiras efeminadas. Sinto repulsa por aquelas criaturas obesas e afetadas que sofreram a mesma mutilação que eu e tento portar-me como homem, e não como eunuco.

Controlei-me com esforço e adotei a mesma aparência fria que vira em Tanus no calor da batalha; então recuperei a tranquilidade e tornei-me novamente racional. Imaginei como minha ama provavelmente se comportaria. Eu a conhecia intimamente, é claro. Afinal a havia observado durante catorze anos. Sabia que ela era muito requintada e consciente de sua nobre estirpe para misturar-se aos bêbados largados sobre a praia ou para esgueirar-se pelo mato para brincar de bicho de duas costas, como eu acabara de assistir ao marinheiro e à velha rameira. Eu sabia que não poderia pedir a ninguém que me auxiliasse em minha busca, pois isso asseguraria que meu senhor Intef soubesse de tudo. Tinha de agir sozinho.

A que lugar secreto Lostris permitira que a levassem? Como a maioria das jovens de sua idade, ela se encantava com a idéia do amor romântico. Eu duvidava que jamais houvesse avaliado seriamente os aspectos mais terrenos do ato físico, apesar dos esforços de suas duas negrinhas para instruí-la. Ela nem sequer demonstrara qualquer interesse pela mecânica da coisa quando eu tentara adverti-la, como era meu dever, pelo menos o suficiente para protegê-la de si mesma.

Percebi então que devia procurá-la em algum lugar que acendesse suas expectativas sentimentais de amor. Se houvesse um camarote no *Sopro de Hórus*, eu teria corrido para lá, mas as galés fluviais são pequenos barcos de guerra utilitários, despojados para ganhar velocidade e maneabilidade. A tripulação dormia no convés nu, enquanto o capitão e seus oficiais tinham como abrigo noturno apenas uma coberta de caniços. Esta não estava armada no momento, portanto não havia qualquer lugar a bordo onde pudessem estar escondidos.

Karnak e o palácio ficavam a meio dia de viagem. Os escravos agora erguiam nossas tendas numa das ilhotas junto à praia que fora escolhida para dar privacidade a nossa comitiva, longe do rebanho humano. Os escravos, geralmente lentos, haviam-se envolvido nas festividades. A luz das tochas, vi que alguns deles estavam mais que ligeiramente desequilibrados ao manejar as cordas. Ainda não haviam erguido a tenda particular de Lostris, e os luxuosos tapetes e cortinas bordadas, colchões estofados e lençóis de linho não estavam à disposição dos amantes. Onde poderiam estar?

Naquele momento minha atenção foi atraída pela luz amarelada de uma tocha, distante na lagoa. Imediatamente minha intuição se acendeu. Percebi que, dadas as conexões de minha ama com a deusa Hapi, seu templo na pitoresca ilhota de granito no meio da lagoa era um lugar que a atrairia irresistivelmente. Vasculhei a praia buscando algum meio de chegar até a ilha. Havia diversas embarcações pequenas na praia, mas quase todos os barqueiros estavam caídos, bêbados.

Foi então que avistei Kratas na margem do rio. As penas de avestruz de seu capacete erguiam-se bem acima das cabeças da multidão, e seu porte altivo o realçava.

— Kratas! — gritei; ele me viu e acenou. Kratas era o primeiro-tenente de Tanus e, depois de mim mesmo, o mais fiel dentre sua legião de amigos. Eu confiava em Kratas como em nenhum outro. — Consiga-me um barco! — gritei para ele. — Qualquer um!

Eu estava tão perturbado que meu tom agudo o alcançou com clareza. Era típico dele não perder um instante com questionamentos ou indecisões. Abordou o *felucca* mais próximo. O barqueiro estava estendido no chão como um tronco. Kratas pegou-o pelo pescoço e ergueu-o, mas o homem despencou pesadamente sem dar-se conta, imerso no estupor do vinho barato, e ficou retorcido na posição em que Kratas o largou. O oficial empurrou o bote sozinho e, com alguns movimentos da vara, encostou-o ao *Sopro de Hórus*. Na pressa, saltei da torre e caí desajeitadamente no bojo do pequeno bote.

— Para o templo, Kratas — roguei-lhe enquanto me aprumava —, e que a doce deusa Hapi permita que não seja tarde demais!

Com a brisa noturna enfunando a vela latina, navegamos rapidamente pelas águas escuras até o patamar de pedra junto ao templo. Kratas amarrou o barco a um dos anéis de atracação e parecia disposto a seguir-me em terra, mas derive-o.

— Não por mim, mas pelo bem de Tanus, por favor não me siga — disse-lhe.

Ele hesitou um instante, então assentiu:

— Estarei esperando seu chamado. — Desembainhou a espada e ofereceu-a a mim, pelo punho. — Irá precisar disto?

Balancei a cabeça.

— Não é esse tipo de perigo. Além disso, tenho minha adaga. Mas obrigado por sua confiança.

Deixei-o no bote e subi correndo os degraus de granito até a entrada do templo de Hapi.

As tochas nos suportes dos altos pilares do portal projetavam uma luz difusa e bruxuleante que parecia animar as figuras em baixo-relevo nas paredes, fazendo-as dançar. A deusa Hapi é uma de minhas favoritas. Na verdade, não é nem deus nem deusa, mas uma criatura estranha e barbada, um hermafrodita dotado de um volumoso pênis e de uma vagina igualmente avantajada, e seios fartos que dão leite a todos. Ela é a deificação do Nilo e a deusa das colheitas. Os dois reinos do Egito e todos os seus povos dependem totalmente dela e das cheias periódicas do grande rio, que é seu *alter ego*. Ela é capaz de mudar de gênero ou, como vários outros deuses egípcios, assumir a forma de qualquer animal que deseje. Seu disfarce favorito é o do hipopótamo. Apesar da sexualidade ambígua da deusa, minha ama Lostris sempre a considerou feminina, assim como eu. Os sacerdotes de Hapi podem discordar disso.

Suas imagens nas paredes de pedra eram amplas e maternais. Pintada em tons vivos de vermelho, amarelo e azul, ela nos observava suavemente com a cabeça de uma vaca-do-rio, parecendo convidar toda a natureza a ser fértil e a multiplicar-se. O convite implícito não era nada adequado à angústia que eu sentia. Temia que minha preciosa carga estivesse naquele momento desfrutando as indulgências da deusa.

Havia uma sacerdotisa ajoelhada no altar lateral. Corri até ela, toquei a borda de sua capa e puxei-a com urgência.

— Diga-me, sagrada irmã, não viu a senhora Lostris, filha do grão-vizir?

Havia poucos cidadãos no Alto Egito que não conhecessem de vista minha ama. Todos a amavam por sua beleza, seu espírito alegre e sua simpatia, e a cercavam e aplaudiam nas ruas e mercados quando ela passava.

A sacerdotisa sorriu para mim, enrugada e sem dentes, e colocou o dedo magro ao lado do nariz, com uma expressão insidiosa que confirmou meus piores temores. Toquei-a novamente, mas com menos delicadeza.

— Onde está ela, reverenda mãe? Suplico-lhe que fale! — Mas ela apenas balançou a cabeça e rolou os olhos em direção aos portais do sacrário interno.

Precipitei-me pelas lajes de granito, com o coração mais veloz que meus pés frenéticos, mas mesmo em meu tormento duvidava da ousadia de minha ama. Embora como membro da alta nobreza ela tivesse o direito de entrar no local mais sagrado do templo, haveria outra em todo o Egito que tivesse a ousadia de escolher tal lugar para seu encontro amoroso?

Parei na entrada do santuário. Meu instinto se confirmou. Lá estavam os dois, como eu temia. Obcecado pela certeza do que devia estar acontecendo, quase gritei para detê-los. Mas me contive.

Minha senhora estava completamente vestida, ainda mais que de costume, pois tinha os seios cobertos e havia posto um xale de lã azul sobre a cabeça. Estava ajoelhada diante da estátua gigantesca de Hapi. A deusa sorria para ela, ornada com guirlandas de lírios aquáticos azuis.

Tanus ajoelhará-se a seu lado. Havia deixado suas armas e a armadura à porta do santuário. Vestia apenas uma curta túnica de linho e sandálias. O jovem casal estava de mãos dadas, com os rostos quase se tocando, enquanto sussurravam juntos, solenemente.

Minha suspeita maior fora refutada e fiquei abalado de remorso e vergonha. Como poderia ter duvidado de minha senhora? Silenciosamente, comecei a recuar, pretendendo chegar ao altar lateral, onde agradeceria à deusa por sua proteção, e de onde poderia observar discretamente o desdobramento da cena.

No entanto, naquele momento Lostris ergueu-se e aproximou-se confiantemente da estátua da deusa. Fiquei tão embevecido por sua graça de donzela que me detive um instante a observá-la.

De seu pescoço retirou a pequena imagem da deusa em lápis-lazúli, que eu fizera para ela. Percebi com tristeza que pretendia ofertá-la em sacrifício. Eu havia confeccionado aquela jóia para ela com todo o meu amor, e detestava vê-la sair de seu colo. Lostris ficou nas pontas dos pés para pendurá-la no pescoço do ídolo. Então ajoelhou-se e beijou o pé de pedra, enquanto Tanus observava, ajoelhado em seu lugar.

Lostris levantou-se e voltou até ele, mas então me viu no portal. Tentei fundir-me às sombras, pois me envergonhava estar espionando um momento tão íntimo. No entanto, o rosto da garota iluminou-se de felicidade e, antes que eu pudesse escapar, correu e segurou-me pela mão.

— Oh, Taita, estou tão feliz por vê-lo aqui! Você, dentre todas as pessoas... E tão apropriado, torna tudo perfeito! — Ela me conduziu até o santuário e Tanus, erguendo-se, veio sorrindo segurar minha outra mão.

— Obrigado por ter vindo. Sei que sempre poderemos contar com você.

Desejei que minhas intenções tivessem sido tão puras quanto eles acreditavam, e escondi meu sentimento de culpa com um sorriso afetuoso.

— Ajoelhe-se aqui — ordenou Lostris. — Aqui, onde possa escutar todas as palavras que diremos um ao outro. Você será nossa testemunha diante de Hapi e de todos os deuses do Egito. — Ela me fez ajoelhar, então os dois retomaram suas posições em frente à deusa e deram-se as mãos, olhando-se fixamente nos olhos.

Lostris falou primeiro:

— Você é meu Sol — murmurou. — Sem você meu dia é sombrio.

— Você é o Nilo do meu coração — Tanus disse suavemente. — As águas do seu amor alimentam minha alma.

— Você é meu homem, neste mundo e em todos os que virão.

— Você é minha mulher, e dedico-lhe meu amor. Juro sobre o sopro e o sangue de Hórus — disse Tanus claramente, sua voz ecoando pelas paredes de pedra.

— Aceito seu juramento e o retribuo cem vezes — bradou Lostris.

Ninguém jamais poderá se interpor entre nós. Nada poderá nos separar. Somos um só, para sempre.

Ela ofereceu-lhe o rosto e ele o beijou ardentemente. Que eu saiba foi o primeiro beijo que o casal trocou. Senti-me privilegiado por ter testemunhado um momento tão íntimo.

Enquanto se beijavam, um vento súbito e frio vindo da lagoa percorreu as salas obscuras do templo e agitou a chama das tochas, de modo que por um instante os rostos dos amantes se confundiram diante de meus olhos, e a imagem da deusa pareceu estremecer. O vento se foi rapidamente como chegara, mas seu sussurro ao redor das grandes colunas de pedra soou como o riso distante e irônico dos deuses, e tremi de temerosa superstição.

É sempre arriscado incomodar os deuses com desejos extravagantes, e Lostris acabara de pedir o impossível. Aquele fora o momento que eu esperava havia anos, e que temia mais amargamente que o próprio dia de minha morte. Os votos que Lostris e Tanus acabavam de trocar jamais poderiam se realizar. Por mais profundamente que fossem seus sentimentos, eram impossíveis. Senti meu coração dilacerar-se quando, enfim, o beijo se desfez e ambos olharam para mim.

— Por que está triste, Taita? — indagou Lostris, com o rosto inundado de felicidade. — Alegre-se comigo, pois este é o dia mais feliz de minha vida.

Forcei os lábios a sorrir, mas não encontrei palavras de felicitações para os dois, as pessoas que eu mais amava no mundo. Permaneci ajoelhado, com um sorriso idiota fixo nos lábios e a desolação na alma.

Então Tanus ajudou-me a levantar e abraçou-me.

— Você falará com o senhor Intef a meu favor, não é? — perguntou.

— Oh, sim, Taita — Lostris juntou seu pedido ao dele. — Meu pai o escutará. Você é a única pessoa que pode fazer isso por nós. Não irá nos abandonar, não é, Taita? Você nunca me decepcionou, nunca. Fará isso por mim agora, não é?

O que poderia eu dizer? Não faria a maldade de dizer-lhes a verdade crua. Não conseguiria encontrar palavras para arruinar aquele amor terno e jovial. Os dois aguardavam que eu falasse, expressasse minha alegria por eles, prometendo minha ajuda e meu apoio. Mas fiquei paralisado, a boca seca como se tivesse mordido uma romã ainda verde.

— Taita, o que há? — Vi a felicidade esmaecer na expressão de minha amada senhora. — Por que não se rejubila conosco?

— Vocês sabem que os amo muito, mas... — Não consegui continuar.

— Mas? Mas o quê, Taita? — indagou Lostris. — Por que vem com mas, e essa cara triste, neste dia da maior felicidade possível? — Ela estava ficando enraivecida, com o queixo tenso, e ao mesmo tempo havia lágrimas no fundo de seus olhos. — Não quer nos ajudar? É isso que valem todas as promessas que me fez em todos esses anos? — Aproximou-se de mim e olhou-me de perto, desafiadoramente.

— Senhora, por favor, não fale assim. Não mereço esse tratamento. Não, ouça-me! — Coloquei meus dedos sobre seus lábios para impedir um novo rompante. — Não sou eu. É seu pai, meu senhor Intef...

— Exatamente. — Com impaciência, Lostris afastou minha mão de sua boca. — Meu pai! Você falará com ele do modo como sempre faz, e tudo se arranjará.

— Lostris — comecei, demonstrando meu aborrecimento ao usar seu nome dessa maneira familiar —, você não é mais criança. Não deve se iludir com fantasias infantis. Você sabe que seu pai jamais concordará...

Ela não queria me ouvir, não queria escutar a verdade que eu ia dizer, então disparou a falar para afogar minhas palavras:

— Sei que Tanus não tem fortuna. Mas tem um futuro maravilhoso à sua frente. Um dia ele comandará todos os exércitos do Egito. Um dia lutará as batalhas que reunirão os dois reinos, e eu estarei ao lado dele.

— Senhora, por favor, ouça-me. Não é apenas a falta de fortuna de Tanus. E mais, muito mais!

— Sua linhagem e sua criação, então? É isso que o preocupa? Você sabe muito bem que a família dele é tão nobre quanto a nossa. Pianki, o senhor Harrab, era par de meu pai e seu mais querido amigo.

Ela fechara os ouvidos para mim. Não percebia a profundidade da tragédia em que estávamos embarcando. Nem ela nem Tanus percebiam, e provavelmente eu era a única pessoa no reino que a entendia completamente.

Eu a havia protegido da verdade durante todos aqueles anos, e é claro que tampouco fora capaz de contar a Tanus. Como poderia explicar a ela agora? Como poderia lhe revelar a profundidade do ódio que seu pai nutria pelo rapaz que ela amava? Era um ódio originário da culpa e da inveja, e por esses mesmos motivos ainda mais implacável.

No entanto, meu senhor Intef era um homem matreiro e sinuoso. Era capaz de ocultar seus sentimentos dos que o cercavam. Podia dissimular seu ódio e seu desprezo e beijar aquele que iria destruir, dispensando-lhe ricos presentes e bajulações. Ele possuía a paciência do crocodilo enterrado na lama junto ao bebedouro no rio, esperando pela gazela incauta. Poderia esperar anos, ou mesmo uma década, mas quando a oportunidade se apresentasse seria tão ágil quanto o réptil ao atacar e arrastar sua presa.

Lostris era completamente alheia à profundidade do rancor de seu pai. Chegava a acreditar que ele amara Pianki, o senhor Harrab, como o pai de Tanus o amara. Mas como poderia saber a verdade, se eu sempre a ocultara? Em sua doce inocência, Lostris acreditava que as únicas objeções de seu pai ao homem a quem amava estavam relacionadas à fortuna e à família.

— Você sabe que é verdade, Taita. Tanus é meu igual no rol da nobreza. Está registrado no templo para que todos vejam. Como meu pai poderia negá-lo? Como você pode negá-lo?

— Não cabe a mim negar ou confirmar, minha senhora...

— Então falará com meu pai sobre nós, não é, meu querido Taita? Diga que sim, por favor, diga!

Pude apenas aquiescer com a cabeça, escondendo a expressão desesperada de meus olhos.



A frota estava sobrecarregada no retorno a Karnak. As galés iam baixas na água, sob o peso das carnes frescas e salgadas. Nosso avanço contra a correnteza do Nilo era portanto mais lento que na jornada de ida, mas ainda assim rápido demais para meu coração pesaroso e meu crescente temor.

Os amantes estavam eufóricos com seu amor recém-declarado e sua confiança em mim para remover os obstáculos do caminho. Eu não poderia lhes negar aquele dia de felicidade, pois sabia que seria um dos últimos que compartilhariam. Acho que naquele momento, se tivesse encontrado as palavras ou reunido a coragem suficiente, teria incentivado a ambos a realizar a consumação de seu amor, que eu tanto temera na noite anterior. Não haveria outra chance para eles, não depois que eu alertasse meu senhor Intef na inútil tentativa de reunir o casal. Quando ele se inteirasse de suas pretensões, iria se colocar entre os jovens e os afastaria para sempre.

Então eu apenas ri, alegre como eles, e tentei esconder-lhes minhas lágrimas. Estavam tão cegos de amor que tive êxito, embora em qualquer outra ocasião minha ama teria percebido imediatamente. Conhecia-me quase tão bem quanto eu a ela.

Ficamos os três sentados na proa e discutimos a representação da paixão de Osíris, que seria o ponto forte do festival. Meu senhor Intef me nomeara diretor dos festejos, e eu escolhera Lostris e Tanus para os papéis principais.

O festival se realiza a cada dois anos, no início da lua cheia de Osíris. Em certa época fora um evento anual, mas eram tão grandes os gastos e a perturbação da vida real, causados pelo deslocamento da corte de Elefantina para Tebas, que o faraó decretara um intervalo maior entre as festas. Sempre prudente com seu ouro, nosso faraó...

Os planos para a representação ofereceram-me um excelente motivo para evitar o confronto com meu amo Intef, e agora eu ensaiava os diálogos dos dois amantes. Lostris faria o papel de Ísis, a mulher de Osíris, enquanto Tanus faria o papel principal, de Hórus. Ambos se divertiam muito com o fato de Tanus representar o filho de Lostris, e tive de explicar que os deuses não tinham idade e era muito possível que uma deusa parecesse mais jovem que seu rebento.

Eu escrevera um novo roteiro para a peça, em substituição ao que permanecia inalterado havia quase cem anos. A linguagem do anterior era arcaica e imprópria para um público moderno. O faraó seria o convidado de honra quando a peça fosse apresentada no templo de Osíris, na última noite da festa, e eu esperava ansiosamente que fosse um sucesso. Já sofrera a oposição dos nobres e sacerdotes mais conservadores à minha nova versão da paixão. Apenas a intervenção do senhor Intef prevalecera sobre suas objeções.

Meu senhor não é um homem profundamente religioso e normalmente não se interessaria por discussões teológicas. No entanto, eu incluíra alguns diálogos destinados a diverti-lo e lisonjeá-lo. Li-os

para ele fora do contexto, e habilmente salientei que a principal objeção à minha versão viera do alto sacerdote de Osíris, um velho rabugento que certa vez frustrara o interesse de meu senhor por uma jovem e deslumbrante acólita. Fora uma intromissão pela qual meu senhor jamais perdoara o alto sacerdote.

Dessa maneira, minha versão seria encenada pela primeira vez. Era essencial que os atores expressassem toda a glória de minha poesia, do contrário poderia ser sua última audição.

Tanus e Lostris possuíam ambos vozes maravilhosas, e estavam decididos a recompensar-me por minha promessa de ajudá-los. Esforçaram-se ao máximo, e os ensaios foram tão absorventes, suas récitas tão surpreendentes, que por um instante esqueci-me dos problemas.

Fui trazido de volta das paixões dos deuses para minhas próprias preocupações mundanas por um grito do vigia. A frota estava contornando a última curva do rio e já se viam as cidades gêmeas de Luxor e Karnak, que formavam a Grande Tebas, estendidas sobre as margens como um brilhante colar de pérolas ao sol causticante do Egito. Nosso interlúdio fantástico terminara e teríamos de enfrentar novamente a realidade. Meu espírito vacilou quando me pus de pé.

— Tanus, você deve transferir Lostris e eu para a galé de Kratas antes de nos aproximarmos da cidade. Os servos de meu senhor estarão vigiando em terra. Não devem nos ver em sua companhia.

— É um pouco tarde, não é? — Tanus sorriu para mim. — Deveria ter pensado nisso alguns dias atrás.

— Logo meu pai saberá tudo sobre nós — Lostris endossou a objeção do namorado. — Poderia facilitar sua tarefa se o advertíssemos de nossas intenções.

— Vocês sabem melhor que eu, então façam como quiserem e não participarei mais dessa loucura. — Fiz a expressão mais séria e ofendida e eles desistiram imediatamente.

Tanus chamou a galé de Kratas com um sinal e os namorados tiveram apenas alguns momentos para despedir-se. Não ousaram beijar-se diante de metade da frota, mas os olhares e as palavras apaixonadas que trocaram foram igualmente reveladoras.

Da torre de popa do navio de Kratas acenamos para o *Sopro de Ho'rus* quando se afastou e, com os remos brilhando como asas de libélula, dirigiu-se ao molhe diante da cidade de Luxor, enquanto nós continuamos rio acima até o palácio do grão-vizir.



Assim que atracamos no cais do palácio, indaguei sobre o paradeiro de meu amo e fiquei aliviado ao saber que ele atravessara o rio para realizar uma inspeção de última hora na tumba do faraó e o templo fúnebre na margem ocidental. O templo e o túmulo do rei vinham sendo construídos nos últimos doze anos, desde o dia em que ele colocara a dupla coroa branca e vermelha dos dois reinos. Apresentava-se enfim quase pronto, e o rei estaria ansioso por visitá-lo assim que terminasse o festival e ele tivesse tempo. Meu senhor Intef mostrava-se aflito para não decepcionar o rei. Um dos muitos títulos e honrarias de meu amo era o de Guardião das Tumbas Reais, uma séria responsabilidade.

Sua ausência dava-me mais um dia para preparar o caso e planejar minha estratégia. No entanto, os jovens me haviam feito prometer solenemente que falaria em seu nome na primeira oportunidade, e eu sabia que esta surgiria no dia seguinte, quando meu senhor pedisse o relatório semanal.

Assim que vi minha ama seguramente encerrada no harém, corri para meus aposentos na ala palaciana especialmente reservada para os companheiros do grão-vizir.

Os arranjos domésticos de meu senhor Intef eram tão tortuosos quanto o restante de sua existência. Tinha oito esposas, todas as quais haviam trazido para o leito matrimonial dotes substanciais ou influentes conexões políticas. No entanto, apenas três das mulheres lhe deram filhos. Além de minha senhora Lostris, havia dois rapazes.

Até onde eu estava inteirado, e eu sabia de tudo o que acontecia no palácio e a maior parte do que ocorria fora dele, meu senhor não havia visitado o harém nos últimos quinze anos. A concepção de Lostris fora a última vez em que ele desempenhara seus deveres conjugais. Seus gostos sexuais apontavam em outras direções. Os companheiros especiais do grão-vizir, que residiam em nossa ala do palácio, eram a mais bela coleção de jovens escravos que se poderia encontrar no Alto Reino, onde nos cem anos precedentes a pederastia havia substituído a caça como ocupação predileta de grande parte da nobreza. Este era apenas mais um sintoma dos males que afetavam nosso querido país.

Eu era o mais velho de sua seleta companhia de jovens escravos. Ao contrário de tantos outros que, ao longo dos anos, meu senhor mandara para o leilão no mercado de escravos quando sua beleza física começara a fenecer, eu permanecera. Ele passara a valorizar-me por outras virtudes além de minha beleza. Não que esta houvesse diminuído — pelo contrário, havia se tornado mais marcante com a maturidade. Não me considerem fútil por mencionar isto. Estou apenas decidido a registrar a verdade neste relato, que será suficientemente notável sem que eu precise recorrer à falsa modéstia.

Não, meu senhor raramente se comprazia comigo naquele tempo, desprezo pelo qual sou realmente agradecido. Quando o fazia, geralmente era apenas para castigar-me. Ele bem sabia a dor física e a humilhação que suas atenções sempre me causavam. Embora eu ainda fosse criança quando aprendi a ocultar minha repulsa e a simular prazer nos atos perversos a que ele me obrigava, jamais consegui decepcioná-lo.

Estranhamente, meus sentimentos de desgosto e horror por esse ato desnaturado nunca diminuíram o prazer dele; pelo contrário, pareciam acentuá-lo. Não era um homem delicado nem compassivo, meu senhor Intef. Conteí às centenas os rapazes escravos que, ao longo dos anos, me foram enviados chorando e feridos depois de sua primeira noite com meu amo. Eu os tratei e fiz o possível para reconfortá-los. Talvez seja por isso que nas áreas dos jovens escravos me chamavam de *Akh-Ker*, que significa "irmão mais velho".

Eu podia não ser mais o brinquedo favorito de meu senhor, mas ele me valorizava muito além disso. Era muitas outras coisas para ele: médico e artista, músico e escriba, arquiteto e bibliotecário, conselheiro e confidente, engenheiro e pajem de sua filha. Não sou tão ingênuo a ponto de acreditar que ele me amasse ou confiasse em mim, mas acho que às vezes chegava tão perto disso quanto era capaz. Por tal razão Lostris contava comigo para defendê-la.

Meu senhor Intef não tinha outra preocupação por sua filha única além da preservação de seu valor matrimonial máximo, e esse era outro dever que ele delegava completamente a mim. Às vezes não falava uma só palavra com a filha entre duas inundações do Nilo. Não demonstrava qualquer interesse visível pelos relatórios habituais que eu lhe fazia sobre a educação e os estudos dela.

É claro que eu me esforçava para esconder dele meus verdadeiros sentimentos por Lostris, sabendo que certamente os usaria contra mim na primeira oportunidade. Sempre tentava dar-lhe a impressão de que considerava a função de preceptor da menina uma incumbência entediante, da qual me ressentia

ligeiramente, e de que partilhava seu desdém pelo gênero feminino. Creio que ele não notava que, apesar de minha emasculação, eu tinha as sensações e desejos naturais de um homem em relação ao sexo oposto.

O desinteresse de meu senhor por sua filha era o motivo pelo qual eu me sentia ocasionalmente tentado, sob a influência de minha ama, a correr riscos tão insanos quanto essa última escapada a bordo do *Sopro de Hórus*. Geralmente havia pelo menos uma chance de conseguirmos nos safar bem.

Naquela noite retirei-me cedo para meus apartamentos, onde minha primeira preocupação foi alimentar e paparicar meus queridos. Tenho grande amor por pássaros e animais, e uma comunicação com eles que espanta até a mim mesmo. Eu mantinha uma amizade íntima com uma dezena de gatos — pois ninguém pode afirmar que possui um gato. Por outro lado, era dono de um bando de belos cães. Tanus e eu os usávamos para caçar órix e leões no deserto.

Os pássaros selvagens afluíam ao meu terraço para desfrutar a hospitalidade que eu lhes oferecia. Competiam barulhentemente entre si para pousar em meu ombro ou minha mão. Os mais ousados apanhavam a comida que eu segurava entre os lábios. Minha mansa gazela esfregava-se em minhas pernas como se fosse um gato, e meus dois falcões piavam para mim de seus poleiros no terraço. Eram raros *sakers* do deserto, belos e valentes. Sempre que possível, Tanus e eu os levávamos até o deserto para perseguir abetardas gigantes. Eu extraía enorme prazer de observar sua velocidade e seu elegante vôo ao mergulhar sobre a presa. Qualquer outra pessoa que tentasse afagá-los sentiria o fio cortante daqueles bicos amarelos, mas comigo eram tão delicados quanto rouxinóis.

Somente depois de cuidar de minhas criações chamei um dos meninos escravos para trazer-me a refeição vespertina. No terraço que dominava a grande extensão verde do Nilo, saboreei a iguaria de codornas selvagens cozidas em mel e leite de cabra que o cozinheiro-chefe preparara especialmente para dar-me as boas-vindas. Dali eu poderia observar o retorno da barca de meu amo da margem oposta. Ela chegou com o sol poente brilhando na única vela quadrada e senti meu espírito debilitar-se. Ele poderia mandar me chamar naquela noite e eu não estava preparado para enfrentá-lo.

Com alívio escutei Rasfer, o comandante da guarda palaciana, gritar o nome do atual favorito de meu senhor, um beduíno de olhos negros que mal completou dez anos. Um momento antes eu escutara a criança protestar num lamento aterrorizado quando Rasfer o arrastou por minha porta em direção à entrada acortinada dos aposentos do grão-vizir. Apesar de já os ter ouvido muitas vezes, jamais ficava insensível aos sons das crianças e sentia a conhecida dor da piedade. Assim mesmo fiquei aliviado por não ter sido eu o chamado naquela noite. Precisava de uma boa noite de sono para estar com ótima aparência no dia seguinte.

Acordei antes do amanhecer com a sensação de pavor ainda pairando sobre mim. Nem mesmo meu ritual de nadar nas águas frias do Nilo conseguiu afastá-la. Corri de volta ao meu quarto, onde dois pequenos escravos aguardavam para untar meu corpo e pentear meus cabelos. Eu detestava a nova moda adotada pela nobreza de usar maquiagem. Minha pele e minha cor eram belas o suficiente para não necessitar disso, mas meu senhor gostava que seus rapazes a usassem, e eu queria agradá-lo especialmente naquele dia.

Embora minha imagem no espelho de bronze me tivesse agradado, não tinha apetite para o desjejum. Fui o primeiro membro da corte de meu senhor a esperar sua chegada no jardim aquático onde ele despachava todas as manhãs.

Enquanto aguardava o restante da corte reunir-se, admirei o trabalho dos pássaros mergulhões. Eu havia projetado e supervisionado a construção do jardim aquático, um magnífico sistema de canais e

piscinas cuja água fluía de um para outro. As plantas floríferas haviam sido trazidas de todas as partes do reino e até do estrangeiro, formando um espetáculo colorido. As piscinas eram habitadas pelas centenas de variedades de peixes que o Nilo deposita nas redes dos pescadores, mas tinham de ser reabastecidas diariamente em consequência da predação das aves.

Meu senhor Intef gostava de observar os pássaros pairando no ar como jóias de lápis-lazúli, ou quando mergulhavam até tocar a água num forte espirro para alçar-se novamente com o peixe prateado debatendo-se em seus longos bicos. Acho que ele também se considerava um predador, um pescador de homens, e via nos pássaros sua própria espécie. Jamais permitiu que os jardineiros espantassem as aves.

Aos poucos, o resto da corte se juntou a mim. Muitos estavam desarrumados e bocejavam de sono. Meu senhor Intef levanta-se cedo e gosta de encerrar os negócios de Estado antes que o dia se torne quente demais. Aos primeiros raios de sol esperávamos respeitosamente pela chegada de meu amo.

— Ele está de bom humor hoje — sussurrou o camareiro-mor, sentando-se a meu lado, e senti uma ponta de esperança. Ainda poderia escapar às perigosas consequências de minha insensata promessa a Lostris.

Houve uma agitação e um murmúrio entre nós, semelhante aos papiros movendo-se sob a brisa do rio, e meu senhor Intef aproximou-se.

Tinha uma postura altiva e maneiras suntuosas, pois representava honrarias e poderes extraordinários. Ao redor do pescoço, usava a Comenda de Ouro, o colar de ouro vermelho das minas de Lot que o faraó colocara nele com as próprias mãos. A sua frente vinha o entoador de loas, um anão de pernas tortas escolhido por seu corpo disforme e voz estentórea. Meu amo divertia-se em cercar-se de curiosidades, fossem belas ou grotescas. Balançando-se e tropeçando sobre as pernas curvas, o anão entoava a relação de títulos e honrarias de meu senhor:

— Admirem o Esteio do Egito! Saúdem o Guardião das Águas do Nilo! Reverenciem o Companheiro do Faraó! — Estes eram títulos conferidos pelo rei, e vários deles lhe impunham deveres e obrigações específicos. Como Guardião das Águas do Nilo, por exemplo, era responsável por monitorar os níveis e fluxos das cheias sazonais do Nilo, dever que era naturalmente delegado ao fiel e infatigável escravo Taita.

Eu havia passado meio ano com uma equipe de engenheiros e matemáticos trabalhando sob minhas ordens, medindo e escavando os penhascos rochosos de Assuan, para que se definisse precisamente a que altura se elevavam as águas e assim calcular o volume da cheia. Desses números eu podia avaliar o tamanho das colheitas com meses de antecedência. Isso permitia à administração prever a penúria ou a fartura e fazer seu planejamento. O faraó admirara meu trabalho e conferira maiores honrarias e recompensas a meu senhor Intef.

— Ajoelhem-se diante do Nomarca de Karnak e Governador dos vinte e dois distritos do Alto Egito! Saúdem o Senhor de Necrópolis e Mantenedor das Tumbas Reais!

Em decorrência desses títulos, meu senhor era responsável por projetar, construir e manter os monumentos aos faraós mortos há muito tempo e aos ainda vivos. Mais uma vez, tais deveres eram depositados sobre os ombros de um escravo sofredor. As visitas de meu amo à tumba do faraó no dia anterior fora a primeira que ele fizera desde o último festival de Osíris. Era a mim que enviava ao calor e à poeira para bajular e maldizer os construtores mentirosos e os coniventes pedreiros. Com freqüência lamento ter deixado meu senhor perceber a extensão de meus talentos.

Ele me fitou sem o demonstrar. Os olhos amarelos implacáveis como os de um leopardo selvagem encontraram os meus e ele inclinou ligeiramente a cabeça. Coloquei-me atrás dele ao passar e, como sempre, fiquei impressionado por sua altura e seus ombros largos. Era um homem de uma beleza agressiva, de membros longos e lisos e ventre rijo. Tinha uma cabeça leonina, com cabelos densos e lustrosos. Nessa época ele contava quarenta anos, e eu era seu escravo havia quase vinte.

Meu senhor Intef nos conduziu até a *barrazza* no centro do jardim, um quiosque sem paredes coberto de palha e aberto à brisa fresca do rio. Sentou-se de pernas cruzadas sobre o piso de lajotas, junto à mesa baixa sobre a qual repousavam os papiros oficiais, e eu postei-me no lugar habitual atrás dele. Os trabalhos do dia começaram.

Duas vezes durante a manhã meu amo inclinou-se ligeiramente para trás em minha direção. Não virou a cabeça nem disse palavra, mas estava pedindo meu conselho. Eu mal movi os lábios e mantive a voz em tom baixo para que ninguém pudesse me escutar, e poucos notaram nossa conversa.

Uma vez murmurei "Ele está mentindo" e na outra "Retik é melhor para o cargo, e ofereceu um presente de cinco anéis de ouro para o tesouro particular de meu senhor". Apesar de eu não ter mencionado, haveria mais um anel de ouro para mim se obtivesse o cargo.

Ao meio-dia meu amo dispensou a congregação de funcionários e requerentes e pediu sua refeição. Pela primeira vez naquele dia ficamos a sós, exceto por Rasfer, que era o comandante da guarda palaciana e o carrasco oficial. Ele assumira seu posto no portão do jardim, à vista da *barrazza* mas fora do alcance de nossa conversa.

Com um gesto meu senhor convidou-me a aproximar-me e a provar as deliciosas carnes e frutos que haviam sido dispostos diante dele. Enquanto esperávamos que os efeitos de possíveis venenos se manifestassem sobre mim, discutimos em detalhe os negócios da manhã.

Ele me interrogou sobre a expedição à lagoa de Hapi e a grande caçada de hipopótamos. Descrevi-lhe tudo e dei-lhe o valor dos lucros que poderia obter com a venda da carne, do couro e dos dentes das vacas-do-rio. Exagerei um pouco em minhas estimativas, e ele mostrou seu sorriso franco e encantador. Quem já o viu compreende a capacidade de meu senhor Intef de manipular e controlar os homens. Mesmo eu, que já deveria estar acostumado, fui mais uma vez iludido por ele.

Quando ele mordeu um suculento pedaço de carne fria, inspirei fundo, juntei coragem e iniciei minha súplica:

— Meu senhor deve saber que permiti que sua filha me acompanhasse na expedição. — Pude ver em seu olhar que ele já sabia disso e pensava que eu tentaria lhe ocultar.

— Você não pensou em pedir minha autorização prévia? — perguntou suavemente.

Evitei seu olhar e concentrei-me em descascar uma uva para ele, enquanto respondia:

— Ela só me pediu quando já estávamos no local de partida. Como o senhor sabe, a deusa Hapi é sua protetora, e ela desejava venerá-la e oferecer sacrifício no templo da lagoa.

— Mas você não me pediu permissão! — ele repetiu, e ofereci-lhe a uva. Ele abriu os lábios e permitiu que eu a colocasse em sua boca. Aquilo só podia significar que estava de boa vontade em relação a mim, então obviamente ainda não havia descoberto toda a verdade sobre Tanus e Lostris.

Meu senhor estava em concílio com o nomarca de Assuan na ocasião. Eu não ousaria perturbá-lo. Além disso, não havia qualquer perigo nisso. Era uma simples decisão doméstica que considerei abaixo de seu interesse.

— Você é tão loquaz, não é, meu querido? — Ele riu. — E está tão belo hoje. Gosto do modo como pintou suas pálpebras. E que perfume é esse que está usando?

— É destilado das pétalas de violetas selvagens — retruquei. — Fico feliz que o senhor goste, pois tenho um frasco dele para presentear ao senhor, meu amo. — Tirei o frasco de minha bolsa e ajoelhei-me para oferecê-lo. Meu amo colocou um dedo sob meu queixo e levantou-me o rosto para beijar-me nos lábios. Obedientemente, correspondi ao beijo até que ele recuou e afagou meu rosto.

— Seja o que for que esteja pretendendo, você ainda é muito atraente, Taita. Mesmo depois de tantos anos ainda consegue me fazer sorrir. Mas, diga-me, você cuidou bem da senhora Lostris, não foi? Não a deixou fora de vista nem por um momento?

— Como sempre, meu senhor — concordei com veemência.

— Então não há nada incomum a respeito dela que você gostaria de me relatar, há?

Eu ainda estava de joelhos diante dele, e minha próxima tentativa de falar fracassou. A voz secou-me na garganta.

— Não guinche para mim, meu querido. — Ele riu de novo. — Fale como um homem, embora não o seja.

Foi uma piada cruel, mas que me enrijeceu.

— De fato, há algo que desejo humildemente trazer à atenção de meu senhor — eu disse. — E de fato diz respeito à senhora Lostris. Como já relatei, a lua vermelha de sua filha ergueu-se pela primeira vez na cheia do grande rio. Desde então os cursos de sua lua têm fluído com força todos os meses.

Meu senhor fez um pequeno gesto de repulsa diante das funções corporais femininas. Achei aquilo irônico, considerando seu interesse pelos recônditos muito menos saborosos da anatomia masculina.

Apressei-me:

— A senhora Lostris está agora em idade de casar-se. É uma mulher de natureza ardente e amorosa. Acredito que seria sábio encontrar-lhe um marido assim que possível.

— Sem dúvida você quer sugerir alguém — ele afirmou secamente, e eu assenti.

— De fato há um pretendente, meu senhor.

— Um não, Taita. Você quer dizer mais um, não é? Conheço pelo menos seis, inclusive o nomarca de Assuan e o governador de Lot, que já me fizeram suas ofertas.

— Sim, eu quis dizer mais um, mas este é o que a senhora Lostris aprova. Como o senhor se lembrará, ela se referiu ao nomarca de Assuan como o "sapo gordo", e ao governador como o "bode velho rançoso".

— A aprovação ou reprovação da criança não me interessa absolutamente. — Ele balançou a cabeça, sorriu e afagou-me o queixo para me encorajar. — Mas continue, Taita, diga-me o nome desse belo enamorado que me dará a honra de tornar-se meu genro em troca do dote mais rico do Egito. — Eu me aprumei para responder, mas ele me deteve. — Não, espere! Deixe-me adivinhar...

Seu sorriso transformou-se naquele esgar insidioso que eu tão bem conhecia, e percebi que ele estivera brincando comigo.

— Para que Lostris o aceite, deve ser jovem e belo... — Ele fingiu pensar. — E para que você fale por ele deve ser um amigo ou um protegido seu. Deve ter havido uma oportunidade para que esse

espécime perfeito declarasse suas intenções e lhe pedisse apoio. Quais seriam a hora e o lugar para isso acontecer, me pergunto? Poderia ter sido à meia-noite no templo de Hapi, talvez? Estou na pista certa, Taita?

Senti-me empalidecer. Como ele já sabia de tudo? O senhor Intef deslizou a mão ao redor do meu pescoço e acariciou-me a nuca. Esse costumava ser o prelúdio de seus atos amorosos, e ele beijou-me novamente.

— Vejo pela sua expressão que meu palpite chegou perto do alvo.

— Ele agarrou um chumaço dos meus cabelos e torceu-o ligeiramente.

— Agora falta apenas adivinhar o nome desse amante audacioso. Seria Dakka? Não, não, Dakka não é tão estúpido para desafiar minha raiva.

— Ele torceu meu cabelo com mais força, trazendo-me lágrimas aos olhos. — Kratas, então? Ele é belo e suficientemente tolo para correr esse risco. — Ele torceu com mais força e senti a mecha de cabelos soltar-se em sua mão com um ruído de rasgar. Sufoquei o gemido em minha garganta. — Responda, meu querido, foi Kratas? — Ele empurrou meu rosto para baixo sobre seu colo.

— Não, meu senhor — murmurei com dor. Não me surpreendeu descobrir que ele estava completamente excitado. Empurrou meu rosto sobre seu corpo e segurou-o ali.

— Não é Kratas, tem certeza? — Ele fingia estar surpreso. — Se não é Kratas, então não faço a menor idéia de quem possa ser tão insolente, atrevido e mortalmente estúpido de se aproximar da filha do grão-vizir do Alto Egito! — Subitamente, ele levantou a voz. — Rasfer!

Minha cabeça estava tão torcida em seu colo que através de meus olhos molhados pude ver Rasfer aproximar-se.

No zoológico do faraó na ilha Elefantina, em Assuan, havia um enorme urso negro trazido do Oriente por uma caravana muitos anos atrás.

A fera maligna e cheia de cicatrizes sempre me lembrava o comandante da guarda pessoal de meu senhor. Ambos tinham o mesmo corpanzil disforme, e uma força selvagem capaz de esmagar um homem até a morte. No entanto, o urso fora mais favorecido que Rasfer no que diz respeito à graça do rosto e à delicadeza de humor.

Vi Rasfer aproximar-se num trote surpreendentemente ágil para aquelas pernas grossas como troncos de árvore e o ventre inchado e peludo, e vi-me transportado muitos anos atrás, até o dia em que minha masculinidade fora extirpada.

Tudo parecia tão familiar, como se eu estivesse sendo forçado a reviver aquele dia terrível. Todos os detalhes ainda se mantinham tão claros em minha mente que eu quis gritar. Os atores daquela antiga tragédia eram os mesmos: meu senhor Intef, o bruto Rasfer e eu. Apenas a garota estava ausente.

Seu nome era Alyda, e tinha a mesma idade que eu, inocentes dezesseis anos. Como eu, era escrava. Lembro-me hoje de que era linda, mas talvez minha memória me engane, pois se o fosse teria sido enviada ao harém de uma das grandes casas, e não relegada à cozinha. Tenho certeza de que sua pele tinha a cor e o reflexo do âmbar polido, quente e macio ao toque. Jamais esquecerei a sensação do corpo de Alyda, pois nunca mais experimentarei algo parecido. Em nosso sofrimento, havíamos encontrado conforto e grande consolo um no outro. Nunca descobri quem nos traiu. Em geral não sou um homem vingativo, mas ainda sonho que um dia descobrirei a pessoa que nos denunciou.

Na época eu era o favorito de meu senhor Intef, seu queridinho. Quando ele descobriu que eu lhe fora infiel, a afronta à sua auto-estima o transportou às raias da loucura.

Rasfer viera nos prender. Arrastou-nos ao aposento de meu amo, um de nós em cada mão, com tanta facilidade como se fôssemos um casal de gatinhos. Lá ele nos despiu, enquanto meu senhor Intef sentava-se de pernas cruzadas no chão, como agora. Rasfer amarrou os pulsos e tornozelos de Alyda com ásperas tiras de couro. Ela ficou pálida, tremia, mas não chorava. Meu amor por ela e minha admiração por sua coragem jamais foram tão fortes quanto naquele momento.

Meu senhor Intef fez-me ajoelhar diante dele, cortou um cacho de meus cabelos e sussurrou carinhosamente:

— Você me ama, Taita?

Como eu sentia medo, e de alguma forma imprecisa achava que poderia poupar Alyda do sofrimento, respondi:

— Sim, meu senhor, eu o amo.

— Você ama alguém mais, Taita? — ele perguntou com a voz sedosa, e, covarde e traidor que eu era, respondi:

— Não, meu senhor é o único a quem amo.

Então ouvi Alyda começar a chorar. Foi um dos sons mais perturbadores que já ouvi. Ele ordenou a Rasfer:

— Traga aqui a prostituta. Coloque-a de modo que possam se ver claramente. Taita deve assistir a tudo o que for feito a ela.

Quando Rasfer arrastou a garota até meu campo de visão, pude ver que ele sorria. Meu senhor ergueu levemente a voz:

— Muito bem, Rasfer, pode prosseguir.

Rasfer passou um laço de couro pela testa de Alyda. A tira apresentava vários nós a intervalos pequenos, lembrando as faixas usadas na cabeça pelas beduínas. De pé atrás da menina, Rasfer enfiou um pequeno bastão de oliveira por baixo do laço e torceu-o até ele se apertar contra a pele macia. Os nós morderam a carne de Alyda, que fez um esgar de dor.

— Lentamente, Rasfer — meu senhor advertiu-o. — Temos muito tempo pela frente.

O bastão de oliveira parecia um brinquedo nas mãos enormes e peludas de Rasfer. Ele o torcia com cuidadosa deliberação, um quarto de volta por vez. Os nós aprofundaram-se, a boca de Alyda escancarou-se e seus pulmões se esvaziaram num sopro engasgado. Sua pele ficou desbotada como cinzas frias. Ela lutava para encher os pulmões de ar e então o soltava com um grito longo e penetrante.

Ainda sorrindo, Rasfer torceu o bastão e a fileira de nós enterrou-se ainda mais na testa de Alyda. Seu crânio deformou-se. A princípio pensei que fosse um engano de minha mente extenuada, mas então percebi que sua cabeça estava realmente se contraindo e alongando ao aperto do laço. Seu grito era agora um ganido contínuo que se enterrou em meu coração como uma espada. E prosseguiu incessantemente, parecendo durar para sempre.

Então o crânio explodiu. Escutei o osso ceder com o som de um coco sendo esmagado na mandíbula de um elefante. O grito terrível e perfurante parou abruptamente, enquanto o cadáver de Alyda balançou nas mãos de Rasfer e minha alma transbordou de dor e desespero.

Depois do que pareceu uma eternidade, meu senhor ergueu minha cabeça e olhou-me nos olhos. Sua expressão era de tristeza e remorso quando me disse:

— Ela se foi, Taita. Ela era má e o fez perder-se. Devemos nos certificar de que isso nunca mais aconteça. Devemos protegê-lo de novas tentações.

Ele gesticulou novamente para Rasfer, que arrastou o corpo nu de Alyda, pelos calcanhares, até o terraço. Sua cabeça esmagada bateu pelos degraus, arrastando atrás os cabelos. Com um impulso dos ombros possantes, Rasfer atirou-a longe, no rio. Seus membros finos se agitaram quando ela caiu na água e afundou suavemente, os cabelos espalhados como ervas ribeirinhas.

Rasfer virou-se e foi até a extremidade do terraço, onde dois de seus homens cuidavam de um braseiro. Ao lado dele, numa bandeja de madeira, havia um conjunto de instrumentos cirúrgicos. Ele examinou-os e assentiu, satisfeito. Voltando, inclinou-se diante de meu senhor Intef.

— Está tudo preparado.

Com um dedo, meu amo enxugou-me o rosto raiado de lágrimas e então colocou o dedo sobre os lábios, como que para sentir o gosto de minha dor.

— Venha, meu lindo amigo — ele sussurrou, levantando-me, e conduziu-me para o terraço. Eu estava tão perturbado e cego pelas lágrimas que não percebi meu próprio perigo até que os soldados me agarraram. Atiraram-me ao chão e seguraram-me estendido sobre as lajotas de cerâmica, segurando meus pulsos e tornozelos de modo que eu só podia mover a cabeça.

Meu senhor ajoelhou-se junto à minha cabeça, enquanto Rasfer abaixou-se entre minhas pernas abertas.

— Nunca mais você fará essa coisa horrível, Taita.

Só então me dei conta do escalpelo de bronze que Rasfer tinha escondido na mão direita. Meu amo assentiu com um gesto de cabeça, então Rasfer estendeu a mão livre, agarrou-me e esticou-me até eu sentir que me estavam arrancando as entranhas pela virilha.

— Que belo par de ovos temos aqui! — Rasfer sorriu e mostrou-me o escalpelo, segurando-o diante de meus olhos. — Mas vou dá-los aos crocodilos, assim como fiz com sua namorada. — Ele beijou a lâmina.

— Por favor, meu senhor, tenha piedade... — supliquei, mas meu apelo terminou num grito agudo quando Rasfer acionou a lâmina. Senti como se um espeto em brasa houvesse sido enfiado no meu ventre.

— Diga adeus a eles, garoto bonito. — Rasfer exibiu o saco de pele pálida e enrugada e seu conteúdo patético. Então começou a levantar-se, mas meu senhor o deteve.

— Ainda não terminou — disse calmamente a Rasfer. — Quero tudo. Rasfer olhou-o por um momento, sem compreender a ordem. Então começou a rir até que sua barriga tremeu.

— Pelo sangue de Hórus — ele rugiu —, de agora em diante o rapaz bonito terá de se agachar como uma menina quando quiser mijar!

Ele golpeou novamente e depois gargalhou, segurando o dedo de carne que fora a parte mais íntima de meu corpo.

— Não se incomode, rapaz. Será muito mais cômodo caminhar sem esse peso para carregar. — Sem parar de rir, ele foi até a beira do terraço para atirar minhas partes ao rio, mas meu amo mais uma vez o deteve.

— Dê-me isso aqui! — ele ordenou, e Rasfer obedientemente colocou em suas mãos os fragmentos de minha masculinidade. Durante alguns segundos meu senhor Intef examinou-os com curiosidade, então falou para mim: — Não sou tão cruel a ponto de privá-lo para sempre desses belos troféus, meu querido. Vou enviá-los aos embalsamadores, e quando ficarem prontos mandarei colocá-los num colar, rodeados de pérolas e lápis-lazúli. Serão meu presente a você no próximo festival de Osíris. Assim, no dia de seu enterro poderão ser colocados em sua tumba, e se os deuses forem bons você poderá usá-los na outra vida.

Essas terríveis lembranças deveriam ter terminado no momento em que Rasfer estancou meu sangue com a laça fervente que pegou no braseiro, e eu mergulhei em abençoada inconsciência pela intensidade insuportável da dor, mas agora eu estava enredado no pesadelo. Tudo acontecia de novo. Só que desta vez Alyda estava ausente, e em vez da faca afiada Rasfer segurava no punho cabeludo o chicote de couro de hipopótamo.

O açoite era tão longo quanto os braços de Rasfer abertos e sua ponta tinha a espessura de seu dedo mínimo. Eu o havia visto prepará-lo pessoalmente, raspando a camada externa mais grossa da longa tira de couro curtido, até expor a pele interna, parando periodicamente para testar seu equilíbrio e sua empunhadura, cortando com ele o ar até que sibilou como o vento do deserto nos desfiladeiros das montanhas de Lot. Tinha cor de âmbar, e Rasfer o havia encerado carinhosamente até ficar macio e translúcido como vidro, mas tão flexível que se curvava num arco perfeito entre aquelas patas de urso. Ele deixara o sangue de uma centena de vítimas secar-se nele, tingindo a ponta aguçada de uma patina lustrosa que era esteticamente maravilhosa.

Rasfer era um artista com seu terrível instrumento. Era capaz de brandi-lo e deixar na coxa macia de uma jovem apenas uma marca púrpura que não chegava a romper a pele, mas doía como uma picada de escorpião, fazendo a vítima chorar e estremecer de agonia; ou com uma dezena de golpes sibilantes podia arrancar a pele e a carne das costas de um homem, deixando-lhe expostas as costelas e a espinha.

Ele estava parado sobre mim agora e sorriu ao flexionar nas mãos o longo açoite. Rasfer amava seu trabalho, e odiava-me com toda a força de sua inveja e a sensação de inferioridade que lhe provocavam minha inteligência e minha beleza.

Meu senhor Intef afagou minhas costas nuas e suspirou.

— Você é tão mau às vezes, meu querido. Tenta enganar a quem deve a mais profunda lealdade. Não, mais que simples lealdade... a quem deve a própria existência. — Suspirou novamente. — Por que me obriga a essas coisas desagradáveis? Deveria pensar melhor antes de tentar me impingir aquele macaco arrogante. Foi uma idéia ridícula, mas acho que compreendo sua intenção. Esse senso de compaixão infantil é uma de suas muitas fraquezas, e um dia provavelmente será a causa de sua ruína completa. No entanto, às vezes acho-o bastante extraordinário e enternecedor, e poderia facilmente perdoá-lo, mas não posso desprezar o fato de que colocou em risco o valor de mercado dos bens que depositei sob seu cuidado. — Ele virou minha cabeça para que minha boca pudesse responder-lhe. — Deve ser punido por isso. Compreende?

— Sim, meu senhor — sussurrei, revirando os olhos para ver o chicote nas mãos de Rasfer. Mais uma vez meu senhor Intef enterrou meu rosto em seu colo, e então falou para Rasfer:

— Com toda a perícia, Rasfer. Não rasgue a pele, por favor. Não quero estas costas deliciosamente macias marcadas permanentemente. Dez bastarão para começar. Conte-as em voz alta para nós.

Eu havia visto mais de cem infelizes ser submetidos a esse castigo, alguns deles famosos guerreiros e heróis. Nenhum fora capaz de permanecer em silêncio sob o açoite de Rasfer. De qualquer modo, era melhor não o fazer, pois ele tomava o silêncio como um desafio pessoal à sua habilidade. Eu sabia disso, por ter percorrido antes aquele amargo caminho. Estava preparado para engolir qualquer orgulho idiota e pagar tributo, aos gritos, à arte de Rasfer. Enchi os pulmões antecipadamente.

— Uma! — grunhiu Rasfer, e a chibata cantou. Assim como as mulheres depois esquecem a intensidade da dor do parto, eu havia esquecido aquela dor requintada e gritei mais alto do que pretendia.

— Você é afortunado, querido Taita — o senhor Intef murmurou ao meu ouvido. Mandei os sacerdotes de Osíris examinar a mercadoria ontem à noite. Continua intacta.

Eu me contorci em seu colo. Não apenas de dor, mas também pela idéia daqueles bodes lascivos do templo manipulando minha garotinha.

Rasfer tinha seu ritual particular para executar a punição e garantir que tanto ele quanto sua vítima pudessem saborear completamente o momento. Entre cada chicotada ele corria num pequeno círculo ao redor da *barrazza*, resmungando exortações e incentivos para si mesmo, levantando o chicote no ar como se fosse uma espada cerimonial. Quando completou o círculo estava a postos para mais um golpe, erguendo a chibata.

— Duas! — ele gritou, e eu guinchei novamente.



Uma das escravas de Lostris esperava-me no amplo terraço de meu apartamento quando subi dolorosamente os degraus, vindo do jardim.

— Minha senhora pede que vá vê-la imediatamente — ela falou.

— Diga-lhe que estou indisposto — recusei a convocação, e, gritando por um dos meninos escravos para cuidar de meus ferimentos, corri para o quarto, na esperança de me livrar da garota.

Ainda não poderia encarar Lostris, pois temia relatar meu fracasso, tendo de fazê-la encarar finalmente a realidade de que seu amor por Tanus era impossível. A menina negra seguiu-me, inspecionando as marcas lívidas em minhas costas com um horror curioso.

— Diga a sua senhora que estou machucado e não irei vê-la — eu disse por cima do ombro.

— Ela me avisou que o senhor tentaria se safar, e que eu deveria ficar aqui até que concordasse.

— Você é insolente para uma escrava — censurei-a asperamente, enquanto o menino untava minhas costas com uma substância cicatrizante que eu mesmo inventara.

— Sim — concordou a menina com um sorriso. — Mas o senhor também é. — E ela evitou com facilidade o tapa que lhe dirigi sem muito empenho. Lostris é demasiado branda com suas criadas.

— Diga à sua senhora que irei vê-la — capitulei.

— Ela me mandou esperar para garantir que o senhor vá.

A escrava me escoltou até passarmos pelos guardas no portão do harém. Estes eram eunucos como eu, mas, ao contrário de mim, gordos e de aspecto andrógino. Apesar de sua corpulência, ou talvez por

causa disso, eram homens fortes e truculentos. No entanto, eu usara minha influência para colocá-los naquela agradável sinecura, por isso me fizeram entrar nos alojamentos femininos com uma saudação respeitosa.

O harém não era tão grande ou confortável quanto os aposentos dos rapazes escravos, o que tornava evidentes os verdadeiros interesses de meu senhor. Era um conjunto de casinhas de tijolos, rodeado por um alto muro de barro. Os únicos jardins e decorações eram os que Lostris e suas aias haviam realizado, com minha assistência. As esposas do vizir eram gordas e preguiçosas, e demasiadamente envolvidas nas intrigas do harém para se darem a esse trabalho.

Os apartamentos de Lostris eram os mais próximos do portão principal, rodeados por um bonito jardim com um lagunho de lírios d'água e gaiolas de bambu com pássaros canoros. As paredes de barro eram decoradas com murais de vistosas cenas do Nilo que eu ajudara a pintar, representando peixes, aves e deusas.

As escravas estavam agrupadas à entrada, com aspecto tristonho, e mais de uma estivera chorando. Tinham os rostos marcados de lágrimas. Passando por elas, entrei no cômodo escuro e fresco e imediatamente ouvi os soluços de minha ama, vindos do quarto interno. Corri até ela, envergonhado de ter sido tão covarde e tentar evitá-la.

Ela estava deitada de bruços na cama baixa e todo o seu corpo tremia sob a força da dor, mas ao ouvir-me entrar saltou da cama e correu para mim.

— Oh, Taita! Querem mandar Tanus embora. O faraó chegará a Karnak amanhã e meu pai lhe pedirá que mande Tanus levar a esquadra até Elefantina e as cataratas. Oh, Taita! São vinte dias de viagem até a primeira catarata. Nunca mais o verei. Desejo morrer. Vou me atirar no Nilo e deixar que os crocodilos me devorem. Não quero viver sem Tanus... — Tudo isso com fortes gemidos de desespero.

— Calma, minha criança. — Eu a aninhei em meus braços. — Como sabe essas coisas terríveis? Talvez não aconteçam.

— Ah, vão acontecer. Tanus me mandou um recado. Kratas tem um irmão na guarda pessoal de meu pai que o ouviu discutir tudo com Rasfer. De alguma forma meu pai descobriu sobre Tanus e eu. Ele sabe que estivemos sozinhos no templo de Hapi. Oh, Taita, meu pai enviou os sacerdotes para me examinar. Aqueles velhos nojentos fizeram coisas horríveis comigo. Dói tanto, Taita!

Enlacei-a delicadamente. Não tenho essa oportunidade com frequência, mas agora ela me abraçava com toda a força. Seu pensamento voltou-se dos próprios ferimentos para o namorado.

— Nunca mais verei Tanus — ela chorava, e lembrei-me de como era jovem, pouco mais que uma criança, vulnerável e perdida em sua tristeza. — Meu pai o destruirá.

— Nem mesmo seu pai pode tocar em Tanus — tentei acalmá-la. — Ele é o comandante de um regimento de elite do faraó. É um dos homens do rei. Tanus recebe ordens apenas do faraó, e está sob a proteção da dupla coroa egípcia. — Não mencionei que essa era provavelmente a única razão pela qual o pai de Lostris ainda não o havia destruído. Continuei suavemente: — Quanto a nunca mais ver Tanus, você estará atuando ao lado dele na representação. Vou dar um jeito para que vocês dois possam conversar nos ensaios.

— Meu pai jamais nos deixará participar da peça.

— Ele não tem alternativa, a menos que esteja preparado para estragar minha produção e correr o risco de desagradar ao faraó, e pode ter certeza de que não fará isso.

— Ele mandará Tanus embora e arranjará outro para o papel de Hórus — ela soluçou.

— Não há tempo para ensaiar outro ator. Tanus fará o deus Hórus. Deixarei isso claro ao meu senhor Intef. Você e Tanus terão a oportunidade de conversar. Encontraremos uma solução.

Ela engoliu as lágrimas e olhou para mim com total confiança.

— Oh, Taita, sei que você encontrará um meio. Você sempre encontra... Lostris parou subitamente e mudou de expressão. Suas mãos alisaram minhas costas, explorando as saliências deixadas pelo chicote de Rasfer.

— Sinto muito, senhora. Tentei defender o caso de Tanus, como lhe prometi, e essa foi a consequência de minha estupidez.

Ela passou para trás de mim e levantou a túnica de linho fino que eu vestira para esconder os machucados.

— Isso foi obra de Rasfer — afirmou Lostris. — Oh, meu pobre e querido Taita, por que não me avisou que isso aconteceria, que meu pai se opõe com tanta violência a Tanus e a mim?

Eu estava decidido a não reagir àquela afronta inocente, eu que os havia advertido e em troca fora acusado de deslealdade. Consegui manter a calma, porém, apesar de minhas costas ainda doerem terrivelmente.

Pelo menos a tristeza de minha própria ama fora esquecida por um instante, em sua preocupação por meus ferimentos superficiais. Ela me mandou sentar em sua cama e tirar a túnica para que me tratasse, substituindo a falta de habilidade médica por seu verdadeiro amor e sua compaixão. A distração a tirou das profundezas de seu desespero. Logo estava tagarelando a seu modo efervescente, fazendo planos para domar a ira de seu pai e reunir-se a Tanus.

Alguns desses planos demonstravam seu bom senso, enquanto outros, mais mirabolantes, indicavam apenas sua juventude confiante e falta de conhecimento e experiência sobre os meios tortuosos do mundo.

— Representarei tão bem Isis na peça — ela afirmou a certa altura — e serei tão encantadora com o faraó que ele me concederá qualquer recompensa que eu pedir. Então suplicarei que Tanus seja meu marido e ele dirá... — aqui ela imitou com tamanha semelhança o tom pomposo e cerimonial do rei que fui obrigado a sorrir — Anuncio o noivado de Tanus, senhor Harrab, filho de Pianki, e da senhora Lostris, filha de Intef, e elevo meu bom servidor Tanus ao título de Grande Leão do Egito e comandante de todos os meus exércitos. Ordeno ainda que todas as antigas propriedades de seu pai, o nobre Pianki, senhor Harrab, lhe sejam devolvidas..." — Nesse ponto ela interrompeu seus cuidados a meus ferimentos e abraçou meu pescoço. — Isso pode acontecer, não é, meu querido Taita? Por favor, diga que sim!

— Nenhum homem poderia resistir-lhe, senhora. — Eu sorri diante de sua inocência. — Nem mesmo o grande faraó.

Se eu soubesse então como minhas palavras se tornariam verdadeiras, acho que teria colocado uma brasa acesa em minha língua antes de pronunciá-las.

O rosto de Lostris novamente brilhava de esperança. Aquilo era o suficiente para recompensar-me, e baixei a túnica para encerrar seus entusiásticos cuidados às minhas costas.

— Mas agora, senhora, se quiser ser uma linda e irresistível Isis, deve descansar.

Eu trouxera comigo uma poção do pó da flor vermelha calmante, chamada *sheppen*<sup>[1]</sup> As sementes dessa bela flor haviam sido introduzidas no Egito pelas caravanas de mercadores de uma terra

montanhosa do Oriente longínquo. Eu as cultivava em meu jardim e, quando as pétalas caíam, raspava a carapaça das sementes com um garfo de ouro de três dentes. Um leite branco e espesso escorria dos sulcos, o qual eu recolhia e secava de acordo com a fórmula que inventara. O pó provocava sono, produzia estranhos sonhos e amortecia a dor.

Fique comigo mais um pouco, Taita — ela murmurou acomodando-se na cama, enovelada como um gatinho sonolento. — Me embale para dormir como quando eu era bebê. — Ela ainda era um bebê, pensei, tomando-a nos braços. — Tudo vai dar certo, não vai? — sussurrou Lostris.

Viveremos felizes para sempre, como nas histórias, não é, Taita?

Quando ela adormeceu, beijei suavemente sua fronte e cobri-a com uma pele antes de me esgueirar do quarto.



No quinto dia do festival de Osíris, o faraó desceu o rio até Karnak, de seu palácio na ilha Elefantina, que ficava a dez dias de viagem numa galé rápida. Veio com toda a pompa, completamente paramentado, para officiar no festival ao deus. A esquadra de Tanus deixara Karnak três dias antes, acelerando corrente acima para encontrar a grande frota e escoltá-la na última etapa da viagem, de modo que nem Lostris nem eu o havíamos avistado desde o retorno da grande caçada aos hipopótamos. Foi uma alegria especial, portanto, vermos sua galé surgir veloz na curva do rio, em plena correnteza e com o forte vento do deserto pela popa. O *Sopro de Hórus* vinha à frente da frota, conduzindo-a desde o sul.

Lostris estava no séquito do grão-vizir, entre seus irmãos, Menset e Sobek. Os dois garotos eram bonitos e elegantes, mas para meu gosto pareciam-se demasiado com o pai. Menset, o mais velho, causava-me especial desconfiança e o mais novo o acompanhava em tudo.

Eu estava de pé mais atrás, junto aos cortesãos e funcionários subalternos, de onde podia observar tanto Lostris quanto meu senhor Intef. Vi a nuca da garota ruborizar-se de prazer e excitação ao avistar a figura altiva de Tanus na torre do *Sopro de Hórus*. As escamas em sua armadura de crocodilo reluziram ao sol e o tufo de plumas de avestruz de seu capacete flutuou ao vento quando a galé passou.

Lostris saltou excitada e acenou com os dois braços, mas seus gritos e apupos perderam-se no fragor da multidão que se alinhava em ambas as margens do Nilo para receber o faraó. Tebas é a cidade mais populosa do mundo, e calculo que um quarto de milhão de almas havia ocorrido para saudar o rei.

Tanus não olhou para nenhum dos lados, voltado para a frente com concentração, a espada desembainhada diante do rosto em continência. O resto da esquadra seguia o *Sopro de Hórus* num grande "V", a formação das garças, assim batizada pelo modo como essas aves voam ao retornar para os ninhos no fim do dia. Todos os estandartes e flâmulas de batalha estavam expostos, numa esfuziante profusão de cores, um espetáculo régio que fazia a multidão aplaudir e agitar freneticamente folhas de palmeira.

Passou-se algum tempo até que o primeiro navio do comboio principal surgiu, contornando a curva atrás deles. Estava carregado de senhoras e nobres do círculo do rei. Seguia-o outro, e atrás vinha uma horda desordenada de grandes e pequenas embarcações. Enxameavam corrente abaixo, lotadas de criados palacianos e escravos, com toda a sua parafernália de equipamentos, balsas carregadas de bois, cabras e galinhas para as cozinhas, barcos dourados e coloridos cheios de mobília e tesouros do palácio, nobres e plebeus, todos desconfortavelmente amontoados de maneira nada apropriada. Que contraste

fazia a exibição preparada pela esquadra de Tanus quando acercou-se, mantendo a formação geométrica contra a veloz correnteza do Nilo!

Final a nave oficial do faraó deslizou lentamente pela curva e os aplausos da multidão se intensificaram. O imenso barco, o maior jamais construído pelo homem, abria caminho portentosamente até o lugar onde esperávamos para recebê-lo, o cais de pedra próximo ao palácio do grão-vizir.

Tive bastante tempo para examiná-lo e divagar que seu tamanho e suas linhas, e a forma como o manobravam, refletiam o atual governo do nosso Egito — que se encontrava no décimo segundo ano de reinado do faraó Mamose, o oitavo desse nome e da mesma linhagem e o mais fraco de uma dinastia frágil e vacilante. A nave oficial era tão comprida quanto cinco galés de combate alinhadas, mas sua altura e largura eram tão desproporcionais que ofendiam gravemente meu instinto artístico. O casco maciço fora pintado nas cores berrantes da moda e a figura de Osíris na proa era folheada a ouro verdadeiro. No entanto, quando ela se aproximou do ponto de atracação, onde aguardávamos, vi que as cores fortes haviam desbotado em alguns pontos e os costados estavam listrados como zebras onde a tripulação havia defecado sobre a amurada.

A meio convés erguia-se uma alta construção com os aposentos privados do faraó, feita solidamente de tábuas grossas de maravilhoso cedro e tão recheada de móveis pesados que as características de navegação do navio foram seriamente afetadas. Sobre esse grotesco edifício, por trás de um parapeito esculpido, que fora decorado com lírios frescos, sob um dossel de peles de gazela finamente curtidas, costuradas e pintadas com imagens dos principais deuses e deusas, sentava-se o faraó em majestoso isolamento. Tinha nos pés sandálias de filigrana dourado, e sua veste era de linho tão puro, que reluzia como os altos cúmulos em pleno verão. Ele usava na cabeça a alta coroa dupla: a coroa branca do Alto Egito, com a cabeça de abutre da deusa Nekhbet, unida à coroa vermelha com a cabeça de cobra de Buto, a deusa do delta.

Apesar da coroa, a verdade irônica era que nosso amado soberano havia perdido o delta quase dez anos antes. Em nossa época turbulenta, outro faraó reinava no Baixo Egito, o qual usava igualmente a dupla coroa, ou pelo menos sua própria versão dela — um farsante que era adversário mortal de nosso soberano e cujas constantes guerras contra nós dilapidavam ambos os reinos de ouro e de sangue jovem. O Egito estava dividido e dilacerado pela luta interna. Nos cerca de mil anos de nossa história, sempre fora assim quando homens fracos assumiam o manto faraônico. Era preciso um homem forte, ousado e inteligente para dominar os dois reinos.

Para manobrar o enorme navio na correnteza e trazê-lo até o cais junto ao palácio, o capitão deveria tê-lo levado mais perto da margem oposta. Se o fizesse, teria toda a largura do Nilo para completar a manobra. No entanto, ele avaliara mal a força do vento e da correnteza e começara a curva no meio do rio. A princípio o barco balançou-se perigosamente na correnteza, inclinando-se bastante quando o peso do camarote real captou o vento do deserto como uma vela. Meia dúzia de contramestres agitavam-se no convés inferior brandindo os chicotes, cujos estalos sobre os ombros nus eram transportados nitidamente sobre a água.

Sob o estímulo do Iátogo, os remeiros movimentavam suas pás num frenesi que fazia espumar a água nas laterais do navio — cem remos de cada lado batendo uns nos outros, nenhum deles esforçando-se para sincronizar o ritmo. Seus gritos e improperios mesclavam-se às ordens gritadas pelos quatro pilotos que lutavam com o longo leme na popa. Enquanto isso, no convés de popa, Nembet, o geriátrico almirante e capitão da embarcação, alternadamente penteava com os dedos a longa e hirsuta barba e gesticulava numa agitação impotente.

Bem acima desse pandemônio ia o faraó, imóvel como uma estátua e alheio a tudo. Ah, realmente aquele era o nosso Egito!

Então o ritmo da manobra do navio se impôs e ele não mais oscilava, mas rumava diretamente para onde nos encontrávamos, na margem, apanhado pela força da correnteza e o empuxo contrário do vento. O capitão e a tripulação, apesar dos esforços desesperados e erráticos, pareciam impotentes para completar a manobra e conduzi-lo pela corrente, ou para deter o barco e evitar que mergulhasse de bico nos blocos de granito do cais, destroçando a grande proa dourada.

Quando todos perceberam o que estava prestes a acontecer, os gritos da multidão cessaram gradualmente e um silêncio de terror desceu sobre as duas margens do Nilo, fazendo ouvir com maior clareza a gritaria e a confusão nos conveses da enorme nave.

De repente todos os olhares foram atraídos corrente abaixo, quando o *Sopro de Hórus* rompeu a formação da esquadra e veio singrando rio acima, impelido pelo remos ágeis. Em perfeito uníssono, as pás mergulhavam e empurravam, giravam no ar e mergulhavam novamente. Ele passou tão perto da proa do outro navio que arrancou da multidão um "Ah!" mais forte que o vento nas moitas de papiro. A colisão parecia inevitável, mas no último instante possível Tanus brandiu o punho cerrado sobre a cabeça. Ao mesmo tempo, os dois bancos de remeiros deram retrocesso e o piloto empurrou a grande pá do leme com toda a força.

O *Sopro de Hórus* estancou antes do avanço portentoso da embarcação real. As duas naves tocaram-se de leve, como um beijo virginal, e por um instante a torre de popa do *Sopro de Hórus* ficou quase nivelada ao convés principal do outro navio.

Naquele momento Tanus postou-se sobre a balaustrada da torre. Havia chutado as sandálias, despido a armadura e deixado de lado as armas. Amarrara na cintura uma corda de sisal longa e flexível, que se estendeu no espaço quando ele saltou o vão entre os dois barcos.

Como que despertando do estupor, a multidão agitou-se. Se ainda houvesse um dentre eles que não soubesse quem era Tanus, sabê-lo-ia agora até o final do dia. A fama de Tanus já se firmara nas guerras fluviais contra as legiões do usurpador do Baixo Reino. No entanto, apenas suas próprias tropas o haviam visto em ação, e os fatos relatados nunca têm o mesmo peso daquilo que se presencia pessoalmente.

Naquele momento, diante do olhar do faraó, da flotilha real e de toda a população de Karnak, Tanus saltou de um convés para o outro e pousou com a suavidade de um leopardo.

— Tanus!

Tenho certeza de que foi minha senhora Lostris quem primeiro chamou seu nome, mas eu fui o segundo.

— Tanus! — gritei, e então todos a meu redor acompanharam o grito.

— Tanus! Tanus! Tanus! — entoou a multidão, como numa ode a algum deus recém-descoberto.

No momento em que aterrissou no convés do navio real, Tanus correu para a proa, puxando a corda. A tripulação de sua galé havia amarrado outra corda forte, grossa como um braço, à extremidade da mais fina que Tanus carregava. Então eles a atiraram para Tanus, que se vergou sob seu peso. Com os músculos das costas e dos braços brilhando de suor, ele a puxou.

A essa altura, um grupo de tripulantes da nave real já compreendera o plano e correu para ajudá-lo. Sob a direção de Tanus, eles deram três voltas com a corda grossa ao redor do mastro de proa do navio,

e no momento em que a amarra se firmou Tanus deu sinal para sua galé afastar-se.

O *Sopro de Hórus* zarpou na correnteza, ganhando velocidade rapidamente. Então o cordame se estendeu e o peso do navio maior na outra ponta o fez estancar com um tranco. Por um momento pensei que fosse emborcar e ser arrastado para o fundo, mas Tanus havia previsto o golpe e indicara habilmente à sua tripulação como amortecê-lo, erguendo os longos remos.

Apesar de a galé afundar tanto que a água verde inundou sua popa, ela suportou o puxão violento, voltou à tona e novamente esticou a corda. Por um longo momento nada aconteceu. O peso reduzido da galé pouco influía no avanço poderoso do grande navio. Os dois barcos ficaram travados como um crocodilo que tivesse agarrado um búfalo pelo focinho, sem conseguir arrastá-lo barranco abaixo. Então Tanus, na proa da embarcação do faraó, virou-se para a tripulação em pânico. Fez um gesto autoritário que capturou sua atenção e uma mudança notável ocorreu entre eles. Aguardavam seu comando.

Nembet era o comandante de toda a frota faraônica, com o título de Grande Leão do Egito. Anos atrás ele fora um homem poderoso, mas agora estava velho e frágil. Tanus o substituiu sem esforço, de maneira tão natural quanto a força da correnteza e do vento, e a tripulação reagiu sem vacilar.

— A frente! — Ele gesticulou para o banco de remeiros a bombordo e todos vergaram as costas, empurrando com vontade.

— Recuar! — Tanus ergueu o punho para o banco de estibordo, e eles seguraram firmemente as pontas dos remos mergulhadas na água.

Tanus subiu na amurada e fez um sinal para o homem ao leme do *Sopro de Ho'rus*, coordenando magistralmente ambas as tripulações. Mas o navio do faraó continuava rumando em direção ao cais e apenas uma estreita faixa de água o separava dos blocos de granito.

Finalmente, com muita lentidão, ele passou a reagir. A proa festivamente decorada começou a balançar na correnteza, puxada pela galé. Mais uma vez a multidão calou-se e um silêncio fatídico nos envolveu, todos esperando que o enorme navio se espatifasse no cais de pedra. Se isso acontecesse, não havia dúvida das conseqüências que traria para Tanus. Ele havia roubado o comando do almirante senil e assumira toda a responsabilidade pelos erros do velho. Quando o faraó voasse de seu trono devido à colisão, quando a dupla coroa e toda a sua dignidade rolassem pelo convés, quando o navio oficial afundasse e o rei fosse arrastado pelo rio como um cachorrinho, afogando-se diante de todos os seus súditos, tanto o almirante insultado como meu senhor Intef incentivariam o faraó a lançar todo o peso de sua ira sobre o jovem presunçoso.

Eu observava impotente e tremia por meu querido amigo, mas então ocorreu um milagre. O navio real estava tão perto de chocar-se com a terra e Tanus tão próximo de onde eu me encontrava que pude ouvir claramente sua voz:

— Grande Hórus, ajude-me agora!

Não tenho a menor dúvida de que os deuses muitas vezes interferem nos assuntos humanos. Tanus é um filho de Hórus, e Hórus é o deus do vento.

O vento do deserto havia soprado de oeste durante três dias e três noites, da banda do inóspito Saara. Soprara sem parar com a força de meio vendaval todo esse tempo, mas então cessou. Não se reduziu; simplesmente parou de soprar. As marolas que haviam pontilhado a superfície do rio desapareceram, e as palmeiras na margem, que balançavam vigorosamente as frondes, estancaram como que congeladas por uma geada súbita.

Livre das garras do vento, o navio estabilizou-se e cedeu à força do *Sopro de Hórus*. Sua gigantesca proa ergueu-se na correnteza e ele ficou paralelo ao cais no exato instante em que sua lateral encostou na pedra e o fluxo do Nilo deteve seu avanço, deixando-o imóvel na água.

Tanus deu uma última ordem e, antes que o navio pudesse recuar para estibordo, os cordames foram atirados ao cais e agilmente recolhidos por mãos ávidas que os amarraram aos mourões de pedra no cais. Leve como uma pluma de ganso a flutuar, o grande navio real repousava a salvo e tranqüilo no molhe, e nem o trono onde se sentava o faraó nem a alta coroa em sua cabeça haviam sido perturbados pela manobra.

O público irrompeu num rugido de ovação pelo feito, e o nome de Tanus se ouvia em todas as bocas, em vez daquele do faraó. Com modéstia e muita prudência, Tanus fingiu não reconhecer o aplauso. Atrair mais atenção para si, deslocando-a da recepção organizada para o rei, seria realmente insensato, e com certeza teria afastado qualquer favor que lhe era devido por sua façanha. O faraó era sempre zeloso de sua dignidade real. Tanus sinalizou sorrateiramente para que o *Sopro de Hórus* se aproximasse. Quando este se ocultou de nós, colocando-se por trás do navio do faraó, Tanus saltou para o convés da galé, abandonando o palco em que conquistara o destaque e deixando-o para seu rei.

No entanto, eu vi a expressão de fúria e ciúme no rosto de Nembet, o velho almirante, o Grande Leão do Egito, quando ele desembarcou atrás do faraó, e percebi que Tanus ganhara mais um inimigo poderoso.



Cumpri a promessa que fizera a Lostris naquela mesma noite, quando convoquei o último ensaio da representação teatral. Antes de iniciá-lo, deixei os dois a sós durante quase uma hora. No precinto do templo de Osíris, que seria o palco do espetáculo, eu havia armado tendas que serviriam de vestiário para os atores principais. Propositadamente, eu colocara a de Lostris um pouco afastada das outras, velada por uma das enormes colunas de pedra que sustentavam o teto do templo. Enquanto eu montava sentinela na entrada da tenda, Tanus ergueu o pano do lado oposto e esgueirou-se para dentro.

Tentei não ouvir os gemidos de prazer quando se beijaram pela primeira vez, nem os murmúrios, os risos abafados e dos leves soluços do discreto encontro de amor que se seguiu. Nessa altura eu não faria mais qualquer tentativa para impedi-lo, mas estava convencido de que eles não levariam o ato às últimas conseqüências. Muito depois, Lostris e Tanus separadamente o confirmaram para mim. Minha senhora ainda seria virgem no dia de seu casamento. Se algum de nós soubesse quão próxima estava essa data, imagino que teríamos agido de maneira diferente.

Apesar de minha aguda consciência de que cada minuto que passavam a sós naquela tenda aumentava o perigo para todos nós, não consegui chamá-los e pôr fim ao encontro. Por mais que as feridas que Rasfer fizera em minhas costas ainda queimassem e embora a inveja dos amantes ardesse dolorosamente no pântano de minha alma onde tento sufocar os pensamentos e instintos indignos, deixei-os ficar juntos por muito mais tempo do que deveria.

Não ouvi meu senhor Intef chegar. Ele costumava envolver as sandálias em macio couro de bezerro para abafar suas passadas. Movia-se silenciosamente como um fantasma, e vários cortesãos e escravos haviam sentido o chicote ou o torniquete de Rasfer por causa de uma palavra descuidada que meu amo escutara em suas peregrinações pelos salões e corredores do palácio. No entanto, com os anos eu

desenvolvera um instinto que me permitia com freqüência sentir sua presença antes que se materializasse das sombras. Não era um instinto infalível, mas naquela noite me foi de boa serventia. Quando subitamente olhei em volta ele estava quase ao meu lado, deslizando entre os pilares na minha direção, magro, alto e mortífero como uma serpente ereta.

— Meu senhor Intef! — gritei alto o suficiente para assustar a mim mesmo. — Estou honrado que tenha vindo observar nosso ensaio. Ficarei muito grato por qualquer conselho ou sugestão — balbuciei afobadamente, tentando encobrir minha confusão e alertar os namorados na tenda atrás de mim.

Em ambos os objetivos tive mais sucesso do que poderia esperar. Escutei o gemido de consternação na tenda quando os amantes se separaram, e o farfalhar do pano da retaguarda quando Tanus escapuliu do mesmo modo que havia entrado.

Em qualquer outra ocasião eu não teria conseguido enganar meu senhor com tanta facilidade. Ele teria visto a culpa em meu rosto de modo tão claro quanto eu lia os hieroglifos nas paredes dos templos ou meus próprios caracteres nos pergaminhos; mas naquela noite ele estava cego com sua própria ira e pretendia apenas castigar-me por meu erro recente. Não rosnava ou rugia de raiva. Meu senhor é mais perigoso quando usa um tom suave e um sorriso sedoso.

— Querido Taita. — Era quase um sussurro. — Soube que você alterou alguns arranjos do primeiro ato da peça, apesar de eu tê-los ordenado pessoalmente. Não posso acreditar que tenha sido tão atrevido. Vim até aqui com este calor para verificar por mim mesmo.

Eu sabia que de nada adiantaria fingir inocência ou ignorância, então inclinei a cabeça e tentei parecer pesaroso.

— Meu senhor. Não fui eu quem ordenou as modificações. Foi Sua Santidade, o abade do templo de Osíris...

Mas meu amo irrompeu, impaciente:

— Sim, é claro que foi ele, mas apenas depois que você o instigou. Pensa que não o conheço e àquele sacerdote resmungão? Ele nunca teve uma idéia original na cabeça, enquanto você, é só o que tem.

— Meu senhor! — protestei.

— Qual foi o truquezinho perverso desta vez? Foi um daqueles sonhos convenientes enviados a você pelos deuses? — perguntou meu amo, com a voz suave como o murmúrio das serpentes sagradas que infestavam o templo deslizando pelas lajes de pedra.

— Meu senhor! — Fiz o possível para parecer chocado pela acusação, mas na verdade havia feito ao abade um relato fantasioso de como Osíris, disfarçado de corvo preto, havia-me visitado em sonhos para queixar-se do derramamento de sangue em seu templo.

Até aquele momento o sacerdote não se opusera à encenação realista que meu senhor Intef planejara para divertir o faraó. Eu apenas recorria aos sonhos quando fracassavam todos os esforços para dissuadir meu senhor. Era-me profundamente repulsivo participar de algo abominável como o que meu senhor havia mandado executar no primeiro ato da representação. Sei que certos povos selvagens das terras do leste oferecem sacrifícios humanos a seus deuses. Soube que os cassitas, que vivem entre os rios gêmeos Tigre e Eufrates, atiram bebês recém-nascidos numa fornalha incandescente. Os chefes de caravana que viajam àquelas terras distantes contam outras atrocidades realizadas em nome da religião: jovens virgens trucidadas para promover as colheitas ou prisioneiros de guerra decapitados diante da estátua de um deus com três cabeças.

Mas nós, egípcios, somos um povo civilizado; adoramos deuses sábios e justos, e não monstros sanguinários. Eu havia tentado convencer meu amo disso. Havia-lhe lembrado que numa única ocasião um faraó oferecera sacrifício humano, quando Menotep cortara as gargantas de sete príncipes rebeldes no templo de Seth, esquartejara seus cadáveres e enviara os fragmentos embalsamados para os governadores de cada um dos distritos como advertência. A história ainda lembrava o feito com repulsa. Menotep é conhecido até hoje como o Rei Sanguinário.

— Não é sacrifício humano — meu senhor interpôs. — É apenas uma execução merecida, a ser realizada de maneira bastante nova. Você não poderá negar, querido Taita, que a pena de morte é parte importante do nosso sistema judicial, não é? Tod é um ladrão. Ele roubou dos cofres reais e deve morrer como exemplo para os outros.

Soava razoável, a não ser pelo fato de eu saber que ele não estava interessado em justiça, mas em proteger seu próprio tesouro e em impressionar o faraó, que tanto adorava os espetáculos e o teatro. Isso não me deixara outra alternativa além dos sonhos para convencer o bom abade. O lábio de meu senhor Intef ergueu-se num sorriso que expôs seus dentes perfeitos, mas que me gelou o sangue e eriçou os cabelos de minha nuca.

— Vou lhe dar um pequeno conselho — ele sussurrou perto do meu rosto. — Sugiro que você tenha outro sonho esta noite, de modo que seja qual for o deus que o visitou na última vez tenha a oportunidade de inverter suas instruções anteriores ao abade e endosse minhas ordens. Se isso não acontecer, encontrarei mais trabalho para Rasfer. Prometo-lhe solenemente.

Ele se virou e foi embora, deixando-me aliviado por não ter descoberto os namorados e aborrecido por ser obrigado a prosseguir com a ignóbil exibição que ele ordenara.

Não obstante, após a saída de meu amo, o ensaio foi um sucesso animador, que reavivou meu moral. Lostris estava envolta num halo de felicidade depois do encontro com Tanus, o que tornava sua beleza realmente divina, e Tanus, em toda a sua força e juventude, era a encarnação do jovem Hórus.

Fiquei certamente perturbado com a entrada de meu Osíris no palco, agora que sabia do destino que meu senhor Intef havia ordenado para ele. Osíris era interpretado por um belo homem de meia-idade chamado Tod, que fora um dos bailios até que o apanharam pilhando os cofres de meu amo para sustentar uma jovem e dispendiosa cortesã por quem se apaixonara. Eu não me orgulhava de ter sido eu a descobrir a discrepância, ao examinar a contabilidade.

Meu senhor o havia dispensado da custódia, onde esperava o julgamento formal e a sentença, para interpretar na peça o deus do mundo subterrâneo. Meu amo prometera não levar adiante o assunto se ele representasse a contento o papel de Osíris. O infeliz Tod não tinha consciência da ameaça oculta nessa oferta e empenhou-se na atuação com patético entusiasmo, acreditando estar prestes a obter o perdão. Não poderia saber que, nesse ínterim, meu senhor havia secretamente assinado sua pena de morte e entregado o pergaminho a Rasfer, que era não apenas o carrasco oficial como meu escolhido para representar Seth em nossa pequena produção. A intenção de meu amo era que ele combinasse os dois papéis na noite seguinte, quando a representação seria realizada diante do faraó. Embora Rasfer fosse a opção óbvia para o papel de Seth, lamentei tê-lo escolhido quando o vi ensaiar a cena de abertura com Tod e tremi ao imaginar como a apresentação verdadeira seria diferente das preparatórias.

Depois do ensaio foi um agradável dever acompanhar minha senhora de volta ao harém. Ela não me deixou ir embora, fazendo-me escutar seu excitado relato dos extraordinários acontecimentos do dia e do papel que Tanus desempenhara neles.

— Você viu como ele invocou o grande deus Hórus e como o deus veio imediatamente em seu socorro? Com certeza ele goza dos plenos favores e da proteção de Hórus, não acha? Hórus não permitirá que nenhum mal nos atinja, agora estou confiante.

Escutei muito mais dessas alegres fantasias, e nada da conversa de separação e suicídio. Com que rapidez se alteram os ventos do amor juvenil!

— Depois do que Tanus fez hoje, do modo como salvou o navio real do naufrágio, certamente terá conquistado os altos favores do faraó, não acha, Taita? Favorecido pelo deus e pelo faraó, Tanus jamais será afastado por meu pai.

Eu era instado a aprovar todos os felizes pensamentos que lhe ocorriam, e não tive permissão para deixar o harém até ter decorado pelo menos dez mensagens de amor eterno que deveria levar pessoalmente a Tanus.

Quando finalmente cheguei a meus aposentos, exausto, tampouco tive descanso. Quase todos os rapazes escravos me esperavam, tão excitados quanto estava minha ama. Também desejavam minha opinião sobre os acontecimentos do dia, especialmente o resgate do navio do faraó por Tanus e a importância desse feito. Cercaram-me no terraço sobre o rio enquanto eu alimentava os animais, disputando minha atenção.

— Irmão mais velho, é verdade que Tanus invocou o deus em sua ajuda e que Hórus interveio imediatamente? Você viu tudo? Alguns dizem que o deus apareceu em sua forma de falcão e pairou sobre a cabeça de Tanus, abrindo sobre ele as asas protetoras. É verdade?

— É verdade, *Akh*, que o faraó promoveu Tanus a Companheiro do Faraó e lhe deu em recompensa uma propriedade de quinhentos *feddan* de terras férteis na várzea?

— Irmão mais velho, dizem que no santuário do deserto, o oráculo de Thoth, o deus da sabedoria, fez o horóscopo de Tanus. O oráculo previu que ele será o maior guerreiro da história do Egito e que um dia o faraó o favorecerá acima de todos os outros.

É divertido rever agora essas bravatas infantis e perceber as estranhas verdades que havia nelas, mas na época as desconsiderei assim como às crianças, com fingida severidade.

Enquanto me aprontava para dormir, meu último pensamento foi que o povo das cidades gêmeas de Luxor e Karnak havia adotado Tanus em seus corações completamente, mas que isso era uma distinção dúbia e onerosa. A fama e a popularidade granjeavam inveja na alta hierarquia, e a adulação das multidões é frágil. Estas costumam ter tanto prazer em destruir os ídolos de que se cansam quanto em enaltecê-los no princípio.

E mais seguro viver despercebido, o que sempre tento fazer.



Na tarde do sexto dia do festival, o faraó deslocou-se em cortejo solene de sua mansão de campo entre Karnak e Luxor, descendo a avenida cerimonial ladeada de leões de granito até o templo de Osíris na margem do Nilo.

O grande trenó que o transportava era tão alto que a densa multidão que se estendia ao longo da avenida era obrigada a inclinar os pescoços para trás para vê-lo em seu trono dourado, puxado por vinte

touros brancos com corcovas e guirlandas de flores enfeitando seus chifres. Os patins do trenó deslizavam no pavimento com atrito, marcando as lajes de pedra.

Cem músicos abriam o cortejo, brandindo liras e harpas, tocando címbalos e tambores, agitando chocalhos e soprando longos chifres retos de órix e chifres recurvos de carneiros selvagens. Um coro de cem vozes, as mais refinadas do Egito, seguia-os cantando hinos em honra do faraó e do outro deus, Osíris. Naturalmente, eu regia o coro. Atrás de nós seguia uma guarda de honra do regimento do Crocodilo Azul, liderada pelo próprio Tanus. A multidão ergueu uma ovação especial para ele, quando passou todo emplumado e de armadura. As moças solteiras gritavam e mais de uma desmaiou na poeira, tomada pela histeria despertada por sua recente fama.

Atrás da guarda de honra vinha o vizir com seus altos funcionários, depois os nobres, suas esposas e filhos, então um destacamento do regimento do Falcão e finalmente o grande trenó faraônico. Ao todo estavam reunidos muitos milhares de pessoas, as mais ricas e influentes do Alto Reino.

Quando nos aproximamos do templo de Osíris, o abade e todos os seus sacerdotes estavam alinhados na escadaria, entre os altos pilares do portal, para receber o faraó Mamose. O templo havia sido pintado recentemente e os baixos-relevos coloridos nas paredes externas reluziam ao sol amarelado do poente. Uma nuvem festiva de bandeiras e flâmulas tremulava nos postes erguidos sobre os muros externos.

Na base da escadaria, o faraó desceu de sua carruagem e com solene majestade começou a subir os cem degraus. O coro alinhou-se de ambos os lados. Eu estava no quinquagésimo degrau, e assim pude examinar detalhadamente o rei durante os poucos segundos que levou para passar diante de mim.

Já o conhecia bem, pois fora meu paciente, mas havia esquecido que era tão baixo — isto é, baixo para um deus. Não chegava aos meus ombros, embora a coroa dupla lhe desse uma aparência impressionante. Seus braços estavam cruzados sobre o peito na postura ritual, e ele carregava o gancho e o flagelo de seu cargo real e sua ascendência divina. Notei que tinha mãos lisas e sem pêlos, quase femininas, e que seus pés também eram diminutos e cuidados. Usava anéis em todos os dedos e artelhos, amuletos nos braços e braceletes nos pulsos. A maciça placa peitoral de ouro vermelho era incrustada de cerâmica de várias cores, representando o deus Thoth com a pluma da verdade. Essa jóia era um tesouro esplêndido de quase quinhentos anos e fora usada por setenta reis antes dele.

Sob a coroa dupla, seu rosto lívido, empoadado de branco parecia o de um cadáver. Os olhos estavam delineados dramaticamente de preto retinto, e os lábios pintados de púrpura. Sob a pesada maquiagem, ele tinha uma expressão petulante, os lábios finos e rígidos, sem qualquer humor. Os olhos eram cambiantes e nervosos, como era de se esperar.

As fundações da grande Casa do Egito estavam rachadas, o reino fragmentado e abalado. Até mesmo um deus tem suas preocupações. Um dia seus domínios haviam-se estendido desde o mar, além das sete bocas do delta, para o sul até Assuan e a primeira catarata — o maior império sobre a terra. Ele e seus ancestrais o haviam deixado escapar, e agora os inimigos abundavam nas fronteiras reduzidas, acorrendo como hienas, chacais e abutres para banquetear-se na carcaça do Egito.

Ao sul havia as hordas negras da África; ao norte, ao longo da costa do grande mar, os povos piratas; nas extensões inferiores do Nilo encontravam-se as legiões do falso faraó; a oeste, os traiçoeiros beduínos e os líbios furtivos, enquanto a leste todos os dias pareciam surgir novas hordas, cujos nomes instigavam terror numa nação cujas derrotas haviam tornado tímida e hesitante. Assírios e medos, cassitas, hurritas e hititas — não parecia haver limite para essas multidões.

Que vantagem possuía nossa antiga civilização, se se tornara fraca e obsoleta com sua avançada idade? Como poderíamos resistir aos bárbaros, com seu vigor selvagem, sua cruel arrogância e seu desejo de rapina e saque? Eu estava convencido de que esse faraó, como os que o haviam precedido imediatamente, não conseguiria reconduzir a nação a suas antigas glórias. Era incapaz de gerar um herdeiro homem.

A falta de herdeiro para o império egípcio parecia obcecá-lo ainda mais que a perda do próprio império. Ele já se havia casado com vinte mulheres, que lhe deram apenas filhas, uma verdadeira tribo de mulheres, mas nenhum varão. O faraó não aceitava que a culpa fosse sua. Havia consultado todos os médicos de renome do Alto Reino e visitara todos os oráculos e santuários importantes.

Eu sabia disso porque fora um dos médicos que ele mandara chamar. Admito que na época senti certo temor em prescrever a um deus, e imaginei por que motivo ele precisaria consultar um simples mortal sobre assunto tão delicado. Não obstante, recomendei-lhe uma dieta de testículos de boi fritos em mel e aconselhei-o a encontrar a virgem mais linda do Egito e levá-la para seu leito nupcial um ano depois do primeiro florescimento de sua lua da feminilidade.

Eu não tinha grande fé em meu próprio remédio, mas testículos de boi cozidos conforme minha receita são um prato delicioso, e reconheço que a busca da virgem mais bela do país poderia distrair o faraó e ser ainda muito prazeroso. Numa perspectiva prática, se o rei levasse para a cama um número suficiente de jovens, certamente uma delas produziria um filhote macho.

De qualquer forma, consolava-me que meu tratamento não era tão drástico como alguns dos outros propostos por meus colegas, especialmente os remédios desagradáveis inventados pelos curandeiros do templo de Osíris que se denominavam doutores. Se minhas recomendações não fossem eficazes, pelo menos mal não fariam. Eu acreditava nisso. Mas como o destino se mostraria adverso, e se eu tivesse sabido das conseqüências de minha leviandade, teria assumido o lugar de Tod no espetáculo em vez de ter dado ao faraó conselho tão frívolo.

Fiquei contente e lisonjeado quando soube que o faraó havia levado a sério meu conselho e ordenara a seus nomarcas e governadores que vasculhassem todo o país, de El Amarna às cataratas, para encontrar touros com bolas suculentas e qualquer virgem que se adequasse às minhas especificações para ser a mãe de seu primogênito. Minhas fontes na corte real informaram-me que ele já havia recusado centenas de aspirantes ao título de virgem mais bela do país.

Então o rei passou rapidamente por mim e entrou no templo sob o zelo dos sacerdotes e as reverências obsequiosas do abade. O grão-vizir e seu séquito o acompanharam de perto, e então houve um burburinho indigno dos cidadãos menos importantes para encontrar lugares de onde assistir ao drama da paixão. O espaço no templo era limitado. Apenas os poderosos, nobres e ricos o suficiente para subornar os sacerdotes eram admitidos no pátio interno. Os outros eram obrigados a observar através dos portões do pátio externo. Milhares de cidadãos comuns ficariam desapontados e teriam de se contentar com um relato de segunda mão do espetáculo. Mesmo eu, o diretor, tive muita dificuldade para abrir caminho através do povo compactado, e só o consegui quando Tanus percebeu meu problema e enviou dois homens para me resgatar e abrir caminho até o local reservado para os atores.

Antes de a peça começar, tivemos de suportar uma seqüência de discursos floreados, primeiro dos funcionários locais e ministros de Estado, depois do grão-vizir em pessoa. Esse interlúdio de baboseiras deu-me a oportunidade de verificar se tudo estava perfeito para a apresentação. Fui de tenda em tenda vendo os figurinos e a maquiagem dos atores, acalmando acessos de nervosismo de última hora.

O infeliz Tod estava temeroso de que seu desempenho não agradasse a meu senhor Intef. Consegui convencê-lo de que com certeza lhe agradaria, e dei-lhe uma dose de *sheppen* vermelho para amortecer a dor que em breve lhe seria infligida.

Quando cheguei à tenda de Rasfer, ele estava bebendo vinho com dois de seus colegas da guarda palaciana e, com uma pedra, afiava o gume de sua espada curta de bronze. Eu havia criado sua maquiagem de modo a torná-lo ainda mais repulsivo, o que não era fácil, dado o alto grau inicial de feiúra. Percebi como me saíra bem quando ele sorriu para mim com os dentes enegrecidos e ofereceu-me uma taça de vinho.

— Como estão suas costas, garoto bonito? Experimente uma bebida de homens! Talvez isto lhe dê bolas novamente.

Estou habituado a suas provocações e mantive a dignidade ao lhe informar que meu senhor havia renegado as ordens do abade e que o primeiro ato seria encenado na forma original.

— Eu já falei com o senhor Intef. — Ele levantou a espada. — Sinta o corte, eunuco. Quero ter certeza de que está de acordo.

Quando o deixei, sentia-me nauseado.

Tanus, apesar de só entrar em cena no segundo ato, já estava vestido a caráter. Descontraído e sorridente, ele tocou meu ombro.

— Bem, meu velho amigo, esta é sua grande oportunidade. Depois desta noite, sua fama de dramaturgo irá se espalhar por todo o Egito.

— A sua já se espalhou. Seu nome está em todos os lábios — eu disse, mas ele riu com descuidada modéstia enquanto eu continuava: — Está preparado para a fala de encerramento, Tanus? Gostaria de recitá-la para mim agora?

Tradicionalmente, o ator que interpretava Hórus fechava a apresentação com uma mensagem ao faraó, supostamente dos deuses, mas na realidade de seus próprios súditos. Em tempos antigos, essa fora a única ocasião do ano em que a população, através do ator, podia comunicar ao rei assuntos preocupantes que não lhe podiam encaminhar em outros momentos. No entanto, durante o reinado desta última dinastia, a tradição havia caducado e a fala final tornara-se apenas mais um elogio ao divino faraó.

Há dias eu vinha pedindo a Tanus que ensiasse a fala comigo, mas todas as vezes ele me escapara com desculpas tão frágeis que me deixaram completamente desconfiado de suas intenções.

— Esta é a última oportunidade — insisti, mas ele riu.

— Decidi que meu discurso será uma surpresa, tanto para você quanto para o faraó. Assim, vocês dois o apreciarão ainda mais.

E não houve nada que eu pudesse fazer para persuadi-lo. Às vezes ele consegue ser o jovem mais teimoso e obstinado que já conheci. Contrariado, deixei-o e fui procurar companhia mais gentil.

Quando me inclinei para entrar na tenda de Lostris, parei com um choque. Embora eu mesmo houvesse criado seu figurino e instruído suas aias exatamente como desejava que lhe aplicassem a maquiagem, não estava preparado para a visão etérea que tinha agora à minha frente. Por um instante convenci-me de que havia ocorrido outro milagre e que a deusa realmente emergira do mundo subterrâneo, tomando o lugar de minha senhora. Dei um soluço alto e já começava a cair de joelhos em mística adoração quando minha ama riu e despertou-me da ilusão.

— Não é divertido? Não posso esperar para ver Tanus fantasiado. Tenho certeza de que deve parecer o próprio deus. — Ela girou lentamente para que eu pudesse admirar toda a sua vestimenta, sorrindo para mim por cima do ombro.

— Não mais divino que você, minha senhora — sussurrei.

— Quando começará a peça? — ela perguntou impaciente. — Estou tão excitada que não agüento mais esperar!

Encostei o ouvido à lona da tenda e escutei por um momento o murmúrio dos discursos no grande recinto. Percebi que era a última oração e que a qualquer momento meu senhor Intef chamaria os atores para que se apresentassem.

Peguei a mão de Lostris e apertei-a.

— Lembre-se da longa pausa e do olhar altivo antes da primeira fala — adverti-a, e ela bateu no meu ombro jocosamente.

— Deixe disso, seu velho resmungão. Tudo correrá perfeitamente bem, você verá.

E naquele instante ouvi a voz de meu senhor Intef elevar-se.

— O divino deus faraó Mamose, a Grande Casa do Egito, o Esteio do Reino, o Justo, o Grande, o Onisciente, o Clementíssimo... — os títulos e honrarias continuaram enquanto eu saí apressadamente da tenda de Lostris e ocupei minha posição inicial atrás do pilar central. Espiei ao redor da coluna e vi que o pátio interno do templo estava lotado, e que o faraó e suas esposas mais velhas sentavam-se na primeira fila de bancos baixos de cedro, bebericando *sherbet* fresco ou mordiscando tâmaras e doces.

Meu senhor Intef dirigia-se a eles da plataforma elevada diante do altar que era nosso palco. O corpo principal da cena ainda estava oculto da platéia por cortinas de linho. Examinei-o pela última vez, embora já fosse tarde demais para fazer qualquer modificação.

Por trás das cortinas, o cenário fora decorado com palmeiras e acácias que os jardineiros do palácio haviam transplantado sob minhas instruções. Meus pedreiros haviam sido deslocados do trabalho na tumba real para construir uma cisterna de pedra no fundo do templo, da qual um regato fora desviado através do palco, representando o rio Nilo.

Na parte posterior da cena, pendurados do teto ao piso, havia lençóis de linho esticados, nos quais os artistas da necrópole haviam pintado paisagens maravilhosas. A meia-luz do entardecer e ao tremeluzir das tochas, o efeito era tão realista que transportava o espectador a um mundo diferente, num tempo longínquo.

Havia outras delícias que eu preparara para a diversão do faraó, desde jaulas com animais, pássaros e borboletas que seriam libertados para simular a criação do mundo pelo grande deus Amon-Rá, a fogos e tochas que eu confeccionara com substâncias que produziam brilhantes chamas púrpura e verde e, para inundar o palco de luzes espectrais e nuvens de fumaça como as do submundo onde habitavam os deuses.

— Mamose, filho de Rá, que lhe seja dada a vida eterna! Nós, vossos leais súditos, cidadãos de Tebas, imploramos vossa divina atenção para esta pobre representação que dedicamos a vossa majestade.

Meu senhor Intef concluiu seu discurso de boas-vindas e retomou o lugar. Ao som de uma fanfarra invisível de trompas de carneiro, eu saí de trás do pilar e encarei o público. Todos haviam suportado o

desconforto e o tédio sobre o chão de pedra e estavam agora prontos para o início do divertimento. Uma ovação recebeu minha entrada e até o faraó sorriu de bom grado.

Ergui as duas mãos, pedindo silêncio, e somente quando este foi completo comecei a fala de abertura:

— Um dia, caminhando ao sol, jovem e cheio de vigor, escutei a música fatal nos caniços à margem do Nilo. Não reconheci o som da harpa e não tive medo, pois estava em plena força de minha masculinidade e seguro do afeto de minha amada. A música era de uma beleza surpreendente. Com prazer fui em busca do músico, sem saber que era a Morte e que tocava sua harpa para me atrair.

Nós egípcios somos fascinados pela morte, e eu imediatamente havia tocado uma veia profunda em minha platéia. Todos suspiraram e estremeceram.

— A Morte agarrou-me e levou-me em seus braços esqueléticos até Amon-Rá, o deus-sol, e eu me tornei uno com a luz branca de seu ser. A grande distância eu escutava minha amada chorar, mas não podia vê-la e era como se todos os dias de minha vida nunca houvessem existido.

Esta foi a primeira récita pública de minha prosa, e eu soube de imediato que os havia conquistado, pois seus rostos estavam fascinados e atentos. Não se ouvia um som no templo.

— Então a Morte me enviou a um lugar elevado, de onde eu podia ver o mundo como um brilhante escudo redondo no mar azul dos céus. Vi todos os homens e todas as criaturas que já existiram. Como um possante rio, o tempo corria ao inverso diante de mim. Durante cem mil anos vi suas lutas e suas mortes. Vi todos os homens passarem da morte e da velhice à infância e ao nascimento. O tempo tornou-se cada vez mais remoto, retrocedendo até o nascimento do primeiro homem e da primeira mulher. Vi-os no momento de seu nascimento e mesmo antes. Enfim, não havia mais homens na terra; existiam somente os deuses. Mas o rio do tempo continuou fluindo para trás, além do tempo dos deuses, até Nun, a era da escuridão e do caos primordial. O rio do tempo não podia mais correr para trás, então inverteu-se. O tempo passou a correr adiante da maneira que me era conhecida nos dias de minha vida terrestre, e vi a paixão dos deuses desenrolar-se à minha frente.

Meu público era todo bastante versado na teologia de nosso panteão, mas ninguém havia escutado os mistérios apresentados de maneira tão nova. Todos continuaram silenciosos e absortos quando continuei:

— Do caos e da escuridão de Nun surgiu Amon-Rá, O Que Cria a Si Mesmo. Vi Amon-Rá afagar seu membro gerador, masturbar-se e verter sua semente através da escuridão vazia em poderosas ondas de plasma prateado que conhecemos como a Via Láctea. Dessa semente foram gerados Geb e Nut, a terra e o céu.

— *Bak-her!* — uma voz isolada rompeu o silêncio do templo. — Amém! — O velho abade não pudera se conter e endossava minha visão da criação. Fiquei tão surpreso com sua mudança de ânimo que quase esqueci a próxima fala. Afinal ele fora meu mais severo crítico até então. Eu o havia conquistado completamente, e minha voz ergueu-se triunfante:

— Geb e Nut copularam muito, como fazem o homem e a mulher, e de sua possante união nasceram os deuses Osíris e Seth, e as deusas Ísis e Néftis.

Fiz um amplo gesto e as cortinas de linho foram puxadas lentamente, revelando o mundo fantástico que eu havia criado. Nada semelhante jamais fora visto no Egito e o público fez um "Oh" de espanto. Recuei lentamente e meu lugar foi ocupado pelo deus Osíris. A platéia o reconheceu instantaneamente

pela coifa alta em forma de garrafa, pelos braços cruzados sobre o peito e pelo gancho e a chibata que segurava. Toda casa tinha sua estatueta na capela familiar.

Um grito de reverência saiu de todas as gargantas, e de fato o sedativo que eu administrara a Toda-lhe um estranho brilho ao olhar, uma presença sobrenatural que era convincentemente divina. Com o gancho e o chicote Osíris fez gestos místicos e declamou sonoramente:

— Admirai Atur, o rio!

Mais uma vez o público agitou-se e murmurou ao reconhecer o Nilo. O Nilo era o Egito e o centro do mundo.

— *Bak-her!* — ouviu-se outra voz, e de meu esconderijo entre os pilares fiquei atônito e deliciado ao perceber quem havia falado: o próprio faraó. Minha peça conquistara aprovação secular e divina. Com certeza dali em diante minha versão seria a autorizada, substituindo a original milenar. Eu encontrara um lugar na imortalidade. Meu nome viveria por mil anos.

Com alegria, sinalizei para que abrissem a cisterna e as águas começaram a correr através do palco. A princípio o público não compreendeu, mas então se deu conta de que estava realmente presenciando a revelação do grande rio, e um grito ergueu-se de mil gargantas:

— *Bak-her! Bak-her!*

— Admirai o crescimento das águas! — gritou Osíris, e obedientemente o Nilo se engrossou com a cheia.

— Admirai a baixa das águas! — gritou o deus, e elas encolheram à sua ordem. — Agora elas voltarão a subir!

Eu havia preparados baldes de pigmento para ser adicionado à água na medida em que vertesse da cisterna nos fundos do templo. Primeiro uma tinta verde para simular o período de vazante, e depois, quando voltou a subir, uma coloração mais escura que imitava fielmente a cor das águas carregadas de sedimentos da grande cheia.

— Admirai agora os insetos e os pássaros sobre a terra! — ordenou Osíris, e as gaiolas atrás do palco foram abertas. Uma nuvem barulhenta e rodopiante de pássaros selvagens e borboletas maravilhosamente coloridas encheu o templo.

Os espectadores pareciam crianças, encantadas e absortas, agarrando as borboletas no ar e novamente soltando-as para voar entre os altos pilares. Uma das aves selvagens, uma poupa de longo bico e com lindas penas brancas, castanhas e pretas, voou incauta e pousou na coroa do faraó.

A multidão deliciou-se.

— Uma profecia! — gritavam. — Uma bênção para o rei. Que viva para sempre!

O faraó sorriu.

Foi uma ousadia minha, mas mais tarde confidenciei a meu senhor Intef que havia treinado o pássaro para localizar o faraó, e embora isso fosse quase impossível ele acreditou, dada minha reputação com os animais e aves.

No palco, Osíris passeava pelo paraíso que acabara de criar e preparava o ambiente para o momento dramático em que, com um grito de congelar o sangue, Seth saltava sobre o palco. Mesmo que já o esperassem, ainda assim a presença terrível e poderosa chocou o público, e as mulheres gritaram e cobriram os rostos, espiando por entre os dedos trêmulos.

— Que foi isso que criaste, irmão? — berrou Seth com raiva e ciúme. — Colocas-te acima de mim? Também não sou um deus? Queres para ti toda a criação, de modo que eu, teu irmão, não a possa partilhar?

Osíris respondeu-lhe calmamente, com uma fria e remota dignidade conferida pela droga:

— Nosso pai, Amon-Rá, deu a criação a nós dois. No entanto, ele também nos deu o direito de escolher o que fazer dela, para o bem ou para o mal... — As palavras que eu pusera na boca do deus reverberavam pelo templo. Eram as melhores que eu havia escrito, e o público estava atento. Mas somente eu dentre todos sabia o que estava por vir, e a beleza e a força de minha própria composição pareceram amargas enquanto eu me preparava para o desenrolar.

Osíris chegava ao fim de seu discurso:

— Este é o mundo como o revelei. Se desejares partilhá-lo em paz e amor fraterno, então serás bem-vindo. Mas se vieres com fúria guerreira, se o mal e o ódio encherem teu coração, então ordeno-te que te vás. — Ele levantou o braço direito revestido do linho diáfano e brilhante de sua túnica e apontou o caminho para que Seth deixasse o paraíso terreno.

Seth encolheu os ombros enormes e peludos como um búfalo e berrou tão forte que a saliva voou de seus lábios numa nuvem malcheirosa por causa dos dentes podres. Pude senti-la de onde eu estava. Ele levantou bem alto a larga espada de bronze e avançou para o irmão. Isso não fora ensaiado e pegou Osíris completamente de surpresa. Ele ficou parado com o braço estendido e a lâmina sibilou com a força do golpe ao descer. A mão foi seccionada no pulso de modo tão preciso quanto eu teria podado um rebento da vinha que cresce em meu terraço. Ela caiu aos pés de Osíris e ali ficou, com os dedos tremendo ligeiramente.

A surpresa foi tão completa e a espada, tão aguçada, que por um instante Osíris não se mexeu, a não ser por uma leve oscilação do corpo. O público deve ter pensado que era mais um truque cênico e que a mão decepada fosse postiça. O sangue não correu de imediato, o que favoreceu a ilusão. Todos ficaram intensamente atentos, mas não alarmados, até que subitamente Osíris cambaleou e com um grito terrível agarrou o coto do braço. Só então o sangue jorrou entre seus dedos e esguichou sobre a túnica branca, tingindo-a como vinho. Ainda segurando o braço decepado, Osíris tropeçou pelo palco e começou a gritar, um grito alto e claro de mortal agonia que rompeu a complacência da platéia. Pela primeira vez eles perceberam que não se tratava de encenação, mas continuaram presos num silêncio horrorizado.

Antes que Osíris pudesse alcançar a beira do palco, Seth lançou-se atrás dele sobre as pernas poderosas. Agarrou o braço mutilado e usou-o para arrastar Osíris de volta ao centro do palco, onde o atirou esparramado sobre as pedras. A coroa de lata despencou da cabeça de Osíris e os cachos de cabelos escuros caíram sobre seus ombros enquanto ele chapinhava no próprio sangue.

— Por favor, poupa-me — Osíris gritou, e Seth, parado sobre ele, riu. Foi uma forte gargalhada de verdadeiro prazer. Rasfer se transformara em Seth, e Seth se divertia plenamente.

O riso selvagem despertou a platéia de seu transe. No entanto, a ilusão era perfeita. Não mais acreditavam estar assistindo a uma peça, e para todos eles aquele terrível espetáculo se transformara em realidade. As mulheres gritavam e os homens rugiam de fúria ao observar o assassinato de seu deus.

— Poupe-o! Poupe o grande deus Osíris! — berravam, mas ninguém se levantou de seu assento ou correu até o palco para tentar impedir a consumação da tragédia. Sabiam que as disputas e as paixões dos deuses estavam além da influência dos mortais.

Osíris batia nas pernas de Seth com a mão que lhe restara. Sem parar de rir, Seth agarrou-o pelo punho e puxou o braço com força, examinando-o como um açougueiro inspeciona uma omoplata de bode antes de seccioná-la.

— Corte-o! — gritou uma voz na multidão, cheia de desejo sanguinário. A emoção havia novamente mudado de rumo.

— Mate-o! — gritou mais uma.

Sempre me intrigou a maneira como a visão do sangue e da morte violenta afeta até o mais tranqüilo dos homens. Eu mesmo sentia-me excitado por aquela cena terrível, tomado de náusea e horror, é verdade, mas acima de tudo imbuído de uma excitação revoltante.

Com um golpe casual da espada, Seth decepou o braço de Osíris, que caiu para trás, deixando o membro a tremelicar na mão ensangüentada de Seth. A vítima tentou se levantar, mas não tinha como apoiar-se. Suas pernas davam chutes espasmódicos, a cabeça chicoteava de um lado para outro, e ainda assim ele gritava. Tentei forçar-me a não olhar, mas embora a bile me queimasse o fundo da garganta eu precisava ver.

Seth cortou o braço em três partes, nas juntas do pulso e do cotovelo.

Um de cada vez, atirou os fragmentos para o meio da platéia compacta. Girando pelo ar, eles respingaram com gotas de rubi os de baixo, que rugiam como os leões do zoológico do faraó na hora de comer e levantavam as mãos para agarrar as relíquias de seu deus.

Seth trabalhava com gosto refinado. Cortou os pés de Osíris pelos tornozelos. Depois as panturrilhas pelos joelhos e as coxas pela junta dos quadris. Quando atirava os pedaços, a multidão clamava por mais.

— O talismã de Seth! — berrou uma voz. — Dê-nos o talismã de Seth! — E o grito se generalizou.

Segundo o mito, o talismã é a mais poderosa e mágica das relíquias. A pessoa que o possui controla todas as forças escuras do submundo. É o único dos catorze segmentos do corpo de Osíris que nunca foi recuperado por Isis e sua irmã Néftis dos remotos cantos da terra em que Seth os espalhou. O talismã de Seth é a mesma parte do corpo que Rasfer me extirpara e que constitui a peça principal do belo colar que me foi presenteado cinicamente por meu senhor Intef.

— Dê-nos o talismã de Seth! — urrava a multidão, e Seth, abaixando-se e sem deixar de rir, ergueu a túnica empapada de vermelho do tronco desmembrado a seus pés. Eu tremi ao reconhecer aquele riso impiedoso que tantas vezes ouvira em minhas sessões de castigo. Por empatia, senti mais uma vez o súbito fogo em minha virilha quando a espada brilhou na mão peluda de Seth, já tingida pelo sangue de sua vítima, e ele ergueu bem alto a triste relíquia.

A multidão suplicou por ela.

— Jogue-a para nós — imploravam. — Dê-nos o poder do talismã. — O espetáculo os transformara em bestas enfurecidas.

Seth ignorou seus pedidos.

— Um presente — ele gritou. — Um presente de um deus para outro. Eu, Seth, deus das trevas, dedico este talismã ao deus-faraó Ma-mose, o divino. — Ele desceu os degraus de pedra com suas possantes pernas tortas e depositou a relíquia aos pés do faraó.

Para minha surpresa, o rei inclinou-se e apanhou-a. Sua expressão sob a pintura facial era de encantamento, como se aquela fosse a verdadeira relíquia do deus. Tenho certeza de que nesse momento ele realmente acreditava que o fosse, e a segurou na mão direita durante tudo o que aconteceu a seguir.

Vendo seu presente aceito, Seth voltou ao palco e contemplou a carnificina. O que me apavorava é que a pobre criatura esquartejada ficou viva e consciente até o final. Percebi que a droga que eu dera a Tod pouco fizera para embotar seus sentidos. Vi-o deitado no lago de seu próprio sangue, com uma terrível agonia nos olhos e a cabeça girando de um lado para outro, a única parte móvel do corpo que lhe restara.

Foi para mim um grande alívio quando Seth finalmente cortou-lhe a cabeça fora e levantou-a pelos grossos cachos para que a platéia a admirasse. Mesmo então os olhos da pobre criatura giravam selvagemmente nas órbitas, olhando pela última vez para este mundo. Enfim eles se nublaram e Seth atirou a cabeça para o público.

Assim terminou o primeiro ato de nossa representação, com um aplauso ensurdecador que ameaçou abalar os pilares de granito do templo.



Durante o intervalo, meus ajudantes escravos limparam o palco das terríveis evidências da chacina. Eu estava especialmente preocupado com que minha senhora Lostris não percebesse o que havia acontecido no primeiro ato. Queria que ela acreditasse que tudo se passara conforme havíamos ensaiado. Então arranjei para que ficasse em sua tenda e que um dos homens de Tanus se postasse à entrada para mantê-la ali, e também para garantir que nenhuma das aias kuchitas pudesse espiar o primeiro ato e correr de volta para relatar a Lostris. Eu sabia que se ela soubesse a verdade ficaria perturbada demais para representar seu papel. Enquanto meus auxiliares usavam baldes da água de nosso Nilo cênico para lavar tudo, eu corri até a tenda de minha senhora para tranquilizá-la e para verificar se minhas precauções para salvaguardá-la haviam sido eficazes.

— Oh, Taita, escutei os aplausos — ela me recebeu com alegria. — Estão adorando a peça. Estou tão contente por você! Realmente merece esse sucesso. — Ela riu com ar conspirador. — Parece que eles acreditaram que o assassinato de Osíris foi real e que os baldes de sangue de boi com que você molhou Tod realmente eram do sangue de Osíris.

— De fato, minha senhora, eles pareceram totalmente iludidos por nossos pequenos truques — concordei, apesar de ainda me sentir enojado pelo que acabara de presenciar.

Minha ama Lostris de nada suspeitou, e quando a conduzi ao palco mal olhou para as mórbidas manchas que permaneciam sobre as pedras. Coloquei-a na posição inicial e ajustei a tocha para iluminá-la. Embora eu já estivesse habituado, sua beleza ainda assim provocou um nó em minha garganta e fez meus olhos encher-se de lágrimas.

Deixei-a oculta pelas cortinas de linho e avancei, encarando a platéia. Não houve aplauso sarcástico para receber-me desta vez. Cada um deles, do faraó ao vassalo mais modesto, estava atento à minha voz, enquanto com minha prosa suave eu descrevia os lamentos de Isis e de sua irmã Néftis pela morte do irmão.

Quando desci do palco e a cortina se abriu, revelando a figura enlutada de Isis, o público deu um profundo suspiro diante de sua beleza. Depois do horror e do sangue do primeiro ato, a presença dela tornava-se ainda mais encantadora.

Ísis começou a cantar a lamentação aos mortos e sua voz vibrou pelos sombrios recônditos do templo. Quando ela movia a cabeça, conforme a cadência da voz, a luz da tocha refletia-se num raio vivo e tremeluzente na lua de bronze que encimava sua coroa com chifres.

Observei atentamente o faraó enquanto Lostris cantava. Seus olhos não abandonavam o rosto dela, e seus lábios moviam-se silenciosamente acompanhando as palavras que brotavam da garganta da deusa.

Meu coração é uma gazela ferida pelas garras do leão da tristeza...

Ela se lamentava e o rei era completamente solidário.

Não há mais doçura na colméia nem perfume nas flores do deserto. Minha alma é um templo vazio, abandonado pelo deus do amor.

Na primeira fila, uma ou duas das esposas do rei soluçavam e choravam, mas ninguém sequer as olhava.

Sorrio para a face implacável da morte.

Poderia segui-la com alegria, se me levasse aos braços de meu amado senhor.

Agora não apenas as esposas reais, mas todas as mulheres choramingavam, assim como a maioria dos homens. As palavras e a beleza de Lostris eram demasiadas para que resistissem. Parecia impossível que um deus demonstrasse as mesmas emoções que os mortais, mas lágrimas escorregavam lentamente pelo pó branco no rosto do faraó, que piscava as pálpebras enegrecidas de *kohl* como uma coruja, olhando fixamente para minha senhora Lostris.

Néftis entrou e cantou um dueto com sua irmã, e depois as duas mulheres saíram de mãos dadas à procura dos fragmentos dispersos do cadáver de Osíris.

E claro que eu não havia disposto os verdadeiros membros do corpo de Tod para que elas os encontrassem. Durante o intervalo meus ajudantes os haviam recolhido e levado aos embalsamadores, segundo minhas instruções. Eu pagaria o funeral de Tod do meu próprio bolso. Parecia-me o mínimo a fazer para compensar a desafortunada criatura por minha participação em seu assassinato. Apesar da parte que faltava de sua anatomia, que o faraó ainda segurava na mão, eu esperava que os deuses pudessem fazer uma exceção nesse caso e permitir que a sombra de Tod entrasse no submundo, e que ali ele não tivesse muita raiva de mim. É aconselhável ter amigos onde quer que seja, neste mundo e no próximo.

Para o corpo do deus eu mandara os artistas fúnebres da necrópole executar uma magnífica múmia de papel grosso, representando Osíris em seus trajes completos e na pose mortuária, com os braços cruzados sobre o peito. Eu havia cortado esse invólucro em treze partes, que se encaixavam como um jogo de armar infantil.

A medida que as irmãs recuperavam cada um desses despojos, cantavam um hino em louvor às partes do deus, a suas mãos e pés, a seus membros e tronco, e finalmente a sua divina cabeça.

Esses olhos, como estrelas no firmamento, devem brilhar para sempre. A morte não deve empanar tal beleza, nem as faixas conterão sua majestade.

Quando finalmente as duas irmãs reuniram todo o corpo de Osíris, com exceção do talismã, divagaram em voz alta sobre como poderiam trazê-lo de volta à vida.

Era minha oportunidade de acrescentar ao espetáculo aquele elemento essencial que torna uma produção teatral atraente ao gosto popular. A maioria de nós tem uma ampla faceta lasciva, e o dramaturgo e o poeta devem levar isso em conta se desejarem que sua obra seja apreciada pela maior parte da platéia.

— Só há uma maneira segura de trazer de volta à vida nosso querido senhor e irmão. — Coloquei essas palavras na boca da deusa Néftis. — Uma de nós deve realizar o ato gerador com seu corpo despedaçado, para torná-lo novamente inteiro e insuflar-lhe a fagulha vital.

A essa sugestão, o público agitou-se e inclinou-se para frente em expectativa. Eu previra elementos para atrair mesmo os mais pudicos dentre os presentes, inclusive incesto e necrofilia.

Fora agonizante imaginar como eu representaria no palco o episódio do mito da ressurreição de Osíris. Minha ama havia-me chocado quando se declarara disposta a desempenhar o papel até o fim. Ela tivera até mesmo a audácia de ressaltar, com seu sorrisinho impudente, que ao fazê-lo poderia adquirir experiência e conhecimentos valiosos. Não tive certeza se ela estava brincando ou se realmente faria isso; no entanto, não lhe daria a oportunidade de demonstrar essa boa vontade. Sua reputação e a honra de sua família eram valiosos demais para brincadeiras.

Foi então que, a meu sinal, as cortinas de linho foram puxadas mais uma vez e minha senhora Lostris rapidamente saiu de cena. Foi substituída por uma cortesã de alta classe que costumava efetuar seu comércio num palácio do amor junto ao porto. Eu contratara essa prostituta, dentre as muitas que entrevistei, por causa de seu corpo elegante, que muito se assemelhava ao de minha ama. Em beleza facial certamente ela não chegava perto de Lostris, mas nesse ponto ninguém chegaria.

Assim que a deusa substituta estava a postos, as tochas no fundo do palco foram acesas de modo a projetar sua sombra nas cortinas. Ela começou a despir-se da maneira mais provocante. Os homens da platéia gritaram ao ver suas contorções na sombra, convencidos de estar admirando minha senhora Lostris. A rameira reagia aos uivos com uma exibição cada vez mais sensual, que fez quase tanto sucesso quanto a chacina de Osíris no primeiro ato.

Então chegou o trecho da peça que me havia dado mais trabalho, pois como poderia representar a fecundação sem um membro viril? Havíamos acabado de ver Osíris ser privado do seu. Afinal fui forçado a adotar aquele velho artifício teatral que eu mesmo repudiava no trabalho de outros autores, ou seja, a intervenção dos deuses com seus poderes sobrenaturais.

Enquanto minha senhora Lostris falava das coxias, seu *alter ego* obs-curecido no palco parou sobre a figura mumificada de Osíris e fez uma série de gestos místicos.

— Meu querido irmão, pelos raros e maravilhosos poderes a mim concedidos por nosso antepassado Amon-Rá, eu restauro as partes viris que o cruel Seth brutalmente te arrancou — entouu minha ama.

Eu havia equipado o invólucro da múmia com um aparelho que eu podia erguer através de um delicado fio de linho que corria numa roldana no teto do templo, exatamente acima de onde se encontrava Osíris. Depois das palavras de Isis, o falo de madeira preso às regiões pudendas do deus ergueu-se em majestoso esplendor, longo como meu braço, em plena ereção. A platéia engasgou de admiração.

Quando Isis o acariciou, eu puxei o fio, fazendo-o vibrar e saltar. O público adorou isso, mas gostou ainda mais quando a deusa montou a múmia deitada. A julgar pelas convincentes acrobacias de seu êxtase

simulado, a prostituta que eu escolhera realmente devia ser um dos expoentes de sua arte. O público deu amplo reconhecimento a sua perita atuação, ovacionando-a com assobios e gritando conselhos indecentes.

No clímax dessa exibição as tochas foram apagadas e o templo mergulhou na escuridão. Então fizemos nova substituição e quando a luz se acendeu minha senhora Lostris ocupava o centro do palco com um recém-nascido nos braços. Uma das escravas da cozinha fora suficientemente gentil para dar à luz alguns dias antes, e eu pedira emprestado o bebê para a ocasião.

— Dou-te o filho recém-nascido de Osíris, deus do submundo, e de Isis, deusa da lua e das estrelas. — Lostris ergueu o infante bem alto, e ele, surpreendido pelo mar de estranhos à sua frente, amarrou o rosto minúsculo e ficou rubro enquanto berrava.

Isis ergueu a voz acima da do bebê e gritou:

— Saudai o jovem senhor Hórus, deus do vento e do céu, o falcão celestial!

Metade do público era composta de filhos de Hórus, donos de ilimitado entusiasmo por seu patrono. Todos ergueram-se num tumulto ruidoso e o segundo ato terminou com mais um triunfo para mim e com a mortificação do jovem deus, que ao ser examinado depois revelou ter sujado prodigiosamente as fraldas.



Abri o ato final com mais uma récita minha, descrevendo a infância e a chegada de Hórus à maioridade. Falei sobre a missão sagrada conferida a ele por Isis, e ao fazê-lo as cortinas se abriram para revelar a deusa no centro do palco.

Isis banhava-se no Nilo, auxiliada por suas aias. As vestes molhadas colavam-se ao corpo, fazendo reluzir a gloriosa palidez de sua pele. Os contornos imprecisos de seus seios eram encimados por pequenos botões de rosa virginais.

Tanus, no papel de Hórus, entrou da coxia e imediatamente dominou o palco. Em sua armadura polida e seu orgulho de guerreiro, ele era o contraponto perfeito para a beleza da deusa. A longa lista de suas honras nas batalhas fluviais, juntamente com a mais recente façanha de salvar o navio real, haviam focalizado nele a atenção do povo. Naquele momento Tanus era o bem-amado das multidões. Antes que pudesse falar, começaram a aclamá-lo, e o aplauso prosseguiu por tanto tempo que os atores foram obrigados a se congelar em suas posições iniciais.

Enquanto a ovação girava ao redor de Tanus, localizei alguns rostos na platéia e observei suas reações. Nembet, o Grande Leão do Egito, fazia caretas e resmungava intensamente sob a barba, sem tentar esconder sua animosidade. O faraó sorria graciosamente e balançava a cabeça, de modo que os que se sentavam atrás dele perceberam a aprovação e intensificaram seu entusiasmo. Meu senhor Intef, que nunca foi de navegar contra o vento dominante, sorria o sorriso mais sedoso e balançava a cabeça em uníssono com o rei. Seu olhar, porém, visto de meu ângulo privilegiado, era mortífero.

Finalmente o aplauso cedeu e Tanus pôde falar, não sem dificuldade, porém, pois a cada vez que fazia uma pausa para respirar irrompia mais uma explosão de aplausos. Foi apenas quando Isis começou a cantar que o silêncio completo os rodeou novamente.

O sofrimento de teu pai, o terrível destino que paira sobre nossa casa, tudo isso deve ser revertido.

Isis advertiu seu nobre filho, estendendo-lhe os braços em súplica e comando:

*A maldição de Seth caiu sobre nós, e apenas tu podes rompê-la.*

*Procura nosso monstruoso tio.*

*Saberás quem é ele por sua arrogância e ferocidade.*

*Quando o encontrares, abate-o.*

*Acorrenta-o, subjuga-o à tua vontade, que todos os deuses e todos os homens sejam libertos para sempre de seu terrível poder.*

Ainda cantando, a deusa recuou e deixou o filho entregue à sua tarefa. Como crianças acompanhando uma conhecida canção de ninar, o público sabia muito bem o que esperar e inclinou-se ansiosamente, murmurando em expectativa.

Quando finalmente Seth saltou de volta ao palco para a batalha ca-taclísmica, a antiga luta entre o bem e o mal, a beleza e a feiúra, o dever e a desonra, o público estava preparado. Recebeu Seth com um coro de ódio espontâneo e sincero. Rasfer os desafiava sorrindo e tagarelando, a desfilar pelo palco segurando a genitália e mexendo os quadris num gesto obsceno que deixou a todos possessos de fúria.

— Mate-o, Hórus! — gritavam. — Arrebente sua cara feia! — E Seth exhibia-se diante deles, aguçando sua raiva.

— Mate o assassino do grande deus Osíris! — rugiam num paroxismo de ódio.

— Arrebente-lhe a cara!

— Arranque suas tripas!

A reação da platéia não era de modo algum moderada pelo fato de saber, no fundo, que aquele era Rasfer e não Seth.

— Arranque-lhe a cabeça! — gritavam.

— Mate-o! Mate-o!

Enfim Seth fingiu ver pela primeira vez o sobrinho e aproximou-se dele vibrando a língua entre os dentes pretos, salivando como um idiota e deixando escorrer fios de baba sobre o peito. Eu jamais teria imaginado que Rasfer pudesse se tornar ainda mais repugnante do que a natureza já havia logrado, mas ali ele provou que eu estava enganado.

— Quem é esta criança? — ele perguntou, e arrotou com força no rosto de Hórus. Tanus não estava preparado para isso e recuou involuntariamente, com verdadeira expressão de nojo, ao sentir o hálito de Rasfer e do conteúdo de seu estômago, o vinho em fermentação.

Tanus recuperou-se rapidamente e disse sua próxima fala:

— Sou Hórus, filho de Osíris.

Seth emitiu uma gargalhada zombeteira.

— E o que estás procurando, filho do deus morto?

— Procuo vingar o assassinato de meu nobre pai. Procuo o assassino de Osíris.

— Então tua busca terminou — gritou Seth. — Pois eu sou Seth, o vencedor dos deuses inferiores. Sou Seth, o devorador de estrelas e destruidor de mundos.

Os dois deuses desembainharam as espadas e correram um para o outro, encontrando-se a meio palco com um retinir de bronze quando as lâminas se chocaram. Para reduzir as chances de ferimentos acidentais eu tentara substituir as espadas de bronze por outras de madeira, mas nenhum de meus atores aceitou. O senhor Intef interviu quando Rasfer apelara para ele. Ordenara que fosse permitido levarem suas armas de guerra verdadeiras, e eu fora obrigado a ceder a sua autoridade. Pelo menos isso aumentou o realismo da cena, e os dois estavam agora peito contra peito, de espadas cruzadas, olhando-se fixamente.

Compunham uma dupla extraordinária, tão completamente diferentes, o que realçava a moral da peça, o eterno conflito do bem contra o mal. Tanus era alto, esguio e bonito. Seth era atarracado, de pernas tortas e medonho. O contraste era claro e visceral. O estado de espírito da platéia era tão feroz e acirrado quanto o dos dois protagonistas.

Eles se empurraram simultaneamente e voltaram a investir, golpeando, esquivando-se e golpeando. Eram ambos espadachins altamente qualificados, dentre os melhores dos exércitos faraônicos. Suas lâminas giravam e reluziam à luz das tochas, parecendo tão insubstanciais quanto o sol refletido na superfície do grande rio agitado pelo vento. O som da luta parecia o de asas de pássaros perturbados em seus ninhos no alto e sombrio forro do templo, mas quando se chocavam era com o forte tinido de martelos na forja de um ferreiro.

O que ao observador parecia ser o caos de uma verdadeira batalha era na verdade um baile de meticulosa coreografia e que fora cuidadosamente ensaiado. Cada homem sabia exatamente como desferir cada golpe, e cada esquivada fora marcada. Eram dois atletas soberbos empenhados na atividade para a qual haviam treinado toda a vida, e faziam tudo parecer natural.

Quando Seth golpeava, Hórus esquivava-se tão tarde que a ponta da espada chegava a tocar sua armadura, deixando uma pequena marca reluzente no metal. Então, quando Hórus se lançava adiante em contra-ataque, sua lâmina voava tão perto da cabeça de Seth que um anel de seu cabelo duro e emaranhado foi raspado da cabeça como que por uma navalha de barbeiro. Seus movimentos de pés eram graciosos e intrincados como o das dançarinas do templo, e eles eram ágeis como falcões e leves como leopardos em caçada.

A multidão estava hipnotizada, assim como eu. Deve ter sido, portanto, algum instinto profundo que me alertou, talvez até um sinal dos deuses, quem sabe? De qualquer modo, alguma coisa alheia a mim mesmo afastou meus olhos do espetáculo e voltei-me para meu senhor Intef, sentado na primeira fila.

Mais uma vez, foi o instinto ou meu profundo conhecimento dele, ou seria a intervenção do deus protetor de Tanus o que colocou aquela idéia em minha mente? Um pouco de tudo isso, talvez, mas entendi com completa certeza os motivos daquele sorriso de lobo nas belas feições de meu senhor.

Entendi por que ele havia escolhido Rasfer para representar Seth. Entendi por que não fizera nada para tirar Tanus do papel de Hórus, mesmo depois de ter descoberto a relação entre ele e minha senhora Lostris. Entendi por que ele havia ordenado a utilização de espadas verdadeiras e entendi por que sorria. O massacre não havia terminado ainda. Ele aguardava o resto. Antes que aquele ato terminasse, Rasfer exercitaria mais uma vez seus talentos especiais.

— Tanus! — gritei, avançando. — Cuidado! É uma armadilha. Ele quer... — Meus gritos foram sufocados pelo estrondo da multidão, e eu não chegara a dar dois passos quando me agarraram por trás, pelos dois braços. Tentei libertar-me, mas dois dos rufiões de Rasfer me contiveram e arrastaram para

longe. Haviam sido colocados ali exatamente para um momento como aquele, para impedir que eu alertasse meu amigo.

"Hórus, dai-me forças!", proferi num rápido e silencioso apelo, e em vez de resistir impeli-me na mesma direção em que me puxavam. Por um instante os guardas se desequilibraram e eu safei-me de suas mãos. Consegui chegar à beirada do palco antes que me dominassem novamente. "Hórus, dai-me voz!", supliquei, e então gritei com todo o meu fôlego:

— Tanus! Cuidado! Ele quer matá-lo!

Dessa vez minha voz elevou-se acima do burburinho e Tanus escutou. Vi sua cabeça erguer-se e seus olhos estreitar-se ligeiramente. Mas Rasfer também me ouviu e reagiu de imediato, interrompendo os passos ensaiados. Em vez de recuar diante do redemoinho de golpes que Tanus desferia perto de sua cabeça horrenda, ele investiu e, com um movimento ascendente da espada, forçou Tanus a erguer a própria arma.

Sem o auxílio da surpresa ele jamais teria forçado a abertura de guarda, que aproveitou para investir com todo o peso dos ombros e tronco maciços. A ponta de sua espada visava uma polegada abaixo da borda do capacete de Tanus, precisamente o olho direito. Poderia perfurar-lhe o olho, atravessando o crânio de lado a lado.

No entanto, meu grito de advertência dera a Tanus aquele fugidio momento de graça para reagir. Ele recobrou a guarda em tempo. Com a empunhadura da espada, conseguiu acertar um forte golpe no punho de Rasfer, com impulso suficiente para desviar um dedo a ponta da espada, e no mesmo momento Tanus baixou o queixo e inclinou a cabeça. Foi tarde demais para evitar completamente o impacto, mas o golpe que poderia ter-lhe arrancado o olho e rachado sua cabeça como um melão podre apenas cortou sua sobrelanceira até o osso e resvalou no ombro.

No mesmo instante o sangue verteu da ferida superficial e escorreu sobre o rosto de Tanus, cegando seu olho direito. Ele foi obrigado a recuar diante do ataque violento que Rasfer desferiu então. Cedia terreno desesperadamente, piscando por causa do sangue e tentando enxugá-lo com a mão livre. Parecia incapaz de defender-se, e se eu não estivesse fortemente seguro pelos guardas teria empunhado a pequena adaga incrustada de jóias em minha cintura e corrido em seu auxílio.

Mesmo sem minha ajuda, Tanus conseguiu sobreviver àquele primeiro ataque assassino. Apesar de ter sido ferido mais duas vezes — um corte na coxa esquerda e um talho no braço que segurava a espada —, ele continuou esgrimindo e esquivando-se. Rasfer avançava sem parar, não o deixando recuperar o equilíbrio ou a visão completa. Dentro de alguns minutos Rasfer golpeava rosnando como um javali gigante e escorrendo suor, com o tronco disforme brilhando à luz das tochas, mas a força e a fúria de seu ataque não cediam.

Embora eu não seja um grande espadachim, sou um estudante dessa arte. Havia observado com freqüência Rasfer praticá-la no pátio de armas e conhecia intimamente seu estilo. Sabia que ele era um expoente do ataque *khamsin*, a tática do "vento do deserto". Era uma manobra perfeitamente adequada à sua força bruta e a seu físico. Vira-o praticar em centenas de ocasiões e agora pude perceber pelo movimento de seus pés que se preparava para o esforço final que poria fim a tudo.

Debatendo-me nas mãos de meus captores, gritei para Tanus mais uma vez:

— *Khamsin!* Prepare-se!

Pensei que minha advertência havia sido sufocada pelo rugido que enchia o templo, pois Tanus não demonstrou reação. Mais tarde ele me contou que havia escutado e que, por estar com a visão

prejudicada, esse segundo aviso certamente lhe salvara a vida.

Rasfer recuou meio passo, o prelúdio clássico para o *khamsin*, reduzindo a pressão por um instante para posicionar o adversário para o golpe. Então seu equilíbrio mudou e o pé esquerdo passou à frente. Ele usou esse impulso e toda a força da perna direita para lançar-se de corpo inteiro ao ataque, como um grotesco abutre alçando vôo. Quando seus dois pés se ergueram do chão, a ponta da espada estava dirigida para a garganta de Tanus. Era inexorável. Nada poderia impedir aquela lâmina mortífera de atingir o alvo, a não ser uma defesa clássica de bloqueio.

No preciso instante em que Rasfer estava completamente empenhado no golpe, Tanus lançou-se com idêntica força e maior leveza. Como uma seta deixando o arco, ele voou em linha reta para o adversário.

Quando se chocaram em pleno ar, Tanus capturou a espada de Rasfer com a sua e deixou-a escorregar até o cabo, onde a travou. Foi um bloqueio perfeito.

O peso e a velocidade dos dois homens se impuseram à lâmina de Rasfer, que não suportou a violência. Ela se partiu com um estalo, deixando-o a segurar apenas a empunhadura. Eles estavam mais uma vez abraçados, peito contra peito. A espada de Tanus continuava intacta, mas Rasfer conseguira penetrar sob sua guarda e ele não podia usá-la. Ainda segurando a espada na mão direita, Tanus tinha as duas mãos presas às costas de Rasfer, e os dois se empurravam, bufando.

A luta-livre é uma das disciplinas militares em que todo guerreiro do exército egípcio é treinado. Unidos pelo abraço esmagador, os dois homens giraram pelo palco, cada qual tentando desequilibrar o outro, fulminando-se com os olhos, tentando aplicar rasteiras, golpeando-se com os visores dos capacetes, até então empatados em força e determinação.

O público há muito percebera que aquilo não era mais uma luta encenada, mas um combate mortal. Pensei se seu apetite não teria sido satisfeito pelo que já haviam observado naquela noite, mas não. Eram insaciáveis e uivavam por mais sangue.

Finalmente Rasfer libertou o braço do aperto envolvente de Tanus. Ele ainda segurava o punho da espada partida e com a beirada áspera atacou o rosto de Tanus, visando propositalmente seus olhos e o ferimento na sobrancelha, tentando agravá-lo. Tanus girou a cabeça para evitar os golpes, recebendo-os no topo do capacete de bronze. Como uma cobra ajustando suas curvas ao redor da presa, ele aproveitou o momento para reforçar o aperto esmagador no peito de Rasfer. Comprimiu-o de tal maneira que as feições de Rasfer começaram a estufar e a encher-se de sangue. O ar era forçado para fora de seus pulmões e ele lutava para não sufocar. Começou a enfraquecer visivelmente. Tanus manteve a pressão até que um furúnculo nas costas de Rasfer se distendeu a ponto de estourar, e o pus amarelo espirrou num jato fétido e escorreu pela cintura de sua tanga.

Já sufocando, Rasfer contraiu o rosto devido à dor do abcesso e se deteve. Tanus sentiu-o fraquejar e reuniu suas mais profundas reservas de energia. Mudou o ângulo do próximo impulso, baixando ligeiramente os ombros e forçando o oponente a recuar e a erguer-se nos calcanhares. Rasfer estava desequilibrado e Tanus novamente empurrou, forçando-o mais um passo atrás. Quando conseguiu fazê-lo recuar, manteve o impulso. Ainda preso ao adversário, ele empurrou Rasfer através do palco, conduzindo-o na direção de um dos gigantescos pilares de pedra. Por um momento ninguém percebeu a intenção de Tanus, e então o vimos baixar a ponta da espada na horizontal e pressionar com força a empunhadura contra a espinha de Rasfer.

Em pleno movimento a ponta da espada de Tanus atingiu a sólida coluna. O metal rangeu contra o granito e o choque foi transmitido através da lâmina, detendo os dois homens e golpeando a empunhadura

contra a espinha de Rasfer. Aquilo teria matado um homem mais fraco, e mesmo Rasfer ficou paralisado. Com o último alento de fôlego pútrido, ele soltou um berro de agonia e seus braços abriram-se no ar. O punho quebrado da espada caiu de sua mão e escorregou pelo pavimento de pedra.

Os joelhos de Rasfer dobraram-se e ele amoleceu nos braços de Tanus, que com um empurrão o derrubou de costas. Rasfer aterrissou com tanta força que escutei mais de uma de suas costelas estalar como gravetos numa fogueira. A parte de trás de seu crânio bateu no piso de pedra com o som de um melão do deserto atirado do alto, e o ar lhe escapou dos pulmões com um silvo.

Rasfer rosnou em agonia. Mal tinha forças para levantar o braço em capitulação. Tanus estava tão transportado pelo furor da luta e inflamado pelo rugido da multidão que parecia ensandecido. Parou sobre Rasfer e ergueu a espada, agarrando o cabo com as duas mãos. Era uma visão temível: o sangue da ferida na testa havia tingido seu rosto como uma máscara demoníaca e reluzente. Suor e sangue haviam-lhe empapado os pêlos do peito e manchado suas roupas.

— Mate-o! — trovejou a platéia. — Mate o maligno!

A ponta da espada de Tanus estava voltada para o centro do peito de Rasfer e eu me enrijeci, esperando o golpe que iria empalar aquele corpo horrível. Desejava que Tanus o fizesse, pois odiava Rasfer mais que a qualquer um deles. Os deuses sabem que eu tinha motivos, pois ali estava o monstro que me castrara e eu ansiava por vingança.

Foi em vão. Eu deveria conhecer Tanus melhor e saber que não liquidaria um inimigo rendido. Vi o fogo da loucura atenuar-se em seus olhos. Ele balançou a cabeça ligeiramente, como que para recuperar o controle. Então, em vez de atingir o adversário, baixou lentamente a espada até ela perfurar de leve o peito de Rasfer. A ponta aguda extraiu uma gota de sangue, viva como um rubi entre os pêlos ásperos do peito de Rasfer. Então Tanus retomou a fala de seu personagem:

— Assim, submeto-te a minha vontade e expulso-te da luz. Que vagues por toda a eternidade por locais escuros. Que nunca mais tenhas poder sobre os homens nobres e bons. Dou-te o reinado sobre os ladrões e os covardes, os prepotentes e os traidores, os mentirosos e os assassinos, os saqueadores de tumbas e os violadores de mulheres virtuosas, os blasfemadores e os infiéis. Vai-te, e leva contigo a maldição de Hórus e de seu pai ressuscitado, Osíris.

Tanus afastou a espada do peito de Rasfer e jogou-a para o lado, desarmando-se deliberadamente diante do inimigo para demonstrar seu desprezo. A lâmina caiu com ruído e Tanus aproximou-se da água corrente do nosso Nilo. Apoiou-se num joelho e recolheu o líquido na mão para lavar o sangue do rosto. Então rasgou uma tira de linho de sua túnica e rapidamente amarrou a ferida da cabeça para estancar o sangramento.

Os dois macacos de Rasfer soltaram-me e correram para o palco em socorro de seu comandante caído. Levantaram-no e ele balançou entre os dois, arfando e bufando como um enorme sapo obscuro. Vi que estava seriamente ferido. Eles o arrastaram para fora do palco e o público gritou de desprezo e ódio.

Olhei para meu senhor Intef e vi sua expressão ainda desmascarada, confirmando todas as minhas suspeitas. Fora assim que ele planejara desferir sua vingança contra Tanus: fazê-lo ser executado diante de toda a população e de sua própria filha; fazer o amor de Lostris ser morto diante de seus olhos — esse teria sido o castigo da jovem por contrariar a vontade do pai.

A frustração de meu senhor foi suficiente para fazer-me sentir uma pontada de prazer ao imaginar a recompensa que aguardaria Rasfer. Talvez ele tivesse preferido receber mais do tratamento que Tanus lhe

dispensara à punição que meu senhor Intef lhe infligiria. Meu amo sabia ser cruel com os que deixavam de satisfazê-lo.

Tanus levantou as duas mãos em direção ao teto do templo e gritou bem alto a invocação tradicional dos oradores:

— Amon-Rá, dai-me voz! Osíris, dai-me eloquência!

— Dai-lhe voz! Dai-lhe eloquência! — a multidão ecoou, e seus rostos ainda estavam transportados pelo que haviam observado, mas famintos por mais diversão.

Tanus era uma criatura incomum — um homem de ação, mas também um homem de palavras e idéias. Estou certo de que seria suficientemente generoso para admitir que muitas dessas idéias haviam sido plantadas em sua mente por este escravo submisso, Taita. No entanto, uma vez plantadas, encontraram solo fértil.

No que se refere à oratória, eram famosas as exortações de Tanus a sua esquadra nas vésperas das batalhas. É claro que eu não estivera presente a todas elas, mas me haviam sido relatadas em detalhe por Kratas, seu fiel amigo e tenente. Eu havia copiado vários desses discursos numa série de pergaminhos de papiro, pois eram dignos de ser preservados.

Tanus possuía o jeito simples e a capacidade de atingir diretamente o homem comum. Sempre pensei que muito desse poder especial brotava de sua honestidade transparente e de suas maneiras francas. Os homens confiavam nele e o seguiam de boa vontade por onde os conduzisse, mesmo que fosse para a morte.

Eu ainda estava abalado pelo conflito que acabávamos de presenciar e pela estreita margem pela qual Tanus escapara da armadilha que meu senhor Intef lhe havia montado. Não obstante, estava ávido para ouvir a declamação que Tanus havia preparado sem minha ajuda ou conselho. Para ser honesto, ainda me ressentia um pouco por ele ter recusado minha assistência, e mais que um pouco nervoso quanto ao que ele poderia inventar. Tato e sutileza nunca haviam sido as virtudes mais nobres de Tanus.

Então o faraó fez um gesto convidando-o a falar, cruzando e des-cruzando o gancho e o flagelo cerimoniais e inclinando graciosamente a cabeça. A congregação ficou silenciosa e atenta para não perder uma palavra.

— Sou eu, Hórus, com cabeça de falcão, quem fala — começou Tanus, e todos o incentivaram.

— É mesmo o da cabeça de falcão! Escutem-no!

— *Ha-Ka-Ptah!* — Tanus usou a forma arcaica de que derivara o atual nome do Egito. Poucos sabiam que o significado original era "o templo de Ptah". — Vós falo desta antiga terra dada a nós dez mil anos atrás, na época em que todos os deuses eram jovens. Vós falo dos dois reinos que por natureza são unos e indivisíveis.

O faraó assentiu. Esse era o dogma oficial, aprovado pelas autoridades temporais e religiosas, nenhuma das quais reconhecia o impostor do Baixo Reino ou sequer sua existência.

— Oh, *Kemit!* — Tanus usou outro nome antigo do Egito: a Terra Negra, por causa da cor da lama do Nilo trazida na inundação anual. — Vós falo desta terra abalada e dividida, dilacerada pela guerra civil, sangrando e esgotada de tesouros.

Meu choque espelhava-se no rosto de todos os que o ouviam. Tanus havia acabado de mencionar o impronunciável. Tive vontade de correr para o palco e tapar-lhe a boca com a mão para impedir que prosseguisse, mas estava paralisado.

— Oh, *Ta-Meri!* — Outro nome antigo: a Terra Amada. Tanus havia aprendido bem a história que eu lhe ensinara. — Vos falo de generais velhos e fracos, e almirantes fracos e indecisos demais para retomar o reino roubado pelo usurpador. Vos falo de homens antigos em seus cargos, que gastam vosso tesouro e desperdiçam o sangue de vossos melhores homens como se fossem borra de vinho amargo.

Na segunda fila da platéia, vi Nembet, o Grande Leão do Egito, enrubescer-se de raiva e coçar a barba com fúria. Os outros militares idosos a seu redor franziam a testa e remexiam-se indóceis nos bancos, sacudindo as espadas nas bainhas em sinal de desaprovação. Dentre todos, somente meu senhor Intef sorria ao observar Tanus escapar de uma armadilha apenas para cair em outra.

— Nossa *Ta-Meri* está rodeada de hordas inimigas, e no entanto os filhos dos nobres preferem cortar os próprios polegares a pegar as espadas para protegê-la.

Ao dizer isto, Tanus olhou agudamente para Menset e Sobek, os irmãos mais velhos de Lostris, sentados ao lado do pai na segunda fileira. O decreto real eximia do serviço militar os portadores de deficiências físicas que os tornasse incapazes. Os sacerdotes-cirurgiões do templo de Osíris haviam-se especializado na arte de remover a última falange do polegar, com pouca dor ou perigo de infecção, impossibilitando assim que a mão segurasse uma espada ou puxasse a corda do arco. Os jovens varões exibiam com orgulho suas mutilações enquanto jogavam e festejavam nas tavernas ribeirinhas. Consideravam o dedo amputado não um sinal de covardia, mas de sofisticação e espírito independente. "A guerra é um jogo feito por velhos com as vidas dos jovens", eu ouvira os irmãos de Lostris argumentar. "O patriotismo é um mito concebido por velhos decrépitos para nos meter nesse jogo infernal. Que lutem o quanto quiserem, mas nós não tomaremos parte nisso."

Em vão eu lhes havia perorado que o privilégio da cidadania egípcia encerrava deveres e responsabilidades. Eles me refutaram com a arrogância dos jovens e ignorantes.

Agora, porém, sob o olhar fixo de Tanus, estavam vexados e escondiam as mãos esquerdas nas dobras das roupas. Nenhum deles era canhoto, mas haviam convencido do contrário os oficiais de recrutamento, com sua veemência e um punhado de ouro.

O povo comum no fundo do grande saguão murmurou e bateu os pés em aprovação às palavras de Tanus. Eram os filhos deles que ocupavam os bancos de remadores das galés de combate ou marchavam armados pelas areias do deserto.

Enquanto isso, eu retorcia as mãos em desespero na lateral do palco. Com aquele breve discurso, Tanus transformara em inimigos cinqüenta dos jovens nobres na platéia. Eram homens que um dia herdariam poder e influência no Alto Reino. Sua inimizade superava em cem vezes a adoração do povo, e rezei para que Tanus terminasse. Em poucos minutos havia feito o suficiente para prejudicar-nos a todos durante cem anos, mas ele continuou com amargura:

— Oh, *Ta-Nutri!* — Este era mais um nome antigo: a Terra dos Deuses. — Vos falo dos malfeitores e assaltantes que esperam em emboscada em cada colina e em cada arbusto. O fazendeiro é obrigado a arar com o escudo a seu lado e o viajante deve caminhar com a espada desembainhada.

Mais uma vez o povo simples aplaudiu. A predação dos bandos de assaltantes era um terrível flagelo para todos eles. Ninguém estava seguro além dos muros das cidades, e os ladrões que chamavam a si mesmos de pegas, como os pássaros carniceiros, eram arrogantes e intrépidos. Respeitavam apenas sua própria lei e ninguém estava a salvo deles.

Tanus havia tocado exatamente a nota certa junto ao povo, e subitamente tive consciência de que aquilo era muito mais profundo do que parecia. Revoluções haviam sido forjadas e dinastias de faraós

derrubadas por causa de apelos às massas exatamente como aquele. Com as palavras seguintes de Tanus minhas suspeitas se reforçaram:

— Enquanto os pobres choram sob o açoitado do coletor de impostos, os nobres untam as nádegas de seus formosos rapazes com os preciosos óleos do Oriente...

Uma ovação ergueu-se do fundo do templo, e meus medos foram substituídos por uma tremenda excitação. Aquilo fora planejado cuidadosamente? Seria Tanus mais sutil e insidioso do que eu jamais imaginara?

"Por Hórus!", gritei em meu coração. "O país está pronto para uma revolução, e quem melhor para liderá-la que Tanus?" Só sentia decepção por ele não ter confiado em mim, participando-me seus objetivos. Eu poderia ter planejado uma revolução da mesma forma habilidosa e eficaz como projetava um jardim ou escrevia uma peça teatral.

Estiquei o pescoço para olhar acima das cabeças do público, esperando a qualquer momento ver Kratas e seu irmãos oficiais irromper pelo templo à frente de uma companhia de guerreiros da esquadra. Senti os pêlos dos meus braços e da nuca eriçar-se com excitação enquanto os imaginava arrancando a dupla coroa da cabeça do faraó e colocando-a sobre a fronte manchada de sangue de Tanus. Com que alegria eu teria acompanhado o grito de "Longa vida ao faraó! Longa vida ao rei Tanus!"

Imagens exaltadas giravam diante de mim enquanto Tanus continuava falando. Vi realizar-se a profecia do oráculo do deserto. Sonhei com Tanus sentado ao lado de minha senhora Lostris no trono branco do Egito, comigo em pé atrás deles, resplandecente nos trajes de grão-vizir do Alto Reino. Mas por que ele não me havia consultado antes de embarcar nessa perigosa aventura?

Com o próximo fôlego ele deixou claro o motivo. Eu havia julgado mal meu Tanus, meu honesto, franco e bom Tanus, meu nobre, correto e fiel Tanus, a quem só faltavam artimanhas, falácia e dissimulação.

Não se tratava de um golpe. Era simplesmente Tanus revelando suas próprias idéias, sem medo ou favor. O povo, que momentos antes estivera embevecido por cada palavra pronunciada pela língua dele, então sentiu inesperadamente o gume cortante desse órgão.

— Ouvi-me, ó Egito! O que será de uma terra onde os ineptos tentam suprimir os poderosos dentre eles; onde o patriota é vilipendiado; onde não há ancião reverenciado por sua sabedoria; onde os mesquinhos e invejosos buscam reduzir os homens de valor a seu próprio nível indigno?

Não houve aplausos então, quando os que estavam ao fundo do templo se identificaram na descrição. Sem grande esforço Tanus havia conseguido afastar cada um daqueles homens, grandes e pequenos, ricos e pobres. Oh, por que não me havia consultado?, eu lamentava, mas a resposta era clara. Não me consultara por saber que eu o teria desaconselhado.

— Que ordem existe na sociedade em que um escravo tem a língua livre e se considera igual aos de nobre casta? — ele os olhou fixamente. — Deve o filho ridicularizar o pai e desprezar a sabedoria pela qual pagou em cabelos brancos e rugas na face? Deve a rameira do cais usar anéis de lápis-lazúli e considerar-se superior à esposa virtuosa?

Por Hórus, ele não pouparia ninguém do açoitado de sua língua, pensei com amargura. Como sempre, Tanus estava completamente alheio a sua segurança ao percorrer o caminho que considerava correto e justo.

Apenas uma pessoa no templo estava encantada com o que ele dizia. Lostris apareceu a meu lado e agarrou-me o braço.

— Ele não é maravilhoso, Taita? — sussurrou. — Cada palavra que diz é verdade. Esta noite ele é realmente um jovem deus.

Não encontrei nem palavras nem ânimo para concordar com ela, e pendi a cabeça entristecido enquanto Tanus continuava, incansável:

— Faraó, sois o pai do povo. Nós vos imploramos proteção e socorro. Colocai os assuntos de Estado e de guerra nas mãos de homens honestos e inteligentes. Enviai os desonestos e os idiotas para apodrecer em suas propriedades. Dispensai os sacerdotes infiéis e os servidores do Estado corruptos, os parasitas sobre o corpo de nossa *Ta-Meri*.

Hórus sabe que sou um bom inimigo dos sacerdotes, mas apenas um imbecil ou um homem muito corajoso atrairia sobre si a fúria de todos os importunadores de deus, pois seu poder é infinito e seu ódio, implacável. Quanto aos funcionários públicos, suas linhas de influência e corrupção foram estendidas ao longo de séculos e meu senhor Intef era o chefe deles todos. Eu tremi de pena de meu querido e obtuso amigo, que continuava a oferecer instruções ao faraó para reestruturar toda a sociedade egípcia.

— Acolhei as palavras dos sábios! Oh, rei, honrai o artista e o escriba. Recompensai o bravo guerreiro e o servidor fiel. Extirpai os bandidos e os ladrões da imensidão do deserto. Dai ao povo exemplo e orientação em suas vidas, para que o Egito possa mais uma vez florescer e ser grande.

Tanus caiu de joelhos no centro do palco e abriu os braços.

— Oh, faraó, sois nosso pai. A vós dedicamos nosso amor. Em recompensa, mostrai-nos o amor paterno. Ouvi nossos apelos, nós vos suplicamos.

Até aquele momento eu estivera estupificado pela profundidade da loucura de meu amigo, mas então, tarde demais, recuperei a razão e sinalizei freneticamente para que meus auxiliares de cena fechassem a cortina antes que Tanus pudesse provocar maiores danos. Quando as brilhantes dobras do tecido flutuaram, escondendo-o de vista, o público ficou sentado em atônito silêncio, como se não acreditasse em tudo o que havia escutado e visto naquela noite.

Foi o próprio faraó quem rompeu o encantamento. Ele levantou-se, e o rosto por trás da rígida máscara branca era inescrutável. Ao retirar-se do templo, todos se prostraram diante dele. E antes que meu senhor Intef também se abaixasse em obediência pude ver sua expressão. Era triunfante.



Acompanhei Tanus na volta do templo para seu alojamento parcamente mobiliado, perto do cais onde estava ancorada a esquadra. Caminhava ao lado dele com a mão no punho da adaga, pronto para que as conseqüências de sua ousada franqueza caíssem sobre nós imediatamente, mas Tanus ia despreocupado. Na verdade, parecia extraordinariamente satisfeito consigo mesmo, sem se dar conta da profundidade de sua insensatez. Muitas vezes notei que um homem recém-liberto de uma pressão terrível ou de perigo mortal torna-se efusivo e espirituoso. Tanus, o guerreiro empedernido, não era exceção.

— Já era hora de alguém se erguer e dizer o que precisava ser dito, não acha, meu velho amigo? — sua voz soou alta e clara pelo beco obscuro, como se ele estivesse decidido a atrair qualquer assassino

que nos esperasse. Fiz um consentimento mudo. — Não esperava aquilo de mim, hein? Seja honesto, Taita. Foi apanhado de surpresa, não foi?

— Surpreendeu-nos a todos — concordei, desta vez com mais entusiasmo. — Até mesmo o faraó ficou abalado, como todos perceberam.

— Ele escutou, Taita. E vi que entendeu tudo. Fiz um bom trabalho esta noite, não acha?

Quando tentei abordar o assunto do ataque traiçoeiro de Rasfer e levantar a possibilidade de que tivesse sido inspirado por meu senhor Intef, Tanus discordou.

— Isso é impossível, Taita. Você está sonhando. O senhor Intef foi o melhor amigo de meu pai. Como poderia desejar-me o mal? Além disso, serei seu genro, não é? — E apesar de seus ferimentos, deu uma forte risada que despertou os que dormiam nos pobres casebres pelos quais passávamos, e que gritaram para nos calarmos. Tanus ignorou os protestos. — Não, não, tenho certeza de que você está enganado — continuou. — Foi apenas a inveja de Rasfer manifestando-se de maneira encantadora. Bem, ele pensará melhor na próxima vez. — Tanus passou o braço sobre meu ombro e apertou-me com tanta força que senti dor.

Você me salvou duas vezes esta noite. Sem suas advertências Rasfer teria me acertado duplamente. Como faz essas coisas, Taita? Poderia jurar que é um bruxo secreto e tem o dom da visão interior. — Ele riu novamente.

Como poderia eu reprimir sua felicidade? Ele parecia um menino, um grande e corpulento menino. Não pude deixar de amá-lo ainda mais. Aquela não era a ocasião para mencionar o perigo em que colocara a si mesmo e a todos os seus amigos.

Resolvi deixá-lo regozijar-se; amanhã eu ergueria a voz da razão e da cautela. Então levei-o para casa, costurei o corte em sua testa, lavei os outros ferimentos e untei-os com minha mistura especial de ervas para evitar infecções. Então dei-lhe um pouco da poção de *sheppen* vermelho e deixei o bom Kratas a velar seu sono.

Quando cheguei ao meu apartamento, bem depois da meia-noite, encontrei três mensageiros a me esperar: uma de minha senhora Lostris e dois do derrotado Rasfer. Não havia dúvida a quem eu teria atendido se tivesse escolha, mas não tive. Os brutamontes de Rasfer arrastaram-me até onde ele se encontrava, deitado num colchão empapado de suor, amaldiçoando e gemendo alternadamente, invocando Seth e todos os deuses a testemunhar sua dor e tenacidade.

— Meu bom Taita! — ele me cumprimentou, apoiando-se com esforço num cotovelo. — Você não acreditaria na dor que sinto. Meu peito está em brasa. Juro que todos os ossos nele estão quebrados, e minha cabeça dói como se estivesse apertada por laços de couro cru.

Com pouquíssimo esforço reprimi minhas lágrimas de pena. Mas uma estranha coisa sobre nós, médicos e curandeiros, é que não encontramos forças no coração para negar nossos serviços mesmo à mais abominável criatura que deles necessite. Suspirei com resignação, desembulhei a sacola de couro que continha meu equipamento médico e retirei os instrumentos e unguentos.

Fiquei deliciado ao descobrir que o autodiagnóstico de Rasfer era precisamente correto, e que além das inúmeras contusões e ferimentos superficiais, pelo menos três de suas costelas estavam quebradas e havia um inchaço atrás de sua cabeça quase do tamanho de meu punho. Portanto, eu tinha um motivo perfeitamente válido para aumentar bastante seu sofrimento. Uma das costelas quebradas encontrava-se seriamente deslocada e havia perigo real de que ela perfurasse o pulmão. Enquanto seus dois capangas o

seguravam e Rasfer guinchava e berrava de maneira gratificante, manipulei o osso de volta ao lugar e enrolei seu peito com faixas de linho embebidas em vinagre para que encolhessem ao secar.

Depois dediquei-me ao inchaço em sua cabeça, no local que havia batido no chão de pedra. Os deuses costumam ser generosos. Quando iluminei os olhos de Rasfer com uma lanterna, as pupilas não se contraíram. Não houve a menor dúvida em minha mente de qual seria o tratamento necessário. Havia fluido sangüíneo acumulado no interior de seu desgraçoso crânio. Sem minha ajuda Rasfer estaria morto na tarde seguinte. Repeli a tentação óbvia e lembrei-me dos deveres do cirurgião para com seus pacientes.

Existem provavelmente apenas três cirurgiões em todo o Egito capazes de fazer uma trepanação com boas chances de êxito, e pessoalmente eu não depositaria muita fé nos outros. Mais uma vez ordenei aos dois imbecis de Rasfer que o segurassem, mantendo-lhe o rosto enterrado no colchão. Pela brutalidade dos gestos e a óbvia desconsideração pelas costelas machucadas de seu patrão, deduzi que não estavam exatamente transbordantes de afeição por ele.

Um novo coro de gritos assombrou a noite e alegrou meu trabalho quando fiz uma incisão semicircular ao redor do inchaço no couro cabeludo de Rasfer e descolei do osso uma grande aba de pele. Então nem mesmo os dois brutamontes conseguiram segurá-lo quieto. Seus corcovos faziam o sangue espirrar até o teto do quarto e sobre todos nós, fazendo-nos parecer afetados pela catapora. Finalmente, exasperado, ordenei que lhe amarrassem os tornozelos e pulsos aos postes da cama, com tiras de couro.

— Oh, gentil e doce Taita, a dor é inacreditável. Dê-me apenas uma gota da poção daquela flor, eu lhe suplico, querido amigo — ele balbuciou.

Agora que se encontrava seguramente atado à cama eu podia ser franco com ele.

— Compreendo exatamente como está se sentindo, meu bom Rasfer. Eu também teria ficado grato por um pouco da flor quando você aplicou em *mim* sua faca. infelizmente, velho camarada, meu estoque do remédio terminou e só haverá outra caravana do Oriente daqui a um mês — menti alegremente, pois poucas pessoas sabiam que eu mesmo cultivava o *sheppen* vermelho. Ciente de que o melhor ainda estava por vir, apanhei a broca.

Como médico, a única parte do corpo humano que me intriga é a cabeça. Sob as ordens de meu senhor Intef, todos os cadáveres de criminosos executados são entregues a mim. Além disso, Tanus me trouxera dos campos de batalha diversos espécimes, adequadamente conservados em toneis de salmoura. Dissequei e estudei todos eles, de modo que conheço cada osso do esqueleto e como se encaixa em seu lugar exato. Identifiquei a rota pela qual o alimento entra na boca e percorre o corpo. Localizei o coração, esse grande e incrível órgão, aninhado entre os pálidos foles dos pulmões. Estudei os rios corpóreos pelos quais flui o sangue e observei os dois tipos de sangue que determinam os humores e as emoções do homem.

Existe, é claro, aquele sangue vivo e brilhante que, liberto pelo talho do escalpelo ou o machado do carrasco, jorra em impulsos regulares. Este é o sangue dos pensamentos felizes e das belas emoções, o sangue do amor e da bondade. Depois há aquele sangue escuro e espesso que flui sem o vigor e o ímpeto feliz do outro. Este é o sangue da raiva e da tristeza, dos pensamentos melancólicos e feitos malignos.

Todos esses assuntos eu havia estudado, e preencheria cem rolos de papiro com minhas observações. No meu entender, não há homem no mundo que tenha avançado tanto, certamente nenhum daqueles idiotas do templo com seus amuletos e encantamentos. Duvido que qualquer um deles possa distinguir o fígado do esfíncter anal sem fazer uma invocação a Osíris, jogar os dados divinos e receber adiantadamente uma gorda soma.

Posso dizer com toda a modéstia que nunca conheci um homem que compreendesse o corpo humano melhor que eu, e no entanto a cabeça continua sendo um enigma para mim. Naturalmente entendo que os olhos vêem, o nariz cheira, a boca sente o paladar e os ouvidos escutam — mas qual é o objetivo daquela pasta cinzenta que preenche a cabaça do crânio?

Nunca fui capaz de descobri-lo, e ninguém jamais me ofereceu uma explicação satisfatória, a não ser Tanus, que mais se aproximou disso. Depois de havermos passado uma noite juntos provando a última safra de vinho tinto, ele despertara de madrugada e sugerira com um bocejo: "Seth colocou essa coisa em nossas cabeças para vingar-se da humanidade".

Certa vez conheci um homem que viera com uma caravana de além dos lendários rios gêmeos, Tigre e Eufrates, o qual afirmava ter estudado o mesmo problema. Ele era um sábio, e ao longo de meio ano debatemos inúmeros mistérios. A certa altura ele sugeriu que todas as emoções e os pensamentos humanos não provinham do coração, mas sim daquelas curvas moles e amorfas que constituem o cérebro. Menciono essa afirmação ingênua apenas para demonstrar como até mesmo um homem inteligente e culto pode cometer graves erros.

Ninguém que já tenha examinado o coração, esse poderoso órgão que pulsa com vida própria no centro do corpo, alimentado por grandes nos de sangue e protegido pelas paliçadas de ossos, pode duvidar de que seja ele a fonte da qual vertem todos os pensamentos e emoções.

O coração utiliza o sangue para disseminar essas emoções pelo corpo. Você já sentiu seu coração agitar-se e acelerar diante de uma música maravilhosa, um rosto encantador ou as belas palavras de um discurso eloqüente? E já sentiu alguma coisa saltar dentro de sua cabeça? Mesmo o sábio oriental teve de capitular diante de minha estrita lógica.

Nenhum homem racional pode acreditar que uma massa exangue e leitosa, inerte e enovelada em seu recipiente ósseo, possa gerar os versos de um poema ou o desenho de uma pirâmide, possa fazer um homem amar ou empreender a guerra. Até mesmo os embalsamadores o removem e dispensam, ao preparar um cadáver para a longa jornada.

No entanto há aqui um paradoxo: o fato de que quando essa massa aglutinada sofre qualquer interferência, mesmo a simples pressão de um líquido ali encurralado, o paciente está certamente condenado. É necessário um conhecimento íntimo da estrutura da cabeça e uma maravilhosa destreza para se poder perfurar o crânio sem perturbar o saco que encerra esse mingau. Eu possuo ambos esses atributos.

Enquanto escavava lentamente o osso, incentivado pelos berros de Rasfer, fazia pausas regulares para lavar as lascas de osso com borrifos de vinagre sobre o ferimento. A queimação do líquido pouco acrescentava ao bem-estar do paciente, apenas reforçando o volume de seus gritos.

Subitamente a aguçada broca de bronze atravessou com precisão o crânio e um pequeno e perfeito círculo de osso foi expelido da abertura pela pressão interna. Seguiu-se imediatamente um jorro de sangue escuro e coagulado que me atingiu o rosto. Rasfer descontraíu-se em seguida. Eu soube então, com uma insidiosa pontada de arrependimento, que ele sobreviveria. Enquanto costurava a aba de escalpo de

volta no lugar, cobrindo a abertura em cujas profundezas a *dura mater* pulsava ameaçadoramente, pensei se havia de fato prestado um grande serviço à humanidade ao preservar aquele espécime.

Quando deixei Rasfer com a cabeça envolta em bandagens, roncando e choramingando em porcina autopiedade, percebi que estava completamente exausto. O excitação e os sobressaltos do dia haviam despendido minhas vastas reservas de energia. No entanto, não teria descanso, pois a mensageira de minha senhora Lostris ainda pairava pelo terraço de meu apartamento e saltou sobre mim assim que pisei no primeiro degrau. Só me foi permitido o favor de lavar-me do sangue de Rasfer e trocar minhas vestes manchadas.

Ao entrar em sua câmara, quase incapaz de dar um passo adiante do outro, minha ama recebeu-me com um olhar ardente e o pé tam-borilando com nervosismo.

— Onde é que esteve se escondendo, mestre Taita? — ela desferiu imediatamente. — Mandei buscá-lo muito antes da segunda ronda, e já é quase madrugada. Como ousa fazer-me esperar tanto? Às vezes você esquece sua posição. Conhece muito bem o castigo para os escravos impertinentes!

Lostris estava possessa, depois de deixar que sua impaciência fermentasse durante tantas horas. Quando está enraivecida é de uma beleza estonteante, e ao ver seu pé batendo naquele gesto adorável e tão típico dela pensei que meu coração fosse explodir de amor.

— Não fique aí sorrindo para mim! — ela atirou. — Estou com tanta raiva que poderia mandar açoitá-lo. — Ela bateu novamente o pé e senti o cansaço cair de meus ombros como um fardo pesado. Sua mera presença tinha o poder de revitalizar-me.

— Minha senhora, que papel magnífico desempenhou esta noite! Pareceu a mim e a todos os que a observavam que era de fato a divina deusa a caminhar entre nós...

— Não ouse vir com seus truques. — Ela bateu o pé pela terceira vez, mas já sem muita convicção. — Não vai se safar desta com tanta facilidade.

— É verdade, minha senhora. Quando voltei do templo pelas ruas repletas de gente seu nome estava em todos os lábios. Diziam que seu canto foi o mais belo que jamais escutaram e que havia raptado todos os corações.

— Não acredito numa só palavra — ela afirmou, mas visivelmente tinha dificuldade em sustentar sua fúria. — Na verdade achei minha voz horrível esta noite. Errei o tom pelo menos uma vez e desafinei em várias...

— Devo contradizê-la, senhora. Nunca esteve melhor. E que beleza! Iluminou todo o templo.

Minha senhora Lostris não é realmente vaidosa, mas é uma mulher.

— Que homem terrível! — ela gritou exasperada. — Eu estava realmente disposta a mandá-lo chicotear desta vez. Mas venha sentar-se ao meu lado na cama e conte-me tudo. Ainda estou tão excitada que tenho certeza de que não dormirei por uma semana.

Ela pegou minha mão e conduziu-me até a cama, tagarelando alegremente sobre Tanus e como ele devia ter conquistado todos os corações, assim como ao faraó, com sua apresentação maravilhosa e seu intrépido discurso, e como o infante Hórus havia sujado seu vestido, e se eu realmente achava que ela havia cantado bem todas as árias ou estava apenas dizendo por dizer.

Finalmente tive de contê-la.

— Minha senhora, é quase madrugada e devemos estar prontos para partir com toda a corte, acompanhando o rei na travessia do rio para inspecionar o templo fúnebre e a tumba. Deve dormir um pouco se quiser ter boa aparência numa ocasião tão importante.

— Não tenho sono, Taita — ela protestou, e continuou tagarelando.

Mas alguns minutos depois tombou sobre meu ombro e dormiu no meio de uma frase.

Com delicadeza, pousei sua cabeça no apoio de madeira esculpida e cobri-a com uma manta de peles de macaco. Não consegui sair imediatamente e fiquei vigilante a seu lado. Depois dei-lhe um beijo suave no rosto. Ela não abriu os olhos, mas murmurou sonolenta:

— Acha que terei a oportunidade de falar com o rei amanhã? Somente ele poderá impedir meu pai de mandar Tanus embora.

Não consegui encontrar uma resposta imediata, e enquanto pensava, ela adormeceu completamente.



Mal consegui me arrastar para fora da cama de madrugada, pois parecia ter acabado de fechar os olhos e já era hora de abri-los de novo. Meu reflexo no espelho de bronze pareceu doentio, com os olhos raiados de vermelho. Rapidamente servi-me da maquiagem para encobrir meu triste estado, reforçando as pálpebras com *kohl* e minhas feições pálidas com uma pincelada de anti-mônio. Dois meninos escravos pentearam meu cabelo e fiquei tão satisfeito com o resultado que me sentia quase contente ao correr para o cais particular do grão-vizir, onde estava ancorada a grande nave real.

Fui um dos últimos a me juntar à multidão no ancoradouro, mas ninguém pareceu notar meu atraso, nem sequer minha senhora Lostris, que já se encontrava no convés do navio. Observei-a por um instante.

Ela fora convidada a ficar entre as mulheres reais. Estas incluíam não apenas as esposas do rei, mas suas diversas concubinas e todas as suas filhas. E claro que estas últimas eram o motivo da tristeza do faraó, um bando que variava desde bebês a engatinhar a outras em idade de casar, e nenhum filho homem entre elas. Como seria mantida a imortalidade do faraó sem um herdeiro que garantisse sua linhagem?

Era difícil acreditar que, como eu, Lostris não havia dormido mais que uma ou duas horas, pois parecia fresca e suave como uma das rosas do meu jardim. Mesmo naquele magnífico mostruário de beleza feminina que fora selecionado pelos emissários do faraó ou enviado por seus sátrapas dos confins do império, Lostris destacava-se como uma andorinha entre um bando de pequenos rouxinóis do deserto.

Procurei Tanus, mas sua esquadra já estava adiantada rio acima, pronta para escoltar a travessia do faraó, e o reflexo do sol nascente transformava a superfície do Nilo numa lâmina de prata ofuscante. Não consegui olhar.

Naquele momento ouviu-se o rufo de um tambor e a população esticou os pescoços para ver a passagem pomposa do faraó, do palácio até o navio real.

Naquela manhã ele vestia a pequena coroa *nemes* de linho engomado e dobrado, presa à cabeça com a faixa de ouro do *uraeus*. A naja dourada e ereta, com o pescoço dilatado e os olhos de rubi polido, erguia-se de sua frente. A serpente era o símbolo dos poderes de vida e morte que o faraó detinha sobre seus súditos. O rei não carregava o gancho e a chibata, apenas o cetro dourado. Depois da dupla coroa, este era o tesouro mais sagrado de todas as jóias da coroa, e afirmava-se que tinha mais de mil anos.

Apesar de todo o aparato e o cerimonial, o faraó não usava maquiagem. Sob os raios diretos do sol matinal e sem nada para disfarçar, Mamose não era digno de atenção. Apenas um homenzinho de meia-idade com uma pequena barriga projetando-se sobre a cintura do saiote e feições marcadas por rugas de preocupação.

Quando ele passou por onde eu estava, pareceu reconhecer-me, pois acenou ligeiramente. De imediato prostrei-me no chão e ele fez uma pausa, indicando que me aproximasse. Arrastei-me para a frente sobre as mãos e os joelhos e bati a cabeça três vezes no chão a seus pés.

— Você não é Taita, o poeta? — ele perguntou com sua voz aguda e petulante.

— Sou Taita, o escravo, vossa majestade — respondi. Há ocasiões que exigem um pouco de humildade. — Mas sou também um pobre escrevinhador.

— Bem, Taita, o escravo, você escrevinhou com bons resultados ontem à noite. Nunca me diverti tanto numa apresentação. Editarei um decreto real declarando sua pobre escrevinhação a versão oficial.

Ele anunciou isto alto o suficiente para que toda a corte escutasse, e até meu senhor Intef, que o seguia de perto, demonstrou seu prazer. Como eu era seu escravo, a honra pertencia mais a ele que a mim. No entanto, o faraó não havia terminado.

— Diga-me, escravo Taita, você não é também o cirurgião que recentemente me fez prescrições?

— Majestade, sou o mesmo humilde escravo que tem a temeridade de praticar um pouco de medicina.

— Então, quando seu tratamento fará efeito? — Ele baixara a voz, de modo que apenas eu pude ouvir a pergunta.

— Majestade, o evento acontecerá nove meses depois que vós tiverdes cumprido as condições que enumerei. — Como estávamos agora numa relação de médico e paciente, senti-me seguro para acrescentar: — Haveis seguido a dieta que recomendei?

— Pelos seios copiosos de Isis! — ele exclamou com um tremor inesperado nos olhos. — Estou tão cheio de testículos de touro que não sei como não berro quando um rebanho de vacas passa pelo palácio.

Ele estava tão bem-humorado que experimentei uma piada de minha lavra:

— O faraó já encontrou a novilha que sugeri?

— Infelizmente, doutor, não é tão simples como pode parecer. As mais belas flores logo são visitadas pela abelha. Você estipulou que ela deve ser completamente intocada, não foi?

— Virgem e intocada, e na estação de sua primeira lua vermelha — acrescentei rapidamente, dificultando ao máximo a execução de minha receita. — Já encontrastes alguém que corresponda à descrição, majestade?

Sua expressão mudou novamente e ele sorriu de maneira pensativa. O sorriso pareceu deslocado naquelas feições melancólicas.

— Veremos — ele murmurou. — Veremos...

Virou-se e subiu ao passadiço da embarcação. Quando meu senhor Intef aproximou-se de mim, fez um pequeno gesto ordenando-me que seguisse atrás dele, e então acompanhei-o ao convés do navio real.

O vento havia cedido durante a noite e as águas escuras do rio pareciam pesadas e imóveis como óleo num jarro, perturbadas na superfície apenas pelas marcas e redemoinhos onde fluía a eterna

correnteza, profunda e ligeira. Mesmo Nembet deveria ser capaz de efetuar a travessia nessas condições, embora a esquadra de Tanus aguardasse de forma nada lisonjeira, como se ele estivesse pronto para resgatar o faraó mais uma vez.

Meu senhor Intef chamou-me de lado assim que subimos ao convés.

— Você ainda tem às vezes a capacidade de me surpreender, meu velho querido — sussurrou, apertando meu braço. — Logo quando eu começava a duvidar seriamente de sua lealdade.

Fiquei atônito com essa súbita demonstração de boa vontade, já que as marcas do chicote de Rasfer em minhas costas ainda doíam. No entanto, inclinei a cabeça para ocultar minha expressão e esperei que ele me desse indícios antes de me manifestar, o que fez prontamente:

— Eu não poderia ter escrito uma declamação mais adequada para Tanus recitar diante do faraó. Onde o imbecil do Rasfer fracassou completamente você salvou o dia para mim, como de costume.

Foi então que tudo se encaixou. Ele acreditava que eu fosse o autor da monumental loucura de Tanus e que a tivesse composto para beneficiá-lo. No clamor do templo não havia escutado minhas advertências a Tanus, ou teria percebido tudo.

— Fico feliz de que o senhor esteja contente — murmurei em resposta. Sentia um enorme alívio. Minha posição de influência não fora comprometida. Não era em minha própria pele que eu pensava naquele momento... bem, não inteiramente. Pensava em Tanus e Lostris. Eles precisariam de toda ajuda e proteção que eu lhes pudesse dar durante os dias tempestuosos que os aguardavam. Senti-me grato por ainda estar em posição de lhes ser útil. — Não fiz mais que meu dever. — Assim, extraí o máximo desse golpe de sorte.

— Verá minha gratidão — retrucou meu senhor Intef. — Lembra-se daquele pedaço de terra sobre o canal, atrás do templo de Thoth, sobre qual conversamos há algum tempo?

Com certeza, meu senhor. — Ambos sabíamos que eu cobijava aquele lote há dez anos. Daria um perfeito refúgio para um escritor e um lugar para o qual eu poderia retirar-me na velhice.

— É seu. Em minha próxima audiência, traga-me o documento para que eu o assine.

Fiquei atônito e desconcertado com a maneira indigna pela qual conquistara a terra, em pagamento por um ato de traição imaginário de minha parte. Por um momento pensei em recusar o presente, mas apenas por um momento. Quando me recuperei do choque já havíamos atravessado o rio e entrávamos no canal que corta a planície até o grande mausoléu do faraó Mamose.

Eu havia supervisionado esse canal com um mínimo de ajuda dos arquitetos reais, e planejara virtualmente sozinho o complicado sistema para transportar o corpo do faraó do local de sua morte até o templo fúnebre, onde ocorreria o processo de mumificação.

Imaginei que ele morreria em seu palácio, na adorável ilhota Ele-fantina. Portanto, seu cadáver seria trazido rio abaixo no navio real. Eu projetara o canal para comportar seguramente a embarcação, e agora ela deslizava para dentro dele com tanta precisão quanto uma espada em sua bainha.

Reto como a lâmina de minha adaga, o canal cortava o solo negro da planície aluvial por dois mil passos, até o sopé dos montes saarianos. Dezenas de milhares de escravos haviam trabalhado durante anos para construí-lo e revesti-lo de blocos de pedra. Quando o navio embicou no canal, duzentos escravos fortes agarraram as duas cordas na proa e começaram a puxá-lo lentamente através da planície. Cantavam uma das tristes melodias de trabalho enquanto marchavam em fileiras pelas bordas. Os camponeses que trabalhavam nos campos ao lado do canal acorreram para nos receber. Amontoados nas

margens, pediam bênçãos para o rei e agitavam folhas de palmeira enquanto a grande nave passava majestosamente.

Quando enfim encostamos na doca de pedra sob os muros exteriores do templo semi-acabado, os escravos amarraram as cordas aos anéis de atracação. Meu projeto era tão preciso que a porta de entrada no casco da nave real alinhou-se exatamente com os portais do acesso principal do templo.

A enorme embarcação se deteve, o trombeteiro da proa tocou uma fanfarra em sua trompa de chifre de gazela e a grade de ferro da entrada ergueu-se lentamente, revelando o carro fúnebre real à espera, cercado pela companhia de embalsamadores em suas túnicas púrpura e por cinquenta sacerdotes de Osíris alinhados atrás deles.

Os sacerdotes começaram a cantar enquanto puxavam o carro funerário sobre rolos de madeira até o cais. O faraó bateu palmas deliciado e correu para examinar o grotesco veículo.

Eu não havia participado da concepção daquela celebração do mau gosto. Era inteiramente obra dos sacerdotes. Basta dizer que sob o sol cruel o trabalho em ouro excessivo reluzia tanto que feria os olhos de modo quase tão doloroso quanto a forma em si. Tanto peso em ouro obrigava os sacerdotes a arfar e suar enquanto manejavam a desajeitada arca até o convés do navio, o qual chegou a oscilar de modo alarmante. Aquele peso em ouro poderia ter enchido de grãos todos os silos do Alto Reino ou construído e equipado cinquenta esquadras de navios de combate e pago suas tripulações por dez anos. Era a tentativa dos ineptos artesãos de esconder a pobreza de sua inspiração por trás de um tesouro ofuscante. Se me tivessem dado esse material com que trabalhar, teriam visto algo diferente.

Aquela monstruosidade destinava-se a ser selada na tumba com o corpo do faraó. Por mais que sua construção houvesse contribuído em grande parte para a ruína financeira do reino, o faraó estava maravilhado.

Por sugestão de meu senhor Intef, o rei subiu ao veículo e sentou-se na plataforma destinada a carregar seu sarcófago. Dali ele sorriu para os circunstantes, esquecido de qualquer dignidade e recato real. Provavelmente estava se divertindo mais do que em toda a sua triste vida, refleti com uma ponta de compaixão. A morte seria o clímax para o qual se voltavam toda a sua energia vital e suas expectativas.

Num impulso, ele chamou meu senhor Intef para acompanhá-lo no carro fúnebre e então olhou ao redor do convés repleto como se procurasse mais alguém. Pareceu encontrar quem desejava, pois inclinou-se ligeiramente e falou algo para o grão-vizir.

Meu senhor Intef sorriu e, seguindo suas instruções, apontou para Lostris. Com um gesto, ordenou-lhe que viesse até a arca. Ela ficou claramente confusa e enrubescou sob a maquiagem, um raro fenômeno para alguém que poucas vezes era apanhada desprevenida. No entanto, ela recuperou-se com rapidez e subiu no carro com uma agilidade graciosa e infantil que, como de costume, foi acompanhada por todos os olhares.

Ajoelhou-se diante do rei e tocou a testa três vezes no piso do carro. Então, diante de todos os sacerdotes e de toda a corte, o faraó fez uma coisa extraordinária: estendendo o braço, pegou a mão de Lostris, a fez erguer-se e sentar-se a seu lado na plataforma. Aquilo ultrapassou todo o protocolo, era algo sem precedentes, e vi os ministros trocarem olhares surpresos.

Aconteceu então mais uma coisa, de que eles não se deram conta.

Quando eu era muito jovem, no alojamento dos meninos vivia um velho escravo surdo que se tornou meu amigo. Foi ele quem me ensinou - ler o discurso humano não apenas pelo som, mas pela forma dos

lábios ao emitir as palavras. Era uma habilidade muito útil, através da qual eu podia acompanhar uma conversa no lado oposto de um salão repleto de gente, com músicos a tocar e cem homens a meu redor rindo e gritando entre si.

Ali, diante de meus olhos, vi o faraó dizer suavemente a minha senhora Lostris:

— Mesmo à luz do dia você é tão divina quanto a deusa Isis sob as tochas do templo.

Senti um choque semelhante a um soco na boca do estômago. Eu estivera cego, censurei-me em desespero, ou fora apenas estúpido? Com certeza qualquer imbecil teria previsto o sentido em que minha caprichosa intervenção inclinaria os dados do destino.

Meu insensato conselho ao rei inevitavelmente o teria feito voltar a atenção para minha senhora Lostris. Era como se algum impulso maligno sob a superfície de minha mente houvesse decidido descrevê-la precisamente para ele como a mãe de seu primeiro filho varão. A mais bela virgem do país, a ser tomada na primeira estação depois que sua lua florescesse — era exatamente ela. E depois, ao destacá-la como atriz principal na encenação, eu conseguira exibi-la ao rei sob a melhor luz possível.

Aquilo que eu de súbito percebera estar prestes a acontecer era completamente minha culpa, como se eu houvesse engendrado tudo de propósito. Além disso, não havia nada que pudesse fazer a respeito agora. Fiquei tão revoltado e arrependido debaixo do sol que me vi por um instante privado da fala e do raciocínio.

Quando os suados sacerdotes empurraram o veículo através do portão, a multidão a meu redor disparou atrás e fui carregado inconsciente, como uma folha na correnteza, sem vontade própria. Antes que pudesse recuperar o tino, vi-me no átrio do mausoléu. Comecei a abrir caminho, empurrando as pessoas para alcançar a carruagem antes que chegasse à entrada principal da morgue real.

Enquanto um grupo de sacerdotes empurrava o carro adiante, outro grupo apanhava os rolos de madeira deixados para trás e corria para colocá-los à frente do portentoso veículo dourado. Houve um certo atraso quando ele atingiu a área do pátio que ainda não fora pavimentada. Os sacerdotes distribuíam palha adiante dos rolos para suavizar o percurso áspero e eu esgueirei-me por trás da fileira de enormes leões de pedra que ladeava a avenida, correndo pelo espaço desimpedido até me nivelar à arca. Quando um dos sacerdotes tentou barrar o caminho e impedir-me de chegar à lateral do veículo, dei-lhe um olhar que teria feito os leões de pedra tremer, e cuspi-lhe uma única palavra que raramente se ouvia nos confins do templo e que o fez afastar-se depressa, deixando-me passar.

Quando atingi a lateral do carro vi-me diretamente abaixo de Lostris, perto o suficiente para esticar-me e tocá-la, e para ouvir tudo o que ela dissesse ao rei. Vi imediatamente que havia recuperado a compostura, antes perturbada pelo súbito interesse do faraó, e agora esforçava-se para ser o mais agradável possível. Com desespero, lembrei-me de que ela planejara fazer exatamente aquilo, usando seu favor para obter a permissão real para casar-se com Tanus. Na noite anterior eu havia considerado aquilo uma tagarelice infantil, mas agora estava acontecendo de fato e eu não tinha qualquer poder para impedi-la ou avisá-la sobre as perigosas águas em que navegava.

Se no início desta crônica dei a impressão de que minha senhora Lostris é uma criança frívola, sem uma idéia na linda cabecinha além de sua insensatez romântica e os prazeres da vida, então não cumpri meu papel como historiador destes eventos extraordinários. Embora ainda muito jovem, ela era às vezes de uma maturidade superior a sua idade. As garotas egípcias florescem cedo sob o sol do Nilo. Ela também era uma aluna diligente, de mente brilhante e natureza meditativa e curiosa, o que ao longo dos anos eu fizera o possível para promover.

Sob minha tutela, Lostris atingira um nível que lhe permitia debater com os sacerdotes obscuros dogmas religiosos, defender sua opinião sobre assuntos como a lei da posse da terra com os advogados do palácio e a complicadíssima lei de irrigação que regulamentava a utilização das águas do Nilo. Ela havia lido e absorvido cada um dos pergaminhos da biblioteca do palácio, os quais incluíam várias centenas de minha lavra, desde meus tratados médicos até os ensaios conclusivos sobre táticas de guerra naval, assim como estudos astrológicos sobre os nomes e características dos corpos celestes, manuais sobre arquearia e esgrima, horticultura e falcoaria. Ela era capaz até de discutir comigo meus próprios princípios de arquitetura e compará-los aos do grande Imhotep.

Portanto, estava perfeitamente apta a discutir qualquer assunto, da astrologia à prática guerreira, da política à construção de templos, à mensuração e regulação das águas do Nilo, temas que fascinavam o faraó. Além disso, era capaz de compor rimas e cunhar divertidos trocadilhos, e seu vocabulário era quase tão extenso quanto o meu. Em suma, uma exímia interlocutora, com um ágil senso de humor, articulada, dona de uma voz encantadora e de um bonito riso. Realmente nenhum homem ou deus poderia resistir-lhe, especialmente se pudesse oferecer a alguém sem um filho a promessa de um herdeiro.

Eu precisava adverti-la, mas como poderia um escravo intrometer-se na reunião de pessoas posicionadas tão infinitamente acima dele? Acompanhei nervosamente a carruagem, ouvindo a voz de minha senhora Lostris no tom mais encantador, enquanto ela se dedicava a atrair os favores do rei.

Explicava a ele a maneira como seu templo fúnebre havia sido projetado conforme os mais propícios aspectos astronômicos, os da lua e do zodíaco no instante do nascimento do faraó. É claro que ela meramente repetia conhecimentos que aprendera de mim, pois fora eu quem fizera as observações e orientara o templo na direção dos corpos celestes. No entanto, era tão convincente que me vi acompanhando suas explicações como se as escutasse pela primeira vez.

O carro fúnebre passou entre os pilares do pátio interno do templo e rolou pelo longo claustro, através das portas guardadas que davam para os seis tesouros, onde eram fabricadas e armazenadas oferendas fúnebres para acompanhar o rei na tumba. No final do átrio abriram-se as portas de acácia esculpidas com imagens de todos os deuses do panteão, e entramos no necrotério onde o corpo do faraó seria embal-samado um dia.

Ali na capela solene, o rei desceu do carro e adiantou-se para inspecionar a mesa maciça onde ficaria deitado para o ritual de mumificação. Ao contrário do embalsamamento de uma pessoa comum, a cerimônia real durava setenta dias. A mesa fora esculpida num único bloco de diorito, de três passos de comprimento e dois de largura. Na superfície escura e rajada haviam escavado uma depressão para encaixar a cabeça do rei e sulcos que recolheriam o sangue e outros fluidos libertados pelos escalpelos e instrumentos dos embalsamadores.

O grão-mestre da confraria dos embalsamadores estava parado junto à mesa, pronto para explicar ao rei o processo, e teve uma platéia atenta, pois o faraó parecia fascinado por todos os terríveis detalhes. A certa altura, pareceu prestes a esquecer sua dignidade e a subir no bloco de diorito para experimentar o tamanho, como se fosse um novo traje apresentado pelo alfaiate.

No entanto, ele se conteve com evidente esforço e concentrou-se na descrição do especialista sobre como seria feita a primeira incisão, da garganta até a virilha, e como suas vísceras seriam completamente retiradas e depois repartidas — fígado, pulmões, estômago e entranhas. O coração, centro da centelha divina, seria deixado no lugar, assim como os rins, por sua associação com a água e portanto com o Nilo, fonte da vida.

Depois das edificantes instruções, o faraó examinou minuciosamente os quatro jarros canópicos que receberiam suas vísceras. Estavam dispostos ao lado, numa mesa menor de granito. Os jarros haviam sido esculpidos em alabastro translúcido e reluzente, da cor do leite. Seus suportes tinham a forma dos deuses com cabeças de animais: Anúbis, o chacal, Sobeth, o crocodilo, Thoth, o de cabeça de íbis, Sekhmet com a cabeça de leoa. Seriam os guardiães dos órgãos divinos do faraó até seu despertar na vida eterna.

Na mesma mesa de granito os embalsamadores haviam arranjado seus instrumentos e um conjunto de vasos e ânforas que continham os sais de natro, laças e outras substâncias a ser utilizadas na mumificação. O faraó ficou fascinado pelos reluzentes escalpelos de bronze que o des-ventrariam, e quando o embalsamador mostrou a longa colher pontuda que lhe seria enfiada pelas narinas para recolher o conteúdo de seu crânio, aquela pasta leitosa sobre a qual eu meditara longa e infrutiferamente, ficou fascinado e manuseou o mórbido instrumento com temor reverente.

Quando o rei satisfez sua curiosidade sobre a mesa mortuária, minha senhora Lostris chamou sua atenção para os baixos-relevos coloridos que recobriam as paredes do templo do chão até o teto. As decorações não estavam terminadas, mas eram assim mesmo notáveis por seu desenho e execução. Eu mesmo havia desenhado a maioria dos cartões originais e supervisionara de perto os outros, criados por artistas palacianos. Estes haviam sido riscados nas paredes com bastões de carvão. Depois eu os corrigira e aperfeiçoara a mão livre e agora uma equipe de mestres escultores os estava gravando nos blocos de calcário, seguidos por uma segunda equipe de artistas que pintavam o baixo-relevo já pronto.

A cor dominante que eu escolhera para esses desenhos era o azul, em todas as suas variantes: o azul da asa de gralha, os azuis do céu e do Nilo sob o sol, os azuis das pétalas de orquídea do deserto e o azul brilhante da carpa saltando nas redes de pesca. No entanto, havia também outras cores: todos os vibrantes vermelhos e amarelos que nós egípcios tanto amamos.

O faraó, acompanhado de perto por meu senhor Intef, em sua condição de mantenedor das tumbas reais, fez um lento circuito examinando cada detalhe das altas paredes e comentando a maioria deles. Naturalmente, o tema que eu havia escolhido era o *Livro dos Mortos*, esse mapa minucioso que descreve o caminho pelo além-mundo que a sombra do faraó deverá percorrer, com todas as provas e perigos que deverá enfrentar no trajeto.

Ele se deteve por um longo momento diante de meu desenho do deus Thoth, com a cabeça de pássaro de longo bico curvo, pesando numa balança o coração do faraó contra a pluma da verdade. Se o coração fosse impuro, inclinaria a balança e o deus imediatamente o atiraria ao monstro com cabeça de crocodilo que aguardava para devorá-lo. Suavemente, o rei recitou o mantra protetor inscrito no livro para protegê-lo dessa calamidade, e então passou à próxima gravura.

Era quase meio-dia quando o faraó completou a inspeção do templo mortuário e passou ao pátio onde os cozinheiros do palácio haviam disposto um suntuoso banquete ao ar livre.

— Venha sentar-se aqui, onde poderei conversar mais com você sobre as estrelas! — Mais uma vez o rei ignorou o protocolo e colocou minha senhora Lostris junto de si à mesa do banquete, chegando a deslocar uma das esposas mais velhas para lhe dar lugar. Durante a refeição ele dirigiu a maior parte da conversa a minha ama, que estava agora completamente à vontade e mantinha o rei e todos ao redor cativos de sua inteligência e seu encanto.

Como escravo eu não tinha direito de sentar-me à mesa, é claro, nem podia aproximar-me de minha ama e avisá-la para moderar suas maneiras na presença do rei. Ao contrário, encontrei um lugar no

pedestal de um dos leões de granito, de onde podia observar toda a mesa do banquete e ver tudo o que acontecia. Eu não era o único observador, pois meu senhor Intef sentava-se perto do rei, mas recuado, olhando tudo com olhos brilhantes e implacáveis, como uma aranha bela e mortal no centro de sua teia.

Em certo momento da refeição, um falcão de bico amarelo girou lá no alto e soltou um pio sardônico e zombeteiro. Depressa fiz o sinal contra mau-olhado, pois quem sabe que deus haveria tomado a forma do pássaro para confundir nossas mesquinhas intenções?

Depois da refeição do meio-dia era costume da corte descansar durante uma hora ou mais, especialmente naquela estação mais quente do ano. Mas o faraó estava tão animado que não quis nada disso.

— Agora inspecionaremos os tesouros — anunciou.

Os guardas à porta do primeiro tesouro se afastaram e apresentaram armas quando a comitiva real se aproximou, e as portas foram abertas por dentro.

Eu havia projetado os seis tesouros não apenas como depósito para o vasto tesouro funerário que o faraó vinha colecionando nos últimos doze anos, desde sua ascensão ao duplo trono, mas também como oficinas onde um pequeno exército de artesãos e artistas era empregado permanentemente para aumentar aquela riqueza.

O salão em que entramos era o arsenal, que abrigava a coleção de armas e adereços bélicos e de caça, tanto práticos como cerimoniais, que o rei levaria consigo para o submundo. Com o auxílio de meu senhor Intef, eu providenciara para que os artesãos estivessem em seus postos de trabalho, dando ao rei a oportunidade de vê-los em ação.

A medida que o faraó percorria a fila de bancos, suas perguntas eram tão sagazes e técnicas que os nobres e sacerdotes a quem se dirigiam não sabiam fornecer respostas e buscavam avidamente alguém que o pudesse. Eu fui procurado às pressas na retaguarda da multidão e empurrado adiante para encarar o interrogatório do rei.

— Ah, sim — o faraó sorriu radiante ao me reconhecer. — Não é outro senão o humilde escravo que escreve peças e cura doentes. Ninguém aqui parece saber a composição deste fio de eletrum que envolve o arco de guerra confeccionado para mim por este homem.

— Gracioso faraó, o metal é a combinação de uma parte de cobre com cinco partes de prata e quatro de ouro. O ouro é do tipo vermelho, encontrado apenas nas minas de Lot no deserto ocidental. Nenhum outro dá ao fio a mesma flexibilidade ou elasticidade, é claro.

— É claro — concordou o rei jocosamente. — E como você faz os filamentos tão finos? Estes são finos como meus cabelos.

— Majestade, nós procedemos à extrusão do metal quente girando-o num pêndulo especial que criei com esse objetivo. Depois poderemos observar o processo na fundição de ouro, se vossa majestade o desejar.

Assim, durante o restante do passeio fiquei junto do rei e distraí em parte sua atenção de Lostris, mas ainda assim não encontrei ocasião para falar com ela a sós.

O faraó passeou pelo arsenal inspecionando a grande variedade de armas e armaduras estocadas. Algumas destas haviam pertencido a seus antepassados e sido empregadas em famosas batalhas; outras eram recém-fabricadas e jamais seriam usadas na guerra. Eram todas magníficas, cada qual uma obra-prima da arte da armaria. Havia elmos e placas peitorais de bronze, prata e ouro, espadas de batalha com

cabos de marfim encravados de pedras preciosas, uniformes cerimoniais dos comandantes de cada regimento de elite do rei, escudos e proteções de couro de crocodilo e de hipopótamo, todos decorados com rosetas de ouro. Constituíam uma esplêndida exibição.

Do arsenal cruzamos o átrio até a oficina de mobiliário, onde uma centena de marceneiros trabalhava o cedro, a acácia e o precioso ébano para construir a mobília fúnebre da longa jornada real. Poucas árvores maciças crescem em nosso vale fluvial, e a madeira é um produto escasso e dispendioso, valendo quase seu peso em prata. Qualquer galho precisa ser carregado por centenas de léguas através do deserto ou transportado pelo rio desde as misteriosas terras ao sul. Ali estavam dispostas imensas pilhas de madeira, como se fosse lugar-comum, e a fragrância da serragem fresca perfumava o ar quente.

Observamos os artesãos incrustar a cabeceira do leito faraônico com desenhos de madrepérola e madeiras de cores contrastantes. Outros decoravam os braços das cadeiras com falcões dourados e os encostos dos sofás com cabeças de leão de prata. Nem mesmo os salões do palácio real em Elefantina continham trabalhos tão refinados como os que enfeitariam a tumba real.

Do tesouro mobiliário seguimos para o salão dos escultores. Em mármore, calcário e granito de cem tonalidades diferentes, os artistas esculpam e desbastavam com cinzéis e formões, de modo que um pó fino e pálido pairava no ar. Os pedreiros cobriam os narizes e bocas com faixas de pano, nas quais a poeira se depositava e recobria suas feições com o material insidioso. Alguns tossiam por trás das máscaras enquanto trabalhavam, uma tosse seca e persistente típica de sua profissão. Eu havia dissecado cadáveres de muitos velhos escultores que trabalharam por trinta anos e morreram em seu ofício. Dentro de seus corpos encontrei pulmões petrificados, por isso eu passava o menor tempo possível na oficina de cantaria para não contrair a temível doença.

Não obstante, seus produtos eram maravilhosos de contemplar — estátuas dos deuses e do próprio faraó que pareciam pulsar com vida. Havia imagens em tamanho real do faraó sentado em seu trono ou caminhando, vivo e morto, em sua forma divina ou como mortal. Essas estátuas iriam ladear a longa avenida que conduz do templo fúnebre ao nível do vale até a muralha de montes negros onde estava sendo escavado naquele momento o túmulo final. Por ocasião da morte do faraó, o carro fúnebre dourado, puxado por cem touros brancos, transportaria o sarcófago maciço pela avenida até o local de seu último repouso.

O sarcófago de granito, apenas parcialmente terminado, estava no centro do salão dos pedreiros. Um único bloco de granito rosa extraído das minas de Assuan havia sido transportado rio abaixo numa balsa especialmente construída para essa finalidade. Foram necessários quinhentos escravos para desembarcá-lo e arrastá-lo sobre rolos de madeira até onde jazia agora — uma pedra sólida e oblonga de cinco passos de comprimento, três de largura e três de altura.

Os pedreiros começaram serrando uma grossa fatia de seu topo. Nessa tampa de granito, um mestre estava modelando o faraó mumi-ficado, com os braços cruzados e o gancho e o flagelo em suas mãos mortas. Outro grupo de pedreiros dedicava-se a escavar o interior do bloco de granito para formar um nicho onde se encaixaria perfeitamente a série de caixões internos. Incluindo o enorme sarcófago exterior, seriam sete caixões ao todo, um dentro do outro, como um brinquedo. Sete era um dos números mágicos, é claro. O caixão interno seria de ouro puro, e depois o vimos sendo martelado a partir de uma massa metálica amorfa no salão dos ourives.

Era esse sarcófago múltiplo, essa montanha de pedra e ouro abrigando o cadáver enfaixado do rei, que o grande carro fúnebre dourado carregaria pela avenida até as montanhas, numa lenta jornada que

levaria sete dias inteiros. A carruagem deveria parar a cada noite num dos pequenos santuários dispostos ao longo da avenida.

Um fascinante apêndice ao salão das estátuas era a oficina *ushabti*, nos fundos, onde estavam sendo esculpidas as miniaturas de criados e servidores que acompanhariam o rei. Eram pequenos e perfeitos bonecos de madeira representando todos os graus e ordens da sociedade egípcia que trabalhariam para o rei no além, permitindo-lhe manter sua posição e seu estilo de vida.

Cada *ushabti* era um boneco deliciosamente esculpido, vestido com o uniforme autêntico de sua categoria e portando as ferramentas apropriadas. Havia agricultores e jardineiros, pescadores e padeiros, cervejeiros e criados domésticos, soldados e coletores de impostos, escribas e barbeiros, e mais centenas de trabalhadores comuns para executar qualquer tarefa e para adiantar-se em lugar do rei se ele fosse chamado pelos outros deuses para trabalhar no outro mundo.

A frente desse grupo de figuras havia até um grão-vizir, cujas feições em miniatura lembravam muito as de meu senhor Intef. O faraó pegou o boneco e examinou-o de perto, virando-o para ler a inscrição em suas costas.

Meu nome é senhor Intef, grão-vizir do Alto Reino, único companheiro do faraó, três vezes titular da Comenda de Ouro. Estou pronto a responder pelo rei.

O faraó entregou o boneco a meu senhor Intef.

— Seu físico é realmente tão musculoso, senhor Intef? — perguntou com um sorriso sob a superfície de sua expressão austera, e o grão-vizir inclinou-se ligeiramente.

— O escultor não me fez justiça, vossa majestade.

O último tesouro que o rei visitou naquele dia foi o salão dos ourives. O brilho infernal das fornalhas projetava uma estranha luz nos rostos dos joalheiros, que trabalhavam em seus bancos totalmente concentrados. Eu os havia treinado bem. A entrada do cortejo real, os ourives ajoelharam-se em sincronia para fazer a tripla reverência ao faraó, depois ergueram-se e continuaram a trabalhar.

Mesmo no amplo espaço o calor das chamas das fornalhas era tão sulfuroso que quase impedia a respiração, e logo ficamos banhados de suor. No entanto, o rei estava tão fascinado pela exibição de seus tesouros que nem pareceu notar a atmosfera opressiva. Foi diretamente até o centro do salão, onde os ourives mais experientes e hábeis executavam o caixão de ouro interno. Havia captado à perfeição os traços do faraó no metal reluzente. A máscara se encaixaria com exatidão sobre a cabeça enfaixada. Era uma imagem divina, com olhos de obsidiana e cristal de rocha, e com o *uraeus* de cabeça de cobra rodeando-lhe-a fronte. Acredito que jamais fora produzida uma obra-prima de ourivesaria mais refinada nos mil anos de nossa civilização. Aquela era o zênite, e todas as eras futuras um dia se maravilhariam diante de seu esplendor.

Depois de o faraó ter admirado de todos os ângulos a máscara dourada, parecia incapaz de afastar-se dela. Passou o restante do dia a seu lado, sentado num banco baixo, enquanto se depositavam a seus pés caixas e mais caixas de cedro com requintadas jóias, que eram catalogadas para ele.

Acredito que semelhante tesouro jamais fora acumulado num só lugar e na mesma época. A relação dos itens de modo algum poderia descrever a riqueza e a diversidade daquilo tudo. Mas já havia seis mil quatrocentas e cinqüenta e cinco peças nas caixas de cedro, e todos os dias acrescentavam-se outras à coleção, enquanto os joalheiros trabalhavam sem cessar.

Havia anéis para os dedos e artelhos do faraó; havia amuletos e berloques, pequenas esculturas de ouro dos deuses e deusas; havia colares, braceletes, medalhões e peitorais incrustados de falcões, abutres e todas as criaturas da terra, do céu e do rio esculpidas em ouro; coroas e diademas cravejados de lápis-lazúli, rubis, ágatas, cornalinas, jaspe e todas as pedras caras ao homem civilizado.

A arte com que aquilo fora criado eclipsava tudo o que se produzira nos mil anos precedentes. E com freqüência no declínio de muitas nações que se criam suas mais belas obras de arte. Nos anos de formação do império há a obsessão pela conquista e o acúmulo de riqueza. Somente depois disso ser alcançado vêm o lazer e o desejo de desenvolver as artes, e — mais importante — surgem homens ricos e poderosos para patrociná-las.

O peso em ouro e prata já utilizados na manufatura a do carro fúnebre, da máscara mortuária e de todo o resto daquela espantosa coleção de tesouros excedia os quinhentos *takhs*; portanto, seriam necessários quinhentos homens fortes para carregar tudo. Eu havia calculado que isso era quase um décimo do total desses metais preciosos que havia sido garimpado nos mil anos de nossa história registrada. Tudo isso o rei pretendia levar consigo para a tumba.

Quem sou eu, humilde escravo, para questionar o preço que um rei deseja pagar pela vida eterna? Basta relatar que ao reunir esse tesouro, enquanto ao mesmo tempo conduzia a guerra contra o Baixo Reino, o faraó havia quase sozinho e sem ajuda mergulhado o Egito na mendicância.

Não admira, portanto, que em seu discurso Tanus houvesse destacado a predação dos coletores de impostos como uma das mais terríveis aflições sofridas pelo povo. Entre eles e os bandos de assaltantes que saqueavam o campo, estávamos todos arruinados e esmagados sob um fardo financeiro pesado demais para qualquer um suportar. Para sobreviver tínhamos de nos esquivar da malha dos coletores de impostos. Assim, ao nos transformar em mendigos para seu próprio enriquecimento, o rei ao mesmo tempo fizera de nós criminosos. Muito poucos, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, dormiam tranqüilos à noite. Ficávamos deitados temendo ouvir a qualquer instante a batida forte do coletor em nossa porta.

Ah, triste e maltratada terra, como gemia sob a opressão!



Luxuosos apartamentos haviam sido preparados na necrópole para o rei passar aquela noite na margem ocidental do Nilo, perto de seu último local de repouso nos desolados montes negros.

A necrópole — cidade dos mortos — era quase tão extensa quanto a própria Karnak. Abrigava todos os que estavam ligados à construção e aos cuidados do templo fúnebre e da tumba real. Havia um regimento completo da guarda de elite para proteger os lugares sagrados, pois o usurpador do norte era tão ávido por tesouros quanto nosso querido rei, enquanto os barões do saque no deserto mostravam-se cada dia mais ousados. Os tesouros do mausoléu eram uma aguda tentação para predadores dos dois reinos ou do estrangeiro.

Além dos guardas, havia todas as equipes de artesãos e seus aprendizes para abrigar ali. Eu era responsável pelo registro dos salários e rações, portanto sabia exatamente quanto somavam. No último dia de pagamento seu total chegara a quatro mil, oitocentos e onze. Havia ainda mais de dez mil escravos empregados na obra.

Não me estenderei na descrição da quantidade de bois e carneiros que deviam ser abatidos todos os dias para alimentar tanta gente, nem sobre os carregamentos de peixe trazidos do Nilo, ou os milhares de jarros de cerveja preparados diariamente para aplacar a sede da multidão que trabalhava sob o olhar e o chicote atentos dos vigias.

A necrópole era uma cidade, e nela havia um palácio para o rei. Foi com alívio que ali nos recolhemos para passar a noite, pois havia sido um dia exaustivo. Mas novamente tive pouco descanso.

Tentei comunicar-me com minha senhora Lostris, mas era quase como se houvesse uma conspiração para me afastar dela. Segundo suas pequenas escravas negras, primeiro ela se encontrava no toalete e depois no banho, e mais tarde estava descansando e não podia ser perturbada. Finalmente, como eu continuasse esperando em sua antecâmara, vieram procurar-me da parte de meu senhor Intef e tive de correr até ele.

Assim que entrei no quarto de meu amo ele dispensou todos os outros que ali estavam. Quando ficamos sós, me beijou. Fiquei mais uma vez surpreso com sua benevolência e perturbado por seus modos excitados. Raramente o havia visto com tanto humor e até então isso sempre prenunciara eventos calamitosos.

— Quantas vezes os portais do poder e da fortuna se encontram no lugar mais inesperado! — Ele riu para mim e acariciou meu rosto. — Desta vez estão entre as coxas de uma mulher. Não, meu velho amigo, não banque o inocente. Sei que você cuidou de tudo com mão hábil. O faraó me contou que você o adulou, prometendo-lhe um herdeiro para sua linhagem. Por Seth, como você é ardiloso, hein? Não me disse uma palavra sobre seus planos, elaborou tudo por conta própria!

Ele riu novamente e enrolou entre os dedos um cacho de meus cabelos.

— Deve ter adivinhado minha maior ambição, embora nunca tenhamos discutido nada abertamente. É claro que deveria puni-lo por sua presunção — torceu o cacho de cabelos até fazer brotar lágrimas de meus olhos —, mas como posso sentir raiva se você colocou a dupla coroa ao meu alcance? — Soltou meu cabelo e beijou-me mais uma vez. — Acabo de estar em presença do rei. Daqui a dois dias, no encerramento do festival de Osíris, ele anunciará seu noivado com minha filha, Lostris.

Senti uma repentina escuridão toldar meus olhos e um orvalho gélido formar-se em minha pele.

— O casamento acontecerá no mesmo dia, logo depois da cerimônia final da festa. Certifiquei-me disso, pois não queremos demoras, quando poderia acontecer algo que impedisse tudo, não é mesmo?

Uma boda real tão precipitada era incomum, mas não inédita. Quando se escolhiam noivas para selar uma união política ou para consolidar a conquista de um novo território, geralmente o casamento ocorria no mesmo dia em que era decidido. O faraó Mamose I, antepassado do nosso atual rei, havia se casado no próprio campo de batalha com a filha de um chefe hurrita vencido. No entanto, os precedentes históricos eram pouco reconfortantes para mim agora, ao enfrentar a triste realização de meus piores temores.

Meu senhor Intef não pareceu notar minha tristeza. Estava preocupado com seus próprios interesses imediatos e continuou falando:

— Antes de dar meu consentimento formal à união, consegui fazer o rei concordar que se Lostris lhe der um filho a elevará à posição de primeira esposa e rainha consorte. — Ele bateu palmas sem conter seu triunfo. — É claro que você percebe o que isso significa. Se o faraó morrer antes que meu neto tenha idade para reinar, eu, como avô e parente mais próximo na linha masculina, seria o regente...

Ele interrompeu-se de repente e me olhou fixamente, e eu o conhecia tão bem que compreendi de imediato o que passava por sua cabeça. Estava amargamente arrependido dessa indiscrição, ninguém deveria ter ouvido o pensamento que expressara. Era pura traição. Se Lostris desse um filho ao faraó, o pai não viveria muito. Ambos havíamos compreendido. Meu senhor Intef manifestara a intenção de regicídio, e já pensava em eliminar a única pessoa que o havia escutado, o humilde escravo Taita. Ambos entendíamos isso claramente.

— Meu senhor, fico apenas feliz por tudo ter saído do modo como planejei. Admito agora que agi sinuosamente para colocar sua filha no caminho do rei, e que a descrevi para ele como a mãe de seu futuro filho. Utilizei a encenação como pretexto para atrair sua atenção para Lostris. No entanto, eu não poderia lhe falar de assuntos tão importantes enquanto não estivessem perfeitamente elaborados. Mas ainda há muito que necessitamos fazer antes de podermos nos considerar seguros... — E comecei rapidamente a enumerar uma lista de tudo o que poderia sair errado antes que ele obtivesse o controle da coroa e do cetro de ouro do Egito. Com habilidade, deixei claro que ele necessitava de mim se desejava alcançar seus objetivos. Vi-o descontraír-se enquanto acompanhava a argumentação e soube que pelo menos no futuro imediato eu estaria a salvo.

Passou-se algum tempo até que consegui escapar da presença dele e correr para advertir minha senhora Lostris da terrível situação em que a havia colocado. Mas antes de alcançar sua porta percebi que meu alerta teria como única conseqüência perturbá-la até o ponto da loucura ou mesmo do suicídio. Eu não podia perder mais tempo se quisesse impedir que os fatos se sucedessem até sua trágica conclusão.

Havia apenas uma pessoa a quem eu podia recorrer agora.



Saí da necrópole e percorri o caminho à borda do canal até a margem do rio, onde sabia que os regimentos de Tanus acampariam. A lua estaria cheia dali a três dias, e iluminava os montes recortados no horizonte a oeste com uma fria irradiação amarelada, projetando sombras negras na planície abaixo. Enquanto me apressava, recitei mentalmente uma lista completa das calamidades e infortúnios que poderiam atingir Tanus, minha senhora Lostris e a mim mesmo nos dias futuros. Eu me instigava do mesmo modo que um leão de juba negra acirra seus ânimos com o aguilhão de sua cauda antes de atacar o caçador no deserto. Assim, estava num humor fulminante quando cheguei à margem do Nilo.

Encontrei sem dificuldade o acampamento de Tanus, na entrada do canal, com os navios da esquadra ancorados em frente às tendas. As sentinelas me detiveram e, depois de me reconhecer, levaram-me à barraca de seu chefe.

Tanus tomava a ceia com Kratas e mais quatro oficiais. Levantou-se para me receber com um sorriso e ofereceu-me a caneca de cerveja que segurava.

— Que prazer inesperado, velho amigo! Sente-se ao meu lado e tome um gole da minha cerveja enquanto o escravo lhe traz uma caneca e um prato. Parece encalorado e sem fôlego...

Interrompi essas amenidades, devolvendo-lhe com fúria:

— Por Seth, seu grande tolo insensato! Não compreende o perigo em que nos colocou? Você e sua boca tagarela! Não pensou na segurança e no bem-estar de minha ama?

Na verdade eu não planejava ser tão áspero com ele, mas depois de começar fui incapaz de controlar minhas emoções, e todo o meu medo e minha ansiedade saíram aos borbotões numa enxurrada de invectivas. Nem tudo de que eu o acusava era verdadeiro ou justo, mas depois de despejar aquela torrente de acusações senti-me melhor.

A expressão de Tanus se alterou e ele levantou uma das mãos como que para defender-se.

— Epa! Apanhou-me desprevenido. Estou desarmado e incapaz de me defender desse ataque assassino. — Diante dos oficiais, adotou um tom jocoso, mas tinha os lábios comprimidos quando agarrou meu braço e levou-me para fora da tenda, no escuro, quase me arrastando até o campo enluarado. Eu parecia uma criança segura por aquela mão perita em brandir a espada e vergar o grande arco Lanata.

— Agora fale tudo — ele ordenou asperamente. — O que aconteceu para deixá-lo nesse péssimo humor?

Eu ainda estava enraivecido, embora mais de medo que de ódio, e minha língua disparou novamente:

— Passei a metade da minha vida tentando protegê-lo de sua própria estupidez e estou cansado disso. Não compreende nada sobre a vida? Realmente acredita que poderá escapar ileso da incrível loucura em que nos atirou a todos ontem à noite?

— Está falando da minha declamação na peça? — Ele parecia surpreso e afrouxou o aperto da mão em meu braço. — Como pode dizer que foi uma loucura? Os meus oficiais e todas as outras pessoas com quem falei adoraram o que eu disse...

— Idiota, não vê que a opinião dos seus oficiais e de todos os seus amigos vale menos que um peixe podre no cômputo geral das coisas? Sob qualquer outro governante você já estaria morto, e mesmo o nosso velho e indeciso rei não pode se permitir deixá-lo escapar às conseqüências de sua insolência. E mais do que vale seu trono. Você terá de pagar a conta, Tanus, senhor Harrab. Hórus sabe disso, e será uma conta pesada.

— Você fala por enigmas — ele retrucou. — Prestei um grande serviço ao rei. Ele está rodeado de bajuladores que lhe dizem as mentiras que consideram adequadas. Já era tempo de ele conhecer a verdade, e meu coração sabe que quando avaliar melhor as coisas me será grato.

Minha raiva começou a evaporar diante de sua fé simples e inabalável no triunfo do bem.

— Tanus, meu querido amigo, como você é inocente! Nenhum homem fica grato por ter a verdade impalatável empurrada por sua goela abaixo. Mas, à parte isso, você se colocou nas mãos de meu senhor Intef.

— O senhor Intef? — Ele me observou com dureza. — O que tem o senhor Intef? Você fala como se ele fosse meu inimigo. O grão-vizir foi o melhor amigo de meu pai. Sei que posso confiar nele para proteger-me. Fez um juramento a meu pai em seu leito de morte...

Percebi que apesar do caráter bondoso de Tanus e de nossa amizade ele realmente estava ficando enraivecido comigo, talvez pela primeira vez em sua vida. Eu também sabia que a raiva do jovem, embora demorasse a se manifestar, era algo a se temer.

— Oh, Tanus! — Dominei enfim minha própria raiva. — Fui injusto com você. Há tantas coisas que lhe deveria ter dito e nunca disse. Tudo é muito diferente do que você pensa. Fui um covarde, mas não pude lhe dizer que o senhor Intef era o mais mortal inimigo de seu pai.

— Como pode ser verdade? — Tanus balançou a cabeça. — Eles eram amigos tão próximos. Minhas primeiras lembranças são dos dois rindo juntos. Meu pai disse que eu podia confiar minha própria vida ao senhor Intef.

— O nobre Pianki, senhor Harrab, acreditava nisso, é verdade. Essa crença custou-lhe toda a sua fortuna e finalmente a vida, que ele depositou nas mãos de Intef.

— Não, não, você deve estar enganado. Meu pai foi vítima de uma série de infortúnios...

— E cada um desses infortúnios foi engendrado por meu senhor Intef. Ele invejava seu pai por suas virtudes e sua popularidade, por sua riqueza e sua influência junto ao faraó. Percebeu que o senhor Harrab seria nomeado grão-vizir, e não ele mesmo, e o odiava por tudo isso.

— Não posso acreditar em você. Não consigo... — De novo Tanus balançou a cabeça, incrédulo, e finalmente minha raiva desapareceu por completo.

— Vou lhe explicar tudo, como deveria ter feito há muito tempo. Vou dar todas as provas de que você precisa. Mas agora não há tempo para isso. Deve confiar em mim, Tanus! Meu senhor Intef o odeia com a mesma força que odiava seu pai. Você e minha senhora Lostris correm perigo. Arriscam mais que a própria vida, podem perder um ao outro para sempre.

— Mas como isso é possível, Taita? — Ele estava confuso e abalado por minhas palavras. — Pensei que meu senhor Intef havia concordado com nossa união. Então não falou com ele?

— Sim, falei com ele — gritei, agarrando a mão de Tanus e passando-a pelas minhas costas. — Esta foi a resposta. Sinta as marcas do chicote! Ele me açoitou apenas por ter sugerido o casamento entre você e minha senhora. Esse é o ódio que ele tem por você e sua família.

Tanus olhou-me fixamente sem dizer nada, mas vi que afinal acreditara em mim. Então pude abordar o assunto que dominava meus pensamentos ainda mais que seu discurso destemperado ou a vingança que o grão-vizir empreendera contra ele tantos anos atrás.

— Ouça-me, querido amigo, e prepare-se para um futuro ainda mais sombrio. — Não havia outra forma de explicar-lhe, a não ser essa, tão direta quanto a que ele mesmo teria usado. — Longe de concordar com seu casamento, meu senhor Intef prometeu nesta noite a mão de sua filha a outro. Ela deverá casar-se imediatamente com o faraó Ma-mose, e depois que lhe der um filho homem tornar-se-á sua primeira esposa e consorte. O rei fará o proclama pessoalmente no fim do festival de Osíris. O casamento terá lugar na mesma noite.

Tanus oscilou sobre os pés e seu rosto ficou fantasmagórico ao luar. Nenhum de nós conseguiu falar por um longo instante, e então Tanus afastou-se, caminhando sozinho pelo campo de milho. Eu o segui, mantendo-o à vista, até que ele encontrou uma pedra preta e sentou-se nela com o ar cansado de um velho. Aproximei-me lentamente e sentei-me a seu lado. Fiquei em silêncio até que ele suspirou e perguntou em voz baixa:

— Lostris consentiu com esse casamento?

— É claro que não. Provavelmente ainda não sabe de nada a respeito. Mas você acha que sua objeção teria algum efeito contra o desejo de seu pai e do faraó? Ela não terá qualquer poder de decisão no assunto.

— O que vamos fazer, velho amigo?

Atormentado, fiquei feliz por ele ter usado o plural, incluindo-me e reafirmando nossa amizade.

— Há outra probabilidade que devemos enfrentar — adverti-o. — E que no mesmo discurso em que o faraó anunciará o matrimônio com Lostris, ele ordene sua prisão ou, pior, decrete sua sentença de morte. Meu senhor Intef tem influência sobre o rei e certamente o convencerá disso. Na verdade ele teria bons motivos. Você com certeza será acusado de insurreição.

— Não me importa viver se não puder me casar com Lostris. Se o rei a tomar de mim, receberá minha cabeça como presente de casamento — Tanus falou com franqueza, sem qualquer dramaticidade, de modo que me foi difícil fingir raiva e colocar na voz um tom desdenhoso:

— Você fala como uma velha frágil e digna de pena, entregando-se ao destino sem lutar. Que belo e imorredouro amor é o seu, se nem pretende lutar por ela!

— Como lutar contra um rei e um deus? — ele perguntou calmamente. — Um rei a quem se jurou fidelidade e um deus que é tão remoto e inatingível quanto o sol?

— Como rei ele não merece sua fidelidade. Você deixou isso bem claro no discurso. É um velho fraco e indeciso que dividiu os dois reinos e levou nossa *Ta-Meri* à desgraça.

— E como deus? — perguntou Tanus novamente tranqüilo, como se não estivesse interessado na resposta. Mas eu sabia que ele era um homem devoto e religioso, o que é comum a muitos grandes guerreiros.

— Um deus? — perguntei com sarcasmo. — Você tem mais espírito divino num braço do que ele em todo o seu corpo flácido.

— Então o que você sugere? — ele perguntou com uma suavidade exasperante. — O que acha que devo fazer?

Tomei fôlego e então exclamei:

— Seus oficiais e seus soldados o seguiriam até os portões do além. O povo o ama por sua coragem e sua honra... — Hesitei, pois a expressão dele ao luar não me encorajava a continuar.

Tanus ficou em silêncio pelo tempo de meu coração bater vinte vezes e então ordenou em voz calma:

— Continue. Diga o que tem a dizer.

— Tanus, você daria o mais nobre faraó que nossa terra-mãe conheceu em mil anos. Com minha senhora Lostris a seu lado no trono, você poderia conduzir este país e seu povo de volta à grandeza. Convoque os regimentos e lidere seus homens pela avenida até onde aquele faraó indigno repousa desprotegido e vulnerável. Amanhã ao nascer do sol você poderia governar o Alto Reino. Daqui a um ano, nesta época, teria derrotado o usurpador e reunido os dois reinos. — Levantei-me de um salto e encarei-o. — Tanus, senhor Harrab, seu destino e o da mulher a quem ama o aguarda. Agarre-o com suas fortes mãos guerreiras!

— Mãos guerreiras, sim. — Ele as ergueu diante do meu rosto. — Mãos que lutaram por minha terra-mãe e protegeram seu rei de direito. Você está me julgando mal, velho amigo. Não são as mãos de um traidor, nem este é o coração de um blasfemo que tentaria derrubar e destruir um deus e tomar seu lugar no panteão.

Frustrado, resmunguei em voz alta:

— Você daria o maior faraó dos últimos quinhentos anos, e não precisaria proclamar sua divindade, se a idéia o repugna. Faça-o, eu lhe suplico, pelo bem do nosso Egito e da mulher que ambos amamos!

— Lostris ainda amaria um traidor como amou o soldado e o patriota? Acho que não. — Ele balançou a cabeça.

— Ela o amaria não importa o que acontecesse... — comecei, mas Tanus me interrompeu.

— Você não irá me convencer. Lostris é uma mulher virtuosa e honrada. Como traidor e ladrão, eu perderia o direito a ser respeitado por ela. E, o que é igualmente importante, eu não poderia mais respeitar a mim mesmo ou considerar-me digno de seu doce amor, se fizesse o que você pretende. Não fale mais nisso, se dá valor a nossa amizade. Não tenho pretensões à dupla coroa e jamais terei. Hórus, escutai-me e virai-me o rosto para sempre se um dia eu quebrar este juramento.

O assunto estava encerrado, pois eu bem conhecia aquele grande e furioso tolo, a quem amava de todo o coração. Ele realmente fora sincero e manteria sua palavra a qualquer custo.

— Então o que fará, seu maldito obstinado? — atirei-lhe com um olhar fulminante. — Nada do que eu diga tem qualquer valor para você. Quer enfrentar isto sozinho? De repente ficou sábio demais para seguir meus conselhos?

— Estou disposto a ouvir seus conselhos desde que façam sentido para mim. — Ele estendeu o braço e puxou-me para mais perto. — Venha, Taita, ajude-nos. Lostris e eu precisamos de você mais que nunca. Não nos abandone. Ajude-nos a encontrar o caminho honrado.

— Temo que não exista tal coisa — suspirei, sentindo minhas emoções vagar e girar como uma casca de cortiça na correnteza do Nilo. — Mas se não tomar a coroa não ouse permanecer aqui. Deve raptar Lostris e levá-la para longe.

Ele me olhou fixamente sob o luar.

— Deixar o Egito? Não pode estar falando sério. Este é o meu mundo e o de Lostris.

— Não! — tranqüilizei-o. — Não foi isso o que eu quis dizer. Há outro faraó no Egito. Um que necessita de guerreiros e de homens honestos. Você tem muito a oferecer a esse rei. Sua fama no Baixo Reino é tão grande quanto aqui em Karnak. Coloque Lostris a bordo do *Sopro de Hórus* e mande a galé zarpar para o norte. Nenhum outro navio poderá alcançá-los. Em dez dias, com este vento e a correnteza, você poderá apresentar-se na corte do faraó vermelho em Mênfis e jurar fidelidade a...

— Por Hórus, você está decidido a me transformar num traidor! — ele me interrompeu. — Jurar fidelidade ao usurpador, é isso?! E a fidelidade que jurei ao verdadeiro faraó Mamose? Isso não vale nada para você? Que tipo de homem sou eu, que pode fazer o mesmo juramento a cada rei ou renegado que cruzar meu caminho? Um juramento não é algo que se possa cancelar, Taita, é para toda a vida. Fiz meu juramento ao legítimo faraó, Mamose.

— Esse faraó legítimo é o mesmo que se casará com sua amada e ordenará seu enforcamento — mencionei com tristeza, e dessa vez ele vacilou.

— Você tem razão, é claro. Não devemos ficar em Karnak. Mas não me transformarei num traidor ou romperei minha jura solene empunhando a espada contra o rei.

— Seu senso de honra é complicado demais para mim. — Não consegui afastar de minha voz o tom sarcástico. — Tudo o que sei é que poderemos todos virar cadáveres. Você já me disse o que não fará. Agora me conte o que pretende fazer para salvar-se e resgatar minha senhora Lostris de um destino hediondo.

— Sim, meu amigo, você tem todo o direito de estar furioso comigo. Eu lhe pedi ajuda e conselho. Quando os deu, de boa vontade, desprezei-os. Peço-lhe paciência. Fique comigo mais um pouco.

Tanus levantou-se e começou a mover-se de um lado para outro, como um leopardo no zoológico do faraó, resmungando coisas para si mesmo, balançando a cabeça e cerrando os punhos, como se fosse enfrentar um adversário. Finalmente parou diante de mim.

— Não estou preparado para ser um traidor, mas com peso no coração me obrigarei a fazer o papel de covarde. Se Lostris concordar em me acompanhar, e somente nesse caso, estarei pronto para fugir e levá-la embora desta terra que nós dois tanto amamos.

— Para onde irão? — perguntei.

— Sei que Lostris não poderia abandonar o rio. Ele é não apenas a vida dela e a minha, mas também o seu deus. Devemos ficar com Hapi, o rio. Isso só nos deixa um caminho a seguir. — Ele levantou o braço direito, os músculos brilhando ao luar, e apontou para o sul. — Seguiremos o Nilo até as profundezas da África, pelas terras de Kuch e mais além. Ultrapassaremos as cataratas e penetraremos o desconhecido selvagem onde nenhum homem civilizado esteve até hoje. Lá, talvez, se os deuses forem bons, criaremos outra *Ta-Meri* para nós.

— Quem os acompanhará?

— Kratas, é claro, e os meus oficiais e soldados que amam a aventura. Falarei com eles esta noite e lhes darei a opção. Cinco navios, talvez, e os homens para tripulá-los. Deveremos estar prontos para partir ao amanhecer. Você irá até a necrópole buscar Lostris para mim?

— E eu? — perguntei suavemente. — Vai me levar?

— Você? — Tanus riu. Agora que havia tomado a decisão seu humor se elevava como um falcão caçador liberto do punho enluvado. — Você realmente abandonaria seu jardim e seus livros, suas peças de teatro e a construção de templos? A estrada será perigosa e a vida, dura. Você quer realmente isso, Taita?

— Não poderia deixá-lo partir sozinho, sem minha mão refreadora em seu ombro. A que loucuras e perigos você não conduziria minha senhora se eu não estiver lá para orientá-lo?

— Venha! — ele ordenou, dando-me um tapa nas costas. — Nunca duvidei de que viria conosco. Sei que Lostris não partiria sem você, de qualquer maneira. Chega de conversa! Temos trabalho a fazer. Primeiro diremos a Kratas e aos outros nossas intenções, e deixaremos que escolham. Depois você deve voltar à necrópole e trazer Lostris, enquanto faço os preparativos para a partida. Enviarei uma dezena de meus melhores homens para acompanhá-lo, mas devemos nos apressar. Já passa de meia-noite e a terceira ronda se aproxima.

Que tolo romântico sou eu! Estava tão excitado quanto Tanus ao voltarmos para o acampamento. Sentia-me tão exaltado que meu senso de perigo ficou embotado. Foi Tanus quem notou um movimento sinistro à nossa frente, agarrou meu braço e puxou-me para a sombra de uma velha alfarrobeira.

— Um grupo armado — ele sussurrou, e vi o brilho das lâminas de bronze. Era um grande bando, de trinta ou quarenta homens, calculei. — Bandidos, talvez, ou soldados do Baixo Reino — Tanus continuou, e até eu me alarmei com os movimentos disfarçados do bando armado à nossa frente. Não estavam usando o caminho ao longo do canal, mas esgueiravam-se pelo campo aberto, espalhando-se para rodear o acampamento de Tanus na margem do rio.

— Por aqui! — Com seus olhos de soldado experiente ele descobrira um córrego raso que corria para o rio e conduziu-me para lá. Saltamos e corremos o mais que pudemos até alcançarmos o perímetro do acampamento. Então Tanus saiu do córrego e despertou os soldados com um berro.

— Às armas! A mim, guardas azuis! Sigam-me! — Era o grito de reunir da Guarda do Crocodilo Azul, que foi imediatamente ouvido pelos sargentos da companhia. O acampamento instantaneamente ferveu de vida. Os homens que dormiam em volta de fogueiras saltaram e agarraram suas armas ensarilhadas, enquanto as tendas dos oficiais se escancararam como se os ocupantes esperassem acordados pelo comando de Tanus. De espadas na mão, correram para seus postos, liderados por Kratas.

Surpreendeu-me a agilidade da reação deles, embora eu soubesse que eram todos combatentes tarimbados. Antes que eu pudesse inspirar dez vezes eles haviam formado falanges com os escudos sobrepostos e as longas lanças apontando para cima na escuridão. O bando de estranhos na noite deve ter ficado tão surpreso quanto eu com aquela exibição militar, pois embora eu ainda conseguisse discernir na obscuridade as formas vagas de muitos homens e o brilho de suas armas, o ataque assassino que esperávamos nunca se concretizou.

No momento em que Tanus viu a formação pronta, ordenou o avanço. Havíamos muitas vezes discutido as vantagens da ação ofensiva sobre a defesa, e agora os esquadrões maciços moviam-se adiante, prontos para irromper em plena carga ao comando de Tanus. Deve ter sido um espetáculo assustador para os homens que esperavam na escuridão, pois uma voz nos alcançou com uma nota de pânico:

— Somos soldados do faraó, a mando do rei. Parem o ataque!

— Alto, azuis! — Tanus deteve o avanço ameaçador e então perguntou: — A que faraó vocês servem, o usurpador vermelho ou o verdadeiro faraó?

— Servimos ao verdadeiro rei, o divino Mamose, rei do Alto e do Baixo Reinos. Sou o mensageiro real.

— Aproxime-se, mensageiro do rei, que desliza pelas sombras como um ladrão. Adiante-se e diga a que veio! — Tanus convidou-o, mas em voz baixa disse Kratas: — Esteja pronto para uma cilada. Há cheiro de traição no ar. Mande aumentar os fogos para podermos enxergar.

Kratas deu a ordem e braçadas de galhos secos foram atirados às fogueiras. As chamas se ergueram e a escuridão cedeu. No forte clarão o líder do bando estranho aproximou-se e gritou:

— Meu nome é Neter, Melhor dos Dez Mil. Sou o comandante da guarda pessoal do faraó. Trago o selo do falcão para deter Tanus, senhor Harrab.

— Por Hórus, ele está mentindo — rosnou Kratas. — Você não é um criminoso com um mandado de prisão sobre sua cabeça. Ele o está insultando e ao regimento. Deixe-nos atacá-los e enfiarei esse selo do falcão nas suas nádegas.

— Espere! — Tanus conteve-o. — Vamos ouvir o homem. — Ele ergueu a voz novamente: — Mostre-nos o selo, capitão Neter.

Neter levantou uma estatueta de cerâmica azul brilhante, em forma de falcão real. O selo do falcão era o símbolo pessoal do rei. Seu portador atuava com toda a força e a autoridade do próprio faraó. Sob pena de morte, nenhum homem poderia questioná-lo ou impedi-lo de executar as ordens reais. O portador respondia apenas ao rei.

— Eu sou Tanus, senhor Harrab — Tanus admitiu. — E reconheço o selo do falcão.

— Meu senhor, meu senhor! — Kratas murmurou com urgência. — Não vá até o rei. Certamente significará sua morte. Falei com os outros oficiais. O regimento o apoia. Não, o exército inteiro o apoia. Dê-nos a ordem e o faremos rei antes que surja o novo dia.

— Meu ouvido é surdo a essas palavras — Tanus lhe disse suavemente, mas com um peso de ameaça na voz mais decisivo que um grito. — Mas somente esta vez, Kratas, filho de Maydum. Se falar em traição novamente, entregá-lo-ei ao carrasco do rei com minhas próprias mãos.

Ele virou-se para mim e puxou-me ligeiramente para o lado.

— É tarde demais, velho amigo. Os deuses rejeitam nossa aventura. Devo entregar-me ao bom senso do rei. Se ele é realmente um deus, será capaz de enxergar meu coração e ver por si mesmo que não contém nenhum mal. — Ele tocou meu braço num gesto sutil, porém mais significativo que um abraço caloroso. — Procure Lostris e conte-lhe o que aconteceu, diga-lhe por que aconteceu. Diga-lhe que a amo e que aconteça o que acontecer a amarei nesta vida e na próxima. Diga que a esperarei até o fim da eternidade, se for preciso.

Então Tanus guardou a espada na bainha e avançou de mãos vazias ao encontro do portador do selo real.

— Estou pronto para atender ao rei — disse simplesmente. Atrás dele, os soldados assobiavam e vociferavam, batendo com as espadas nas bainhas, mas Tanus virou-se, silenciou-os com um gesto e então caminhou até Neter. A guarda real o cercou e todos afastaram-se trotando pela borda do canal, de volta à necrópole.

O acampamento estava tomado por homens enraivecidos e amargos quando o deixei, seguindo Tanus e a escolta a uma distância discreta. Quando cheguei à necrópole, fui diretamente ao apartamento de minha senhora Lostris. Fiquei perturbado ao ver que estava deserto, a não ser por três das meninas escravas, que a sua maneira habitualmente preguiçosa empacotavam as roupas de minha ama numa arca de cedro.

— Onde está sua senhora? — perguntei. A mais velha e mais insolente delas levantou o nariz e deu-me uma resposta vaga:

— Onde não poderá encontrá-la, eunuco.

As outras riram diante dessa ousadia. Todas sentiam ciúme dos privilégios que desfruto junto a minha senhora Lostris.

— Responda-me direito ou açoitarei suas costas, insolente!

Já o havia feito antes, então ela cedeu e murmurou com medo:

— Levaram-na para o harém do faraó. Você não tem influência ali. Apesar de sua falta de bolas, os guardas nunca o deixarão ficar com as mulheres reais.

Ela tinha razão, é claro, mas ainda assim eu devia tentar. Minha ama precisaria de mim agora mais do que em toda a sua vida.

Como eu temia, os guardas no portão do harém real foram intratáveis. Sabiam quem eu era, mas tinham ordens para não deixar ninguém aproximar-se de Lostris, nem mesmo os membros mais íntimos de sua companhia.

Ao preço extravagante de um anel de ouro, o máximo que consegui foi a promessa de um dos guardas de levar meu recado até ela. Escrevi num pedaço de pergaminho uma inútil tentativa de encorajamento. Não ousei relatar tudo o que nos havia sucedido, nem o perigo a que Tanus estava exposto. Nem mesmo podia mencionar o nome dele, e no entanto devia confirmar a Lostris o amor e a proteção de seu amado. Como investimento, não valeu o preço que fui obrigado a pagar. O pior de tudo

foi que mais tarde soube que desperdicei totalmente meu ouro, pois ela jamais recebeu a mensagem. Não há um só homem em quem se possa confiar neste mundo pérfido?

Não tornei a ver Tanus ou minha senhora Lostris até a tarde do último dia do festival de Osíris.



O festival encerrou-se no templo do deus. Parecia mais uma vez que toda a população da Grande Tebas se amontoara nos pátios.

Estávamos tão comprimidos que eu mal conseguia respirar no calor da multidão.

Sentia-me exausto, pois havia dormido pouco em duas noites consecutivas, cheio de preocupação e angústia. Além da incerteza sobre o destino de Tanus, eu havia sido castigado por meu senhor Intef com a onerosa tarefa de preparar a cerimônia de casamento do rei com Lostris, dever que contrariava absolutamente meu desejo. Eu mal suportava ficar afastado de minha senhora. Não sei como superei tudo isso. Mesmo os meninos escravos estavam preocupados comigo, afirmando que nunca haviam visto minha beleza tão abatida e meu moral tão baixo.

Durante o interminável discurso do faraó em seu trono, vi-me duas vezes balançando sobre os pés, a ponto de desmaiar. Mas forcei-me a resistir, enquanto o rei desenrolava as banalidades e meias-verdades com que tentava disfarçar a verdadeira situação do reino e aplacar o povo.

Como era de se esperar, ele nunca se referia diretamente ao faraó vermelho do norte ou à guerra civil em que estávamos metidos, exceto em termos vagos como "estes tempos conturbados" ou "a traição e a insurreição". No entanto, depois de ele falar por algum tempo ficou claro para mim que estava se referindo a cada um dos temas que Tanus levantara em sua declamação e tentando encontrar soluções para eles. É verdade que o fazia à sua maneira habitual, inepta e vacilante, mas o simples fato de ele ter percebido o que Tanus dissera me fez focalizar a atenção. Forcei minha passagem para a frente em meio ao público até conseguir uma melhor visão do trono; nessa altura, o rei ralava sobre a insolência dos escravos e o comportamento desrespeitoso das classes inferiores da sociedade. Esta fora outra questão mencionada por Tanus, e fiquei surpreso ao ouvir a solução do faraó:

— De hoje em diante, o proprietário de escravo pode mandar aplicar cinquenta chibatadas ao escravo insolente, sem necessidade de o magistrado sancionar a punição — ele anunciou.

Sorri ao lembrar-me de que esse mesmo rei quase havia destruído o Estado doze anos antes, com outro pronunciamento de sentido diametralmente oposto ao deste último. Ainda idealista na época de sua coroação, ele estava realmente decidido a abolir a antiga e honrada instituição da escravatura. Queria transformar cada escravo egípcio num homem livre.

Mesmo passado tanto tempo, tal loucura ainda me parece incompreensível, apesar de eu ser um escravo. Acredito que a escravidão e a servidão são as instituições sobre as quais se baseia a grandeza das nações. O povo não pode governar a si mesmo. O governo deve ser confiado apenas àqueles nascidos e educados para isso. A liberdade é um privilégio, não um direito. As massas precisam de um amo forte, pois sem controle e orientação seria o reino da anarquia. O monarca absoluto, a escravidão e a servidão são os pilares de um sistema que permitiu nos transformarmos em homens civilizados.

Fora revelador ver como os próprios escravos se haviam rebelado diante da perspectiva de liberdade. Eu era muito jovem na época, mas também ficara alarmado diante da idéia de ser arrancado de

meu canto seguro no alojamento dos meninos para vasculhar o lixo com uma horda de outros escravos libertos, disputando uma crosta de pão. Um mau senhor é sempre melhor que nenhum senhor.

O reino mergulhara no caos devido a essa insensatez, é claro. O exército estivera a ponto de rebelar-se. Se o faraó vermelho do norte houvesse aproveitado a oportunidade, a história poderia ter sido escrita de outro modo. Enfim, nosso faraó suspendera apressadamente seu decreto libertário e conseguira manter-se no trono. Ali estava ele agora, pouco mais que uma década depois, decretando novas punições para as afrontas dos escravos. Era tão típico daquele faraó hesitante e errático que fingi enxugar a testa para encobrir o primeiro sorriso que cruzou meu rosto nos últimos dois dias.

— A prática de automutilação com o objetivo de evitar o serviço militar será fortemente desencorajada no futuro — o rei continuou em tom monótono. — Qualquer jovem que reclame a dispensa sob esse pretexto deverá comparecer perante um tribunal de três oficiais do exército, dos quais pelo menos um será um centurião ou oficial de alta patente.

Desta vez meu sorriso foi de completa aprovação. Por uma vez o faraó estava no caminho certo. Eu realmente adoraria ver Menset e Sobek exibindo a ausência de polegares a algum empedernido veterano das guerras navais. Que carinhosa simpatia receberiam!

— A multa por essa infração será de mil anéis de ouro.

Pela barriga protuberante de Seth! Isso faria os dois jovens dândis conter-se, e meu senhor Intef teria de pagar a multa em nome deles.

Apesar de minhas outras preocupações, começava a sentir-me mais alegre ouvindo o faraó. Ele continuou:

— A partir de hoje, será uma infração punida com multa de dez anéis de ouro uma prostituta oferecer seu comércio em locais públicos que não os definidos pelos magistrados para essa finalidade.

Dessa vez mal consegui evitar uma gargalhada. Por causa de Tanus todos os homens de Tebas se tornariam puritanos e honestos. Imaginei como os marinheiros e soldados de folga receberiam essa interferência em suas vidas. O período de lucidez do faraó havia durado pouco. Qualquer idiota sabe que é loucura legislar sobre os hábitos sexuais humanos.

Apesar de minhas dúvidas quanto à sabedoria das panacéias faraônicas, vi-me tomado de trêmula excitação. Estava claro que o rei levava a sério todos os temas enfocados por Tanus em seu discurso. Poderia agora condenar Tanus por insurreição?

Mas o faraó ainda não havia terminado.

— Chegou a meu conhecimento que alguns funcionários do Estado abusaram da confiança que neles depositei. Essas pessoas, encarregadas do recebimento de impostos e da distribuição dos recursos públicos, serão chamadas a prestar contas dos fundos deixados a seu encargo. Os que forem considerados culpados de corrupção e desvio de verbas serão sumariamente condenados à morte por estrangulamento.

O povo agitou-se e suspirou com descrença. O rei realmente tentaria cercear os coletores de impostos?

Então uma única voz gritou do fundo do salão:

— Grande é o faraó! Longa vida ao faraó!

O grito foi repetido até que todo o templo tremeu com a ovação. Deve ter sido um som incomum aos ouvidos do rei, aquele aplauso espontâneo. Mesmo à distância que eu me encontrava do trono pude ver

que ele estava satisfeito. Sua expressão lúgubre acendeu-se e a dupla coroa parecia pesar menos em sua cabeça. Tive certeza de que tudo aquilo deveria melhorar as chances de Tanus escapar ao laço do executor.

Quando os aplausos finalmente cederam, o rei continuou em seu estilo peculiar, reduzindo tudo aquilo que acabara de conquistar:

— Meu digno grão-vizir, o nobre senhor Intef, será o único e absoluto encarregado da investigação do serviço público, com plenos poderes de detenção e prisão, de vida e morte a ele conferidos.

Houve um arremedo de aplauso diante dessa nomeação, e aproveitei-o para disfarçar um riso irônico. O faraó estava enviando um leopardo faminto para contar as aves em seu galinheiro. Que diversão meu senhor Intef teria entre os tesouros reais, e que redistribuição das riquezas nacionais ocorreria agora, com meu amo fazendo as contas e ordenando os coletores de impostos de suas economias secretas!

O faraó tinha um raro talento para o naufrágio, ou para virar o leme dos melhores sentimentos e intenções em direção aos escolhidos. Imaginei que outra insanidade ele conseguiria perpetrar antes que terminasse o discurso, e não tive de esperar muito.

— Há algum tempo venho me preocupando muito com a situação de impunidade que vigora no Alto Reino, colocando em grave ameaça as vidas e propriedades de cidadãos honestos. Tomei providências para enfrentar esse estado de coisas na ocasião adequada. No entanto, o assunto me foi recentemente apresentado de maneira tão imprópria e desorientada que cheira a insurreição. Isso aconteceu sob o contexto do festival de Osíris, o que não deixa de representar uma traição e um crime de blasfêmia, um ataque à pessoa e à divindade do rei. — O faraó fez uma pausa significativa. Estava claro que falava de Tanus, e mais uma vez critiquei seu discernimento. Um faraó forte não explicaria suas razões ao povo ou tentaria conquistar a aprovação para seus atos. Simplesmente teria pronunciado a sentença e encerrado o assunto.

— Estou falando, é claro, de Tanus, senhor Harrab, que representou o grande deus Hórus no espetáculo de Osíris. Ele foi preso por crime de insurreição. Meus conselheiros estão divididos quanto à culpa dessa pessoa. Alguns dentre eles desejam impor-lhe a pena máxima... — Vi meu senhor Intef, parado abaixo do trono, desviar seu olhar por um momento, e isso confirmou o que eu já sabia: ele era o chefe dos que queriam a execução de Tanus — .. e há os que acham que seu discurso no festival foi de fato inspirado por forças divinas, e que não foi a voz de Tanus, senhor Harrab, que falou sobre esses assuntos, mas a verdadeira voz do deus Hórus. Se este for o caso, então claramente não pode haver culpa no mortal através de quem o deus escolheu falar.

O raciocínio era correto, mas que faraó digno da dupla coroa se dignaria a explicá-lo àquela horda de soldados, marinheiros e agricultores, de comerciantes, trabalhadores e escravos, cuja maioria ainda estava sob o efeito do excesso de vinho e libertinagem? Enquanto eu pensava nisso, o rei deu uma ordem ao capitão de sua guarda pessoal, que estava de pé atrás do trono. Reconheci Neter, o oficial que fora enviado para prender Tanus. Ele afastou-se rapidamente e voltou um instante depois, trazendo Tanus do santuário no fundo do salão.

Meu coração disparou ao ver meu amigo, e então com alegria e esperança percebi que estava desamarrado e sem correntes nos tornozelos. Embora não estivesse armado nem usasse os galões militares, vestido com um simples saiote, caminhava com o passo elástico e gracioso de sempre. Além da

cicatriz em sua testa, onde Rasfer o havia ferido, não apresentava marcas. Não fora espancado ou torturado, e senti meu otimismo renascer. Não o estavam tratando como a um condenado.

Um instante depois todas as minhas esperanças se desvaneceram. Tanus fez a reverência diante do trono, mas quando se ergueu novamente o faraó o olhou com severidade e falou numa voz impiedosa:

— Tanus, senhor Harrab, é acusado de traição e insurreição. Considero-o culpado de ambos os crimes e o sentencio à morte por estrangulamento, a punição costumeira para os traidores.

Quando Neter colocou o laço de linho em volta do pescoço de Tanus, marcando-o como condenado à morte, um lamento ergueu-se do meio do público. Uma mulher gemeu e logo o templo se encheu de gritos e uivos pesarosos. Jamais essa manifestação acompanhara a declaração de uma sentença de morte. Nada poderia demonstrar com maior clareza o amor que o povo dedicava a Tanus. Gemi com eles e as lágrimas saltaram-me dos olhos e escorreram pelo rosto, vertendo como uma cascata sobre meu peito.

Os guardas investiram contra a multidão, usando os cabos de suas lanças na tentativa de impor o silêncio. Foi em vão, e eu gritei sobre as cabeças:

— Piedade, poderoso faraó! Perdão para o nobre Tanus!

Um dos guardas atingiu-me na frente e caí ao chão semi consciente, mas meu grito foi repetido:

— Piedade, nós vos imploramos, divino Mamose!

Foram precisos todos os esforços da guarda para restabelecer a ordem, mas algumas mulheres continuavam a soluçar.

Somente quando o faraó levantou novamente a voz voltou a haver silêncio, de modo que todos escutaram o próximo pronunciamento.

— O condenado queixou-se da impunidade que grassa em nosso reino. Ele exigiu que o trono aniquile os bandos de assaltantes que assolam o país. O condenado foi chamado de herói, e há quem diga que é um valente guerreiro. Se isso é verdade, então ele é mais indicado que qualquer outro para executar as medidas que exige.

Agora o povo ficou silencioso e confuso, e enxuguei as lágrimas do rosto com o punho enquanto me esforçava para ouvir as próximas palavras.

— Portanto, a sentença de morte é adiada por dois anos. Se o condenado foi realmente inspirado pelo deus Hórus quando fez seu discurso rebelde, então o deus o assistirá na missão que agora lhe atribuo.

Houve um silêncio profundo. Ninguém parecia capaz de compreender o que havíamos escutado, embora a esperança e o desespero me ocupassem o coração em igual medida.

A um sinal do rei, um dos ministros da coroa adiantou-se e apresentou ao faraó uma bandeja sobre a qual havia uma estatueta azul. O faraó ergueu-a e anunciou:

— Confiro ao senhor Harrab o selo do falcão faraônico. Sob os auspícios deste selo ele poderá recrutar todos os homens e materiais bélicos que considere necessários à sua incumbência. Poderá empregar quaisquer meios que deseje, e ninguém deverá impedi-lo. Durante dois anos completos ele será um homem do rei e responderá apenas ao rei. No final desse período, no último dia do próximo festival de Osíris, ele virá mais uma vez diante do trono, usando o laço da morte ao redor do pescoço. Se houver fracassado em sua tarefa, o laço será ajustado e ele será estrangulado até a morte no local onde está

agora. Se cumprir a tarefa, porém, eu, o faraó Mamose, retirarei com minhas próprias mãos o laço de seu pescoço e o substituirei por uma corrente de ouro.

Ninguém ainda conseguia falar ou mover-se, e todos olhamos fascinados quando o faraó fez um gesto com o gancho e o flagelo.

— Tanus, senhor Harrab, eu o incumbo da missão de erradicar do Alto Reino do Egito os fora-da-lei e os bandidos que infestam esta terra. Dentro de dois anos você deverá restaurar a paz e a ordem no Alto Reino. Se falhar, sofrerá as conseqüências.

Um rugido ergueu-se da platéia, temível como o som das ondas de tempestade quebrando-se no litoral rochoso. Embora todos aplaudissem, eu me lamentava. A incumbência que o faraó exigia era demasiada para qualquer mortal. A nuvem da morte não deixara de pairar sobre Tanus. Eu sabia que dentro de dois anos ele morreria no mesmo lugar em que o via agora, tão jovem, ativo e valente.



Desolada como uma criança perdida, ela estava só no meio da multidão, tendo atrás de si o rio que era seu deus protetor e à frente um mar de rostos.

A longa túnica de linho que lhe chegava até os tornozelos fora tingida com o suco de moluscos marinhos na cor de vinho, cor que a proclamava uma noiva virgem. Tinha os cabelos soltos, flutuando sobre seus ombros numa onda macia e escura que brilhava ao sol como se possuísse um fogo interior. Nos cachos reluzentes ela usava a guirlanda matrimonial trançada com os longos caules de lírios aquáticos. As flores eram de um azul cerúleo, com os miolos dourados.

Seu rosto estava branco como farinha recém-moída. Os olhos grandes e escuros lembraram-me dolorosamente a menina que, anos atrás, tantas vezes eu despertara de pesadelos, acendendo a lâmpada e sentando-me ao lado de sua cama até que voltasse a dormir. Desta vez eu não podia ajudá-la, já que o pesadelo era real.

Não podia aproximar-me dela, pois os sacerdotes e a guarda do faraó a rodeavam, como haviam feito nos últimos dias. Ela se perdera de mim para sempre, minha querida menina, e eu não suportava esse pensamento.

Os sacerdotes haviam construído o palanque nupcial sobre o barranco do Nilo, com caniços do rio, e minha senhora Lostris aguardava sob ele que seu noivo a viesse buscar. Ao lado estava seu pai, com a reluzente Comenda de Ouro no pescoço e o sorriso de cobra nos lábios.

Afinal chegou o noivo real, ao rufar solene do tambor e o estrídulo das trombetas de chifre de gazela, e para mim aquela marcha nupcial era o som mais triste da terra.

O faraó usava a coroa *netnes* e carregava o cetro, mas por trás da pompa e circunstância ainda era um velhinho de barriga grande e rosto triste. Não pude evitar a lembrança do outro noivo que poderia estar sob o dossel ao lado de minha senhora, se apenas os deuses houvessem sido mais justos.

Os ministros e altos funcionários do faraó o acompanhavam tão de perto que minha visão de Lostris foi obscurecida. Apesar do fato de eu ter sido obrigado a providenciar todos os detalhes da cerimônia, fora excluído da festa e apenas vislumbra minha ama.

O sumo-sacerdote de Osíris lavou as mãos e os pés dos noivos com água retirada do Nilo para simbolizar a pureza de sua união. Então o rei partiu um pedaço do pão de milho ritual e ofereceu-o em juramento à jovem noiva. Vi o rosto de minha senhora quando ela colocou o pão entre os lábios. Não consegui mastigá-lo ou engolir, e ficou com aquilo na boca como se fosse uma pedra.

Mais uma vez ela saiu de minha visão. Somente quando ouvi o ruído do jarro de vinho matrimonial, já vazio, ser partido pela espada do noivo compreendi que tudo estava acabado e que cada vez mais Lostris se distanciava dos braços de Tanus.

A multidão diante do palanque se abriu e o faraó conduziu sua mais recente esposa à frente da plataforma para apresentá-la ao povo. Todos demonstraram seu amor por Lostris num coro de adulação interminável, que fez meus ouvidos tinir e minha cabeça rodar.

Eu queria escapar do aperto e procurar Tanus. Apesar de saber que ele estava novamente em liberdade, não o vira na cerimônia. Talvez fosse o único homem em Tebas que não viera à margem do rio naquele dia. Eu sabia que onde quer que estivesse sentiria tanto desejo de me ver quanto eu a ele. O único e pequeno reconforto que nós dois poderíamos encontrar naquele dia trágico seria estarmos juntos. No entanto, eu não conseguia passar entre a multidão. Teria de esperar até o fim da festa.

Enfim meu senhor Intef adiantou-se para dar adeus à filha. A multidão fez silêncio quando ele a abraçou.

Lostris parecia um cadáver em seus braços, os membros pendentes sem vida ao lado do corpo, o rosto pálido como a morte. O pai soltou-a, mas continuou segurando sua mão ao virar-se para encarar o público e oferecer o presente ritual à filha. Tradicionalmente, o presente era maior que o dote que ia diretamente para o noivo. Mas apenas a nobreza observava esse costume, destinado a dar à noiva uma renda independente.

— Agora que você deixará minha casa e minha proteção pela casa de seu marido, dou-lhe o presente de despedida, para que se lembre de mim como o pai que sempre a amou.

As palavras eram inadequadas à circunstância, pensei amargamente. Meu senhor Intef nunca havia amado outro ser vivo. No entanto, ele prosseguiu com a antiga fórmula, como se os sentimentos fossem seus:

— Peça-me qualquer dádiva, amada criança. Nada lhe recusarei neste dia jubiloso.

Era prática corrente que o valor do presente fosse combinado em particular entre pai e filha antes da cerimônia. Nesse caso, porém, meu senhor Intef havia dito a Lostris inequivocamente o que ela deveria pedir. Ele me havia dado a honra de discutir comigo o assunto no dia anterior, antes de informar à filha sua decisão. "Não quero ser extravagante, mas por outro lado não desejo parecer parcimonioso aos olhos do faraó", ele dissera. "Digamos, quinhentos anéis de ouro e cinquenta *feddan* de terra — mas não na várzea, veja bem."

Sob minhas instâncias, ele concordara enfim com cinco mil anéis de ouro e cem *feddan* de terra irrigada como um presente adequado à boda real. Instruído por ele, eu havia elaborado o documento de posse da terra e separara o ouro de um depósito secreto que meu amo mantinha longe dos coletores de impostos.

O assunto estava decidido. Faltava apenas Lostris pronunciar o pedido diante do noivo e dos convidados ao casamento. Mas ela continuava pálida, silenciosa e distante, parecendo não ver ou escutar o que se passava ao redor.

— Fale, minha filha. O que deseja de mim? — O tom paternal de meu senhor Intef tornou-se nervoso, e ele sacudiu a mão da moça para despertá-la. — Vamos, diga a seu pai o que ele pode fazer para completar a felicidade deste dia.

Minha senhora Lostris estremeceu como se despertasse de um sonho terrível. Olhou ao redor e suas lágrimas se avolumaram, ameaçando saltar pelas pálpebras trêmulas. Ela abriu a boca para falar, mas o que saiu de sua garganta foi o grito débil de um pássaro ferido. Tornou a fechar os lábios e balançou a cabeça, muda.

— Vamos, criança. Fale! — Meu senhor Intef já tinha dificuldade de manter a expressão de pai carinhoso. — Revele seu presente de casamento e eu lhe darei, seja qual for seu desejo.

Lostris fez um esforço que até eu percebi, longe como estava, mas desta vez quando abriu a boca seu pedido foi ouvido sobre nossas cabeças tão claro quanto a música da lira. Não podia haver uma alma na multidão que não houvesse escutado cada palavra:

— Como presente dê-me meu escravo Taita!

Meu senhor Intef recuou um passo, como se ela lhe tivesse acertado uma adaga no ventre. Olhou-a fixamente, abrindo e fechando a boca sem pronunciar um som. Apenas ele e eu sabíamos o valor do presente que Lostris havia pedido. Nem mesmo ele, com a riqueza e os tesouros que acumulara durante toda a vida, poderia pagar esse preço.

Ele se recuperou rapidamente. Sua expressão estava novamente calma e benigna, mas os lábios se esticavam, tensos.

— Você é muito modesta, minha querida filha. Um único escravo não é presente digno da noiva do faraó. Essa mesquinharia não é de minha natureza. Prefiro que aceite um presente de real valor, cinco mil anéis de ouro e...

— Pai, sempre foi generoso demais comigo, mas quero apenas Taita.

Meu senhor Intef deu um sorriso branco: dentes brancos, lábios brancos, branco de raiva. Continuava fixando Lostris e percebi que sua mente corria.

Eu era a mais valiosa de suas propriedades. Não era simplesmente a ampla gama de meus extraordinários talentos que constituíam para ele a medida plena de meu valor. Mais ainda, era que eu conhecia intimamente cada fio tortuoso da intrincada tapeçaria de seus negócios. Conhecia cada informante e espião de sua rede, cada pessoa que ele já subornara e que o comprara com presentes. Sabia que favores haviam selado cada negociação, quais faltavam ser acertados e que juizes ainda não haviam recebido sua paga.

Conhecia todos os seus inimigos, uma longa lista; e conhecia os que ele contava como amigos e aliados, uma lista bem mais curta. Sabia onde estava escondida cada pepita de seu vasto tesouro, quem eram seus banqueiros, agentes e prepostos, e como ele ocultara a propriedade de grandes extensões de terra e os estoques de metais e pedras preciosos no labirinto legal de atas, títulos e servidões. Toda essa informação deliciaria os coletores de impostos e faria o faraó rever suas opiniões sobre o grão-vizir.

Eu duvidava de que meu senhor Intef pudesse lembrar e localizar toda a sua riqueza sem minha assistência. Sem mim ele não poderia organizar e controlar adequadamente seu império sombrio e em expansão, pois se mantivera distante de seus aspectos menos agradáveis. Preferira destacar a mim para cuidar dos detalhes que, se descobertos, o incriminariam.

Portanto eu sabia mil segredos obscuros e mil fatos temíveis, de extorsão e intimidação, de roubo e sangrento assassinato, todos os quais reunidos poderiam destruir um homem tão poderoso quanto o grão-vizir.

Eu era indispensável; ele não podia me deixar partir. No entanto, diante do faraó e de toda a população de Tebas, era impossível negar o pedido de Lostris.

Meu senhor Intef é um homem cheio de ira e rancor. Já o vi tão furioso que deve ter feito Seth, o deus do ódio, despertar e ficar atento. Mas nunca o havia visto tão enraivecido como agora, quando sua própria filha o encurralara.

— Que o escravo Taita se aproxime — ele ordenou, e vi que aquilo era um pretexto para que recuperasse o tino. Abri caminho o mais depressa que pude até a base da plataforma nupcial, para lhe dar o menor tempo possível de planejar seu estratagema.

— Aqui estou, meu senhor — gritei, e ele olhou-me com seus olhos mortíferos. Estávamos juntos há tanto tempo que ele podia falar comigo com o olhar de maneira quase tão clara como se usasse palavras. Olhou-me fixamente em silêncio até que meu coração disparou e meus dedos tremeram de medo, então finalmente disse num tom suave, quase inaudível:

— Taita, você está comigo desde que era criança. Passei a considerá-lo como um irmão, mais que um escravo. Mas você ouviu o pedido de minha filha. Sou por natureza um homem justo e bom. Depois de todos estes anos seria desumano se o dispensasse contra o seu desejo. Sei que é incomum dar a um escravo a decisão sobre seu próprio destino, mas as circunstâncias são de fato incomuns. Escolha, Taita. Se deseja permanecer em seu lar, o único que jamais teve, não terei coragem de mandá-lo embora. Nem mesmo a pedido de minha própria filha.

Nem por um momento ele tirou os olhos de mim, aqueles terríveis globos amarelos. Não sou covarde, mas cuido de minha segurança. Percebi que estava olhando nos olhos da morte e não consegui falar.

Conseguí despregar meu olhar dele e dirigi-o para minha senhora Lostris. Nela vi tanta súplica, tanta solidão e terror, que minha segurança de nada valia. Não podia abandoná-la agora, por preço algum e sob nenhuma ameaça.

— Como pode um pobre escravo negar o desejo da esposa do faraó? Estou pronto para atender a minha nova ama — gritei a plenos pulmões, esperando que minha voz tivesse um tom masculino e não soasse tão estridente quanto eu mesmo a escutei.

— Venha, escravo! — ordenou minha nova ama. — Tome seu lugar atrás de mim.

Quando subi à plataforma, tive de passar perto de meu senhor Intef. Seus lábios rígidos e brancos moveram-se e ele falou apenas para que eu ouvisse:

— Adeus, meu velho querido. Você é um homem morto.

Tremi como se uma serpente venenosa houvesse atravessado meu caminho e corri para postar-me no séquito de minha ama, como se acreditasse realmente encontrar segurança em sua proteção.



Fiquei junto de Lostris durante o resto da cerimônia e servi-a pessoalmente no banquete nupcial, grudado ao seu cotovelo e tentando fazê-la provar um pouco das carnes e outras finas iguarias ali dispostas. Ela estava tão pálida e de aspecto doentio que tive certeza de que nada comeria nos últimos dois dias, desde seu noivado com o faraó e a condenação de Tanus.

Afinal consegui fazê-la ingerir um pouco de vinho aguado, mas foi tudo. O faraó viu-a beber e pensou que o estivesse brindando. Ergueu seu próprio cálice de ouro e sorriu para ela sobre a borda, retribuindo o gesto, e os convivas, deliciados, aplaudiram o casal.

— Taita — Lostris sussurrou quando a atenção do rei se desviou para o grão-vizir, sentado do outro lado. — Acho que vou vomitar. Não posso ficar aqui mais um instante. Por favor, leve-me de volta a minha câmara.

Foi uma insolência e um escândalo, e se eu não exercesse também o papel de cirurgião jamais poderia ter feito isso mas consegui engatinhar até junto do rei e sussurrar-lhe sem provocar qualquer comentário dos convidados, a maioria dos quais estava bem embriagada a essa altura.

Ao conhecê-lo melhor, eu descobriria que o faraó era um homem gentil, e essa foi a primeira prova que me deu disso. Ouviu minha explicação, então bateu palmas e dirigiu-se aos convivas:

— Minha noiva irá para sua câmara agora, preparar-se para a noite. Todos sorriram, recebendo o anúncio com comentários jocosos e aplausos lascivos.

Ajudei minha ama a levantar-se, mas ela conseguiu fazer uma reverência para o rei e deixar o salão do banquete sem meu apoio. No apartamento, expeliu o vinho que havia bebido na cabaça oferecida por mim e depois despencou na cama. O vinho era tudo o que seu estômago continha, confirmando minha suspeita de que ela estivera em jejum.

— Não quero viver sem Tanus...

Tinha a voz fraca, mas eu a conhecia o bastante para reconhecer que sua vontade era tão forte como sempre.

— Tanus está vivo! — tentei consolá-la. — Ele é forte e jovem, viverá mais cinqüenta anos. Ele a ama e prometeu esperá-la até o final dos tempos. O rei é um homem velho, não viverá para sempre...

Lostris sentou-se sobre a colcha de peles e sua voz tornou-se dura e determinada:

— Sou a mulher de Tanus e nenhum outro homem me terá. Prefiro a morte.

— Todos morreremos no fim, senhora. — Se eu conseguisse distraí-la nos primeiros dias desse casamento, sabia que a faria superar tudo. Mas ela percebeu minha intenção.

— Sei o que está querendo fazer, mas suas belas palavras de nada servirão. Vou me matar. Ordene-lhe que prepare um veneno para eu tomar.

— Senhora, não sou versado na ciência dos venenos. — Foi uma tentativa vã, que ela contornou com facilidade.

— Muitas vezes o vi envenenar animais em sofrimento. Não se lembra do velho cão que tinha abscessos nas orelhas, e de sua gazela de estimação que foi ferida por um leopardo? Você me disse que o veneno era indolor, que era a mesma coisa que dormir. Bem, eu quero dormir, ser embalsamada e partir para o outro mundo, onde esperarei por Tanus.

Eu precisava tentar outra persuasão.

— Mas e eu, senhora? Hoje mesmo tomou posse de mim. Como poderá me abandonar? O que seria de mim sem você? Tenha pena de Taita.

Vi-a vacilar e pensei que a havia convencido, mas ela levantou o queixo, decidida.

— Você ficará bem, Taita. Sempre estará bem. Meu pai o receberá de volta alegremente quando eu morrer.

— Por favor, minha pequena — usei o tratamento infantil numa última tentativa de conquistá-la —, vamos conversar sobre isso amanhã. Tudo será diferente à luz do sol.

— Será a mesma coisa — ela me contradisse. — Serei afastada de Tanus e aquele velho enrugado me chamará ao seu leito para fazer coisas horríveis comigo. — Sua voz ergueu-se tanto que as outras ocupantes do harém real poderiam ouvi-la. Felizmente a maioria delas ainda estava no banquete, mas tremi ao pensar que sua descrição do faraó chegasse até ele.

A voz de Lostris tornou-se mais aguda, com um toque de histeria.

— Prepare o veneno para mim agora, neste instante, enquanto eu o observo. Ordeno-lhe! Não ouse desobedecer-me! — Esta ordem foi tão alta que até os guardas nos portões externos a deviam ter escutado, e não ousei continuar a discussão.

— Está bem, minha senhora. Eu o farei. Devo buscar minha cesta de remédios em meu quarto.

Quando voltei com a cesta sob o braço ela se havia levantado da cama e caminhava pelo cômodo com os olhos reluzentes no rosto pálido e trágico.

— Estou observando. Não tente nenhum de seus truques — minha ama advertiu enquanto eu preparava a poção de uma garrafa de vidro vermelho. Ela sabia que aquela cor advertia sobre o conteúdo letal.

Quando lhe ofereci a tigela, Lostris não demonstrou medo e fez uma pausa para beijar meu rosto.

— Você foi para mim um pai e um irmão carinhoso. Agradeço-lhe por esta última bondade. Eu o amo, Taita, e sentirei sua falta.

Ela ergueu a tigela com as duas mãos, como se fosse uma taça de precioso licor e não um veneno fatal, e brindou:

— Tanus, meu querido, eles jamais me tirarão de você. Nos encontraremos novamente no outro lado! — E esvaziou o recipiente de um gole, deixando-o cair e partir-se no chão. Finalmente, com um suspiro, tombou sobre o leito.

— Venha, sente-se ao meu lado. Tenho medo de estar sozinha quando morrer.

Em seu estômago vazio, o efeito da poção foi muito rápido. Ela só teve tempo de virar o rosto para mim e murmurar:

— Diga a Tanus o quanto o amei. Até os portais da morte e além deles. — Então seus olhos se fecharam e ela se foi.

Ficou deitada tão imóvel e pálida que por um momento realmente me alarmei, temendo que houvesse avaliado mal a potência do *sheppeu* vermelho que eu substituíra pela essência da mortífera datura. Mas então segurei um espelho de bronze junto à sua boca e a superfície enevoada certificou-me de que ainda respirava. Cobri-a delicadamente e tentei convencer a mim mesmo de que pela manhã ela se conformaria com o fato de ainda estar viva e me perdoaria.

Naquele momento houve uma batida peremptória na porta da câmara externa e reconheci a voz de Aton, o camareiro real, pedindo para entrar. Era um eunuco, mais um membro da irmandade dos emasculados, por isso eu podia contar com ele como amigo. Apressei-me a recebê-lo.

— Vim buscar sua pequena ama para o prazer do rei, Taita — ele me disse num tom feminino contrastante com seu corpanzil. Havia sido castrado antes da puberdade. — Ela está pronta?

— Houve um pequeno acidente — expliquei, e conduzi-o para que visse Lostris por si mesmo.

Ele inflou as bochechas vermelhas em consternação ao ver seu estado.

— O que poderei dizer ao faraó? — gritou. — Ele mandará me espancar. Não farei isso. A mulher é sua responsabilidade. Você deve responder ao rei e suportar sua ira.

Não era um dever que eu apreciasse, mas a preocupação de Aton era legítima, e ao menos minha condição de médico garantiria certa proteção contra as expectativas frustradas do rei. Com relutância, concordei em acompanhá-lo até os apartamentos reais. No entanto, antes de deixar minha senhora sozinha certifiquei-me de que uma das escravas mais velhas e confiáveis ficasse de guarda na antecâmara.

O faraó havia retirado a coroa e a peruca. Sua cabeça raspada era branca e nua como um ovo de avestruz. O efeito me assustou e imaginei como minha ama teria reagido a essa visão. Duvidei que tivesse melhorado seu ardor ou sua opinião dele.

O rei pareceu tão espantado ao ver-me quanto eu mesmo estava. Nos olhamos por um momento antes que eu me ajoelhasse a seus pés e fizesse minha reverência.

— O que é, escravo Taita? Mandei buscar outra...

— Bondoso faraó, em nome de minha senhora Lostris venho suplicar vossa compreensão e indulgência.

Deslanchei uma pungente descrição do estado de minha ama, carregada de obscuros termos médicos e explicações destinadas a reduzir o apetite real. Aton ficou a meu lado, assentindo empaticamente a tudo o que eu dizia.

Tenho certeza de que não teria funcionado com um noivo mais jovem e vigoroso, pronto para ir às vias de fato, mas Mamose era um touro velho. Seria impossível enumerar todas as adoráveis mulheres que nos últimos trinta anos haviam desfrutado seus favores. Em fila única elas provavelmente rodeariam a cidade de Tebas dos cem portões, talvez mais de uma vez.

— Vossa majestade — Aton interrompeu finalmente minha explicação —, com vossa permissão, irei buscar outra companhia feminina para passardes a noite. Talvez a pequena hurrita com seu controle incomum da...

— Não, não — o rei o atalhou. — Terei muito tempo para isso quando a jovem se recuperar da indisposição. Deixe-nos a sós, camareiro. Há outro assunto que desejo discutir com o doutor... quero dizer, com este escravo.

Assim que ficamos a sós, o rei levantou sua túnica e mostrou a barriga.

— O que acha que está causando isto, doutor?

Examinei a irritação que se estendia por seu ventre protuberante e descobri que era uma infestação de micose comum. Algumas mulheres reais lavavam-se com menos frequência do que seria desejável em nosso clima quente. Eu havia notado que a falta de asseio e a coceira contagiosa eram aliadas. O rei provavelmente contraíra a infecção de uma delas.

— É perigoso? Pode curar isso, doutor?

O medo nos torna a todos iguais. O faraó dependia de mim agora como se fosse um paciente qualquer.

Com sua permissão, fui até meu quarto buscar a cesta de remédios, e ao retornar mandei-o deitar-se na cama ornamentada de ouro e marfim, enquanto massageava um unguento no círculo vermelho de pele inflamada em sua barriga. A pomada fora preparada por mim mesmo e curaria a irritação em três dias, eu lhe garanti.

— Em grande medida você é responsável pelo fato de eu ter-me casado com essa criança que é sua nova senhora — disse o faraó enquanto eu trabalhava. — O unguento poderá curar a irritação, mas seu outro tratamento me dará um filho? — interrogou. — Estamos numa época conturbada. Preciso ter um filho antes de um ano. A dinastia está ameaçada.

Nós, médicos, sempre relutamos em garantir a cura, mas assim também o fazem o advogado e o astrólogo. Enquanto me delongava, ele mesmo forneceu a escapatória que eu procurava.

— Não sou mais jovem, Taita. Você é médico e posso lhe contar isso. Minha arma já esteve em muitas batalhas acirradas e sua lâmina já não é mais tão aguda. Ultimamente tem-me falhado quando mais necessitei dela. Há alguma coisa nessa caixa para enrijecer o flexível caule do lírio?

— Faraó, estou feliz por terdes falado sobre isso comigo. Às vezes os deuses agem de maneiras misteriosas... — Ambos fizemos o sinal para afastar o mal antes que eu continuasse. — Vosso primeiro congresso com minha ama virgem deve ser perfeitamente executado. Qualquer erro, qualquer desvio de nosso objetivo, qualquer fracasso em erguer alto o cetro real de vossa masculinidade frustrará nossos esforços. Haverá apenas uma oportunidade; a primeira união deve ter êxito. Se for preciso tentar novamente haverá o perigo de gerardes mais uma mulher.

Os fundamentos médicos de minha afirmação eram completamente insubstanciais. Não obstante, ambos ficamos muito sérios, ele ainda mais que eu.

Levantei o indicador.

— Se fizéssemos a tentativa esta noite e... — Não falei mais nada, mas deixei o dedo baixar sugestivamente e balancei a cabeça. — Não, somos afortunados porque os deuses nos deram outra chance.

— O que devemos fazer? — ele perguntou ansiosamente, e fiquei em silêncio por um longo instante, ajoelhado em profunda meditação ao lado de sua cama.

Era difícil não demonstrar meu alívio e minha satisfação. No primeiro dia do casamento de minha ama eu já conquistara uma posição influente junto ao rei, e ele me dera a desculpa perfeita para manter intacta a virgindade de Lostris pelo menos por algum tempo, talvez o suficiente para que eu pudesse prepará-la para o choque brutal de seu primeiro ato procriador, com um homem que ela não amava e que era fisicamente digno de verdadeira repulsa. Disse a mim mesmo que com o hábil manuseio da situação eu poderia conseguir estender indefinidamente esse período abençoado.

— Sim, de fato, vossa majestade, posso ajudar-vos, mas levará algum tempo. Não será tão fácil quanto curar esta irritação. — Minha mente corria. Eu tinha de espremer a esponja até a última gota. — Teremos de empreender uma dieta rigorosa.

— Chega de bolas de touro, suplico-lhe, doutor.

— Acho que já tivestes demais disso. No entanto, precisaremos aquecer vosso sangue e adoçar vossos fluidos geradores para uma tentativa de êxito. Leite de cabra morno com mel três vezes por dia e, é claro, as poções especiais que prepararei para vós, de chifre de rinoceronte e raiz de mandrágora.

Ele pareceu aliviado.

— Tem certeza de que isso funcionará?

— Nunca falhou antes, mas há outra medida essencial.

— E qual é? — Seu alívio evaporou e ele sentou-se, olhando-me ansiosamente.

— Abstinência completa. Devemos permitir que o membro real repouse e recupere sua completa energia. Deveis esquecer o harém e seus prazeres por algum tempo.

Eu disse isso com o ar dogmático do médico que não pode ser contestado, pois era o único meio garantido de manter minha senhora Lostris intocada. Mas preocupava-me qual seria a reação do faraó. Podia ter um acesso de fúria ao ver negados seus prazeres conjugais. Podia me rejeitar, e eu perderia todas as vantagens que acabara de conquistar. Mas eu precisava correr o risco em benefício de minha ama. Tinha de protegê-la até quando fosse possível.

A reação do rei surpreendeu-me. Ele simplesmente deitou-se e sorriu, complacente consigo mesmo.

— Por quanto tempo? — perguntou bastante feliz, e fiquei atônito ao perceber que minhas restrições haviam sido um alívio para ele. Eu, para quem o ato de amor com uma linda mulher seria sempre um sonho inatingível e ilusório, precisei de grande esforço para compreender que o faraó estava contente por ser poupado de um dever outrora prazeroso, mas que por força de se realizar com tanta freqüência tornara-se oneroso.

Devia haver nessa época ao menos trezentas esposas e concubinas em seu harém, e algumas das mulheres asiáticas eram notórias por seus apetites insaciáveis. Tentei simpatizar-me com o esforço que deve ser necessário para atuar como um deus noite após noite, ano após ano. A idéia não me amedrontava como a realidade parecia ter exaurido o rei.

— Noventa dias — eu disse.

— Noventa dias? — ele repetiu pensativo. — Nove semanas egípcias, de dez dias cada?

— Pelo menos — eu disse firmemente.

— Muito bem. — Ele assentiu sem rancor e mudou de assunto com facilidade.

— Doutor, meu camareiro me disse que além de suas habilidades médicas é também um dos três astrólogos mais eminentes do nosso Egito.

Fiquei pensando por que meu amigo o camareiro havia relativizado essa afirmativa. Pois, por minha vida, eu não podia adivinhar quem seriam os outros, mas inclinei a cabeça modestamente.

— Ele me lisonjeia, majestade, mas talvez eu tenha algum conhecimento dos corpos celestes.

— Faça um horóscopo para mim! — ele ordenou, sentando-se avidamente.

— Agora? — perguntei surpreso.

— Agora! — ele concordou. — Por que não? Não há nada que eu gostasse mais de fazer neste momento.

Aquele sorriso inesperado foi realmente cativante, e apesar de suas intenções em relação a Tanus e a minha senhora vi-me gostando dele.

— Terei de buscar alguns pergaminhos na biblioteca do palácio.

— Temos a noite toda — ele ressaltou. — Busque o que for preciso.

A data e a hora exatas do nascimento do rei estavam bem documentadas, e eu tinha nos pergaminhos todas as observações dos movimentos dos astros feitas por cinquenta gerações de astrólogos antes de mim. Enquanto o rei observava avidamente, fiz a primeira leitura do horóscopo real, e antes de chegar à metade já enxergava o caráter do homem perfeitamente confirmado pelas estrelas, como eu havia observado. A grande estrela errante vermelha, que conhecemos como Olho de Seth, dominava seu destino. Era a estrela do conflito e da incerteza, da confusão e da guerra, da tristeza e do infortúnio, e enfim da morte violenta.

Mas como poderia dizer-lhe essas coisas?

Improvisei um resumo velado dos fatos documentados de sua vida e os reuni com detalhes menos conhecidos, que soubera através de meus espiões, um dos quais era o camareiro real. Então prossegui com as costumeiras garantias de boa saúde e longa vida que todo cliente quer escutar.

O rei ficou impressionado.

— Você possui todas as habilidades que eu esperava, conforme sua reputação.

— Obrigado, majestade. Fico feliz por ter sido capaz de vos servir.

Comecei a reunir meus pergaminhos e instrumentos de escrita, preparando-me para sair. Era bem tarde. Na escuridão além dos muros do palácio eu já escutara o primeiro galo cantar.

— Espere, Taita. Não lhe dei permissão para sair. Não me disse ainda o que realmente quero saber. Terei um filho e minha dinastia sobreviverá?

— Infelizmente, faraó, esses assuntos não podem ser previstos pelas estrelas. Elas dão apenas a tendência geral de vosso destino e a direção que vossa vida tomará, sem esclarecer tais pormenores...

— Ah, sim — ele interrompeu —, mas há outros meios de prever o futuro, não há?

Fiquei alarmado pela direção em que apontavam suas perguntas e tentei desviá-lo, mas ele estava determinado.

— Você me interessa, Taita, e fiz indagações a seu respeito. É adepto do jogo divinatório de Amon-Rá.

Fiquei perturbado. Como ele havia descoberto isso? Muito poucos conheciam esse meu dom esotérico e eu queria que permanecesse assim. Mas não podia negá-lo completamente, então me mantive em silêncio.

— Vi o jogo escondido no fundo de sua cesta de remédios — ele disse, e fiquei aliviado por não ter tentado negar meu dom e ser apanhado em mentira. Encolhi os ombros resignado, pois sabia o que estava por vir.

— Jogue para mim, e diga-me se terei um herdeiro e se minha dinastia sobreviverá ou não — ele ordenou.

Um horóscopo é uma coisa; exige apenas um conhecimento da configuração das estrelas e suas propriedades. Um pouco de paciência e o procedimento correto resultarão numa previsão razoavelmente acurada. Uma adivinhação através dos dez discos de Amon-Rá é inteiramente outro assunto. Exige um dispêndio das forças vitais, uma combustão de algo nas profundezas do ser que o deixa exausto.

Ultimamente tenho feito o possível para evitar o exercício desse dom. É verdade que em raras ocasiões ainda posso ser convencido a praticá-lo, mas depois passo vários dias esgotado, física e espiritualmente. Minha senhora Lostris, que sabe desse meu estranho poder, também conhece os efeitos que tem sobre mim e para meu próprio bem proibiu-me de praticá-lo, a não ser ocasionalmente em seu benefício.

Mas um escravo não pode recusar o pedido de um rei, e com um suspiro apanhei no fundo de minha cesta o saco de couro que contém as peças do jogo. Coloquei o saco de lado e preparei uma mistura de ervas necessária para abrir os olhos da alma, permitindo-lhes enxergar o futuro. Bebi a poção e esperei até ser assaltado pela sensação familiar mas temida de dissociar-me do meu próprio corpo. Sentia-me sonhador e distante da realidade quando peguei o saco de couro.

O jogo divinatório de Amon-Rá consiste em dez discos de marfim. Dez é o número místico de maior poder. Cada disco representa uma única faceta da existência humana, do nascimento à morte, e o além-vida. Com minhas próprias mãos eu havia gravado os símbolos na face dos discos. Cada um era uma pequena obra-prima. Ao manuseá-los constantemente e soprar sobre eles ao longo dos anos, eu os havia dotado de parte da minha força vital.

Despejei-os do saco e comecei a acariciá-los, concentrando neles todos os meus poderes. Logo começaram a ficar quentes como carne viva sob meus dedos e experimentei a conhecida sensação de esgotamento enquanto minha própria força fluía para os discos de marfim. Dispus os discos voltados para baixo em duas pilhas aleatórias e convidei o faraó a escolher de uma pilha por vez, esfregando as peças entre os dedos e concentrando sua atenção nelas enquanto repetia suas perguntas em voz alta: "Terei um filho? Minha dinastia sobreviverá?"

Descontraí-me completamente e abri minha alma para permitir a entrada dos espíritos proféticos. O som da voz dele começou a penetrar minha alma, cada vez mais fundo, como projéteis de um estilingue atingindo o mesmo ponto.

Comecei a oscilar ligeiramente onde estava sentado, do mesmo modo que uma cobra dança diante da flauta do encantador. A droga atingiu seu efeito total. Sentia-me como se meu corpo não tivesse peso e flutuasse no ar. Falava de uma grande distância e minha voz ecoava estranhamente em minha própria cabeça, como se estivesse numa caverna sob a superfície da terra.

Ordenei ao rei que soprasse cada pilha de discos e as dividisse em metades, separando uma delas e guardando a outra. Novamente o fiz dividir cada pilha e então misturar as restantes, até que ele ficou com apenas dois discos.

Pela última vez soprou sobre eles e, a meu comando, colocou-os um em cada uma de minhas mãos. Segurei-os com força e pressionei-os contra meu peito. Senti o coração bater contra meus punhos fechados, absorvendo a influência das peças de marfim.

Fechei os olhos e vi formas começarem a surgir da escuridão, e estranhos sons encheram meus ouvidos. Não havia uma forma coerente, tudo era confuso. Fiquei tonto e meus sentidos se enevoaram. Sentia-me cada vez mais leve, até parecer flutuar no espaço. Permiti-me ser transportado para cima como se fosse uma folha de grama seca apanhada num redemoinho, um dos demônios de poeira do Saara.

Os sons em minha cabeça tornaram-se mais claros e as imagens obscuras se firmaram.

— Ouço o choro de uma criança recém-nascida. — Minha voz estava distorcida, como se meu palato houvesse sido rompido no nascimento.

— É um menino? — A pergunta do faraó vibrou em minha cabeça, de modo que a senti mais que escutei.

Então lentamente minha visão começou a se firmar e olhei através de um longo túnel na escuridão, ao fim do qual havia uma luz. As peças de marfim estavam quentes como brasas tiradas da lareira e feriam-me as palmas das mãos.

Na nuvem luminosa no final do túnel vi uma criança deitada nos restos sangrentos de seu próprio nascimento, com a gorda serpente do umbigo ainda se desenrolando de seu ventre.

— Vejo uma criança — eu disse com a voz fina e áspera.

— É um menino? — indagou o faraó da escuridão que me cercava. A criança chorava e chutava o ar com os dois pés, e vi brotando das coxas grossas um pálido dedo de carne com a pele enrugada.

— Um menino — confirmei, sentindo inesperada afeição por aquele fantasma de minha imaginação, como se realmente fosse de carne e sangue. Tentei alcançá-lo com o coração, mas a imagem se esvaiu, o grito minguou e perdeu-se no negrume.

— A dinastia! O que será de minha linhagem? Terá continuidade? A voz do rei me alcançou, mas então perdeu-se na cacofonia de outros sons que enchiam minha cabeça — trombetas de guerra, gritos de homens em combates mortais e o tinido dos bronzes entrecrocando-se. Vi o céu acima de mim e o ar estava escuro com as flechas que voavam.

— Guerra! Vejo uma possante batalha que mudará a forma do mundo — gritei para fazer-me ouvir acima do ruído do conflito que ocupava minha cabeça.

— Minha linhagem sobreviverá? — A voz do rei era frenética, mas não lhe dei atenção, pois tinha um poderoso trovejar nos ouvidos, como o som do vento *khamsin* ou as águas do Nilo espumando pelas grandes cataratas. Vi uma estranha nuvem amarela que obscurecia meu horizonte de visão, e a nuvem era perpassada por relâmpagos que eu sabia tratar-se dos reflexos do sol nas armas de guerra.

— E minha dinastia? — a voz do faraó insistiu em minha mente e a visão se desfez.

Houve um silêncio em minha cabeça e vi uma árvore na margem do rio. Era uma grande acácia em pleno vigor, os galhos pesados com rebentos de frutos. No ramo mais alto estava pousado um falcão, o falcão real, mas quando o olhei o pássaro mudou de forma e de cor. Transformou-se na dupla coroa do Egito, vermelha e branca, o papiro e o lótus dos dois reinos entrelaçados. Então, diante de meus olhos, as águas do Nilo ergueram-se e baixaram, ergueram-se e baixaram novamente. Cinco vezes vi as águas transbordarem.

Enquanto eu admirava com os olhos ardentes, o céu sobre a árvore subitamente se escureceu com insetos voadores e uma densa nuvem de gafanhotos desceu sobre a árvore, cobrindo-a completamente. Quando voltaram a erguer-se a árvore estava devastada e despida do último <sup>ve</sup>stígio de verde. Nenhuma folha permanecia nos galhos queimados.

Então a árvore morta inclinou-se e caiu ruidosamente sobre o solo. Na queda, o tronco partiu-se e a coroa se estilhaçou. Os fragmentos transformaram-se em pó e foram dispersados pelo vento. Nada restou além do vento e das areias móveis do deserto.

— O que está vendo? — exigiu o faraó, mas tudo se apagou e vi-me novamente sentado no chão da câmara real.

Esforçava-me para respirar, como se tivesse corrido uma grande distância. O suor salgado queimava-me os olhos e escorria por meu corpo em regatos, ensopando o saiote de linho e formando uma

poça no chão sob mim. Eu tremia de febre e tinha na boca do estômago uma sensação doentia familiar, que duraria vários dias.

O faraó me olhava fixamente e percebi a visão terrível que eu lhe apresentava.

— O que você viu? — ele sussurrou. — Minha linhagem sobreviverá? Não podia lhe contar minha verdadeira visão, então inventei outra história para satisfazê-lo.

— Vi uma floresta de grandes árvores que atingiam o horizonte de meu sonho. Seu número era infinito, e no topo de cada uma havia uma coroa, a coroa vermelha e branca dos dois reinos.

O faraó suspirou e cobriu os olhos com as mãos por um instante. Ficamos em silêncio, ele aliviado por minha mentira e eu oferecendo-lhe minha simpatia.

Finalmente pronunciei a mentira completa, para poupá-lo:

— A floresta que vi era vossa linhagem de descendentes — murmurei. — Chega aos limites do tempo, e cada um deles usa a coroa do Egito.

Mamose descobriu os olhos e sua gratidão e alegria eram patéticas de se ver.

— Obrigado, Taita. Vejo que a adivinhação exauriu suas forças. Pode ir descansar. Amanhã a corte navegará para meu palácio na ilha Ele-fantina. Mandarei reservar uma galé para que você e sua ama atravessem em segurança. Proteja-a com sua vida, pois ela é o vaso que contém a semente de minha imortalidade.

Eu estava tão debilitado que tive de utilizar a armação da cama para erguer-me. Cambaleei até a porta e me aprumei contra o batente. Mas não estava tão fraco que não me lembrasse dos deveres para com minha ama.

— Há a questão do lençol matrimonial. O povo espera que seja exibido — lembrei ao faraó. — Vossa reputação e a de minha senhora estão em jogo.

— O que sugere, Taita? — Tão cedo e ele já confiava em mim. Disse-lhe o que fazer e ele assentiu. — Providencie tudo!

Cuidadosamente dobrei o lençol que cobria o leito real. Era do mais fino linho, branco como os delgados cirros de verão, bordado com as raras linhas de seda trazidas do Oriente pelas caravanas. Levei comigo o lençol dobrado quando saí do quarto do rei e percorri o palácio ainda escuro e silencioso até o harém.

Minha senhora dormia como uma defunta e eu sabia que com a quantidade de *sheppen* vermelho que lhe administrara ela dormiria o dia todo e provavelmente só despertaria à noite. Sentei-me ao lado de sua cama por um instante. Sentia-me exausto e deprimido, pois a sessão divinatória havia-me drenado a alma. As imagens que evocaram ainda me perturbavam. Tinha certeza de que a criança que eu vira era de minha ama, mas então como poderia explicar o resto da visão? Parecia não haver resposta para o enigma, e abandonei o pensamento pois ainda tinha trabalho a fazer.

Agachado ao lado da cama de Lostris, estendi o lençol bordado no chão. A lâmina de minha adaga era suficientemente aguçada para raspar os pêlos do meu braço. Escolhi um dos rios azuis de sangue sob a pele suave do meu pulso e furei-o com a ponta da adaga, deixando o sangue escuro pingar no lençol. Quando achei conveniente o tamanho da mancha, envolvi o punho numa faixa de linho para estancar o sangramento e fiz uma trouxa com o lençol.

A garota escrava ainda esperava no outro quarto. Ordenei que deixasse Lostris dormir imperturbada. Sabendo que ela seria bem-cuidada, deixei-a e subi a escada até o topo da muralha exterior do harém.

A madrugada raiava, mas uma multidão de mulheres inquisitivas e curiosas aguardava do lado de fora, olhando para cima em expectativa.

Fiz uma demonstração balançando o lençol antes de estendê-lo sobre as ameias da muralha. A mancha de sangue no centro do espaço imaculado tinha a forma de uma flor, e a multidão fervilhou comentando a prova da virgindade de minha ama e da virilidade de seu noivo.

Ao fundo do ajuntamento destacava-se uma figura mais alta do que as que a cercavam. Tinha a cabeça coberta por um xale de lã listrado. Foi só quando o retirou, expondo seu rosto e sua cabeça de cabelos cor de fogo, que o reconheci.

— Tanus! — gritei. — Preciso lhe falar.

Ele olhou para mim sobre a muralha e seus olhos estavam cheios de tanta dor que desejei nunca mais vê-los novamente. A mancha no lençol destruíra sua vida. Eu também conhecera a agonia do amor perdido e lembrava-me de cada detalhe dele após tantos anos. A ferida no coração de Tanus era recente e ainda sangrava, mais dolorida que os ferimentos que recebera nos campos de batalha.

Precisava de minha ajuda agora para sobreviver.

— Tanus! Espere!

Jogando o xale sobre a cabeça, ele encobriu o rosto e virou-se, afastando-se desequilibrado como um bêbado.

— Tanus! — gritei. — Volte! Preciso lhe falar!

Ele não se virou mais e acelerou o passo.

Quando consegui descer do muro e correr pelos portões principais, ele havia desaparecido no labirinto de becos e choupanas de barro da cidadela.



Procurei por Tanus durante metade da manhã, mas seus alojamentos estavam desertos e ninguém o havia visto nos lugares que freqüentava.

Finalmente abandonei a busca e retornei a meu quarto no alojamento dos meninos escravos. Ainda tinha de reunir e empa-cotar meus pertences para que minha senhora e eu estivéssemos prontos para partir. Afastei a sensação sombria que o jogo de Amon-Rá e minha visão de Tanus haviam deixado e dediquei-me a arranjar minhas coisas e desmontar o único lar que eu conhecera.

Meus animais pareciam sentir que algo estranho estava acontecendo. Agitavam-se, chilreavam e baliavam, cada qual tentando à sua maneira atrair minha atenção. Os pássaros selvagens saltitavam e flauteavam no terraço, enquanto no canto mais próximo de minha cama meus amados falcões *saker* abriam as asas e eriçavam as plumas da nuca, gritando de seus poleiros. Os cães, os gatos e a dócil gazela amontoaram-se ao redor de minhas pernas, tentando esfregar-se em mim e dificultando meus esforços para preparar tudo.

Exasperado, notei o jarro com leite azedo de cabra ao lado de minha cama. É uma de minhas bebidas favoritas e os meninos escravos conservam o jarro sempre cheio. Meus animais também gostam do leite espesso, então para distraí-los levei o jarro até o terraço e enchi suas tigelas. Voltei a minha tarefa e fechei as divisórias de palha trançada para mantê-los fora.

É curioso como um escravo pode reunir posses ao longo da vida. Caixas e trouxas empilhavam-se contra uma parede quando terminei. A essa altura, meu estado de depressão e esgotamento deixavam-me quase prostrado, mas ainda estava suficientemente alerta para perceber o silêncio. Fiquei parado um instante no meio do quarto, escutando com indocilidade. O único som era o tinido dos pequenos sinos de bronze nas pernas do falcão fêmea, que sentado no canto fixava-me com aquele olhar intenso e implacável da ave de rapina. O macho, menor e mais belo que ela, dormia em seu próprio poleiro no outro canto, com os olhos cobertos pelo couro macio do capuz. Nenhum dos outros animais emitia um som. Nenhum dos gatos miava ou esturrava para os cães, nem as aves cantavam ou pipiavam, nenhum dos cachorros rosnava ou embolava-se com os outros em brincadeira.

Fui até a esteira de palha e puxei-a. A luz do sol irrompeu no quarto e cegou-me por um momento. Então recobrei a visão e gritei horrorizado. Todos os pássaros e animais estavam espalhados pelo terraço e o jardim abaixo.

Deitados nas posições abandonadas da morte, cada um ficara onde havia caído. Corri para eles, chamando meus favoritos pelo nome. Ajoelhei-me para recolher um deles nos braços e abracei o corpinho quente e mole, buscando sinais de vida. Não havia qualquer centelha em nenhum deles, embora os tenha examinado um a um. As aves ficavam pequenas e leves em minha mão, com a maravilhosa plumagem inalterada pela morte.

Pensei que meu coração já carregado fosse explodir de tristeza. Ajoelhei-me no terraço em meio a minha família dizimada e chorei.

Foi algum tempo depois que consegui perceber o motivo daquela tragédia. Então levantei-me e fui até uma das gamelas vazias no chão de ladrilhos. Eles as haviam lambido até limpá-las, mas cheirei-as para tentar descobrir o tipo de veneno que alguém havia colocado ali para mim. O odor de leite azedo ocultava qualquer outro; só sabia que fora rápido e mortal.

Fiquei pensando quem teria colocado o jarro ao lado de minha cama, mas não importava a mão que havia transportado o recipiente. Eu sabia *com* total certeza quem havia dado a ordem. Adeus, meu velho querido. "Você é um homem morto", dissera-me o senhor Intef, e não esperara muito para pôr em ação suas palavras.

A raiva que me dominou era uma espécie de loucura, agravada por meu instável e sombrio humor. Percebi que tremia com um ódio que jamais conhecera. Puxei a pequena adaga de meu cinto e antes que me desse conta estava correndo pelos degraus do terraço com a lâmina nua na mão. Sabia que àquela hora da manhã Intef estaria no jardim aquático. Não suportava mais pensar nele como meu senhor. A lembrança de todas as ofensas que me dirigira, todo o sofrimento e a humilhação, estava clara em minha mente e eu iria matá-lo agora mesmo, perfurar cem vezes aquele coração cruel e maligno.

Havia avistado os portões do jardim quando recuperei a sanidade. Havia meia dúzia de guardas no portão e haveria outros tantos depois dele. Eu jamais chegaria perto do grão-vizir antes que me berrassem. Forcei meus pés a deter-se e a recuar. Deslizei a adaga em sua bainha de couro com pedras preciosas e, controlando a respiração, caminhei lentamente de volta ao terraço, onde reuni os patéticos cadáveres de meus amigos.

Havia planejado plantar uma fileira de sicômoros nas bordas de meu jardim. Os buracos para recebê-los já haviam sido cavados, mas as árvores não seriam plantadas, agora que eu ia deixar Karnak. As covas serviriam de túmulo para minhas amadas criaturas. A tarde ia alta quando enchi a última sepultura, mas minha raiva não cedera. Se não pudesse ter uma vingança completa, pelo menos poderia dar a mim mesmo uma amostra dela.

Ainda havia um pouco de leite azedo no jarro em meu quarto. Segurando-o, tentei pensar num meio de levá-lo à cozinha do grão-vizir. Seria tão justo pagar-lhe em sua mesma moeda vil, mas eu sabia no fundo que a idéia era inútil. O senhor Intef era esperto demais para ser enganado tão facilmente. Eu mesmo o ajudara a criar o sistema que utilizava para manter-se a salvo de envenenamento e assassinato. Ele só poderia ser atingido através de um plano cuidadoso. Além disso, agora estaria especialmente na defensiva. Eu precisava ser paciente, mas era impossível. Mesmo que não pudesse matá-lo agora, poderia dar um sinal do que pretendia fazer mais tarde.

Ainda carregando o jarro fatídico, esgueirei-me para a rua por uma porta lateral do alojamento dos meninos. Não precisei ir longe para encontrar um leiteiro rodeado por seu rebanho de cabras. Enquanto eu esperava, ele extraiu o rico líquido do úbere inchado de uma delas, enchendo o jarro até a borda. Quem houvesse preparado o veneno havia usado o suficiente para matar metade dos cidadãos de Karnak. Eu sabia que permanecia no vaso mais que o bastante para meus objetivos.

Um dos guardas do grão-vizir passeava diante do quarto de Rasfer. O fato de continuar sob guarda confirmou para mim que Rasfer ainda era valioso para o senhor Intef, e que a perda de seu tenente pessoal seria um estorvo para ele.

O guarda me reconheceu e fez-me entrar no quarto do enfermo, que cheirava como uma pocilga. Rasfer estava deitado em sua cama imunda, empapado de suor. Mas vi imediatamente que minha cirurgia fora bem-sucedida, pois ele abriu os olhos e insultou-me debilmente. Devia estar tão seguro de sua recuperação que não precisava mais ser gentil comigo.

— Onde esteve, seu anormal despelotado? — ele rosnou, reforçando minha decisão e livrando-me dos últimos vestígios de piedade que eu houvesse sentido por ele. — Estou em agonia desde que você me perfurou o cérebro. Que espécie de médico é você...

E continuou nesse tom, que ignorei enquanto desenrolava a bandagem suja de sua cabeça. Meu interesse era puramente acadêmico ao examinar o pequeno ferimento que o trépano deixara em seu escalpo. Fora mais uma operação perfeitamente executada, e senti certo remorso profissional de que fosse desperdiçada.

— Dê-me algo para a dor, eunuco! — Rasfer tentou agarrar minha túnica, mas fui mais rápido e recuei para fora de seu alcance.

Fiz uma encenação despejando cristais de um sal inofensivo em sua tigela de beber e então cobri-os com o leite do jarro.

— Se a dor piorar, isto a aliviará — disse-lhe, colocando a tigela perto dele. Mesmo então não tive coragem de entregá-la diretamente.

Rasfer apoiou-se num cotovelo e tentou pegar a tigela, mas antes que pudesse tocá-la eu a empurrei com o pé para longe. No momento pensei que aquilo fosse apenas um desejo de prolongar a expectativa, e senti satisfação ao escutar seu gemido:

— Bom Taita, dê-me a poção. Deixe-me beber. Esta dor de cabeça está me deixando louco.

— Primeiro vamos conversar um pouco, bom Rasfer. Ouviu minha senhora Lostris pedir-me como presente de despedida ao senhor Intef?

Mesmo com dor ele sorriu para mim.

— Você é um tolo se acha que ele o deixará ir. É um homem morto.

— As mesmas palavras usadas pelo senhor Intef. Você lamentará minha perda, Rasfer? Choraré por mim quando eu me for? — perguntei suavemente, e ele começou a rir, então parou e olhou para a tigela.

— A meu modo, sempre gostei muito de você — ele resmungou. — Agora dê-me o remédio.

— Quanto gostava de mim quando me castrou, Rasfer? — perguntei, e ele me olhou fixamente.

— Você não se ressentia mais disso, não é? Faz tanto tempo, e além do mais eu não poderia desobedecer as ordens do senhor Intef. Seja razoável, Taita, dê-me a tigela.

— Você riu enquanto me cortava. Por que riu? Gostou tanto assim? Ele encolheu os ombros e piscou com a dor provocada pelo movimento.

— Sou um homem jovial. Gosto de rir. Vamos, velho amigo, diga que me perdoa e dê-me o remédio.

Empurrei com o pé a tigela em sua direção. Ele a apanhou com movimentos ainda descoordenados. Algumas gotas espirraram sobre a borda quando ele a levou avidamente à boca.

Eu não percebera o que estava a ponto de fazer até o momento em que saltei para a frente e derrubei a tigela de suas mãos. Ela caiu ao chão sem se quebrar e rolou para o canto, espirrando leite na parede.

Rasfer e eu nos olhamos. Eu estava aturdido por minha própria estupidez e fraqueza. Se um homem merecia morrer pela agonia do veneno, era aquele. Mas então revi mentalmente os corpos contorcidos de meus animais espalhados pelo terraço e entendi por que não conseguira deixar Rasfer beber. Apenas um monstro teria cometido semelhante ato. Tenho grande respeito por mim mesmo para reduzir-me à ignomínia do envenenador.

Vi a compreensão brotar nos olhos injetados de Rasfer.

— Veneno — ele sussurrou. — A tigela estava envenenada.

— Foi-me enviada pelo senhor Intef.

Não sei por que lhe disse isso. Talvez estivesse tentando desculpar-me pela atrocidade que quase cometera. Não sei por que me comportava de modo tão estranho. Talvez ainda fossem os efeitos tardios do jogo de Amon-Rá. Cambaleei ligeiramente quando me dirigi para a porta. Atrás de mim, Rasfer começou a rir, a princípio de leve e então mais forte, até que sua gargalhada convulsiva pareceu abalar as paredes.

— Você é um idiota, eunuco — ele rugiu enquanto eu fugia. — Devia ter terminado. Devia ter-me matado, pois agora, tão certo quanto eu ter um buraco no meio das nádegas, eu o matarei.

Como eu esperava, minha senhora Lostris ainda dormia quando finalmente voltei ao seu quarto. Coloquei-me ao pé da cama, com a intenção de esperar que acordasse sozinha. Mas as agruras e dificuldades do dia e da noite haviam sido demais para mim. Caí adormecido, enrolado como um cãozinho sobre os ladrilhos.



Acordei sob ataque. Algo me atingiu o lado da cabeça com um golpe tão doloroso que me vi de pé antes de estar acordado de fato. O próximo atingiu-me as costas e doeu como uma mordida de zangão.

— Você me enganou! — minha senhora Lostris gritava comigo. - Não me deixou morrer. Ela golpeou novamente com o leque. Era uma arma formidável, com um comprido cabo de bambu e na extremidade um pente de prata maciça que sustinha as plumas de avestruz. Felizmente ela ainda estava grogue por causa da droga e do excesso de sono, e sua pontaria era imprecisa. Abaixei-me e ela caiu de novo na cama com o impulso do golpe. Lostris largou o leque e explodiu em lágrimas.

— Eu queria morrer! Por que não me deixou morrer?

Levou algum tempo até que eu pudesse me aproximar dela, e então abracei-a para reconfortá-la.

— Eu o machuquei, Taita? — ela perguntou. — Nunca bati em você antes.

— Sua primeira tentativa foi muito boa — eu a felicitei. — Na verdade foi tão boa que acho que não precisa mais praticar.

Esfreguei teatralmente minha cabeça e ela sorriu através das lágrimas.

— Pobre Taita, eu o trato tão mal! Mas você o merece. Trapaceou contra mim. Eu queria morrer e você me desobedeceu.

Vi que era hora de mudar de assunto.

— Minha senhora, tenho notícias das mais interessantes para você. Mas deve me prometer que não contará nada a ninguém, nem mesmo a suas criadas.

Desde que ela aprendera a falar não pudera resistir a um segredo; mas qual a mulher capaz disso? A menção de um segredo sempre fora suficiente para distraí-la, e mais uma vez funcionou.

Mesmo com o coração partido e a ameaça de suicídio pairando no ar, ela conteve as últimas lágrimas e ordenou:

— Conte-me!

Eu havia acumulado ultimamente um bom estoque de segredos entre os quais escolher, e fiz uma pausa para decidir. Não lhe contaria sobre o envenenamento de meus animais, é claro, nem sobre ter avistado Tanus. Precisava de algo que a alegrasse, e não que a deixasse ainda mais deprimida.

— Ontem à noite fui ao quarto do faraó e conversei com ele durante muito tempo.

As lágrimas brotaram novamente de seus olhos.

— Oh, Taita, ele é um velho feio! Não quero ter de...

Eu não queria conversar mais nada nesse estilo, ou dali a pouco ela estaria chorando de novo, então apressei-me:

— Joguei as peças de Amon-Rá para ele.

Conquistei imediatamente sua completa atenção. Minha senhora é totalmente fascinada por meus poderes divinatórios. Se não fosse pelos efeitos nocivos que o exerce sobre minha saúde, ela me faria consultá-lo, todos os dias.

— Conte-me! O que você viu? — Estava excitada. Não pensava mais em suicídio, esquecera a tristeza. Era tão jovem e ingênua que senti vergonha do meu artifício, mesmo que fosse para seu próprio bem.

— Tive visões extraordinárias, senhora. Nunca vi imagens tão claras ou tive percepções tão profundas...

— Conte-me! Afirmando que morrerei de impaciência se não me contar imediatamente.

— Primeiro deve jurar segredo. Nenhuma outra alma deve saber o que eu vi. São assuntos de Estado e de sérias conseqüências.

— Eu juro! Eu juro!

— Não podemos encarar essas coisas com leviandade...

— Continue, Taita. Você está me provocando. Ordene-me que me diga tudo agora mesmo, ou... ou... — ela pensou numa ameaça para me coagir — .. ou baterei de novo em você.

— Muito bem. Então escute. Vi uma grande árvore na margem do Nilo. No topo da árvore estava a coroa do Egito.

— O faraó! A árvore era o rei. — Ela entendeu imediatamente e eu assenti. — Continue, Taita. Conte-me o resto.

— Vi o Nilo subir e descer cinco vezes.

— Cinco anos, um período de cinco anos! — Ela bateu palmas, excitada. Adorava desvendar as tramas de meus sonhos.

— Então a árvore foi devorada por gafanhotos, derrubada e transformada em poeira.

Ela fixou os olhos em mim, incapaz de pronunciar as palavras, então falei por ela:

— Em cinco anos o faraó estará morto e você será uma mulher livre. Livre do jugo de seu pai, livre para se reencontrar com Tanus, sem ninguém para impedi-la.

— Se estiver mentindo para mim, será cruel demais para suportar. Por favor, diga que é verdade.

— É verdade, minha senhora, mas há outras coisas. Na visão, havia um bebê recém-nascido, um menino. Senti meu amor ir até a criança e soube que você era a mãe dela.

— E o pai, quem era o pai de meu filho? Oh, Taita, diga-me, por favor!

— No sonho eu tinha absoluta certeza de que o pai era Tanus. — Este foi o primeiro desvio da verdade que me permiti, mas ainda assim tive o consolo de acreditar que era pelo bem dela.

Minha senhora Lostris ficou em silêncio por um longo momento, mas sua expressão radiante era a maior recompensa que eu poderia esperar. Então ela finalmente sussurrou:

— Posso esperar cinco anos. Eu estava disposta a esperá-lo por toda a eternidade. Será difícil, mas poderei esperar cinco anos por Tanus. Você estava certo em não me deixar morrer, Taita. Teria sido uma ofensa aos deuses.

Meu alívio foi reanimador e agora sentia-me mais confiante de que conseguiria conduzi-la em segurança por tudo o que nos esperava.



Na madrugada seguinte a flotilha real zarpou de Karnak para o sul. Como o rei havia prometido, minha senhora Lostris e todo o seu séquito estavam a bordo de uma das pequenas e velozes galés da

esquadra sul.

Eu estava sentado com minha ama nas almofadas sob um toldo que o capitão arranjara para ela na popa. Olhamos para trás, vendo os edifícios esverdeados da cidade brilhar aos primeiros raios amarelados do sol nascente.

— Não imagino aonde ele terá ido. — Ela pensava em Tanus, como fizera uma centena de vezes desde que partimos. — Você o procurou em todos os lugares?

— Por toda parte — confirmei. — Passei metade da manhã vasculhando a cidadela e o cais. Ele desapareceu. Mas deixei sua mensagem com Kratas. Pode estar certa de que ele a entregará.

— Cinco anos sem ele! Nunca passarão...



A viagem rio acima transcorreu agradavelmente, em dias longos e preguiçosos que passei sentado no convés de popa conversando com minha senhora Lostris. Discutimos todos os detalhes de nossa nova situação e analisamos o que poderíamos esperar do futuro.

Expliquei-lhe as complexidades da vida na corte, os precedentes e o protocolo. Discorri sobre as linhas ocultas de poder e influência, enumerei as pessoas que seriam de nosso interesse cultivar e as que seria mais seguro ignorar. Expliquei-lhe os problemas mais prementes e como o faraó reagia a cada um deles. Então passei a discutir com ela os sentimentos e estados de ânimo do povo.

Em grande medida eu devia todas aquelas informações a meu amigo Aton, o camareiro real. Parecia que nos últimos doze anos cada navio que descera de Elefantina para Karnak trouxera-me uma carta dele repleta desses fascinantes detalhes, e ao retornar à ilha levava a meu amigo uma mostra em ouro de minha gratidão.

Eu estava decidido a ocuparmos assim que possível o centro da corte e do poder. Não havia educado minha ama todos aqueles anos para ver as armas que colocara em seu arsenal enferrujar por falta de uso. A soma de seus talentos e habilidades era formidável, e eu pacientemente a aumentava a cada dia. Ela possuía uma mente aguçada e inquieta. Quando consegui ajudá-la a livrar-se do humor sombrio que ameaçara destruí-la, ela voltou a abrir-se a meus ensinamentos, como de hábito. Sempre que eu tinha oportunidade, instigava sua ambição e sua avidez para assumir o papel que eu planejava para ela.

Logo descobri que um dos meios mais eficazes de atrair a atenção e a cooperação de Lostris era sugerir que tudo acabaria por beneficiar Tanus.

— Se tiver influência na corte, poderá protegê-lo — eu salientei. — O rei impôs a Tanus uma tarefa quase impossível. Ele precisará de nós para ter êxito, e se fracassar somente você poderá salvá-lo da sentença que o rei proferiu contra ele.

— O que podemos fazer para ajudá-lo a desempenhar a tarefa? — Sua atenção era imediatamente intensificada quando eu mencionava Tanus. — Diga-me a verdade, algum homem seria capaz de derrotar os pegas? Não é uma missão difícil demais, mesmo para alguém como Tanus?

"Pegas" era como se autodenominavam os bandidos que aterrorizavam o Alto Reino, como os valentes pássaros. A pega do Nilo é menor que um pombo, uma bela criatura de peito branco, pescoço, costas e cabeça negra, que ataca os ninhos de outras aves e faz uma terrível exibição das carcaças

patéticas de suas vítimas, pendurando-as nos espinhos das acácias. Seu nome comum em nossa terra é carniceiro.

No princípio, os bandidos o haviam usado como nome críptico para ocultar sua identidade e sua existência, mas depois que se tornaram tão fortes e temidos adotaram-no abertamente e muitas vezes usavam como emblema a pluma preta e branca da pega.

No início deixavam a pena na entrada das casas assaltadas ou junto ao cadáver de suas vítimas. Mas naquela época já se haviam tornado tão atrevidos e organizados que chegavam a enviar uma pena como advertência às potenciais vítimas. Na maioria dos casos era o bastante para fazer a vítima entregar a metade de seus bens terrenos. Isso era preferível a ter tudo saqueado, ver a esposa e as filhas raptadas e violadas, e ele mesmo e os filhos atirados às ruínas em chamas de sua casa.

— Você acha possível que mesmo com o poder do selo do falcão Tanus consiga se desincumbir da missão real? — repetia minha ama. — Ouvi dizer que todos os bandos de carneiros do Alto Reino são controlados por um homem, que chamam de Akh-Seth, "o irmão de Seth". É verdade, Taita?

Pensei por um momento antes de responder. Ainda não podia lhe contar tudo o que eu sabia sobre os carneiros, pois se o fizesse seria obrigado a revelar como esse conhecimento chegara até mim. Naquele estágio, isso de nada serviria a ela ou a mim. Mais tarde talvez houvesse ocasião para essas revelações.

— Também ouvi esse rumor — concordei cautelosamente. — Parece que se Tanus encontrar e esmagar esse homem, Akh-Seth, os pegos se desintegrarão. Mas Tanus precisará de ajuda que apenas eu posso lhe dar.

Ela me olhou incrédula.

— Como pode ajudá-lo? — perguntou. — E o que você sabe sobre tudo isso?

Ela é rápida e difícil de enganar. Percebeu imediatamente que eu estava ocultando alguma coisa e tive de recuar agilmente, lançando mão de seu amor por Tanus e sua confiança em mim.

— Pelo bem de Tanus, não me pergunte mais nada. Apenas dê-me sua permissão para eu fazer o que puder para ajudá-lo a realizar a tarefa que lhe impôs o faraó.

— Sim, é claro, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance. Diga-me como poderei ajudá-lo.

— Eu ficarei com você na corte de Elefantina durante noventa dias, mas então deve dar-me permissão para partir à procura dele...

— Não, não, não — ela me interrompeu —, se puder ajudar Tanus deve ir imediatamente.

— Noventa dias — repeti com insistência.

Esse era o período de graça que eu conseguira para ela. Embora me sentisse dividido entre aquelas duas queridas crianças, o dever primeiro era para com minha senhora Lostris.

Eu sabia que não poderia deixá-la a sós na corte sem um amigo ou tutor. Também sabia que precisava estar com ela quando o rei finalmente a mandasse buscar à noite.

— Ainda não posso deixá-la, mas não se preocupe. Mandei um recado para Tanus por intermédio de Kratas. Eles estarão me esperando, e expliquei a Kratas tudo o que deve ser feito antes que eu regresse a Karnak.

Não queria contar-lhe mais nada, e poucas pessoas são mais obtusas ou evasivas que eu quando o decido.

A flotilha navegava apenas durante o dia. Nem as técnicas de navegação do almirante Nembet nem o conforto do rei e sua corte permitiam o trajeto noturno, por isso toda tarde atracávamos e uma floresta de tendas espalhava-se pela margem do rio. Os emissários reais escolhiam os locais mais agradáveis para armar acampamento, geralmente num grupo de palmeiras ou ao abrigo de uma colina, com um templo ou aldeia próximos onde pudéssemos obter suprimentos.

Toda a corte continuava em clima festivo, e os acampamentos eram vistos como uma diversão a mais. Havia danças e festejos à luz das fogueiras, enquanto nas sombras os cortesãos faziam intrigas e flertavam. Muitas alianças políticas ou carnavais foram decididas naquelas noites balsâmicas, perfumadas pelo rico aroma das terras úmidas à beira do rio e pelo ar espicante do deserto, a distância.

Eu aproveitava todos os momentos para obter vantagens para minha senhora e para mim. É claro que agora ela era uma das damas reais, mas já havia várias centenas delas e minha senhora ainda era uma novata. A esperteza do senhor Intef poderia alterar sua futura posição, mas somente se ela desse um filho ao faraó. Enquanto isso, tudo dependia de mim.

Quase todas as tardes, depois de desembarcarmos, o faraó mandava me chamar, em princípio para verificar o tratamento de sua coceira, mas na realidade para revermos os preparativos para a produção de um herdeiro para o trono. Enquanto ele observava interessado, eu preparei meu tônico para potência e virilidade com raspas de chifre de rinoceronte e raiz de mandrágora, que misturava com leite de cabra morno e mel. Depois que ele o tomou, examinei o membro real e fiquei deliciado, pelo bem de minha ama, porque não tinha nem o comprimento nem a espessura que se esperaria de um deus. Na minha opinião, minha ama, mesmo em seu estado de virgindade, seria capaz de suportar aquelas modestas dimensões sem muito desconforto. Naturalmente eu fazia o possível para evitar o temido momento, mas já que era incapaz de impedi-lo estava determinado a facilitar para ela a passagem para a feminilidade adulta.

Depois de verificar que o rei, apesar de maldotado, era saudável nessas regiões, recomendei que fosse aplicado ao membro real à noite, antes de dormir, um mingau feito de farinha de milho com azeite e mel, e então continuei a tratar sua micose. Para intensa gratificação do rei, a pomada curou o problema em três dias, como eu prometera, e minha reputação já considerável como médico foi realçada. O rei propagou meu feito para seu conselho de ministros, e em poucos dias eu tinha grande demanda em toda a corte. Quando souberam que eu era não apenas um curandeiro como também astrólogo, a quem até o rei consultava, minha popularidade tornou-se ilimitada.

Toda noite chegava a nossa tenda uma seqüência de mensageiros, desta dama ou daquele senhor, trazendo caros presentes para minha senhora e suplicando-lhe que autorizasse minha visita a eles para uma consulta. Concedíamos favores apenas àqueles com quem desejávamos maior aproximação. Quando eu me encontrava na tenda de um nobre e poderoso senhor, ele de saíote levantado para que eu lhe examinasse as hemorróidas, era fácil elogiar minha ama e chamar a atenção do paciente para suas muitas virtudes.

As outras damas do harém logo descobriram que minha senhora Lostris e eu cantávamos em lindo dueto e que éramos capazes de compor rimas intrigantes e contar histórias engraçadas. Éramos solicitados por toda a corte, especialmente entre as crianças do harém. Isto dava-me grande prazer, pois se há coisa que amo mais que os animais são as crianças.

O faraó, que era o principal responsável por nossa popularidade, logo soube de sua força crescente. Isto fez recrudescer seu interesse por minha ama, que já era suficientemente intenso. Em muitas manhãs, na hora de zarpar, ela era chamada a bordo do navio real para passar o dia em companhia do rei, e na

maioria das noites, a convite dele, minha senhora jantava à mesa do faraó, deliciando-o e à sua companhia com a inteligência e a graça que lhe eram inatas. Eu estava sempre discretamente nas proximidades. Como o rei não mandasse buscá-la à noite para submetê-la aos horríveis mas indefinidos terrores que ela imaginava, seus sentimentos em relação a ele começaram a moderar-se.

Por trás de seu aspecto melancólico o faraó Mamose era um homem bom e decente. Minha senhora Lostris logo percebeu isso, e, como eu, passou a apreciá-lo bastante. Antes que chegássemos à ilha Elefantina ela já o tratava como a um tio querido, e sentava-se com desembaraço em seus joelhos para contar uma história ou jogava palitos com ele no convés do navio, ambos corados de animação e rindo como crianças. Aton confidenciou-me que nunca havia visto o rei tão feliz.

Tudo isso era comentado pela corte, que logo reconheceu Lostris como a favorita do rei. E em breve havia novos visitantes em nossa tenda, trazendo petições que desejavam levar à atenção do faraó por intermédio de minha ama. Os presentes que ofereciam eram ainda mais valiosos que os que eu ganhava por meus serviços.

Minha ama havia recusado o dote de seu pai em troca de um simples escravo, e assim iniciara a jornada para o sul pobre e dependente de minhas modestas economias. No entanto, antes do fim da viagem, havia acumulado uma fortuna considerável e também uma longa lista de favores devidos por seus novos e ricos amigos. Eu mantinha uma contabilidade cuidadosa desses bens.

Não sou tão arrogante a ponto de supor que minha senhora Lostris não teria conquistado esse reconhecimento sem minha ajuda. Sua beleza, sua inteligência e sua natureza suave e calorosa a teriam tornado uma favorita em quaisquer circunstâncias. Sugiro apenas que eu pude fazer isso acontecer um pouco mais rápido e com maior segurança.

Nosso sucesso acarretou alguns reveses. Como sempre, havia o ciúme dos que se sentiam afastados dos favores do faraó, e havia também a questão do crescente interesse carnal do rei por minha ama. Isto era agravado pelo período de abstinência que eu lhe impusera.

Certa noite em sua tenda, depois de eu ter administrado o chifre de rinoceronte, ele confidenciou-me:

— Taita, este seu tratamento é realmente muito eficiente. Não me sinto tão viril desde que era rapaz, muito antes de minha coroação e divinização. Esta manhã, quando acordei, tinha um enrijecimento do membro tão gratificante que mandei chamar Aton para que o visse. Ele ficou muito impressionado e quis ir buscar sua ama imediatamente.

Fiquei alarmadíssimo com essa notícia. Fiz minha expressão mais preocupada e balancei a cabeça, inspirando o ar por entre os dentes e soltando-o aos trancos para exprimir minha desaprovação.

— Fico feliz pelo vosso bom senso em não concordar com a sugestão de Aton, majestade. Poderíeis facilmente ter estragado todo o nosso esforço. Se desejais um filho, deveis seguir meticulosamente meu regime.

Isso me fez lembrar que o tempo passa depressa e que logo terminariam os noventa dias de tolerância. Comecei a condicionar minha senhora para aquela noite próxima em que o faraó a requisitaria.

Primeiro devia preparar sua mente, e comecei por indicar-lhe que era inevitável e que se ela desejasse sobreviver ao rei e encontrar Tanus teria de submeter-se ao desejo real. Lostris sempre foi uma menina sensata.

— Então você terá de explicar exatamente o que ele espera de mim, Taita — ela suspirou.

Eu não era o melhor instrutor nesse sentido. Minha experiência pessoal havia sido efêmera, mas consegui delinear os fundamentos, fazendo-os parecer lugar-comum para não a alarmar indevidamente.

— Vai doer? — ela quis saber, e apressei-me a acalmá-la.

— O rei é um homem gentil, e tem grande experiência com jovens. Tenho certeza de que ele será delicado. Prepararei para você um unguento que tornará as coisas muito mais fáceis. Vou aplicá-lo todas as noites antes de você dormir, para abrir o portão. Pense que Tanus um dia passará por esse mesmo portal e que você está fazendo isso para recebê-lo, e mais nada.

Tentei ser um médico isento e não sentir prazer sensual ao fazer o que era preciso para ajudá-la. Que os deuses me perdoem, mas fracassei em minha resolução. Suas partes femininas eram tão perfeitas que obs-cureciam as mais belas flores que eu já cultivara em meu jardim. Nenhuma rosa do deserto jamais exibiu pétalas tão maravilhosas. Quando eu espalhava a pomada sobre elas, secretavam seu delicado orvalho, mais suave e sedoso ao toque do que qualquer unguento que eu pudesse inventar.

Suas faces ficaram rosadas e sua voz, rouca, quando ela murmurou:

— Até hoje havia pensado que essa minha parte tinha apenas um objetivo. Por que é que quando você faz isso sinto tanta saudade de Tanus?

Ela confiava em mim de modo tão absoluto e tinha tão pouco conhecimento dessas sensações que me foi necessário exercer toda a ética médica para continuar com o tratamento apenas até onde era preciso. No entanto, mal pude dormir naquela noite, perseguido por sonhos impossíveis.



Ao navegarmos para o sul, as faixas de terra verdejante nas margens se estreitaram e o deserto começou a nos envolver. Em certos pontos, íngremes rochedos de granito negro erguiam-se sobre os campos e nos comprimiam a ponto de sombrear as águas túrgidas do Nilo.

O mais arriscado desses estreitos era conhecido como os Portões de Hapi, e ali as águas espumavam com força, redemoinhando ao passar entre os penhascos.

Atravessamos os Portões de Hapi e finalmente chegamos à ilha Ele-fantina, a maior de um grande arquipélago espalhado pela garganta do Nilo, onde os montes escarpados constroem seu fluxo e o impeliam numa corredeira.

Elefantina tinha a forma de um enorme tubarão perseguindo as ilhotas acima do estreito. De cada lado do rio o deserto exibia cores e características diferentes. Na margem oeste, as dunas saarianas eram laranja-escuro e selvagens como os beduínos, os únicos mortais capazes de sobreviver entre elas. Para leste, o deserto Árábico era de um cinza sujo e fosco, pontilhado por montes negros que dançavam como miragem ao calor. Esses desertos tinham apenas uma coisa em comum: eram ambos assassinos de homens.

Que contraste delicioso fazia a ilha Elefantina, incrustada como uma jóia cintilante na coroa de prata do rio. Ela recebera seu nome por causa dos rochedos de granito arredondados que se amontoavam na margem como um rebanho de enormes paquidermes, e também pelo fato de ter centralizado durante mil

anos o comércio de marfim transportado pelas caravanas desde a inóspita terra de Kuch, além das cataratas.

O palácio faraônico estendia-se pela maior parte da ilha, e dizia-se em troça que o rei escolhera aquela localização tão meridional para construí-lo para ficar o mais distante possível do pretendente vermelho, ao norte.

A grande extensão de água que cercava a ilha protegia-a do ataque inimigo, mas a cidade transbordara para as duas margens a seu redor. Depois da Grande Tebas, as duas porções de Elefantina formavam a maior e mais populosa cidade do Alto Reino, uma digna rival de Mênfis, capital do usurpador do Baixo Reino.

Como em nenhum outro lugar em todo o Egito, a ilha era coalhada de árvores. Suas sementes haviam sido trazidas pelo rio em milhares de inundações anuais, e se enraizaram nos férteis sedimentos também transportados pelas águas incansáveis.

Em minha última visita a Elefantina, quando eu subira o rio para pesquisar a vazão do rio para meu senhor Intef, na qualidade de Guardião das Águas, havia passado vários meses na ilha. Com a assistência do jardineiro-chefe, cataloguei os nomes e histórias naturais de todas as plantas dos jardins do palácio, por isso podia indicá-las para minha ama. Havia árvores *deficus* como não se viam em nenhuma outra parte do país. Seus frutos não cresciam nos ramos, mas no tronco principal, e as raízes eram retorcidas e trançadas como serpentes no acasalamento. Havia árvores de sangue-de-dragão cuja casca, quando cortada, vertia seiva de um vermelho vivo. Havia sicômoros kuchitas e uma centena de outras variedades que espalhavam uma deliciosa sombra verde por toda a ilha.

O palácio real fora construído sobre o granito maciço que repousava abaixo do solo fértil e formava o esqueleto da ilha. Muitas vezes me perguntei por que motivo nossos reis, a longa linhagem de faraós das cinquenta dinastias, que se estendem mil anos atrás, devotaram tanta energia e riqueza à construção de enormes e eternas tumbas de granito e mármore, se em suas vidas se contentaram com palácios de muros de barro e tetos de palha. Em comparação com o magnífico templo fúnebre que eu estava construindo para o faraó Mamose em Karnak, este palácio era algo muito modesto, e a ausência de linhas retas e de simetria ofendia meus instintos, tanto de matemático como de arquiteto. Imagino que a miscelânea de paredes de argila vermelha e telhados em ângulos divergentes tivesse algum encanto bucólico, mas eu ardia de vontade de sacar minha régua e a linha de prumo.

Quando desembarcamos e chegamos aos aposentos a nós destinados, o verdadeiro atrativo de Elefantina ficou ainda mais evidente. Estávamos sem dúvida alojados no harém murado, na ponta norte da ilha, mas a dimensão e o mobiliário dos apartamentos confirmavam nossa posição favorecida, não apenas diante do rei, mas também de seu camareiro. Aton havia feito os preparativos e mostrara-se, assim como os demais, completamente indefeso contra o encanto de minha ama, e agora era seu mais desavergonhado admirador.

Ele colocou a nossa disposição doze quartos espaçosos e arejados, com pátio e cozinha próprios. Um portão lateral no muro principal levava diretamente à praia do rio e a um pequeno cais de pedra. No nosso primeiro dia ali, comprei um bote de fundo chato que poderíamos usar para pescar e caçar aves, e que mantinha amarrado ao cais.

Quanto ao restante de nosso novo lar, por mais confortável que fosse, nem minha ama nem eu ficamos satisfeitos e imediatamente passamos a embelezá-lo. Com a cooperação de meu velho amigo, o

jardineiro-chefe, desenhei e plantei no pátio um jardim particular, com um quiosque de palha sob o qual descansávamos nas horas quentes do dia e onde eu mantinha empoleirados meus falcões *saker*.

No cais, montei um *shaduf* para bombear do rio um fluxo constante de água, que conduzi através de canos de cerâmica a nosso próprio jardim aquático, com piscinas de lírios e poços com peixes. A água dos tanques escorria por um cano estreito que fiz atravessar a parede da câmara de minha senhora, num canto oculto por uma tela, e dali ela retornava à corrente do Nilo. Esculpi uma banquetta de cedro oloroso com um buraco no centro e coloquei-o sobre o escorredouro, de modo que qualquer coisa que caísse pelo banco seria carregado pelo fluxo d'água incessante. Minha senhora ficou encantada com essa inovação e passava muito mais tempo encarapitada no banco do que era realmente necessário para efetuar o assunto para o qual fora projetado.

As paredes de nossos apartamentos eram de argila vermelha crua. Criamos um conjunto de afrescos para cada quarto. Eu desenhei os cartões e os transpus para as paredes, e então minha ama e suas aias pintaram os desenhos. Os afrescos eram cenas da mitologia divina. É claro que usei minha senhora Lostris como modelo para a figura de Isis, mas não era de espantar que a figura de Hórus ocupasse o centro de cada pintura e que por insistência de minha ama ele tenha sido pintado com os cabelos avermelhados e parecesse estranhamente familiar.

Os afrescos provocaram um frêmito no harém, e todas as esposas reais se revezaram para visitar-nos, beber *sherbet* e admirar as pinturas. Havíamos lançado a moda, e fui requisitado para efetuar a redecoração da maioria dos apartamentos privativos do harém, a uma taxa adequada, certamente. Nesse processo fizemos várias novas amigas entre as damas reais, e aumentamos consideravelmente nossas finanças.

Em pouco tempo o rei soube da decoração e veio examiná-la em pessoa. Lostris conduziu-o numa volta completa dos apartamentos. O faraó notou a banquetta d'água, da qual minha ama tanto se orgulhava que quando o rei lhe pediu uma demonstração ela a fez sem hesitar, montando no aparato e rindo enquanto enviava um brilhante esguicho pelo esgoto.

Ela ainda era tão inocente que não percebeu o efeito que essa demonstração causou em seu marido. Vi pela expressão dele que seria impossível qualquer tentativa minha de prorrogar os noventa dias prometidos.

Depois do percurso, o faraó sentou-se sob a barraca e bebeu uma taça de vinho, enquanto dava boas risadas de alguns comentários de minha ama. Enfim ele dirigiu-se a mim:

— Taita, você precisa construir para mim um jardim aquático e um quiosque como estes, só que muito maiores, e também pode aproveitar para fazer uma banquetta d'água.

Quando finalmente ele se dispôs a ir embora, ordenou-me que caminhasse um pouco a sós com ele, a pretexto de discutir o novo jardim, mas eu sabia do que se tratava. Assim que saímos do harém ele falou:

— Ontem à noite sonhei com sua ama, e quando acordei vi que minha semente se havia derramado nos lençóis. Isso não me acontecia desde que eu era menino. Essa sua pequena feiticeira passou a ocupar meus pensamentos quando durmo e quando estou desperto. Não tenho dúvida de que poderei ter um filho com ela e de que não devemos tardar mais. O que acha, doutor, ainda não estou pronto para tentar?

— Aconselho-vos enfaticamente a observar os noventa dias, majestade. Qualquer tentativa antes disso seria loucura. — Era perigoso rotular o desejo do rei de loucura, mas eu estava desesperado para

contê-lo. — Seria insensato desperdiçar nossas chances de sucesso por um período de tempo tão curto. — Afinal eu prevaleci e deixei-o com o ar mais triste que nunca.

Quando voltei ao harém, adverti minha senhora das intenções do rei, e já a havia condicionado tão completamente a aceitar o inevitável que ela não demonstrou grande dissabor. A essa altura já se resignara ao papel de favorita do rei, e minha promessa de que seu cativo na ilha Elefantina seria breve tornava mais fácil para ela suportar tudo. Com toda a justiça, nossa estadia na ilha real não poderia ser classificada como cativo. Nós, egípcios, somos as pessoas mais civilizadas da terra e tratamos bem nossas mulheres. Já ouvi dizer que outros, como os hurritas, kuchitas e líbios, por exemplo, são muito cruéis e desna-turados em relação a suas esposas e filhas.

Os líbios fazem do harém uma verdadeira prisão, em que as mulheres passam toda a vida sem avistar um homem além dos eunucos e meninos. Dizem que até mesmo cães e gatos machos são proibidos de passar pelos portões, tão grande é seu furor possessivo.

Os hurritas são ainda piores. Não apenas confinam as mulheres e as fazem cobrir os corpos dos tornozelos aos pulsos, como as obrigam a andar mascaradas, mesmo na reclusão do harém. Assim, somente os olhos dos maridos pousam sobre seus rostos.

As tribos primitivas de Kuch são as piores. Quando suas mulheres chegam à puberdade, são circuncidadas da maneira mais selvagem. Cortam-lhes o clitóris e os lábios internos da vagina, retirando a zona de prazer sexual para que nunca se sintam tentadas a trair seus maridos.

Isto pode parecer tão estranho que desafia a compreensão, mas vi com meus próprios olhos o resultado dessa cirurgia brutal. Três das escravas de minha ama foram capturadas pelos traficantes somente depois da maturidade e de terem sido submetidas à ablação por seus próprios pais. Quando examinei os buracos rodeados de cicatrizes que lhes fizeram fiquei enojado, e meus instintos de médico foram profundamente ofendidos por essa mutilação da obra-prima dos deuses, o corpo humano. Pude observar que essa circuncisão não atinge seu objetivo, pois parece privá-las das mais desejáveis características femininas, deixando-as frias, calculistas e cruéis. Tornam-se monstros assexuados.

Por outro lado, nós egípcios respeitamos as mulheres e as tratamos, se não como iguais, pelo menos com consideração. Nenhum marido pode bater na mulher sem consultar um magistrado, e tem o dever legal de vesti-la, mantê-la e alimentá-la de acordo com sua posição social. A esposa do rei ou de um nobre não é confinada ao harém, e, desde que adequadamente acompanhada, pode passear pelas ruas da cidade ou pelo campo. Não é obrigada a esconder seus encantos, e, segundo a moda da época e sua própria vontade, pode sentar-se à mesa de refeições do marido com o rosto descoberto e os seios nus, e entreter os companheiros dele com conversas e canções.

A mulher egípcia pode ter seus próprios escravos, terras e fortuna à parte dos bens do marido, embora as crianças que ela gere sejam apenas dele. Pode pescar, soltar falcões e mesmo praticar o arco, embora atividades masculinas como luta e esgrima lhe sejam proibidas. Existem algumas atividades que lhe são vetadas, como a prática da lei e da arquitetura, mas uma esposa de alta classe é uma pessoa conseqüente, dona de deveres legais e dignidade. Naturalmente as coisas não são iguais para as concubinas ou esposas de homens comuns. Elas têm os mesmos direitos que os burros ou os bois.

Portanto, minha ama e eu éramos livres para passear por toda parte e explorar as cidades gêmeas em cada margem do Nilo, assim como o campo a seu redor. Nas ruas de Elefantina minha senhora Lostris logo se tornou muito querida, e o povo se reunia para lhe pedir a bênção e a generosidade. Aplaudiam sua graça e sua beleza, assim como haviam feito em sua Tebas natal. Fui instruído por ela a sempre trazer

um saco de bolos e doces com os quais alimentava as crianças que pareciam esfaimadas. Por onde quer que fôssemos éramos sempre rodeados por um bando alegre e saltitante de crianças.

Minha ama parecia sempre feliz de sentar-se à porta de um casebre com a dona da casa ou sob uma árvore no campo de um agricultor e escutar suas queixas e problemas. Na primeira oportunidade ela as transmitia ao faraó. Muitas vezes ele sorria com indulgência e concordava em tomar as atitudes que ela sugeria. Assim nasceu sua reputação de defensora do povo simples. Quando passava pelos bairros mais pobres e tristes da cidade deixava atrás de si sorrisos e alegria.

Em outros dias pescávamos juntos em nosso bote nas águas recônditas das lagoas criadas pela cheia do Nilo, ou colocávamos chamarizes para os patos selvagens. Eu havia feito um arco adequado à força de minha senhora. Não se assemelhava ao grande arco Lanata que eu criara para Tanus, é claro, mas servia para caçar as aves aquáticas. Minha senhora era melhor caçadora que a maioria dos homens que eu via treinando com alvos, e quando disparava uma flecha era raro que eu não tivesse de mergulhar para recolher uma ave.

Sempre que o rei saía para caçar com falcões minha ama era convidada a acompanhá-lo. Eu caminhava atrás dela com meus falcões no braço, e bordejávamos as moitas de papiro. Assim que uma garça levantava de um poço oculto nos caniços, batendo as asas com força, minha senhora pegava um dos falcões que eu carregava e beijava-lhe a cabeça encapuzada.

— Voa rápido e certeiro, meu belo! — sussurrava para o animal, e retirava-lhe o capuz, revelando os ferozes olhos amarelos e libertando o esplêndido matador.

Olhávamos em transe enquanto o falcão circulava no alto, localizando a presa, então dobrava as asas de adaga e mergulhava com uma velocidade que fazia o vento cantar em sua plumagem manchada. O ruído do impacto chegava claramente até nós de uma distância de duzentos passos. Um borribo de plumas azuis-claras espalhava-se pelo azul mais profundo do céu e então era levado como fumaça pela brisa do rio. O falcão atacava a presa com suas garras possantes e a esmagava contra a terra. Minha ama gritava em triunfo e corria rápida como um menino para apanhar o pássaro, elogiá-lo e acariciá-lo, e então o alimentava com a cabeça decepada da garça.

Eu amo as criaturas da água, da terra e do ar. Minha senhora tem o mesmo sentimento. Por que então, sempre me pergunto, ambos temos tanto apreço pelos esportes da caça? Já quebrei a cabeça a respeito e não consegui encontrar resposta. Talvez seja simplesmente porque o homem, e também a mulher, são os mais ferozes predadores. Sentimos uma semelhança com o falcão, com sua beleza e sua velocidade. A garça e o ganso foram dados por deus ao falcão como sua merecida presa. Do mesmo modo, o homem recebeu o domínio de todas as demais criaturas da terra. Não podemos negar esses instintos com os quais nos dotaram os deuses.

Desde a mais tenra idade, quando ela adquiriu a força e a paciência para nos acompanhar, eu permitira que minha senhora Lostris viesse com Tanus e eu em nossas excursões de caça e pesca. Pois, talvez para disfarçar seu ódio pelo rival, o senhor Harrab, meu senhor Intef consentia em minhas caçadas com o jovem Tanus.

Muitos anos atrás, Tanus e eu nos havíamos apoderado de uma barraca de pescador abandonada que descobrimos na margem do pântano perto de Karnak. Havíamos feito dela nossa cabana de caça secreta. Ficava a pequena distância da orla do deserto. Daquela base confortável podíamos escolher entre pescar ou caçar aves na lagoa ou soltar os falcões atrás da nobre e gigantesca abetarda no deserto.

No princípio Tanus havia-se ressentido da intromissão em nosso mundo particular daquela garotinha de nove anos, magra e de peito liso como um menino. Mas logo ele se acostumara com sua presença e achava até conveniente ter alguém para fazer as tarefas aborrecidas no acampamento.

Assim, pouco a pouco, Lostris havia aprendido o prazer e os segredos dos espaços abertos, até conhecer cada peixe e ave por seu nome e ser capaz de preparar um anzol ou um arco com habilidade. Afinal Tanus sentia tanto orgulho dela como se ele mesmo a houvesse convidado a nos acompanhar.

Lostris estava conosco nos montes de rocha negra que dominavam o vale no dia em que Tanus caçou o matador de vacas. Era um velho leão cheio de cicatrizes, cuja cabeleira negra ondulava como um milhoal ao vento quando ele andava, e tinha um rugido de trovão. Soltamos a matilha atrás dele e a seguimos enquanto farejava o leão no pasto onde havia matado a última rês. Os cães o encurralaram na entrada de um desfiladeiro rochoso. O leão arremeteu contra nós assim que nos aproximamos e afastamos os cães para passar entre eles.

Quando veio rugindo e bufando em nossa direção, minha senhora ficou impassível, um passo atrás de Tanus, com seu pequeno arco retesado. Foi Tanus quem matou a fera, é claro, disparando uma flecha de Lanata diretamente em sua garganta aberta. Mas ambos vimos a demonstração de grande coragem de minha senhora Lostris.

Acho que foi provavelmente naquele dia que Tanus percebeu seus verdadeiros sentimentos por ela, e para minha ama as imagens de caça sempre estiveram ligadas à memória de seu amor. Desde então ela se tornara uma caçadora incansável. Aprendera com Tanus e comigo a respeitar e amar a presa, mas a não encher-se de culpa quando exercitava seus direitos conferidos pelos deuses sobre as demais criaturas da terra, de usá-las como bestas de carga, consumi-las como comida ou persegui-las como diversão.

Podemos ter o domínio sobre os animais, mas da mesma forma todos os homens e mulheres são o gado do faraó e ninguém pode contradi-zê-lo. Na nonagésima noite, ele prontamente enviou Aton para buscar minha senhora.



Devido a nossa amizade e a seus próprios sentimentos por minha ama, Aton havia-me mandado avisar antes de vir. Pude assim realizar meus preparativos finais bem antes de sua chegada. Pela última vez instruí precisamente minha ama sobre o que deveria dizer ao rei e como agir diante dele. Então apliquei-lhe a pomada que havia reservado para a ocasião. Não era um lubrificante, mas continha a essência de uma erva que utilizo para amortecer a dor de dentes e outros problemas menores de meus pacientes. Tinha a propriedade de acalmar as sensíveis mucosas do corpo.

Ela foi corajosa até o momento em que Aton apareceu na porta do quarto, então a coragem a abandonou e ela correu para mim com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Não consigo ir sozinha. Tenho medo. Por favor, venha comigo, Taita. — Ela estava pálida sob a pintura facial que eu lhe aplicara cuidadosamente, e tomada por um acesso de tremor que fazia bater seus pequeninos dentes brancos.

— Senhora, sabe que isso é impossível. O faraó mandou buscá-la. Desta vez não posso ajudá-la.

Foi então que Aton veio em seu socorro.

— Talvez Taita possa esperar comigo na antecâmara do rei. Afinal é o médico real e seus serviços podem ser necessários — ele sugeriu com a voz esganiçada, e minha ama ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto gordo.

— Você é tão bom, Aton — murmurou, e ele enrubescou. Minha senhora Lostris apertava-me a mão quando seguimos Aton pelo labirinto de corredores até os apartamentos reais. Na antecâmara ela apertou-a com mais força, então soltou-a e foi até a porta. Ali parou e voltou-se para mim. Nunca estivera tão linda, jovem e vulnerável. Meu coração estava partido, mas sorri para lhe dar coragem. Ela virou-se e avançou por entre as cortinas. Ouvi o murmúrio do rei ao recebê-la e sua suave resposta.

Aton me fez sentar numa banquetta junto à mesa baixa, e sem dizer nada arranjou o tabuleiro de *baou* entre nós. Joguei sem prestar atenção, movendo as pedras redondas e polidas pelas depressões esculpidas no tabuleiro de madeira, e Aton rapidamente venceu-me três partidas em seguida. Poucas vezes ele havia ganhado de mim, mas eu estava distraído pelas vozes que vinham do quarto adjacente, embora fossem baixas demais para que eu pudesse captar as palavras.

Então escutei claramente minha ama dizer, do modo como eu lhe havia ensinado:

— Por favor, majestade, seja delicado comigo. Imploro-lhe que não me machuque.

O pedido foi tão tocante que até Aton tossiu de leve e assoou o nariz na manga, enquanto eu me contive para não saltar e correr para afastar minha senhora dali.

Por um momento houve silêncio, e então um único e forte soluço que estremeceu minha alma. Depois, novamente o silêncio.

Aton e eu ficamos concentrados no jogo, não mais fingindo. Não sei quanto tempo esperamos, mas devia ser a hora da última ronda quando ouvi os roncões de um velho por trás das cortinas. Aton olhou-me e assentiu, então levantou-se pesadamente.

Antes que alcançasse as cortinas elas se abriram e minha ama as atravessou, vindo diretamente para mim.

— Leve-me para casa, Taita — sussurrou.

Sem pensar carreguei-a nos braços. Ela enlaçou meu pescoço e pousou a cabeça em meu ombro, como costumava fazer quando era menina. Aton apanhou a lamparina e iluminou nosso caminho de volta até o harém. Deixou-nos à porta do quarto de minha ama. Deitei-a na cama e enquanto ela cochilava examinei-a delicadamente. Havia um pouco de sangue nas coxas sedosas, mas estava seco.

— Sente alguma dor, minha pequena? — perguntei suavemente, e ela abriu os olhos e sacudiu a cabeça.

Então, inesperadamente, sorriu para mim.

— Não sei por que tanto segredo sobre isso — murmurou. — Afinal, não foi muito pior do que usar sua banquetta d'água, e também não demorou muito mais. — Então ela se encolheu e dormiu sem mais um som.

Quase chorei de alívio. Todos os meus preparativos e as ervas anestésicas que eu empregara haviam-na ajudado a não sofrer danos no corpo ou em seu meigo espírito.



De manhã saímos para caçar com os falcões, como se nada diferente houvesse ocorrido, e minha ama mencionou o assunto apenas uma vez durante o dia. Quando comíamos à beira do rio, perguntou pensativamente:

— Será igual com Tanus, não é, Taita?

— Não, minha senhora. Você e Tanus se amam. Será diferente. Será o momento mais maravilhoso de toda a sua vida — afirmei.

— Sim, eu sinto no fundo do coração que é assim que deve ser — ela sussurrou, e involuntariamente ambos olhamos para o norte ao longo do Nilo, na direção de Karnak, muito além do horizonte.

Apesar de eu conhecer muito bem meus deveres em relação a Tanus, a vida na ilha era tão idílica e eu apreciava tanto a companhia exclusiva de minha ama que retardei minha partida com a desculpa de que ela ainda precisava de mim. Na verdade, embora o faraó a mandasse chamar todas as noites, minha senhora tinha um caráter duro e resistente e fora abençoada com um instinto de sobrevivência a toda prova. Rapidamente ela aprendeu a agradar o rei e ao mesmo tempo permanecer intocada e emocionalmente estável. Não precisava mais de mim tanto quanto Tanus. Na verdade, foi ela quem começou a me incentivar a deixá-la em Elefantina e a descer o rio novamente.

Eu ia adiando, até que uma noite, depois de passarmos o dia todo no campo com o rei, chegamos tarde ao palácio. Providenciei o banho de minha ama e sua refeição noturna e depois fui para meus cômodos.

Ao entrar no quarto senti o delicioso odor de mangas e romãs maduras. No centro do piso havia uma grande cesta fechada, com certeza cheia dos meus frutos preferidos. Não me surpreendeu encontrar aquilo ali, pois não se passava um dia sem que minha ama e eu recebêssemos presentes de pessoas buscando nosso favor.

Imaginei quem seria dessa vez, e minha boca encheu-se de saliva quando nova lufada do aroma atingiu minhas narinas. Eu não havia comido desde o meio-dia. Quando ergui a tampa de palha e estendi a mão para apanhar a romã mais madura e vermelha, o fruto saltou e rolou pelo chão. Ouvi um silvo agudo e uma grande massa negra, contorcida e brilhante emergiu da cesta e lançou-se contra minhas pernas.

Saltei para trás, mas não suficientemente rápido. As mandíbulas da serpente atingiram o calcanhar de couro de minha sandália, com tal força que quase perdi o equilíbrio. Uma nuvem de veneno espirrou das presas curvas. O líquido transparente e mortal molhou minha pele, mas com outro salto consegui escapar do segundo bote, imediatamente em seguida. Atirei-me de costas para a parede no canto mais afastado do quarto.

A cobra e eu nos confrontamos através do aposento espaçoso. Metade de seu corpo estava enrolada, mas a porção dianteira, erguida, chegava à altura dos meus ombros. Tinha o capuz da cabeça distendido, exibindo as faixas pretas e brancas. Como um terrível lírio da morte negro balançando em seu caule, ela me fixava com seus olhos brilhantes e percebi que se encontrava entre mim e a única porta do quarto.

É verdade que algumas cobras são criadas como animais de estimação, vagando livremente pela casa e reduzindo o número de ratos e camundongos que a infestam. Bebem leite de uma tigela e tornam-se dóceis como gatinhos. Outras, porém, são treinadas com métodos de tormento e provocação para tornar-se instrumentos mortíferos de criminosos. Eu não tinha dúvida quanto a que tipo de serpente estava ali diante de mim.

Deslizei ao longo da parede, tentando flanqueá-la e atingir a segurança. Ela atirou-se contra mim, mostrando a garganta de um amarelo repulsivo e gotas de veneno que pingavam de suas presas. Gritei de

terror involuntariamente, ao recuar com um salto e abrigar-me de novo no canto. A serpente recuperou-se agilmente do bote e ergueu-se. Continuava entre mim e a entrada. Eu sabia que seus sacos de veneno estavam cheios de substância suficiente para matar cem homens. Enquanto eu observava, a parte inferior de seu corpo desenrolou-se lentamente e ela começou a deslizar pelo chão em minha direção, com a ameaçadora cabeça erguida e os olhos terríveis e luminosos fixos em mim.

Já vi uma dessas serpentes hipnotizar a presa, fazendo-a ficar imóvel diante da aproximação sinuosa e mesmo deitar-se com ar resignado. Eu estava paralisado da mesma maneira e percebi que não conseguia me mexer nem gritar enquanto a morte rastejava à minha frente.

Então subitamente vi um movimento atrás da cobra. Minha senhora Lostris apareceu na porta, atraída por meu primeiro grito de pavor. Consegui recuperar a voz e gritar para ela:

— Cuidado! Não chegue perto!

Lostris não deu atenção ao meu alerta, pois com um olhar havia percebido tudo. Um momento de demora ou hesitação de sua parte e a serpente teria me dado o terceiro e último bote. Minha senhora estivera jantando quando me ouviu gritar. Tinha numa das mãos um melão comido pela metade e na outra uma faca de prata, e reagiu com o instinto rápido de uma verdadeira caçadora.

Tanus lhe havia ensinado a abandonar a maneira desajeitada de atirar típica das mulheres, e ela jogou o melão que segurava com a força e a pontaria de uma habilidosa lanceira. Atingiu a cobra atrás do capuz inflado, e por um rápido instante derrubou-a no chão ladrilhado. Como uma flecha, a serpente se reergueu e virou-se ameaçadoramente para minha ama, e então lançou-se a ela através do quarto, em pleno ataque.

Saí de meu transe, finalmente, e corri para ajudá-la, mas fui lento demais. Usando a cauda para impulsionar-se, a cobra lançou-se para a frente e atacou-a com as mandíbulas tão abertas que o veneno esguichou das presas eretas numa névoa pálida. Minha ama saltou para trás, ágil como uma gazela diante do salto da pantera. A cobra errou o bote, e por um instante o impulso a derrubou aos pés de Lostris, completamente estendida e reluzente.

Não sei o que tomou conta dela, mas nunca lhe faltou coragem. Antes que a cobra se recuperasse, minha ama pulou para a frente e aterrissou com as duas pequenas sandálias sobre a cabeça do réptil, pregando-o ao chão com todo o peso do corpo.

Talvez ela esperasse partir-lhe a espinha, mas a cobra era grossa como seu pulso e flexível como o látigo de Rasfer. Apesar de ter a cabeça imobilizada, o resto de seu longo corpo chicoteou para cima e enrolou-se em suas pernas. Uma mulher de menos coragem e bom senso teria tentado escapar daquele horrível abraço. Se o fizesse, minha ama teria morrido, pois no instante em que libertasse a cabeça da serpente o golpe mortal seria desfechado.

Em vez disso, ela manteve os dois pés firmemente plantados sobre o réptil sinuoso, estendendo os braços para equilibrar-se, e gritou:

— Ajude-me, Taita!

Eu já estava a meio caminho, então atirei-me e agarrei as volutas da serpente, coladas às pernas dela. Deslizei as duas mãos pelo corpo sinuoso até onde se afinava no pescoço, então travei os dedos entrelaçados na garganta do animal.

— Peguei-a! — gritei, superando o ódio e o medo daquela criatura fria e escamosa que se debatia em minhas mãos. — Peguei-a! Afaste-se daqui! Fique longe!

Minha ama saltou para trás obedientemente e eu me levantei segurando a serpente com uma força frenética, tentando manter as mandíbulas afastadas do meu rosto. A cauda enrolou-se para trás nos meus ombros e pescoço, ameaçando estrangular-me enquanto eu retinha sua cabeça. Agora a cobra ganhara uma força apavorante e percebi que não poderia segurá-la, mesmo com os dois punhos fechados em sua garganta. Ela conseguia aos poucos libertar a cabeça, movendo-a inexoravelmente entre meus dedos. Percebi que no instante em que se libertasse do meu aperto voaria para meu rosto desprotegido.

— Não agüento mais! — gritei, mais para mim mesmo do que para Lostris. Eu a segurava com o braço estendido, mas ela se contorcia em direção ao meu rosto, aproximando-se cada vez mais dos meus olhos na medida em que ondas de energia pulsavam através dela, que contraía e apertava o nó em meu pescoço, forçando a cabeça para trás entre minhas mãos.

Eu tinha os nós dos dedos brancos, tamanha a força que colocava no aperto, mas a cobra estava tão próxima do meu rosto que eu podia ver as presas entrar e sair no revestimento de sua mandíbula. A serpente tinha a capacidade de erguer ou recolher à vontade as agulhas de osso branco de cujas pontas esguichavam jatos de veneno. Eu sabia que se uma gotícula daquele líquido entrasse em meus olhos eu ficaria cego, e que a dor ardente poderia levar-me à loucura.

Torci a cabeça da cobra para o outro lado, fazendo o veneno espalhar-se no ar, e gritei novamente em desespero:

— Chame um escravo para me ajudar!

— Na mesa! — minha ama falou, junto de mim. — Ponha a cabeça dela em cima da mesa!

Fiquei alarmado. Pensei que ela havia obedecido minha ordem e corrido para buscar ajuda, mas estava ao meu lado e vi que ainda segurava a faca de prata.

Arrastando a cobra comigo, titubeei pelo quarto e caí de joelhos ao lado da mesa baixa. Com um esforço supremo consegui forçar a cabeça do réptil sobre a borda da mesa e mantê-la ali. Isso forneceu a minha ama um apoio para utilizar a faca. Ela cortou na base do pescoço da serpente, logo abaixo da temível cabeça.

A cobra sentiu o primeiro corte e redobrou seu esforço. Voltas e voltas de carne borrachuda enrolaram-se em minha cabeça. Sopros de ar silvavam de sua garganta, quase nos ensurdecendo, com um odor horrível misturado aos jatos de veneno de suas presas.

A lâmina era pequena mas afiada, e a pele escamosa abriu-se sob ela. O sangue viscoso e frio do ofídio correu sobre meus dedos, mas a lâmina cortou até o osso da espinha. Com toda a força e o rosto contorcido pelo esforço, minha ama serrava o osso, mas agora meus dedos estavam lubrificados pelo sangue da serpente. Senti a cabeça esgueirar-se entre eles e a cobra libertar-se, mas no mesmo momento a faca encontrou a junta entre as vértebras e seccionou-as, partindo a espinha.

Pendurada por um fiapo de pele, a cabeça foi atirada para os lados enquanto a cobra se contorcia em espasmos mortais. Mesmo quase separada do corpo, as presas ainda vibravam e vertiam veneno. O menor toque seria suficiente para que se enterrassem em minha carne. Agarrei o corpo com os dedos ensangüentados e finalmente consegui soltá-lo de meu pescoço, jogando-o ao chão.

Nós dois recuamos para a porta, mas a cobra continuou em suas grotescas contorções, enrolando suas espirais numa bola.

— Está ferida, minha senhora? — perguntei, sem conseguir afastar os olhos dos movimentos agonizantes do bicho. — Há algum veneno nos seus olhos ou na sua pele?

— Estou bem — ela sussurrou. — E você, Taita?

O tom da voz dela me assustou o suficiente para fazer-me esquecer de mim mesmo, e olhei para seu rosto. A reação do perigo começava a dominá-la e ela tremia. Seus olhos verde-escuros pareciam grandes demais para o rosto branco e vidrado. Eu precisava encontrar um meio de livrá-la do estado de choque.

— Bem — disse rapidamente —, isso resolve nosso jantar de amanhã. Adoro um bom pedaço de cobra assada.

Por um momento ela me olhou sem expressão, então soltou uma gargalhada absolutamente histérica. Minha própria risada não foi menos selvagem e desenfreada. Nos abraçamos com força e rimos até que as lágrimas rolaram por nossos rostos.



Eu não confiaria em nosso cozinheiro para isso, então preparei pessoalmente a cobra. Tirei-lhe a pele e as entranhas, recheei-a com alho e ervas, e com uma colherada de gordura de carneiro. Depois enrolei-a numa bola e envolvi-a em folhas de bananeira, cobrindo todo o embrulho com uma camada espessa de argila molhada. Fiz sobre o pacote uma fogueira que mantive acesa durante um dia inteiro.

A noite, quando parti o barro cozido, o aroma que se despreendeu da succulenta carne branca encheu nossas bocas de saliva. Há pessoas que jantaram em minha casa que dizem nunca ter comido alimentos mais saborosos do que os que preparo, e quem sou eu para contradizer os amigos?

Servi os macios filés a minha senhora com um vinho de qualidade que Aton extraíra da adega do faraó. Minha senhora Lostris insistiu em que me sentasse com ela sob a barraca do pátio para compartilharmos a refeição. Concordamos que era melhor que cauda de crocodilo ou que a carne das melhores carpas do Nilo.

Foi somente depois de nos saciarmos e enviarmos o resto para as escravas que tocamos no assunto de quem me haveria enviado de presente a cesta de frutas.

Tentei não assustar minha ama e fiz uma piada:

— Deve ter sido alguém que não gosta do meu canto! Mas ela não desistia com tanta facilidade.

— Não banque o palhaço comigo, Taita. É uma coisa para a qual você não tem talento. Acho que sabe quem foi, e acho que eu também sei.

Fiquei olhando para ela, sem saber como lidar com o que eu suspeitava que viria. Sempre a havia protegido, mesmo da verdade. Fiquei pensando até onde poderia ler meus pensamentos.

— Foi meu pai — disse ela, com tamanha firmeza que não pude negar ou mesmo responder. — Fale-me sobre ele, Taita. Conte-me tudo o que eu devo saber a seu respeito e que você nunca ousou me dizer.

No começo foi difícil. Uma vida inteira de evasivas não se supera em um momento. Era ainda difícil para mim ter total consciência de que não estava mais sob o jugo de meu senhor Intef. Embora sempre o houvesse odiado profundamente, ele dominara meu corpo e minha alma desde que eu era criança, e persistia uma espécie de perversa lealdade que tornava difícil criticá-lo livremente. Tentei

debilmente satisfazê-la com um rápido esboço das atividades clandestinas de seu pai, mas Lostris insistiu com impaciência:

— Ora, vamos lá! Não me tome por tola. Sei mais sobre meu pai do que você jamais sonhou. Já é hora de saber o resto. Seja honesto e conte-me tudo.

Então obedeci, e havia tanto a dizer que a lua cheia ia alta no céu antes que eu tivesse terminado. Depois ficamos sentados um longo tempo em silêncio. Eu não havia deixado nada de fora, nem tentara negar ou desculpar minha participação em nada.

— Não admira que ele queira vê-lo morto — ela murmurou enfim. — Você sabe o suficiente para destruí-lo. — Lostris fez mais um silêncio e continuou: — Meu pai é um monstro. Como é possível que eu seja diferente dele? Por que, como sua filha, não sou dona de instintos tão inaturais?

— Devemos agradecer a todos os deuses que não o seja. Mas, senhora, não me despreza por tudo o que fiz?

Ela tocou minha mão.

— Você esquece que o conheço a vida inteira, desde o dia em que minha mãe morreu ao me dar à luz? Sei quem você realmente é. Qualquer coisa que tenha feito, foi obrigado a isso.

Ela levantou-se e andou impacientemente em volta do pequeno poço antes de voltar para onde eu estava.

— Tanus corre um perigo terrível por causa de meu pai. Eu não havia percebido quanto até esta noite. Ele deve ser advertido para que possa proteger-se. Você tem de procurá-lo, Taita, sem esperar mais um dia.

— Senhora... — comecei, mas ela me interrompeu bruscamente.

— Não, Taita, não escutarei mais nenhuma desculpa. Você partirá amanhã para Karnak.



No dia seguinte, antes do nascer do sol, saí para pescar sozinho. Mas certifiquei-me de que pelo menos doze escravos e criados me vissem deixar a ilha.

Num remanso da lagoa abri o saco de couro em que havia escondido um dos meus gatos de estimação. Era um animal já velho, atacado pela sarna e com um terrível cancro nos ouvidos. Fazia algum tempo que eu me furtava a aliviá-lo de seu sofrimento. Então dei-lhe um naco de carne crua banhado em essência de datura. Segurei-o no colo e afaguei-o enquanto ele comeu, ronronando feliz. Assim que perdeu os sentidos, cortei-lhe a garganta.

Espalhei o sangue pelo bote e joguei a carcaça do gato no rio, onde os crocodilos logo se encarregariam dela. Então, deixando meus anzóis, linhas e outros equipamentos no bote, rumei para a correnteza mais lenta e passei entre os bancos de papiros até atingir a margem.

Havíamos combinado que minha ama esperaria até a noite para dar o alarme. Somente no dia seguinte ao meio-dia eles encontrariam o bote e concluiriam que eu fora atacado por um crocodilo ou assassinado por um bando de pegas.

Quando pisei em terra vesti rapidamente o disfarce que havia trazido.

Decidira representar um dos sacerdotes de Osíris, cujos trejeitos e maneiras pomposas eu costumava imitar para divertir minha senhora. Precisei somente de uma peruca, um pouco de maquiagem e as roupas corretas para me transformar. Os sacerdotes estão sempre em viagem, subindo e descendo ao longo do rio entre um templo e outro a mendigar, ou melhor, a exigir esmolas pelo caminho. Eu despertaria pouco interesse e meu disfarce poderia ajudar a evitar um ataque dos carniceiros. Por causa da superstição, eles hesitavam em interferir com os homens santos.

Beirei a lagoa e entrei na cidade de Elefantina pelos bairros pobres. No cais, aproximei-me de um capitão de barco que carregava uma partida de sacos de milho e jarros de barro com azeite de oliva. Com o tom certo de arrogância, exigi passagem grátis até Karnak, em nome do deus. Ele encolheu os ombros e cuspiu no convés, mas permitiu que eu subisse a bordo. Todos os homens se resignam às extorsões da fraternidade. Podem até desprezar os sacerdotes, mas ainda assim temem sua força espiritual e secular. Alguns dizem que eles detêm quase tanto poder quanto o próprio faraó.

A lua estava cheia e o capitão era bem mais intrépido que o almirante Nembet. Não ancorávamos à noite. Com a brisa e a correnteza do Nilo pela popa fizemos uma boa travessia, e no quinto dia, ao dobrar uma curva do rio, avistamos a cidade de Karnak.

Meu estômago se inquietou quando desembarquei, pois aquela era minha cidade e todos os mendigos e ociosos conheciam-me bem. Se alguém me identificasse, o senhor Intef seria informado antes de eu chegar aos portões da cidade. Mas meu disfarce era convincente, e segui depressa pelos becos secundários, de maneira decidida como os sacerdotes, até a casa de Tanus perto da base do esquadrão.

A porta da frente achava-se aberta. Entrei como se tivesse o direito e tranquei-a atrás de mim. Os cômodos parcamente mobiliados estavam vazios, e ao vasculhá-los nada encontrei que me desse qualquer indício do paradeiro de Tanus. Obviamente ele havia partido há muito tempo, possivelmente desde que minha ama e eu deixáramos Karnak. O leite num jarro junto à janela mostrava-se espesso e seco como queijo, e o mofo azulado recobriria a crosta do pão de centeio num prato ao lado.

Pelo que pude notar nada estava faltando; mesmo o arco Lanata continuava pendurado do gancho sobre a cama de Tanus. Era extraordinário que ele houvesse abandonado aquela arma que parecia uma extensão de seu corpo. Escondi-a cuidadosamente num compartimento secreto sob a cama, que eu construíra quando Tanus se mudara para essa casa. Preferi evitar a cidade durante o dia, por isso fiquei o resto da tarde no quarto de Tanus, ocupando-me de limpar o pó e a sujeira acumulados.

Ao cair da noite, saí e fui até a margem do rio. Vi imediatamente o *Sopro de Hórus* atracado. Com certeza estivera em ação desde a última vez em que o vira, e mostrava vestígios de batalha: os remos estavam danificados e as tábuas a meio casco tinham talhos e mossas.

Percebi com um frêmito de orgulho que Tanus havia feito as modificações no casco que eu projetara. Um chifre revestido de metal estendia-se da proa logo acima da linha-d'água. Pelas tristes condições do navio concluí que estivera em feroz embate contra a frota do usurpador vermelho.

Mas notei que nem Tanus nem Kratas se encontravam a bordo. Um oficial secundário que eu reconheci mantinha-se de vigia, porém descartei a idéia de chamá-lo e decidi percorrer os locais próximos ao cais, freqüentados pelos marinheiros.

E revelador da moral e da santidade dos sacerdotes de Osíris que eu tenha sido bem recebido nas tavernas e prostíbulos como um cliente habitual. Numa das tavernas mais respeitáveis, reconheci a figura imponente de Kratas. Ele bebia e jogava dados com um grupo de oficiais. Não quis me aproximar, mas fiquei a observá-lo através da sala apinhada. Nesse ínterim, esquivei-me das propostas de diversos

pássaros do amor, de ambos os sexos, que reduziam progressivamente suas tarifas na tentativa de levar-me até os becos vizinhos para demonstrar seus encantos. Nenhum deles se conteve diante de meu colar sacerdotal de contas de vidro azuis.

Quando Kratas finalmente deu um caloroso boa-noite a seus companheiros e saiu para a rua, acompanhei aliviado sua possante silhueta.

— O que quer de mim agora, amado dos deuses? — ele resmungou com desprezo quando me apressei para alcançá-lo. — É meu ouro ou o meu mastro que deseja? — Muitos sacerdotes haviam adotado entusiasticamente a atual moda da pederastia.

— Fico com o ouro — disse-lhe. — Você tem mais dele do que do outro, Kratas.

Ele estacou e olhou-me com suspeita. Suas feições marcadas e belas estavam apenas um pouco avermelhadas pela bebida.

— Como sabe meu nome? — Ele me agarrou pelo ombro e arrastou-me até uma porta iluminada, examinando meu rosto. Finalmente arrancou a peruca de minha cabeça. — Pelos cabelos da bunda de Seth! E você, Taita! — ele rugiu.

— Eu agradeceria se parasse de gritar meu nome — disse-lhe, e Kratas ficou imediatamente sério.

— Vamos! Venha até minha casa.

Quando nos vimos a sós, ele serviu duas canecas de cerveja.

— Já não bebeu o bastante? — perguntei, e ele sorriu para mim.

— Só saberemos a resposta para isso amanhã, Taita! Não seja tão duro comigo. Passamos as últimas três semanas rio abaixo, atacando a frota do usurpador vermelho. Doce Hapi, aquele seu esporão de proa funciona que é uma beleza. Destruímos quase vinte galés e cortamos as cabeças de algumas centenas de inimigos. Apesar de tanto trabalho, nenhuma gota de qualquer coisa mais forte que água passou por minha garganta esse tempo todo. Não me negue um copo de cerveja agora! Beba comigo.

Ele levantou sua caneca. Eu também estava sedento e brindei a ele. Depois de beber, perguntei por Tanus. Kratas ficou instantaneamente sóbrio e disse:

— Tanus desapareceu. Continuei olhando para ele.

— Desapareceu? O que isso quer dizer? Ele não comandou o ataque no rio?

Kratas balançou a cabeça.

— Não. Ele sumiu. Mandeí meus homens vasculhar cada rua e cada casa de toda Tebas, e nem sinal dele. Estou preocupado, Taita, realmente preocupado...

— Quando o viu pela última vez?

— Dois dias depois da boda real, quando a senhora Lostris se casou com o rei, na noite do dia em que vocês navegaram para Elefantina. Tentei meter um pouco de seriedade em sua cabeça dura, mas ele não quis escutar.

— E o que disse?

— Entregou-me o comando do *Sopro de Hórus* e de toda a esquadra.

— Mas não podia fazer isso...

— Sim, podia. Usou a autoridade do selo do falcão faraônico. Eu assenti.

— E então? O que ele fez?

— Como já lhe disse, desapareceu.

Beberiquei a cerveja enquanto tentava raciocinar. Kratas foi até a janela e urinou através dela. Ouvi o ruído do jato caindo na rua lá embaixo e um passante que gritou:

— Olhe onde mijá, seu porco nojento!

Kratas inclinou-se para fora e alegremente ofereceu-se para rachar a cabeça do outro, cujos resmungos cessaram rapidamente. Feliz com a pequena vitória, o soldado voltou até mim, e perguntei-lhe:

— Como estava o moral de Tanus quando o deixou? Kratas ficou novamente sério.

— O mais sombrio e assustador que já vi. Insultava os deuses e o faraó. Chegou a xingar a senhora Lostris, chamando-a de prostituta real.

Tive um sobressalto ao ouvir isso. Sabia que aquele não era o Tanus que eu conhecia. Era a voz do desespero e do amor frustrado.

— Ele disse que o faraó poderia executar a sentença prometida, de mandá-lo estrangular por traição, e que isso seria um alívio para ele. Sim, ele estava de péssimo humor e não houve nada que eu pudesse dizer ou fazer para animá-lo.

— Isso foi tudo? Tanus não deu nenhuma pista do que pretendia fazer?

Kratas balançou a cabeça e encheu a caneca de cerveja.

— O que aconteceu com o selo do falcão? — perguntei.

— Ele deixou-o comigo. Disse que não tinha mais utilidade para aquilo. Guardei-o em segurança no *Sopro de Hórus*.

— E as outras providências que discuti com você? Fez o que lhe pedi?

Ele olhou para a caneca e murmurou:

— Comecei a tomar as providências, mas depois que Tanus desapareceu pareciam sem sentido. Além disso, desde então estive muito ocupado no rio.

— Não parece você, Kratas, ser tão irresponsável. — Eu havia percebido que com Kratas a decepção e a mágoa funcionavam mais que a raiva. — Minha senhora Lostris contava com isso. Ela me disse que tinha total confiança em você. "Kratas é um rochedo de força", foi exatamente o que ela disse.

Vi que aquilo estava dando certo mais uma vez, pois Kratas também é um dos ardentes admiradores de minha ama. Um mero indício de desagrado dela o abalaria.

— Maldito Taita! Você fala como se eu fosse um imbecil desmiolado... Fiquei em silêncio, o que pode ser mais perturbador que muitas palavras.

— Em nome de Hórus, o que a senhora Lostris quer que eu faça?

— Nada mais do que eu já lhe pedi antes de partir para Elefantina — eu disse, e ele bateu a caneca na mesa.

— Sou um soldado. Não posso abandonar meus deveres e pegar metade do esquadrão para ir atrás de alguma aventura louca. Era diferente quando Tanus tinha o selo real...

— Agora você tem o selo do falcão — eu lhe disse suavemente. Ele me olhou fixo.

— Não posso usá-lo sem que Tanus...

— Você é o subcomandante dele. Tanus lhe deu o selo para usá-lo. Você sabe o que deve fazer. Faça-o! Eu encontrarei Tanus e o trarei de volta, mas você deverá estar pronto então. Há um trabalho desesperado e sangrento pela frente, e Tanus precisa de você. Não o decepcione mais uma vez.

Ele enrubesceu de raiva diante da provocação.

— Eu o farei engolir essas palavras — Kratas prometeu.

— E essa será a melhor refeição que você poderia preparar para mim — eu lhe disse.

Aprecio os homens valentes e honestos; eles são facilmente manipuláveis.



Eu estava incerto sobre como cumpriria minha promessa de encontrar Tanus, mas deixei Kratas e voltei à cidade para continuar tentando. Mais uma vez fiz a ronda de todos os seus locais habituais e perguntei a todo mundo que pudesse tê-lo visto. Não tinha ilusões sobre o risco que estava correndo ao insistir em minha investigação sobre Tanus, ou quanto à ineficácia de meu disfarce se eu deparasse com algum velho conhecido. Mas tinha de encontrá-lo. Continuei através da noite até que os bares e prostíbulos do porto expulsaram os últimos bêbados e apagaram as luzes.

Quando a madrugada raiou sobre o rio eu me sentia cansado e frustrado à margem do Nilo, tentando pensar se havia desprezado alguma possibilidade. Um grito selvagem me fez olhar para cima. Lá no alto, um bando de gansos delineava-se contra o céu a leste, com seus tons pálidos de ouro e cobre. Imediatamente eles me fizeram lembrar os dias felizes que nós três, Tanus, Lostris e eu, passamos caçando aves nos pântanos.

— Idiota! — eu me censurei. — Claro que é isso!

Aquela hora as ruas do bazar estavam cheias de gente barulhenta e apressada. Tebas é a cidade mais atarefada do mundo; lá ninguém fica ocioso. Sopram o vidro, trabalham o ouro e a prata, tecem a juta e moldam potes. Os mercadores apregoam e barganham, os advogados discursam, os sacerdotes cantam e as prostitutas se insinuem. É uma cidade excitante, colorida, e eu a amo.

Abri caminho em meio à confusão e ao ruído das barganhas, enquanto agricultores e comerciantes exibiam seus produtos às donas de casa e aos criados das ricas residências. O bazar recendia a especiarias e frutos, legumes, peixes e carnes, alguns dos quais não estavam nada frescos. Bois mugiam e cabras baliavam, acrescentando seu estrume ao excremento humano que corria pelos esgotos abertos em direção à velha mãe Nilo.

Pensei em comprar um asno, pois tinha um longo percurso pela frente na estação mais quente do ano, e vi animais fortes à venda. Afinal decidi evitar a extravagância, não apenas movido pela economia, mas porque sabia que no campo aberto um animal de qualidade seria atração certa para os bandidos pegados. Por esse prêmio eles poderiam superar os escrúpulos religiosos. Acabei comprando apenas alguns punhados de tâmaras e um pão, uma sacola de couro para carregar as provisões e uma cabaça d'água. Então rumei pelas ruelas estreitas até o portão principal da cidade.

Não o havia alcançado quando percebi uma agitação na rua à minha frente e um destacamento de guardas palacianos que vinha em minha direção, usando as lanças para abrir passagem pela multidão do

mercado. Logo atrás deles, meia dúzia de escravos carregava em passo acelerado uma liteira enfeitada e coberta por cortinas. Fiquei encurralado contra os muros de barro de um edifício e, embora tivesse reconhecido tanto a liteira como o comandante da guarda, não pude escapar ao confronto.

Fui tomado de pânico. Eu poderia passar sob o olhar casual de Rasfer, mas tinha certeza de que meu senhor Intef me reconheceria imediatamente, mesmo disfarçado. Ao meu lado estava uma velha escrava com os seios semelhantes a duas ânforas de azeite e as costas de um hipopótamo. Insinuei-me de lado até me ocultar atrás de seu volume. Então baixei a peruca sobre os olhos e fiquei espiando por trás dela.

Apesar do medo, senti uma pontada de orgulho profissional por ver Rasfer novamente de pé, tão pouco tempo depois da cirurgia. Ele conduzia a tropa na minha direção, mas somente quando chegou quase à minha frente percebi que um lado de seu rosto havia despencado. Era como se suas feições repelentes houvessem sido moldadas em cera e depois mantidas junto de uma chama forte. Essa é muitas vezes a consequência das mais hábeis trepanações. A outra metade do rosto tinha sua expressão costumeira. Se antes Rasfer fora medonho, agora era capaz de provocar o choro nas crianças, e ao vê-lo os velhos deviam fazer o sinal contra mau-olhado.

Ele passou perto de mim, adiante da liteira. Através de uma fresta das cortinas bordadas, vislumbrei o senhor Intef reclinado elegantemente nas almofadas de seda importadas do Oriente, que deviam ter custado ao menos cinco anéis de ouro cada uma.

Seu rosto estava barbeado, e os cabelos arranjados em cachos. Sobre o penteado formal havia um cone de cera de abelha perfumada, que derretia ao calor e escorria-lhe pela cabeça e os ombros para refrescá-lo. Uma de suas mãos, com os dedos repletos de jóias, repousava languidamente na coxa lisa e morena de um belo rapaz escravo, que devia ser uma aquisição recente à sua coleção, pois eu não o conhecia.

Fui apanhado desprevenido pelo ódio que senti ao ver meu antigo senhor. Todos os insultos e as humilhações que eu sofrera em suas mãos acorreram para me atormentar, agravados por seu mais recente ultraje. Ao enviar-me a cobra, havia ameaçado também a vida de minha senhora Lostris. Se eu era capaz de esquecer tudo o mais, jamais poderia perdoar isso.

Ele começou a virar a cabeça em minha direção, mas antes que nossos olhos se encontrassem eu me abaixei atrás da mulher imensa. A liteira se afastou pelo beco, e ao vê-la de longe percebi que tremia como depois da luta contra a serpente.

— Divino Hórus, ouvi esta súplica. Não me permitais descansar até que ele esteja morto na companhia de seu mestre, Seth — sussurrei, e abri caminho em direção ao portão da cidade.



A cheia estava no auge e as terras ao longo do rio recebiam o abraço fecundo do Nilo. Como fizera desde o início dos tempos, ele depositava em nossos campos mais uma rica camada de sedimentos negros. Quando recuasse novamente, aquelas extensões reluzentes voltariam a florescer com a patina verde típica do Egito. Os férteis aluviões e o sol produziriam três colheitas antes que o Nilo inundasse de novo as margens, trazendo sua bênção.

As bordas dos campos inundáveis eram marcadas pelos diques construídos para controlar a inundação e que também serviam de estradas. Segui um desses caminhos para leste até encontrar o

terreno rochoso no sopé dos montes, então virei para o sul. Enquanto seguia, parava de vez em quando e revirava uma pedra à beira do caminho, até que encontrei o que procurava. Então prossegui com mais segurança.

Mantinha um olho atento para o campo acidentado à minha direita, pois era o tipo de terreno que permitiria uma emboscada dos pegas. Estava atravessando uma das ravinas rochosas ao longo do caminho quando fui saudado de perto:

— Reze por mim, ó amado pelos deuses!

Meus nervos estavam tão tensos que soltei um grito assustado e dei um salto no ar antes que pudesse me conter.

Um pequeno pastor estava sentado na borda da ravina, bem acima de mim. Não tinha mais de dez anos, mas parecia tão velho quanto o pecado. Eu sabia que os pegas costumavam utilizar crianças como batedores e sentinelas. O pequeno bandido parecia perfeito para a função. Seu cabelo estava grosso de sujeira e ele vestia uma pele de cabra mal-curtida que eu podia farejar a distância. Tinha olhos vivos e brilhantes como os de um corvo, que me perscrutaram, avaliando minha vestimenta e minha bagagem.

— Para onde vai e com que finalidade, bom padre? — ele perguntou, e soprou uma nota longa e aguda em sua flauta de junco, o que poderia ser um sinal para alguém escondido acima na encosta.

Levei mais um instante para acalmar o ritmo do coração, e minha voz estava um pouco desafinada quando lhe respondi:

— Não seja impertinente, criança! Que lhe interessa quem sou eu e para onde vou?

Imediatamente ele mudou de atitude:

— Estou faminto, querido padre, sou um órfão obrigado a me defender sozinho. Não tem um pedaço de pão para mim nessa sua grande sacola?

— Você me parece bem alimentado.

Virei-lhe as costas, mas ele escorregou pelo barranco e saltitou ao meu lado.

— Deixe-me ver sua sacola, bom padre — insistiu. — Uma esmola, lhe imploro, gentil senhor.

— Muito bem, pequeno biltre.

Tirei do saco uma tâmara madura. Ele estendeu a mão para apanhá-la, mas antes que a tocasse fechei minha mão e quando a reabri a fruta se havia transformado num escorpião púrpura. O inseto venenoso ergueu a cauda ameaçadoramente sobre a cabeça e o menino, gritando, fugiu barranco acima.

No topo, parou apenas o suficiente para gritar:

— Você não é sacerdote. É um feiticeiro do deserto! É um demônio, não um homem!

Ele fez freneticamente o sinal contra mau-olhado, cuspiu três vezes no chão e depois correu para o alto do morro.

Eu havia capturado o escorpião debaixo da pedra chata que encontrara no caminho. Claro que lhe quebrara o ferrão na ponta da cauda, antes de colocá-lo na sacola justamente para essas eventualidades. O velho escravo que me havia ensinado a ler lábios também me instruíra em alguns outros truques. Um deles era a prestidigitação.

A sombra do próximo morro parei e olhei para trás. O pastorzinho continuava no topo do rochedo, ao longe, mas não estava só. Havia dois homens com ele, parados a me observar, e a criança gesticulava

com veemência. Ao perceber que eu os avistara, ostrês desapareceram. Duvidei que quisessem mais truques com um sacerdote demoníaco.

Não havia andado muito quando notei um movimento na trilha à minha frente. Parei e protegi os olhos da claridade do meio-dia. Fiquei aliviado ao distinguir um grupo pequeno e de aspecto inofensivo vindo em minha direção. Caminhei cautelosamente e, quando nos aproximamos, meu coração disparou ao reconhecer Tanus. Ele conduzia um burro sobrecarregado. Em cima da grande trouxa em seu dorso iam uma mulher e uma criança, mas o animal trotava com valentia. Vi que a mulher também estava carregada, o ventre inchado pela gravidez. A criança equilibrada atrás dela era uma menina às vésperas da puberdade.

Eu estava prestes a saudar Tanus e a correr para encontrá-lo, quando percebi que me havia enganado. O homem era um desconhecido. Fora sua silhueta alta, de ombros largos, o modo esguio de caminhar e os cabelos dourados que me haviam iludido. Ele me observou com suspeita e desembainhou a espada. Então puxou o burro para fora do caminho e se interpôs entre mim e sua preciosa carga.

— Que os deuses o abençoem, amigo — eu desempenhei o papel de sacerdote e ele resmungou, mantendo a espada apontada para minha barriga. Ninguém confiava num estranho no nosso Egito.

— Está arriscando sua vida e a de sua família nesta estrada, bom homem. Deveria buscar a proteção de uma caravana. Há assaltantes nos morros. — Eu estava realmente preocupado com eles. A mulher parecia delicada e decente, e a menina ficou à beira das lágrimas ao ouvir minha advertência.

— Vá em frente, padre! — o homem ordenou. — Guarde seu conselho para os que lhe dão valor.

— É um homem bom, gentil senhor — a mulher sussurrou. — Esperamos uma semana pela caravana em Qena e não podíamos demorar mais. Minha mãe vive em Luxor e vai ajudar-me no parto.

— Silêncio, mulher! — o marido rosnou para ela. — Não queremos nada com estranhos, mesmo que ele use as vestes de sacerdote.

Hesitei, tentando imaginar se poderia fazer algo por eles. A menina era uma belezinha, com olhos escuros como obsidiana, e me havia comovido. Mas nesse instante o homem tocou o burro e passaram por mim. Com um trejeito impotente, vi-os ir embora.

— Não se pode sangrar por toda a humanidade — disse comigo mesmo. — Nem se pode impor conselhos a quem não os quer. — E sem olhar para trás segui no rumo norte.

Era o final da tarde quando olhei para baixo do rochedo que mergulhava nas terras úmidas e verdes. Mesmo daquele ponto privilegiado era impossível avistar a cabana. Estava escondida entre altas moitas de papiro, e o teto de caules de papiro fazia um disfarce perfeito. Desci correndo a trilha, saltando de rocha em rocha, até que atingi a borda da água. Aquela distância do curso principal do Nilo a inundaçãõ não era tão forte.

Encontrei nosso velho barco amarrado sobre a margem. Estava semi-alagado e tive de esvaziá-lo antes de colocá-lo de volta na água. Conduzi-o cautelosamente com a ajuda de uma vara pelo túnel entre os papiros. Na vazante do rio a cabana ficava em terra seca, mas agora sob as estacas que a sustentavam havia água suficiente para afogar um homem.

Encontrei um barco em melhor estado que o meu amarrado a uma das palafitas. Depois de atracar ao lado do outro, galguei a frágil escadinha e espiei para dentro do nosso velho abrigo de caça. Era um único cômodo, e o sol penetrava pelos buracos do teto de palha, mas isso não tinha importância porque nunca chove no Alto Egito.

A choça não estivera tão desarrumada desde que Tanus e eu a havíamos descoberto. Roupas, armas e painéis espalhavam-se como detritos num campo de batalha. O cheiro de bebida era ainda mais forte que o de comida estragada e corpos sujos.

Os corpos estavam deitados num colchão igualmente sujo, no canto oposto. Atravessei o espaço atravancado em busca de sinais de vida, e nesse momento a mulher se mexeu. Era jovem e seu corpo nu era volumoso e atraente, com grandes seios redondos e uma moita de pêlos crespos na base do ventre. Mas mesmo em repouso seu rosto era duro e banal. Não tive dúvida de que Tanus a havia encontrado no porto.

Eu sempre soube que ele era difícil de agradar e nunca fora dado à bebida. Aquela criatura e os jarros de vinho vazios empilhados contra as paredes eram um mero indício do quanto ele havia decaído. Olhei-o ali dormindo e mal o reconheci. Tinha o rosto inchado e pálido por causa da bebida, e coberto de barba. Era evidente que não se havia barbeado desde que eu o vira pela última vez, diante dos muros do harém.

Naquele momento a mulher acordou. Seus olhos me focalizaram e com um único movimento felino ela saltou do colchão e apanhou a adaga pendurada na parede ao meu lado. Eu agarrei a arma antes que ela a alcançasse e mostrei-lhe a ponta aguçada.

— Vá embora! — ordenei bruscamente. — Antes que eu lhe enfie na barriga algo que nunca senti antes.

Ela ajuntou suas roupas e vestiu-se apressadamente, enquanto me observava com raiva.

— Ele não me pagou — disse quando ficou pronta.

— Tenho certeza de que já se serviu generosamente. — Fiz um gesto com a adaga, indicando a porta.

— Ele me prometeu cinco anéis de ouro. — Ela mudou de tom e começou a choramingar. — Trabalhei duro para ele nos últimos vinte dias ou mais. Fiz tudo para ele, cozinhei e cuidei da casa, servi-o e limpei seu vômito quando ele se embebedou. Deve me pagar. Não irei embora até que me pague...

Agarrei-a por uma mecha de seu longo e escuro cabelo e a empurrei para a porta. Ainda pelos cabelos, ajudei-a a entrar no bote mais estragado. Quando ela estava fora de meu alcance, despejou uma torrente de insultos que espantou as garças e outras aves aquáticas dos juncos ao redor.

Voltei para junto de Tanus e vi que ele não se movera. Verifiquei os jarros de vinho. A maioria estava vazia, mas ainda havia dois ou três cheios. Imaginei como teria reunido aquele estoque de bebida, e supus que houvesse enviado a mulher de volta a Karnak para encontrar um balseiro que os transportasse. Havia o bastante para suprir toda a Guarda do Crocodilo Azul durante uma temporada. Não admira que Tanus se encontrasse em tais condições.

Sentei-me ao lado dele no colchão por algum tempo e deixei **minha** simpatia fluir sem barreiras. Estava tentando se destruir. Eu compreendia e não o desprezava por isso. Seu amor por minha senhora Lostris era tal que se não a pudesse ter ele não queria mais viver.

É claro que eu também estava furioso com Tanus por abusar de si mesmo daquela maneira e por sucumbir à loucura da autopiedade. No entanto, mesmo naquele estado de completa embriaguez, eu podia ver tudo o que havia nele de nobre e admirável. Minha ama havia tentado se envenenar pelo mesmo motivo que ele tentara se destruir. Eu a havia compreendido e perdoado. Não poderia fazer menos por

Tanus. Suspirei por aqueles dois jovens que eram tudo o que eu possuía de real valor na vida. Então levantei-me e me pus a trabalhar.

Primeiro fiquei parado junto de Tanus, atiçando minha raiva ao ponto em que conseguiria ser realmente duro com ele. Então peguei-o pelos calcanhares e arrastei-o pela cabana. Ele saiu parcialmente do estupor e amaldiçoou-me debilmente, mas não dei ouvidos a seus protestos e derrubei-o pela porta. Ele mergulhou de cabeça no pântano, erguendo um forte repuxo. Esperei que flutuasse e espiasse pela superfície, ainda semiconsciente.

Saltei na água ao lado dele, agarrei uma mecha de seus cabelos e mergulhei a cabeça novamente na água. Por um instante ele se debateu sem forças e consegui mantê-lo submerso com facilidade. Então seu instinto de sobrevivência aflorou e ele recuperou sua antiga força. Fui erguido completamente da superfície e atirado para o lado como um graveto na tempestade.

Tanus emergiu berrando, no esforço para respirar, e atacou cegamente seu adversário invisível. Um daqueles golpes poderia ter derrubado um hipopótamo e recuei depressa, observando-o a distância.

Tossindo e engasgando, ele agarrou-se à escada com os cabelos escorridos sobre os olhos. Evidentemente havia engolido e aspirado tanta água nos pulmões que senti certo receio. Meu tratamento talvez tivesse sido rigoroso demais. Estava a ponto de ir em seu auxílio quando ele escancarou a boca e despejou uma horrível mistura de água do pântano e vinho azedo. Fiquei surpreso ao ver a quantidade.

Tanus ficou agarrado à escada, retomando o fôlego. Nadei até uma das palafitas da cabana e esperei que ele vomitasse novamente antes de lhe dizer, colocando na voz todo o desprezo que consegui:

— Minha senhora Lostris ficaria orgulhosa de vê-lo agora!

Ele espiou ao redor com os olhos incrédulos, até que afinal me enfocou:

— Taita, seu maldito! Foi você quem tentou me afogar? Idiota, eu poderia tê-lo matado!

— Na sua atual condição só poderia ter causado mal a um jarro de vinho. Que visão triste e lamentável!

Trepei pela escada e entrei na cabana, deixando-o na água a balançar a cabeça e murmurar para si mesmo. Comecei a arrumar a desordem e a limpar a sujeira.

Algum tempo depois Tanus galgou a escadinha e sentou-se envergonhado na entrada. Ignorei-o e continuei com meu trabalho, até que ele quebrou o silêncio:

— Como vai você, velho amigo? Senti sua falta.

— Outras pessoas sentiram falta de você. Kratas, por exemplo. A esquadra esteve combatendo no rio. Mais uma espada teria sido útil. Minha senhora Lostris também fala em você todos os dias e guarda seu amor puro e verdadeiro. Imagino o que teria pensado daquela vagabunda que expulsei da sua cama.

Ele resmungou e segurou a cabeça.

— Oh, Taita, não pronuncie o nome de sua ama. É insuportável lembrar-me dela...

— Então agarre outro jarro de vinho e afogue nele sua degradação e sua autopiedade — sugeri com raiva.

— Perdi-a para sempre. O que queria que eu fizesse?

— Queria que você tivesse fé e força de espírito, como ela tem. Ele me olhou com uma expressão lastimável.

— Fale-me dela, Taita. Como está? Ainda pensa em mim?

— Mais seria impossível — resmunguei tristemente. — Ela não pensa em outra coisa. Só espera o dia em que vocês possam se reencontrar.

— Isso nunca acontecerá. Perdi-a para sempre e não quero continuar vivendo.

— Ótimo! — concordei asperamente. — Então não perderei mais tempo aqui. Direi a minha ama que você não quis escutar o recado dela.

Passei por ele, descii a escada às pressas e pulei no bote.

— Espere, Taita! — ele gritou. — Volte!

— Para quê? Você quer morrer, então vá em frente. Mandarei os embalsamadores recolherem seu cadáver.

Ele sorriu envergonhado.

— Está bem, estou sendo idiota. A bebida embaralhou minha mente. Volte, eu lhe imploro. Dê-me o recado de Lostris.

Demonstrando relutância, subi a escada e ele seguiu-me para dentro da cabana, ainda cambaleando um pouco.

— Minha senhora manda dizer que seu amor por você está inabalado por tudo o que lhe foi imposto. Ela ainda é e sempre será sua mulher.

— Por Hórus, ela me faz sentir envergonhado — ele murmurou.

— Não — discordei. — A vergonha é de sua própria responsabilidade.

Ele apanhou a espada dependurada na bainha acima da cama imunda e golpeou as ânforas de vinho alinhadas contra a parede. Na medida em que arrebentavam, o vinho jorrava e escorria pelas fendas do piso. Tanus arfava quando voltou até mim, e eu zombei:

— Olhe só para você! Deixou-se ficar em tal estado, tão mole e sem fôlego quanto um velho sacerdote...

— Basta, Taita! Você já disse o que queria. Não zombe mais de mim ou se arrependerá.

Vi que ele ficava tão enraivecido quanto eu desejara. Meus insultos o estavam enrijecendo.

— Minha ama gostaria que você aceitasse o desafio do faraó, para que continue vivo, honrado e digno daqui a cinco anos, quando ela estará livre para reencontrá-lo.

Agora eu havia conquistado toda a sua atenção.

— Cinco anos! Do que está falando, Taita? Realmente haverá fim para o nosso sofrimento?

— Joguei as peças de Amon-Rá para o faraó. Ele estará morto daqui a cinco anos — disse-lhe simplesmente. Ele me olhou deslumbrado, e vi centenas de emoções diferentes atravessar seu rosto. Ele é tão fácil de se entender quanto este pergaminho em que escrevo.

— O jogo de Amon-Rá... — ele sussurrou.

Muito tempo atrás Tanus fora um descrente e havia caluniado meus dons. Isso mudara e agora ele acreditava em meus poderes ainda mais que minha ama. Havia visto minhas visões se transformar em realidade com frequência e não mais duvidava.

— Pode esperar tanto tempo por seu amor? — perguntei. — Minha senhora jurou que o esperará por toda a eternidade. Pode esperá-la alguns anos?

— Ela prometeu me esperar? — Tanus perguntou.

— Por toda a eternidade — repeti, e pensei que ele fosse começar a chorar. Eu não teria suportado isso, ver um homem como Tanus aos prantos, portanto continuei apressadamente: — Não quer escutar a visão que tive?

Ele conteve as lágrimas.

— Sim! Sim! — concordou ansiosamente, e comecei a falar. Conversamos até a noite cair, então ficamos sentados no escuro e continuamos a falar.

Contei a Tanus as coisas que eu havia dito a minha senhora Lostris, todos os detalhes que eu havia escondido deles durante todos aqueles anos. Quando cheguei à explicação de como o pai dele, Pianki, senhor Harrab, havia sido arruinado e destruído por seu inimigo secreto, o ódio de Tanus foi tão intenso

que consumiu em sua mente os últimos efeitos da devassidão, e quando a aurora raiou sobre os pântanos ele estava mais uma vez clara e firmemente decidido.

— Vamos em frente na sua empreitada, pois parece a coisa certa a fazer. — Levantou-se de um salto e agarrou a bainha da espada. Apesar de eu achar que seria aconselhável descansar um pouco e recuperar-se completamente dos efeitos do vinho, ele não quis escutar.

— Vamos voltar já para Karnak! — insistiu. — Kratas está esperando e o desejo de vingar a memória de meu pai e de rever meu amor queima como fogo em meu sangue.



Ao deixarmos o pântano, Tanus tomou a dianteira pelo caminho pedregoso e eu o seguia correndo. Assim que o sol se ergueu sobre o horizonte, o suor vertia em suas costas e escorria, molhando a cintura de seu saiote, como se o corpo estivesse purgando o vinho rançoso. Eu podia ouvi-lo ofegar fortemente, mas nem uma vez Tanus parou para descansar ou moderou o passo, correndo sem hesitar em direção ao calor crescente.

Fui eu quem o deteve com um grito. Paramos lado a lado e olhamos em frente. Os pássaros haviam-me chamado a atenção. De longe eu notara a agitação das asas.

— Abutres — Tanus resmungou com a respiração ofegante. — Há alguma coisa morta entre os rochedos. — Ele puxou a espada e avançamos cautelosamente.

Encontramos primeiro o homem, e espantamos os abutres numa revoada tempestuosa. Reconheci pelo cabelo louro que era o que eu havia encontrado no dia anterior. Nada restara de seu rosto, pois estava deitado de costas e os pássaros lhe haviam comido toda a carne, até o osso do crânio. Havia arrancado seus olhos, e as órbitas vazias fixavam o céu sem nuvens. Os lábios haviam desaparecido e ele sorria com os dentes ensangüentados, como se da fútil piada de nossa breve existência nesta terra. Tanus rolou-o de bruços e vimos em suas costas os ferimentos de faca que o haviam matado. Havia feito uma dúzia de perfurações através de suas costelas.

— Quem fez isso quis ter certeza do trabalho — comentou Tanus, empedernido como só um soldado experiente.

Caminhei entre os rochedos e uma nuvem negra e ruidosa de moscas voou do cadáver da mulher. Nunca compreendi de onde vêm as moscas, como se materializam com tanta rapidez no calor seco e ardente do deserto. Imaginei que a mulher havia abortado enquanto se ocupavam dela. Deviam tê-la deixado viva depois de se divertir. Com suas últimas forças ela havia tomado nos braços a criança, tentando protegê-la. Morrera assim, encostada a uma pedra, protegendo o feto dos abutres.

Avancei pelo terreno acidentado e mais uma vez as moscas me conduziram até onde os bandidos haviam arrastado a menina. Pelo menos um deles havia tido a compaixão de lhe cortar a garganta depois que terminaram com ela, em vez de deixá-la sangrar lentamente até morrer.

Uma mosca pousou nos meus lábios. Afastei-a e comecei a chorar. Tanus encontrou-me ali aos prantos.

— Você os conhecia? — perguntou. Assenti e clareei a garganta para responder.

— Encontrei-os ontem no caminho. Tentei adverti-los... — Interrompi-me, pois não era fácil continuar. Respirei fundo. — Tinham um burro. Os carneiros o devem ter levado.

Tanus concordou. Tinha a expressão desolada quando se virou e fez um gesto na direção dos rochedos.

— Por aqui! — chamou, e saiu correndo pelo deserto acidentado.

— Tanus! — gritei. — Kratas está esperando...

Mas ele não deu a menor atenção e não tive alternativa senão segui-lo. Alcancei-o novamente quando ele perdeu a pista do burro num trecho de solo rochoso e teve de parar.

— Sinto por aquela família ainda mais que você — insisti. — Mas isso é loucura. Kratas está nos esperando. Não temos tempo a perder...

Ele me interrompeu sem sequer olhar para mim:

— Que idade tinha aquela menina? Não mais que nove anos? Sempre há tempo para fazer justiça. — Tinha a expressão fria e vingativa. Era evidente que havia recuperado sua antiga bravura, e achei melhor não discutir mais.

A imagem da menina continuava forte e nítida em minha mente. Acompanhei-o e retomamos a trilha, e avançamos ainda mais rápido em cooperação mútua.

Tanus e eu havíamos perseguido dessa forma gazelas, órix e até leões, e éramos ambos adeptos dessa arte. Trabalhávamos em equipe, correndo de ambos os lados das pegadas deixadas pela presa, e indicando um ao outro cada alteração de rumo. Logo nossa caça atingiu uma pista esburacada que levava para leste a partir do rio e se aprofundava pelo deserto. Eles a haviam seguido, tornando nossa tarefa muito mais simples.

Era quase meio-dia e nossas moringas d'água estavam vazias quando finalmente os avistamos a distância. Eram cinco, mais o burro. Estava claro que não esperavam ser seguidos pelo deserto, seu hábitat, pois deslocavam-se descuidadamente. Nem se deram o trabalho de encobrir as pegadas.

Tanus me fez agachar com ele atrás de uma rocha para tomar fôlego e murmurou:

— Vamos rodeá-los pela frente. Quero ver seus rostos.

Ergueu-se e conduziu-me numa grande volta lateral à trilha. Ultrapassamos o bando de carneiros, mas fora de seu campo de visão, depois mudamos de direção para alcançar a trilha à frente deles. Com sua visão de soldado, Tanus armou a emboscada com precisão.

De longe ouvimos o bando se aproximar, pelo ruído dos cascos do burro e das vozes conversando. Enquanto esperávamos duvidei de minha prudência ao decidir seguir Tanus sem questionar. Quando o bando de pegadas finalmente apareceu cheguei à conclusão de que me havia precipitado. Era o grupo de facínoras de aspecto mais mortífero que eu já havia visto, e minha única arma era a pequena adaga cravejada de pedras.

Pouco adiante de onde nos encontrávamos deitados, o beduíno alto e barbado, que obviamente era o chefe, parou de súbito e ordenou a um de seus homens que descarregasse do burro o odre de couro com água. Ele bebeu primeiro e então passou-o aos outros. Minha garganta se fechou quando os vi sorver o líquido precioso.

— Por Hórus, veja as manchas do sangue das mulheres em suas roupas. Quisera ter Lanata comigo — Tanus sussurrou. — Eu poderia acertar uma flecha na barriga daquele ali e fazer a água esguichar

como cerveja do barril. — Então ele colocou a mão no meu braço. — Não se mexa até eu começar, ouviu? Não quero heroísmos.

Assenti vigorosamente, sem a menor inclinação para protestar contra instruções tão sensatas.

Os pegas continuaram a andar, vindo diretamente para nossa atalaia. Estavam fortemente armados. O beduíno caminhava na frente, com a espada presa às costas, mas com o punho aparecendo sobre o ombro esquerdo, pronta para ser usada. Ele tinha o capuz do seu manto de lã sobre a cabeça, para proteger-se do sol escorchante. Isso prejudicava sua visão lateral e ele não nos viu quando passou perto de nós.

Dois outros o seguiam logo atrás, um deles puxando o burro. Os dois últimos marchavam depois do animal, discutindo animadamente sobre uma jóia que haviam roubado da mulher assassinada. Todas as armas deles estavam embainhadas, exceto os longos chuços com pontas de bronze carregados pelos da retaguarda.

Tanus esperou que todos passassem, então levantou-se silenciosamente e aproximou-se por trás dos dois últimos. Parecia mover-se sem intenção, como faz o leopardo, mas na verdade passou-se um átimo antes que desferisse um golpe de espada no pescoço de um dos bandidos.

Eu pretendia seguir Tanus e dar-lhe cobertura, mas por algum motivo não consegui passar à ação e continuei agachado atrás da pedra. Justifiquei minha atitude dizendo a mim mesmo que provavelmente apenas o atrapalharia se o acompanhasse perto demais.

Eu nunca havia visto Tanus matar um homem. Embora soubesse que era sua vocação e que ao longo dos anos ele pudera aperfeiçoar essa horrível arte, ainda assim fiquei surpreso com seu virtuosismo. Quando ele girou a espada, a cabeça de sua vítima saltou dos ombros como uma lebre do buraco, e o tronco decapitado chegou a dar um passo antes que as pernas cedessem. Quando o movimento em arco chegou ao limite, Tanus agilmente o inverteu e com o mesmo impulso acertou o outro homem. O segundo pescoço foi cortado de modo igualmente preciso. A cabeça caiu e rolou pelo chão, enquanto o corpo desabava para a frente, esguichando sangue.

O jato sangrento e o baque surdo das duas cabeças contra o solo alertou os outros carneiros. Eles viraram-se alarmados e por um instante olharam sem acreditar para a carnificina que havia ocorrido em suas fileiras. Com gritos selvagens, os três desembainharam as espadas e correram juntos para Tanus. Ao invés de recuar, Tanus investiu contra eles ferozmente, dividindo-os. Ele virou-se para enfrentar o homem que se isolara dos companheiros e com um impulso abriu-lhe um enorme rasgo sangrento no peito. O homem gritou e recuou, mas antes que Tanus pudesse terminar com ele os dois outros o atacaram pelas costas. Tanus fez um giro para enfrentá-los, e com um estrépito de bronze deteve o ataque. Conseguiu mantê-los à distância da espada, enfrentando um de cada vez, até que o bandido ferido se recuperou e aproximou-se pela retaguarda.

— Atrás de você! — gritei, e ele virou-se no tempo exato de aparar o golpe com a espada.

Em seguida os outros dois estavam de novo sobre ele, e Tanus foi obrigado a ceder terreno para defender-se de todos os lados. Sua perícia com a espada era impressionante. A lâmina girava tão depressa que parecia haver uma parede de bronze brilhante ao redor dele, contra a qual as investidas dos inimigos se chocavam sem êxito.

Então percebi que Tanus estava ficando cansado. O suor escorria por seu corpo e ele tinha as feições contorcidas por tanto esforço. As longas semanas de vinho e lascívia haviam prejudicado sua força ou-trora ilimitada.

Ele recuou antes que o beduíno voltasse a atacá-lo impetuosamente e apoiou as costas num dos rochedos, no lado da trilha oposto a onde eu estava agachado e inerte. Com a rocha protegendo as costas de Tanus, os três bandidos foram obrigados a abordá-lo pela frente, com golpes incessantes. Liderados pelo beduíno, eles uivavam como uma matilha de lobos a rodeá-lo. O braço direito de Tanus estava cansado e movia-se mais devagar.

O chuço do primeiro homem degolado estava caído no meio da trilha. Percebi que eu tinha de fazer alguma coisa imediatamente, se não quisesse ver Tanus ser destruído diante dos meus olhos. Com enorme esforço reuni coragem e arrastei-me para fora do esconderijo. Os pegos me haviam esquecido completamente, em sua avidez de matar.

Alcansei a lança no chão, sem que me notassem, e agarrei-a. Ao sentir o peso sólido da arma nas mãos, recuperei a coragem.

O beduíno era o mais perigoso dos três adversários de Tanus e também o que estava mais perto de mim, dando-me as costas e concentrado no duelo desigual. Empunhei a lança na horizontal e corri para ele.

Os rins são a parte mais vulnerável das costas. Com meu conhecimento de anatomia, mirei exatamente o golpe. A lâmina penetrou inteira, a um dedo da coluna, abrindo um buraco que seccionou o rim com precisão cirúrgica. O beduíno se enrijeceu e ficou paralisado instantaneamente, como uma estátua do templo. Então torci a lâmina da maneira que Tanus me havia ensinado, esmigalhando o rim do bandido. A espada caiu de seu punho e ele desabou com um grito terrível, distraindo os companheiros, o que deu a Tanus a oportunidade que esperava.

O próximo golpe de Tanus atingiu um deles no centro do peito, atravessando-lhe o torso, e a ponta da espada ensangüentada emergiu entre as omoplatas do inimigo. Antes que Tanus pudesse livrar a espada da pressão da carne viva e matar o último carniceiro, o sobrevivente girou nos calcanhares e correu.

Tanus ainda deu alguns passos atrás dele, mas parou sem fôlego e disse:

— Estou esgotado. Pegue-o, Taita! Não deixe esse chacal assassino fugir. Poucos homens conseguem ser mais velozes que eu. Tanus é o único que conheço, mas precisa estar em sua forma máxima para consegui-lo. Apoiei o pé no meio das costas do beduíno, arranquei o chuço de sua carne e corri atrás do outro bandido.

Alcansei-o antes de ele ter dado duzentos passos, e com tal leveza que ele nem escutou minha aproximação. Com o gume da lança cortei o tendão de seu calcanhar e ele se esparramou no chão, deixando a espada voar. Ficou deitado de costas, esperneando e gritando, e eu dançava a seu redor, espetando-o com o chuço e escolhendo a melhor posição para o golpe mortal.

— Qual das mulheres lhe agradou mais? — perguntei, golpeando-o na coxa. — A mãe, com sua barriga crescida, ou a garotinha?

— Por favor, poupe-me! — ele gritou. — Não fiz nada. Foram os outros. Não me mate!

— Há sangue seco na frente do seu saiote — eu disse, e feri-o no estômago, mas com pouca profundidade. — A criança gritou tão alto quanto você agora? — perguntei.

Ele enrolou o corpo numa bola para proteger o estômago, e atingi-o na espinha, encontrando por um feliz acaso o espaço entre as vértebras. Ele ficou instantaneamente paralisado da cintura para baixo e eu recuei.

— Muito bem. Você me pede para não o matar, e não o matarei. Seria bom demais para você.

Virei-me e voltei ao encontro de Tanus. O bandido aleijado arrastou-se atrás de mim, puxando as pernas imóveis como um pescador que leva um par de peixes mortos. Mas o esforço foi demasiado e ele deixou-se cair, soluçando. Já passava de meio-dia, mas o sol ainda estava forte o suficiente para matá-lo antes do poente.

Tanus olhou para mim de maneira curiosa quando me aproximei.

— Há em você uma veia selvagem de que eu não suspeitava. — Balançou a cabeça, espantado. — Você sempre me surpreende.

Ele tirou o odre do lombo do burro e ofereceu-o a mim, mas balancei a cabeça.

— Você primeiro. Está precisando mais que eu.

Ele bebeu, comprimindo os olhos de prazer, e então disse, engasgado:

— Pelo doce hálito de Ísis, você tem razão. Estou mole como uma velha. Esse pequeno duelo quase acabou comigo. — Então olhou em volta para os corpos espalhados e sorriu satisfeito. — Mas afinal não foi um mal começo para a missão do faraó.

— Foi um péssimo começo — eu o contradisse, e quando ele franziu o cenho sem entender, continuei: — Devíamos ter guardado pelo menos um deles vivo para que nos levasse ao ninho dos facínoras. Mesmo aquele ali — indiquei com um gesto o homem agonizante entre os rochedos — está muito mal para nos servir para alguma coisa. Deixei que minha raiva me dominasse. Não devemos mais cometer esse erro.

Estávamos a meio caminho de onde havíamos deixado os cadáveres da família assassinada quando minha verdadeira natureza se recompôs e comecei a arrepender-me amargamente do tratamento brutal que dera ao último bandido.

— Afinal ele era um ser humano como nós — eu disse a Tanus, e ele resmungou:

— Era um animal, um chacal raivoso, e você fez um ótimo trabalho. Já se lamentou demais. Esqueça-o. Mas, diga-me, por que estamos voltando para ver os cadáveres, em vez de irmos direto para o acampamento de Kratas?

— Preciso do corpo do marido.

E não disse mais nada até que chegamos ao corpo mutilado. A carcaça patética já cheirava mal sob o calor. Os abutres haviam deixado muito pouca carne sobre os ossos.

— Olhe para esse cabelo — eu disse a Tanus. — Quem você conhece que tem uma moita dessas?

Por um instante ele pareceu perplexo, então riu e passou os dedos por seus espessos cachos.

— Ajude-me a carregá-lo no burro — ordenei. — Kratas o levará para Karnak para ser embalsamado. Vamos dar-lhe um bom enterro e uma boa tumba com o seu nome gravado. Amanhã à noite toda Tebas saberá que Tanus senhor Harrab, faleceu no deserto e foi semidevorado pelas aves.

— Se Lostris souber disso... — Tanus fez um ar preocupado.

— Mandarei uma carta avisando-a. A vantagem que ganharemos ao fazer o mundo pensar que você morreu superará qualquer risco de assustar minha senhora.



Kratas estava acampado no primeiro oásis na rota das caravanas para o mar Vermelho, a menos de um dia de marcha de Karnak. Acompanhavam-no uma centena de homens da Guarda do Crocodilo Azul, cuidadosamente escolhidos, como eu havia ordenado. Tanus e eu alcançamos o acampamento no meio da noite. Havíamos viajado muito e estávamos exaustos. Caímos em nossas esteiras ao lado da fogueira e dormimos até o amanhecer.

Ao raiar do dia Tanus já estava de pé e conversava com os soldados. Era evidente o prazer que sentiam por tê-lo de volta. Os oficiais o abraçavam e os soldados o saudavam, sorrindo com orgulho quando ele os cumprimentava pelos nomes.

No desjejum, Tanus deu instruções a Kratas para levar o cadáver putrefato até Karnak, onde seria enterrado, e para se certificar de que a notícia de sua morte fosse comentada em toda Tebas. Dei a Kratas uma carta para minha senhora Lostris. Ele encontraria um mensageiro de confiança para levá-la a Elefantina.

Kratas selecionou uma escolta de dez homens, que se prepararam para partir com o burro e sua carga malcheirosa e seguir o Nilo até Tebas. Quando o pelotão deixava o acampamento, Tanus gritou para Kratas:

— Tente nos alcançar na estrada para o mar. Se não conseguir, nos encontrará acampados no oásis de Gebel Nagara. Esperaremos você lá. E lembre-se de trazer meu arco Lanata!



Assim que Kratas desapareceu atrás da primeira colina na estrada para oeste, Tanus reuniu o regimento e conduziu-o na direção oposta, seguindo a rota das caravanas para o mar. A estrada desde o Nilo até as praias do mar Vermelho era longa e difícil. Uma caravana grande e lenta geralmente levava vinte dias para completar a jornada. Nós cobrimos a distância em quatro dias, pois Tanus nos obrigou a uma série de marchas forçadas. No início, ele e eu éramos provavelmente os únicos da companhia que não estávamos em excelente forma física. No entanto, quando chegamos a Gebel Nagara, Tanus havia queimado o excesso de gordura do corpo e transpirara os últimos venenos do vinho. Estava novamente ágil e resistente.

Quanto a mim, era a primeira vez que fazia uma marcha forçada com uma companhia de guardas. Nos primeiros dias sofri todos os tormentos da sede e das dores musculares, das bolhas nos pés e da exaustão que o *Ka* de um homem morto tem de suportar na estrada para o submundo. Mas meu orgulho não me permitia ficar para trás, e além do mais fazer isso naquela paisagem selvagem significaria a morte certa. Para minha surpresa e meu prazer, descobri que após os primeiros dias tornava-se cada vez mais fácil manter minha posição entre os guerreiros.

No caminho passamos por duas grandes caravanas que se dirigiam para o Nilo, com os burros vergados sob pesadas cargas de mercadorias e escoltas de homens fortemente armados, estes em número muito superior ao de mercadores e seus acompanhantes. Nenhuma caravana estava a salvo da predação

dos pegas, a menos que fosse protegida por forças mercenárias como aquelas, ou que os comerciantes estivessem dispostos a pagar as taxas elevadas que os bandidos lhes exigiam.

Quando encontrávamos esses estranhos, Tanus puxava o xale sobre a cabeça para mascarar o rosto e ocultar os cabelos louros. Ele tinha uma figura muito marcante; não podia se arriscar a ser reconhecido e ter esse fato relatado em Karnak. Não respondíamos às saudações e perguntas que os viajantes nos dirigiam, e passávamos por eles em silêncio, sem sequer olhar em sua direção.

Quando estávamos a um dia de marcha da costa, deixamos a rota principal das caravanas e fizemos um desvio para o sul, seguindo uma antiga trilha abandonada que um beduíno me ensinara alguns anos antes. Os poços de Gebel Nagara ficavam nesse antigo caminho para o mar, e atualmente recebiam raras visitas humanas, a não ser dos beduínos e dos bandidos, se é que se pode chamá-los de humanos.

Quando chegamos aos poços eu estava magro e em boa forma como nunca, mas lamentava a falta de um espelho, pois tinha certeza de que essa nova energia que experimentava no interior devia refletir-se em minhas feições, realçando minha beleza. Teria apreciado a oportunidade de me admirar. Mas não parecia faltar quem admirasse. A noite, à luz das fogueiras, diversos olhares cúpidos brilhavam em minha direção e recebi mais que algumas ofertas indecorosas de meus companheiros, pois mesmo aquele corpo militar de elite estava contaminado pela nova licenciosidade sexual que permeava nossa sociedade.

Eu mantinha a adaga ao meu lado à noite, e quando espetei o primeiro visitante indesejado em minha esteira, seus gritos provocaram muitos risos entre os outros. Depois disso fui poupado de novos assédios.

Mesmo depois de chegarmos ao oásis, Tanus dava-nos pouco descanso.

Enquanto esperávamos que Kratas nos alcançasse, ele fazia os homens exercitar-se com as armas em competições de arco, luta e corrida. Agradou-me ver que Kratas havia escolhido os homens estritamente segundo as instruções que eu lhe dera. Não havia um só bru-tamontes entre eles. Com exceção do próprio Tanus, eram homens pequenos, ágeis e adequados aos papéis que eu planejara para eles.

Kratas chegou apenas dois dias depois de nós. Levando em conta seu retorno a Karnak e o tempo necessário para cumprir as tarefas que Tanus lhe incumbira, isso significava que ele devia ter viajado ainda mais rápido que nós.

— O que o fez demorar? — foi a saudação de Tanus. — Encontrou alguma senhorita amável no caminho?

— Tive de carregar dois grandes pesos — ele respondeu, abraçando o outro. — Seu arco e o selo do falcão. Estou feliz por me ver livre de ambos. — E entregou a arma e a estatueta com um sorriso, contente por estar novamente com seu chefe.

Tanus imediatamente pegou Lanata e foi para o deserto. Acompanhei-o na perseguição a um bando de gazelas. Com aquelas ágeis criaturas saltando e disparando pela planície, foi extraordinário ver Tanus abater mais de uma dúzia delas com o mesmo número de flechas. Naquela noite, enquanto nos banqueteávamos com fígados e filés grelhados, discutimos a próxima etapa de meu plano.

De manhã deixamos Kratas no comando dos guardas e Tanus e eu partimos para a costa. Foi apenas um dia e meio de viagem até nosso objetivo, uma aldeia de pescadores e, ao meio-dia, depois de subir a última montanha, vimos lá embaixo a faiscante extensão do mar. Daquela altura podíamos enxergar claramente o contorno escuro do recife de corais sob a superfície turquesa da água.

Assim que entramos na aldeia, Tanus chamou o chefe, um velho que veio correndo diante da imponência do oficial. Quando Tanus lhe mostrou o selo do falcão, ele caiu de joelhos como se estivesse diante do próprio faraó e bateu a cabeça três vezes no chão, com tanta força que temi que se ferisse seriamente. Quando o ajudei a erguer-se, ele nos levou aos melhores alojamentos da aldeia, sua própria cabana imunda, expulsando a família para nos ceder espaço.

Depois de comermos uma tigela de peixe cozido e uma taça do delicioso vinho de palmeira, Tanus e eu fomos até a praia de areias brancas ofuscantes. Lavamos o suor e a poeira do deserto nas águas cálidas da laguna, encerrada por uma coroa de ásperos corais paralelos à praia. Atrás de nós, as montanhas íngremes, sem o menor vestígio de verde, subiam contra o céu profundo do deserto.

O mar, as montanhas e o céu combinavam-se numa sinfonia grandiloqüente que assombrava os sentidos. Mas tivemos pouco tempo para admirar tudo isso, pois os barcos de pesca estavam voltando. Cinco pequenos cascos em mau estado, com velas feitas de palha trançada, entravam pela passagem entre os recifes. A carga de peixes que traziam era tão grande que pareciam prestes a afundar antes de chegar à praia.

Sou fascinado pela abundância natural que os deuses nos oferecem; assim, examinei curiosamente a pescaria que foi despejada na praia e interroguei os pescadores sobre as centenas de espécies diferentes. A montanha de peixes constituía um tesouro resplandecente e multico-lorido, e desejei ter meus papiros e tintas para registrar tudo aquilo.

Mas foi um breve interlúdio. Logo que descarregaram a pescaria embarquei num dos pequenos veleiros, que cheirava terrivelmente à sua função, e acenei para Tanus na praia quando passamos pela abertura nos recifes. Ele ficaria ali até que eu voltasse com o equipamento de que necessitávamos para a próxima parte do plano. Mais uma vez, eu não queria que o reconhecessem no lugar aonde me dirigia. Sua função agora era impedir que qualquer pescador ou algum de seus familiares se esgueirasse pelo deserto para encontrar os pegás e relatar a presença na aldeia de um senhor louro que trazia o selo do falcão.

O barco ergueu a proa ao primeiro borriso de mar aberto. O piloto apanhou o vento e dirigiu-o para o norte, navegando paralelamente à costa marrom e inerte. Foi um rápido percurso, e antes que a noite caísse o piloto apontou sobre a proa o amontoado de construções de pedra do porto de Safaga, ao longe no litoral.



Há mil anos Safaga era o entreposto de todo o tráfego comercial do Oriente para o Alto Reino. De pé na proa da pequena embarcação, pude distinguir no horizonte as formas de barcos muito maiores que transitavam entre Safaga e os portos árabes no litoral leste do mar estreito. Já era noite quando desembarquei na praia de Safaga, e ninguém pareceu notar minha chegada. Eu sabia exatamente aonde me dirigia, pois visitara com regularidade o porto sob os nefastos encargos do senhor Intef. Naquela hora viam-se as ruas quase vazias, mas as tavernas estavam repletas. Caminhei rapidamente até a casa do mercador Tiamat. Era um homem rico, dono da maior casa da cidade antiga. Um escravo armado barrou minha entrada.

— Diga a seu patrão que está aqui o cirurgião de Karnak que lhe salvou a perna — instruí-o, e o próprio Tiamat saiu mancando para me receber. Espantou-se ao ver meu disfarce clerical, mas teve o

bom senso de não comentar nada ou mencionar meu nome diante do escravo. Introduziu-me em seu jardim murado, e assim que ficamos a sós exclamou:

— É você mesmo, Taita? Ouvi dizer que havia sido assassinado pelos pegas em Elefantina.

Ele era um homem de meia-idade e volumoso, de feições inteligentes e mente arguta. Alguns anos antes fora trazido a mim numa liteira. Um grupo de viajantes o encontrara ao lado da estrada, onde fora deixado como morto depois que sua caravana fora pilhada pelos carniceiros. Eu o havia suturado e até consegui salvar-lhe a perna já meio gangrenada quando o vi pela primeira vez. Mas sempre andaria mancando.

— Estou feliz por ver que os relatos de sua morte eram prematuros. — Ele riu, e bateu palmas para que os escravos me trouxessem uma taça de *sherbet* frio e um prato de figos e tâmaras com mel.

Após um intervalo de conversa educada, ele perguntou suavemente:

— Há algo que eu possa fazer por você? Devo-lhe minha vida. É só pedir. Minha casa é sua, tudo o que tenho é seu.

— Estou a serviço do faraó — disse-lhe, e retirei o selo real de sob a túnica.

II Sua expressão ficou séria.

— Reconheço o selo do falcão faraônico. Mas não era necessário mostrar-me. Peça-me o que quiser. Não posso lhe recusar.

Ele escutou tudo o que eu tinha a dizer em silêncio, e quando terminei mandou chamar seu bailio e deu-lhe ordens. Antes de despachar o homem, virou-se para mim e perguntou:

— Há algo que eu tenha esquecido? Qualquer outra coisa de que precise?

— Sua generosidade é infinita — retruquei. — No entanto, há mais uma coisa. Preciso de material para escrever.

Ele virou-se para o empregado:

— Providencie também papiros, pincéis e tinta.

Depois que o criado saiu, ficamos sentados conversando durante boa parte da noite. Tiamat morava no centro da rota mercantil mais movimentada do Alto Reino e sabia de todos os rumores e sussurros dos mais remotos cantos do império e de além-mar. Naquelas poucas horas em seu jardim inteirei-me de mais coisas do que teria sabido em um mês na ilha Elefantina.

— Você ainda paga pedágio aos pegas para que permitam a passagem das caravanas? — perguntei, e ele encolheu os ombros em resignação.

— Depois do que fizeram comigo, que alternativa? A cada estação suas exigências tornam-se mais exorbitantes. Devo pagar mais de um quarto do valor de minha mercadoria assim que a caravana parte de Safaga, e a metade de meus lucros após as vendas em Tebas. Logo eles nos transformarão a todos em mendigos e a relva crescerá nas rotas das caravanas. O comércio no reino minguará e morrerá.

— Como faz os pagamentos? — perguntei. — Quem determina a quantia e quem a recebe?

— Eles têm espiões aqui no porto. Observam cada carga que chega e sabem o que cada caravana transporta ao deixar a cidade. Antes que chegue ao passo nas montanhas será interceptada por um dos assaltantes, que exigirá a fiança.

Era bem mais de meia-noite quando Tiamat chamou um escravo para acompanhar-me até um quarto. Tiamat abraçou-me.

— Você partirá antes que eu me levante amanhã. Adeus, meu bom amigo. Minha dívida com você ainda não está quitada. Procure-me sempre que precisar.

O mesmo escravo acordou-me antes do amanhecer e levou-me pela escuridão até o porto. Uma nave mercante da frota de Tiamat estava ancorada dentro dos recifes. O capitão levantou âncora assim que embarquei.

No meio da manhã deslizamos pela passagem entre os corais e fundeamos diante da aldeia, onde Tanus me aguardava na praia.



Durante minha ausência Tanus havia conseguido reunir seis burros decrepitos, e os marinheiros do navio de Tiamat carregaram até a praia os fardos que trouxéramos de Safaga, depositando-os no lombo das pobres criaturas. Tanus e eu demos ao capitão ordens expressas para esperar nossa volta, e então rumamos com a tropa de burros para o oásis de Gebel Nagara.

Os homens de Kratas obviamente estavam aborrecidos com o calor e as moscas do deserto, pois nos receberam como se não nos vissem há muito tempo. Tanus mandou que Kratas os reunisse em fila. Os soldados observaram quando eu abri o primeiro fardo. Quase imediatamente seu interesse deu lugar à surpresa quando desembalei as roupas de uma escrava. Logo se ouviu um burburinho de especulações quando os fardos produziram mais setenta e nove trajes femininos completos.

Kratas e dois de seus oficiais ajudaram-me a colocar cada um deles na areia diante de cada guerreiro, e então Tanus ordenou:

— Tirem as roupas! Vistam o traje à sua frente!

Houve um rumor de protesto e risos incrédulos, e foi somente quando Kratas e os oficiais passaram diante da fileira com expressões rígidas que eles começaram a obedecer a ordem.

Ao contrário de nossas mulheres, que vestem roupas leves e muitas vezes deixam o peito e as pernas nus, as assírias usam saias que varrem o chão e mangas que recobrem seus braços até os pulsos. Por motivo de recato elas chegam a tapar os rostos com véus quando saem à rua, embora essas restrições talvez lhes sejam impostas pelo ciúme doentio de seus homens. Há também uma grande diferença entre a terra ensolarada do Egito e climas mais amenos, onde o céu despeja água que se torna sólida e branca nas montanhas, e os ventos congelam até a morte a carne e os ossos.

Depois que os homens superaram o primeiro choque de ver-se naquelas bizarras vestimentas, entraram no espírito do momento. Logo havia oitenta escravas veladas, exibindo-se e meneando-se com as longas saias, beliscando-se mutuamente as nádegas e lançando olhares debochados para Tanus e seus oficiais.

Estes não conseguiam mais manter-se sérios. Talvez devido às minhas circunstâncias peculiares, sempre achei vagamente repulsivo o espetáculo de homens vestidos de mulheres, mas é estranho como poucos compartilham essa opinião, e basta um rufião peludo meter-se numa saia para levar a platéia ao desvario.

Em meio à balbúrdia, felicitei-me por ter insistido que Kratas escolhesse os homens menores e mais esguios do esquadrão. Vendo-os ali, tive a certeza de que poderia levar a cabo minha farsa. Eles precisariam apenas de algumas aulas de maneiras femininas.



Na manhã seguinte, nossa estranha caravana passou pela aldeia de pescadores e desceu para a praia, onde nos esperava o navio mercante. Kratas e oito oficiais a escoltavam. A completa ausência de escolta para uma encomenda tão valiosa certamente teria despertado suspeitas. Nove homens armados e vestidos com as roupas variadas dos mercenários seriam o suficiente para isso, mas não deteriam um ataque maciço dos pegas.

No final da caravana vinha Tanus, vestido com a rica túnica e a coifa bordada de contas, típicas dos mercadores da região do Eufrates. Sua barba havia crescido densamente e eu a enrolara nos cachos apertados que os assírios tanto apreciam. Muitos desses asiáticos, especialmente os das elevadas regiões montanhosas do norte, têm a mesma cor de pele de Tanus, e ele estava perfeito em seu papel.

Eu o acompanhava de perto. Havia superado minha aversão pelas roupas femininas e adotara a saia longa e o véu, assim como as vistosas jóias de uma esposa assíria. Estava decidido a não ser reconhecido quando voltasse a Safaga.

A viagem foi animada pelo enjôo da maioria das escravas e de vários oficiais, acostumados a navegar nas águas tranqüilas do grande rio. A certa altura havia tantos deles enfileirados na amurada para fazer suas oferendas aos deuses do mar, que o navio adernou visivelmente.

Ficamos todos aliviados quando pisamos na praia de Safaga, onde provocamos grande excitação. As garotas assírias eram famosas por suas artes no leito de amor. Dizia-se que algumas delas eram capazes de truques que fariam reviver uma múmia de mil anos. Era evidente para os que observavam nosso desembarque que os véus de nossas escravas ocultavam imagens de grande beleza, pois um avaro mercador assírio não as transportaria tão longe e a grande custo se não tivesse certeza de vendê-las por bom preço nos mercados de escravos do Nilo. Um comerciante local aproximou-se imediatamente de Tanus e ofereceu-se para comprar no ato todo o lote de moças, poupando-lhe a onerosa travessia do deserto. Tanus descartou-o com desdém, mas o comerciante insistiu:

— Já lhe advertiram sobre os perigos da jornada que pretende empreender? Antes de alcançar o Nilo terá de pagar uma taxa para passar em segurança que comerá todo o seu lucro.

— Quem irá me obrigar a pagar? — perguntou Tanus. — Só pago o que devo.

— Há gente que guarda a estrada — avisou o mercador. — E mesmo que você pague o que exigem, não há garantia de que o deixarão passar incólume, especialmente com mercadorias tão tentadoras como as que está levando. Os abutres na rota do Nilo estão tão gordos de se alimentar das carcaças de comerciantes teimosos que mal conseguem voar. Venda-as para mim agora e terá um bom lucro...

— Tenho guardas armados — Tanus indicou Kratas e seu pequeno pelotão — que enfrentarão qualquer bandido que se aproxime.

Os curiosos que ouviam a conversa sorriram e se entreolharam diante da bravata. O mercador encolheu os ombros.

— Muito bem, meu valente amigo. Na minha próxima travessia do deserto procurarei seu esqueleto à margem da estrada. Reconhecerei você pela barba vermelha.

Como me havia prometido, Tiamat tinha quarenta burros à nossa espera. Vinte deles estavam carregados de odres com água, e os restantes com arreios especiais para levar os fardos e trouxas que trouxéramos do navio.

Eu estava ansioso para que ficássemos no porto o menor tempo possível, sob todos aqueles olhares perscrutadores. Bastaria que um lapso de uma das garotas escravas revelasse seu verdadeiro gênero e tudo estaria perdido. Kratas e a escolta as apressaram pelas ruas estreitas, mantendo os curiosos a distância e verificando se as escravas tinham os véus no lugar e os olhos baixos. Nenhuma devia reagir com voz de homem aos comentários que nos acompanharam até chegarmos ao campo aberto.

Na primeira noite acampamos ainda perto de Safaga. Embora eu não previsse um ataque até que estivéssemos bem além do primeiro passo nas montanhas, tinha a certeza de já estarmos sendo observados pelos espias dos carneiros.

Enquanto ainda estava claro, certifiquei-me de que nossas escravas se comportassem como mulheres, que mantivessem os corpos ocultos e que quando entrassem numa ravina para satisfazer as exigências da natureza se agachassem de maneira decorosa e não vertessem o jato de pé.

Depois que escureceu Tanus ordenou que se abrissem os fardos transportados pelos burros, e as armas que continham foram distribuídas entre as "moças". Cada uma delas dormiu com a espada e o arco escondidos sob a esteira.

Tanus dispôs sentinelas duplos ao redor do acampamento. Depois de os inspecionarmos e verificarmos que estavam bem colocados e totalmente alertas, Tanus e eu nos esgueiramos e retornamos no escuro até Safaga. Conduzi-o pelas ruas sombrias até a casa de Tiamat. O mercador nos esperava com uma refeição pronta e percebi sua felicidade por conhecer Tanus.

— Sua reputação o precede, senhor Harrab. Conheci seu pai, um verdadeiro homem — ele cumprimentou Tanus. — Apesar de ter ouvido persistentes rumores de que você morreu no deserto há menos de uma semana e de que neste exato momento seu corpo está sendo embalsa-mado na margem ocidental do Nilo, passando pelo ritual de quarenta dias, você é bem-vindo a esta humilde casa.

Enquanto desfrutávamos o banquete oferecido por Tiamat, Tanus interrogou-o minuciosamente sobre os pegas e ele respondeu de boa vontade.

Afinal Tanus olhou para mim e assenti. Ele voltou-se para Tiamat e disse:

— Você foi para nós um amigo generoso, mas não fomos muito honestos. Foi por necessidade. Era de vital importância que ninguém conhecesse nosso verdadeiro objetivo nesta empreitada. Agora lhe direi que nosso alvo é esmagar os pegas e entregar seus líderes ao faraó.

Tiamat sorriu e afagou a barba, dizendo:

— Não me surpreende, pois soube da acusação que o faraó lhe fez no festival de Osíris. Isso e seu óbvio interesse pelos facínoras deixaram-me pouca dúvida. Só posso dizer que farei oferendas aos deuses pelo seu êxito.

— Mas precisarei mais uma vez de sua ajuda — Tanus disse.

— É só pedir.

— Acha que os pegas já estão cientes de nossa caravana?

— Toda Safaga está falando de vocês — respondeu Tiamat. — E a carga mais valiosa que chegou nesta temporada. Oitenta lindas escravas devem valer pelo menos mil anéis de ouro cada uma em Karnak — Ele sorriu e balançou a cabeça. — Pode estar certo de que os carneiros já sabem tudo sobre vocês. Vi ao menos três de seus espiões na multidão que os observava no cais. Pode contar que os encontrarão e farão suas exigências antes que cheguem ao primeiro desfiladeiro.

Quando nos levantamos para sair, Tiamat acompanhou-nos até a porta.

— Que todos os deuses velem por sua missão. Não apenas o faraó, mas todas as almas vivas do reino ficarão endividadas se conseguirem deter essa terrível praga que ameaça destruir nossa civilização e conduzir-nos de volta à barbárie.



Ainda estava escuro e fresco na manhã seguinte quando a coluna partiu. Tanus, com Lanata pendurado no ombro, ia à frente da caravana. Eu o seguia com toda a minha formosura feminina.

Atrás vinha a fila de burros ligados pelos arreios, no meio da trilha batida. As escravas andavam em colunas duplas, dos dois lados da tropa de burros. Suas armas estavam escondidas nos volumes sobre os animais. Bastava a qualquer homem estender o braço para alcançar o punho de sua espada.

Kratas havia dividido a escolta em três grupos de seis homens cada, comandados por Astes, Remrem e ele próprio. Astes e Remrem eram guerreiros famosos e mais que merecedores do posto de comandantes. Mas ambos haviam recusado diversas promoções para permanecer com Tanus, pois ele inspirava esse tipo de fidelidade em todos os que serviam sob suas ordens. Não pude deixar de pensar mais uma vez que daria um excelente faraó.

As escoltas marchavam agora ao lado da coluna, fazendo o possível para disfarçar sua postura militar. Para os espias que certamente nos vigiavam dos morros, isso pareceria ter a finalidade de impedir que alguma escrava fugisse. Na verdade elas tinham bastante trabalho para evitar o ritmo de marcha e cantar as canções debochadas do regimento.

— Você aí, Kernit! — ouvi Remrem desafiar um deles. — Não dê passos tão longos, homem, e balance um pouco essa sua bunda gorda! Tente parecer interessante.

— Me dê um beijo, capitão — reagiu Kernit — e farei tudo o que quiser.

O calor aumentava e a miragem começava a fazer as rochas dançar. Tanus voltou-se para mim.

— Logo ordenarei o primeiro descanso. Um copo d'água para cada um..

— Meu bom marido — interrompi-o. — Seus amigos chegaram. Olhe para frente!

Tanus virou-se de novo e instintivamente agarrou o grande arco pendurado a seu lado.

— E que gente fina eles são!

Naquele momento a coluna serpenteava pelas primeiras encostas abaixo do platô desértico. De ambos os lados erguiam-se as paredes rochosas das montanhas, e havia três homens parados na trilha adiante.

O líder, alto e ameaçador, estava envolto no albornoz de lã dos viajantes do deserto, mas tinha a cabeça descoberta. Sua pele era muito escura e profundamente marcada pelas cicatrizes da varíola, o

nariz era adunco como o bico de um abutre e o olho direito, uma gelatina opaca, por causa do verme da cegueira que se enfia nos olhos.

— Conheço esse vilão caolho — eu disse baixinho para que somente Tanus ouvisse. — Chama-se Shufti. É o mais famoso dos barões do deserto. Cuidado com ele. O leão é um animal dócil comparado com este.

Tanus, que pareceu não me escutar, levantou a mão direita para mostrar que não estava armado e disse alegremente:

— Que os seus dias sejam perfumados de jasmim, gentil viajante, e que uma esposa carinhosa o receba à sua porta no fim da última jornada.

— Que seus odres estejam cheios e brisas suaves lhe refresquem a fronte quando atravessar as areias sedentas — respondeu Shufti, sorrindo. Aquele sorriso era mais feroz que o rosar do leopardo, e seu único olho reluziu horrivelmente.

— É gentil, meu nobre senhor — Tanus agradeceu. — Gostaria de lhe oferecer uma refeição e a hospitalidade de meu acampamento, mas rogo sua indulgência. Temos uma longa estrada pela frente e devemos prosseguir.

— Apenas mais um pouco de seu tempo, meu bom assírio. — Shufti avançou, bloqueando o caminho. — Tenho algo de que precisa, se você e sua caravana desejam alcançar o Nilo em segurança. — Ele mostrou um pequeno objeto.

— Ah, um amuleto! — exclamou Tanus. — Então é um mago! Que espécie de amuleto é esse que está me oferecendo?

— Uma pena. — Shufti continuava sorrindo. — Uma pena de pega. Tanus sorriu, como que para agradar a uma criança.

— Muito bem, então. Dê-me a pena e não o retardarei mais.

— Um presente contra outro. Deve dar-me algo em troca — disse o bandido. — Dê-me vinte de suas escravas. Depois, quando voltar do Egito, o encontrarei de novo no caminho e você me dará a metade dos lucros da venda das demais escravas.

— Por um única pena?! — Tanus caçoou. — Parece-me um mau negócio.

— Esta não é uma pena comum. É uma pena de pega — Shufti ressaltou. — Está tão mal informado que nunca ouviu falar desse pássaro?

— Deixe-me ver essa pena mágica.

Tanus caminhou na direção dele com a mão direita estendida e Shufti avançou ao seu encontro. Ao mesmo tempo, Kratas, Remrem e Astes aproximaram-se de maneira inquisitiva, como que para examinar a pena.

Em vez de apanhar o presente da mão do outro, subitamente Tanus agarrou o pulso de Shufti e torceu-o nas costas. Com um grito de surpresa, o bandido caiu de joelhos e Tanus o conteve com facilidade. Kratas e seus homens correram e agarraram os dois outros, tão surpresos quanto o chefe. Derrubaram as armas que traziam nas mãos e os arrastaram até onde estava Tanus.

— Então os passarinhos querem assustar Kaarik, o assírio, com suas ameaças? Sim, meu bom vendedor de penas, ouvi falar nos pegas. Ouvi dizer que são um bando de avezinhas covardes e faladeiras, que fazem mais barulho que um bando de pardais.

Ele torceu o braço de Shufti com mais força, até que o bandido gritou de dor e caiu de rosto no chão.

— Sim, ouvi falar nos pegas, mas já ouviu algo sobre Kaarik, o terrível? — Ele fez um sinal para Kratas, e rápida e eficientemente deixaram os três bandidos nus e pregados no chão, de bruços e com os membros em forma de cruz.

— Quero que se lembre de meu nome e fuja voando como uma boa pegazinha na próxima vez em que o escutar — disse-lhe Tanus, e fez novo sinal para Kratas, que agarrou o cabo de seu chicote, feito do mesmo couro de hipopótamo que o de Rasfer. Tanus estendeu a mão para apanhá-lo e Kratas entregou-o com relutância.

— Não fique tão triste, capataz — disse Tanus. — Depois o deixarei se divertir. Mas Kaarik, o assírio, sempre se serve primeiro.

Tanus estalou o chicote no ar várias vezes, fazendo-o sibilar como as asas dos gansos em fuga. Shufti encolheu-se e girou a cabeça, olhando para Tanus.

— Você está louco, animal assírio! Não percebe que sou um barão do clã dos pegas? Não ouse fazer isso comigo... — Suas costas e nádegas nuas eram pontilhadas de cicatrizes de varíola.

Tanus levantou o chicote bem alto e desceu-o com toda a força. Deixou uma marca vermelha larga como meu dedo nas costas de Shufti. A dor foi tão intensa que todo o corpo do bandido teve uma convulsão e o ar saiu de seus pulmões com um chiado, de modo que ele não conseguiu gritar. Tanus ergueu novamente o açoite e fez outra marca funda paralela à primeira, quase tocando-a. Desta vez Shufti encheu os pulmões e soltou um berro rouco, como um búfalo que caísse num poço. Tanus ignorou suas contorções e os gritos ultrajados e trabalhou metódicamente, distribuindo os golpes como se tecesse um tapete.

Quando terminou, as pernas, nádegas e costas de sua vítima estavam rendilhadas com marcas rubras. Nenhum dos golpes se havia sobreposto a outro. A pele estava intacta e nenhuma gota de sangue brotou, mas Shufti não mais se mexia ou gritava. Estava deitado de rosto no chão, a respiração roncando na garganta, de modo que cada vez que expirava erguia uma nuvem de poeira. Quando Remrem e Kratas o soltaram, ele não tentou se sentar, nem sequer se mexeu.

Tanus passou o chicote para Kratas.

— O próximo é seu, capataz. Vamos ver se faz uma tatuagem bonita nas costas dele.

Os golpes de Kratas vibravam com potência, mas faltava-lhes o requinte exibido por Tanus. Em pouco tempo as costas do bandido gotejavam como um jarro de vinho rachado. As gotas de sangue caíam na terra e formavam bolinhas de lama.

Suando um pouco, Kratas enfim se satisfez e passou a chibata para Astes, indicando o último bandido.

— Dê-lhe algo que o faça lembrar-se das boas maneiras.

Astes tinha um estilo ainda mais rústico que o de Kratas. Quando acabou, as costas do último bandido pareciam um pedaço de carne cortado por um açougueiro demente.

Tanus fez sinal para a caravana avançar em direção ao desfiladeiro nas montanhas de rochas avermelhadas. Nos demoramos um pouco junto aos três homens nus.

Afinal Shufti estremeceu e levantou a cabeça, e Tanus dirigiu-se a ele com ironia:

— Agora vamos deixá-lo, meu amigo. Lembre-se do meu rosto e seja mais cauteloso na próxima vez em que o vir. — Tanus apanhou a pena de pega e enfiou-a na faixa que tinha ao redor da cabeça. — Agradeço-lhe pelo presente. Que suas noites sejam embaladas pelos braços de belas damas.

Ele fez o gesto assírio de despedida, tocando o coração e os lábios, e eu o segui pela estrada ascendente, atrás da caravana.

Virei-me para trás antes de descermos do outro lado da colina. Os três carneiros estavam de pé, apoiando-se uns nos outros para não cair. Mesmo a distância pude ver a expressão do rosto de Shufti. Era a essência destilada do ódio.

— Bem, vocês garantiram que todos os pegos deste lado do Nilo virão atrás de nós no instante em que dermos o primeiro passo depois do desfiladeiro — eu disse a Kratas e seus homens, e não os teria agradado mais se tivesse prometido um navio cheio de cerveja e lindas mulheres.



Da crista do desfiladeiro olhamos pela última vez para o azul refrescante do mar e então descemos para a fornalha de pedras e areia que nos separava do Nilo.

Ao avançarmos, o calor nos envolveu como um inimigo mortal-Parecia entrar por nossas bocas e narinas arfantes, roubando a umidade de nossos corpos. Secava a pele e a fazia rachar até que nossos lábios se abriram como figos maduros. As pedras do chão estavam quentes como se tivessem saído do forno de um oleiro, esaldando nossos pés e criando bolhas mesmo através das solas de couro das sandálias. Era impossível manter a marcha durante as horas mais quentes do dia. Deitávamo-nos à sombra tênue das tendas de linho que Tiamat nos fornecera e suávamos como cães depois da caçada.

Quando o sol descia na direção do horizonte recortado de rochedos, retomávamos viagem. O deserto a nosso redor estava carregado de uma ameaça sem nome que reduziu até mesmo o moral da Guarda do Crocodilo Azul. A longa e lenta coluna serpeava como uma cobra ferida entre os rochedos negros e as dunas amarronzadas, seguindo a antiga rota por onde haviam trafegado incontáveis viajantes antes de nós.

Quando a noite finalmente caiu, o céu acendeu-se num espetáculo de estrelas, e o deserto ficou tão iluminado que do meu posto à frente da caravana eu podia reconhecer a forma de Kratas na retaguarda, a duzentos passos de distância. Marchamos durante metade da noite antes que Tanus desse a ordem de parar. No dia seguinte levantamos antes do amanhecer e caminhamos até que a miragem dissolvesse os rochedos em volta, fazendo o horizonte ondular como se fosse piche derretido.

Não vimos sinal de vida, a não ser uma vez, quando um bando de babuínos com cabeça de cachorro gritou para nós do alto de uma grande pedra achatada. Os abutres planavam tão alto no céu azul que pareciam traças girando em círculos lentos e deliberados acima de nós.

Quando descansamos ao meio-dia, os redemoinhos de vento faziam piruetas com a graça de dançarinas através da planície, e a gamela de água que era nossa razão pareceu evaporar-se em minha boca.

— Onde estão eles? — Kratas resmungou nervoso. — Pelo escroto suado de Seth, espero que esses passarinhos encontrem coragem logo e venham cacarejar.

Embora fossem todos veteranos rijos, habituados às privações e ao desconforto, os nervos e os temperamentos estavam se desgastando. Bons camaradas e velhos amigos começavam a rosnar entre si sem qualquer motivo e a discutir pela razão de água.

— Shufti é um velho cão sabido — eu disse a Tanus. — Vai reunir suas forças e deixar que o procuremos, em vez de correr ao nosso encontro. Vai esperar que estejamos cansados da viagem e distraídos, para então atacar.

No quinto dia, soube que nos aproximávamos do oásis de Gallala ao ver os penhascos escuros marcados pelas cavernas de antigos túmulos. Séculos atrás, o oásis havia sustentado uma pujante cidade, mas um terremoto sacudira as montanhas e danificara os poços, reduzindo a água a algumas gotas. Apesar de terem aprofundado os poços para alcançar a água, e de os degraus de terra descerem até onde sua superfície ficava constantemente na sombra, a cidade havia morrido. As paredes sem teto erguiam-se desoladas no silêncio e lagartos tomavam sol nos pátios onde ricos mercadores um dia desfrutaram seus haréns.

Nossa principal preocupação era reabastecer os odres. As vozes dos homens que recolhiam água no fundo dos poços eram distorcidas pelo eco distante. Enquanto se ocuparam disso, Tanus e eu demos uma volta rápida pela cidade em ruínas. Era um lugar solitário e melancólico, em cujo centro se erguia o templo dilapidado ao deus patrono de Gallala. O telhado havia desabado e em alguns pontos as paredes estavam desmoronando. Sua única entrada era o portal na fachada a oeste.

Parados no centro do templo, notei as pegadas de um bando de babuínos e mostrei-as a Tanus.

— Devem vir aqui beber nos poços — disse-lhe.

Naquela noite, sentados ao redor de pequenos fogos de excremento de burro seco, escutamos novamente os macacos. Os velhos machos gritavam desafios nos morros que cercavam a cidade, seu alarido ecoando nos penhascos. Fiz um sinal para Tanus:

— Seu amigo Shufti chegou. Suas escoltas estão no alto dos morros nos observando. Foram eles que assustaram os babuínos.

— Espero que você esteja certo. Meus soldados estão perto de se amotinar. Sabem que tudo isto foi idéia sua, e se estiver enganado eu poderia ter de lhes dar sua cabeça ou suas costelas para acalmá-los — Tanus resmungou e foi falar com Astes junto da fogueira ao lado.

Quando os homens perceberam a proximidade do inimigo, um novo estado de espírito rapidamente se apoderou do acampamento. Os res-mungos cessaram e os soldados sorriam uns para os outros à luz do fogo, testando disfarçadamente o gume das espadas escondidas sob as esteiras. Mas continuaram a desempenhar os movimentos normais na vida de uma caravana para não alertar os vigias nos morros acima. Afinal, todos nos deitamos e deixamos os fogos se extinguir, mas ninguém dormiu. Eu ouvia os soldados tossir e mexer-se no escuro a meu redor. Longas horas se escoaram, e pelo teto aberto observei as constelações lá em cima girar em seu esplendor, mas o ataque não veio.

Pouco antes do amanhecer, Tanus fez a ronda das sentinelas pela última vez, e ao voltar para seu lugar junto às cinzas da fogueira parou do meu lado por um momento e sussurrou:

— Você e seus amigos babuínos se merecem. Todos guinchavam para as sombras.

— Os pegos estão aqui. Posso sentir seu cheiro. Os morros estão cheios deles — protestei.

— Você está é sentindo o cheiro do desjejum — ele resmungou. Tanus sabe que detesto insinuações de que eu seja um glutão. Em vez de retrucar diante de humor tão pueril, fui para um monte de ruínas na

escuridão para me aliviar.

Quando me agachei, mais um macaco gritou, emitindo um som selvagem que ecoou rompendo o silêncio sobrenatural da noite fria. Virei a cabeça naquela direção e escutei, leve e distante, o ruído de metal batendo na pedra, como se uma mão nervosa houvesse deixado cair um punhal lá no alto do penhasco ou um escudo houvesse raspado o granito quando um homem armado se posicionara.

Sorri para mim mesmo, complacente; tenho poucos prazeres na vida comparáveis ao de fazer Tanus engolir suas palavras. Quando voltei para minha esteira, sussurrei para os homens por quem passei:

— Preparem-se. Eles estão aqui. — E ouvi meu aviso ser transmitido de boca em boca.

Lá no alto as estrelas começavam a desaparecer e a alvorada avançava sobre nós tão imperceptível quanto uma leoa preparando o bote a um grupo de órix. Então, subitamente, ouvi uma sentinela sobre a parede do templo assobiar, um som que poderia ser o pio de um pássaro, mas que conhecíamos bem. Imediatamente um frêmito percorreu o acampamento, mas foi contido pelos sussurros urgentes de Kratas e dos oficiais:

— Parados, Azuis! Lembrem-se das ordens. Mantenham as posições! — E nenhum homem se moveu da esteira.

Sem levantar-me, e com o xale mascarando meu rosto, virei lentamente a cabeça e olhei para a crista dos rochedos, que se elevavam acima das paredes do templo. A silhueta dentada dos morros de granito começou a modificar-se sutilmente. Tive de piscar os olhos para me certificar do que estava vendo. Então, devagar, virei a cabeça num círculo completo, e era o mesmo em qualquer lugar que olhasse. A toda a volta delineavam-se contra o céu as silhuetas escuras e ameaçadoras de homens armados, formando uma paliçada ininterrupta pela qual ninguém teria esperança de escapar.

Entendi então por que Shufti havia retardado tanto sua retaliação. Fora necessário muito tempo para reunir um tal exército de bandidos. Devia haver mil homens ou mais, embora à luz fraca fosse impossível contá-los. Eles nos excediam em pelo menos dez para cada um, e senti meu ânimo vacilar. Era uma triste perspectiva, mesmo para uma companhia de Azuis.

Os pegas mantinham-se imóveis como as rochas que os cercavam, e fiquei alarmado por essa demonstração de disciplina. Havia esperado que despencassem pelos morros numa corrida desordenada, mas eles se comportavam como guerreiros experientes. Sua imobilidade era mais ameaçadora e intimidativa do que se estivessem gritando e brandindo as espadas.

Com a rápida chegada do dia pudemos vê-los com maior nitidez. Os primeiros raios do sol cintilaram em seus escudos e suas lâminas de bronze, lançando feixes luminosos em nossos olhos. Todos usavam uma faixa de lã preta ao redor da cabeça, deixando à mostra apenas os olhos malignos como os dos ferozes tubarões azuis, o terror do mar que deixáramos para trás.

O silêncio perdurou até que pensei que meus nervos fossem se dilacerar e minha cabeça explodir pela pressão interna do sangue. Então, subitamente, ergueu-se uma voz, rasgando o silêncio da madrugada e ecoando pelas encostas:

— Kaarik! Está acordado?

Reconheci Shufti, apesar do rosto coberto. Estava no centro da parede rochosa a oeste, por onde passava a trilha.

— Kaarik! — ele chamou de novo. — É hora de pagar o que me deve, mas o preço aumentou. Agora quero tudo. Tudo! — ele repetiu, e atirou o pano para o lado, revelando o rosto cheio de

perfurações. — Quero tudo o que você tem, inclusive sua cabeça estúpida e arrogante!

Tanus levantou-se da esteira, jogando de lado a coberta de pele de carneiro.

— Então terá de descer até aqui para tirá-la de mim — gritou em resposta, desembainhando a espada.

Shufti levantou o braço e seu olho cego brilhou na luz como uma moeda de prata. Então baixou o braço abruptamente.

A esse sinal, um brado percorreu as fileiras de homens no topo dos morros. Eles ergueram as armas e as agitaram em direção ao céu amarelo-pálido. Shufti fez um novo gesto e todos desceram as encostas como uma torrente, para o estreito vale de Gallala.

Tanus correu para o centro do pátio do templo, onde os antigos habitantes haviam erguido um altar de pedra a seu patrono, o anão Bes, deus da música e da embriaguez. Kratas e os oficiais juntaram-se a ele correndo, enquanto as escravas e eu nos encolhemos nas esteiras e cobrimos as cabeças, gemendo de pavor.

Tanus saltou para o altar e apoiou-se num dos joelhos enquanto flexionava o grande arco Lanata. Foi necessária toda a sua força para vergá-lo, mas quando ele voltou a levantar-se rebrilhou com suas espirais de fio de prata, como se fosse um ser vivo. Tanus tirou uma flecha da aljava pendurada nas costas e mirou o portal por onde deveria entrar a horda inimiga.

Abaixo do altar, Kratas havia colocado seus homens em fila única, os quais também mantinham os arcos prontos voltados para a entrada. Formavam um grupinho insignificante ao redor do altar, e senti um nó na garganta ao vê-los tão heróicos e destemidos. Decidi num súbito impulso compor um soneto em sua homenagem, mas antes que pudesse encontrar o primeiro verso a multidão de facínoras irrompeu aos berros pelo portal.

Apenas cinco homens de cada vez podiam subir a escada íngreme diante da entrada, distante menos de quarenta passos de onde se encontrava Tanus, no altar. Ele disparou a primeira seta, que sozinha matou três homens. O primeiro foi um sujeito alto, vestido num saiote curto, com longas tranças enebadas descendo-lhe pelas costas. A flecha atingiu-o no centro do peito nu e atravessou seu tórax com tanta facilidade como se fosse um alvo recortado numa folha de papiro.

Lubrificada pelo sangue do primeiro, a seta acertou a garganta do homem que vinha logo atrás. Embora já perdesse a força, ela saiu pela nuca, mas não completamente. Ficou presa pelas aletas da extremidade posterior, enquanto a ponta de bronze perfurava o olho de um terceiro homem que estava muito próximo. Os dois bandidos, pregados pela seta, cambalearam no meio da abertura, bloqueando a passagem dos que se comprimiam para entrar. Afinal a ponta da flecha despreendeu-se da cabeça do terceiro bandido, trazendo o olho impalado. Os dois caíram e uma torrente de homens aos gritos passou por cima deles, ganhando o pátio. O pequeno grupo ao redor do altar os recebeu com seguidas revoadas de setas, fazendo os cadáveres quase bloquear a entrada e obrigando os que chegavam a trepar no monte de mortos e feridos.

Aquilo não podia durar muito. A pressão dos guerreiros que vinham atrás era demasiada e seu número, impressionante. Como o estouro de um dique incapaz de conter a inundação do Nilo, eles forçaram a entrada. Uma sólida massa de combatentes invadiu o pátio e cercou o pequeno grupo ao redor do altar de Bes.

Agora a distância era muito reduzida para os arcos, e Tanus e seus soldados os atiraram de lado e sacaram as espadas.

— Hórus, armai-me! — Tanus deu o grito de guerra e os homens o repetiram, recebendo os inimigos.

O bronze retinia sem cessar, mas os pegas não conseguiam atingir os poucos soldados, que haviam formado um círculo ao redor do altar. Por qualquer lado que viessem, os pegas encontravam as espadas hábeis e mortíferas dos experientes guerreiros. Mas não faltava coragem aos bandidos, que se aproximavam cada vez mais do altar. Quando um deles caía, era substituído por outro que saltava.

Vi Shufti no portal, afastado da refrega, mas insultando seus homens e impelindo-os à luta com terríveis gritos de ódio. Seu olho cego rolava na órbita enquanto ele os exortava:

— Quero o assírio vivo! Quero matá-lo lentamente e ouvi-lo chorar.

Os bandidos ignoraram completamente as mulheres, que continuavam encolhidas em suas esteiras, de cabeças cobertas, chorando e gemendo de terror. Eu também chorava, mas o combate no pátio era incômodo demais para meu gosto. A essa altura já havia mais de mil homens amontoados no espaço reduzido. Engasgado pela poeira, fui chutado e pisado pelas sandálias da horda combatente, até que consegui me arrastar para um canto do pátio.

Um dos bandidos afastou-se da luta e inclinou-se para mim. Arrancou o xale do meu rosto e por um instante fixou meus olhos.

— Mãe de Isis! — ele suspirou. — Como você é linda!

Era um demônio horroroso com falhas nos dentes e uma cicatriz na face. Seu hálito cheirava a esgoto quando ele falou junto do meu rosto:

— Espere até acabarmos esse negócio, então lhe darei algo que a fará gritar de alegria — ele prometeu, então ergueu meu rosto até o dele e me beijou.

Meu instinto natural foi afastar-me, mas resisti e retribuí o beijo. Sou um artista do amor, pois aprendi minhas técnicas nos alojamentos de rapazes do senhor Intef, e meus beijos podem derreter um homem.

Beijei-o com ardor e o bandido ficou paralisado. Então deslizei minha adaga da bainha embaixo da blusa e enfiei-lhe o bico pontiagudo no espaço entre a quinta e a sexta costelas. Quando ele gritou, abafei o som com meus lábios e segurei-o amorosamente contra o peito, torcendo a lâmina em seu coração até que, com um estremeção, ele se descontraiu completamente em meu colo e o deixei rolar para o lado.

Olhei em volta. Nos poucos momentos que levei para dar conta de meu admirador a situação do grupo de Tanus havia piorado. Havia brechas em sua formação. Dois homens tinham caído e Amseth estava ferido. Ele havia mudado a espada para a mão esquerda, enquanto o outro braço pendia ensangüentado ao lado do corpo.

Com um tremor de alívio vi que Tanus continuava ileso, rindo com a alegria selvagem daquilo tudo enquanto golpeava com a espada. Mas ele havia esperado demais para acionar a arapuca, pensei. Todo o bando de pegas estava amontoadado no pátio e o acossava como cães em volta de um leopardo encarapitado na árvore. Em instantes ele e seu valente grupo seriam dominados.

Enquanto eu olhava Tanus matou mais um deles com um golpe certeiro na garganta, depois arrancou a espada da carne e recuou um passo. Atirando a cabeça para trás, ele soltou um berro que ecoou pelas paredes em volta.

— A mim, Azuis!

No mesmo instante todas as garotas escravas pularam e se livraram dos vestidos, com as espadas já prontas. Os soldados investiram contra a retaguarda da horda de ladrões, numa surpresa completa e avassaladora. Vi-os matar cem homens ou mais, antes que suas vítimas sequer percebessem o que estava acontecendo e pudessem correr a seu encontro. Mas quando se viraram para enfrentar o novo ataque expuseram as costas a Tanus e seu grupo.

Lutaram bem, admito, mas tenho certeza de que era o terror, e não a coragem, o que os movia. No entanto, suas fileiras cerradas não permitiam que movimentassem livremente as espadas, e seus adversários eram dos melhores soldados de todo o Egito, o que equivale a dizer de todo o mundo.

Mas por alguns momentos eles resistiram. Então Tanus gritou novamente em meio ao torvelinho. Pensei que fosse uma nova ordem, mas depois percebi que era o verso inicial do hino de batalha da guarda. Eu já havia escutado que os Azuis sempre cantavam quando o combate estava no auge, mas nunca havia acreditado que fosse realmente possível. Agora, à volta toda, a canção ergueu-se através de cem vozes valentes:

Somos o sopro de Hórus, quente como o vento do deserto, somos comedores de homens...

Suas espadas retiniam ao ritmo das palavras, como o clangor de martelos nas bigornas do submundo. Diante de tal ferocidade e arrogância, os pegas restantes fraquejaram, e de repente não se tratava mais de um combate, mas de um massacre.

Já vi uma matilha de cães selvagens cercar e arremeter contra um rebanho de carneiros. Aquilo foi pior. Alguns pegas deixavam cair as espadas e ajoelhavam-se, pedindo clemência, mas não houve demonstrações de piedade. Outros tentavam alcançar o portal, mas encontravam guardas à espera, de espada na mão.

Eu saltitava na periferia da luta, gritando para Tanus, tentando fazer-me ouvir sobre a confusão:

— Faça-os parar! Precisamos de prisioneiros!

Tanus não me escutava, ou simplesmente quis ignorar minhas instruções. Cantando e rindo, com Kratas à sua esquerda e Remrem à direita, dizimava o inimigo. Sua barba estava empapada com o sangue das vítimas e seus olhos reluziam na máscara rubra do rosto com uma insanidade que eu jamais havia visto neles. Bendita Hapi, como ele se comprazia na embriaguez da luta!

— Pare, Tanus! Não mate a todos! — Desta vez ele me escutou. Vi a loucura ceder e ele recuperar o controle.

— Perdoem os que implorarem! — ele gritou, e os soldados o obedeceram. Mas afinal, dos mil bandidos do início restavam menos de duzentos pegas desarmados, ajoelhados sobre as lajes de pedra ensanguentadas e suplicando por suas vidas.

Por um momento fiquei entorpecido e hesitante na borda dessa carnificina, e então com o canto dos olhos captei um movimento furtivo.

Shufti percebera que não podia escapar pelo portal. Atirou fora a espada e correu para a parede leste do pátio, perto de onde eu estava. Era a porção mais arruinada, onde a parede se reduzira à metade de sua altura original. Os tijolos caídos formavam uma rampa íngreme e Shufti os galgou, escorregando e caindo, mas conseguiu aproximar-se rapidamente do topo. Acho que eu fora o único a perceber sua fuga. Os soldados estavam ocupados com os prisioneiros e Tanus, de costas para mim, organizava a remoção dos inimigos mortos.

Quase sem pensar, abaixei-me, peguei um pedaço de tijolo e atirei-o em Shufti com toda a força. Ele foi atingido atrás da cabeça com tal violência que caiu de joelhos. Então a traiçoeira pilha de detritos cedeu; ele veio escorregando numa nuvem de poeira e caiu a meus pés, semiconsciente.

Montei sobre Shufti e pressionei a ponta de minha adaga em sua garganta. Ele me olhou com o único olho bom ainda vidrado pela pancada que recebera.

— Fique quieto, ou o estriparei como um peixe — adverti.

Eu havia perdido o xale e meus cabelos caíam sobre os ombros. Então ele me reconheceu, o que não era de surpreender, pois nos havíamos conhecido em circunstâncias muito diferentes.

— Taita, o eunuco! — ele balbuciou. — O senhor Intef sabe o que está fazendo?

— Logo saberá — afirmei, e apertei a lâmina em seu pescoço até ele gemer —, mas não será você a informá-lo.

Sem retirar o punhal de sua garganta, gritei para que dois guardas próximos tomassem conta dele. Eles o viraram de bruços e amarraram-lhe as mãos antes de arrastá-lo.

Tanus, que me havia visto capturar Shufti, aproximou-se de mim caminhando sobre os mortos e feridos.

— Boa mira, Taita! Não esqueceu nada do que lhe ensinei. — Ele me deu um tapa nas costas tão forte que me desequilibrei. — Ainda há muito trabalho para você. Perdemos quatro homens e há pelo menos uma dúzia de feridos.

— E o acampamento deles? — perguntei. Tanus olhou-me fixamente.

— Que acampamento?

— Mil bandidos não brotam da areia como flores do deserto. Devem ter animais de carga e escravos, que não devem estar longe. Não os deixe escapar. Ninguém deve contar a história desta batalha. Nenhum deles deve levar a Karnak a notícia de que você continua vivo.

— Doce Isis, você tem razão! Mas como os encontraremos?

Era óbvio que Tanus ainda estava entorpecido pelo ardor da luta. Às vezes fico pensando o que ele faria sem mim.

— Siga as pegadas deles — eu disse com impaciência. — Mil pares de pés terão formado uma estrada que nos levará até eles.

A expressão de Tanus se iluminou e ele chamou Kratas.

— Pegue cinquenta homens e vá com Taita. Ele os levará à base dos bandidos.

— Os feridos... — comecei a protestar. Para mim bastava de luta por um dia, mas ele dispensou minhas objeções.

— Você é o melhor batedor que conheço. Os feridos podem esperar por seus cuidados. Meus valentões são duros como bifés de búfalo e poucos morrerão antes que você volte.



Encontrar o acampamento dos pegas foi simples, como eu havia previsto. Com Kratas e cinquenta homens seguindo-me de perto, fiz uma ampla investigação ao redor da cidade e por trás da primeira linha de morros descobri a trilha larga que eles haviam feito quando se aproximaram de nós e nos cercaram. Acompanhamos o trajeto em marcha acelerada e havíamos percorrido menos de mil passos quando chegamos ao topo de uma colina e avistamos os pegas remanescentes no vale abaixo.

A surpresa foi total. Eles haviam deixado menos de vinte homens guardando os burros e as mulheres. Os soldados de Kratas os arrasaram na primeira investida, e dessa vez a ação foi rápida demais para salvar prisioneiros. Pouparam apenas as mulheres, e quando o local ficou seguro, Kratas deixou seus soldados servirem-se delas, o que tradicionalmente fazia parte da recompensa dos vitoriosos.

As mulheres eram mais apetecíveis do que eu teria imaginado, dada a companhia em que andavam. Submeteram-se ao ritual de conquista com uma boa vontade notável. Cheguei a ouvir algumas rir e brincar enquanto os guardas as disputavam com os dados. A vocação para acompanhantes de um bando de carneiros não podia ser considerada das mais refinadas, e eu duvidava de que qualquer daquelas senhoras fosse uma virgem pudica. Uma a uma, elas foram conduzidas por seus novos donos para o abrigo das rochas mais próximas, e suas saias levantadas sem cerimônias.

A lua nova segue a morte da velha, a primavera segue o verão; nenhuma das mulheres demonstrou sinais de luto por seus ex-maridos. De fato, parecia que provavelmente estavam sendo iniciados ali nas areias do deserto novos e duradouros relacionamentos.

Quanto a mim, interessavam mais os burros e sua carga. Havia mais de cento e cinquenta deles, na maioria animais fortes e em ótimas condições, que alcançariam ótimos preços nos mercados de Karnak ou Safaga. Calculei que quando o dinheiro do prêmio fosse dividido eu receberia pelo menos a parte de um centurião. Afinal, havia gasto muito de minhas economias para promover essa empreitada e deveria ter direito a alguma compensação. Falaria seriamente com Tanus a respeito disso, e podia contar com sua compreensão. Ele tem um espírito generoso.

Quando voltamos à cidade de Gallala, levando os animais abarrotados com o saque e seguidos por uma fila de mulheres que se haviam apegado com muita naturalidade a seus novos homens, o sol já se havia posto.

Um dos prédios menores em ruínas, perto dos poços, havia sido transformado em hospital de campanha. Ali trabalhei durante toda a noite, à luz de tochas e lamparinas, costurando os guardas feridos. Como sempre, fiquei impressionado pelo estoicismo deles, pois muitos ferimentos eram graves e dolorosos. Não obstante, perdi apenas um de meus pacientes antes de o dia nascer: Amseth sucumbiu ao sangramento de diversas artérias do braço. Se o tivesse socorrido logo após a batalha, em vez de sair pelo deserto, poderia tê-lo salvo. E embora a responsabilidade recaísse sobre Tanus, senti a culpa e a tristeza conhecidas diante de uma morte que eu poderia ter evitado. No entanto, estava confiante em que os demais pacientes ficariam curados rapidamente. Eram homens fortes e em soberbas condições.

Não havia bandidos feridos para atender. Suas cabeças haviam sido cortadas no local em que eles caíram na batalha. Como médico, perturbava-me esse antigo costume de lidar com os inimigos feridos, mas suponho que houvesse nele certa lógica. Por que deveriam os vitoriosos despender recursos com os vencidos, se era improvável que tivessem algum valor como escravos e se, caso fossem deixados vivos, poderiam recuperar-se e voltar a combater-nos?

Trabalhei a noite toda sustentado por apenas um gole de vinho e alguns bocados de comida que ingeri com as mãos ensangüentadas, e estava quase esgotado, mas ainda não teria descanso. Tanus solicitou minha presença assim que clareou.



Os prisioneiros são estavam sendo guardados no templo de Bes. Tinham os pulsos amarrados às costas e estavam agachados em fileiras ao longo da parede norte, vigiados pelos guardas.

Assim que entrei no templo, Tanus chamou-me. Estava reunido com um grupo de oficiais. Eu ainda usava as roupas de esposa assíria, então levantei as saias respingadas de sangue e abri caminho pelo chão coalhado de detritos da batalha.

— Há treze clãs de carneiros, não foi isso que me disse, Taita? — perguntou Tanus, e assenti. — Cada clã tem seu barão. Nós pegamos Shufti. Vejamos se você reconhece mais algum barão entre esse amontoado de gente bonita e gentil. — Ele indicou os prisioneiros com um sorriso irônico e, pegando-me pelo braço, levou-me até os homens agachados.

Mantive meu rosto coberto com o véu para que nenhum prisioneiro me reconhecesse. Observei cada face enquanto passava e reconheci dois deles. Akheku era o chefe do clã do sul, que assolava as terras ao redor de Assuan, Elefantina e a primeira catarata; Setek era do norte, o barão de KomOmbo.

Era evidente que Shufti tinha reunido todos os homens que pudera em tempo tão reduzido. Havia membros de todos os clãs entre os capturados. Quando identifiquei os líderes, com um toque no ombro, eles foram apartados.

Ao chegarmos ao final da fila, Tanus perguntou:

— Tem certeza de que não escapou nenhum deles?

— Como posso ter certeza? Já lhe disse que não conheço todos os barões.

Tanus encolheu os ombros.

— Não podemos querer capturar todos os passarinhos com um só lance da rede. Devemos nos considerar felizes por termos agarrado três em tão pouco tempo. Mas vamos olhar as cabeças. Poderemos ter sorte e descobrir mais alguns.

Foi uma coisa horrível, que teria perturbado estômagos mais sensíveis que o meu, mas lidar com carne humana, tanto viva quanto morta, é o meu ofício. Enquanto tomamos tranqüilamente o desjejum nos degraus do templo, as cabeças decepadas foram trazidas diante de nós e erguidas uma a uma pelos cabelos empastados de sangue, com as línguas penduradas dos lábios frouxos e os olhos foscos e empoeirados a olhar fixamente para o outro mundo ao qual se dirigiam.

Meu apetite era tão saudável como sempre, pois eu havia comido muito pouco nos últimos dois dias. Devorei os deliciosos bolos e frutas que Tiamat nos fornecera, enquanto apontava as cabeças que eu identificava. Havia um punhado de ladrões comuns que eu conhecera ao trabalhar para o senhor Intef, mas somente mais um dos barões. Era Nefer-Temu, de Qena, um membro menor da terrível fraternidade.

— Com esse são quatro — resmungou Tanus satisfeito, e ordenou que a cabeça de Nefer-Temu fosse colocada no cume da pirâmide de crânios que ele estava erigindo diante do poço de Gallala.

— Agora devemos encontrar os outros nove barões. Vamos começar interrogando nossos prisioneiros. — Ele levantou-se agilmente. Eu engoli depressa o resto do desjejum e segui-o com relutância de volta ao templo.

Fora eu mesmo quem sugerira a Tanus a necessidade de termos informantes dentro dos clãs, e também eu sugerira a maneira de recrutá-los, mas agora que chegava a hora de agir sentia-me arrependido e culpado. Uma coisa era sugerir um ato indigno, e outra totalmente diferente ficar observando sua execução.

Desculpei-me debilmente dizendo que os feridos precisavam de mim, mas Tanus me contradisse com um gesto.

— Nada de escrúpulos agora, Taita. Você ficará comigo durante o interrogatório para ter certeza de que na primeira inspeção não lhe escapou algum de seus velhos amigos.

O interrogatório foi rápido e impiedoso, o que, suponho, era adequado ao caráter dos homens com que estávamos lidando.

Para começar, Tanus saltou sobre o altar de Bes e, com o selo do falcão numa das mãos, olhou para as fileiras de prisioneiros com um sorriso que os deve ter gelado, apesar de estarem sob o pleno sol do deserto.

— Sou o portador do selo do falcão do faraó Mamose, e falo com sua voz — ele disse asperamente, levantando a estatueta. — Sou seu juiz e seu carrasco. — Tanus fez uma pausa e passeou lentamente o olhar pelos rostos erguidos. Quando encontravam seus olhos, eles baixavam os próprios. Nenhum conseguiu manter-se firme sob o escrutínio penetrante.

— Vocês foram detidos no ato de pilhar e assassinar. Se há um dentre vocês que negue isso, levante-se e declare sua inocência.

Ele esperou, enquanto as sombras dos abutres, circulando impacientes no céu, riscavam o pátio empoeirado.

— Vamos! Quem for inocente que fale! — Ele olhou para as aves girando no alto, com suas grotescas cabeças avermelhadas. — Seus irmãos estão ansiosos para o banquete. Não vamos fazê-los esperar.

Mas nenhum deles falou ou se mexeu, e Tanus baixou o selo do falcão.

— Seus atos, os quais foram testemunhados, os condenam. Seu silêncio confirma o veredicto. São culpados. Em nome do divino faraó, confiro sua sentença: serão decapitados. Suas cabeças decepadas serão expostas ao longo das rotas das caravanas. Todos os homens dignos que passarem por aqui verão seus crânios sorrindo ao lado da estrada e saberão que a pega encontrou a águia. Saberão que a era da ilegalidade passou e que a paz voltou ao nosso Egito. Tenho dito, em nome do faraó Mamose.

Tanus fez um sinal e o primeiro prisioneiro foi arrastado para frente e obrigado a ajoelhar-se diante do altar.

— Se responder sinceramente a três perguntas, sua vida será poupada. Você será alistado como batedor no meu regimento de guardas, com soldo e privilégios. Se se recusar a responder às perguntas, sua sentença será aplicada imediatamente — disse Tanus.

Ele olhou para o prisioneiro ajoelhado.

— Esta é a primeira pergunta. A que clã você pertence?

O condenado não respondeu. O juramento de sangue dos pegas era forte demais para que o rompesse.

— Esta é a segunda pergunta. Quem é o barão que o comanda? O homem continuou mudo.

— Esta é a terceira e última pergunta. Você me levará até o lugar secreto onde se esconde seu clã? — perguntou Tanus, e o homem olhou para ele e cuspiu ruidosamente. Tanus fez sinal ao soldado que aguardava com a espada ao lado do bandido.

O golpe foi preciso. A cabeça tombou sobre os degraus aos pés do altar.

— Mais uma cabeça para a pirâmide — disse Tanus tranqüilamente e indicou o próximo prisioneiro, que foi trazido adiante.

Fez as mesmas perguntas, e quando o bandido lhe respondeu com uma obscenidade desafiadora, Tanus assentiu. Dessa vez o verdugo errou o golpe e o cadáver estrebuchou com o pescoço semicortado. Foram precisos mais três golpes para que a cabeça rolasse pelos degraus.

Tanus cortou vinte e três cabeças. Eu as contava para distrair-me das ondas de compaixão que me assaltavam, até que um dos condenados se arrependeu. Era jovem, quase um menino. Com a voz aguda, ele balbuciou as respostas antes que Tanus realmente lhe fizesse as perguntas.

— Meu nome é Hui. Sou irmão de sangue do clã de Basti, o Cruel. Conheço seus esconderijos e o conduzirei até eles.

Tanus sorriu com satisfação e gesticulou para que levassem o rapaz.

— Cuidem bem dele — advertiu aos carcereiros. — Agora é um dos Azuis e seu companheiro de armas.

Depois da primeira deserção tudo correu mais depressa, embora muitos ainda desafiassem Tanus. Alguns o amaldiçoavam, enquanto outros riam desafiadoramente até que a espada caía, e sua valentia terminava com um espirro púrpura, no último sopro da traquéia seccionada.

Eu sentia grande admiração por aqueles que, depois de uma vida desprezível, preferiam morrer com alguma semelhança de honra. Riam-se da morte. Eu sabia que não teria aquele tipo de coragem. Se me visse naquela situação, com certeza teria reagido como os prisioneiros mais fracos.

— Sou membro do clã de Ur — confessou um deles.

— Sou do clã de Maa-En-Tef, barão da margem ocidental até El Kharga — disse outro, até termos informantes para nos levar aos valhacoutos de todos os bandidos e uma pilha de cabeças recalcitrantes para acrescentar à pirâmide.



Um dos assuntos que Tanus e eu havíamos discutido muito era o que fazer com os três barões capturados e o grupo de informantes que havíamos extraído dentre os pegas condenados. Sabíamos que, devido à influência abrangente dos carneiros, seria impossível manter nossos prisioneiros no Egito. Não havia prisão suficientemente segura para impedir Akh-Seth e seus barões de atingi-los, fosse para libertá-los por meio de propinas ou pela força, fosse para silenciá-los pelo veneno ou outro meio desagradável. Sabíamos que Akh-Seth era como um polvo, cuja cabeça se escondia, mas cujos tentáculos atingiam todas as facetas de nosso governo e o próprio tecido de nossas vidas.

Foi então que meu amigo Tiamat, o comerciante de Safaga, veio em meu auxílio.

Marchando agora como uma unidade da Guarda do Crocodilo Azul, e não como uma caravana de escravas, retornamos ao porto no mar Vermelho na metade do tempo que havíamos levado para alcançar Gallala. Nossos cativos foram jogados num dos navios de Tiamat que nos esperava no porto e o capitão zarpou imediatamente para a costa árabe, onde Tiamat mantinha um depósito de escravos seguro na ilha de Jez Baquan. As águas ao redor da ilha eram patrulhadas por bandos de ferozes tubarões-azuis. Tiamat garantiu-nos que ninguém que já tentara escapar da ilha conseguira evitar a vigilância dos guardas ou o apetite dos tubarões.

Apenas um de nossos prisioneiros não foi enviado para a ilha: Hui, do clã de Basti, o Cruel, o jovem que primeiro capitulara diante da ameaça de execução. Durante a marcha até o mar, Tanus mantivera o rapaz junto de si e exercera sobre ele a força irresistível de sua personalidade. Agora Hui era seu devotado escravo. Sempre me surpreendera esse dom especial de Tanus para conquistar lealdade e devoção onde menos se esperaria. Eu tinha certeza de que Hui, que cedera tão depressa à ameaça de execução, agora daria de bom grado sua vida inútil por Tanus.

Sob o encanto de Tanus, Hui despejou todos os detalhes de que se lembrava sobre o clã a que um dia fizera um juramento de sangue. Com a pena a postos, escutei em silêncio enquanto Tanus o interrogava e registrei tudo o que ele tinha a dizer.

Soubemos que o refúgio de Basti, o Cruel, ficava na imensidão do terrível deserto de Gebel-Umm-Bahari, no topo de uma montanha em forma de mesa e protegida por penhascos de todos os lados. Oculta e inexpugnável, mas a menos de dois dias de marcha da margem leste do Nilo e das agitadas rotas de caravanas que o acompanhavam, era o ninho perfeito para o predador.

— Há apenas um caminho para chegar lá, recortado na pedra como uma escada. Sua largura só permite subir um homem por vez — disse Hui.

— Não há outro modo de alcançar o topo? — perguntou Tanus, e Hui sorriu, colocando o dedo ao lado do nariz, num gesto conspirador.

— Há outro caminho, que usei muitas vezes para voltar à montanha quando abandonava meu posto para visitar uma amiga. Basti teria me matado se soubesse que eu me afastara. É uma subida perigosa, mas por ali uma dúzia de homens poderia chegar ao topo do penhasco enquanto a força principal se aproximaria pelo caminho. Eu os levarei até lá, Akh-Hórus.

Era a primeira vez que eu ouvia aquele nome: Akh-Hórus, "o irmão do grande deus Hórus". Era um bom nome para Tanus. E claro que Hui e nossos outros prisioneiros não podiam saber seu verdadeiro nome. A sua maneira simples, sabiam apenas que Tanus devia ser uma espécie de deus. Ele parecia um deus, lutava como um deus e invocava o nome de Hórus em plena batalha. Portanto, devia ser o irmão de Hórus, raciocinavam.

Akh-Hórus! Era um nome que todo o Egito viria a conhecer nos próximos meses. Seria gritado de um cume de morro a outro, transportado pelas rotas de caravanas, viajaria por todo o rio nos lábios dos barqueiros, de cidade em cidade e de um reino ao outro. A lenda cresceria ao redor do nome na medida em que os relatos de seus feitos eram repetidos e exagerados em cada versão.

Akh-Hórus era o poderoso guerreiro que surgia de lugar nenhum, enviado por seu irmão Hórus para prosseguir a eterna luta contra o mal, contra Akh-Seth, o senhor dos carniceiros.

Akh-Hórus! A cada vez que o povo egípcio repetia seu nome ele enchia os corações de novas esperanças.

Mas tudo isso era futuro, enquanto nos sentávamos no jardim de Tiamat. Somente eu sabia a sanha que Tanus sentia por Basti e como estava ansioso para conduzir seus homens ao Gebel-Umm-Bahari, para caçá-lo. Não se tratava apenas do fato de Basti ser o mais rapace e impiedoso de todos os barões. Era muito mais que isso. Tanus tinha um assunto muito pessoal para acertar com o facínora.

Eu lhe contara que Basti havia sido o instrumento particular utilizado por Akh-Seth para destruir a fortuna do pai de Tanus, Pianki, senhor Harrab.

— Posso levá-lo aos penhascos de Gebel-Umm-Bahari — prometeu Hui. — Posso pôr Basti nas suas mãos.

Tanus ficou em silêncio na escuridão, saboreando a promessa. Ouvimos o rouxinol cantar no fundo do jardim de Tiamat. Era um som totalmente alheio aos assuntos malignos e terríveis que discutíamos. Depois de um momento Tanus suspirou e dispensou Hui.

— Você agiu bem, rapaz — ele lhe disse. — Cumpra sua promessa e conhecerá minha gratidão.

Hui prostrou-se como se estivesse diante de um deus, e Tanus, irritado, cutucou-o com o pé.

— Chega dessa besteira. Agora suma daqui.

Essa recente e indesejada elevação de Tanus à divindade o perturbava. Ninguém jamais poderia acusá-lo de ser modesto ou humilde, mas ele era pelo menos um pragmático, sem falsas ilusões quanto à própria posição; jamais aspirara a tornar-se um faraó ou um deus, e era sempre brusco diante do servilismo ou do comportamento obsequioso dos que o cercavam.

Assim que o rapaz saiu, Tanus virou-se para mim:

— Muitas vezes fico acordado à noite, pensando em tudo o que você me contou sobre meu pai. Cada fibra do meu corpo e da minha alma clama por vingança contra aquele que o levou à penúria e à desgraça, impelindo-o para a morte. Mal posso me conter. Meu maior desejo é abandonar esta maneira tortuosa que você imaginou para agarrar Akh-Seth. Na verdade gostaria de procurá-lo pessoalmente e arrancar seu coração desprezível com minhas próprias mãos.

— Se o fizer, perderá tudo — eu disse. — Você sabe disso. Faça-o à minha maneira e recuperará não apenas sua própria reputação, mas também a de seu nobre pai. Ao meu modo você recuperará as propriedades e a fortuna que lhe foram roubadas. Não apenas terá uma vingança completa como será levado de volta a Lostris e ao cumprimento da visão que tive de vocês dois através do jogo de Amon-Rá. Confie em mim, Tanus, pelo seu bem e pelo de minha ama.

— Se não confiar em você, em quem confiarei? — ele perguntou, tocando meu braço. — Sei que você tem razão, mas a vida inteira fui impaciente. Para mim, o caminho direto e rápido sempre foi o mais fácil.

— Mas por enquanto tire Akh-Seth da cabeça. Pense apenas no próximo passo nesta estrada sinuosa que devemos percorrer juntos. Pense em Basti, o Cruel. Foi ele quem destruiu as caravanas de seu pai quando retornavam do Oriente. Durante cinco estações nenhuma caravana do senhor Harrab voltou a Karnak. Todas foram atacadas e saqueadas na estrada. Foi Basti quem destruiu as minas de cobre de seu pai em Sestra e assassinou os engenheiros e os trabalhadores escravos. Desde então aqueles ricos veios de minério estão abandonados. Foi Basti quem sistematicamente pilhou as propriedades de seu pai ao longo do Nilo, quem matou seus escravos nos campos e queimou as plantações, até que afinal apenas ervas daninhas cresciam nos campos do senhor Harrab e ele foi obrigado a vendê-los por uma fração de seu verdadeiro valor.

— Tudo isso pode ser verdade, mas foi Akh-Seth quem deu as ordens a Basti.

— Ninguém acreditará nisso. O faraó não acreditará, a menos que Basti confesse — falei com impaciência. — Por que você é sempre tão teimoso? Já discutimos isso centenas de vezes. Primeiro os barões, depois a cabeça da cobra, Akh-Seth.

— Você tem a voz da sabedoria, eu sei. Mas é difícil suportar a espera. Anseio por vingança, anseio por limpar minha honra da mancha de traição e anseio... oh, como anseio... por Lostris.

Ele inclinou-se e abraçou-me com uma força que me fez oscilar.

— Já fez o bastante aqui, velho amigo. Jamais teria feito tanto sem você. Se não tivesse vindo me procurar eu ainda estaria encharcado de bebida e deitado nos braços de alguma prostituta malcheirosa. Devo-lhe mais do que poderia pagar, mas agora preciso mandá-lo embora. Você é necessário em outro lugar. Basti é minha presa, e não preciso de você para partilhar o festim. Não me acompanhará a Gebel-Umm-Bahari. Quero que volte para o seu lugar, que é também o meu, mas onde não posso estar: ao lado da senhora Lostris. Eu o invejo, amigo, e daria minha esperança de imortalidade para estar em seu lugar e ir ao encontro dela.

Protestei veementemente, é claro. Jurei que tudo o que eu desejava era mais uma chance de vingarme daqueles vilões, que eu era seu companheiro e ficaria seriamente insultado se ele não me desse um lugar a seu lado na próxima campanha. Mas o tempo todo eu tinha certeza de que Tanus, quando decidia uma estratégia, não podia ser facilmente dissuadido, a não ser muito ocasionalmente, por seu amigo e conselheiro, o escravo Taita.

A verdade era que eu tivera o suficiente de heroísmo e de pessoas tentando matar-me. Eu não era por natureza um soldado insensível. Odiava os rigores das campanhas no deserto. Não suportaria mais uma semana de calor, suor e moscas, sem um vislumbre sequer das doces águas verdes da mãe Nilo. Ansiava pelo toque do linho limpo em minha pele recém-lavada e untada. Sentia falta de minha ama mais do que poderia expressar em simples palavras. Nossa vida calma e civilizada nos quartos pintados da ilha Elefantina, nossa música e longas conversas, meus animais e papiros, tudo isso exercia sobre mim uma atração irresistível.

Tanus tinha razão. Ele não precisava mais de mim e meu lugar era com minha senhora. No entanto, concordar rápido demais com suas ordens poderia diminuir o conceito que tinha de mim, o que eu tampouco desejava.

Finalmente deixei-o convencer-me e, ocultando minha felicidade, comecei os preparativos para a volta a Elefantina.



Tanus havia ordenado que Kratas retornasse a Karnak para reunir e conduzir reforços para a expedição pelo deserto de Gebel-Umm-Bahari. Eu viajaria sob sua proteção até Karnak, mas despedir-me de Tanus não foi simples. Por duas vezes, depois de eu deixar a casa de Tiamat para encontrar Kratas, que me esperava nos arredores da cidade, Tanus chamou-me de volta para enviar mais uma mensagem a minha senhora Lostris.

— Diga-lhe que penso nela em todas as horas do dia!

— Você já me deu esse recado — protestei.

— Diga-lhe que meus sonhos são cheios de imagens de seu lindo rosto.

— Esse também. Posso recitá-los de cor. Diga algo novo — pedi.

— Diga-lhe que acredito na visão que você teve, de que em alguns poucos anos estaremos reunidos...

— Kratas me espera. Se me retardar aqui, como poderei levar suas mensagens?

— Diga-lhe que tudo o que faço é por ela. Cada vez que inspiro é por ela... — Ele interrompeu-se e me abraçou. — Na verdade, Taita, duvido que consiga viver mais um dia sem ela.

— Cinco anos passarão como um único dia. Na próxima vez em que a encontrar, sua honra estará restaurada e você mais uma vez será um homem importante. Ela o amará ainda mais por isso.

Ele me soltou.

— Cuide bem dela até que eu possa assumir esse feliz dever. Agora, vá. Corra para o lado dela.

— Essa foi minha intenção na última hora — eu lhe disse com ironia, e parti.

Com Kratas à frente de nosso pequeno destacamento, fizemos a viagem até Karnak em menos de uma semana. Temendo ser descoberto por Rasfer ou pelo senhor Intef, passei em minha amada cidade apenas o tempo necessário para encontrar lugar numa balsa que navegava para o sul. Deixei Kratas entre os regimentos de elite do faraó, recrutando os mil homens que Tanus requisitara, e embarquei.

O vento norte enfunou nossas velas durante todo o percurso, e atracamos no cais leste de Elefantina doze dias depois de deixar Tebas. Eu continuava vestindo os trajes e a peruca de sacerdote e ninguém me reconheceu quando desembarquei.

Pelo preço de um pequeno anel de cobre, contratei um barqueiro para levar-me até a ilha real, do outro lado do rio, e ele me depositou nos degraus que levavam a nosso jardim no harém. O coração batia em meu peito quando subi as escadas. Eu havia estado tempo demais longe de minha ama. Era em ocasiões como essa que eu percebia toda a força de meus sentimentos por ela. Eu tinha certeza de que o amor de Tanus não passava de uma brisa suave, comparado ao *khamsin* de minhas emoções.

Uma das aias kuchitas de Lostris encontrou-me no portão e tentou impedir minha entrada.

— Minha senhora não está bem, sacerdote. Há outro médico com ela neste momento. Ela não o receberá.

— Sim, ela me receberá — eu lhe disse, arrancando a peruca.

— Taita! — ela gritou, e caiu de joelhos, fazendo freneticamente o sinal para afastar o mal. — Você está morto. Não é você, mas uma aparição maligna do além-túmulo.

Afastei-a e corri para os aposentos de minha ama. Na porta, encontrei um dos sacerdotes de Osíris que se consideram médicos.

— O que está fazendo aqui? — perguntei-lhe, abalado ao ver um daqueles charlatães perto de minha ama. Antes que ele pudesse responder, gritei-lhe: — Fora! Saia daqui! Leve seus encantos, amuletos e poções repulsivas, e não volte.

Ele parecia disposto a discutir, mas apoiei a mão entre suas omoplatas e dei-lhe um empurrão em direção à entrada. Então corri para minha ama, no leito.

O cheiro de doença enchia o quarto, azedo e forte, e um terrível temor apoderou-se de mim quando olhei para minha senhora Lostris. Ela parecia ter encolhido e sua pele estava pálida como as cinzas de

uma antiga fogueira. Dormia ou estava em coma, não tive certeza, mas havia sombras escuras e profundas sob seus olhos fechados. Os lábios tinham um aspecto seco e crestado que me encheu de temor.

Retirei o lençol que a cobria e vi que estava nua. Olhei horrorizado para seu corpo. A carne parecia ter derretido. Seus membros estavam finos como gravetos e suas costelas e os ossos da pelve destacavam-se na pele doentia. Delicadamente, apalpei sua axila para sentir a temperatura, mas a pele estava fria. Que espécie de doença seria aquela?, indaguei-me. Nunca havia visto nada semelhante.

Sem abandoná-la, gritei pelas meninas escravas, mas nenhuma tinha coragem para enfrentar o fantasma de Taita. Afinal, tive de irromper em seus alojamentos e arrastar uma delas, aos prantos, de debaixo da cama.

— O que vocês fizeram com sua ama para deixá-la nesse estado? Chutei-lhe o traseiro gordo para fazê-la concentrar-se em minha pergunta e ela gemeu, cobrindo o rosto para não ter de me olhar.

— Ela não quer comer há várias semanas, desde que a múmia do senhor Tanus foi depositada na tumba no Vale dos Nobres. Até perdeu o filho do faraó que trazia no ventre. Poupe-me, bom espírito, eu não lhe fiz mal nenhum.

Fiquei olhando para ela atônito por um instante, até perceber o que havia acontecido. Meu recado para reconfortar a senhora Lostris não havia sido entregue. Eu havia temido que o mensageiro que Kratas enviara de Luxor para levar minha carta a Lostris jamais alcançasse Elefantina. Provavelmente havia sido mais uma vítima dos pegás, mais um cadáver boiando rio abaixo com a bolsa vazia e um corte profundo na garganta. Torci para que a carta houvesse caído nas mãos de algum bandido analfabeto, e não nas de Akh-Seth. Mas não havia tempo para preocupar-me com isso agora.

Corri de volta a minha ama e ajoelhei-me ao lado de seu leito.

— Minha querida — murmurei, acariciando sua testa pálida. — Sou eu, Taita, seu escravo.

Lostris moveu-se levemente e balbuciou alguma coisa que não entendi. Percebi que não havia tempo a perder; ela estava sucumbindo. Fazia mais de um mês desde que a morte de Tanus fora anunciada. Se a escrava tinha dito a verdade, era um milagre que minha senhora ainda estivesse viva.

Levantei-me de um salto e corri para meu apartamento. Apesar de meu "desaparecimento", nada havia mudado ali e minha cesta de remédios continuava na alcova onde a deixara. Com ela nos braços, corri de volta para a senhora Lostris. Minhas mãos tremiam quando acendi um ramo de arbusto-escorpião na lamparina e segurei a ponta em brasa sob seu nariz. Quase imediatamente ela engasgou, espirrou e debateu-se para evitar a fumaça pungente.

— Senhora, sou eu, Taita. Fale comigo.

Ela abriu os olhos e vi o princípio de prazer neles extinguir-se rapidamente, devido à fraqueza. Ela estendeu os braços finos e pálidos para mim e abracei-a.

— Taita — Lostris balbuciou sem forças. — Ele está morto. Tanus está morto. Não posso viver sem ele.

— Não! Não! Está vivo. Trago diretamente dele mensagens de amor e devoção por você.

— Você é cruel de zombar assim. Sei que ele está morto. Sua tumba foi selada...

— Foi um engodo para confundir seus inimigos — gritei. — Tanus está vivo. Juro. Ele a ama e vai esperá-la.

— Ah, como eu gostaria de acreditar! Mas conheço-o bem, Taita. Mentiria para me proteger. Como pode atormentar-me com falsas promessas? Eu o odeio tanto... — Lostris tentou libertar-se de meus braços.

— Eu juro! Tanus está vivo!

— Jure pela honra da mãe que você nunca teve. Jure pela ira de todos os deuses. — Lostris quase não tinha forças para me desafiar.

— Juro por tudo isso, e por meu amor e meu dever para com você, senhora.

— Será possível? — Vi a força da esperança retornar e um leve rubor surgir em seu rosto. — Oh, Taita, seria mesmo verdade?

— Eu estaria tão feliz se não o fosse? Você sabe que o amo quase tanto quanto a você. Eu poderia sorrir se Tanus estivesse realmente morto?

Enquanto ela fixava meu olhar deslanchei o relato de tudo o que havia acontecido desde que eu a deixara, tantas semanas atrás. Excluí apenas os detalhes das condições em que eu havia descoberto Tanus na velha cabana nos pântanos e sua companhia feminina.

Lostris nada dizia, mas seus olhos não se desviavam de meu rosto enquanto ela devorava minhas palavras. Seu rosto pálido, quase translúcido de inanição, brilhava como uma pérola enquanto ela escutava as aventuras em Gallala, como Tanus conduzira divinamente o combate e como havia cantado com a alegria selvagem da batalha.

— Então, está vendo? É verdade, Tanus está vivo — concluí, e ela falou pela primeira vez desde que eu começara.

— Se ele está vivo, então traga-o até mim. Não comerei nada até que volte a vê-lo.

— Trarei Tanus aqui assim que puder enviar um mensageiro para encontrá-lo, se esse é o seu desejo — prometi, e busquei em minha cesta o espelho de bronze polido. Segurei-o diante de seus olhos e perguntei-lhe suavemente: — Quer que ele a veja nestas condições?

Ela olhou para a própria imagem esquelética, de olhos encovados.

— Mandarei chamá-lo hoje mesmo, se você ordenar. Ele poderia estar aqui em uma semana, se realmente o desejar.

Vi-a lutar com suas emoções.

— Estou feia — ela murmurou. — Pareço uma velha...

— Sua beleza continua aí, logo abaixo da superfície.

— Não posso permitir que Tanus me veja assim. — A vaidade feminina triunfara sobre todas as outras emoções.

— Então deve comer.

— Você jura... — ela insistiu — .. jura que ele está vivo e que o trará aqui assim que eu estiver recuperada? Coloque a mão sobre meu coração e jure.

Senti sob a mão suas costelas e o coração palpitando como um pássaro preso numa armadilha.

— Juro — disse.

— Vou acreditar em você desta vez, mas se estiver mentindo nunca mais confiarei. Traga-me comida!

Ao correr para a cozinha, não pude deixar de sentir-me envaidecido. Taita, o ardiloso, mais uma vez conseguira o que queria.

Misturei leite quente e mel numa tigela. Precisávamos começar devagar, pois ela chegara à beira da desnutrição. Depois de vomitar o conteúdo da primeira tigela, consegui reter a segunda. Se eu tivesse demorado mais um dia talvez fosse tarde demais.



Disseminada pelas escravas, a notícia de meu milagroso retorno do além percorreu a cidade como varíola. Antes do anoitecer o faraó mandou Aton conduzir-me a uma audiência. Mesmo meu velho amigo Aton estava tenso e retraído em minha presença. Saltou agilmente quando tentei tocá-lo, como se minha mão pudesse atravessar sua pele como uma baforada de fumaça. Enquanto me conduzia pelo palácio, escravos e nobres afastavam-se do caminho e rostos inquisitivos espiavam-me de todas as janelas e cantos obscuros.

O faraó saudou-me com uma curiosa mistura de respeito e nervosismo, muito estranha para um rei e um deus.

— Onde esteve, Taita? — perguntou, como se na verdade não quisesse ouvir a resposta.

Prostrei-me aos pés dele.

— Divino faraó, como vós mesmo sois parte da divindade, compreendo que façais essa pergunta para testar-me. Sabeis que meus lábios estão selados. Seria um sacrilégio se eu falasse sobre esses mistérios, mesmo convosco. Por favor, informai às outras divindades que são vossos pares, especialmente a Anúbis, o deus dos cemitérios, que fui fiel à missão a mim designada. Mantive o juramento de silêncio que me foi imposto. Dizei-lhes que passei pela prova que me propusestes.

Sua expressão se anuviou enquanto ele considerava essas palavras, inquieto. Percebi que imaginava perguntas e mais perguntas, e as descartava uma a uma. Eu não havia deixado nenhuma brecha a ser explorada.

Afinal ele pronunciou timidamente:

— É verdade, Taita, você passou no teste. Seja bem-vindo. Sentimos sua falta.

Mas pude notar que todas as suas suspeitas haviam sido confirmadas, e ele me tratava com o respeito devido a alguém que solucionou o mistério supremo.

Engatinhei até ele e baixei a voz a um sussurro:

— Grande Egito! Sabeis a razão pela qual fui mandado de volta? Ele parecia confuso, mas assentiu com hesitação. Levantei-me e olhei ao redor desconfiadamente, como se estivesse sendo vigiado por forças sobrenaturais. Fiz o sinal contra o mal antes de continuar:

— A senhora Lostris... Sua doença foi causada pela influência direta de... — não pude dizer o nome, mas fiz um chifre com dois dedos, o sinal do deus da escuridão, Seth.

A expressão do faraó passou da confusão ao temor e ele tremeu involuntariamente, aproximando-se de mim como que em busca de proteção. Prossegui:

— Antes que eu fosse levado, minha ama já carregava no ventre o tesouro da Casa de Mamose, quando o Sombrio interveio. Devido à doença, o filho que ela estava gerando para vós foi abortado. O faraó pareceu perturbado.

— Então foi esse o motivo do aborto... — ele começou, mas interrompeu-se.

Apanhei rapidamente a deixa:

— Não temais, Grande Egito, fui mandado de volta para salvá-la por forças superiores às do Sombrio, para que o destino que previ possa cumprir-se. Haverá outro filho para substituir o que se perdeu. Vossa dinastia será assegurada.

— Você não deve sair do lado da senhora Lostris até que ela se recupere. — A voz dele vibrava de emoção. — Se a salvar e ela me der outro filho, poderá pedir-me o que desejar, mas se ela morrer... — ele parou, considerando uma ameaça capaz de impressionar alguém que retornara do além, e afinal deixou a frase no ar.

— Com vossa permissão, majestade, irei para o lado dela imediatamente.

— Imediatamente! — ele concordou. — Vá! Vá!



A convalescença de minha ama foi tão rápida que comecei a suspeitar que eu houvesse inocentemente invocado alguma força alheia a minha própria compreensão, e senti um temor supersticioso de meus próprios poderes.

Sua carne se revigorou e enrijeceu sob meus olhos. As tristes dobras de pele murcha transformaram-se novamente em seios fartos e redondos, belos o suficiente para fazer arder de inveja a imagem de pedra da deusa Hapi, postada à porta de sua câmara. O sangue fresco e jovem substituiu o giz de sua pele até que ela reluziu novamente, e seu riso retinia como as fontes de nosso jardim.

Logo tornou-se impossível manter Lostris no leito. Três semanas depois de meu retorno a Elefantina ela já brincava com as aias, dançando pelo jardim e saltando acima das outras para agarrar a bexiga inflada, até que eu, temendo que abusasse da força recuperada, confisquei a bola e ordenei-lhe que voltasse ao quarto. Ela obedeceu-me somente depois de mais uma barganha, e tive de concordar em cantar com ela e ensinar-lhe as táticas avançadas do jogo de *baô*, que lhe permitiriam vencer Aton pela primeira vez.

Aton vinha quase todas as noites perguntar em nome do rei sobre a saúde de minha ama, e depois jogava conosco. Meu amigo parecia ter decidido enfim que eu não era um fantasma perigoso e, embora me tratasse com um respeito renovado, nossa amizade sobreviveu à minha morte.

Todas as manhãs Lostris fazia-me repetir a promessa. Então buscava o espelho e examinava seu reflexo sem o menor vestígio de vaidade, avaliando cada ângulo de sua beleza para determinar se já estava pronta para ser vista pelo senhor Tanus.

— Meu cabelo parece palha, e vejo mais uma espinha surgindo em meu queixo — ela lamentava. — Torne-me novamente bela, Taita. Pelo bem de Tanus, faça-me bonita.

— Você mesma se prejudicou e agora pede que Taita conserte tudo — resmunguei, e ela riu, atirando os braços em volta do meu pescoço.

— É por isso que você está aqui, seu velho rabugento. Para cuidar de mim.

Todas as noites eu lhe preparava um tônico e trazia-lhe a tigela fumegante quando se preparava para dormir, e ela fazia-me repetir a promessa:

— Jure que trará Tanus assim que eu estiver pronta para recebê-lo. Eu tentava ignorar as dificuldades e os perigos que essa promessa acarretaria para nós todos.

— Juro — repetia fielmente, e ela deitava a cabeça no apoio de marfim e dormia com um sorriso no rosto. Eu me preocuparia com o cumprimento da promessa quando chegasse a hora.



O faraó obteve de Aton um relatório completo sobre a recuperação de Lostris e veio pessoalmente visitá-la. Trouxe-lhe um novo colar de ouro e lápis-lazúli, em forma de águia, e ficou até a noite, jogando jogos de palavras e inventando rimas com ela. Quando decidiu ir embora, chamou-me para acompanhá-lo até seus aposentos.

— É extraordinária a transformação dela. Um milagre, Taita. Quando poderei levá-la para a cama novamente? Já parece suficientemente bem para gerar meu filho e herdeiro.

— Ainda não, ó Grande Egito — afirmei com veemência. — O menor esforço da parte de minha ama poderá provocar uma recaída.

Ele não questionou minha opinião, pois agora eu falava com a autoridade dos ex-defuntos, apesar de seu antigo respeito por mim ter-se desgastado um pouco com a familiaridade.

As garotas escravas também se habituaram à minha ressurreição e conseguiam olhar-me no rosto sem ter de fazer o sinal protetor. De fato, meu retorno do submundo deixara de ser o tema de mexericos mais cotado no palácio. Tinham outra coisa de que se ocupar. Era o advento de Akh-Hórus nas vidas e consciências de todas as pessoas que viviam ao longo do Nilo.

Na primeira vez em que ouvi o nome de Akh-Hórus sussurrado nos corredores do palácio, não o localizei imediatamente. O jardim de Tiamat junto ao mar Vermelho parecia muito distante do pequeno mundo de Elefantina, e eu havia esquecido o nome com que Tanus fora batizado por Hui. Porém, quando escutei os relatos dos feitos extraordinários atribuídos a esse semideus, percebi de quem estavam falando.

Numa febre de excitação, corri de volta ao harém e encontrei minha ama no jardim, cercada por uma dezena de visitantes, damas da nobreza e esposas reais, pois se havia recuperado da doença o suficiente para reassumir seu papel de favorita da corte.

Fiquei tão aborrecido com isso que me esqueci do meu papel de mero escravo e fui bastante rude para livrar-me das damas reais. Elas se retiraram do jardim grasnando como um bando de gansos perturbados, e minha ama censurou-me:

— Nem parecia você, Taita. O que lhe deu na cabeça?

— Tanus! — pronunciei o nome como uma oração. Ela esqueceu toda a sua indignação e pegou minhas mãos.

— Você tem notícias de Tanus? Conte-me depressa ou morrerei de impaciência!

— Notícias? Sim, tenho notícias dele. E que notícias! Coisas extraordinárias, inacreditáveis!

Ela soltou minhas mãos e apanhou seu formidável leque de prata.

— Pare com essa insensatez imediatamente! — E ameaçou-me com o abano. — Não vou suportar suas provocações. Conte-me, ou juro que farei mais calombos em sua cabeça do que há moscas sobre um núbio.

— Venha! Vamos a um lugar onde ninguém possa nos ouvir. — Conduzi-a até nosso pequeno ancoradouro e a fiz entrar no bote. No meio do rio estaríamos a salvo dos ouvidos que se escondiam atrás de todos os cantos de paredes no palácio.

— Há um vento fresco e puro soprando pelo país — eu disse a Lostris. — Chamam a esse vento de Akh-Hórus.

— O irmão de Hórus — Lostris suspirou com reverência. — É assim que chamam a Tanus agora?

— Ninguém sabe que é ele. Pensam que seja um deus.

— Ele é um deus — Lostris insistiu. — Para mim é um deus.

— É assim que o consideram. Se não fosse um deus, como saberia onde se escondem os pegas, como saberia exatamente onde eles esperam para saquear as caravanas e surpreendê-las com suas emboscadas?

— Ele fez tudo isso? — ela perguntou maravilhada.

— Tudo isso e muito mais, a se acreditar nos loucos boatos que revoam pelo palácio. Dizem que todos os bandidos do país fogem aterrorizados, que os clãs de pegas estão sendo dizimados um a um. Dizem que Akh-Hórus criou asas como as de uma águia, voou sobre os inacessíveis penhascos de Gebel-Umm-Bahari e surgiu milagrosamente no meio do clã de Basti, o Cruel. Com suas próprias mãos ele atirou quinhentos bandidos do cume dos rochedos...

— Conte-me mais! — Lostris bateu palmas, quase virando o bote de tanto entusiasmo.

— Dizem que em toda encruzilhada e ao lado de cada rota de caravana ele construiu grandes monumentos.

— Monumentos? Que espécie de monumentos?

— Montes de crânios humanos, enormes pirâmides de caveiras. As cabeças dos bandidos que ele matou, como advertência para os outros.

Minha ama tremeu com um horror deliciado, mas seu rosto continuava radiante.

— Ele matou tantos assim?

— Alguns dizem que trucidou cinco mil, outros dizem cinqüenta mil. Há mesmo quem afirme serem cem mil, mas acho que exageram um pouco.

— Conte mais! Mais!

— Dizem que ele já capturou pelo menos seis dos barões saqueadores...

— E decepou suas cabeças! — ela se antecipou com um prazer perverso.

— Não. Dizem que não os matou, mas os transformou em babuínos e os mantém numa jaula para divertir-se.

— Tudo isso é possível? — ela perguntou com um sorriso.

— Para um deus nada é impossível.

— Ele é meu deus. Oh, Taita, quando me deixará vê-lo?

— Logo — prometi. — Sua beleza arde com novo vigor a cada dia. Logo estará completamente restabelecida.

— Enquanto isso você deve escutar todas as histórias e rumores sobre Akh-Hórus, e depois contar-me.

Ela me enviava ao cais todos os dias para indagar às tripulações dos barcos que vinham do norte notícias de Akh-Hórus.

— Agora estão dizendo que ninguém jamais viu o rosto de Akh-Hórus, pois ele usa um capacete com um visor que esconde tudo, menos os olhos. Dizem também que no calor da batalha surge na cabeça de Akh-Hórus uma chama que cega seus inimigos — contei-lhe depois de uma dessas expedições.

— Já vi os cabelos de Tanus brilharem à luz do sol como uma luz celestial — minha ama concordou.

Noutra manhã, contei-lhe a novidade:

— Dizem que ele pode multiplicar seu corpo terreno como imagens num espelho e que é capaz de estar em diversos lugares ao mesmo tempo, pois no mesmo dia foi visto em Qena e Kom-Ombo, a cem mil passos de distância.

— Isso é possível? — ela perguntou, maravilhada.

— Alguns dizem que não é verdade, e que ele só consegue cobrir essas grandes distâncias porque nunca dorme. Dizem que à noite ele galopa através da escuridão montado num leão, e que de dia voa pelos céus nas costas de uma enorme águia branca e cai sobre os inimigos quando menos esperam.

— Isso poderia ser verdade — ela assentiu com seriedade. — Não acredito nas imagens espelhadas, mas o leão e a águia poderiam ser verdade. Tanus é capaz dessas coisas. Eu acredito.

— Acho mais provável que todo mundo no Egito esteja ávido para ver Akh-Hórus, e a vontade é mãe da verdade. Eles o vêem por trás de cada arbusto. Quanto à velocidade de suas viagens, bem, eu marchei com os guardas e posso testemunhar...

Ela não me deixou terminar, interrompendo-me sem rodeios:

— Sua alma não tem romantismo, Taita. Você poderia duvidar de que as nuvens sejam a lã do rebanho de Osíris e que o sol seja a face de Rá, simplesmente porque não consegue estender a mão e tocá-los. Eu, de minha parte, acredito que Tanus é capaz de tudo isso.

A afirmativa encerrou a discussão e baixei a cabeça, submisso.



Nós havíamos retomado o hábito de caminhar à tarde pelas ruas e mercados. Como antes da doença, minha ama recebia as boas-vindas do povo de todas as categorias, que a adorava, e detinha-se para conversar com todos. De sacerdotes a prostitutas, ninguém ficava imune a sua beleza e seus encantos espontâneos.

Ela sempre conseguia conduzir a conversa para Akh-Hórus, e as pessoas eram tão ávidas quanto ela para falar sobre o novo deus. Nessa época ele já havia sido promovido na imaginação popular de um semideus a membro integral do panteão divino. Os cidadãos de Elefantina já haviam iniciado um abaixo-assinado para a construção de um templo a Akh-Hórus, para o qual minha senhora fez uma generosa doação.

Fora escolhido um local na margem do rio, em frente ao de Hórus, seu irmão, e o faraó declarou formalmente sua intenção de consagrar em pessoa a obra. O rei tinha todos os motivos para estar grato. Um novo espírito de confiança grassava por toda parte. Com a segurança das rotas de caravanas, floresciam os negócios entre o Alto Reino e o resto do mundo.

Enquanto antes uma caravana conseguia chegar a salvo do Oriente, agora quatro atravessavam o deserto em segurança e outras tantas faziam a viagem de volta. Para abastecer os chefes de caravanas eram necessários milhares de burros de carga, e os agricultores e criadores os levavam às cidades sorrindo diante dos bons preços que esperavam obter.

Como agora se tornara seguro trabalhar os campos fora da proteção das muralhas das cidades, surgiram plantações onde durante décadas só havia crescido o mato, e os fazendeiros, outrora reduzidos a mendigos, novamente prosperavam. Bois puxavam carroças carregadas de víveres pelas estradas agora protegidas pelas legiões de Akh-Hórus, e os mercados se abasteciam de produtos frescos.

Parte dos lucros dos mercadores e proprietários rurais eram gastos na construção de novas mansões nos campos, onde era novamente seguro viver com suas famílias. Artesãos que vagavam pelas ruas de Elefantina e de Tebas em busca de emprego sofreram uma repentina demanda e usavam seus honorários não apenas para suprir as necessidades básicas da vida, mas também na compra de produtos de luxo para suas famílias. Os mercados expandiam-se.

O volume do tráfego no Nilo aumentou enormemente, de modo que havia necessidade de novas embarcações e os estaleiros fervilhavam com a construção de cascos. Os capitães e marinheiros dos barcos fluviais gastavam sua nova riqueza nas tavernas e casas de prazer, e assim as prostitutas e cortesãs exigiam roupas e adornos finos; os alfaiates e joalheiros prosperavam e construía novas residências, enquanto suas esposas invadiam os mercados com as bolsas cheias de ouro e prata, procurando de tudo, desde novas panelas a novos escravos.

O Egito retornava à vida, depois de ser estrangulado durante tantos anos pelas predações de Akh-Seth e dos pegas.

Em consequência disso tudo, as rendas do Estado recrudesciam e os coletores de impostos do faraó rondavam tudo com tanta avidez quanto a dos abutres sobre os cadáveres dos bandidos que Akh-Hórus e suas legiões espalhavam pelos campos. Certamente o faraó estava agradecido.

E também minha ama e eu. Por minha sugestão, investimos na sociedade de uma expedição mercantil que partiria em direção à Síria. Quando a caravana voltou, seis meses mais tarde, descobrimos que havíamos lucrado cinquenta vezes nosso investimento original. Minha ama comprou para si um colar de pérolas e mais cinco escravas para infernizar minha vida. Prudente como de costume, utilizei minha parte para comprar cinco lotes de terras férteis na margem oriental do Nilo, e um escriba da lei registrou a aquisição nos livros do templo.



Então chego a época que eu temia. Certa manhã minha senhora examinou seu reflexo no espelho com ainda mais cuidado que de costume e declarou que estava finalmente pronta. Com toda a justiça, fui obrigado a concordar que ela nunca estivera mais bela. Era como se tudo o que havia sofrido recentemente lhe houvesse forjado uma nova têmpera. Os últimos vestígios de infantilidade e indecisão haviam se evaporado de suas feições e ela se tornara uma mulher madura e serena.

— Confiei em você, Taita. Agora prove-me que não foi em vão. Traga Tanus até mim.

Quando Tanus e eu nos despedimos em Safaga, não chegamos a um acordo sobre um método seguro de trocarmos mensagens.

— Estarei em marcha todos os dias, e quem sabe aonde esta campanha me levará. Não deixe a senhora Lostris preocupar-se se não tiver notícias minhas. Diga-lhe que enviarei uma mensagem quando a missão estiver terminada. Mas diga-lhe que estarei lá quando os frutos de nosso amor estiverem maduros na árvore e prontos para ser colhidos.

No entanto, não tivéramos qualquer notícia dele além dos boatos e lendas contados no bazar.

Mais uma vez parecia que os deuses haviam intervindo para me salvar, agora da ira de minha senhora Lostris. Surgiu um novo rumor no mercado naquele dia. Uma caravana que chegou pela rota norte havia encontrado pouco antes uma pirâmide de crânios erguida recentemente à beira da estrada, a pouco mais de dois mil passos das muralhas da cidade. As cabeças estavam tão frescas que ainda fediam e não haviam sido completamente limpas pelos corvos e abutres.

— Isso só pode significar uma coisa — diziam os fofoqueiros. — Que Akh-Hórus está no distrito de Assuan, provavelmente perto dos muros de Elefantina. Ele atacou os remanescentes do clã de Akheku, escondidos no deserto desde que seu barão foi decapitado em Gallala. Akh-Hórus abateu os últimos bandidos e empilhou suas cabeças ao longo da estrada. Graças ao novo deus, o sul está livre dos temíveis carneiros!

Esta era realmente uma notícia, a melhor que eu ouvira em semanas, e fiquei febril para levá-la a minha ama. Abri caminho no cais entre a multidão de marinheiros, comerciantes e pescadores, à procura de um barqueiro que me levasse a Elefantina.

Alguém puxou meu braço e eu repeli a mão com irritação. Apesar da recente prosperidade que grassava no país, ou talvez por causa dela, os mendigos eram mais exigentes que nunca. Este não era fácil de descartar, e voltei-me para ele enraivecido, erguendo o bastão para afastá-lo.

— Não golpeie um velho amigo! Tenho uma mensagem de um deus para você — sussurrou o mendigo. Eu detive o golpe e olhei-o fixamente.

— Hui! — Meu coração vibrou ao reconhecer o sorriso manhoso do ex-bandido. — Que está fazendo aqui? — Não esperei pela resposta e continuei: — Siga-me a alguma distância.

Levei-o até uma casa de prazer num dos becos atrás do porto, que oferecia quartos para casais de sexos diferentes ou iguais. Alugavam os quartos por um curto período, medido por um relógio d'água colocado junto à porta, e cobravam um anel de cobre pelo serviço. Paguei a soma exorbitante e no instante em que ficamos sós agarrei Hui pelo manto maltrapilho.

— Quais são as notícias de seu amo? — perguntei, e ele sorriu com uma insolência que me deixou furioso.

— Minha garganta está tão seca que não consigo falar. — Ele já havia adotado as maneiras arrogantes de um membro da Guarda Azul. Com que rapidez os macacos aprendem novos truques! Gritei

para o atendente trazer um jarro de cerveja. Hui bebeu como um burro sedento, depois baixou o jarro e arrotou com alegria.

— O deus Akh-Hórus envia suas saudações para você e para outra pessoa cujo nome não pode ser mencionado. Ele me manda dizer que a missão está terminada e que todos os pássaros estão engaiolados. Lembra-lhe que faltam apenas alguns meses para o próximo festival de Osíris e que é hora de escrever um novo texto para a representação, para divertir o rei.

— Onde ele está? Quanto tempo você levará para reencontrá-lo? — perguntei ansiosamente.

— Posso estar com ele antes que Amon-Rá, o deus-sol, mergulhe atrás das montanhas a oeste — afirmou Hui, e olhei pela janela para o sol que já percorrera a metade do céu. Tanus já estava bem perto da cidade, o que me deixou contente. Como desejava sentir seu abraço forte e escutar sua gargalhada retumbante!

Sorrindo para mim mesmo em expectativa, caminhei pelo quarto imundo enquanto decidia que mensagem enviar a ele.



Estava quase escuro quando desembarquei em nosso ancoradouro e subi correndo os degraus. Uma das meninas escravas chorava junto ao portão, esfregando a orelha inchada. — Ela me bateu — choramingou a menina, e percebi que sua dignidade estava mais ferida que a orelha.

— Não se refira à senhora Lostris como "ela" — repreendi-a. — De qualquer forma, de que pode se queixar? Os escravos existem para ser espancados.

Não obstante, era bem incomum minha senhora erguer a mão para qualquer pessoa da casa. Devia estar realmente com péssimo humor, pensei, e diminuí o passo. Cautelosamente, aproximei-me justo quando outra escrava saía em disparada do quarto. Minha ama surgiu à porta atrás dela, vermelha de raiva.

— Você transformou meu cabelo num monte de palha...

Então ela me viu e interrompeu a repreensão. Observou-me com tanto prazer que percebi ser eu o motivo de sua raiva.

— Onde esteve? — perguntou. — Mandei-o até o porto antes do meio-dia. Como ousa deixar-me esperando tanto tempo?

Ela avançou para mim com uma expressão que me fez recuar, nervoso.

— Ele está aqui — eu lhe disse apressadamente, e então baixei a voz para que nenhuma das escravas pudesse escutar. — Tanus está aqui — sussurrei. — Depois de amanhã cumprirei a promessa que lhe fiz.

Seu humor transformou-se completamente e ela pulou, envolvendo meu pescoço com os braços. Depois afastou-se, buscando as meninas magoadas para desculpar-se.



Como parte de seu tributo anual, o rei-vassalo dos amoritas, de seu reino do outro lado do mar Vermelho, havia enviado ao faraó um casal de chitas, uma espécie de leopardo que pode ser treinado para a caça. O rei estava ansioso para soltar as magníficas criaturas contra um dos rebanhos de gazelas que abundavam nas dunas do deserto na margem ocidental. Toda a corte, inclusive minha senhora, fora intimada a comparecer à excursão.

Navegamos até a margem oeste numa frota de pequenas embarcações, com as velas brancas e flâmulas coloridas flutuando. Ouviam-se risos e a música de alaúdes e sistros. A cheia anual do grande rio começaria dentro de dez dias, e essa perspectiva, juntamente com o novo ambiente de prosperidade do país, reforçava o clima festivo da corte.

Minha senhora estava mais feliz que qualquer um deles, e pronunciava alegres saudações para seus amigos nos outros barcos enquanto nossa *felucca* cortava veloz as verdes águas estivais, formando na proa uma guir-landa branca de espuma e deixando para trás uma onda reluzente.

Eu parecia ser o único que não se encontrava alegre e despreocupado. O vento, que soprava do quadrante errado, possuía algo de áspero e abrasivo. Fiquei olhando ansiosamente para o céu a oeste. Estava limpo e claro, mas tinha um brilho inatural. Era quase como se outro sol se estivesse pondo na direção oposta à habitual.

Tentei afastar minhas preocupações e entrar no clima da festa. Mas não o consegui, pois tinha mais que as condições meteorológicas com que me preocupar. Se uma parte do meu plano não desse certo, minha vida correria perigo, e talvez outras vidas, mais valiosas que a minha, estivessem em risco.

Devo ter exibido tudo isso no rosto, pois minha ama tocou-me com o dedão do pé pintado e disse:

— Está tão sombrio, Taita! Todos os que o olharem perceberão que está pensando em alguma coisa. Sorria! Ordeno-lhe que sorria!

Quando aportamos na margem ocidental, havia um exército de escravos à nossa espera. Valetes seguravam esplêndidos asnos brancos dos estábulos reais, todos adornados de seda. Burros de carga levavam tendas, tapetes, cestos de comida, vinho e todas as provisões necessárias para um piquenique real. Um regimento de escravos estava pronto para carregar guarda-sóis sobre as damas e atender os nobres convivas. Havia palhaços, acrobatas e músicos para diverti-los, e cem caçadores para efetuar o esporte.

A jaula dos chitas estava colocada sobre uma carreta puxada por parelhas de bois brancos, e a corte reuniu-se ao redor do veículo para admirar as feras raras. Eram animais inexistentes em nosso país, originários das savanas, e não havia nenhum terreno semelhante ao longo do rio. Eram os primeiros que eu via, e minha curiosidade estava tão aguçada que por um momento esqueci-me das outras preocupações e me aproximei da jaula o máximo que pude sem empurrar ou pisar no pé de algum nobre irascível.

Eram os felinos mais belos que eu poderia imaginar, mais altos e esguios que nossos leopardos, com longas pernas e ventres côncavos. Suas caudas sinuosas eram marcadas por manchas muito pretas, e dos cantos internos dos olhos saíam linhas pretas que desciam pelas faces como marcas de lágrimas. Isto e seu porte régio davam-lhes um ar romântico e trágico que me pareceu encantador. Desejei ter uma daquelas criaturas e decidi imediatamente colocar essa idéia na mente de minha ama. O faraó jamais recusava qualquer desejo seu.

Cedo demais para o meu gosto, o navio que trazia o rei chegou à margem e acorremos com o resto da corte para saudá-lo.

Ele estava vestido em trajes leves de caçada, parecendo descontraído e feliz. Parou ao lado de minha ama e enquanto ela fazia a reverência ritual indagou gentilmente sobre sua saúde. Fiquei cheio de temor que ele decidisse mantê-la a seu lado durante todo o dia, o que estragaria meus planos. No entanto, o animal caçador atraiu sua atenção e ele passou adiante sem ordenar que minha ama o seguisse.

Perdemo-nos na multidão e chegamos até o local onde um burro esperava minha ama. Enquanto a ajudava a montar, conversei em voz baixa com o valete. Quando ele me disse o que eu esperava ouvir escorreguei em sua mão um anel de prata, que desapareceu como que por mágica.

Com um escravo a conduzi-la e outro segurando um guarda-sol, minha senhora e eu seguimos o rei e a carreta com os chitas pelo deserto. Com paradas freqüentes para nos refrescarmos, levamos metade da manhã para chegar ao vale das Gazelas. No caminho, avistamos o antigo cemitério de Trás, da época dos primeiros faraós. Alguns sábios diziam que as tumbas haviam sido escavadas no penhasco de rocha negra três mil anos atrás, mas eu não entendia como haviam chegado a essa conclusão. Sem me fazer notar, examinei as entradas dos túmulos enquanto passamos. No entanto, a distância, não consegui identificar vestígio algum de presença humana recente e fiquei bastante desapontado. Mas continuei olhando para trás enquanto avançávamos.

O vale das Gazelas era uma das reservas de caça reais protegidas por decretos de uma longa série de faraós. Um pelotão de guarda-caças ficava permanentemente estacionado nas colinas que dominavam o vale, para garantir as ordens do rei, que se reservava todas as criaturas que ali viviam. A pena para quem caçasse sem autorização era a morte por estrangulamento.

Os nobres apearam no topo de um dos morros que dominavam a planície. As tendas foram armadas rapidamente e abriram-se jarros de *sherbet* e cerveja para aplacar a sede da jornada.

Conseguí um ótimo lugar para minha ama e eu assistirmos à caçada, mas de onde também poderíamos escapar discretamente. Observei a distância os rebanhos de gazelas, através da miragem que ondulava sobre o solo, e indiquei-as para minha ama.

— O que elas encontram para comer lá embaixo? — perguntou Los-tris. — Não há sombra de verde. Devem comer pedras, pois dessas há bastante...

— Muitas daquelas não são pedras, mas plantas — expliquei-lhe. Quando ela riu, descrente, vasculhei o solo pedregoso e arranquei um punhado desses vegetais milagrosos.

— São pedras — ela insistiu, até que segurou uma delas e a esmagou. O suco espesso escorreu por seus dedos e ela ficou maravilhada com a sabedoria do deus que teria inventado aquilo. — É disso que elas vivem? Parece impossível...

Não pudemos continuar a conversa porque a caçada já começava. Dois caçadores reais abriram a jaula e os chitas saltaram para o chão. Imaginei que fossem tentar escapar, mas eram dóceis como gatos do templo e esfregaram-se afetuosamente nas pernas de seus domadores. Os felinos produziam um estranho som flauteado, mais semelhante ao de pássaros que ao de ferozes predadores.

No lado oposto do vale marrom e calcinado distingui a linha de batedores, com suas formas diminutas distorcidas pela distância. Moviam-se lentamente em nossa direção, e os bandos de antílopes começavam a se deslocar à frente deles.

Enquanto o rei e seus caçadores desciam a encosta, com os chitas presos em coleiras, nós e o restante da corte permanecemos no alto do morro. Os cortesãos já faziam apostas entre si e eu estava tão ansioso quanto qualquer um deles para saber o resultado da caçada, mas minha ama pensava em outra coisa.

— Quando poderemos ir? — sussurrou. — Quando poderemos escapar para o deserto?

— Quando a caçada começar, todos estarão concentrados. Será nossa oportunidade.

Enquanto eu falava, o vento que havia soprado sobre nós na travessia do rio e refrescara nossa marcha parou subitamente. Era como se um ferreiro houvesse aberto a porta da forja. O ar tornou-se tão quente que era quase impossível respirar.

Mais uma vez olhei para o horizonte a oeste. Ali, o céu havia se tornado de um amarelo sulfuroso. Mesmo enquanto eu olhava, a mancha pareceu espalhar-se por toda a abóbada. Senti-me indeciso. Mas parecia ser o único dentre todos ali a notar o estranho fenômeno.

Embora a equipe de caça estivesse agora no sopé do morro, ainda era suficientemente perto para eu observar os grandes felinos. Eles haviam localizado o rebanho de gazelas, que eram impelidas lentamente em sua direção. Isso os transformara de animais carinhosos em selvagens caçadores, o que realmente eram. Tinham as cabeças levantadas em alerta, as orelhas espetadas para diante e puxavam as coleiras. Seus estômagos côncavos estavam chupados e viam-se os músculos tensos como cordas de arco.

Minha ama puxou meu saiote e murmurou imperativamente:

— Vamos agora, Taita.

Com relutância, comecei a afastar-me na direção de um grupo de rochas que encobriria nossa fuga do resto da companhia. Uma gorjeta em prata para o valete havia-nos fornecido um burro que estava fora de vista, escondido entre os rochedos. Assim que o alcançamos, verifiquei que transportava o que eu havia pedido, um odre de água e uma sacola de couro com provisões. Estava tudo em ordem.

Não pude me conter e supliquei a minha ama:

— Espere apenas mais um instante. — Antes que ela pudesse me proibir galguei até o topo do penhasco próximo e espiei o vale abaixo.

Os antílopes mais próximos corriam algumas centenas de passos adiante do local onde o faraó segurava as chitas. Pude apenas vê-lo soltar os animais e mandá-los correr. Eles começaram a avançar num trote suave, de cabeça erguida, como se estivessem avaliando os rebanhos de antílopes para seleccionar a presa. Subitamente os rebanhos perceberam sua rápida aproximação e dispararam a toda velocidade, cruzando a planície poeirenta como um bando de andorinhas.

Os felinos esticavam seus corpos longilíneos, vencendo com as patas dianteiras um grande espaço, e depois impulsionavam-se com os quartos traseiros, dobrando os torsos esguios antes de esticar-se novamente. Em pouco tempo atingiram sua velocidade máxima, e nunca vi animais tão velozes. Comparadas a eles, as gazelas pareciam correr em solo pantanoso. Com uma elegância sem esforço, os felinos ultrapassaram o rebanho e perseguiram algumas gazelas desgarradas, escolhendo suas vítimas.

Os antílopes apavorados tentavam esquivar-se da corrida mortal. Saltavam muito alto e mudavam de direção em pleno ar, retorcendo-se e duplicando o pulo no instante em que seus cascos delicados tocavam o solo. Os felinos seguiam as contorções com graciosa perícia, e o desfecho foi inevitável. Cada um deles derrubou uma gazela ao chão, com uma nuvem de poeira, e então dominou-a, montando sobre ela e es-trangulando-a com as garras presas à traquéia, enquanto as pernas traseiras da gazela davam chutes convulsivos, até finalmente parar no rigor da morte.

A excitação deixou-me trêmulo e sem fôlego. Então a voz de minha ama despertou-me:

— Taita! Desça imediatamente! Eles o verão aí em cima. — E desci para reunir-me a ela.

Embora continuasse excitadíssimo, coloquei-a na sela e puxei o burro pelo terreno acidentado, onde o séquito na colina não poderia nos enxergar. Minha ama não conseguia ficar irritada comigo por muito tempo, e quando mencionei o nome de Tanus ela esqueceu completamente a raiva e incitou a montaria ao encontro dele.

Somente depois de passar por mais uma barreira de colinas e certificar-me de que estávamos fora do vale das Gazelas fiz uma volta e rumei diretamente para o cemitério de Trás. No ar quente e parado os cascos do burro faziam ruído nas pedras como se estivéssemos passando sobre uma camada de vidro quebrado. Eu sentia o suor brotar em minha pele, pois o ar estava pesado, com uma sensação de tempestade. Muito antes de chegarmos às tumbas, disse a minha ama:

— O ar está seco como ossos antigos. Você deveria beber um pouco d'água...

— Vamos em frente! Você terá muito tempo para beber depois.

— Estava pensando apenas em você, minha senhora — protestei.

— Não devemos nos atrasar. Cada momento que desperdiçarmos me deixará menos tempo para ficar com Tanus.

Ela estava com a razão, certamente, pois os outros logo notariam nossa ausência. Minha ama era tão popular que muitos a procurariam para desfrutar sua companhia quando a caçada terminasse e todos voltassem para o rio.

Ao nos aproximarmos dos penhascos, sua ansiedade cresceu ao ponto de ela não poder suportar o passo lento do burro. Lostris desceu da sela e correu até a próxima elevação.

— Chegamos! Ele estará à minha espera — ela gritou, apontando à frente.

No momento em que a silhueta de Lostris saltitava pelo morro, tendo o céu como fundo, o vento atingiu-nos como um lobo faminto, uivando entre as elevações e os desfiladeiros. Apanhou os cabelos de minha ama e os espalhou como uma bandeira, enovelando-os em sua cabeça e erguendo-lhe as saias acima das coxas morenas e esguias. Ela riu e fez piruetas, flertando com o vento como se fosse seu amado. Eu não compartilhei seu prazer.

Virei-me e vi a tempestade aproximar-se pelo Saara. Ela erguia-se terrível pelo céu amarelado, avolumando-se como as ondas que quebram sobre um recife de coral. A areia soprada pelo vento arranhava minhas pernas e comecei a correr, puxando atrás de mim o burro. O vento que soprava em minhas costas quase me derrubou, mas consegui apanhar minha ama.

— Temos de ser rápidos — gritei acima do barulho do vento. — Devemos alcançar o abrigo das tumbas antes que a tormenta nos atinja.

Nuvens de areia elevavam-se diante do sol, formando um filtro que me permitia olhar diretamente para o astro. Todo o mundo estava banhado por aquela sombra ocre, e o sol era apenas uma mortiça bola cor-de-laranja. A areia raspava a pele exposta de nossos membros e nuças. Enrolei meu manto na cabeça de Lostris para protegê-la e conduzi-a pela mão.

Lençóis de areia nos envolviam, apagando a paisagem, e temi ter perdido a orientação, até que subitamente se abriu um vão na cortina de areia e vi a boca escura de uma tumba surgir diante de nós. Arrastando minha ama com uma das mãos e o burro com a outra, cambaleei para o abrigo da caverna. A entrada fora escavada na rocha maciça, conduzindo para o interior da encosta, e fazia uma curva fechada antes de entrar na câmara mortuária, onde um dia a antiga múmia fora depositada para descansar. Séculos antes, ladrões de túmulos haviam saqueado o corpo embalsamado e seus tesouros. Agora restavam

apenas os afrescos desbotados nas paredes de pedra, imagens de deuses e monstros que pareciam fantasmagóricos na obscuridade.

Minha senhora sentou-se encostada à parede de pedra, mas seu primeiro pensamento foi para seu amor.

— Tanus jamais nos encontrará — ela gemeu desesperada, e senti-me magoado por sua ingratidão, depois de tê-la posto em segurança. Removi os arreios do burro e amontoei a carga num canto do túmulo. Então servi uma caneca de água do odre e a fiz beber.

— O que acontecerá aos outros, o rei e todos os nossos amigos? — Lostris perguntou entre goles. Era de sua natureza pensar no bem-estar dos outros, mesmo que prejudicasse a si mesma.

— Os caçadores cuidarão deles — eu disse. — São homens valentes e conhecem o deserto.

Mas não o suficiente para ter previsto a tempestade, pensei sombriamente. Embora eu tentasse tranqüilizá-la, sabia que seria duro para as mulheres e crianças que lá estavam.

— E Tanus? — ela indagou. — O que será dele?

— Tanus saberá muito bem o que fazer. Ele é como um beduíno. Pode ter certeza de que viu a tempestade se aproximar.

— Conseguiremos voltar ao rio? Eles nos encontrarão aqui? — Finalmente ela pensava em sua própria segurança.

— Estaremos a salvo aqui. Temos água suficiente para vários dias. Quando a tempestade amainar encontraremos o caminho para o rio.

Pensando no líquido precioso, carreguei o odre cheio para o fundo da tumba, onde o burro não o derrubaria. Agora estava quase completamente escuro e apanhei a lamparina que o escravo havia colocado na bagagem. Assoprei o pavio fumegante e ele se acendeu, iluminando a tumba com uma reconfortante luz amarelada.

Enquanto estava ocupado com a lamparina, de costas para a entrada, minha ama gritou. Foi um som tão estridente e mortalmente aterrorizado que fui presa de igual pavor e meu sangue correu grosso e lento como mel, embora meu coração houvesse disparado como as gazelas em fuga. Virei-me e fiz menção de apanhar a adaga no cinto, mas quando vi o monstro cuja silhueta preenchia a entrada fiquei congelado e nem toquei a arma. Sabia instintivamente que minha lâmina frágil de nada serviria contra aquela criatura desconhecida.

A luz débil da lâmpada a forma era imprecisa e distorcida. Vi que era uma silhueta humana, mas grande demais para um homem, e a cabeça grotesca convenceu-me de que era de fato o temível ser com cabeça de crocodilo do submundo, que devora o coração dos considerados faltosos por Thoth, o monstro representado nas paredes do túmulo. Sua cabeça reluzia com escamas de réptil e tinha um bico de águia ou de uma tartaruga gigantesca. Os olhos eram profundos e nos fixavam, implacáveis. Grandes asas brotavam de seus ombros. Semi-dobradas, elas se erguiam sobre o enorme corpo como as de um falcão à espreita. Esperei que a criatura se lançasse com aquelas asas e agarrasse minha ama com as garras metálicas. Lostris temeu o mesmo, pois tornou a gritar, encolhida aos pés do monstro.

Então percebi subitamente que a criatura não era alada, e sim que as dobras de sua capa, longa como as dos beduínos, tremulavam ao vento. Ainda estávamos paralisados por aquela presença terrível quando ele ergueu as mãos e levantou o capacete de guerra de bronze, cujo visor tinha a forma de cabeça

de águia. Então ele balançou a cabeça e uma massa de cachos dourados despençou sobre seus ombros largos.

— Do alto do penhasco vi vocês atravessarem a tempestade — disse ele em seu tom de voz familiar e querido.

Minha senhora deu mais um grito, dessa vez de uma alegria esfuziante.

— Tanus!

Ela voou até ele, que a apanhou nos braços como se fosse uma criança e ergueu-a tão alto que sua cabeça roçou o teto de pedra. Depois baixou-a e envolveu-a no peito. Aninhada em seus braços, ela aproximou os lábios dos dele e parecia que iam devorar-se mutuamente com a força de seu desejo.

Fiquei esquecido nas sombras da tumba. Embora houvesse conspirado e arriscado tanto para reuni-los, não consigo descrever aqui os sentimentos que me assaltaram quando testemunhei involuntariamente aquela paixão. Acredito que o ciúme é a mais ignóbil das emoções, mas eu amava Lostris tanto quanto Tanus a amava, e não era o amor de um pai ou de um irmão. Eu era um eunuco, mas o que sentia por ela era o amor natural de um homem, certamente impossível, mas por isso mesmo ainda mais triste. Não consegui ficar ali a olhá-los e comecei a me esgueirar para fora como um cãozinho castigado, mas Tanus me viu e interrompeu o beijo que ameaçava destruir minha alma.

— Taita, não me deixe sozinho com a esposa do rei. Fique conosco para proteger-me desta terrível tentação. Nossa honra está ameaçada. Não posso confiar em mim mesmo. Você deve ficar para ver que não trarei vergonha à esposa do faraó.

— Saia! — gritou a senhora Lostris envolta pelos braços dele. — Deixe-nos a sós. Não quero saber de vergonha ou honra agora. Nosso amor já foi sufocado por muito tempo. Não posso esperar que a profecia do jogo de Amon-Rá se realize. Deixe-nos a sós agora, querido Taita.

Saí da tumba como se minha vida corresse perigo. Poderia ter corrido para a tempestade e morrido. Assim teria encontrado alívio, mas sou covarde demais e deixei que o vento me empurrasse de volta. Cambaleei até um canto da entrada onde estaria a salvo da ventania e sentei-me no chão de pedra. Enrolei o manto na cabeça para cegar os olhos e tapar os ouvidos, mas embora o temporal rugisse nos penhascos não pude encobrir os sons que vinham da câmara mortuária.

Durante dois dias a tempestade soprou com ferocidade implacável. Dormi durante parte do tempo, forçando-me a buscar o esquecimento, mas sempre que acordava podia ouvi-los e era torturado pelos sons de seu amor. É estranho que eu nunca me houvesse perturbado tanto quando minha ama estava com o rei — mas por outro lado não era tão estranho, já que o velho nada significava para ela.

Aquilo era um mundo de tormento para mim. Os gritos, os gemidos, os sussurros rasgavam meu coração. Os soluços ritmados da jovem ameaçavam destruir-me. Seu grito selvagem no enlevo final era para mim mais agoniador que o corte da faca castradora.

Enfim o vento amainou e morreu gemendo no sopé dos morros. A luz recrudescu e percebi que era meu terceiro dia de cárcere no túmulo. Levantei-me e chamei-os, sem ousar entrar na câmara interna com medo do que pudesse encontrar. Por um instante não houve resposta, e então minha ama falou com uma voz rouca e estranha, que ecoou fantasmagórica pelo recinto de pedra:

— Taita, é você? Pensei que eu tivesse morrido na tempestade e sido levada para os campos ocidentais do paraíso.



Depois que a tempestade passou restava-nos pouco tempo. Os caçadores reais já estariam à nossa procura, mas a intempérie havia fornecido o melhor dos pretextos para nossa ausência. Eu tinha certeza de que os sobreviventes da caçada estariam espalhados pelos temíveis morros. Mas o grupo de buscas não podia nos encontrar em companhia de Tanus.

Por outro lado, Tanus e eu mal nos havíamos falado durante aqueles dias e havia muito a conversar. Na entrada da tumba, acertamos rapidamente nossos planos.

Minha ama estava tranqüila e concentrada como eu nunca a havia visto. Não mais a tagarela incontida, ela permanecia ao lado de Tanus observando seu rosto com uma nova serenidade. Lembrou-me uma sacerdotisa diante da imagem de seu deus. Os olhos de Lostris jamais abandonavam o rosto de Tanus, e de vez em quando ela o tocava, como que para certificar-se de que era mesmo real.

Quando o fazia, Tanus interrompia o que quer que estivesse dizendo e dava toda a sua atenção àqueles olhos verdes-escuros. Eu tinha de lembrá-lo dos assuntos que não havíamos terminado. Diante dessa adoração manifesta, meus próprios sentimentos eram baixos e mesquinhos e obriguei-me a me sentir alegre por eles.

Levamos mais tempo para terminar nossa conversa do que eu considerava aconselhável, mas finalmente abracei Tanus em despedida e toquei o burro para a luz do sol, filtrada pelo fino véu de poeira amarelada que ainda enchia o ar. Minha ama retardou-se e esperei-a no vale abaixo.

Ao olhar para trás, vi-os finalmente sair da caverna. Ficaram parados olhando um para o outro por um longo momento, sem tocar-se. Então Tanus virou-se e foi embora. Minha ama olhou-o até ele desaparecer, e então veio até onde eu esperava. Caminhava como uma sonâmbula. Ajudei-a a montar, e enquanto ajustava os arreios ela abaixou-se e pegou minha mão.

— Obrigada — disse simplesmente.

— Não mereço sua gratidão — murmurei.

— Sou a criatura mais feliz do mundo! Tudo o que você me disse sobre o amor é verdade. Por favor, sinta-se feliz por mim, mesmo que... — ela não terminou, e de repente percebi que havia compreendido meus sentimentos mais íntimos. Mesmo em sua enorme felicidade, Lostris lamentava que me tivesse causado sofrimento. Acho que naquele instante a amei mais que nunca.

Virando-me, peguei as rédeas e conduzi-a de volta para o Nilo.



Um dos caçadores reais nos observava do topo de um morro distante e saudou-nos calorosamente.

— Estivemos procurando vocês por ordem do rei — ele disse, correndo para nos receber.

— O rei se salvou? — perguntei. Ele está seguro no palácio em Elefantina, e ordenou que a senhora Lostris seja levada imediatamente a ele quando for encontrada.

Quando pisamos no cais do palácio, Aton estava à nossa espera. Logo inflou as bochechas pintadas e tagarelou com minha ama.

— Encontraram os corpos de vinte e três infelizes que pereceram na tempestade — ele nos contou com uma satisfação maligna. — Todos tinham certeza de que vocês também seriam encontrados mortos. No entanto, rezei no templo de Hapi para que retornassem a salvo.

Ele parecia contente consigo e fiquei aborrecido que tentasse creditar a si mesmo nossa salvação. Aton só nos deu tempo para nos lavarmos apressadamente e untar nossa pele seca com óleos perfumados, e impeliu-nos para a audiência com o rei.

O faraó ficou realmente comovido ao ver minha ama de volta. Tenho certeza de que ele passara a amá-la como todos os demais, e não apenas pela promessa de imortalidade que via nela. Uma lágrima escorreu-lhe pelos cílios e borrou sua pintura facial quando Lostris se ajoelhou diante dele.

— Pensei que a tivesse perdido — disse o rei, e a teria abraçado se a etiqueta o permitisse. — Mas encontro-a mais linda e viva que nunca. — O que era verdade, pois o amor a havia revestido com sua magia.

— Taita me salvou — ela disse ao faraó. — Ele conduziu-me a um abrigo e protegeu-me durante aqueles dias terríveis. Sem ele eu teria morrido como as outras pobres almas.

— É verdade, Taita? — o faraó perguntou-me diretamente. Adotei minha expressão de modéstia e murmurei:

— Sou apenas um humilde instrumento dos deuses.

Ele sorriu para mim, pois, eu sabia, também sentia afeto por mim.

— Você já nos prestou muitos serviços, humilde instrumento. Mas este foi o mais valioso de todos. Aproxime-se! — ordenou o rei, e ajoelhei-me diante dele.

Aton estava a seu lado, segurando uma caixinha de cedro. Ele abriu a tampa e estendeu-a ao faraó, que dali retirou uma corrente. Era feita do ouro mais puro e exibia os contrastes dos palheiros reais, atestando seu peso de vinte *deben*.

O rei segurou a corrente sobre minha cabeça e entoou:

— Eu lhe confiro a Comenda de Ouro.

Ele a baixou sobre meus ombros, e o peso opressivo foi para mim uma delícia. Aquela condecoração era o símbolo maior do apreço real, geralmente reservada a generais e embaixadores, ou a funcionários graduados como o senhor Intef. Eu duvidava que jamais na história do Egito aquela corrente de ouro tivesse sido colocada no pescoço de um escravo.

Aquilo não foi o fim dos presentes e recompensas que me seriam dados, pois minha ama não ficaria atrás. Naquela noite, enquanto eu assistia seu banho, ela subitamente dispensou as escravas e, parada nua diante de mim, disse-me:

— Pode ajudar-me a me vestir, Taita?

Ela me permitia esse privilégio quando estava muito contente comigo. Sabia o quanto eu desfrutava tê-la para mim naquelas circunstâncias íntimas.

Sua beleza estava encoberta apenas pelas melenas escuras e reluzentes. Parecia que os dias passados com Tanus haviam lhe dado um novo tipo de beleza, que emanava do fundo dela. Uma lâmpada colocada dentro de um vaso de alabastro brilhou através das paredes translúcidas; da mesma forma, a senhora Lostris estava fulgurante.

— Nunca pensei que um triste recipiente como este meu corpo pudesse encerrar tanta felicidade. — Ela alisou os quadris ao dizer isso e olhou para o próprio corpo, convidando-me a fazer o mesmo. — Tudo o que você prometeu me aconteceu quando fiquei com Tanus. O faraó lhe conferiu a Comenda de Ouro, e é justo que eu também lhe demonstre meu apreço. Quero que partilhe minha alegria de alguma forma.

— Servi-la é a maior recompensa a que eu poderia almejar.

— Ajude-me a me vestir — ela ordenou, e ergueu as mãos sobre a cabeça. Seus seios mudaram de forma quando ela se moveu. Ao longo dos anos eu os vira crescer de pequenos figos verdes até se tornarem aquelas romãs redondas e sedosas, mais belas que jóias ou esculturas de mármore. Segurei a camisola diáfana sobre ela e depois deixei-a deslizar sobre seu corpo. O traje a encobria, mas não obscurecia sua formosura, do mesmo modo que a névoa matinal reveste as águas do Nilo ao amanhecer.

— Encomendei um banquete e enviei convites às damas reais.

— Muito bem, minha senhora. Vou verificar tudo.

— Não, não, Taita. O banquete é em sua homenagem. Você se sentará ao meu lado como meu convidado.

Aquilo foi tão chocante quanto qualquer dos estratagemas malucos que ela inventara recentemente.

— Não é adequado, senhora. Irá ofender os bons costumes.

— Sou a esposa do faraó. Sou eu quem estabelece os costumes. Durante o banquete eu lhe oferecerei um presente diante de todos.

— Vai me contar qual é o presente? — perguntei, trepidante. Eu nunca tinha certeza de qual seria sua próxima loucura.

— É claro que lhe direi o que é. — Ela sorriu misteriosamente. — É um segredo. E isso.



Apesar de eu ser o convidado de honra, não podia deixar os preparativos do banquete a cargo dos cozinheiros e das escravas tagarelas. Afinal, estava em jogo a reputação de minha ama como anfitriã. Antes do amanhecer eu já me encontrava no mercado em busca dos produtos mais finos e frescos dos campos e do rio.

Prometi a Aton que o convidaria, e ele abriu as adegas do rei e deixou-me fazer a seleção de vinhos. Contratei e ensaiei os melhores músicos e acrobatas da cidade. Enviei escravos para colher jacintos, lírios e lótus nas margens do rio, para reforçar os canteiros de flores que já decoravam nosso jardim. Mandei os cesteiros tecer delicados barcos de junco, os quais decorei com lâmpadas de vidro e pus a flutuar nos tanques do jardim aquático. Distribuí almofadas de couro e guirlandas de flores para cada convidado, e jarros de óleo perfumado para espantar os mosquitos.

Ao anoitecer, as damas reais começaram a chegar, com suas vestes mais requintadas. Algumas haviam até raspado as cabeças e substituído o cabelo natural por elaboradas perucas, tecidas com cabelos de mulheres pobres que os vendiam para sustentar suas proles. Era uma moda que eu detestava, e havia prometido fazer o possível para impedir que minha ama sucumbisse a tal insensatez. Suas madeixas

lustrosas eram um de meus maiores prazeres, mas no que diz respeito à moda até mesmo as mulheres mais sensíveis não são confiáveis.

Quando, por insistência de minha ama, sentei-me na almofada a seu lado, em vez de assumir minha posição habitual atrás dela, vi que muitas convidadas ficaram escandalizadas com comportamento tão indecoroso e sussurraram entre si por detrás dos leques. Eu me sentia tão desconfortável quanto elas, e para ocultar meu embaraço sinalizei para que os escravos enchessem as taças de vinho, os músicos tocassem e os bailarinos dançassem.

O vinho era robusto, a música animada, e os bailarinos, todos homens, davam amplas provas de seu gênero, pois eu havia ordenado que dançassem em estado natural. As senhoras ficaram tão encantadas com essa exibição que logo esqueceram qualquer ultraje e fizeram justiça ao vinho. Eu tinha certeza de que muitos dos bailarinos não saíam do harém antes do amanhecer. Algumas damas reais tinham apetite voraz e muitas não eram visitadas pelo rei havia anos.

Nessa atmosfera cordial, minha senhora levantou-se e pediu a atenção das convidadas. Então ela me elogiou em termos tão extravagantes que enrubesci. Chegou a relatar episódios divertidos e emocionantes da nossa vida juntos. O vinho parecia ter amenizado a atitude das mulheres em relação a mim, e elas riam e aplaudiam. Algumas chegaram a chorar um pouco, movidas pelo vinho e pelos sentimentos.

Afinal minha ama mandou-me ajoelhar diante dela, e quando o fiz houve um burburinho de comentários. Eu vestia um saíote simples de linho fino, e as escravas haviam-me penteado no estilo que mais me agradava. Fora a Comenda de Ouro no pescoço, não usava qualquer outro adorno. Em meio a tanta ostentação, meu estilo simples era marcante. Eu mantinha o corpo atlético, que tanto atraía o senhor Intef, graças a exercícios e à natação habituais, e estava em plena forma.

Ouvi uma das esposas mais velhas murmurar para sua vizinha:

— Que pena que ele tenha perdido suas jóias. Teria sido um brinquedo divertido.

Naquela noite consegui ignorar essas palavras, que em outras circunstâncias me teriam magoado muito.

Minha ama parecia realmente contente, pois havia conseguido manter em segredo seu presente. Geralmente não tinha tanta habilidade. Ela olhou para minha cabeça inclinada e falou lenta e claramente, extraindo o maior prazer daquele momento:

— Escravo Taita. Durante toda a minha vida você tem sido um escudo a me proteger. Foi meu mentor e meu tutor, ensinou-me a ler e a escrever. Instruiu-me nos mistérios das estrelas e das artes arcanas. Ensinou-me a cantar e a dançar. Mostrou-me como encontrar felicidade e alegria em muitas coisas. Sou-lhe muito grata.

As damas reais começavam novamente a se impacientar. Nunca haviam visto um escravo ser elogiado de maneira tão efusiva.

— No dia do *khamsin* você me prestou um serviço que exige recompensa. O faraó lhe conferiu a Comenda de Ouro. Eu tenho meu próprio presente para você.

De baixo de sua túnica ela retirou um rolo de papiro amarrado com uma fita dourada.

— Você se ajoelhou diante de mim como escravo. Agora levante-se como homem livre. — Ela estendeu o papiro. — Esta é sua carta de alforria, preparada pelos escribas da corte. De hoje em diante você é livre.

Levantei a cabeça pela primeira vez e olhei para ela incrédulo. Lostris colocou o rolo de papiro entre meus dedos amortecidos e sorriu para mim carinhosamente.

— Não esperava por isso, não é? Está tão surpreso que não tem palavras para responder. Diga alguma coisa, Taita. Diga-me que está agradecido pelo presente.

Cada palavra que ela dizia me feria como um dardo envenenado. Minha língua parecia uma pedra em minha boca, enquanto eu imaginava a vida sem ela. Como homem livre, eu seria afastado para sempre de sua presença. Jamais voltaria a preparar-lhe a comida ou a assisti-la no banho. Nunca mais puxaria suas cobertas na hora de dormir, a despertaria ao amanhecer ou estaria a seu lado a cada dia quando ela abrisse aqueles adoráveis olhos verdes. Nunca mais cantaria com ela, seguraria sua taça ou a ajudaria a vestir-se, tendo o prazer de admirar sua formosura.

Fiquei paralisado, olhando para ela em desespero, como alguém cuja vida tivesse chegado ao fim.

— Alegre-se, Taita — ela ordenou. — Alegre-se pela nova liberdade que lhe dei.

— Nunca mais serei feliz de novo — balbuciei. — Você me expulsou. Como posso me alegrar?

O sorriso dela se esvaiu e ela me olhou perturbada.

— Ofereço-lhe o presente mais precioso ao meu alcance. Ofereço-lhe a liberdade.

Eu balancei a cabeça.

— Você me impõe o pior castigo. Está me afastando. Nunca mais serei feliz.

— Não é um castigo, Taita. É uma recompensa. Por favor, não compreende?

— A única recompensa que desejo é permanecer a seu lado pelo resto de minha vida. — Senti as lágrimas crescendo dentro de mim e tentei contê-las. — Por favor, senhora, suplico-lhe, não me afaste de você. Se tem algum sentimento por mim, permita-me ficar com você.

— Não chore — ela ordenou. — Pois se o fizer chorarei com você diante de todos os convidados.

Realmente acredito que até aquele instante ela não havia avaliado as conseqüências do gesto de generosidade que havia imaginado. As lágrimas irromperam por minhas pálpebras e escorreram pelo rosto.

— Pare! Não era isso o que eu queria. — Suas próprias lágrimas fizeram companhia às minhas. — Quis apenas homenageá-lo, como fez o rei.

Levantei o rolo de papiro.

— Por favor, deixe-me rasgar este pedaço de insensatez. Aceite-me novamente a seu serviço. Dê-me permissão para ficar de pé atrás de você, onde é meu lugar.

— Pare, Taita! Está me magoando. — Ela fungou, tentando conter as lágrimas, mas fui impiedoso.

— O único presente seu que desejo é o direito de servi-la todos os dias da minha vida. Por favor, senhora, anule esse documento. Dê-me permissão para rasgá-lo.

Ela assentiu enfaticamente, balbuciando como quando era menina e caía, machucando o joelho. Eu rasguei a folha de papiro duas vezes. Não satisfeito, segurei os pedaços sobre a chama da lamparina e deixei-o queimar.

— Prometa-me que nunca mais tentará afastar-me. Jure que nunca mais tentará impor-me a liberdade.

Ela assentiu entre as lágrimas, mas eu não estava satisfeito.

— Diga-o — insisti. — Diga em voz alta para que todos escutem.

— Prometo mantê-lo como meu escravo, nunca vendê-lo ou dar-lhe a liberdade — ela sussurrou abafadamente entre as lágrimas, e então um raio malicioso brilhou naqueles olhos escuros e trágicos. — A menos, é claro, que você me perturbe demais, então chamarei os escribas da lei imediatamente. — Ela estendeu a mão para erguer-me. — Levante-se, seu tolo, e cumpra seus deveres. Minha taça está vazia.

Coloquei-me em meu lugar adequado, atrás dela, e enchi sua taça. O grupo levemente embriagado achou que aquilo tudo fora um número que havíamos inventado para diverti-los, então aplaudiram, assobiaram e atiraram pétalas de flores sobre nós para demonstrar seu agrado. Vi que a maioria estava aliviada por não termos realmente faltado ao decoro, e que um escravo ainda era um escravo.

Minha ama levantou a taça de vinho aos lábios, mas antes de beber sorriu para mim por sobre a borda. Embora ela ainda tivesse os olhos úmidos, aquele sorriso me reanimou e restabeleceu minha felicidade. Senti-me mais perto dela do que nunca naqueles anos todos.



Ao acordarmos na manhã seguinte ao banquete e a meu momento de liberdade, descobrimos que durante a noite o rio havia crescido, iniciando a cheia anual. Fomos alertados disso pelos gritos alegres dos vigias no porto. De cabeça pesada pelo efeito do vinho, levantei-me e corri até o rio. Ambas as margens já estavam apinhadas de gente que saudava as águas com orações e cantos, agitando folhas de palmeira.

Na seca, a água fora de um verde vivo como o azinhavre que brota sobre o cobre. A inundação levava essa tonalidade embora e agora o rio estava completamente cinzento. Durante a noite havia subido até a metade das pilastras de pedra do porto e logo pressionaria a barragem de terra nas margens, que conduziria as águas pelas bocas dos canais de irrigação, que havia muitos meses mantinham-se secos e rachados. Dali ela correria para inundar os campos, submergindo as cabanas dos lavradores e arrastando os marcos limítrofes das propriedades.

A supervisão e substituição desses limites depois de cada cheia era responsabilidade do Guardiã das Águas, o senhor Intef. Ele havia multiplicado sua fortuna ao favorecer as reivindicações dos ricos e generosos quando chegava a hora de recolocar anualmente os marcos de pedra.

Rio acima, ecoava o distante rumor da catarata. A enchente superava as barragens naturais de granito em seu caminho, e ao trovejar pelas gargantas erguia alto as brancas espumas contra o céu azul profundo, numa coluna prateada que podia ser vista de todos os quadrantes do distrito de Assuan. Ao espalhar-se pela ilha de Elefantina, a névoa fina refrescava nossos rostos deliciados, sendo a única chuva que conhecíamos no vale.

Enquanto olhávamos, as praias ao redor da ilha foram engolfadas pela correnteza. Logo nosso bote ficaria submerso e a água lamperia os portões do jardim. Onde ela se deteria era uma questão que só podia ser calculada através do exame dos níveis do nilômetro. Desses níveis dependia a prosperidade ou a penúria de todo o país e seu povo.

Corri de volta para encontrar minha ama e preparar-me para a cerimônia das águas, em que eu teria papel de destaque. Vestimo-nos com a maior elegância e coloquei no pescoço meu novo colar de ouro.

Então nos reunimos com o resto dos moradores da casa e as damas do harém à procissão informal até o templo de Hapi.

O faraó e todos os grandes senhores do Egito iam à frente. Os sacerdotes, gordos devido à vida de abundância, aguardavam-nos às portas do templo. Tinham as cabeças raspadas e reluzentes de óleo e seus olhos brilhavam de cobiça, pois naquele dia o rei faria fartos sacrifícios.

Diante do faraó, a estátua da deusa foi trazida do santuário e adornada com flores e finos tecidos púrpura. Depois foi banhada em óleos e perfume, enquanto cantávamos hinos de louvor e agradecimento à deusa por enviar-nos a cheia.

Para o sul, numa terra distante que nenhum homem jamais visitara, a deusa Hapi, sentada no topo de sua montanha, despejava dos vasos de infinita capacidade a água sagrada do seu Nilo. A água de cada vaso tinha cor e gosto diferentes: uma era clara e verde, a outra cinza e cheia do adubo que inundava os campos e os tornava férteis e vivos.

Enquanto cantávamos, o faraó ofereceu sacrifícios de milho e carne, vinho, prata e ouro. Então chamou seus sábios, engenheiros e matemáticos e mandou-os entrar no nilômetro para iniciar as observações e os cálculos.

Na época em que pertencera ao senhor Intef, eu havia sido nomeado um dos guardiães das águas. Era o único escravo nesse ilustre grupo, mas consolava-me o fato de ser o único a portar a Comenda de Ouro, e eles tratavam-me com respeito. Haviam trabalhado comigo antes e conheciam meu valor. Eu os ajudara a projetar os nilômetros, que mediam o fluxo do rio, e supervisionara sua construção. Fora eu quem criara a fórmula complexa para determinar a altura projetada e o volume de cada enchente a partir das observações.

Com o caminho iluminado por tochas bruxuleantes e caniços em-bebidos em piche, acompanhei o sumo-sacerdote pela entrada do ni-lômetro, uma abertura no muro posterior do santuário. Descemos a passagem íngreme, cujos degraus de pedra eram escorregadios devido ao limo e à umidade do rio. Sob nossos pés, uma mortífera serpente negra afastou-se e com um silvo furioso mergulhou na água escura que já havia subido até a metade do acesso.

Paramos no último degrau exposto e à luz das tochas examinamos as marcas que os pedreiros haviam gravado nas paredes do corredor. Cada símbolo tinha valores próprios, tanto mágicos quanto empíricos.

Fizemos a primeira e mais importante leitura com extremo cuidado. Nos cinco dias seguintes nos revezamos observando e registrando a subida da água, e comparamos as leituras com o fluxo de um relógio d'água. A partir das amostras de água, calculamos a quantidade de sedimentos que transportava, e todos esses fatores definiram nossas conclusões finais.

Ao fim dos cinco dias de observação efetuamos cálculos durante três dias, os quais envolveram vários rolos de papiros. Finalmente estávamos prontos para apresentar nossas conclusões ao rei. Nesse dia, o faraó retornou ao templo com pompas reais, acompanhado pelos nobres e metade da população de Elefantina, para receber as estimativas.

Quando o sumo-sacerdote as leu em voz alta, o rei começou a sorrir. Havíamos previsto uma inundação de proporções quase perfeitas. Não seria baixa demais, o que deixaria os campos expostos e assando ao sol, privando-os da rica camada negra de adubo fértil; nem alta demais, o que lavaria os canais de irrigação e inundaria as aldeias e cidades ao longo das margens. Esta estação produziria colheitas abundantes e gordos rebanhos.

O faraó sorria, não tanto pela boa sorte de seus súditos, mas pela abundância de impostos que seriam arrecadados. As taxas anuais eram calculadas em função do volume da cheia, e neste ano enormes tesouros seriam adicionados aos depósitos de seu mausoléu. Para encerrar a cerimônia da bênção das águas no templo de Hapi, o faraó anunciou a data da peregrinação bianual a Tebas, para participar do festival de Osíris. Parecia impossível que se houvessem passado dois anos desde que minha ama representara a deusa Isis na última paixão de Osíris.

Naquela noite dormi tão pouco quanto na vigília do nilômetro, pois minha ama estava tão excitada que não conseguia se manter no leito. Fez-me sentar com ela até de madrugada, cantando, rindo e repetindo as histórias de Tanus, que ela nunca se cansava de escutar.

Dali a oito dias a frota real navegaria para o norte pelo Nilo volumoso. Ao chegarmos a Tebas, Tanus, senhor Harrab, nos estaria esperando. Minha ama delirava de felicidade.



A flotilha que se reuniu no porto de Elefantina era tão numerosa que parecia cobrir as águas de uma margem à outra. Minha senhora comentou jocosamente que um homem poderia atravessar o Nilo sem molhar os pés, saltando sobre os conveses dos barcos. Com estandartes e bandeiras tremulando em todos os mastros, a frota produzia uma esplêndida exibição.

Nós e o resto da corte já havíamos embarcado nos navios indicados, e dos conveses saudámos o rei quando ele desceu os degraus de mármore do palácio e subiu ao grande navio *oficial*. No instante em que ele se instalou a bordo, cem trombetas deram o sinal de partida. A frota manobrou em sincronia e apontou as proas para o norte. Com o fluxo do rio e os conjuntos de remos a nos impelir, zarpamos rapidamente.

Uma nova atmosfera pairava sobre o reino desde que Akh-Hórus destruía os pegos. Os habitantes de todas as aldeias por que passamos reuniam-se na margem para saudar o rei. Sentado no alto da popa, o faraó usava a dupla coroa para que todos o vissem com clareza. O povo agitava folhas de palmeira e gritava: "Que todos os deuses sorrissem para o faraó!" O rio lhes trazia não apenas seu rei, mas também a promessa de sua própria benevolência, e todos estavam felizes.

Nos dias que se seguiram, por duas vezes o faraó e toda a comitiva desembarcaram para inspecionar os monumentos que Akh-Hórus havia erguido nas encruzilhadas das rotas de caravanas. Os camponeses preservavam aquelas horríveis pilhas de caveiras como relíquias sagradas do novo deus. Haviam polido cada crânio, deixando-os brilhantes como marfim, e cimentado as pirâmides com argila para que durassem muitos anos. Depois construíram santuários sobre elas e nomearam sacerdotes para cuidar dos locais sagrados.

Em cada um dos dois santuários minha senhora deixou um anel de ouro como oferenda, alegremente aceitos pelos guardiães. De nada adiantaram meus protestos contra essa extravagância. Minha ama com frequência desprezava a riqueza que eu a duras penas reunia para ela. Sem minha mão controladora, ela provavelmente teria dado tudo aos avaros sacerdotes e aos pobres insaciáveis, sempre sorrindo.

Na décima noite depois de deixarmos Elefantina, o séquito real acampou num aprazível promontório sobre uma curva do rio. A diversão da noite incluiria um famoso contador de histórias e, para minha ama, ouvir uma boa história era um dos maiores prazeres. Ela e eu estivéramos aguardando a ocasião e a discutíamos avidamente. Foi portanto uma surpresa e uma decepção quando a senhora Lostris declarou que estava fatigada demais e sem vontade de escutar o contador de histórias. Apesar de ela

insistir para que eu fosse e levasse comigo o resto de nossa companhia, eu não poderia deixá-la só se não se sentia bem. Dei-lhe uma bebida quente e dormi no chão aos pés de sua cama, para o caso de necessitar de mim durante a noite.

Fiquei realmente preocupado pela manhã, quando tentei despertá-la. Ela geralmente saltava da cama com um sorriso de expectativa, uma gluttona de vida pronta para agarrar e devorar o novo dia. No entanto, naquela manhã, ela puxou as cobertas sobre a cabeça e murmurou:

— Deixe-me dormir um pouco mais. Sinto-me gorda e cansada como uma velha.

— O rei ordenou a partida bem cedo. Devemos estar a bordo antes do amanhecer. Vou lhe trazer uma infusão para reanimá-la.

Despejei água quente sobre uma tigela de ervas que eu mesmo havia colhido na fase mais propícia da última lua.

— Pare de fazer barulho — ela me censurou, mas não a deixei dormir de novo e a fiz beber o tônico. Lostris fez cara feia. — Parece que está tentando me envenenar — queixou-se, e então, sem avisar e antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, vomitou copiosamente.

Depois pareceu tão chocada quanto eu e ambos olhamos para a poça ao lado da cama.

— O que há de errado comigo, Taita? — ela sussurrou. — Nada parecido me aconteceu antes.

Só então compreendi o que estava ocorrendo.

— O *khamsin*! — gritei. — O cemitério de Trás! Tanus!

Ela me olhou sem expressão por um instante, e então seu sorriso iluminou a tenda obscura como uma lamparina.

— Estou fazendo um bebê! — ela gritou.

— Não fale tão alto, senhora — supliquei.

— O filho de Tanus! Estou carregando o filho de Tanus!

Não podia ser filho do rei, pois eu conseguira mantê-lo afastado da cama de Lostris desde sua inapetência e o aborto.

— Oh, Taita — ela ronronou, erguendo a camisola e examinando maravilhada a barriga ainda chata e firme. — Imagine só! Um diabinho igual a Tanus crescendo dentro de mim. — Ela apalpou o estômago com esperança. — Eu sabia que as delícias que conheci na tumba de Trás não passariam despercebidas aos deuses. Eles me deram uma lembrança que durará toda a minha vida.

— Está se apressando — adverti-a. — Pode ser apenas uma cólica. Devo fazer os testes para termos certeza.

— Não preciso de testes. Sei em meu coração e nas profundezas secretas do meu corpo.

— Mesmo assim faremos o exame — disse-lhe secamente, e fui buscar o pote. Ela agachou-se sobre ele para me fornecer a primeira urina que dividi em duas partes iguais.

A primeira porção misturei uma parte igual de água do Nilo. Depois enchi os dois jarros com terra negra e em cada um deles plantei cinco sementes de milho *dhurra*. Reguei um vaso com água pura e o outro com a mistura fornecida por Lostris. Esse foi o primeiro teste.

Depois capturei dez sapos entre os juncos da laguna perto do acampamento. Não eram do tipo ágil, verde e amarelo com pernas pretas, mas animais negros e limosos. Eles não têm pescoço entre a cabeça,

possuem corpos gordos, e seus olhos ficam no topo do crânio achatado, e por isso as crianças os chamam de "olhos-no-céu".

Dividi os dez sapos em dois jarros cheios de água. Num deles acrescentei a emissão de minha ama e no outro, não. Os cinco sapos que não receberam o líquido de minha ama ficaram estéreis, mas os outros depositaram longos cordões prateados pontilhados por ovos negros.

— Eu lhe disse! — Lostris chilreou antes que eu pudesse dar o diagnóstico oficial. — Oh, graças a todos os deuses! Não poderia acontecer coisa mais linda em minha vida!

— Falarei com Aton imediatamente. Você deve compartilhar o leito do rei esta noite mesmo — eu lhe disse sombriamente, e ela me olhou atônita.

— Mesmo que o faraó creia na maioria das coisas que lhe digo não acreditará que você foi engravidada pelas sementes espalhadas pelo vento *khamzin*. Devemos ter um pai para o nosso pequeno bastardo. — Eu já considerava a criança "nossa", e não apenas dela. Embora eu tentasse ocultá-lo por trás de minha frivolidade, estava tão encantado por aquela gravidez quanto ela.

— Nunca mais o chame de bastardo — ela me fuzilou. — Ele será um príncipe.

— Será um príncipe apenas se eu conseguir encontrar um pai real para ele. Prepare-se. Vou ver o rei.



— Na noite passada tive um sonho, ó Grande Egito — eu disse ao faraó. — Foi tão surpreendente que para confirmá-lo consultei o jogo de Amon-Rá.

O faraó inclinou-se para a frente ansiosamente, pois passara a acreditar em meus sonhos e no meu poder profético tanto quanto meus demais pacientes.

— Desta vez não há equívoco, majestade. Em meus sonhos a deusa Isis apareceu e prometeu aniquilar a influência de seu irmão Seth, que cruelmente vos privou de vosso primeiro filho ao abater a senhora Lostris com a doença devastadora. Levai minha senhora para vosso leito no primeiro dia do festival de Osíris, e sereis abençoado com outro filho. Essa foi a promessa da deusa.

— Esta noite é a véspera do festival. — O rei pareceu deliciado. — Será verdade, Taita, há vários meses estou disposto a desempenhar esse agradável dever, se apenas você me tivesse permitido. Mas ainda não me contou o que viu nos labirintos de Amon-Rá. — Mais uma vez ele inclinou-se avidamente, e eu estava preparado.

— Foi a mesma visão de antes, só que desta vez mais forte e vivida. A mesma floresta interminável crescendo nas margens do rio, cada árvore com a coroa imperial. Vossa dinastia adentrava as eras, forte e indissoluta.

O faraó suspirou satisfeito.

— Envie-me a menina.

Quando voltei à tenda, minha ama esperava-me. Estava vestida graciosamente e de bom humor.

— Fecharei os olhos e imaginarei que estou com Tanus novamente na tumba de Trás — ela confessou, rindo maliciosamente. — Embora imaginar o rei no lugar de Tanus seja o mesmo que ver um

rabo de camundongo se transformar numa tromba de elefante.

Aton veio buscá-la para ir à tenda do rei assim que ele terminou o jantar. Lostris foi com a expressão tranqüila e o passo firme, talvez sonhando com seu pequeno príncipe e com o verdadeiro pai dele, que nos esperava em Tebas.



Amada Tebas, bela Tebas dos cem portões, como nos alegramos ao vê-la surgir à nossa frente, enfeitando a ampla curva do rio com seus templos e muros iluminados!

Minha ama nomeava excitada cada um dos marcos principais que se revelavam. E quando o navio real encostou ao cais diante do palácio do grão-vizir, a alegria de voltar para casa nos abandonou e ambos ficamos em silêncio. Lostris pegou minha mão como uma menina assustada pelos contos de monstros, pois havíamos avistado seu pai.

O senhor Intef com seus filhos, Menset e Sobek, os dois heróis sem polegar, encabeçavam o grande número de nobres e patriarcas de Tebas que esperavam no cais para receber o rei. O senhor Intef estava belo e gentil como eu o imaginava em meus pesadelos, e senti meu entusiasmo esmorecer.

— Você deve ficar atento — minha senhora murmurou para mim. — Eles tentarão pegá-lo com seus artifícios. Lembre-se da serpente.

Não muito atrás do grão-vizir estava Rasfer. Durante nossa ausência ele obviamente fora promovido, pois agora usava um capacete de comandante dos Dez Mil e carregava o respectivo chicote de ouro. Seus músculos faciais não haviam melhorado. Uma de suas faces ainda estava horrivelmente enrugada e do canto da boca a saliva escorria. No instante em que me reconheceu e sorriu com a metade do rosto, ergueu o chicote dourado numa saudação irônica.

— Prometo-lhe, minha senhora, que mantere a mão na adaga e comerei apenas frutas que eu mesmo descascarei enquanto Rasfer e eu estivermos juntos em Tebas — murmurei, sorrindo para ele e retribuindo seu cumprimento com um animado aceno.

— Não aceite presentes estranhos — minha ama insistiu — e deve dormir aos pés da minha cama, onde o protegerei à noite. Durante o dia ficará ao meu lado e não sairá a passeio pela cidade.

— Isso será um prazer — respondi, e nos próximos dias cumpri a promessa e fiquei sob sua proteção imediata, pois estava certo de que o senhor Intef não ameaçaria sua ligação com o trono colocando a filha em perigo.

Com freqüência estávamos em companhia do grão-vizir, pois era dever dele escoltar o rei em todas as cerimônias do festival. Nesse ínterim, o senhor Intef desempenhou o papel de pai amoroso e atencioso para com a senhora Lostris, tratando-a com toda a consideração devida a uma esposa real. Todas as manhãs enviava-lhe presentes: ouro e jóias, requintados escaravinhos esculpidos, estatuetas sagradas de marfim e madeiras preciosas. Apesar das ordens de minha ama, não os devolvi. Não desejava aguçar o inimigo, e além disso eram presentes valiosos. Vendi-os discretamente e investi a renda em estoques de milho que ficaram guardados em celeiros de comerciantes confiáveis da cidade.

Em vista da colheita esperada, o preço do milho era o mais baixo dos últimos dez anos. Só havia uma direção que poderia tomar — para cima —, embora talvez tivéssemos de esperar um pouco para

obter lucro. Os mercadores deram-me recibos em nome de minha ama, que depusitei nos arquivos legais das cortes. Guardei para mim apenas uma quinta parte deles, que eu considerava uma comissão modesta.

Isso dava-me um secreto prazer quando eu flagrava o senhor Intef observando-me com seus olhos pálidos de leopardo. Seu olhar não me deixava dúvida de que seus sentimentos em relação a mim não haviam diminuído. Lembrei-me de sua paciência e persistência ao lidar com um inimigo. Ele esperava no centro da teia como uma bela aranha, e seus olhos brilhavam enquanto ele me observava. Lembrei-me do jarro de leite envenenado e da cobra, e, apesar de minhas precauções, senti-me inquieto.

Enquanto isso o festival se desenrolava com toda a cerimônia e a tradição dos últimos séculos. No entanto, nessa temporada não foram os Guardas Azuis de Tanus, mas outra esquadra que caçou as vacas-do-rio na lagoa de Hapi, e outra companhia de atores interpretou a paixão no templo de Osíris. Como o decreto do faraó foi observado e a versão da peça apresentada foi a minha, as palavras eram igualmente poderosas e emocionantes. Mas a nova Ísis não era tão bela quanto minha ama a havia encarnado nem Hórus era tão nobre e impressionante quanto o senhor Tanus. Por outro lado, Seth era atraente e encantador, comparado com o que Rasfer interpretara.

No dia seguinte à apresentação, o faraó atravessou o rio para inspecionar seu templo, e nessa ocasião manteve-me o dia todo junto dele. Em diversas oportunidades me consultou abertamente sobre vários aspectos da obra. Eu usava minha corrente de ouro sempre que era adequado fazê-lo, e nada disso passou despercebido ao senhor Intef. Percebi que estava enciumado pelo tratamento que o rei me dispensava e esperei que isso servisse para me proteger da vingança do grão-vizir.

Desde que eu deixara Tebas, outro arquiteto havia sido encarregado do projeto do templo. Talvez fosse injusto o faraó esperar que aquele infeliz conseguisse manter o alto padrão que eu estabelecera, ou executar o serviço no mesmo ritmo.

— Pela mãe abençoada de Hórus, gostaria que você continuasse encarregado disso, Taita — o faraó murmurou. — Se ela se separasse de você eu o compraria de sua ama e o manteria permanentemente na Cidade dos Mortos para supervisionar os trabalhos. Os custos parecem ter duplicado desde que esse idiota assumiu o cargo.

— Ele é um jovem ingênuo — concordei. — Os pedreiros e os construtores poderiam roubar-lhe os testículos que ele não daria pela falta.

— São as minhas bolas que estão roubando — zombou o rei. — Quero que você verifique com ele a relação de despesas e lhe mostre onde estamos sendo roubados.

Fiquei certamente lisonjeado com esse comentário, e aproveitei para indicar ao faraó os lapsos de gosto perpetrados pelo novo arquiteto ao redesenhar o frontão do templo, ou o trabalho canhestro que os espertalhões da guilda de pedreiros lhe haviam impingido. O frontão era misturado com o decadente estilo sírio que vigorava no Baixo Reino, onde o gosto banal do usurpador corrompia as tradições da arte clássica egípcia.

Quanto à habilidade do trabalho, demonstrei ao rei que era possível enfiar uma folha de papiro entre as juntas dos blocos de pedra que constituíam a parede lateral do templo fúnebre. O faraó ordenou que o frontão e as paredes fossem demolidos e multou a guilda de pedreiros em quinhentos *deben* de ouro, a serem pagos aos estoques reais.

O faraó passou o resto do dia e todo o seguinte revendo os tesouros do mausoléu. Ali, ao menos, pouco encontrou de que se queixar. Na história do mundo nunca houvera tanta riqueza reunida num só

lugar ao mesmo tempo. Mesmo eu, que amo as coisas refinadas, logo me cansei de tamanha abundância, e meus olhos ficaram ofuscados por tanto ouro.

O rei insistiu que a senhora Lostris permanecesse a seu lado o tempo todo. Acho que sua admiração por ela lentamente se transformava em verdadeiro amor, ou algo o mais semelhante de que ele era capaz. A consequência desse afeto por ela foi que quando voltamos pelo rio até Tebas minha ama estava exausta, e temi pelo filho que ela carregava. Era cedo demais para contar ao rei sobre seu estado e sugerir que lhe dedicasse maior consideração. Fazia menos de uma semana que ela voltara ao leito dele, e um diagnóstico de gravidez tão precoce poderia despertar suspeitas. Ele a via como uma jovem saudável e robusta, e tratava-a de acordo.



O festival terminou, como ocorria há séculos, com a reunião popular no templo de Osíris para ouvir a proclamação do trono. No patamar de pedra elevado diante do templo de Osíris, o faraó sentou-se no alto trono para que toda a congregação pudesse vê-lo com clareza. Usava a dupla coroa e carregava o gancho e a chibata.

Dessa vez houvera uma modificação na disposição habitual do templo, pois eu sugerira ao rei algo que ele decidiu graciosamente adotar. Contra três paredes do templo interno foi mandado construir um andaime de madeira que se erguia até a metade da altura das maciças paredes de pedra. Isso fornecia assento para milhares de notáveis de Tebas, de onde tinham uma visão constante e privilegiada dos procedimentos. Eu sugerira que os patamares fossem decorados com folhas de palmeira e flâmulas para disfarçar sua feiúra. Era a primeira vez que essas estruturas eram construídas em nossa terra. Desde então tornaram-se comuns e são erguidas na maioria das funções públicas, ao longo do trajeto das procissões reais e ao redor dos campos de jogos atléticos. Até hoje são conhecidas como "bancos de Taita".

Houve grande disputa pelos assentos, mas como inventor eu obtive os melhores lugares para minha ama e eu. Estávamos diretamente em frente ao trono, numa altura pouco acima da cabeça do rei, e assim tínhamos uma visão completa do pátio interno. Eu trouxera uma almofada de couro estofada de lã de cordeiro para minha senhora, e um cesto de frutas e doces, juntamente com jarros de *sherbet* e cerveja para nos sustentar durante a interminável cerimônia.

A nosso redor estava reunida toda a nobreza do país, senhores e senhoras vestidos com grande requinte. Os generais e almirantes portavam seus chicotes de ouro e exibiam com orgulho as condecorações e estandartes de seus regimentos; os mestres de guildas e ricos mercadores, os sacerdotes e embaixadores dos Estados vassalos do império, todos estavam ali reunidos.

Diante do rei estendiam-se os pátios do templo, cada qual abrindo-se para outro como as caixas de um jogo infantil, mas o desenho das paredes de pedra maciça fazia com que os portões se abrissem todos em perfeito alinhamento. Um adorador parado na avenida dos Carneiros Sagrados, à frente dos pilares do portão principal, podia olhar pelos portões internos e ver nitidamente o rei sentado no trono elevado, a quase quatrocentos passos de distância.

Todos os pátios estavam apinhados com o povo comum, e o excedente se espalhava pela avenida sagrada e os jardins além dos muros do templo. Apesar de eu ter vivido quase toda a vida em Tebas, jamais havia visto tamanha multidão. Era impossível contá-la, mas estimei que haveria duzentas mil

peessoas reunidas naquele dia. Dela erguia-se tal burburinho que me senti uma abelha na grande colméia a zumbir.

Em volta do trono havia um pequeno grupo dos mais altos dignitários, com as cabeças ao nível dos pés do faraó. Um deles era o sumo-sacerdote de Osíris. No último ano, o velho abade havia deixado este mundo transitório e iniciara sua jornada pelo submundo para os campos ocidentais do paraíso eterno. O novo abade era um homem jovem e decidido. Eu sabia que não se deixaria manipular facilmente pelo senhor Intef. Na verdade ele havia colaborado comigo em certos arranjos inusitados para a cerimônia de hoje, dos quais eu o encarregara enquanto acompanhava a construção das arquibancadas.

No entanto, a figura mais impressionante do grupo, que rivalizava com o próprio faraó, era o grão-vizir. O senhor Intef atraía todos os olhares com seu porte altivo e imponente, belo como uma lenda. Com as pesadas correntes da Comenda de Ouro pousadas sobre seus ombros e peito, parecia uma figura mítica do panteão. Logo atrás dele pairava a forma desprezível de Rasfer.

O senhor Intef abriu a cerimônia à maneira tradicional, adiantando-se no espaço vazio diante do trono e dando ao rei as boas-vindas das cidades gêmeas de Tebas. Enquanto ele falava, olhei de lado para minha ama e, embora eu compartilhasse seu desprezo fiquei chocado por sua expressão de ódio pelo pai, que não tentava disfarçar. Pensei em alertá-la para que não tornasse isso óbvio demais para os que a rodeavam, mas sabia que se o fizesse apenas atrairia mais atenção para seu ardente antagonismo.

O grão-vizir falou extensamente, enumerando suas próprias realizações e os serviços leais que prestara ao faraó no ano que transcorrera. A multidão se agitava e murmurava de aborrecimento e desconforto.

O calor desprendia-se de tantos corpos próximos, e os raios de sol que atingiam os pátios lotados ficavam presos entre as paredes do templo. Vi mais de uma mulher cambalear e cair desmaiada.

Quando finalmente o senhor Intef terminou o discurso, o sumo-sacerdote tomou seu lugar. Ele relatou ao rei os assuntos eclesiásticos de Tebas, enquanto o sol atingia o píncaro do meio-dia. O calor e o mau cheiro aumentavam; os perfumes e óleos fragrantes não conseguiam mais disfarçar o odor dos corpos quentes e do suor que escorria. Não havia como escapar da multidão para saciar as funções corporais urgentes, e homens e mulheres simplesmente agachavam-se onde estavam. O templo começou a cheirar como um estábulo ou uma latrina pública. Estendi a minha ama um lenço banhado em perfume, que ela colocou sobre o nariz.

Houve um suspiro de alívio quando afinal o sumo-sacerdote encerrou sua récita com uma bênção ao rei em nome de Osíris, e, com uma profunda reverência, retirou-se para seu lugar atrás do grão-vizir. Pela primeira vez desde que a multidão começara a se reunir, antes do amanhecer, houve completo silêncio. O tédio e o desconforto foram esquecidos e todos se concentraram para ouvir o discurso do faraó.

O velho levantou-se. Admirei-me de sua resistência, pois ficara sentado como uma estátua todo aquele tempo. Ele abriu os braços numa bênção, e nesse momento o costume e a tradição foram perturbados por um fato que mergulhou em consternação toda a platéia — sacerdotes, nobres e povo. Eu fui um dos poucos na multidão a não se surpreender com o que aconteceu, pois me havia desdobrado em seus preparativos.

As grandes portas de cobre polido do santuário abriram-se como que por vontade própria, num movimento que não parecia ter origem humana.

Um profundo suspiro percorreu como um vento os pátios do templo e agitou as arquibancadas apinhadas como se fossem folhas de um tamarindeiro. De repente uma mulher gritou, e imediatamente um gemido de terror e superstição percorreu todos. Alguns caíram de joelhos, outros levantaram as mãos sobre a cabeça, aterrorizados, outros ainda cobriram os rostos com os mantos para que não ficassem cegos ao olhar para aparições que não se destinavam aos mortais.

Um deus passou pelas portas do santuário, um deus alto e temível, cujo manto agitava-se em seus ombros quando ele caminhava. Seu capacete era encimado por um penacho de plumas de garça e suas feições eram grotescas e metálicas, meio de águia e meio humanas, com um bico recurvado e fendas escuras no lugar dos olhos.

— Akh-Hórus! — uma mulher gritou, e despencou semimorta sobre as lajes de pedra.

— Akh-Hórus! — o grito se repetiu. — É o deus!

Fileira após fileira, todos caíram de joelhos numa atitude reverente. Os que estavam nas arquibancadas se ajoelharam e muitos faziam o sinal contra a má sorte. Até o grupo de nobres ao redor do trono se abaixou. Em todo o templo apenas duas pessoas continuaram de pé. O faraó, postado nos degraus de seu trono como uma estátua pintada, e o grão-vizir de Tebas, alto e arrogante.

Akh-Hórus parou na frente do rei e olhou para ele através dos olhos recortados na máscara de bronze, e mesmo assim o faraó, não piscou. O rosto do rei estava pintado de branco puro, de modo que não pude saber se ele empalideceu, mas havia um brilho em seus olhos que tanto podia ser de êxtase religioso quanto de pavor.

— Quem é você? — o faraó desafiou. — E um espírito ou um homem? Por que perturba nossa cerimônia solene? — Sua voz era forte e nítida, sem qualquer tremor, e minha admiração por ele aumentou. Talvez fosse fraco, ingênuo e estivesse envelhecendo, mas tinha uma boa dose de coragem. Era capaz de enfrentar qualquer homem ou deus e manter a postura de um guerreiro.

Akh-Hórus respondeu-lhe com a voz que comandara regimentos no fragor desesperado das batalhas, uma voz que ecoou pelos pilares de pedra:

— Grande faraó, sou um homem, não um fantasma. Sou vosso homem. Venho à vossa presença atendendo a vossa ordem. Venho prestar contas da missão que me designastes neste lugar, neste mesmo dia de Osíris, dois anos atrás.

Ele ergueu o elmo da cabeça e as madeixas incendiadas se desenrolaram. Todos o reconheceram imediatamente e um grito se levantou, parecendo abalar as fundações do templo:

— Senhor Tanus! Tanus! Tanus!

Pareceu-me que minha ama foi quem gritou mais alto, quase me ensurdecendo.

— Tanus! Akh-Hórus! Akh-Hórus! — Os dois nomes se misturavam e rebatiam nas paredes do templo como ondas agitadas pela tempestade.

— Ele se ergueu da tumba! Ele se tornou um deus entre nós!

O rumor não cedeu até que Tanus retirou a espada da bainha e levantou-a, numa ordem clara de silêncio. Esta logo foi obedecida e ele voltou a falar:

— Oh, Grande Egito, tenho vossa permissão para falar?

Acho que a essa altura o rei não podia mais confiar em seu poder de oratória, pois fez um gesto com o gancho e a chibata, e então suas pernas pareceram ceder e ele despencou sentado no trono.

Tanus dirigiu-se a ele num tom vibrante que se transportou até o pátio externo:

— Dois anos atrás vós me encarregastes da destruição dos ninhos das víboras assaltantes que ameaçavam a sobrevivência do país. Con-fiastes-me o selo real do falcão.

De baixo do manto, Tanus retirou a estatueta azul e colocou-a sobre os degraus do trono. Então recuou e tornou a falar:

— Para melhor desempenhar as ordens do rei, encenei minha própria morte e fiz a múmia de um estranho ser encerrada em minha tumba.

— *Bak-Her!* —. gritou uma voz, e todas a acompanharam até que Tanus voltou a ordenar silêncio.

— Conduzi mil homens valentes da Guarda do Crocodilo Azul por desertos e lugares inóspitos, e descobri os carniceiros em suas fortalezas secretas. Lá os executamos às centenas e empilhamos suas cabeças decepadas junto às estradas.

— *Bak-Her!* — todos gritaram. — É verdade. Akh-Hórus fez tudo isso. — Mais uma vez Tanus os silenciou.

— Destruí o poder dos barões. Chacinei seus seguidores sem piedade. Em todo este nosso Egito permanece apenas um que ainda chama a si mesmo de pega.

Agora ninguém mais falava, bebendo cada palavra que ele dizia, fascinados e atentos. Mesmo o faraó não conteve sua impaciência:

— Fale, senhor Tanus, que agora o povo chama de Akh-Hórus. Quem é esse homem? Diga seu nome para que possa conhecer a ira do faraó.

— Ele se oculta sob o nome de Akh-Seth — Tanus vociferou. — Seus atos de infâmia equiparam-se ao de seu irmão, o deus das sombras.

— Diga seu verdadeiro nome — ordenou o faraó, erguendo-se novamente. — Revele quem é o último dos pegas!

Tanus prolongou o momento. Olhou ao redor do templo com deliberada lentidão. Quando nossos olhos se encontraram, fiz um sinal discreto que apenas ele viu, e seu olhar continuou percorrendo todo o espaço até que parou sobre as portas abertas do santuário.

A atenção de todos estava tão concentrada no senhor Tanus que a princípio ninguém notou a fileira de homens armados que saía rápida e silenciosamente do santuário. Embora estivessem de armadura completa e portassem os escudos de guerra, reconheci a maioria deles sob os capacetes. Eram Remrem e Astes, mais cinqüenta dos guerreiros Azuis. Com presteza eles se alinharam em volta do trono como uma guarda real, mas sem serem percebidos Remrem e Astes aproximaram-se por trás do senhor Intef. Assim que se posicionaram, Tanus voltou a falar:

— Indicar-vos-ei quem é Akh-Seth, ó, divino faraó. Ele se abriga covardemente à sombra de vosso trono. — Tanus apontou com a espada. — Ali está ele, usando a Comenda de Ouro no peito de traidor. Lá está ele, o único companheiro do faraó que transformou vosso reino num recreio de bandidos e assassinos. Aquele é Akh-Seth, o governador do distrito de Tebas, grão-vizir do Alto Reino.

Um terrível murmúrio se abateu sobre o templo. Devia haver dez mil pessoas ou mais ali que haviam sofrido nas mãos do senhor Intef e que tinham todos os motivos para odiá-lo, mas nenhuma voz se pronunciou contra ele em júbilo ou triunfo. Todos sabiam como era poderosa e certa a sua ira. Eu podia sentir o cheiro do medo no ar, espesso como a fumaça de incenso. Cada um deles compreendia que

nem mesmo a reputação de Tanus e seus feitos espetaculares eram suficientes para impor ao senhor Intef tal acusação sem provas. Demonstrar alegria ou aprovação nesse momento teria sido mortalmente insano.

Em meio ao burburinho, o senhor Intef riu com um tom de desprezo. Num gesto de repulsa, virou as costas para Tanus e falou diretamente para o rei:

— O sol do deserto cozinhou-lhe o cérebro. O pobre rapaz enlouqueceu. Não há uma só palavra de verdade em todas as suas acusações. Eu deveria estar enfurecido, mas em vez disso entristeço-me ao ver que um guerreiro respeitado tenha caído tão baixo. — Ele estendeu as duas mãos ao faraó, num gesto digno e leal. — Toda a minha vida servi ao faraó e ao meu povo. Minha honra é tão invulnerável que não vejo necessidade de defender-me contra estas loucuras. Sem temor deposito minha confiança na sabedoria e na justiça do divino rei. Em lugar de minha língua, que falem meus atos e meu amor pelo faraó.

Vi o rosto pintado do rei encher-se de indecisão. Seus lábios tremeram e seu cenho crispou-se, pois não era dotado de uma mente rápida e incisiva. Depois de um momento ele abriu a boca para falar, mas antes que pudesse balbuciar qualquer julgamento definitivo ou irremediável, Tanus levantou novamente a espada e apontou para as portas abertas do santuário, além do trono.

Por essas portas surgiu outra procissão de homens tão incomum que o faraó ficou olhando fixamente, ainda boquiaberto. Kratas vinha à frente, de visor levantado e espada na mão. Os que o seguiam usavam apenas tangas, e suas cabeças e pés estavam nus. Tinham os braços atados às costas e arrastavam os pés como escravos a caminho do leilão.

Observei a expressão de Intef e vi a surpresa tomar conta dele e fazê-lo cambalear como se tivesse recebido um soco no rosto. Ele havia reconhecido os prisioneiros, mas obviamente acreditara que estivessem mortos há muito tempo, com seus crânios brilhando nas estradas. Atirou um olhar lateral para a pequena porta da sacristia, numa parede quase oculta por uma cortina. Era sua única escapatória do pátio apinhado de gente, mas Remrem deu um passo à direita e bloqueou o caminho para a porta. O senhor Intef olhou para o trono, atrás de si, e ergueu o queixo num gesto desafiador e confiante.

Os seis prisioneiros atados alinharam-se diante do trono e então, a uma ordem silenciosa de Kratas, ajoelharam-se e inclinaram as cabeças.

— Quem são essas criaturas? — indagou o faraó, e Tanus parou diante do primeiro, pegou-o pelos pulsos atados e o fez levantar-se. A pele do prisioneiro era marcada por antigas cicatrizes de varíola, e seu olho cego refletia a luz como uma moeda de prata.

— O divino faraó pergunta quem é você — disse Tanus suavemente.

— Responda à pergunta.

— Grande Egito, sou Shufti — ele disse. — Fui um barão dos pegas antes de Akh-Hórus destruir meu clã na cidade de Gallala.

— E diga ao rei quem era seu senhor — insistiu Tanus.

— Akh-Seth era meu senhor — respondeu Shufti. — Fiz um juramento de sangue a Akh-Seth, e paguei a ele um quarto de toda a minha pilhagem. Em troca, Akh-Seth deu-me imunidade das forças da lei e forneceu-me informações sobre minhas futuras vítimas.

— Aponte para o rei o homem que você conhece como Akh-Seth — ordenou Tanus, e Shufti arrastou-se para a frente até encarar o senhor Intef. Encheu a boca de saliva e cuspiu no elegante uniforme do grão-vizir. — Este é Akh-Seth — ele gritou. — E que os vermes lhe corroam as entranhas!

Kratas puxou Shufti para o lado e Tanus ergueu o próximo cativo, ordenando-lhe:

— Diga ao rei quem você é.

— Sou Akheku, e fui um barão dos pegas, mas todos os meus homens foram mortos.

— Quem era seu senhor? A quem você pagava para poder agir? — interrogou Tanus.

— O senhor Intef era meu amo. Eu pagava ao grão-vizir parte de meu saque.

O senhor Intef manteve-se altivo e orgulhoso, sem demonstrar emoção diante das acusações que lhe imputavam. Nem se defendeu enquanto um a um os bandidos foram levados diante dele e cada um fez as mesmas declarações.

— O senhor Intef era meu senhor. O senhor Intef é Akh-Seth.

O silêncio da multidão era tão opressivo quanto o calor. Todos olhavam horrorizados, ou com um ódio silencioso, ou confusos e incrédulos. No entanto, nenhum deles ousou manifestar-se contra o grão-vizir ou demonstrar suas emoções antes de o faraó falar.

O último dos barões foi trazido adiante para confrontar-se com o senhor Intef. Era um homem alto e magro, com músculos tesos e pele queimada de sol. Havia em suas veias sangue beduíno, pois tinha barba crespa e espessa, olhos negros e nariz adunco, com uma expressão arrogante.

— Meu nome é Basti — ele falou, com mais clareza que qualquer dos outros. — Chamam-me Basti, o Cruel, mas não sei por que razão. — Ele sorriu com o humor sombrio de um enforcado. — Fui um barão dos pegas até que Akh-Hórus destruiu meu clã. O senhor Intef era meu patrão.

Desta vez ele não foi afastado como os demais. Tanus lhe falou novamente:

— Diga ao rei se conheceu Pianki, senhor Harrab, que foi outrora um nobre de Tebas.

— Eu o conheci bem. Tive negócios com ele.

— Que tipo de negócios? — indagou Tanus, num tom mortífero.

— Eu pilhei suas caravanas. Queimei suas lavouras nos campos, invadi suas minas em Sestra e matei os mineiros de maneira tão divertida que ninguém mais quis trabalhar ali. Incendiei suas casas. Enviei meus homens às cidades para difamá-lo, manchando sua honestidade e sua lealdade à coroa. Ajudei outros a destruí-lo até que ele bebeu datura de sua própria taça.

Vi a mão do faraó que segurava a chibata tremer e uma de suas pálpebras piscar, como eu já notara antes quando ele estava realmente perturbado.

— Quem foi que ordenou essas coisas?

— O senhor Intef ordenou tudo e recompensou-me com um *takh* de ouro puro.

— E que esperava ganhar o senhor Intef com essa perseguição ao senhor Harrab?

Basti sorriu e encolheu os ombros.

— O senhor Intef é o grão-vizir, enquanto Pianki, senhor Harrab, está morto. Parece-me que o senhor Intef atingiu seus objetivos.

— Reconhece que não lhe ofereci clemência em troca de sua confissão? Compreende que a morte o espera?

— Morte? — Basti riu. — Nunca tive medo disso. E a farinha do pão que eu asso. Já o dei de comer a muitos outros, por que deveria ter medo de banquetear-me?

Seria ele um louco ou um valente?, pensei enquanto o escutava jactar-se. De todo modo, não sentia por ele piedade ou admiração. Lembrei-me que Pianki, senhor Harrab, havia sido um homem de verdade, como seu filho, e a eles dediquei minha pena e minha admiração.

Vi a expressão impiedosa no olhar de Tanus. Eu sabia que ele partilhava meus sentimentos, e a pressão que fazia no punho da espada aumentou até que seus dedos ficaram brancos como os de um afogado.

— Levem-no! — ele rosnou. — Deixem-no à espera da decisão do rei.

Vi-o recompor-se com esforço e voltar-se para encarar o faraó. Diante dele, Tanus ajoelhou-se com um só joelho.

— Fiz tudo o que me pedistes, divino Mamose, deus e senhor de *Kemit*. Aguardo que me deis novas ordens.

Sua dignidade e sua graça fizeram minha garganta apertar-se num nó e esforcei-me para não chorar.

O silêncio persistia no templo. Ouvi a respiração arfante de Lostris ao meu lado e senti-a pegar minha mão e apertá-la com uma força que quase me partiu os dedos.

Enfim o faraó se manifestou, mas para minha decepção senti hesitação em sua voz e percebi intuitivamente que ele não desejava que aquela situação fosse verdadeira. Havia confiado tão profundamente e por tanto tempo no senhor Intef que aquilo tudo abalava os fundamentos de sua fé.

— Senhor Intef, escutou as acusações que lhe foram feitas. O que tem a dizer?

— Divino faraó, essas são de fato acusações? Considero-as meramente fantasias de um jovem que enlouqueceu de inveja. Ele é o filho de um traidor e um criminoso condenado. Os motivos do senhor Tanus são claros para mim. Ele está convencido de que o traidor Pianki deveria ter sido nomeado grão-vizir em meu lugar. De alguma maneira pervertida, ele me considera responsável pela derrocada de seu pai.

Ele fez um gesto de desprezo na direção de Tanus, com tanta habilidade que vi o rei vacilar. Suas dúvidas aumentavam. Durante toda a vida ele confiara em Intef e era-lhe difícil mudar de idéia. Queria acreditar em sua inocência.

— E as acusações dos barões? — perguntou o faraó enfim. — Qual a sua resposta para elas?

— Barões? — disse o senhor Intef. — Devemos honrá-los com tal título? Segundo seu próprio testemunho são criminosos da mais baixa espécie, assassinos, ladrões, violadores de mulheres e crianças. Assim como dos animais dos campos, devemos esperar deles verdade, honra e consciência? — Intef os apontou, e de fato estavam seminus e curvados como animais. — Vede-os, divina majestade. Não são o tipo de homem que se pode subornar ou castigar até que digam qualquer coisa para salvar sua pele? Aceitaríeis a palavra de um deles contra a de um homem que vos serviu fielmente durante toda a vida?

Vi o rei assentir levemente com a cabeça, aceitando o raciocínio do homem que ele considerava amigo, o homem a quem dera sua confiança e tantas recompensas.

— Tudo o que disse é verdade. Sempre me serviu com honestidade. Estes bandidos não sabem o que é honra e dignidade. É possível que tenham sido coagidos. — Ele hesitou, e o senhor Intef percebeu sua vantagem.

— Até agora só me insultaram com palavras. Certamente devem ter evidências para sustentar essas acusações mortais contra mim. Existe alguma pessoa neste nosso Egito que tenha provas verdadeiras

contra mim, além de meras palavras? Se houver, que se adiante. Então responderei às acusações. Se ninguém tiver provas, nada terei a responder.

Suas palavras perturbaram profundamente o faraó, conforme percebi. Ele olhou ao redor do salão, como que buscando as evidências que o senhor Intef exigia, e depois obviamente chegou a uma decisão.

— Senhor Tanus, que prova tem desses fatos, além das palavras de assassinos e criminosos?

— A fera escondeu bem suas pegadas — confessou Tanus — e abrigou-se no mato denso onde é difícil encontrá-la. Não tenho mais provas contra o senhor Intef, mas pode haver alguém que as tenha, alguém que seja inspirado pelo que escutou aqui hoje. Suplico-vos, Egito Real, pergunte ao vosso povo se há alguém que possa produzir outras evidências para nos ajudar.

— Meu faraó, isto é uma provocação. Meus inimigos serão instigados a deixar as sombras em que espreitam para atacar-me — gritou o senhor Intef num protesto veemente, mas o faraó silenciou-o com um gesto brusco.

— Eles estarão em perigo se prestarem falso testemunho contra você — prometeu o rei, e então dirigiu-se ao público presente. — Meu povo! Cidadãos de Tebas. Ouviram as acusações contra meu leal e amado grão-vizir. Há alguém dentre vocês que possa oferecer-me as provas que faltam ao senhor Tanus? Se houver, ordeno-lhe que fale.

Antes de perceber o que estava fazendo, levantei-me, e minha voz soou tão forte em meus próprios ouvidos que me assustei:

— Sou Taita, que já foi escravo do senhor Intef — gritei. O faraó olhou-me e franziu o cenho. — Tenho elementos que desejo mostrar a vossa majestade.

— Conheço-o bem, médico Taita. Aproxime-se.

Ao levantar-me do meu lugar na arquibancada e descer para colocar-me diante do rei, olhei para Intef e quase tropecei. Seu ódio era tão tangível que parecia um muro de pedra.

— Oh, Divino Egito, esta coisa é um escravo! — A voz do senhor Intef era fria e áspera. — A palavra de um escravo contra a de um senhor do círculo tebano e um alto oficial do governo. Que espécie de zombaria é esta?

Eu ainda estava tão condicionado a reagir à sua voz e a sucumbir à sua palavra que minha força de vontade vacilou. Então senti a mão de Tanus em meu braço. Foi apenas um breve toque, mas que me deu apoio e coragem. Intef percebeu o gesto e o indicou ao rei.

— Vedes como este escravo foi subornado pelo meu acusador? É mais um dos macacos amestrados do senhor Tanus. — A voz do senhor Intef estava novamente suave como mel. — Sua insolência não tem limites. Há penalidades previstas nos códigos legais...

O faraó silenciou-o com um gesto do chicote.

— Está abusando de nossa boa vontade para consigo, senhor Intef. Cabe a mim aplicar ou emendar os códigos legais. Neles estão previstas penalidades para os bem-nascidos e para os homens comuns. Seria aconselhável que se lembre disso.

Intef inclinou-se submissamente e continuou calado, mas de repente deu-se conta de sua situação e seu rosto ficou murcho e abatido. O rei olhou para mim.

— São circunstâncias incomuns, de modo que permitem soluções sem precedentes. No entanto, escravo Taita, deixe-me avisá-lo de que se suas palavras forem frívolas, se carecerem de substância, a

corda estranguladora o espera.

A ameaça e o olhar venenoso que o senhor Intef me dirigiu fizeram-me gaguejar:

— Enquanto fui escravo do grão-vizir, fui também seu mensageiro e emissário junto aos barões. Conheço todos estes homens. — Apontei para os prisioneiros que Kratas mantinha perto do trono. — Era eu quem levava a eles as ordens do senhor Intef.

— Mentiras! Mais palavras sem fundamento! — protestou o grão-vizir, mas agora sua voz tinha um tom desesperado. — Onde estão as provas?

— Silêncio! — o rei ordenou com súbita fúria. — Ouviremos o testemunho do escravo Taita. — Ele olhava diretamente para mim, e respirei fundo antes de continuar.

— Era eu quem levava as ordens do senhor Intef para Basti, o Cruel. As ordens eram para destruir as propriedades e a fortuna de Pianki, senhor Harrab. Naquela época eu era confidente de Intef e sabia que ele desejava obter para si o cargo de grão-vizir. Todas as coisas que o senhor Intef ordenou foram cumpridas. O senhor Harrab foi destruído e privado dos favores e da amizade do faraó, por isso tomou o cálice de datura. Eu, Taita, atesto essas coisas.

— É verdade — Basti ergueu para o trono os braços atados. — Tudo o que Taita disse é verdade.

— *Bak-Her!* — gritaram os barões. — E verdade. Taita falou a verdade.

— Ainda assim, são apenas palavras — meditou o rei. — O senhor Intef exige provas. Eu, o faraó, exijo provas.

— Durante metade de minha vida fui escriba e tesoureiro do grão-vizir.

Mantive os registros de sua fortuna, anotei em meus papiros seus lucros e despesas. Eu recebia os saques que os barões dos pegas pagavam ao senhor Intef e administrava sua riqueza.

— Pode mostrar-me esses pergaminhos, Taita? — A expressão do faraó ficou radiante como a lua cheia à menção do tesouro. Agora eu conquistara toda a sua atenção.

— Não, majestade. Não posso fazê-lo. Os papiros sempre ficaram em poder do senhor Intef.

O faraó não tentou esconder sua decepção e voltou o rosto contraído para mim, mas continuei obstinadamente:

— Não posso vos mostrar os papiros, mas talvez possa vos levar ao tesouro que o grão-vizir roubou de vós e do povo do vosso reino. Fui eu quem acumulou para ele esses tesouros secretos e escondi-os com o saque que recebia dos barões. Nesses depósitos armazenei a riqueza que os coletores de impostos do faraó jamais viram.

A excitação do rei reacendeu-se, quente como brasas na forja do ferreiro. Ele inclinou-se para a frente com avidez. Embora todos os olhares no templo estivessem fixos em mim, e os nobres se amontoassem na frente para ouvir cada palavra, eu observava o senhor Intef sem ser notado. As portas de cobre do santuário eram como espelhos grandes que aumentavam seu reflexo. Ficavam claros para mim cada nuance de sua expressão e cada movimento que ele fazia, por mais sutis que fossem.

Eu estava assumindo um risco fatal, supondo que seu tesouro continuasse nos locais secretos em que eu o havia depositado. Nos últimos dois anos ele poderia tê-lo transferido para qualquer outro lugar. Mas uma mudança de local de tal quantidade de riquezas teria sido um trabalho enorme, e o risco de fazê-lo seria tão grande quanto o de deixá-lo onde estava. Intef teria sido obrigado a depositar sua confiança em

outras pessoas, e isso não era fácil para ele, um homem desconfiado por natureza. Além disso, havia o fato de que até recentemente ele me acreditara morto, e comigo o segredo.

Calculei que minhas chances estavam equilibradas e decidi arriscar nisso minha vida. Então segurei a respiração ao observar o reflexo do senhor Intef nas portas metálicas. Meu coração disparou e meu espírito ergueu-se nas asas da águia. Vi pelo pânico e o sofrimento em sua expressão que minha seta havia atingido o alvo. Eu vencera. O tesouro continuava onde eu o havia deixado. Percebi que poderia levar o faraó ao esconderijo da fortuna reunida por Intef durante a vida inteira.

Mas ele ainda não se dera por vencido. As coisas não seriam tão fáceis. Vi-o fazer um gesto com a mão direita que me intrigou, e enquanto pensei nisso quase foi tarde demais.

Em meu triunfo, eu me esquecera de Rasfer. O senhor Intef fez-lhe um sinal rápido de mão e Rasfer reagiu como um mastim treinado para o ataque pelo caçador. Atirou-se contra mim com tal ferocidade que nos pegou a todos de surpresa. Precisava vencer apenas dez passos para me alcançar, e enquanto avançava desembainhou a espada.

Havia dois homens de Kratas entre nós, mas estes estavam de costas para Rasfer, que os abalroou e derrubou-os ao chão, um deles espar-ramando-se diante de Tanus e bloqueando seu caminho quando ele tentou correr em meu auxílio. Eu estava só e indefeso, e Rasfer ergueu a espada com ambas as mãos para rachar meu crânio até o osso do peito. Levantei as mãos para aparar o golpe, mas minhas pernas estavam paralisadas de terror e não consegui mover-me para me esquivar da lâmina sibilante.

Não cheguei a ver Tanus atirar sua espada. Tudo o que eu via era o rosto de Rasfer, mas subitamente a espada estava voando. O medo parecia ter ressaltado meus sentidos de tal maneira que o tempo passava lentamente, como o óleo gotejando do jarro. Vi a espada de Tanus girando no ar sobre seu próprio eixo, brilhando a cada revolução como um relâmpago de verão, mas ela não havia completado uma volta quando atingiu o alvo, e foi o punho e não a ponta que acertou a cabeça de Rasfer. Não o matou, mas escoiceou-lhe a cabeça, dobrando seu pescoço como um ramo de salgueiro ao vento, fazendo seus olhos rolar para trás nas órbitas.

Rasfer jamais completou o golpe que me dirigira. Suas pernas se dobraram e ele caiu a meus pés como uma trouxa. A espada voou de seus dedos amortecidos, girando no ar, e então desceu, enterrando-se na lateral do trono do faraó, onde ficou vibrando. O rei olhou-a incrédulo e chocado. A lâmina aguçada havia-lhe tocado o braço e ferido a pele. Enquanto todos observávamos, gotículas cor de rubi verteram pelo ferimento raso e pingaram no saiote branco do rei.

Tanus rompeu o silêncio aterrorizado:

— Grande Egito, vistes quem deu o sinal para que esta fera atacasse. Sabeis quem é o culpado de ter posto em perigo vossa real pessoa. — Ele saltou por cima do guarda-costas caído e agarrou o senhor Intef pelo braço, torcendo-o até que ele caiu de joelhos e gritou de dor.

— Eu não queria acreditar que você fosse capaz disso. — A expressão do faraó era de tristeza quando olhou para o grão-vizir. — Confiei em você toda a minha vida e você cuspiu em mim.

— Grande Egito, ouvi-me! — o senhor Intef suplicou, ajoelhado, mas o faraó virou-lhe o rosto.

— Já o escutei demais. — Então fez um gesto de cabeça para Tanus. — Mande seus homens prenderem-no, mas demonstre cortesia, pois sua culpa ainda não está totalmente provada.

Finalmente o faraó dirigiu-se ao público:

— Estes são fatos estranhos e sem precedentes. Adio os procedimentos para considerar completamente as evidências que o escravo Taita me apresentará. A população de Tebas se reunirá novamente neste mesmo lugar para ouvir meu julgamento, amanhã ao meio-dia. Tenho dito.



Entramos pela porta principal do salão de audiências do palácio A do grão-vizir. O faraó fez uma pausa na soleira. Embora o ferimento da espada de Rasfer fosse leve, eu o havia enfaixado com linho e colocado o braço numa tipóia.

O faraó observou lentamente o salão. Na extremidade oposta do longo espaço estava o trono do grão-vizir. Esculpido de um bloco maciço de alabastro, era quase tão imponente quanto o próprio trono real, em Elefantina. As paredes altas eram revestidas de argila lisa, sobre a qual haviam sido pintados os afrescos mais impressionantes que eu jamais desenhei. Eles transformavam a sala num reluzente jardim das delícias. Eu os havia pintado quando era escravo do senhor Intef, e embora fossem minha própria criação senti um arrepio de prazer ao observá-los.

Não tenho dúvida de que apenas aquelas obras, sem levar em conta qualquer outra de minhas realizações, sustentariam minha reivindicação de artista mais importante da história de nosso país. Entristeci-me ao pensar que eu os criara e agora teria de demoli-los. Isso empanava o triunfo daquele dia tumultuado.

Conduzi o faraó pelo salão. Havíamos dispensado qualquer protocolo, e o rei estava impaciente como uma criança. Seguia-me tão de perto que quase tropeçou nos meus calcanhares, e o séquito real acompanhava-o igualmente curioso.

Levei-os até a parede atrás do trono e paramos sob o enorme mural que representava o deus-sol, Amon-Rá, em sua jornada diária através dos céus. Mesmo em sua excitação, pude ver a expressão do rei quando ele olhou para a pintura.

Atrás de nós, o grande salão se enchera pela metade com o séquito real, cortesãos, guerreiros e nobres senhores, para não falar nas esposas e concubinas reais, que teriam dado suas caixas de pintura facial para não perder momento tão excitante quanto o que eu prometera. Naturalmente, minha ama estava à frente. Tanus caminhava apenas um passo depois do rei. Ele e os Guardas Azuis haviam assumido a função de guarda-costas do faraó.

O rei voltou-se para Tanus:

— Mande seus homens trazer o senhor Intef.

Tratando-o com uma cortesia gélida, Kratas conduziu Intef até a parede, mas interpôs-se entre o prisioneiro e o rei e ficou com a espada de prontidão.

— Taita, pode continuar — o rei falou, e eu medi a parede, dando exatamente trinta passos a partir do canto mais distante e marcando a distância com um pedaço de giz que trouxera para esse fim.

— Por trás desta parede ficam os apartamentos privados do grão-vizir — expliquei ao rei. — Certas alterações foram feitas na última reforma do palácio. O senhor Intef gosta de ter sua riqueza bem à mão.

— Às vezes você é tagarela, Taita. — O faraó estava menos que interessado em minha aula sobre a arquitetura palaciana. — Prossiga com isso, amigo. Estou ardendo para ver o que há escondido aqui.

— Que se aproximem os pedreiros! — ordenei, e um pequeno grupo de trabalhadores robustos, com seus aventais de couro, percorreu o salão e depositou junto à parede seus sacos de couro com as ferramentas. Eu os havia requisitado da obra da tumba real, do outro lado do rio. Seus cabelos recobertos de pó branco davam-lhes um halo de vivência e sabedoria que poucos deles mereciam.

Pedi ao mestre o esquadro de madeira, e com ele marquei uma forma oblonga na parede de barro. Então recuei e dirigi-me ao mestre:

— Trabalhem delicadamente. Danifiquem os afrescos o mínimo possível. São grandes obras de arte.

Com seus malhos de madeira e cinzéis de pedra, eles atacaram a parede, fazendo pouco caso de minhas instruções. A pintura e o gesso voavam em nuvens enquanto os torrões da parede externa eram arrancados e caíam ao chão de mármore. A poeira importunava as damas e elas cobriram as bocas e narizes com seus xales.

Debaixo da camada de gesso emergiu lentamente o contorno dos blocos de pedra. Então o faraó soltou uma exclamação e, ignorando a poeira no ar, aproximou-se e observou o desenho que surgia sob a superfície. As carreiras regulares de blocos de pedra eram cortadas por uma diagonal de pedra de outra cor, que acompanhava quase exatamente o contorno que eu delineara na camada externa.

— Há uma porta escondida aqui! — gritou o faraó. — Abram-na imediatamente!

A ordem do rei, os pedreiros atacaram com vontade a passagem selada, e, ao remover a pedra angular, os demais blocos soltaram-se com facilidade. Revelou-se uma passagem escura, e o faraó, que agora assumira o comando dos trabalhos, pediu excitadamente que se acendessem tochas.

— Todo o espaço atrás desta parede é um compartimento secreto — expliquei ao faraó, enquanto ele esperava que trouxessem as tochas.

— Eu o mandei construir sob as ordens do senhor Intef.

Quando chegaram as tochas, Tanus pegou uma delas e iluminou o caminho para o rei passar pela porta recém-revelada. O rei entrou e eu fui o próximo a passar depois dele e de Tanus.

Fazia muito tempo desde que eu entrara ali pela última vez, e olhei em torno com tanto interesse quanto os outros. Nada havia mudado desde então. Os baús e as arcas de cedro e acácia estavam empilhados exatamente como eu os deixara. Indiquei para o faraó os baús que deveria inspecionar primeiro, e ele ordenou que fossem levados para o salão de audiências.

— Precisaré de homens fortes para carregá-los. São muito pesados — avisei.

Foram necessários três possantes guardas para levantar cada caixa e fazê-la atravessar a abertura irregular na parede.

— Nunca vi estas caixas antes — protestou o senhor Intef, quando a primeira delas foi transportada e colocada sobre o trono do grão-vizir.

— Eu não tinha conhecimento dessa câmara secreta. Deve ter sido construída por meu antecessor, e os cofres colocados aí por sua ordem.

— Vossa majestade, observai o selo sobre a tampa. — Mostrei ao rei, que olhou para o lacre de argila.

— De quem é este selo? — ele indagou.

— Observai o anel no dedo anular da mão esquerda do grão-vizir, majestade — murmurei. — Posso respeitosamente sugerir que o faraó o compare ao carimbo nesta arca?

— Senhor Intef, entregue-me seu anel, por favor — pediu o rei com exagerada cortesia, e o grão-vizir escondeu a mão esquerda atrás das costas.

— Grande Egito, o anel está em meu dedo há vinte anos. Minha carne aumentou ao redor dele e agora não posso retirá-lo.

— Senhor Tanus. — O rei virou-se para ele. — Pegue sua espada, remova o dedo do senhor Intef e traga-o aqui com o anel.

Tanus sorriu cruelmente ao aproximar-se de Intef para cumprir a ordem do rei.

— Talvez eu tenha me enganado — admitiu o senhor Intef rapidamente. — Deixe-me ver se consigo retirá-lo. — O anel saiu com relativa facilidade de seu dedo e Tanus ajoelhou-se para entregá-lo ao rei.

O faraó inclinou-se atentamente sobre a arca e comparou o anel com o lacre. Quando se endireitou, tinha o rosto rubro de raiva.

— Combina perfeitamente. Este selo foi marcado com seu anel, senhor Intef. — Mas o grão-vizir não respondeu à acusação. Estava com os braços cruzados e uma expressão pétrea.

— Rompam o lacre e abram o baú — ordenou o faraó, e Tanus quebrou o tablete de argila e levantou a tampa com a espada.

O rei deu um grito involuntário quando a tampa caiu, revelando o conteúdo do cofre.

— Por todos os deuses!

Os cortesãos aproximaram-se sem cerimônia para espiar o interior da arca, empurrando-se para ter uma visão melhor e soltando exclamações.

— Ouro! — O rei encheu as mãos com os reluzentes anéis e deixou-os escorrer entre os dedos numa cascata. Segurou um único anel e aproximou-o do rosto para examinar as marcas de contraste. — Dois *deben* de puro ouro. Quanto conterà esta arca, e quantas caixas haverá na sala secreta? — Sua pergunta era retórica e ele não esperava qualquer resposta, mas dei-a assim mesmo:

— Esta arca contém... — li as anotações que eu fizera na tampa tantos anos atrás — .. contém um *takh* e trezentos *deben* de ouro puro. E se não me falha a memória deve haver cinqüenta e três baús de ouro e vinte e três de prata neste depósito. Mas esqueci-me de quantas arcas de jóias escondemos aqui.

— Não há ninguém em quem eu possa confiar? Senhor Intef, tratei-o como meu irmão. Dei-lhe todos os benefícios, e foi assim que me retribuiu?



A meia-noite o chanceler e o inspetor-chefe dos impostos reais vieram ao aposentos do rei, onde eu trocava o curativo de seu braço ferido. Apresentaram a relação final do tesouro e o faraó o leu com espanto. Mais uma vez suas emoções conflitavam, o ultraje misturando-se à alegria daquela descoberta.

— O larápio era mais rico que seu próprio rei. Não há punição suficientemente dura para tal crime. Ele traiu e roubou a mim e aos coletores de impostos.

— Além de assassinar e saquear o senhor Harrab e dezenas de milhares de vossos súditos — lembrei-lhe, enquanto fixava a atadura em seu braço. Talvez eu tenha sido atrevido, mas agora ele estava tão penhorado a mim que corri o risco.

— É verdade — o faraó concordou rapidamente, e meu sarcasmo foi inútil. — Sua culpa é mais profunda que o mar e mais elevada que o céu. Preciso imaginar uma punição adequada. O estrangulamento seria muito brando para o senhor Intef.

— Majestade, como vosso médico devo insistir em que descanseis agora. Foi um dia que exigiu muito de vossa grande força e resistência.

— Onde está Intef? Não quero descansar enquanto não me certificar de que está bem guardado.

— Ele está detido em seus próprios apartamentos, majestade, sob a guarda de um capitão e um destacamento dos Azuis. — Hesitei um pouco. — Rasfer também está preso.

— Rasfer, aquele animal medonho? O que tentou matá-lo no templo de Osíris? Sobreviveu ao golpe que lhe desferiu o senhor Tanus?

— Ele está bem, embora não muito feliz, majestade — afirmei. — Vossa majestade sabia que foi Rasfer quem, há muito tempo, usou em mim a faca castradora?

Vi um raio de piedade cruzar o olhar do rei quando eu disse isso.

— Dar-lhe-ei o mesmo tratamento que darei ao patrão dele — prometeu o faraó. — Ele sofrerá a mesma punição que Intef. Isso o deixará satisfeito, Taita?

— Vossa majestade é justo e onisciente.

Retirei-me andando de costas e fui procurar minha ama.

Ela me esperava, e embora passasse de meia-noite e eu estivesse exausto, não me deixou dormir. Estava excitadíssima e insistiu que eu passasse o resto da noite sentado a seu lado na cama, escutando-a tagarelar sobre Tanus e outros temas menos importantes.



Apesar de não ter dormido, eu estava desperto e lúcido na manhã seguinte ao tomar assento no templo de Osíris. O público ali reunido era ainda maior que no dia anterior. Não havia uma alma em

Tebas que não houvesse sabido da queda do grão-vizir e que não estivesse ávida para presenciar sua humilhação definitiva. Mesmo seus comparsas, que haviam prosperado sob a administração corrupta, agora voltavam-se contra ele como uma matilha de hienas que devora seu líder quando ele está doente e ferido. Os esfarrapados barões dos pegas foram conduzidos diante do trono, mas quando o senhor Intef entrou no templo vestia finos tecidos e sandálias de prata. Tinha os cabelos recém-frisados, o rosto pintado e a Comenda de Ouro pendurada do pescoço.

Os barões ajoelharam-se diante do faraó, mas mesmo quando um guarda o espetou com a espada o senhor Intef recusou-se a dobrar o joelho e o rei sinalizou para o guarda desistir.

— Que fique em pé! — ordenou o rei. — Ficaré bastante tempo deitado na tumba.

Então o faraó levantou-se diante do público com toda a sua imponência e sua ira. Dessa vez parecia um verdadeiro rei, valente e poderoso como fora o primeiro de sua dinastia. Eu, que já o conhecia bem e às suas fraquezas, vi-me tomado por um sentimento de admiração.

— Senhor Intef, é acusado de traição e assassinato, de saque e pirataria, e de cem outros crimes não menos dignos de punição. Ouvi o testemunho confirmado de cinquenta de meus súditos, de todos os escalões de vida, nobres senhores, homens livres e escravos. Vi o conteúdo do tesouro secreto onde você escondeu a riqueza roubada dos coletores reais. Vi seu selo pessoal sobre as arcas. Por todas essas formas sua culpa ficou comprovada mil vezes. Eu, Mamose, o oitavo desse nome, faraó e governante do Egito, julgo-o culpado de todos os crimes de que é acusado e indigno da clemência real.

— Longa vida ao faraó! — gritou Tanus, e a saudação foi repetida dez vezes pelo povo de Tebas. — Que viva para sempre!

Quando se fez silêncio, o faraó voltou a falar:

— Senhor Intef, está usando a Comenda de Ouro. A visão dessa honraria no peito de um traidor me ofende. — Ele olhou para Tanus. — Centurião, retire o colar do prisioneiro.

Tanus ergueu a corrente do pescoço do senhor Intef e levou-a até o rei. O faraó recebeu a jóia com as duas mãos, mas quando Tanus começou a recuar ele o deteve, dizendo:

— O nome do senhor Harrab foi maculado pela calúnia da traição. Seu pai foi levado à morte por um traidor. Mas você provou sua inocência. Revogo todas as sentenças emitidas contra Pianki, senhor Harrab, e restauro postumamente a ele todas as honras e os títulos que lhe foram despojados. Essas honras e títulos reverterem a você, seu filho.

— *Bak-Her!* — gritou a multidão. — Que o faraó viva para sempre! Salve Tanus, senhor Harrab!

— Além dos títulos que agora recebe em herança, confiro-lhe uma nova distinção. Você cumpriu a missão que lhe designei. Destruíu os bandidos e entregou seu líder à justiça. Em reconhecimento por esse serviço, confiro-lhe a Comenda de Ouro. Ajoelhe-se, senhor Harrab, e receba a graça real.

— *Bak-Her!* — todos gritaram quando o faraó colocou no pescoço de Tanus a corrente de ouro que até há pouco pertencia ao senhor Intef, mas à qual ele acrescentara a Estrela do Guerreiro. — Salve, senhor Harrab!

Quando Tanus recuou, o faraó voltou sua atenção para os prisioneiros.

— Intef, está privado de seu título de senhor do círculo tebano. Seu nome e cargo serão apagados de todos os monumentos públicos e da tumba que você preparou no Vale dos Nobres. Suas propriedades e todos os seus bens, inclusive seu tesouro ilícito, são revertidos à coroa, exceto as propriedades que

pertenceram a Pianki e que por meios falazes passaram às suas mãos. Estas são agora devolvidas inteiramente a seu herdeiro, meu valoroso Tanus, senhor Harrab.

— *Bak-Her!* O faraó é sábio! Que viva para sempre! — o povo gritou com excitação, e a meu lado Lostris chorava abertamente, assim como a metade das damas reais. Poucas conseguiam resistir à figura heróica, cujos cabelos dourados pareciam ofuscar as correntes sobre seu peito.

Então o rei me surpreendeu. Olhou diretamente para onde eu estava, ao lado de minha ama.

— Há outra pessoa que prestou leais serviços à coroa, aquele que revelou o paradeiro dos tesouros roubados. Que se aproxime o escravo Taita.

Desci e postei-me diante do trono, e o rei falou com voz suave:

— Você sofreu um mal indizível nas mãos do traidor Intef e de seu carrasco Rasfer. Foi forçado por eles a cometer atos nefastos e crimes capitais contra o Estado, relacionando-se com bandidos e ladrões e escondendo o tesouro de seu patrão dos coletores reais. No entanto, absolvo-o de toda culpa. Considero-o inocente de qualquer crime e o recompenso com dois *takhs* de ouro puro, a serem retirados do tesouro confiscado ao traidor Intef.

Um murmúrio de incredulidade acompanhou essa declaração, e dei um forte soluço. Era uma quantia surpreendente, uma fortuna que se equiparava apenas às dos senhores mais abastados do país, suficiente para comprar grandes extensões de terra fértil à beira do rio, trezentos escravos fortes para trabalhar na lavoura, bastante para equipar uma frota de navios mercantes e enviá-los aos confins da terra para trazer-me mais riquezas. A soma era suficiente para superar até minha imaginação, mas o rei não havia terminado.

— Como escravo, essa quantia não será paga a você, mas a sua ama, a senhora Lostris, que é a esposa mais jovem do faraó. — Eu deveria ter adivinhado que o faraó manteria tudo em família.

Eu, que por um instante fora um dos homens mais ricos do Egito, inclinei-me para o rei e voltei ao meu lugar. Lostris apertou minha mão para consolar-me, mas eu não estava realmente triste. Nossos destinos eram tão entrelaçados que eu fazia parte dela e sabia que nunca mais teríamos necessidade de qualquer coisa material. E já comecei a planejar como investiria a fortuna de minha ama.

Finalmente o rei se dispôs a emitir a sentença para a fila de prisioneiros, embora ao falar olhasse apenas para Intef.

— Seus crimes não têm paralelo. Nenhuma punição já emitida é suficiente para seu caso. Esta é portanto a sentença que lhes imporei. Na madrugada do dia seguinte ao festival de Osíris, serão conduzidos pelas ruas de Tebas, nus e amarrados. Ainda vivos, serão pregados pelos pés ao portão principal da cidade, de cabeça para baixo. Serão deixados ali até que seus ossos sejam completamente limpos pelos corvos. Então seus esqueletos serão removidos, moídos até virar pó e atirados à mãe Nilo.

Até mesmo Intef empalideceu e vacilou sobre os pés ao ouvir a sentença. Ao dispersar seus corpos, impedindo-os de ser embalsamados e preservados, o faraó condenava os prisioneiros ao esquecimento. Para um egípcio não poderia haver pior castigo. Eram-lhes negados os campos do paraíso por toda a eternidade.



Quando minha senhora expressou sua decisão de assistir às execuções e ver seu pai ser pregado ao portão da cidade, acho que não percebia verdadeiramente o horror que iria presenciar. Eu estava igualmente decidido que ela não deveria estar lá para ver. Ela nunca havia apresentado essa faceta sádica. Acredito que sua decisão tenha sido influenciada pelo fato de que a maioria das mulheres reais iria divertir-se com o espetáculo, e que Tanus estaria no comando da execução. Ela não desperdiçaria a oportunidade de vê-lo, mesmo que a distância.

Afinal convenci-a, utilizando o argumento mais pungente do meu arsenal.

— Minha senhora, cenas tão cruéis certamente afetarão o filho que está carregando. Com certeza não vai querer prejudicar sua mente em formação.

— Isso não é possível. — Ela vacilou pela primeira vez em nossa discussão. — Meu filho não poderia tomar conhecimento de nada.

— Ele enxergará através de seus olhos, e os gritos do avô agonizante atravessarão as paredes de sua barriga e penetrarão seus pequenos ouvidos. — Foi uma seleção de palavras evocativas que tiveram o efeito desejado.

Ela pensou no assunto longamente e então suspirou.

— Muito bem, mas espero que você me faça uma descrição completa de tudo. Não deve esquecer um único detalhe. Especialmente quero saber o que as outras esposas reais estarão vestindo. — E ela sorriu maliciosamente para mim, para provar que não havia sido totalmente iludida por meus argumentos. — Você sussurrará tudo para mim, e assim a criança adormecida em meu ventre não poderá escutar.

Na madrugada do dia da execução, os jardins do palácio ainda estavam às escuras quando saí do harém. Corri pelos jardins aquáticos, vendo as estrelas refletidas nos tanques. Ao aproximar-me da ala do palácio onde Intef estava preso em seus próprios apartamentos, vi o clarão de lamparinas e tochas iluminando as janelas e ouvi gritos de ordens exaltadas lá dentro.

Percebi imediatamente que havia algo errado e corri desabalada-mente. Quase fui barrado pelo guarda à porta dos aposentos do senhor Intef, mas ele me reconheceu e ergueu a espada para me deixar passar.

Tanus, no centro da antecâmara, rugia como um leão na armadilha e desferia socos em quem se aproximasse. Embora ele sempre houvesse demonstrado um temperamento tempestuoso, jamais o vira tão possuído pela raiva. Parecia ter perdido a capacidade de raciocinar ou de falar articuladamente. Seus homens, aqueles possantes heróis da Guarda do Crocodilo Azul, esquivavam-se dele, e toda a ala do palácio estava em torvelinho.

Dirigi-me diretamente a Tanus, esquivando-me de um soco furioso, e gritei-lhe:

— Tanus! Sou eu! Controle-se! Em nome de todos os deuses, está louco?

Ele quase me golpeou. Vi-o lutar com as emoções e finalmente controlá-las.

— Veja o que pode fazer por eles. — Tanus indicou os corpos espalhados pela antecâmara, como se ali houvesse ocorrido uma batalha.

Reconheci horrorizado que um deles era Khetkhet, um respeitado capitão do regimento. Estava enrodilhado num canto, apertando o estômago, com uma agonia estampada no rosto que esperei nunca mais presenciar. Toquei-lhe o rosto e sua pele estava fria.

Balancei a cabeça.

— Ele está além de qualquer ajuda que eu possa oferecer. — Levantei-lhe a pálpebra com o polegar e espiei seu olho, a pupila já não reagia mais a luz, sdepois inclinei-me e cheirei sua boca. O leve odor de cogumelos era-me terrivelmente familiar. Levantei-me.

— Veneno. Os outros também. — Havia cinco deles retorcidos no chão.

— Como? — perguntou Tanus, num tom de calma forçada. Eu peguei uma das tigelas empilhadas numa mesa baixa onde certamente haviam feito a refeição e cheirei-a. O odor de cogumelos era forte.

— Pergunte aos cozinheiros — sugeri. Então, num súbito acesso de raiva, atirei a tigela contra a parede. Os corpos encolhidos lembraram-me meus animais, que haviam sofrido a mesma morte, e Khetkhet fora meu amigo.

Respirei fundo para acalmar-me antes de perguntar:

— Seu prisioneiro conseguiu escapar?

Tanus não respondeu, mas conduziu-me ao quarto do grão-vizir. Vi imediatamente o grande painel pintado que fora removido da parede oposta e a abertura por trás dele.

— Você conhecia esta passagem secreta? — Tanus perguntou friamente, e balancei a cabeça.

— Pensei que conhecesse todos os seus segredos, mas enganei-me. — Minha voz era de resignação. Acho que no fundo do coração eu soubera que jamais conseguiríamos levar Intef à justiça. Ele era um favorito dos deuses das sombras e desfrutava sua proteção.

— Rasfer também escapou? — perguntei, e Tanus balançou a cabeça negativamente.

— Prendi-o no arsenal com os barões. Mas os dois filhos de Intef, Menset e Sobek, desapareceram. Com certeza foram eles que arranjaram o assassinato de meus homens e a fuga do pai. — Tanus controlou mais uma vez seu temperamento selvagem, mas a raiva permanecia sob a superfície. — Você conhece Intef tão bem, Taita. O que ele fará? Para onde irá? Como poderei agarrá-lo?

— Uma coisa eu sei, ele devia ter planos para o caso de um dia como este. Sei que tem tesouros guardados com comerciantes e advogados do Baixo Reino. Ele chega a ter negócios com o falso faraó. Acho que vendia informações militares para ele e seus generais. Seria bem recebido no norte.

— Já enviei cinco galés para o norte, com ordens para vasculhar todos os navios que cruzarem — Tanus disse.

— Ele tem amigos do outro lado do mar Vermelho — acrescentei. — E enviou tesouros para serem guardados pelos mercadores de Gaza, na margem do mar setentrional. Tem relações com os beduínos, muitos dos quais são seus empregados. Eles o ajudariam a atravessar o deserto.

— Por Hórus, parece um rato com uma dezena de túneis para escapar da toca — disse Tanus. — Como poderei vasculhar todos eles?

— É impossível — eu disse. — E agora o faraó está esperando para presenciar as execuções. Você terá de relatar a ele o que houve.

— O rei ficará furioso, e com razão. Ao permitir que Intef escapasse, falhei em meus deveres.

Mas Tanus estava enganado. O faraó aceitou a notícia da fuga com notável tranqüilidade. Não posso imaginar o motivo disso, exceto talvez que a enorme quantidade de tesouros que adquirira de maneira tão inesperada o haja amolecido. No fundo ele ainda devia acalentar certa afeição pelo grão-vizir. Por outro lado, o faraó era um homem gentil e talvez não desejasse realmente presenciar o senhor Intef ser pregado ao portão da cidade.

É verdade que demonstrou um aborrecimento passageiro e falou em justiça malograda, mas durante todo o tempo em que estivemos em sua presença ele examinou disfarçadamente o relatório dos tesouros. Mesmo quando Tanus admitiu sua responsabilidade pela fuga do prisioneiro, o faraó não deu importância.

— A culpa é do capitão da guarda, que já foi suficientemente punido pela tigela de veneno que Intef lhe forneceu. Você enviou galés e tropas em perseguição ao fugitivo. Fez tudo o que seria de esperar, senhor Harrab. Só lhe resta cumprir minha sentença contra os demais criminosos.

— O faraó está pronto para presenciar a execução? — Tanus perguntou, e o rei o olhou, procurando uma desculpa para continuar verificando as novas riquezas.

— Tenho muito a fazer aqui, senhor Tanus. Prossiga sem mim. Informe-me quando as sentenças tiverem sido executadas.



Tão grande era o interesse público pelas execuções que os patriarcas da cidade ergueram uma arquibancada diante dos portões principais e cobravam um anel de quem quisesse sentar-se. Não faltaram interessados e a arquibancada estava repleta. A multidão que não conseguira sentar-se inundava os campos além das muralhas. Muitos haviam trazido cerveja e vinho para transformar aquilo numa festa e para brindar aos barões ao passar. Poucos dentre eles haviam ficado imunes às pilhagens dos pegos e muitos haviam perdido, irmãos e filhos.

Completamente nus e amarrados uns aos outros, como ordenara o faraó, os condenados foram conduzidos pelas ruas de Karnak. A multidão os ladeava, atirando-lhes excrementos e sujeira enquanto passavam, gritando insultos e brandindo os punhos. Crianças saltitavam à frente do cortejo, cantando versos satíricos compostos na véspera:

Com os pés pregados e o traseiro para o céu, Sou um barão, e é assim que vou morrer.

Obedecendo ao desejo de minha ama, eu me acomodara na arquibancada para observar a execução da sentença. Na verdade não me importei com os trajés e jóias das mulheres que me rodeavam quando os prisioneiros foram finalmente trazidos pelos portões abertos. Olhei para Rasfer e tentei reacender meu ódio por ele. Obriguei-me a enumerar cada ato perverso que ele cometera contra mim, reviver as agonias do açoite e da faca que me infligira. Mas ali estava ele com sua barriga branca pendente quase até os joelhos, com excrementos no cabelo e a escorrer por seu rosto e seu corpo grotescos. Era difícil odiá-lo tanto quanto merecia.

Ele me viu na platéia e arreganhou os dentes para mim. Seus músculos faciais paralisados permitiam apenas um meio sorriso, uma careta patética, e ele disse:

— Obrigado por vir me desejar boa sorte, eunuco. Talvez nos reencontremos nos campos do paraíso, onde espero ter o prazer de lhe cortar mais uma vez as bolas.

O desafio devia ter incentivado meu ódio por ele, mas de alguma forma falhou. Só consegui responder-lhe:

— Você não irá além da lama no fundo do rio, velho amigo. O próximo bagre que eu assar no espeto chamarei de Rasfer.

Ele foi o primeiro prisioneiro a ser pendurado no portão de madeira. Foram necessários três homens no parapeito da muralha para puxar a corda, enquanto outros quatro o empurravam por baixo. Eles o sustentaram enquanto um dos armeiros do regimento montou numa escada a seu lado, segurando uma marreta de cabeça de pedra.

Rasfer não fez mais piadas quando o primeiro prego grosso de cobre atravessou a carne e os ossos de seus enormes pés calejados. Ele rugiu, xingou e se retorceu, seguro pelos homens, e a multidão aplaudiu, riu e incentivou o armeiro.

Depois que os pregos foram fixados, o homem desceu da escada para admirar seu trabalho, e então ficaram evidentes as falhas dessa nova modalidade de castigo. Rasfer uivava e rosnava, balançando-se de ponta-cabeça, o sangue escorrendo lentamente por seu corpo. As dobras de sua barriga estavam invertidas e o grande volume peludo de sua genitália balançava-se contra o ventre. Na medida em que ele se contorcia e debatia, os pregos foram rasgando a teia de carne entre seus artelhos, até que se libertaram completamente. Rasfer caiu ao chão e se debateu como um peixe na praia. Os espectadores adoravam a exibição e gritavam de prazer diante da novidade.

Incentivados pelo público, os executores tornaram a içá-lo ao portão, e o armeiro com sua marreta voltou a subir a escada para colocar mais pregos. Para fixar Rasfer mais seguramente e impedi-lo de debater-se, Tanus ordenou que suas mãos também fossem pregadas ao portão.

Dessa vez foi mais eficaz. Rasfer ficou pendurado com os membros abertos, como um monstruoso peixe-estrela. Deixara de gritar, pois o peso de seus intestinos pressionava-lhe os pulmões. Lutava para respirar e não tinha mais fôlego para gritos.

Um a um, os outros condenados foram pendurados e pregados ao portão, enquanto a multidão apupava e aplaudia. Somente Basti não fez um som e não os divertiu muito.

Com o avanço do dia, o sol atingia as vítimas crucificadas e o calor aumentava incessantemente. Ao meio-dia, os prisioneiros estavam tão enfraquecidos pela dor, a sede e a perda de sangue, que pendiam em silêncio como carcaças nos ganchos do açougueiro. Os espectadores começaram a perder o interesse e a ir embora. Alguns barões duraram mais que outros. Basti continuou respirando o dia todo. Somente quando o sol se punha ele fez uma inspiração profunda, acompanhada de forte tremor, e então ficou inerte.

Rasfer foi o mais resistente de todos. Muito depois de Basti partir, ele ainda agüentava. Tinha o rosto inchado de sangue escuro, de modo que aumentara duas vezes de tamanho. Sua língua estava estirada entre os lábios como uma fatia grossa de fígado arroxeadado. De vez em quando ele dava um gemido profundo e seus olhos se arregalavam. A cada vez que isso acontecia eu compartilhava sua agonia. O último ódio que sentia por ele se reduzira e desaparecera há muito tempo, e eu estava tomado de pena, como o estaria por qualquer animal torturado.

A multidão se dispersara muito antes e eu estava sozinho na arquibancada vazia. Sem tentar esconder a repulsa por dever tão brutal imposto pelo faraó, Tanus mantivera o posto até o crepúsculo. Então finalmente passou a guarda a um de seus capitães e voltou para a cidade, deixando-nos em vigília.

Havia apenas dez guardas junto ao portão, eu na arquibancada e alguns mendigos deitados como trouxas de trapos aos pés da muralha. As tochas de ambos os lados do portão tremeluziam na brisa noturna do rio, projetando uma luz fantasmagórica sobre a cena macabra.

Rasfer gemeu de novo, e não pude mais suportar. Tirei um jarro de cerveja de minha cesta e desci para falar com o capitão, que eu havia conhecido no deserto. Ele riu e balançou a cabeça ao ouvir meu pedido.

— Você é um tolo de coração mole, Taita. Este bastardo não é digno de preocupação — ele me disse. — Mas vou olhar na outra direção por alguns momentos. Seja rápido.

Aproximei-me do portão, e a cabeça de Rasfer se nivelava com a minha. Chamei-o em voz baixa e seus olhos abriram-se. Eu não podia saber o quanto ele ainda estava consciente, mas sussurrei:

— Trouxe uma cervejinha para molhar sua língua.

Ele fez com a garganta um som débil de engolir. Seus olhos me fixaram. Se ainda estava consciente, eu sabia que a sede devia ser um tormento infernal. Pinguei algumas gotas do jarro em sua boca, tomando cuidado para que não lhe escorressem pelo nariz. Ele fez um esforço fraco e inútil para engolir. Teria sido impossível, mesmo que estivesse mais forte; o líquido escorreu pelos cantos de sua boca, pelo rosto e os cabelos empastados.

Ele fechou os olhos, e foi esse o momento pelo qual eu estivera esperando. Tirei a adaga das dobras do meu manto. Coloquei cuidadosamente a ponta atrás de sua orelha e, com um movimento preciso, enfiei-a até o cabo. As costas de Rasfer se arquearam no espasmo final e ele descontraiu-se na morte. Retirei a lâmina. Havia pouco sangue. Ocultei-a no manto e fui embora.

— Que os sonhos do paraíso embalem sua noite, Taita — disse o capitão da guarda quando passei, mas eu havia perdido a voz e não consegui responder. Nunca pensei que poderia chorar por Rasfer, e talvez não o tenha feito. Talvez chorasse apenas por mim mesmo.



Por ordem do faraó, a volta da corte para Elefantina foi adiada inicialmente por dois meses. O rei precisava tomar providências sobre seu novo tesouro e demonstrava ótimo humor. Desde que eu o conhecia, nunca o havia visto tão feliz, e alegrava-me por ele. A essa altura eu já tinha o velho em verdadeira estima. Certas noites ficava até tarde com ele e seus escribas, revendo os registros do tesouro real, que agora estavam bastante aumentados.

Em outras ocasiões, o faraó mandava me chamar para consultar-me sobre modificações no templo fúnebre, que agora podia financiar. Calculei que pelo menos a metade da fortuna recentemente adquirida iria para o túmulo com o faraó. Ele selecionou as melhores jóias do estoque de Intef e enviou quase quinze *takhs* de ouro fundido para os ourives do mausoléu, para serem transformados em objetos fúnebres.

Assim mesmo achou tempo para chamar Tanus e pedir-lhe conselhos sobre assuntos militares. Agora reconhecia Tanus como um dos generais mais destacados de seu exército.

Eu participava dessas reuniões. A ameaça do falso faraó do Baixo Reino era uma presença constante e dominava nossos espíritos. Tal era a posição de Tanus nas graças do rei que ele conseguiu enfatizar esses temores e desviar uma parte do tesouro de Intef para a construção de cinco novas esquadras de galés de guerra e para reequipar todos os regimentos com novas armas e sandálias — embora não tenha conseguido convencer o faraó a pagar os soldos atrasados dos militares. Muitos regimentos não recebiam paga havia mais de seis meses. Assim mesmo o moral do exército cresceu bastante com as outras medidas e todos os soldados sabiam a quem deviam agradecer. Rugiam como leões e erguiam os punhos em saudação quando Tanus os passava em revista.

Na maioria das vezes em que Tanus era chamado para uma audiência com o rei, minha ama dava um jeito para estar presente. Apesar de ter o bom senso de se manter discreta nessas ocasiões, ela e Tanus trocavam olhares capazes de queimar a barba postiça do faraó. Felizmente ninguém além de mim parecia perceber essas flamejantes mensagens de amor.

Sempre que minha senhora tomava conhecimento de que eu iria me encontrar pessoalmente com Tanus, encarregava-me de recados ardentes para ele. Na volta, eu trazia suas respostas, que se equiparavam às dela. Para minha felicidade, essas mensagens eram altamente repetitivas e não me dava muito trabalho memorizá-las.

Minha senhora Lostris jamais se cansava de buscar subterfúgios para que ela e Tanus ficassem a sós. Confesso que eu temia por minha própria pele e pela segurança de minha ama e de nosso filho em gestação, e não empregava todas as minhas energias para satisfazer seus pedidos. Certa vez em que me aproximei de Tanus com o convite de minha senhora para um encontro, ele suspirou e recusou-o com muitos protestos de amor por ela.

— Aquele interlúdio nas tumbas de Trás foi uma completa loucura, Taita. Nunca pretendi pôr em risco a honra de Lostris, e se não fosse pela tempestade aquilo nunca teria acontecido. Não podemos correr novamente esse risco. Diga-lhe que a amo mais que a própria vida, que nosso tempo chegará, pois foi a promessa do oráculo de Amon-Rá.

Ao receber essa mensagem apaixonada, minha ama bateu o pé, chamou seu grande amor de idiota teimoso que não se importava com ela, quebrou uma taça e duas tigelas de vidro colorido, atirou no rio um espelho incrustado de jóias que fora presente do rei e afinal jogou-se ao leito e chorou até a hora do jantar.



Além de seus deveres militares, que incluíam supervisionar a construção da nova frota, ultimamente Tanus estava ocupado com a reorganização das propriedades de seu pai, que finalmente herdara.

Quanto a isso, consultava-me quase todos os dias. As propriedades, é claro, não haviam sido saqueadas pelos pegas enquanto pertenceram ao senhor Intef, e eram portanto prósperas e bem-cuidadas. Assim, Tanus tornou-se de um dia para outro um dos homens mais ricos do Alto Reino. Embora eu tivesse me esforçado para convencê-lo, ele gastou grande parte de sua fortuna pagando os soldos atrasados de seus homens e reequipando sua amada Guarda do Crocodilo Azul. Seus homens o amaram ainda mais por sua generosidade.

Não contente com esses gastos extravagantes, Tanus mandou que seus capitães — Kratas, Remrem e Astes — reunissem todos os veteranos de guerra mutilados e cegos, que vagavam mendigando pelas ruas de Tebas. Instalou essa pobre gente numa das mansões que herdara, e os alimentava com carnes, bolo de milho e cerveja. Os soldados comuns aplaudiam Tanus nas ruas e bebiam à sua saúde nas tavernas.

Quando contei a minha ama sobre as loucuras de Tanus, ela se viu tão motivada que imediatamente gastou centenas de *deben* de ouro para comprar e equipar uma dezena de prédios, que transformou em hospitais e albergues para o povo pobre de Tebas. Eu havia programado investir esse ouro no mercado de milho, e embora tenha suplicado que ela mudasse de idéia não consegui demovê-la.

É desnecessário dizer que quem teve de se responsabilizar pela administração dessa última maluquice de minha ama foi o sofredor escravo Taita, apesar de ela visitar diariamente as casas de caridade. Assim, qualquer bêbado e vagabundo das cidades gêmeas podia extrair de nós uma refeição grátis e uma cama confortável. Como se não bastasse, a sopa era servida por minha ama em pessoa e suas feridas e vísceras eram tratadas por um dos mais eminentes médicos do Egito.

Consegui descobrir alguns jovens escribas desempregados e sacerdotes desiludidos que amavam as pessoas mais que os deuses ou o dinheiro. Minha ama os empregou. Eu conduzia esse pequeno grupo em incursões noturnas pelos becos escuros e bairros miseráveis da cidade, reunindo órfãos. Eram um bando de selvagens imundos e cheios de vermes, e poucos nos acompanhavam de boa vontade. Tínhamos de persegui-los a agarrá-los como gatos selvagens, e recebi muitas mordidas e arranhões enquanto lavava seus corpos grossos de sujeira e raspava seus cabelos cheios de piolhos.

Nós os instalamos num dos novos albergues de minha senhora, onde os sacerdotes iniciavam o lento processo de domá-los, enquanto os escribas empreendiam a longa jornada de educá-los. A maioria de nossos cativos escapava em poucos dias e voltava aos esgotos, que era seu lugar. Mas alguns deles permaneciam nos albergues. Sua lenta transformação de animais em seres humanos deliciava minha ama e dava-me muito mais prazer do que eu suspeitara ser possível, vindo de origem tão improvável.

Todos os meus protestos contra a forma como minha senhora gastava nossa fortuna eram em vão, e jurei que se tivesse de ser embalsamado e colocado na tumba antes da hora a culpa seria daqueles dois jovens idiotas que eu decidira proteger, e que freqüentemente me recompensavam com o desprezo por meus conselhos.

Não preciso dizer que era minha ama e não eu a quem os aleijados e as viúvas abençoavam e presenteavam com seus tristes ramos de flores, contas baratas e pedaços de papiros com trechos do *Livro dos Mortos*. Quando ela passava, o populacho erguia seus filhos para serem abençoados e tentavam tocar a barra de sua saia como se fosse um talismã religioso. Ela beijava os bebês pegajosos, prática que poderia pôr em risco sua saúde, e atirava peças de cobre para os mendigos do mesmo modo que uma árvore deixa cair as folhas no outono.

— Esta é minha cidade — ela me disse. — Amo-a e amo todos os seus habitantes. Oh, Taita, odeio ter de voltar a Elefantina e deixar minha bela Tebas.

— E a cidade que odeia deixar? — perguntei. — Ou é um certo soldado que aqui mora? — Ela me deu um leve tapa.

— Não há nada que você considere sagrado? Nem mesmo o amor puro e verdadeiro? Com todos os seus textos e sua linguagem refinada, você é no fundo um bárbaro!



O tempo passou depressa para todos nós, até que certa manhã consultei meu calendário e percebi que já se haviam passado mais de dois meses desde que a senhora Lostris retomara os deveres conjugais com o faraó. Apesar de ela ainda não apresentar evidências de seu estado, era hora de comunicar ao rei sua boa sorte, a futura paternidade.

Quando contei a minha ama o que pretendia, apenas uma questão a preocupou. Fez-me prometer que antes de falar com o rei eu contaria a Tanus que era ele o verdadeiro pai da criança que ela carregava.

Decidi cumprir a promessa naquela mesma tarde. Encontrei Tanus nos estaleiros na margem oeste do rio, esbravejando com os construtores e ameaçando atirá-los aos crocodilos. Ao ver-me, ele esqueceu a raiva e levou-me a bordo da galé que haviam lançado à água naquela manhã. Mostrou-me com orgulho a nova bomba para retirar água dos porões no caso de o navio sofrer danos em combate. Parecia ter-se esquecido de que eu havia projetado o equipamento para ele, e tive de lembrar-lhe delicadamente.

— Daqui a pouco você vai querer me cobrar por suas idéias, velho avarento. Juro que você é mais mesquinho que um mercador sírio.

Ele me deu um tapa nas costas e levou-me para a extremidade do convés, onde ninguém nos poderia escutar. Então disse em voz baixa:

— Como vai sua ama? Sonhei com ela de novo ontem à noite. Diga-me, ela está bem? E os seus órfãozinhos? Que coração bondoso ela tem, que beleza! Toda Tebas a adora. Ouço seu nome por toda parte, e o som me fere o peito como um dardo agudo.

— Logo haverá dois para você amar — eu lhe disse, e ele ficou me olhando boquiaberto, como alguém subitamente desprovido de sentidos. — Algo além do *khamzin* os atingiu naquela noite na tumba de Trás...

Ele me apertou num abraço tão poderoso que eu mal conseguia respirar.

— Que quer dizer com esse enigma? Fale claro, ou o jogarei ao rio. O que está dizendo, velho pilantra? Não me venha com jogos de palavras!

— A senhora Lostris está carregando seu filho. Ela me enviou para lhe contar antes que o rei seja informado. — Eu engasguei. — Agora solte-me antes que eu sofra danos permanentes. — Ele me largou tão de repente que quase caí do navio.

— Um filho! Meu filho! — gritou. Era surpreendente como ambos haviam assumido imediatamente o sexo da criança. — É um milagre. Uma graça direta de Hórus! — Para Tanus era como se nenhum outro homem do mundo houvesse tido um filho. Ele balançava a cabeça, maravilhado. — Meu filho! Minha mulher e meu filho! Quero vê-los agora mesmo.

Tanus disparou pelo convés e tive de correr para alcançá-lo. Foi necessário todo o meu poder persuasivo para impedi-lo de irromper pelo palácio e o harém real. Afinal levei-o até a taverna ribeirinha mais próxima para brindarmos à criança. Felizmente uma turma de Azuis, de folga, já se encontrava ali bebendo. Pedi e paguei um jarro do melhor vinho local e ofereci-lhes. Havia homens de outros regimentos na taverna, de modo que provavelmente haveria briga mais tarde. Tanus já estava com uma disposição prepotente e os Azuis nunca precisavam de muito incentivo para brigar.

Fui diretamente da taverna para o palácio, e o faraó alegrou-se ao me ver.

— Ia mandar chamá-lo, Taita. Decidi que fomos muito mesquinhos em relação aos portões do meu templo. Quero algo mais grandioso...

— Faraó! — gritei. — Grande e Divino Egito! Tenho notícias maravilhosas. A deusa Isis cumpriu sua promessa. Vossa dinastia será eterna. A profecia do jogo de Amon-Rá será realizada. A lua de minha ama foi pisada pelos cascos do possante touro egípcio! A senhora Lostris está gerando seu filho.

De imediato todos os pensamentos sobre funerais e construção de templos esvaíram-se da cabeça do faraó, e, assim como Tanus, seu primeiro instinto foi procurá-la. Com o faraó à minha frente, corremos pelo palácio numa sólida torrente de nobres, turbulenta como o Nilo na cheia, e minha senhora nos esperava no jardim do harém. Com os artifícios típicos das mulheres, ela havia arranjado o cenário

perfeito para exibir completamente sua beleza. Estava sentada num banco baixo rodeado de canteiros de flores, tendo às costas o rio. Por um instante pensei que o rei fosse atirar-se de joelhos a seus pés, mas nem mesmo a perspectiva da imortalidade poderia fazê-lo esquecer a tal ponto sua dignidade.

O rei despejou sobre Lostris cumprimentos, elogios e perguntas sinceras sobre sua saúde. O tempo todo seu olhar fascinado ficou preso ao ventre dela, de onde emergiria o milagre. Finalmente ele lhe perguntou:

— Minha querida menina, há alguma coisa que falte para sua felicidade completa? Há algo que eu possa fazer para tornar mais confortável esta fase difícil de sua vida?

Mais uma vez enchi-me de admiração por minha senhora. Ela teria dado um grande general ou comerciante de grãos, pois possuía um sentido de tempo impecável.

— Majestade, Tebas é a cidade onde nasci. Não posso ser realmente feliz em nenhum outro lugar do Egito. Suplico-lhe que com sua generosidade e compreensão permita que seu filho nasça aqui. Por favor, não me faça retornar a Elefantina!

Segurei a respiração, pois a sede da corte era uma questão de Estado. Mudá-la para outra cidade era uma opção que afetaria as vidas de milhares de cidadãos. Não era algo a ser decidido pelo desejo de uma menina que ainda não completara dezesseis anos.

O faraó pareceu surpreso diante do pedido e coçou a barba postiça.

— Quer morar em Tebas? Muito bem, então a corte se mudará para Tebas! — Ele virou-se para mim. — Taita, projete um novo palácio para mim. — Voltou-se para minha ama e apontou para o outro lado do rio. — Devemos alojar-nos ali, na margem ocidental, minha querida?

— É um local fresco e bonito - concordou Lostris. - Serei muito feliz ali.

- Na margem ocidental, Taita. Não seja mesquinho no projeto. Deve ser um lar digno do filho do faraó. Seu nome será Memnon, "o senhor da madrugada". Vamos chamá-lo de Palácio de Memnon.

Com tamanha facilidade minha senhora havia me atribuído uma montanha de trabalho e fizera o rei habituar-se à primeira de uma série de exigências em nome da criança que trazia no ventre. A partir daquele momento, o faraó não se dispôs a negar-lhe fosse o que fosse: título e honrarias para aqueles que ela amava ou apreciava, auxílio para os que ela protegia, pratos raros e exóticos que eram trazidos dos confins do império. Como uma criança travessa, minha ama parecia testar os limites de seu novo poder sobre o rei.

Lostris nunca havia visto a neve, embora me tivesse ouvido falar dela, nas minhas lembranças fragmentadas da terra montanhosa onde eu nascera. Minha ama pediu que lhe trouxessem neve para refrescar sua fronte sob o calor do vale do Nilo. O faraó imediatamente ordenou a organização de uma competição atlética, na qual foram selecionados os cem corredores mais velozes do Alto Reino. Eles foram enviados à Síria para trazer neve para minha ama, numa caixa especialmente projetada por mim para impedir que derretesse. Este foi provavelmente o único de seus caprichos que permaneceu insatisfeito. Recebemos de volta daqueles distantes picos apenas uma mancha úmida no fundo da caixa.

Em tudo o mais ela foi plenamente satisfeita. Em certa ocasião, estava presente quando Tanus fez um relatório ao rei sobre a ordem de batalha da frota egípcia. Minha senhora ficou sentada tranqüilamente em segundo plano, até que Tanus terminou de falar e se retirou. Então ela comentou discretamente:

- Ouvi dizer que o senhor Tanus é o nosso melhor general. Não acha recomendável, divino marido, promovê-lo a Grande Leão do Egito e colocá-lo no comando dos exércitos do norte?

Mais uma vez engasguei-me diante de tal ousadia, mas o faraó as-sentiu de bom grado.

- Isso já me havia ocorrido recentemente, minha querida, embora ele ainda seja tão jovem para o comando supremo.

No dia seguinte Tanus foi chamado para uma audiência real, da qual saiu como Grande Leão do Egito e comandante da divisão norte do exército. O antigo general que o precedera foi aposentado com uma pensão substancial e relegado a uma sinecura palaciana. Tanus tinha agora sob seu comando trezentas galés e quase trinta mil homens. A promoção significava que ele era agora o quarto na hierarquia militar, tendo acima de si apenas Nembet e mais dois velhos soldados.

— O senhor Tanus é um homem orgulhoso — minha senhora disse-me depois, como se eu ignorasse completamente o fato. — Se lhe disser que eu tive qualquer influência em sua promoção, venderei você ao primeiro comerciante sírio que encontrar — ela ameaçou seriamente.

Enquanto isso, seu ventre, outrora liso e côncavo, distendia-se aos poucos. Com todo o resto do meu trabalho, eu tinha de fazer boletins diários sobre esse progresso, não apenas ao palácio como também para o quartel-general do exército, comando norte.



Comecei a trabalhar na construção do Palácio de Memnon cinco semanas após as primeiras ordens do faraó, pois foi o tempo que levei para criar o projeto final. Tanto minha ama quanto o rei concordaram que meu desenho excedia suas expectativas e que seria de longe o edifício mais belo do país. No mesmo dia em que os trabalhos começaram, um cargueiro que conseguira subornar sua passagem pelas frotas do usurpador vermelho do norte aportou em Tebas com um carregamento de cedro de Biblos. O capitão era um velho amigo meu e trouxe-me interessantes notícias. Em primeiro lugar, contou-me que o senhor Intef fora visto na cidade de Gaza. Dizia-se que ele viajava sob grande escolta, em direção ao Oriente. Devia portanto ter conseguido atravessar o deserto do Sinai ou encontrado um navio para transportá-lo pelas bocas do Nilo e daí ao longo da costa do grande mar.

O capitão soubera ainda de outros fatos que na ocasião pareceram-me sem importância, mas que mudariam o destino de nosso país e de todos os que viviam à margem do rio. Parecia que uma tribo nova e guerreira havia surgido de uma terra desconhecida a leste da Síria, arrasando tudo o que encontrava. Ninguém sabia muito sobre esse povo guerreiro, a não ser que pareciam ter criado uma forma de guerra jamais vista. Venciam rapidamente enormes distâncias e nenhum exército os superava.

Havia sempre rumores exaltados sobre inimigos prontos para atacar o Egito. Eu já havia escutado cinquenta desses boatos, e dei tanto crédito a este último quanto aos outros. No entanto, o capitão era geralmente uma fonte confiável, e decidi mencionar a história a Tanus quando nos encontramos.

— Ninguém pode se opor a esse monstro misterioso? — Ele riu. — Gostaria de vê-los enfrentar meus rapazes. Mostrar-lhes-ia o que realmente significa a palavra "invencível". Como disse que se chamam, esses poderosos guerreiros que chegam como o vento?

— Parece que chamam a si mesmos de os Reis Pastores — respondi —, os hicsos. — O nome não teria escapado de minha boca com tanta leviandade se eu soubesse o que viria a representar para nosso mundo.

— Pastores, hein? Bem, eles verão que meus valentes não são um rebanho fácil de conduzir. — Ele mudou de assunto e pediu-me notícias do senhor Intef. — Se tivéssemos certeza de seu paradeiro eu poderia enviar um destacamento para prendê-lo e trazê-lo de volta para enfrentar a justiça. Por onde quer que eu vá, nas propriedades que foram de minha família, sinto o espírito de meu pai a meu lado. Sei que jamais descansarei antes de vingá-lo.

— Pena que não seja tão fácil. — Balancei a cabeça. — Intef é esperto como uma raposa do deserto. Não sei se algum dia o veremos novamente no Egito. — Quando eu disse isso os deuses das sombras devem ter sorrido.



Com o progresso da gravidez de minha ama, insisti que ela limitasse suas atividades. Proibi-a de visitar os hospitais e o orfanato, temendo que se infectasse e a seu filho com as verminoses e as doenças dos pobres. Durante as horas mais quentes do dia, fazia-a descansar sob o quiosque que eu construía no jardim do grão-vizir. Quando ela protestava contra o tédio dessa inatividade forçada, o faraó mandava seus músicos ao jardim para entretê-la e eu deixava o trabalho no Palácio de Memnon para fazer-lhe companhia, contar-lhe histórias e comentar as recentes conquistas de Tanus.

Eu era muito estrito com sua dieta e não lhe permitia tomar vinho ou cerveja. Mandava os hortelões do palácio fornecer diariamente frutas e legumes frescos e retirava toda a gordura da carne, pois sabia que tornaria seu filho indolente. Preparava eu mesmo suas refeições, e todas as noites, quando a acompanhava até o quarto, dava-lhe uma poção especial de ervas e sucos para fortalecer a criança.

E claro que quando ela declarava desejar um cozido de fígado e rins de gazela, ou uma salada de línguas de rouxinol, ou o peito assado de abetarda selvagem, o rei imediatamente enviava cem caçadores ao deserto, para trazer-lhe essas iguarias. Eu me abstinha de contar ao senhor Tanus esses estranhos desejos de minha ama, pois temia ouvir que em vez de prosseguir a guerra contra o falso faraó o exército do norte fora enviado ao deserto para caçar gazelas, rouxinóis ou abetardas.

Quando se aproximou a época de seu confinamento, eu ficava acordado à noite, preocupado. Prometera ao rei um príncipe, mas ele não esperava que o herdeiro chegasse tão depressa. Até mesmo um deus é capaz de contar os dias a partir do início do festival de Osíris. Não havia nada que eu pudesse fazer se a criança viesse a ser uma princesa, mas pelo menos eu podia preparar o faraó para sua chegada antecipada. O faraó adquirira agora um grande interesse pelos assuntos da gravidez e do parto, que temporariamente rivalizou com sua obsessão por templos e tumbas. Eu tinha de tranquilizá-lo quase diariamente de que os quadris estreitos da senhora Lostris não eram empecilho para um parto normal, e que sua idade tenra, longe de ser prejudicial, era altamente benéfica para a feliz conclusão de nossa empreitada.

Aproveitei a oportunidade para informá-lo do fato interessante, mas pouco conhecido, de que muitos grandes atletas, guerreiros e sábios de nossa história haviam sido expostos prematuramente à luz do dia.

— Acredito, majestade, que se assemelha ao caso do preguiçoso que passa o dia todo na cama e assim despande sua energia, enquanto os grandes homens invariavelmente acordam cedo. Notei que vós, divino faraó, estais sempre de pé antes de o sol nascer. Não me surpreenderia saber que também nascestes de parto prematuro. — Eu sabia que ele não havia nascido assim, mas é claro que agora ele não

podia me contradizer. — Seria uma circunstância das mais propícias se vosso príncipe imitasse o pai e saísse cedo do ventre da mãe. — Eu esperava não ter insistido demais nessa questão, mas o rei pareceu convencido por minha eloquência.

Afinal, a criança cooperou bastante, permanecendo quase duas semanas a mais no ventre de Lostris. O tempo decorrido foi tão próximo do normal que nenhuma língua malévola poderia se manifestar, mas o faraó foi abençoado pelo parto prematuro que ele passara a considerar desejável.

Não me surpreendeu que minha ama tenha iniciado o trabalho de parto numa hora inconveniente. Sua bolsa rompeu-se na terceira ronda noturna. Ela não estava acostumada a facilitar as coisas para mim. Pelo menos isto deu-me o pretexto para dispensar os serviços de uma par-teira, pois eu tinha pouca confiança naquelas bruxas com sangue seco e negro sob as longas unhas.

Depois que as contrações começaram, minha senhora Lostris se portou com sua presteza e coragem habituais. Mal tive tempo de despertar completamente, esfregar as mãos com vinho quente e abençoar os instrumentos à chama da lamparina, quando ela gemeu e disse, bastante animada:

- É melhor você olhar, Taita. Acho que alguma coisa está acontecendo.

Embora eu soubesse que era cedo demais, fui ver. Bastou um olhar e gritei para as escravas:

— Corram, suas preguiçosas! Vão chamar as esposas reais.

— Quais? — A primeira garota a atender meu chamado titubeou pelo quarto, seminua e semidesperta.

— Todas! Todas!

Nenhum príncipe poderia herdar a dupla coroa se seu nascimento não fosse testemunhado e houvesse um atestado formal de que não havia sido realizada uma troca.

As esposas reais começaram a chegar assim que a criança apareceu. Minha ama foi tomada por uma convulsão poderosa e surgiu a coroa do crânio. Eu temera que viesse encimado por uma madeixa dourada, mas o que vi foi um chumaço escuro como o de uma lontra do rio. Muito mais tarde a cor mudaria e um brilho avermelhado iluminaria os cachos pretos, mas somente quando o sol brilhava sobre eles.

— Força! — gritei para Lostris. — Empurre com força!

Ela reagiu prontamente. Os ossos jovens de sua pelve, ainda não enrijecidos pelos anos, distenderam-se para dar passagem ao feto, e o caminho estava bem lubrificado. A criança pegou-me desprevenido. Voou como uma pedra da atiradeira, e o corpinho escorregadio quase escapou de minhas mãos.

Antes que eu a pudesse segurar com firmeza, minha ama já se esforçava para erguer-se nos cotovelos. Tinha os cabelos empastados de suor e uma expressão de profunda ansiedade.

— É menino? Diga-me! Diga-me!

A platéia de damas reais agrupada ao redor da cama testemunharam o primeiro ato que a criança realizou ao ingressar em nosso mundo. De um pênis longo como meu dedo mínimo, o príncipe Memnon, primeiro a ter esse nome, verteu um esguicho quase tão alto quanto o teto. Eu estava em plena rota do jato quente, que me deixou ensopado.

— É um menino? — minha ama voltou a gritar, e uma dúzia de vozes responderam juntas:

- É um menino! Salve, Memnon, príncipe real do Egito!

Eu ainda não conseguia falar, pois meus olhos queimavam não apenas pela urina real, mas com as lágrimas de alegria e alívio quando escutei seu grito primai, nervoso e de temperamento quente.

Ele abanou os braços para mim e chutou com tanta força que mais uma vez quase o deixei cair. Quando minha visão clareou, pude distinguir o corpo forte e esguio e a cabecinha altiva, com o espesso chumaço de cabelos castanhos.



Perdi a conta de quantas crianças eu trouxe ao mundo, mas já a minha experiência não me havia preparado para isto. Senti todo o amor e a devoção de que eu era capaz cristalizar-se naquele momento. Soube que se havia iniciado algo que se fortaleceria dia após dia e que duraria toda uma vida. Soube que minha vida havia tomado outra direção e que nada seria o mesmo novamente. Quando cortei o cordão umbilical e banhei a criança, fui tomado de um sentimento religioso como jamais havia sentido no santuário de qualquer dos deuses egípcios. Deleitei meus olhos e minha alma naquele corpinho perfeito e no rosto vermelho e enrugado, em que se estampavam os sinais de força e coragem obstinada como nas feições de seu pai verdadeiro.

Depositei-o nos braços da mãe e o menino logo encontrou o mamilo inchado, agarrando-se a ele como um leopardo à garganta de uma gazela. Minha ama olhou para mim. Eu não conseguia falar, e de todo modo não haveria palavras para descrever o que se passava silenciosamente entre nós dois. Ambos sabíamos. Era o princípio de algo tão maravilhoso que nenhum de nós ainda podia compreender completamente.

Deixei-a entregue às alegrias do filho e fui reportar-me ao rei. Não tinha pressa. Sabia que a novidade já teria chegado a ele há muito tempo. As damas reais não são famosas por sua discrição. Ele provavelmente estaria a caminho do harém naquele instante.

Demorei-me no jardim aquático, tomado por uma sensação de irrealidade. A madrugada surgia, e o deus-sol Amon-Rá insinuava a borda de seu disco incandescente sobre as colinas a leste. Murmurei uma oração de agradecimento a ele. Enquanto olhava para o alto, um bando de pombos circulou sobre os jardins do palácio. O sol iluminou suas asas, que brilharam como jóias no firmamento.

Então vi a mancha escura acima da revoada, e mesmo à distância reconheci-a imediatamente. Era um falcão selvagem, vindo do deserto. Ele dobrou as asas afiladas e iniciou o mergulho. Havia escolhido o pássaro que liderava o bando, e o golpe foi mortalmente preciso e inexorável. Atingiu o pombo com uma explosão de penas, semelhante a uma baforada de fumaça pálida, e a ave morreu no ar. Um falcão sempre segura sua presa nas garras e desce com ela à terra.

Mas desta vez isso não aconteceu. O falcão matou o pombo e depois abriu as garras, soltando-o. A carcaça dilacerada do pássaro caiu ao chão e, com um grito áspero, o falcão circulou sobre minha cabeça três vezes e três vezes emitiu aquele pio arrepiante e guerreiro. Três é um dos números mágicos mais poderosos. De tudo isso deparei que não fora um fato natural. O falcão era um mensageiro, ou mesmo o deus Hórus em sua outra forma.

Quando a carcaça do pombo caiu a meus pés, gotas de sangue quente espirraram em minhas sandálias. Eu sabia que aquilo era um tributo do deus, um sinal de sua proteção ao príncipe infante, e compreendi também que era um desafio para mim. O deus o recomendava aos meus cuidados.

Peguei a ave morta e levantei-a em direção ao céu.

— Alegrementemente aceito o encargo que me designastes, ó, Hórus. Pelo resto de meus dias o honrarei.

O falcão piou de novo, um último grito selvagem, e então, batendo agilmente as asas, voou sobre o extenso Nilo e desapareceu na imensidão agreste, de volta aos campos ocidentais do paraíso onde habitam os deuses.

Retirei uma única pena do pombo, que mais tarde coloquei sob o colchão do berço do príncipe, para lhe dar sorte.



A alegria e o orgulho do faraó por seu herdeiro eram ilimitados, e ele proclamou em seu louvor uma festa de natalidade. Durante uma noite os cidadãos do Alto Egito cantaram e dançaram nas ruas, fartando-se de carne e vinho oferecidos pelo faraó e abençoando o príncipe Memnon a cada gole ou bocado que ingeriam.

O fato de ele ser filho de minha senhora Lostris, a quem todos amavam, tornava a ocasião ainda mais festiva.

Minha ama era tão jovem e resistente que em poucos dias estava recuperada e apresentou-se diante da corte egípcia com o infante no colo. Sentada no trono menor, abaixo do rei, ela era a imagem adorável da maternidade. Quando ela expôs um dos seios fartos de leite e deu-o à criança para mamar diante de toda a corte reunida, todos saudaram tão alto que assustaram o menino. Ele soltou o mamilo e gritou, com o rosto púrpura pela afronta, e a nação recebeu-o carinhosamente.

— É um leão — afirmaram. — Seu coração bate com o sangue de reis e guerreiros.

O príncipe voltou a aquietar-se e a abocanhar o seio, e o rei levantou-se para se dirigir a nós, seus súditos.

— Reconheço esta criança como meu descendente, minha linhagem de sangue direta e meu sucessor. E meu filho primogênito e será o faraó depois de mim. Meus nobres senhores e senhoras, todos os meus súditos, apresento-lhes o príncipe Memnon.

A ovação prosseguiu sem cessar, pois nenhum dentre eles queria ser o primeiro a silenciar e pôr em questão sua lealdade.

Nesse ínterim, permaneci entre os demais criados e escravos da casa real, numa das galerias superiores do salão. Esticando o pescoço, pude ver a figura alta do senhor Tanus. Estava de pé na terceira fila abaixo do trono, com Nembet e os outros comandantes militares. Embora aplaudisse como os demais, pude ver em seu rosto largo e claro a expressão que ele lutava para dissimular. Seu filho era reconhecido por outro homem e ele nada podia fazer para impedi-lo. Mesmo eu, que o conhecia e compreendia tão bem, podia apenas suspeitar a agonia que o dominava.

Quando finalmente o rei ordenou silêncio e recapturou a atenção de todos, continuou:

- Recomendo-lhes também a mãe do príncipe, a senhora Lostris. Saibam todos que agora ela se sentará mais perto de meu trono. A partir de hoje, ela é elevada ao posto de consorte principal e primeira esposa do faraó. Portanto, seu nome será rainha Lostris, enquanto em precedência ela se situa apenas

depois do rei e do príncipe. Além disso, até que o príncipe atinja a maioridade, a rainha Lostris agirá como minha regente e, quando eu não o puder, estará à frente do Estado em meu lugar.

Acho que não havia uma única alma em todo o Alto Reino que não amasse minha senhora, exceto talvez algumas esposas reais, que não haviam sido capazes de dar ao rei um herdeiro e que agora se viam superadas por ela e diminuídas na ordem hierárquica. Todos os demais demonstraram seu amor com uma aclamação que se seguiu ao pronunciamento.

Encerrando a cerimônia de nomeação do herdeiro do faraó, a família real deixou o salão. No pátio principal do palácio, o rei subiu no carro oficial e, com a rainha Lostris a seu lado, levando o príncipe nos braços, foram puxados pelas parelhas de touros brancos pela avenida dos Carneiros até o templo de Osíris, para ofertar sacrifícios ao deus. Ambos os lados da avenida sagrada estavam apinhados de cidadãos de Tebas. Com voz possante, eles demonstraram sua devoção ao rei e seu amor pela rainha e o príncipe recém-nascido.

Naquela noite, enquanto eu atendia a ela e à criança, Lostris sussurrou:

— Oh, Taita, você viu Tanus na multidão? Que dia de alegria e dor combinadas! Senti vontade de chorar por meu amor. Ele estava tão belo e altivo, teve de escutar e presenciar seu filho ser tomado dele. Eu tive vontade de me levantar e gritar: "Este é o filho de Tanus, senhor Harrab, e eu os amo".

— Majestade, fico feliz, por nosso bem, que tenha contido sua língua inquieta.

Ela riu.

— É tão estranho ouvi-lo me chamar assim, de "majestade". Faz-me sentir uma impostora.

Ela trocou o príncipe de seio, e o movimento fez seu corpinho liberar pelas duas extremidades um sopro duplo, que em volume e ressonância era realmente imperial.

— Vê-se que foi concebido num vendaval — comentei secamente, e ela riu de novo, mas em seguida suspirou com tristeza.

— Meu querido Tanus jamais partilhará conosco estes momentos íntimos. Percebe que ele ainda não segurou Memnon nos braços e é possível que jamais o faça? Acho que vou chorar de novo...

— Contenha-se, senhora. Se chorar poderá azedar o leite. — A advertência era falsa, mas serviu para fazê-la obedecer-me. Lostris reteve as lágrimas.

— Não há uma maneira de fazer com que Tanus desfrute nosso bebê como nós desfrutamos?

Pensei naquilo por um instante e então dei uma sugestão que a fez gritar de alegria. Como que para endossar o que eu dissera, o príncipe expeliu mais um sopro retumbante.

No dia seguinte, quando o faraó veio visitar seu filho, a rainha efetivou minha sugestão:

— Querido e divino marido, já pensou em escolher tutores para o príncipe Memnon?

O faraó riu com indulgência.

— Ele ainda é um bebê. Não deve primeiro aprender a andar e falar, antes de ser instruído em outras artes?

— Acho que seus tutores deveriam ser nomeados agora, para que o conheçam bem, e o príncipe a eles.

— Muito bem. — O rei sorriu e pousou o menino sobre os joelhos. — Quem você sugere?

— Para sua educação necessitamos de um grande sábio. Alguém que compreenda as ciências e os mistérios.

O rei piscou os olhos.

— Não imagino uma pessoa que preencha essa descrição. — E sorriu para mim.

A criança havia modificado o humor do faraó; desde o nascimento de Memnon, ele se tornara quase jovial, e por um momento esperei que piscasse para mim. No entanto, sua nova postura diante da vida não chegava a tanto.

A rainha continuou, imperturbada por nossa troca de olhares:

— Depois precisaremos de um soldado versado nas artes bélicas e no exercício das armas para treiná-lo como guerreiro. Acho que deve ser jovem e de boa cepa. Confiável, é claro, e leal à coroa.

— Quem você sugere para o posto, minha querida? Poucos de meus soldados encerram todas essas virtudes.

Acho que não havia qualquer malícia na indagação do faraó, mas não obstante minha ama foi discreta. Inclinou sua graciosa cabeça e disse:

— O rei é sábio e verá quem, dentre os seus generais, melhor se enquadra nessa função.

Na próxima audiência o rei anunciou os nomes dos tutores do príncipe. O escravo e médico Taita seria responsável pela instrução e o bom comportamento de Memnon. Isto surpreendeu a poucos, mas houve um burburinho de comentários quando o rei continuou:

— Quanto a seu treinamento nas armas, táticas e estratégias militares, o senhor Harrab, Grande Leão do Egito, será doravante o responsável.

Assim, tornou-se dever do senhor Tanus, quando não estivesse em campanha, acompanhar o príncipe no início de cada semana.

Enquanto minha ama aguardava por seus aposentos no novo palácio que eu estava construindo do outro lado do rio, ela se mudara do harém para uma ala do palácio do grão-vizir que dava para o jardim que eu projetara para seu pai. Isto estava de acordo com sua nova posição de primeira esposa e consorte. A audiência semanal que o príncipe Memnon dava a seus tutores ocorria sob o quiosque, com a presença da rainha Lostris. Com freqüência havia diversos outros funcionários ou cortesãos presentes, e de vez em quando o próprio faraó aparecia com sua comitiva, portanto ficávamos razoavelmente constrangidos.

Mas ocasionalmente apenas nós quatro participávamos. Na primeira oportunidade em que tivemos privacidade, a rainha colocou o príncipe nos braços de seu pai pela primeira vez, e testemunhei a felicidade desmesurada com que Tanus olhava para o rosto do filho. Memnon brindou a ocasião sujando o uniforme do pai, mas nem assim Tanus o repreendeu.

Daí em diante reservamos todos os eventos especiais da vida do infante para quando Tanus estivesse presente. Este o alimentou com a primeira colherada de mingau, e o príncipe ficou tão surpreso com o alimento desconhecido que contorceu o rostinho e cuspiu a gororoba. Então berrou forte pelo leite da mãe para lavar o gosto de sua boca. A rainha Lostris o tomou no colo e, enquanto Tanus olhava fascinado, deu-lhe o seio. Subitamente Tanus estendeu o braço e tirou o mamilo da boca do pequeno. Isto divertiu a todos, menos ao príncipe e a mim. Memnon ficou furioso com o tratamento descortês e deixou isso claro, enquanto eu fiquei chocada. Imaginei se o rei chegasse inesperadamente e visse o Grande Leão do Egito segurando o seio real, que não parecia ter pressa de soltar.

Quando protestei, minha ama disse:

— Não aja como uma velha, Taita. Estamos apenas nos divertindo inocentemente.

— Sim, divertindo-se. Mas há certa dúvida quanto à inocência — murmurei, pois vira os rostos de ambos iluminar-se ao contato íntimo e senti sua paixão recíproca relampejar no ar. Eu sabia que não conseguiriam se conter por muito mais tempo, e que mesmo o sentido de honra e dever de Tanus afinal sucumbiria a um amor tão grande.

Naquela mesma noite visitei o templo de Hórus e fiz um generoso sacrifício. Depois rezei e pedi ao deus:

— Que a profecia do oráculo não tarde muito, pois eles não poderão se conter. Isso significará a morte e a desgraça de todos nós.

Às vezes é melhor os homens não tentarem interferir no destino.

Nossas orações podem ser atendidas de maneiras que não esperamos e não desejamos.



Eu era o médico do príncipe, mas na verdade ele pouco necessitava de minhas habilidades nesse campo. Fora abençoado com a saúde forte e abundante de seu pai e sua força precoce. Memnon tinha um apetite e uma digestão exemplares. Tudo o que se colocava em sua boca era ingerido com uma voracidade leonina e prontamente emergia do lado oposto na forma e consistência desejáveis. Ele dormia sem interrupção e despertava berrando por comida. Se eu lhe mostrava um dedo, movendo-o de um lado para o outro, ele o observava com os enormes olhos escuros e no momento em que estivesse a seu alcance agarrava-o e tentava erguer o corpo para sentar-se. Conseguiu isso mais cedo que qualquer outra criança que eu atendera. Levantou-se e engatinhou numa idade em que as outras mal começavam a sentar-se. Deu seus primeiros passos vacilantes quando as outras começavam a engatinhar.

Tanus estava presente nesse dia memorável. Nos dois últimos meses estivera em campanha, pois as forças do usurpador vermelho haviam capturado Asyut. Essa cidade era o pivô ao redor do qual giravam nossas defesas ao norte, e o faraó ordenara a Tanus que descesse o rio com toda a frota para retomar a cidade.

Muito mais tarde eu soube por Kratas que a luta havia sido terrível, mas afinal Tanus rompera as muralhas e conduzira a invasão com seus amados Azuis. Expulsaram o usurpador da cidade e muito além de suas próprias fronteiras, com perdas sangrentas.

Tanus navegou de volta a Tebas e recebeu a gratidão do rei. O faraó colocou mais uma corrente em seu pescoço, a Comenda do Mérito, e pagou o soldo de todos os soldados que o haviam ajudado a vencer. Tanus veio quase diretamente da presença do rei à barraca no jardim, onde o esperávamos. Enquanto eu montava guarda no portão, Tanus e minha senhora beijaram-se com todo o fogo que queimara ardentemente enquanto estiveram distantes. Afinal tive de separá-los, para que o beijo não os levasse em outra direção.

— Senhor Tanus — chamei asperamente —, o príncipe Memnon está impaciente.

Eles se separaram com relutância e Tanus aproximou-se do infante, esparramado nu sobre um manto de peles de chagal que eu arranjava a sombra. Tanus abaixou-se sobre um joelho diante dele.

— Saudações, vossa alteza real. Trago-vos notícias do triunfo de vossos exércitos... — Tanus caçoou amorosamente e Memnon gritou ao reconhecer o pai. Então a corrente de ouro atraiu seu olhar.

Com um impulso poderoso ele levantou-se, deu quatro passos hesitantes, agarrou a corrente e dependurou-se nela com ambas as mãos.

Todos aplaudimos o feito, e, apoiando-se na corrente, Memnon olhou sorrindo ao redor, aceitando o elogio como justo.

— Pelas asas de Hórus! Ele tem um olho tão aguçado quanto o de Taita para o metal amarelo. — Tanus riu.

— Não é o ouro que o atrai, mas sua conquista — disse minha ama. — Um dia ele também usará no peito a Comenda do Mérito.

— Não duvide. — Tanus levantou o menino bem alto e Memnon gritou de prazer, dando chutes para que Tanus continuasse a brincadeira rude.

Assim, para Tanus e para mim os progressos do menino pareciam marcar a mudança das estações, da mesma forma que a cheia e a vazante do Nilo. Por outro lado, a vida de minha senhora revolvía ao redor das horas que passava a sós com seu filho e seu homem. Cada intervalo entre as visitas de Tanus parecia-lhe longo demais para suportar, assim como o exíguo tempo que passavam juntos.



A inundação daquele verão foi mais benéfica que as outras previstas na cerimônia das águas em Elefantina. Quando a enchente recuou, os campos brilhavam sob um novo manto de lama negra. Por sua vez, este logo foi obliterado pelos densos caules verdes de milho e frutos. Quando o príncipe deu seus primeiros passos, os granários do Egito estavam repletos e os paióis, abastecidos, mesmo os dos súditos mais pobres. Na margem oeste, o Palácio de Memnon tomava forma, e a guerra no norte corria a nosso favor. Os deuses sorriam para o faraó e seu reino.

Os únicos descontentes nisso tudo eram os dois amantes que, embora suficientemente perto para tocar-se, eram afastados por um espaço maior que o vale em que vivíamos. Em diversas ocasiões eles me cobraram as profecias de Amon-Rá, como se eu fosse pessoalmente responsável pelo cumprimento das visões do sonho. Protestei em vão que eu era apenas o espelho em que se refletia o futuro, e não aquele que movia as pedras no tabuleiro do destino.

O ano passou e o rio começou a encher-se novamente, completando o ciclo eterno. Esta era a quarta cheia prevista pelo oráculo. Assim como eles, eu esperava que as visões se cumprissem antes do fim da estação. Quando isso não aconteceu, minha ama e Tanus censuraram-me severamente.

— Quando estarei livre para me encontrar com Tanus? — suspirava a rainha Lostris. — Você tem de fazer alguma coisa, Taita!

— Não é a mim, mas aos deuses que você deve perguntar. Posso rezar para eles, mas é tudo.

Mais um ano se passou sem qualquer mudança em nossa situação, e até Tanus ficou mal-humorado:

— Depositei tanta fé em você que fundei em suas palavras minha futura felicidade. Juro-lhe, Taita, que se não fizer alguma coisa logo...

— Ele interrompeu-se e me olhou fixamente. A ameaça era ainda mais amedrontadora por não ter sido completada.

Ainda outro ano decorreu e até eu começava a perder a fé em minha própria profecia. Passei a acreditar que os deuses haviam mudado de idéia, ou que o que eu havia visto fosse apenas meu desejo fantasioso.

Afinal o príncipe Memnon tinha quase cinco anos e sua mãe, vinte e um, quando chegou do norte, numa das galés de escolta, um mensageiro de olhos arregalados.

— O delta caiu. O usurpador vermelho está morto. O Baixo Reino está em chamas. As cidades de Mênfis e Avaris foram destruídas. Os templos foram arrasados pelo fogo e as imagens dos deuses, derrubadas — ele comunicou ao rei, que retrucou:

— Não é possível! Desejo crer nesse relato, mas não consigo. Como isso poderia acontecer sem nosso conhecimento? O usurpador possuía grandes forças, pois durante mais de quinze anos não o conseguimos derrubar. Como isto foi conseguido em apenas um dia, e por quem?

O mensageiro tremia de medo e exaustão, pois sua jornada fora longa e ele sabia como eram tratados em Tebas os portadores de notícias desastrosas.

— O usurpador vermelho foi destruído sem desembainhar a espada. Suas forças foram dispersadas antes que as trombetas de guerra dessem o alarme.

— Como se fez isso?

— Divino Egito, não sei. Dizem que um novo inimigo terrível veio do leste, célere como o vento, e que nenhuma nação pode opor-se a sua ira. Embora nunca o tenham visto, nossos soldados estão em plena debandada das fronteiras setentrionais. Nem mesmo os mais valentes querem ficar para enfrentá-lo.

— Quem é esse inimigo? — o faraó interrogou, e pela primeira vez sentimos o medo em sua voz.

— Chamam-no de "o rei pastor" Hicso <sup>[2]</sup>

Tanus e eu havíamos brincado com esse nome. Jamais o faríamos de novo.



O faraó reuniu seu conselho de guerra para um conclave secreto. Muito depois eu soube por Kratas tudo o que transpirou nessas deliberações. Tanus, é claro, jamais romperia seu juramento de segredo, nem mesmo para mim ou minha ama. Mas eu consegui extrair tudo de Kratas, que não resistiu a meus estratégias. Tanus havia promovido Kratas à patente de Melhor dos Dez Mil e dera-lhe o comando da Guarda do Crocodilo Azul. O laço que os unia continuava sólido como uma esteira de granito. Assim, como comandante de regimento, Kratas estava intitulado a participar do conselho de guerra, e embora por sua patente inferior não tenha sido consultado, relatou fielmente a mim e a minha ama tudo o que foi dito.

O conselho dividia-se entre os anciãos, liderados por Nembet, e o sangue jovem, do qual Tanus era o chefe. Infelizmente, a autoridade final residia nos mais velhos, que impunham suas opiniões arcaicas aos mais moços.

Tanus desejava retirar da fronteira nossas forças principais e armar uma série de defesas ao longo do rio. Ao mesmo tempo, pretendia enviar grupos de reconhecimento para sondar a natureza do misterioso inimigo. Tínhamos espiões em todas as cidades do norte, mas por algum motivo desconhecido

ainda não havíamos recebido deles qualquer relatório. Tanus pretendia estudá-los antes de despachar suas forças principais para a batalha.

— Enquanto não soubermos o que estamos enfrentando não poderemos criar uma estratégia adequada — ele disse ao conselho.

Nembet e sua facção recusaram todas as sugestões de Tanus. O velho almirante jamais o perdoara pela humilhação do dia em que Tanus salvara a barcaça real do naufrágio. Sua oposição a Tanus baseava-se em preconceitos, mais que na razão ou na lógica.

— Não cederemos um cúbito de nosso solo sagrado. Sua sugestão é uma covardia. Enfrentaremos o inimigo e o destruiremos onde quer que o encontremos. Não dançaremos e flertaremos com ele como um bando de virgens camponesas.

— Meu senhor! — trovejou Tanus, insultado pela insinuação de covardia. — Somente um tolo, e um velho tolo neste caso, tomaria uma decisão antes de conhecer os fatos. Não temos qualquer informação sobre a qual agir...

Foi em vão. A precedência dos velhos generais na hierarquia mostrou-se mais forte.

Tanus foi enviado imediatamente ao norte, para deter o exército que recuava. Deveria manter a fronteira e não ceder. Estava proibido de fazer uma retirada estratégica até a cadeia de montanhas atrás de Asyut, que seria a linha de defesa natural, e da qual as muralhas da cidade constituíam uma segunda linha de defesa. Ele teria sob seu comando direto a frota e o exército do norte, com trezentos navios de combate para oferecer transporte e dominar o rio.

Nesse íterim, Nembet conduziria o restante do exército, mesmo os regimentos da fronteira sul, com Kush. A ameaça negra do interior africano devia agora ser ignorada, diante do outro perigo mais iminente. Assim que fossem agrupados, Nembet conduziria esses reforços para o norte, reunindo-se a Tanus. Dentro de um mês haveria um exército invencível de sessenta mil homens e quatrocentas galés disposto diante de Asyut. Até então Tanus deveria manter as fronteiras a qualquer preço.

Nembet terminou com uma ordem estrita:

— O senhor Harrab deve ainda manter suas forças na fronteira. Não deve realizar incursões mais ao norte.

— Meu senhor Nembet, estas ordens deixam-me atado e cego. Está me negando os meios de conduzir esta campanha de maneira prudente e eficaz — Tanus protestou em vão.

Nembet sorriu, satisfeito por ter imposto sua autoridade sobre o jovem rival e por ter obtido uma desforra parcial. Sobre emoções humanas tão mesquinhas gira o destino das nações.

O próprio faraó anunciou a intenção de ocupar seu lugar de direito à frente dos exércitos. Durante mil anos o faraó estivera presente nos campos quando se travaram as batalhas decisivas da história. Embora eu tenha de admirar a coragem do rei, desejei que ele não tivesse escolhido aquele momento para demonstrá-la. O faraó Mamose não era um guerreiro, e sua presença em nada aumentaria nossas chances de vitória. Poderia haver certo reforço do moral, quando as tropas o vissem na carruagem, mas por outro lado ele e sua comitiva seriam mais um transtorno que um auxílio para o senhor Tanus.

O rei não viajaria sozinho para a frente de batalha ao norte. Toda a corte o acompanharia, inclusive sua primeira esposa e seu filho. A rainha levaria seu próprio séquito, e o príncipe Memnon, seus tutores, e portanto eu teria de ir para Asyut e para a frente de batalha.

Ninguém conhecia ou compreendia esse inimigo. Percebi que minha ama e o príncipe seriam expostos a perigos desnecessários. De outro lado, a segurança de um escravo de nada valia, exceto para o próprio escravo. Pouco dormi na noite anterior à partida para Asyut, em plena cheia do Nilo.



Quanto mais ao norte navegávamos, mais numerosos e perturbadores eram os rumores e relatos que chegavam da frente, destruindo nossa confiança como gafanhotos nas plantações. Durante a viagem, Tanus veio com frequência a bordo de nosso navio a pretexto de conversar comigo. No entanto, em cada visita ele passava algum tempo com o príncipe e sua mãe.

Nunca me habituei ao costume de as mulheres acompanharem os homens à batalha. Em épocas de paz ou de guerra elas são uma distração maravilhosa — até mesmo um guerreiro do calibre de Tanus perderia de vista seus objetivos principais. Toda a sua mente deveria estar concentrada na missão que o aguardava, mas quando eu lhe disse isso ele riu e deu-me um tapa no ombro.

— Eles me dão mais motivação para lutar. Não se preocupe, velho amigo, serei um leão defendendo seu filhote.

Logo encontramos os primeiros elementos do exército que recuava, grupos esparsos de desertores que saqueavam as aldeias na fuga para o sul, margeando o rio. Com pouca cerimônia e sem hesitação, Tanus decapitou várias centenas deles e mandou espetar suas cabeças em varas, fincando-as nas margens como exemplo e advertência. Depois reuniu os outros e remanejou-os sob oficiais de confiança. Não houve mais deserções e as tropas adquiriram novo ânimo.

Nossa frota chegou à cidade murada de Asyut, que dominava o rio. Desafiando as ordens de Nembet, Tanus deixou ali uma pequena reserva estratégica de cinco mil homens, sob o comando de Remrem. Depois navegamos mais ao norte para assumir posição na fronteira e dali aguardar a aproximação do misterioso rei pastor.

A frota lançou âncoras através do rio, em formação de batalha, mas os navios tinham tripulações-fantasmas. Os guerreiros navais foram desembarcados com o corpo principal da infantaria e posicionados na margem leste do Nilo.

Consegui permissão do faraó para que minha ama e seu filho permanecessem a bordo do grande e confortável navio que os trouxera. Era mais fresco e saudável estar sobre a água, e sua fuga seria mais rápida se nosso exército sofresse reveses.

O rei desembarcou com os soldados e armou acampamento num local elevado, acima dos campos inundados. Havia ali uma aldeia deserta; anos antes os camponeses haviam fugido da fronteira em litúgio com o falso faraó. Nesse lugar ocorriam com frequência sangrentas escaramuças, e os fazendeiros haviam desistido de trabalhar aqueles campos férteis mas perigosos. O nome da aldeia abandonada era Abnub.

A inundação do Nilo havia começado a ceder algumas semanas antes de chegarmos a Abnub, e embora os canais de irriga o continuassem a correr com força e os campos fossem loda ais negros, as águas principais haviam recuado para as margens permanentes do Nilo.

Dentro das restri es colocadas por Nembet, Tanus preparava-se para enfrentar a ameaça. Os regimentos receberam suas ordens de batalha. Astes comandaria a frota fluvial, Tanus se posicionaria no centro, com sua ala esquerda ancorada no rio, enquanto Kratas comandaria a ala direita.

O deserto estendia-se até o horizonte a leste, tórrido e proibitivo.

Nenhum exército poderia sobreviver naquela imensidão abrasadora. Era o nosso flanco direito, seguro e inexpugnável.

Tudo o que sabíamos sobre Hicsos era que vinha do estrangeiro e que não possuía frota própria. Tanus esperava enfrentá-lo em terra e lutar com a infantaria. Sabia que poderia impedir Hicsos de cruzar o rio, e portanto obrigá-lo a lutar no campo de sua escolha, que, idealmente, não seria Abnub. Mas Nembet tomara essa decisão por ele.

A aldeia de Abnub ficava numa colina baixa, rodeada por campos abertos e incultos. Pelo menos dominava uma boa vista e o inimigo seria observado por nós muito antes de se reunir e investir contra nossas posições.

Tanus tinha sob seu comando trinta mil dos melhores soldados do Egito. Eu nunca havia visto uma força tão grande. De fato, duvido que jamais se houvesse reunido um exército de tal porte no vale do Nilo. Logo Nembet chegaria com mais trinta mil homens. Então seria o maior exército da história.

Passei-os em revista na companhia de Tanus e notei que o moral das tropas havia subido desde que ele assumira pessoalmente o comando. Talvez a presença do faraó no acampamento também ajudasse a tranqüilizá-los. Saudaram Tanus enquanto ele percorria as fileiras compactas, e senti-me encorajado e aliviado diante das numerosas hostes e de seu espírito elevado.

Eu não podia imaginar um inimigo poderoso o suficiente para derrotar-nos. Eram doze mil arqueiros com capacetes de couro polido e placas peitorais de couro acolchoado, que deteriam as flechas se não fossem disparadas a curta distância. Havia oito mil lanceiros, com pesados escudos de pele de hipopótamo, duros como bronze. Os dez mil espadachins com quepes de pele de leopardo também estavam armados de atiradeiras, cujas pedras podiam rachar um crânio a cinquenta passos.

Sentia-me mais confiante a cada dia que passava, vendo Tanus exercitar aquelas enormes massas de homens armados. Mas preocupava-me o fato de ainda sabermos tão pouco sobre Hicsos e as forças sob seu comando. Lembrei a Tanus que o conselho de guerra o havia proibido de enviar forças terrestres em reconhecimento, mas nada dissera sobre o uso de navios com esse objetivo.

— Você deveria ser um escriba legal. — Tanus riu. — Pode fazer as palavras dançarem conforme a música que você toca.

Então ele ordenou a Hui que levasse para o norte uma única esquadra de galés rápidas, até Minieh ou até encontrar o inimigo. Era o mesmo Hui que havíamos capturado em Gallala e que fora um dos pegas de Basti. Sob as graças de Tanus, o rufião havia progredido rapidamente e agora comandava uma esquadra de galés.

Hui tinha ordens estritas para evitar confrontos e retornar em quatro dias. Obedientemente, ele voltou no quarto dia. Havia alcançado Minieh sem ver outro barco ou encontrar qualquer resistência. As aldeias ao longo do rio estavam todas desertas e a própria cidade de Minieh fora saqueada e se achava em chamas.

Mas Hui havia capturado um punhado de desertores do exército derrotado do falso faraó. Estes foram as primeiras pessoas que interrogamos que realmente haviam testemunhado a invasão de Hicsos. No entanto, nenhum deles havia lutado de fato contra o rei pastor. Todos haviam fugido diante de sua aproximação. Seus relatos eram, portanto, tão exagerados que perderam completamente a confiabilidade.

Como poderíamos acreditar na existência de um exército que navegava pelo deserto em naus rápidas como o vento? Segundo nossos informantes, as nuvens de poeira que se erguiam sobre essa estranha frota eram tão altas que ocultavam as tropas e impunham o terror a qualquer exército que observasse seu avanço.

— Não são homens — relataram os prisioneiros —, são espíritos do submundo e cavalgam os ventos do demônio pelo deserto.

Tendo interrogado minuciosamente os prisioneiros, e ao verificar que nem mesmo brasas quentes colocadas sobre suas cabeças os faziam alterar suas histórias, Tanus ordenou sua execução sumária. Não queria que essas histórias insanas circulassem, disseminando o medo entre nossas forças que apenas recentemente haviam recuperado a coragem.



No décimo dia de espera em Abnub, recebemos notícias de que Nembet finalmente estava a caminho com reforços e esperava alcançar Asyut nas próximas duas semanas. O efeito dessa notícia sobre os soldados foi esplêndido. De um golpe, transformaram-se de rouxinóis em águias. Tanus liberou uma ração extra de cerveja e carne para comemorar a notícia, e as fogueiras formaram uma constelação na planície diante de Abnub.

Eu deixara minha ama a bordo com seu filho e descera à terra a chamado de Tanus. Ele queria que eu participasse do conselho de guerra final com seus comandantes de regimento.

— Você é sempre um poço de idéias e de sabedoria, velho matreiro. Talvez possa nos ensinar a afundar uma frota que navega em terra firme?

Nossas deliberações prosseguiram até depois de meia-noite, e dessa vez pouco pude contribuir. Era tarde para voltar ao navio naquela noite, então Tanus me cedeu um colchão de palha num canto de sua tenda. Despertei antes da alvorada, como de hábito, mas Tanus já saíra da cama, e, por trás da tenda de linho grosso, o acampamento fervilhava. Senti-me culpado de preguiça e apressei-me a sair para admirar o amanhecer no deserto.

Subi a um monte atrás do acampamento. Dali, olhei primeiro para o rio. A fumaça azul das fogueiras espalhava-se pela superfície da água, misturando-se aos filetes de névoa do rio. As lâmpadas de aviso nos navios refletiam-se nas águas sombrias. Ainda estava muito escuro para distinguir o navio em que se encontrava minha senhora.

Virei-me para leste e vi a claridade espalhar-se pelo deserto com o brilho nacarado das conchas. A luminosidade aumentou e o deserto parecia suave e agradável, as colinas e dunas sombreadas de malva e púrpura-claro. No ar límpido, o horizonte parecia perto o suficiente para que o tocássemos com a mão estendida.

Então notei a nuvem suspensa no horizonte, sob o manto de puro azul do céu. Não era maior que a ponta do meu polegar, e meu olhar vagou para além dela e então retornou. Não me senti alarmado a princípio, pois tive de olhar fixamente por algum tempo até perceber que se movia.

— Estranho — murmurei. — Talvez seja o início do *khamzin*. — Mas não era época, e o ar não estava carregado daquelas forças malignas que anunciam as tempestades no deserto. A manhã estava fresca e perfumada.

Enquanto eu ponderava, a nuvem distante cresceu e elevou-se no ar. Sua base ficava em terra, e não suspensa, e no entanto era rápida e extensa demais para ter origem natural. Um bando de pássaros poderia mover-se com aquela velocidade, gafanhotos poderiam erguer-se tão densamente nos céus, mas não era nenhuma dessas coisas.

A nuvem era de um amarelo ocre, mas a princípio não pensei que fosse poeira. Já observei rebanhos de órix de chifre de cimitarra galopar pelas dunas às centenas, em sua migração anual, mas jamais levantaram uma nuvem de poeira como aquela. Poderia ser a fumaça de um incêndio, mas não havia nada para queimar no deserto. Tinha de ser poeira, no entanto eu não podia acreditar nisso completamente. Ela cresceu velozmente e aproximou-se enquanto eu observava com temor e respeito.

Subitamente vi a luz refletir-se na base da nuvem, e de imediato me transportei para as visões do oráculo de Amon-Rá. Era a mesma cena. A primeira havia sido fantasia, mas esta era real. Eu sabia que aqueles reflexos de luz desprendiam-se de armaduras de guerra e de lâminas de bronze polido. Levantei-me rapidamente e gritei ao vento um aviso que ninguém escutou.

Então ouvi as trombetas de guerra soar no acampamento abaixo. Os sentinelas nas elevações finalmente haviam visto a aproximação da nuvem de poeira e deram o alarme. O som das trombetas fazia parte da minha visão. A advertência urgente vibrou em meus ouvidos, ameaçando rachar-me o crânio, acelerou meu sangue e resfriou-me o coração.

Eu tinha conhecimento, por meio de minha visão, de que naquele dia uma dinastia seria derrubada e os gafanhotos do Oriente devorariam a substância deste nosso Egito. Enchi-me de terror por mim, por minha ama e pela criança que fazia parte dessa dinastia.

O acampamento lá embaixo era um tumulto de homens correndo para apanhar suas armas. As armaduras brilhavam e as pontas das lanças reluziam quando eles as erguiam. Eram como abelhas de uma colméia derrubada, agrupando-se e zumbindo descoordenadas. Os gritos dos sargentos e capitães quase eram sufocados pelas cometas estridentes.

Vi o faraó ser retirado da tenda, no meio de um grupo de homens armados. Levaram-no depressa para o topo de uma colina, onde seu trono foi colocado entre rochedos, dominando a ampla planície e uma parte do rio. Ergueram-no até o trono e colocaram em suas mãos o gancho e a chibata, e na cabeça a alta coroa dupla. O faraó ficou sentado como uma estátua de mármore, com o rosto pálido como cinzas, enquanto lá embaixo seus regimentos assumiam a formação de batalha. Tanus os havia exercitado bem, e da confusão do primeiro alarme logo surgira a ordem.

Corri morro abaixo para ficar junto ao rei, e a reação das divisões do senhor Tanus foi tão rápida que quando cheguei ao pé do trono seu exército se dispusera pela planície como uma serpente enrolada, preparando-se para enfrentar a ameaça daquela temível nuvem de poeira amarela que se aproximava.

Kratas dispôs sua divisão no flanco direito. Reconheci sua figura portentosa sobre a primeira colina. Tinha os oficiais agrupados ao seu redor, com as plumas flutuando à suave brisa matinal que soprava do rio. Tanus e seus oficiais estavam bem abaixo de mim, perto o suficiente para que eu escutasse sua conversa. Discutiam o avanço do inimigo num tom frio e acadêmico, como se fosse um problema apresentado no curso de treinamento militar.

Tanus havia disposto suas forças em formação clássica. Os pesados lanceiros constituíam a linha de frente. Seus escudos interligados tinham apoios pontiagudos que se enterravam no solo. As pontas de bronze cintilavam ao sol, e a atitude dos homens era de calma e concentração. Atrás deles ficavam os arqueiros, com os arcos tensos e prontos. Atrás de cada homem havia seu seteiro, um menino com feixes

de setas, que durante a batalha reuniam as flechas disparadas pelo inimigo para reabastecer as aljavas. Os espadeiros ficavam na retaguarda; eram tropas leves e ágeis, capazes de correr para preencher uma brecha ou aproveitar-se de um ponto fraco nas formações inimigas.

Os movimentos de qualquer batalha assemelhavam-se aos do jogo de *baô*. Havia aberturas clássicas e defesas estabelecidas, que se haviam aprimorado ao longo dos séculos. Eu as estudara e escrevera três dos papiros definitivos sobre tática militar, que eram leitura obrigatória no treinamento de oficiais em Tebas.

Agora, revendo a disposição de Tanus, não encontrei nelas qualquer erro e minha confiança recrudescera. Como poderia um inimigo superar essas poderosas hostes de veteranos experientes, enrijecidos nas batalhas, e seu jovem e brilhante general, que jamais perdera uma luta?

Então olhei novamente além de nossas fileiras para aquela possante nuvem amarela em movimento, e minha confiança vacilou. Era algo fora da tradição militar, além da experiência de qualquer general em nossa longa e valorosa história. Seriam homens mortais que iríamos enfrentar, ou, como sugeriam os rumores, espíritos malignos?

Quando olhei para as nuvens em torvelinho, já estavam tão próximas que consegui distinguir formas escuras entre os sombrios véus de poeira. Minha pele eriçou-se com uma espécie de terror religioso quando reconheci as formas semelhantes a barcos de que nos haviam alertado os prisioneiros. Mas estas eram menores e mais rápidas que qualquer navio jamais lançado à água, mais ágeis que qualquer criatura que se movia na superfície da terra.

Era difícil acompanhar visualmente aquelas formas, pois eram etéreas e rápidas como mariposas à luz da lamparina. Giravam, entrelaçavam-se e desapareciam nas nuvens móveis, de modo que quando ressurgiam era impossível dizer se era uma mesma ou outra parecida. Não havia como contá-las ou como prever o que viria atrás da primeira fila. Atrás delas, a nuvem de poeira estendia-se até o horizonte de onde haviam surgido.

Apesar de nossos homens permanecerem firmes e imóveis à luz do sol, pude notar o espanto e a trepidação que os envolveu. A conversa tranqüila dos oficiais de Tanus se deteve e eles ficaram em temeroso silêncio, observando o inimigo surgir à nossa frente.

Então percebi que a nuvem de poeira não mais avançava. Ficara suspensa no ar e gradualmente começava a se acomodar e dissipar, de modo que consegui discernir melhor os veículos estacionados na vanguarda. Mas agora eu me encontrava tão confuso e alarmado que não poderia dizer se eram mil ou mais.

Saberíamos mais tarde que esse hiato sempre fazia parte do plano de ataque do rei pastor. Eu não o sabia então, mas durante esse intervalo eles se reorganizavam e reuniam forças para o avanço final.

Uma terrível imobilidade abateu-se sobre nossas fileiras, tão profunda que se escutava forte o sussurro da brisa entre os rochedos e desfiladeiros no monte em que nos encontrávamos. O único movimento eram as tremulações de nossos estandartes de combate à frente de cada divisão. Vi a bandeira do Crocodilo Azul agitar-se no meio de nossas fileiras e isso me reconfortou.

Lentamente, a nuvem de poeira cedeu e pudemos enxergar as inúmeras fileiras dos artefatos hicsos. Ainda estavam distantes demais para vermos detalhes, mas notei que os da retaguarda eram muito maiores que os que lideravam o exército. Pareceu-me que eram cobertos por velas de tecido ou couro. Vi homens descarregando deles o que pareciam ser grandes jarros d'água e carregá-los para a frente.

Imaginei por que consumiriam tamanha quantidade de água. Tudo naqueles estrangeiros era um enigma e não tinha sentido para mim.

O silêncio e a espera se prolongaram até que cada músculo e nervo do meu corpo doía de tensão. Então, subitamente, houve novo movimento.

Das fileiras frontais dos hicsos, alguns daqueles estranhos veículos partiram em nossa direção. Um murmúrio ergueu-se de nossas fileiras ao vermos a rapidez com que se deslocavam. Depois daquele curto período de descanso, eles pareciam ter duplicado sua velocidade. A distância diminuía e outro grito partiu de nossas hostes quando percebemos que cada veículo daqueles era puxado por uma parelha de animais extraordinários.

Eram altos como órix selvagens, com a mesma crina rija e ereta sobre as nuças arqueadas. Não tinham chifres como os órix, mas suas cabeças possuíam uma forma mais elegante. Os olhos eram grandes e as narinas, dilatadas. Tinham as pernas longas guarnecidas de cascos. Em suas passadas largas, de uma graça peculiar, mal pareciam tocar a superfície do deserto.

Ainda hoje, tantos anos depois, relembro a emoção de ver um cavalo pela primeira vez. Em minha mente, a beleza do chita caçador empa-lidece diante desses animais maravilhosos. Ao mesmo tempo nos enchemos de temor, e escutei um oficial gritar junto de mim:

— Esses monstros devem ser assassinos e comer carne humana! Que coisa abominável se aproxima de nós?

Um estremecimento de horror percorreu nossas formações, enquanto esperávamos que aquelas feras nos alcançassem e devorassem como leões furiosos. Mas o veículo dianteiro desviou-se e correu em paralelo à nossa primeira fileira. Deslocava-se sobre discos giratórios, que admirei maravilhado. Nos primeiros instantes fiquei tão atônito pelo que estava enxergando que minha mente se recusou a absorver tudo aquilo. Minha primeira visão de um dos carros de guerra dos hicsos foi quase tão emocionante quanto a dos cavalos que o puxavam. Havia uma longa vara entre a parelha a galope, ligada ao que mais tarde vim a conhecer como eixo. O elevado painel dianteiro era folheado a ouro, e os painéis laterais, mais baixos, permitiam que o arqueiro disparasse suas setas para ambos os lados.

Percebi tudo isso rapidamente, e então toda a minha atenção se focalizou nos discos giratórios sobre os quais o carro deslizava com tanta suavidade e rapidez sobre o solo áspero. Durante mil anos nós, egípcios, fôramos o povo mais culto e civilizado na face da terra; nas ciências e na religião havíamos superado em muito todas as outras nações. No entanto, com toda a nossa sabedoria e cultura não havíamos concebido nada semelhante. Nossos carros cortavam a terra sobre patins de madeira que dissipavam a força dos bois que os arrastavam, ou transportávamos os grandes blocos de pedra sobre rolos de madeira, sem darmos o próximo passo lógico.

Examinei com atenção a primeira roda que eu via, e sua simplicidade e beleza invadiram-me a cabeça como um relâmpago. Compreendi tudo instantaneamente e desprezei a mim mesmo por não ter descoberto aquilo sozinho. Era inteligência do mais alto grau, e então compreendi que seríamos destruídos por aquela invenção maravilhosa do mesmo modo que ela devia ter aniquilado o usurpador vermelho no Baixo Reino.

O carro dourado passou veloz à nossa frente, fora do alcance das flechas. Ao vê-lo deslocar-se, desviei o olhar das rodas miraculosas e das criaturas ferozes e aterrorizantes que as puxavam e fixei os dois homens que iam na carroça. Um era obviamente o condutor. Inclinado sobre o painel dianteiro,

parecia controlar a parelha a galope através de longas tiras de couro presas a suas cabeças. O homem mais alto, de pé atrás dele, era um rei. Seu porte imperial não deixava dúvida.

Vi imediatamente que era asiático, de pele clara e nariz aquilino. Tinha barba preta e espessa, cortada reta diante do peito, frisada e trançada intrincadamente com fitas coloridas. Sua armadura era uma pele reluzente de escamas de bronze, e portava uma coroa alta e quadrada, de ouro incrustado com imagens de um estranho deus e enfeitado com pedras preciosas. Suas armas estavam presas ao painel lateral da carroça, junto de suas mãos. A espada de lâmina larga, na bainha de couro dourado, tinha punho de marfim e prata. Além disso, trazia duas aljavas de couro cheias de setas, cada qual enfeitada de penas coloridas. Mais tarde eu viria a aprender como os hicsos amavam as cores alegres. O arco do rei, num suporte a seu lado, apresentava uma forma que eu jamais vira. Não tinha a curva simples dos arcos egípcios, mas era recurvado em ambas as extremidades.

Enquanto o carro voou à nossa frente, o rei inclinou-se para fora e fincou uma lança no solo. Era encimada por um penacho púrpura, e os homens a meu redor resmungaram inquietos:

— O que está fazendo? Para que serve essa lança? É um símbolo religioso ou um desafio?

Olhei para o penacho tremulante, mas tinha o discernimento embotado por tudo o que havia visto e aquilo nada significou para mim. O carro acelerou, ainda fora do alcance de nossas setas, e o asiático coroado plantou outra lança, então fez meia-volta e retornou. Havia notado o faraó em seu trono no alto e parou diante dele. Os cavalos espumavam de suor, que formava rendas em seus flancos. Os olhos moviam-se ferozmente e suas narinas arfavam, expondo a mucosa rosada. Agitavam a cabeça com os pescoços longos e arqueados, e suas crinas esvoaçavam ao sol como as trancas de uma linda mulher.

O hicsos saudou com desprezo o "faraó Mamose, Filho de Rá, Divino Governante dos Dois Reinos, Que Viva Para Sempre", e riu. Foi um desafio irônico e claro como se tivesse sido pronunciado em egípcio perfeito. A gargalhada de desprezo flutuou até nós e nossas fileiras rosnaram de raiva, com um som semelhante ao trovão no ar estival.

Um ligeiro movimento abaixo de mim chamou minha atenção e virei-me no instante em que Tanus deu um passo à frente e disparou o grande arco Lanata. A flecha voou alto em sua trajetória contra o céu azul-leitoso. O hicsos estava fora do alcance de qualquer outro arco, mas não de Lanata. A seta alcançou o zênite e então caiu como um falcão caçador, diretamente para o peito do rei oriental. A multidão que observava fez um "oh" de admiração pela distância, a força e a precisão do disparo. A flecha atravessou trezentos passos, mas no último instante o hicsos ergueu seu escudo de bronze e ela cravou-se no centro do alvo. Aquilo aconteceu com tamanha tranqüilidade que todos ficamos surpresos e confusos.

Então o hicsos tirou do suporte seu próprio arco de estranho formato. Com um só movimento, apanhou uma flecha, armou-a e disparou. Ela subiu mais que a de Tanus e passou sobre sua cabeça. Com um ruído de asa de ganso, voava em minha direção. Não consegui me mover e ela poderia ter-me impalado sem que eu tentasse evitar, mas zumbiu sobre minha cabeça à distância de um braço e cravou-se na base do trono do faraó, atrás de mim. A seta vibrou no suporte de cedro como um insulto. O rei dos hicsos riu mais uma vez, manobrou o coche e afastou-se rapidamente pela planície para reunir-se a suas hostes.

Compreendi então que estávamos condenados. Como poderíamos nos opor àqueles carros velozes e aos arcos curvos que superavam com tanta facilidade o melhor arqueiro de nossas fileiras? Eu não era o único com perspectivas tão terríveis. Quando os esquadrões de coches começaram suas evoluções finais e voaram em ondas contra nós, um clamor desesperado ergueu-se do exército egípcio. Percebi então por

que as forças do usurpador vermelho haviam sido dispersadas sem dificuldade e o traidor morrera sem desembainhar a espada.

Em disparada, os coches dispuseram-se em colunas de quatro, correndo diretamente em nossa direção. Só então minha mente clareou e corri desabalado morro abaixo. Arfante, aproximei-me de Tanus e gritei-lhe:

— As lanças com penacho marcam os pontos fracos em nossas linhas! O ataque principal será nesses locais!

De alguma forma os hicsos haviam reconhecido nossa formação de batalha e identificaram nossas brechas. O rei plantara seus sinais exatamente entre nossas divisões. A idéia de um espião ou traidor ocorreu-me naquele momento, mas pela urgência deixei-a de lado e esqueci-a.

Tanus reagiu instantaneamente a minha advertência e gritou uma ordem para que nossos piquetes se adiantassem e retirassem os penachos. Eu queria que ele os trocasse de lugar para recebermos o inimigo em nossos pontos mais fortes, mas não havia tempo para isso. Antes que os lanceiros alcançassem os marcos, o líder dos coches voadores aproximou-se. Alguns de nossos homens foram derrubados por flechas disparadas dos carros sacolejantes. A mira dos cocheiros inimigos era surpreendente.

Os sobreviventes viraram-se e correram de volta, tentando ganhar a ilusória segurança de nossas fileiras. Os coches os alcançaram sem esforço. Os condutores, controlando os cavalos galopantes com toques sutis, não atropelaram diretamente suas vítimas, mas manobram para ultrapassá-las apenas de um cúbito. Foi então que percebi as facas. Curvavam-se para fora do cubo das rodas como as garras de um crocodilo monstruoso.

Vi um dos homens ser atingido em cheio pelas lâminas giratórias e pareceu dissolver-se numa nuvem de sangue brilhante. Um dos braços decepados foi atirado para cima e os pedaços ensangüentados do tronco caíram ao chão pedregoso, enquanto o coche prosseguia inabalável. A falange de coches continuava correndo para a brecha em nossa linha dianteira, e embora eu tenha ouvido Kratas dar ordens para reforçá-la, era tarde demais.

A coluna de carroças colidiu com nossa parede defensiva de escudos e lanças e atravessou-a como se fosse a névoa insubstancial do rio. Num átimo, nossa formação, que suportara o assalto dos melhores guerreiros sírios e hurritas, estava rompida e dispersa.

Os cavalos pisoteavam nossos homens mais fortes e valentes. As facas giratórias destroçavam suas armaduras e decepavam cabeças e membros como se fossem tenros brotos de vinha. Dos altos carros, os guerreiros despejaram setas e dardos sobre nossas fileiras compactas. Depois investiram na brecha que haviam aberto à força, passando inteiramente por nossas formações, abriram-se em leque atrás de nós e correram por nossa retaguarda, disparando seus projéteis.

Quando nossas tropas viraram-se para enfrentar esse ataque pela retaguarda, outra falange de coches rápidos as esmagou pelo lado da planície. O primeiro assalto dividiu nosso exército, separando Tanus de Kratas, na ala direita. Os seguintes, com incrível rapidez, cortaram as duas metades em grupos menores e isolados. Não éramos mais um todo coeso. Pequenos bandos de cinquenta ou cem homens lutavam costas contra costas, com a coragem de condenados.

Através da planície, em alas de poeira turbilhonante, os hicsos chegavam incessantemente. Atrás dos leves coches de duas rodas vinham carros mais pesados, de quatro rodas, cada qual transportando dez homens. As laterais eram protegidas por peles de carneiro. Nossas flechas rebatiam sem eficácia na lâ espessa e macia, e nossas espadas não atingiam os homens nos carros elevados. Eles disparavam suas

setas contra nós e rompiam as massas confusas de guerreiros em núcleos dispersos de sobreviventes aterrorizados. Quando um de nossos capitães reunia alguns homens para contra-atacar, os carros de guerra manobravam e detinham-se fora de alcance. Com seus terríveis arcos curvos, eles interrompiam nossos valentes ataques, e no momento em que vacilávamos voltavam a nos esmagar.

Tive a nítida percepção de quando o conflito deixou de ser uma batalha para tornar-se um simples massacre. Os remanescentes da divisão de Kratas, em nosso flanco direito, haviam disparado as últimas flechas. Os hicsos haviam identificado os capitães pelos capacetes em-plumados e os haviam dizimado quase todos. Os homens desarmados e sem comando bateram em retirada. Depositavam as armas e corriam para o rio, mas era impossível superar os coches hicsos.

As tropas derrotadas correram para a divisão de Tanus, ao pé da colina, e misturaram-se a esta. As massas em pânico minaram qualquer resistência que Tanus ainda pudesse oferecer. O terror era contagioso, e o centro de nossa linha rompeu-se, tentando escapar, mas os carros mortíferos a rodearam como lobos sobre o rebanho.

Em meio a esse caos, nos choques sangrentos e no tumulto da derrota, somente os Azuis permaneciam firmes ao redor de Tanus e do estandarte do crocodilo. Eram uma pequena ilha na torrente de homens derrotados, e nem mesmo os coches conseguiam apartá-los, pois, com o instinto de um grande general, Tanus os agrupara e fizera recuar para um trecho de rochas e passagens onde os hicsos não podiam penetrar. Os Azuis formavam uma muralha em volta do trono do faraó.

Como eu havia permanecido ao lado do rei, estava no centro desse anel de heróis. Era-me difícil permanecer de pé, pois à volta toda os soldados lutavam e corriam, empurrados para um lado e para outro pelas ondas da batalha, como algas agarradas a uma pedra em plena rebentação.

Vi Kratas abrir caminho desde sua ala vencida até nós. Seu elmo emplumado atraía as flechas dos hicsos, que voavam ao redor de sua cabeça como gafanhotos, mas ele conseguiu passar ileso e nosso anel abriu-se para ele. Quando me viu, Kratas riu com enorme prazer.

— Pelos excrementos fumegantes de Seth, Taita! Isto é mais divertido que construir palácios para príncipes, não é?

Ele nunca foi famoso por seus comentários, e eu estava ocupado demais em me manter de pé para incomodar-me em responder.

Ele e Tanus encontraram-se junto ao trono. Kratas sorriu para o chefe como um idiota.

— Não teria perdido isto por todo o tesouro do faraó. Quero uma das carroças dos hicsos para mim.

Kratas tampouco era um dos melhores engenheiros do Egito. Ainda agora ele acreditava que os coches fossem parceiros com as carroças egípcias. Sua imaginação não ia além disso.

Tanus tocou o lado de seu capacete com a espada, em cumprimento, e embora seu tom de voz fosse suave, tinha a expressão carregada. Era um general que acabara de perder uma batalha, um exército e um império.

— Nosso trabalho terminou por hoje — ele disse a Kratas. — Vamos ver se esses monstros dos hicsos sabem nadar tão bem quanto correm. Recuar para o rio!

Então, ombro a ombro, os dois abriram caminho entre as fileiras até o trono, onde eu me encontrava.

Pude ver sobre suas cabeças, na periferia de nosso pequeno anel defensivo, que o exército derrotado corria em direção ao rio, perseguido pelos esquadrões de carros.

Vi o coche dourado do rei hicsos desviar-se da formação e disparar em nossa direção, atropelando homens e dilacerando-os com as reluzentes lâminas das rodas. O condutor freou os cavalos, detendo-os antes que colidissem com a barreira rochosa que nos protegia. Equilibrando-se com facilidade nos estribos, o hicsos ergueu o arco curvo e mirou em mim, ao que parecia. Quando me abaixei, me dei conta de que a flecha não era dirigida a mim. Ela zuniu sobre minha cabeça, e virei-me para observar seu vôo. Ela atingiu o faraó no alto do peito e enterrou-se até a metade em sua carne.

O faraó deu um grito rouco e cambaleou em seu trono alto. Não havia sangue, pois a haste da seta fechara o ferimento; vi somente as belas penas, escarlate e verde. O faraó escorregou de lado e depois tombou para a frente em minha direção, e abri os braços para ampará-lo. Seu peso me fez cair de joelhos, por isso não vi o coche do rei hicsos afastar-se, mas ouvi seu riso zombeteiro enquanto ele disparava pela planície para chefiar o massacre.

Tanus abaixou-se sobre mim, que segurava o rei.

— Como está ele? — perguntou.

Quase respondi "está morto". O ângulo de penetração da seta e a Profundidade do ferimento só permitiam uma conclusão, mas sufoquei <sup>as</sup> palavras antes de pronunciá-las. Sabia que nossos homens perderiam <sup>a</sup> coragem se o Grande Egito fosse abatido. Então eu disse:

— Ele está muito ferido, Mas se o levarmos de volta ao navio poderá salvar-se.

— Tragam-me um escudo! — bradou Tanus, e quando este chegou ele delicadamente depositou ali o faraó. Este ainda não sangrava, mas eu sabia que seu peito se enchia como um jarro de vinho. Rapidamente procurei a ponta da flecha, mas ela não havia emergido nas costas. A ponta continuava enterrada entre suas costelas. Arrebentei a haste pro-tuberante e cobri o faraó com seu manto de linho.

— Taita — ele sussurrou. — Verei meu filho de novo?

— Sim, poderoso Egito. Prometo-vos.

— E minha dinastia sobreviverá?

— Assim como previram os jogos de Amon-Rá.

— Dez homens fortes, aqui! — Tanus berrou. Eles agruparam-se em volta da liteira improvisada e levantaram o rei.

— Formem a tartaruga! Perto de mim, Azuis! — Com os escudos entrelaçados, os soldados formaram uma parede ao redor do rei.

Tanus correu até a bandeira do Crocodilo Azul, que ainda tremulava, e arrancou-a da vara. Enrolou-a na cintura e amarrou suas pontas sobre a barriga.

— Se os hicsos quiserem este trapaço, terão de arrancá-lo de mim — ele gritou, e seus homens aplaudiram a pequena bravata.

— Todos juntos agora! Voltar para os navios! Acelerado!

No momento em que deixamos nosso abrigo entre as rochas, os coches investiram sobre nós.

— Não ataquem os homens! — Tanus descobrira o segredo. — Matem os animais!

Quando o primeiro coche nos alcançou, Tanus vergou Lanata e os soldados o acompanharam, atirando segundo suas ordens.

Metade de nossas flechas se perderam, pois corríamos em solo acidentado e os arqueiros estavam sem fôlego. Outras atingiram o revestimento do coche principal, e as pontas resvalaram ou enterraram-se na madeira. Outras setas, ainda, ricochetearam nas placas de bronze que protegiam os peitos dos cavalos.

Apenas uma seta atingiu o alvo. Ela saiu zunindo do grande Lanata e acertou a cabeça de um cavalo. O animal despencou como uma avalanche, emaranhando as rédeas e arrastando consigo o outro cavalo numa nuvem de poeira e cascos que se debatiam. Os ocupantes do coche foram atirados longe quando o veículo deu uma cambalhota, e os demais coches desviaram-se para evitar a colisão. Um grito jubiloso saiu de nossas fileiras, enquanto acelerávamos o passo. Foi nosso primeiro sucesso em todo aquele horrível dia, e reforçou o ânimo do pequeno grupo de soldados.

— A mim, Azuis! — Tanus gritou, e então, incrivelmente, começou a cantar. Os homens a seu redor bradaram de imediato os acordes iniciais do hino de guerra do regimento. Suas vozes estavam prejudicadas e roucas pela sede e o esforço, e havia nelas pouca beleza ou afinação, mas o som elevava o coração e excitava o sangue. Eu levantei a cabeça e cantei com eles, e minha voz saiu clara e suave.

— Que Horas o abençoe, meu pequeno canário. — Tanus riu para mim e corremos para o rio.

Os coches nos rodearam, demonstrando pela primeira vez certa cautela. Haviam visto o destino de seu companheiro. Então três deles passaram adiante de nossa tartaruga e nos atacaram pela frente em formação em "V".

— Atirem na cabeça dos animais! — Tanus gritou, e disparou outra flecha que derrubou mais um cavalo. O veículo tombou e despedaçou-se no chão pedregoso, enquanto os demais coches desviavam.

Quando nossa formação passou pelo carro destruído, alguns de nossos homens correram e feriram com as espadas os cavalos presos nos destroços. Eles já odiavam e temiam aqueles animais com uma apreensão quase supersticiosa, que se refletiu nesse ato de crueldade vingativa. Mataram também os guerreiros caídos, mas sem demonstrar o mesmo rancor.

Com dois coches destruídos, os hicsos pareciam relutantes em atacar novamente nosso pequeno grupo, e rapidamente nos aproximamos dos campos lamacentos e canais de irrigação que ladeavam o rio. Acho que nesse momento fui o único dentre nós a perceber que o inimigo de rodas não poderia nos seguir por aquele pântano.

Apesar de correr ao lado da maca improvisada do rei, vi através das brechas em nossas fileiras os atos finais do combate que se desenrolava à nossa volta.

O nosso era o único destacamento sobrevivente que ainda apresentava alguma coesão. O resto do exército egípcio era uma confusão amorfa e aterrorizada que fluía pela planície. A maioria havia abandonado as armas. Quando um coche se aproximava dos soldados, estes caíam de joelhos e levantavam as mãos em súplica. Os hicsos não mostravam clemência. Nem sequer desperdiçavam flechas com eles, mas chegavam perto o suficiente para dilacerá-los com as lâminas das rodas ou para inclinar-se dos veículos e espetá-los com as lanças, ou ainda esmagar seus crânios com clavas de pedra. Arrastavam as vítimas atrás deles, presas às lanças, até que as pontas serrilhadas se libertassem, e só então deixavam os cadáveres amontoados na poeira.

Eu jamais presenciara tal morticínio ou lera algo parecido em todos os relatos de antigas batalhas. Os hicsos chacinaram nosso povo aos milhares e dezenas de milhares. A planície de Abnub parecia uma plantação depois de ser percorrida pelos agricultores na colheita. Os mortos empilhavam-se por toda parte.

Durante mil anos nossos exércitos haviam sido invencíveis e nossas espadas triunfaram por todo o mundo. Ali nos campos de Abnub uma era havia terminado. Em meio àquela carnificina os Azuis cantavam, e eu com eles, apesar de meus olhos arderem com lágrimas de vergonha.

A primeira vala de irrigação estava logo adiante quando outra formação de carros, em colunas de três, nos rodeou e acelerou em nossa direção. Nossas flechas caíam perto delas, mas os cavalos continuavam resfolegando pelas bocas abertas e os condutores gritavam, incitando-os. Vi Tanus disparar duas vezes, mas ambas as setas se desviaram ou ricochetearam nos veículos balouçantes. A formação passou tropejando entre nós e rompeu o entrelaçamento dos escudos.

Dois homens que carregavam a maca do faraó foram destroçados pelas facas giratórias, e o rei ferido caiu ao chão. Ajoelhei-me ao lado dele e cobri-o com meu próprio corpo para protegê-lo das lanças dos hicsos, mas os coches não tardaram. Os condutores preocupavam-se em jamais ficar emaranhados ou cercados. Corriam adiante antes que nossos homens os pudessem alcançar com as espadas, e só então viravam-se e reagrupavam-se para voltar ao ataque.

Tanus abaixou-se e me pôs de pé.

— Se você morrer, quem ficará para compor uma ode heróica a nós? — ele caçoou, e então gritou, chamando os soldados, que reergueram a maca do rei e correram para a vala mais próxima.

Eu escutava o rangido das rodas dos carros se aproximando, mas não olhava para trás. Em circunstâncias comuns sou um bom corredor, mas na ocasião disparei à frente dos carregadores do rei como se estivessem atolados. Tentei saltar o canal de irrigação, mas era largo demais e caí enterrado até os joelhos no fundo enlameado. O coche que me perseguia atingiu a beira da vala e uma das rodas espatifou-se. O veículo caiu na vala e quase me esmagou, mas consegui jogar-me para o lado.

Rapidamente os Azuis atingiram com suas espadas os homens e cavalos caídos indefesos na lama, mas eu aproveitei o momento para me aproximar da carroça.

A roda ainda girava no ar. Coloquei a mão sobre ela para examiná-la e deixei-a girar entre meus dedos. Fiquei ali o suficiente para respirar apenas três vezes, mas ao fim desse tempo havia aprendido tanto quanto qualquer hicsos sobre a construção de rodas e já tinha algumas idéias para aperfeiçoá-la.

— Pelos flatos melódicos de Seth, Taita, vai nos ver todos mortos se começar a pensar agora! — Kratas berrou para mim.

Eu me aprumei e apanhei um dos arcos curvos no suporte lateral do coche e uma flecha da aljava. Queria examiná-los sem pressa. Então atravessei o canal de irrigação com eles na mão, no momento em que o esquadrão de coches voltava com estrondo, correndo paralelo à vala e disparando setas.

Os homens que carregavam o rei estavam cem passos à minha frente; eu era o último do pequeno grupo. Atrás de mim, os cocheiros rosnavam de frustração por não poder nos seguir e disparavam suas flechas contra mim. Uma delas atingiu meu ombro, mas a ponta não penetrou e a seta caiu, deixando apenas uma marca vermelha que só descobri muito depois.

Embora eu houvesse começado bem atrás dos outros, alcancei-os quando chegavam à margem do Nilo. O barranco estava coberto pelos sobreviventes da batalha, quase todos desarmados. Poucos não haviam sido feridos. Movia-os um único desejo: o de voltar o mais rápido possível aos navios que os trouxeram de Tebas.

Tanus me localizou e chamou-me.

— Deixo o faraó em suas mãos agora, Taita — disse. — Leve-o a bordo do navio real e faça o que puder para salvar-lhe a vida.

— Quando você embarcará? — perguntei.

— Meu dever é ficar com meus homens. Devo salvar todos os que puder e levá-los aos navios.

Ele virou e afastou-se, identificando os capitães e comandantes entre o bando derrotado e gritando ordens.

Aproximei-me do rei e ajoelhei-me ao lado da maca. Ele continuava vivo. Examinei-o rapidamente e percebi que beirava a inconsciência. Sua pele estava fria como a de um réptil e sua respiração, fraca. Havia apenas um vestígio de sangue no ferimento, ao redor da haste da flecha, mas quando encostei o ouvido a seu peito, escutei o sangue borbulhar em seus pulmões a cada respiração, e um filete vermelho escorreu-lhe da boca pelo queixo. Sabia que para salvá-lo deveria agir prontamente. Gritei para que um bote o levasse ao navio.

Os carregadores o ergueram e sentei-me a seu lado enquanto éramos conduzidos até a nave oficial, ancorada no meio da correnteza.



O séquito real agrupou-se na amurada do navio ao nos ver chegar. Houve um burburinho das damas reais, cortesãos e sacerdotes que não haviam participado da luta. Reconheci minha ama entre eles quando nos aproximamos. Segurava o filho pela mão e seu rosto estava tenso e pálido. Assim que os passageiros olharam para o bote e viram o rei na maca, com o sangue no rosto que eu não conseguira limpar, ouviu-se um terrível grito de pavor e lamento. As mulheres ajoelharam-se e choraram, e os homens uivaram em desespero, como cães.

De todas as mulheres, minha ama ficou mais próxima quando o rei foi içado pela amurada e sua maca depositada no convés. Como esposa principal, Lostris tinha o dever de atendê-lo primeiro. As outras deram-lhe lugar quando ela se debruçou sobre ele e limpou a lama e o sangue de seu rosto exangue. O rei a reconheceu, pois ouvi-o sussurrar seu nome e perguntar pelo filho. Minha ama chamou o príncipe, e o faraó sorriu e tentou levantar a mão para tocar o menino, mas não teve forças e a mão despencou a seu lado.

Ordenei que a tripulação carregasse o faraó para seus aposentos, e minha ama perguntou-me em voz baixa e aflita:

— E Tanus? Está salvo? Oh, Taita, diga-me que ele não foi abatido por esse poderoso inimigo!

— Ele está a salvo. Nada pode atingi-lo. Já lhe contei a visão que tive. Tudo isso estava previsto. Mas agora devo atender o rei, e precisarei de sua ajuda. Deixe Memnon com as aias e acompanhe-me.

Eu ainda estava negro com uma crosta de lama, assim como o faraó, que havia caído na mesma vala que eu. Pedi à rainha e a duas outras damas que o despissem, banhassem e deitassem em lençóis limpos, enquanto voltei ao convés para lavar-me com baldes de água do rio que os marinheiros içavam sobre a amurada. Nunca opero em meio à sujeira, pois aprendi com a experiência que por algum motivo isso afeta adversamente o paciente e favorece o acúmulo de humores mórbidos.

Enquanto me limpava, observei a margem oeste, onde nosso exército derrotado se amontoava sob a proteção dos canais e do pântano. Aquele populacho decaído fora um dia uma força poderosa e altiva, e senti-me tomado de vergonha e medo. Avistei então a figura imponente de Tanus caminhando entre eles, e por onde ele passava os homens erguiam-se da lama e perfilavam-se num arremedo de disciplina militar. Cheguei a captar no vento o som de aclamações rouquenhas e inconvincentes.

Se o inimigo enviasse sua infantaria através dos pântanos naquele momento, a chacina seria completa. Nenhum homem de nosso poderoso exército sobreviveria, pois até Tanus ofereceria pouca resistência. No entanto, por mais que eu perscrutasse ansiosamente a leste não pude distinguir qualquer indício de escudos da infantaria ou brilhos de lanças no sopé dos morros.

A temível poeira continuava pairando sobre a planície de Abnub, portanto os coches ainda se movimentavam ali, mas sem infantaria inimiga a nos atacar, Tanus ainda poderia sentir certo alívio daquele dia pavoroso. Era uma lição de que eu me lembraria, e que de muito nos serviu nos anos vindouros. Carros poderiam vencer o combate, mas somente soldados a pé podiam consolidá-lo.

A batalha lá na margem do rio era agora inteiramente de Tanus, enquanto eu tinha outra para lutar — contra a morte, na cabine do navio real.



— Não perdemos totalmente as esperanças — sussurrei para minha ama quando voltei para o lado do rei. — Tanus está reunindo as tropas, e se há um homem capaz de salvar o Egito dos hicsos é ele.

Então voltei-me para o rei, e naquele momento esqueci-me de tudo o mais, menos de meu paciente.

Como costume fazer com frequência, murmurava meus pensamentos em voz alta enquanto examinava o ferimento. Fazia menos de uma hora, medida por uma clepsidra, que a flecha fatal o atingira, mas a carne ao redor da haste partida estava inchada e roxa.

— A flecha tem de sair. Se eu deixar a ponta serrilhada aí, ele morrerá antes que a noite acabe. — Eu havia pensado que o rei não podia mais me ouvir, mas quando falei ele abriu os olhos e fitou diretamente os meus.

— Tenho alguma chance de viver? — perguntou.

— Sempre há uma chance. — Fui leviano e insincero. Senti isso em minha própria voz, e o rei também percebeu.

— Obrigado, Taita. Sei que dará o melhor de si e o absolvo de qualquer culpa, se falhar. — Isso foi generoso da parte dele, pois muitos médicos haviam sido estrangulados antes por terem deixado a vida de um rei escapar entre seus dedos.

— A cabeça da flecha está alojada profundamente. Sentireis muita dor, mas vos darei a poção preparada com o pó de *shepenn* vermelho, a flor que faz dormir, para acalmar-vos.

— Onde está minha primeira esposa, a rainha Lostris? — ele perguntou, e minha ama respondeu imediatamente:

— Estou aqui, meu senhor.

— Preciso dizer algumas coisas. Chame todos os meus ministros e es-cribas, para que minhas proclamações sejam testemunhadas e registradas.

Todos se espremeram na cabine pequena e abafada e fizeram silêncio. Então o faraó disse para minha ama:

— Pegue minha mão e ouça minhas palavras. — Ela abaixou-se ao lado dele e fez o que mandara, enquanto o rei falou num sussurro sem fôlego: — Se eu morrer, a rainha Lostris será a regente de meu filho. Aprendi nesse tempo em que a conheci melhor que é uma pessoa forte e de bom senso. Se não o fosse, eu não depositaria nela essa responsabilidade.

— Obrigada por sua confiança, Grande Egito — a rainha Lostris murmurou, e então o faraó falou diretamente com ela, embora todos na cabine pudessem escutá-lo.

— Cerque-se de homens sábios e honestos. Instrua meu filho em todas as virtudes da realeza sobre as quais conversamos. Você sabe o que penso quanto a essas questões.

— Está bem, majestade.

— Quando ele tiver idade suficiente para assumir o gancho e a chibata, não tente impedi-lo. Ele é minha linhagem e minha dinastia.

— Farei de bom grado o que me ordena, pois ele é não apenas o filho de seu pai, mas também meu filho.

— Enquanto você governar, seja sábia e cuide de meu povo. Haverá muitos que tentarão arrancar de suas mãos os emblemas reais. Não apenas este novo e cruel inimigo, os hicsos, mas outros ainda mais próximos de seu trono. Mas você deve repeli-los. Mantenha a dupla coroa intacta para meu filho.

— Farei o que manda, divino faraó.

O rei ficou em silêncio por um instante e pensei que houvesse deslizado para a inconsciência, mas subitamente ele tornou a agarrar a mão de minha ama.

— Tenho uma última recomendação para você. Minha tumba e meu templo estão incompletos. Agora estão ameaçados, como todo o reino, por esta terrível derrota que sofremos. A menos que meus generais os detenham, os hicsos varrerão Tebas.

— Vamos suplicar aos deuses que isso não aconteça — murmurou minha senhora.

— Recomendo-lhe estritamente que me faça embalsamar e enterrar com todo o meu tesouro, de acordo com os protocolos do *Livro dos Mortos*.

Minha ama ficou em silêncio. Acho que percebera como era onerosa a responsabilidade que o faraó lhe atribuía. A mão dele apertou mais a de Lostris até que suas articulações ficaram embranquecidas, e ela estremeceu.

— Prometa isso a mim por sua própria vida e sua fé na imortalidade. Jure diante de meus ministros de Estado e do meu séquito real. Jure pelo nome de Hapi, sua deusa protetora, e pelos nomes da sagrada trindade, Osíris, Isis e Hórus.

A rainha Lostris olhou para mim com um apelo piedoso no olhar. Eu sabia que, se desse sua palavra, iria honrá-la a qualquer custo. Nisto ela era igual a seu amado. Ela e Tanus eram unidos pelo mesmo código de honra. Eu também sabia que os que lhe eram próximos teriam de pagar o mesmo preço. Um juramento ao rei agora poderia ser um peso no futuro de todos nós, inclusive do príncipe Memnon e do escravo Taita. No entanto, não havia como decepcionar o rei em seu leito de morte. Assenti para ela quase imperceptivelmente. Mais tarde eu examinaria os detalhes do juramento, e como um escriba da lei o modelaria da forma mais adequada a uma interpretação razoável.

— Juro por Hapi e por todos os deuses — disse a rainha Lostris, em voz suave mas clara, e nos anos vindouros desejei centenas de vezes que ela jamais o tivesse dito.

O rei suspirou satisfeito e soltou a mão dela.

— Agora estou pronto para você, Taita. E para o destino que os deuses decidirem. Deixe-me apenas beijar meu filho mais uma vez.

Enquanto foram buscar o belo e jovem príncipe, expulsei sem cerimônia os nobres da cabine. Então preparei uma dose de *shepenn* vermelho, a mais forte que ousei, pois sabia que a dor poderia aniquilar meus melhores esforços e destruir o paciente tão rapidamente quanto o corte de meu escalpelo.

Depois que ele bebeu tudo, esperei que suas pupilas se dilatassem ao máximo e suas pálpebras se fechassem. Então fiz o príncipe sair com as aias.



Ao deixar Tebas eu já esperava ter de tratar ferimentos de flecha, por isso trouxera comigo minhas colheres. Eu mesmo havia criado esse instrumento, embora um charlatão de Gaza e outro de Mênfis afirmassem ser os autores. Abençoei os escalpelos à chama da lamparina e então lavei minhas mãos em vinho quente.

— Não acho aconselhável utilizar uma colher quando a cabeça da flecha está tão profunda e junto do coração — disse minha ama ao observar os preparativos. Há ocasiões em que ela fala como se a aluna houvesse superado o mestre.

— Se eu deixar a seta, certamente será fatal. Eu o teria matado como se houvesse decepado sua cabeça dos ombros. E a única maneira de termos uma chance de salvá-lo.

Por um momento nos olhamos fixamente e falamos sem palavras. Aquela era a visão do oráculo de Amon-Rá. Desejávamos evitar as conseqüências benéficas para nós mesmos?

— Ele é meu marido. E o faraó. — Minha ama pegou minha mão para enfatizar suas palavras. — Salve-o, Taita. Salve-o, se for possível.

— Você sabe que o farei — respondi.

— Precisa de minha ajuda? — Ela me auxiliara anteriormente muitas vezes. Assenti e debrucei-me sobre o rei.

Havia três maneiras pelas quais eu poderia tentar extrair a flecha. A primeira seria arrancá-la. Ouvi falar de um cirurgião de Damasco que dobra um ramo de árvore flexível e o prende à haste. Quando solta o galho, a flecha é libertada da carne viva pela força do ramo. Nunca experimentei esse tratamento brutal, pois estou convencido de que poucos homens sobreviveriam.

O segundo método seria empurrar a flecha através do corpo até que a cabeça serrilhada emergisse do outro lado. Para tanto, ela pode ser conduzida pelo seu trajeto original com um martelo, como um prego através de uma tábua. Então a ponta é serrada e a haste, libertada. Esse tratamento é quase tão brutal quanto o primeiro.

Meu método é a colher de Taita. Batizei a colher com meu nome com toda a modéstia, pois as reivindicações dos outros são espúrias e a posteridade precisa ser informada do meu gênio.

Primeiro examinei as flechas dos hicsos que eu recolhera com o arco do coche tombado. Fiquei surpreso ao descobrir que a ponta da seta era de quartzo polido, e não de bronze. Claro, a pedra é mais barata que o bronze e mais fácil de se obter em quantidade, mas é raro um general querer economizar quando se dispõe a conquistar um reino. Essa flecha de ponta de quartzo era um testemunho eloqüente dos recursos limitados dos hicsos e indicava um motivo para o feroz ataque ao Egito. As guerras são empreendidas por desejo de terras ou riquezas, e ao que parecia os hicsos careciam de ambas.

Minha esperança era que a flecha enterrada no peito do faraó fosse do mesmo formato. Comparei um par das colheres ao pedaço de pedra pontiaguda. Tenho colheres de diversos tamanhos e escolhi um par que se encaixava perfeitamente à ponta, envolvendo com o metal polido o temível serrilhado.

A essa altura a droga havia agido completamente e o faraó estava inconsciente sobre os lençóis brancos, com a flecha partida destacando-se um dedo da pele, que era enrugada pela idade e recoberta de pêlos encaracolados. Pousei meu ouvido no peito dele mais uma vez e escutei a respiração claro e borbulhar em seus pulmões. Satisfeito por ele continuar vivo, lubrifiquei as colheres com banha de cordeiro para facilitar a penetração no ferimento. Deixei-as à mão e apanhei um dos escalpelos mais afiados.

Fiz um sinal para os quatro guardas fortes que a rainha Lostris havia selecionado enquanto eu fazia meus preparativos e eles agarraram com firmeza os pulsos e tornozelos do faraó. Lostris ficou sentada à cabeceira do rei e colocou o tubo de minha cesta médica entre os lábios dele, enfiando-o profundamente pela garganta. Isto manteria sua traquéia desimpedida e aberta. Também o impediria de morder ou engolir a própria língua, ou de ranger os dentes e quebrá-los quando a dor o assaltasse com violência.

— Primeiro preciso alargar o ferimento ao redor da flecha para poder alcançar a ponta — murmurei para mim mesmo, e pressionei a ponta do escalpelo ao lado da haste da seta. Todo o corpo do faraó se enrijeceu, mas os homens o seguraram com firmeza.

Trabalhei rapidamente, pois sabia que a velocidade é crucial para a sobrevivência do paciente numa operação dessa natureza. Fiz uma incisão de cada lado da flecha. A pele humana é forte e elástica, e impediria a entrada das colheres, por isso precisava rompê-la.

Soltei o bisturi e apanhei o par de colheres lubrificadas. Utilizando como guia a haste da flecha, enfiei-as cada vez mais fundo no ferimento, até que apenas os longos cabos ficaram de fora.

A essa altura o faraó se debatia e contorcia nas mãos de seus imobilizadores. O suor brotava de todos os seus poros e escorria sobre sua cabeça raspada com um único tufo de cabelos grisalhos. Seus gritos escapavam pelo tubo na boca e reverberavam pelo navio.

Eu havia aprendido a ignorar a agonia de meus pacientes e enterrei ainda mais as colheres na abertura distendida, até sentir que tocaram a ponta da flecha. Esta era a parte mais delicada da operação. Usando os cabos como Um par de tesouras, afastei as colheres uma da outra e ajustei-as à cabeça de quartzo, esperando que recobrissem o serrilhado.

Segurei com cuidado os cabos das colheres e a haste da flecha juntos e puxei com toda a força. Se o serrilhado estivesse exposto, ter-se-ia agarrado à carne do faraó e resistido ao puxão. Tive vontade de gritar de alívio quando senti que estava cedendo. Mas a sucção da carne molhada era considerável e tive de usar toda a minha força para extrair a flecha.

Foi terrível escutar e presenciar o sofrimento do faraó quando a massa de pedra e metal ensangüentados foi arrancada de seu peito. A droga anestésica havia perdido o efeito há muito, e a dor foi

crua e medonha. Eu sabia que estava provocando danos temíveis e senti os tecidos e cartilagens rasgar-se.

Meu próprio suor escorria sobre os olhos, ardendo e quase me cegando, mas não larguei a flecha enquanto ela não surgiu livre e ensangüentada em minhas mãos. Cambaleei para trás pela cabine e bati contra a parede. Fiquei encostado a ela por um momento, exausto. Vi o sangue escuro e semicoagulado escorrer do ferimento antes de me recompor e voltar para costurá-lo.

Besuntei o ferimento com a preciosa mirra e mel cristalizado, e depois envolvi-o fortemente em bandagens limpas. Ao trabalhar, recitava o encantamento para a cura de feridas:

Eu a encerro, criatura de Seth, e fecho sua boca.

Recue diante de mim, maré vermelha.

Recue diante de mim, flor da morte.

Eu o esconjuro, cão vermelho de Seth.

Estas eram as palavras para um ferimento com sangue, causado por lâmina ou flecha. Há versos específicos para todos os tipos de ferimento, desde as queimaduras até os infligidos pelas garras de um leão. Aprendê-los é uma parte importante do treinamento médico. Nunca tive muita certeza de até que ponto esses encantamentos são eficazes; no entanto, acredito que devo a meus pacientes empregar todos os meios à minha disposição para curá-los.

Depois disso o faraó pareceu muito melhor. Deixei-o dormindo aos cuidados de suas esposas e voltei para o convés. Precisava do ar fresco do rio para me reanimar, pois a operação me esgotara quase tanto quanto ao faraó.

Já era tarde, e o sol se punha cansado sobre os montes a oeste, atirando seus últimos brilhos rosados sobre o campo de batalha. Não houvera ataque da infantaria dos hicsos e Tanus continuava trazendo os remanescentes de seu exército derrotado da margem do rio para as galés ancoradas.

Observei os botes carregados de homens feridos e exaustos passar por nosso navio e senti por eles profunda compaixão, como sentia por todas as pessoas. Aquele seria o dia mais terrível de nossa história. Então vi que as nuvens de poeira das carroças inimigas já começavam a mover-se para o sul, na direção de Tebas. O pôr-do-sol tingia as nuvens da cor de sangue. Para mim isso foi um sinal, e minha compaixão transformou-se em medo.



Estava escuro quando Tanus subiu a bordo do navio real. A luz das tochas, ele parecia um dos cadáveres do campo de batalha. Estava pálido, cansado e empoeirado. Tinha o manto rígido de sangue coagulado e lama, e sombras escuras e profundas sob os olhos. Quando me viu, sua primeira preocupação foi perguntar pelo faraó.

— Retirei a flecha — eu disse. — Mas o ferimento é profundo e próximo ao coração. Ele está muito fraco, mas se sobreviver três dias poderei salvá-lo.

— E sua ama e seu filho? — ele sempre perguntava desse modo quando nos encontrávamos.

— A rainha Lostris está cansada, pois ajudou-me na operação. Mas está com o rei agora. O príncipe está feliz como sempre e dorme com suas aias.

Vi Tanus vacilar e percebi que sua incrível força estava quase esgotada.

— Precisa descansar agora... — comecei, mas ele afastou minha mão.

— Tragam lâmpadas aqui — ordenou. — Taita, vá buscar seus pincéis, tintas e papiros. Preciso enviar uma advertência a Nembet, para que não caia na armadilha dos hicsos como eu caí.

Assim, Tanus passou metade da noite no convés, e este foi o despacho para Nembet que me ditou:

*Saúdo-o, senhor Nembet, Grande Leão do Egito, comandante da divisão Rá do exército do faraó. Que viva para sempre!*

*Saiba que encontrei os inimigos hicsos na planície de Abnub. Os hicsos são um rival terrível por sua força e ferocidade, e possuem um estranho e rápido aparato de guerra a que não podemos resistir.*

*Saiba também que sofremos uma derrota e nosso exército está destruído.*

*Não podemos mais enfrentar os hicsos.*

*Saiba ainda que o faraó está gravemente ferido e corre perigo de vida.*

*Evite enfrentar os hicsos em campo aberto, pois seus artefatos são como o vento. Portanto, refugie-se atrás de paredes de pedra ou aguarde a bordo dos navios para combater o inimigo.*

*Os hicsos não têm navios e será somente por meio de nossas embarcações que poderemos vencê-los.*

*Espere nossa chegada antes de empenhar suas forças em batalha.*

*Peço a proteção de Hórus e de todos os deuses para vocês.*

*Foi Tanus, senhor Harrab, comandante da divisão Ptah do exército do faraó, quem assim falou.*

Escrevi quatro cópias dessa mensagem, e ao terminar cada uma Tanus enviava mensageiros para levá-la ao senhor Nembet, Grande Leão do Egito, que avançava do sul para nos trazer reforços. Tanus mandou duas galés velozes rio acima, cada qual com uma cópia do despacho. Depois desembarcou seus melhores corredores na margem oeste, oposta à dos hicsos, e mandou-os ao encontro de Nembet.

— Certamente um de seus papiros chegará ao destino. Não pode fazer mais nada até amanhã — afirmei. — Você precisa dormir agora, ou se destruirá, e com você todo o Egito.

Nem mesmo assim ele foi para a cabine, mas enrodilhado-se como um cachorro no convés para estar pronto para qualquer nova emergência. Eu fui para a cabine, para ficar junto do rei e reconfortar minha ama.

Antes do primeiro clarão da madrugada eu estava novamente no convés. Quando cheguei, ouvi Tanus dar ordens para incendiar nossa frota. Não me cabia questionar essa decisão, mas ele viu meu olhar incrédulo, e quando os mensageiros foram despachados, disse-me bruscamente:

— Acabo de receber o relatório de meus comandantes de regimento. Dos trinta mil homens que estavam ontem na planície de Abnub para enfrentar os hicsos restam apenas sete mil. Destes, cinco mil estão feridos e muitos ainda morrerão. Dos que escaparam ilesos, poucos são marinheiros. Tenho homens suficientes apenas para acionar metade de nossa frota. Devo abandonar o resto dos navios, mas não posso deixá-los cair nas mãos do inimigo.

Utilizaram feixes de caniços para atear os fogos, que se espalharam rapidamente. Foi uma visão triste e terrível, mesmo para mim e minha ama, que não éramos marinheiros. Para Tanus era ainda pior. Ele ficou sozinho na proa do navio real, com desespero e pesar em cada traço de suas feições, enquanto observava os navios queimar. Para ele, eram coisas vivas e maravilhosas.

Diante da corte, minha ama não podia ficar ao lado dele, que era seu lugar, então ela pegou minha mão disfarçadamente e choramos juntos por Tanus e por todo o Egito, enquanto víamos as elegantes naves arder como tochas. Colunas de fogo erguiam-se de cada navio manchadas pela fumaça negra, mas ainda assim sua luz intensa rivalizou com a do sol que nascia.

Finalmente Tanus ordenou que as cem galés restantes levantassem âncora, e nossa pequena frota carregada de feridos e agonizantes zarpou de volta para o sul.

Atrás de nós a fumaça da pira fúnebre da frota erguia-se alto no céu matinal, enquanto à frente a nuvem de poeira amarela ampliava-se pela margem leste do Nilo. Os esquadrões dos hicsos aprofundavam-se pelo Alto Reino na direção da indefesa Tebas e seus tesouros.

Parecia que os deuses haviam dado as costas ao Egito e nos abandonado completamente, pois o vento, que costuma soprar forte do norte nesta estação do ano, parou por completo e depois retomou forças pelo lado sul. Assim, fomos obrigados a lutar contra a correnteza e o vento, e os navios estavam sobrecarregados com os feridos. Movíamos-nos pesadamente pela água, com as tripulações exaustas esfalfando-se nos remos. Era impossível acompanharmos o exército hicsu, que se afastava inexoravelmente.

Eu estava absorto em meus deveres de médico junto ao rei. No entanto, em todos os outros navios da frota havia homens agonizantes que eu poderia salvar. A cada vez que eu saía para o convés para respirar, via cadáveres sendo jogados das outras galés, e ao baque na água seguia-se um torvelinho de crocodilos sob a superfície. Os répteis medonhos acompanhavam a frota como abutres.

O faraó reagiu *com vigor* e no segundo dia pude dar-lhe uma tigela de caldo. A tarde, ele me pediu para ver novamente o príncipe, e Mem-non foi trazido até ele.

Memnon estava numa idade em que era irrequieto como um grilo e barulhento como um bando de galinhas. O faraó sempre fora bom para o menino, apesar de demasiado indulgente, e Memnon adorava sua companhia. Era um belo menino, com membros fortes e lisos, a pele de sua mãe e grandes olhos verde-escuros. Tinha os cabelos en-caracolados como a lã de um cordeiro recém-nascido, mas à luz do sol eles brilhavam com as chamas das mechas hirsutas de Tanus.

O prazer do faraó com Memnon era ainda mais intenso que de costume. A criança e a promessa que ele havia obtido de minha ama eram sua esperança de imortalidade. Contra minha vontade, ele manteve o menino junto de si até depois de anoitecer. Eu sabia que a energia ilimitada de Memnon e suas exigências por atenção estavam cansando o rei, mas não pude intervir até que chegou a hora de o príncipe jantar e ele foi levado pelas aias.

Minha ama e eu ficamos ao lado do rei, que caiu instantaneamente num sono mortal. Mesmo sem a pintura facial, ele estava branco como os lençóis em que se deitava.

O dia seguinte, o terceiro desde o ferimento, era o mais perigoso. Se ele sobrevivesse, eu sabia que poderia salvá-lo. Mas quando acordei de madrugada a cabine estava densa com o odor almiscarado da in-fecção. Toquei a pele do faraó e ela me queimou como uma chaleira tirada do fogo. Chamei por minha senhora, que veio cambaleando da alcova atrás da cortina.

— O que há, Taita.? — Ela não continuou, pois a resposta era evidente em meu rosto. Ficou ao meu lado enquanto eu desenfaixava o ferimento. O enfaixamento era uma grande arte nas técnicas do cirurgião, e eu mesmo havia costurado as bandagens de linho. Agora cortei a linha que as unia e retirei-as.

— Bondosa Hapi, orai por ele! — soluçou a rainha Lostris ao sentir o mau cheiro. A crosta negra que cobria a ferida estourou e do buraco escorreu um rio viscoso de pus verde e espesso.

— A mortificação! — sussurrei. Esse era o pesadelo do cirurgião, esse humor maligno que surgia no terceiro dia e se espalhava pelo corpo como fogo nas moitas de papiro no inverno.

— Que podemos fazer? — Lostris perguntou, e balancei a cabeça.

— Estará morto ainda esta noite — eu lhe disse, mas esperamos o inevitável ao lado de seu leito. Quando a notícia de que o faraó iria morrer se espalhou pelo navio, a cabine encheu-se de sacerdotes, mulheres e cortesãos. Esperamos em silêncio.

Tanus foi o último a chegar e ficou atrás de todos, com o elmo sob o braço em posição de respeito. Seu olhar não estava pousado no leito de morte, mas na rainha Lostris. Ela mantinha o rosto desviado, mas eu sabia que cada fibra de seu corpo estava consciente dele.

Lostris cobrira a cabeça com um xale bordado, mas acima da cintura seu corpo estava nu. Desde que o príncipe fora desmamado, seus seios haviam perdido a pesada carga de leite. Continuava esguia como uma virgem, e a gravidez não marcara seu peito ou o ventre flexível com as estrias prateadas. Sua pele mostrava-se suave e lisa como se a houvessem acabado de untar com óleo perfumado.

Coloquei panos molhados sobre o corpo ardente do faraó para tentar baixar a febre, mas o calor fazia a umidade evaporar e eu era obrigado a trocá-los constantemente. O faraó agitava-se sem cessar e gritava em delírio, perseguido pelos terrores e monstros do outro mundo, que esperavam para recebê-lo.

As vezes recitava trechos do Livro dos Mortos. Desde a infância os sacerdotes haviam-lhe ensinado a memorizar o livro que era a chave e o mapa para se atravessar as sombras e atingir os campos longínquos do paraíso:

A senda de cristal tem vinte e uma curvas. O caminho é delgado como lâmina de bronze. A deusa que guarda a segunda torre é traiçoeira e tem meios insidiosos. Dama de fogo, rameira universal, como a boca de uma leoa sua vagina engole os homens, que se perdem no buraco leitoso.

Sua voz e seus movimentos tornaram-se gradualmente mais fracos, e pouco depois que o sol chegou ao ápice ele teve um último estremecimento, suspirou e ficou imóvel. Inclinei-me sobre ele e procurei o latejamento da vida em seu pescoço, mas nada encontrei e senti a pele esfriar-se sob meus dedos.

— O faraó está morto — eu disse suavemente e fechei suas pálpebras sobre os olhos arregalados. — Que viva para sempre!

Um grito de pesar ergueu-se de todos os que estavam ali reunidos, e minha ama liderou as mulheres reais no selvagem ulular do luto. Era um som que me congelava e fazia insetos invisíveis rastejar por minha pele, por isso deixei a cabine assim que pude. Tanus seguiu-me para o convés e pegou meu braço.

— Você fez o que pôde para salvá-lo? — perguntou asperamente. — Não foi mais um de seus artifícios?

Eu sabia que esse modo de me tratar era uma expressão de seu próprio medo e sentimento de culpa, por isso respondi delicadamente:

— Ele foi ferido pela flecha do rei hicsu. Fiz o possível para salvá-lo. Era o destino previsto para ele nas profecias de Amon-Rá e não há culpa ou falta em nenhum de nós.

Ele suspirou e colocou o braço forte sobre meus ombros.

— Eu não havia previsto nada disso. Pensei apenas em meu amor pela rainha e por nosso filho. Deveria regozijar-me por ela estar livre, mas não consigo. Muito foi perdido e destruído. Não passamos de grãos de milho no moinho do oráculo.

— Mais tarde haverá um tempo de felicidade para todos nós — eu o reconfortei, embora não tivesse fundamentos para tal afirmação. — Mas ainda há um dever sagrado para minha ama, e através dela também para você e eu.

E lembrei-lhe o juramento que a rainha Lostris havia feito ao rei, de preservar seu corpo terreno e dar-lhe enterro apropriado, para permitir que seu *Ka* prosseguisse para os campos do paraíso.

— Diga-me como posso ajudar nisso — Tanus respondeu com franqueza —, mas lembre-se de que os hicsos estão devastando o Alto Reino à nossa frente e não posso garantir que a tumba do faraó não seja violada.

— Então, se for preciso, deveremos encontrar outra tumba para ele. Nossa primeira preocupação deve ser preservar seu corpo. Neste calor, estará em decomposição e fervilhando de vermes antes do pôr-do-sol. Não tenho prática na arte de embalsamar, mas conheço um meio de mantermos nossa promessa.

Tanus mandou marinheiros descerem ao porão do navio e retirar um dos enormes jarros de azeitonas em conserva. Então, sob minhas instruções, o jarro foi esvaziado e cheio de água fervente. Enquanto a água ainda estava quente, misturaram-se a ela três sacos de sal marinho. Depois encheram-se quatro jarros de vinho menores com a mesma salmoura e os deixaram no convés para esfriar.

Enquanto isso eu trabalhava sozinho na cabine. Minha ama quis ajudar-me. Achava que fazia parte de seus deveres para com o marido morto, mas mandei-a cuidar do príncipe.

Abri o cadáver do faraó pelo flanco, das costelas até a bacia. Pela abertura, retirei o conteúdo de seu peito e ventre, libertando-os com a faca junto com o diafragma. Deixei o coração em seu lugar, naturalmente, pois é o órgão da vida e da inteligência. Deixei também os rins, que são os recipientes da água e representam o Nilo sagrado. Estofei a cavidade com sal e então costurei-a com tripa de gato. Eu não tinha uma colher de embalsamar, para enfiar pelas cavidades nasais e remover a pasta amarelada de dentro do crânio, então deixei-a onde estava. De qualquer modo, não tinha qualquer importância. Dividi as vísceras em partes separadas: fígado, pulmões, estômago e intestinos. Lavei o estômago e os intestinos com vinagre, o que era uma tarefa detestável.

Quando terminei, aproveitei a oportunidade para examinar detalhadamente os pulmões do rei. O direito estava saudável e rosado, mas o esquerdo havia sido atravessado pela seta e murchara como uma bexiga perfurada. Estava cheio de sangue preto e pus. Fiquei impressionado que o homem tivesse vivido tanto tempo com tal ferimento. E senti-me perdoado. Nenhum médico o poderia ter curado, e não houvera falha em meu tratamento.

Afinal mandei os marinheiros trazer-me os jarros de salmoura resinada. Tanus ajudou-me a curvar o corpo do faraó na posição fetal e o colocamos no jarro de azeitonas. Certifiquei-me de que ficou completamente imerso na salmoura forte. Acondicionamos suas vísceras nos jarros canópicos menores, selamos cada um deles com piche e cera e os guardamos em segurança no compartimento abaixo do

convés onde o rei mantinha seu tesouro. Acho que o faraó estaria feliz repousando ali, rodeado de ouro e barras de prata.

Eu fizera o melhor ao meu alcance para ajudar minha ama a manter sua promessa. Quando chegássemos a Tebas, entregaria o corpo do rei aos embalsamadores, se os hicsos não chegassem primeiro e se a cidade e seus habitantes ainda existissem.



Quando chegamos à cidade murada de Asyut, ficou claro que os hicsos haviam deixado apenas uma pequena força para dominá-la e seguido para o sul com o exército principal. Apesar de não passarem de um destacamento com uma centena de coches, os sitiados hicsos eram fortes demais para que os atacássemos com nosso exército dizimado.

O objetivo maior de Tanus era resgatar Remrem e os cinco mil soldados, que estavam no interior das muralhas, e depois avançar rio acima para juntar forças ao senhor Nembet e seus trinta mil homens. Ancorado na correnteza do rio, protegido do ataque dos carros mortíferos, Tanus comunicou seu plano a Remrem, que observava sobre as muralhas.

Anos antes eu ajudara Tanus a criar um sistema de sinalização por intermédio de duas bandeiras coloridas, através das quais ele podia soletrar mensagens de qualquer lugar ao alcance da vista — do outro lado de um vale, entre um pico e outro ou das muralhas da cidade até o rio. Dessa forma Tanus conseguiu avisar Remrem para que estivesse preparado à noite. Sob o manto da escuridão, vinte de nossas galés aproximaram-se velozmente da praia junto às muralhas. No mesmo instante, Remrem abriu os portões laterais e, à frente de seu regimento, fez caminho entre os lanceiros hicsos. Antes que o inimigo pudesse arrear os cavalos, Remrem e todos os seus homens haviam embarcado em segurança.

Imediatamente, Tanus sinalizou ao resto da flotilha para levantar âncoras. Abandonou a cidade de Asyut ao saque e à destruição e zarpamos rio acima. Durante o resto da noite, quando olhávamos sobre a popa, víamos as chamas da cidade incendiada, iluminando o horizonte ao norte.

— Que os pobres bastardos me perdoem — Tanus murmurou, referindo-se aos habitantes de Asyut. — Não tive escolha a não ser sacrificá-los. Meu dever está ao sul, em Tebas.

Ele era militar o bastante para tomar a difícil decisão sem hesitar, mas homem o bastante para lamentar o fato amargamente. Por isso eu o admirava tanto quanto o amava.



Remrem contou que nossas fragatas haviam passado diante de Asyut no dia anterior, e portanto os despachos que eu redigira a mando de Tanus estariam agora nas mãos do senhor Nembet. Remrem também nos deu algumas informações e notícias sobre os hicsos e seu avanço para o sul. Ele havia capturado dois traidores egípcios que haviam passado para o lado do inimigo e entraram em Asyut para espionar seus defensores. Sob tortura, eles uivaram como chacais e antes de morrer contaram a Remrem inúmeros detalhes sobre os hicsos que muito nos interessavam.

O rei hicsu, que havíamos desastrosamente encontrado na planície de Abnub, chamava-se Salitis. Sua tribo era de sangue semítico, um povo originalmente nômade e pastoril que vivia nas montanhas Zagros, perto do lago Van. Isto confirmou minha impressão sobre aqueles temíveis asiáticos. Eu havia adivinhado por suas feições a origem semítica, mas me perguntava como um povo pastoril haveria desenvolvido um veículo tão extraordinário como o coche de rodas, e onde haveriam encontrado aquele animal maravilhoso que agora chamávamos de cavalo e temíamos como se fosse uma criatura do submundo.

Em outros aspectos os hicsos pareciam ser um povo atrasado. Eram incapazes de ler ou escrever, e tinham por governo uma rígida tirania sob um único rei, o barbudo Salitis. Nós, egípcios, o odiávamos e temíamos ainda mais que às criaturas selvagens que puxavam seu coche.

O principal deus dos hicsos chamava-se Sutekh, o deus das tempestades. Não era preciso ter uma profunda instrução religiosa para reconhecer nele nosso temido Seth. Sua predileção divina era apropriada, e seu comportamento fazia-lhe jus. Nenhum povo civilizado incendiaria e destruiria da maneira como eles fizeram. O fato de torturarmos traidores não pode ser comparado às atrocidades cometidas por aqueles bárbaros.

Uma verdade que tenho observado com freqüência é que uma nação escolhe os deuses conforme sua própria natureza. Os filisteus adoram Baal e atiram crianças vivas na fornalha, que é sua boca. As tribos negras kushitas veneram monstros e criaturas do submundo em rituais dos mais bizarros. Nós, egípcios, adoramos deuses justos e decentes, que são indulgentes para com a humanidade e não exigem sacrifícios humanos.

Parece que os prisioneiros de Remrem não eram os únicos traidores egípcios que se deslocavam com as hostes inimigas. Com uma brasa metida no ânus, um dos cativos contara que havia um grande senhor egípcio do Alto Reino no conselho de guerra do rei Salitis. Ao ouvir isso, lembrei-me de minha surpresa na planície quando percebi que os hicsos conheciam nossa formação de batalha. Havia suspeitado então da presença de um espião entre eles, alguém que conhecesse nossos segredos.

Se isso fosse verdade, devíamos esperar que o inimigo soubesse de todas as nossas forças e fraquezas. Deviam conhecer todos os nossos planos defensivos para as cidades. Especialmente, saberiam do rico tesouro que o faraó acumulara em seu templo fúnebre.

— Talvez isto explique a pressa do rei Salitis para chegar a Tebas — comentei para Tanus. — Podemos esperar que eles tentem atravessar o Nilo na primeira oportunidade que se apresente.

Tanus amaldiçoou amargamente.

— Se Hórus for bondoso, entregará esse traidor egípcio em minhas mãos. — Ele bateu com o punho na palma da outra mão. — Devemos impedir Salitis de atravessar o rio. Os navios são nossa maior vantagem e preciso extrair deles o máximo que puder.

Tanus deu alguns passos pelo convés e olhou para o céu.

— Quando esse vento voltará a soprar do norte? A cada hora os carros inimigos afastam-se mais de nós. Onde está a frota de Nembet? Devemos juntar nossas forças e manter o domínio do rio.



Naquela tarde, no convés de popa do navio real, o conselho de Estado do Alto Egito reuniu-se diante do trono. O sumo-sacer-dote de Osíris representava o corpo espiritual; o chanceler, senhor Merseket, encarnava o corpo temporal do Estado; e Tanus, senhor Harrab, era a autoridade militar. Os três senhores alçaram a rainha Lostris ao trono egípcio e colocaram-lhe o filho no colo. Enquanto todos os homens e mulheres a bordo erguiam as vozes numa saudação de lealdade, os demais navios da frota desfilaram por nós e até os soldados feridos arrastavam-se até a amurada para aclamar a nova regente e o jovem herdeiro do grande trono do Egito.

O sumo-sacerdote de Osíris prendeu a barba postiça da realeza no queixo de minha senhora, o que em nada diminuiu sua beleza e feminilidade. O senhor Merkeset atou a cauda de leão ao redor de sua cintura e colocou-lhe na cabeça a alta coroa branca e vermelha. Finalmente, Tanus aproximou-se do trono para depositar nas mãos de Lostris o gancho e a chibata. Memnon, ao ver os brinquedos reluzentes que Tanus levava em sua direção, estendeu-se para agarrá-los.

— E mesmo um rei! Sabe que o gancho lhe pertence por direito — Tanus aplaudiu orgulhoso, e a corte aprovou com uma ovação o comportamento precoce.

Acho que foi a primeira vez que algum de nós riu desde o terrível combate nos campos de Abnub. Pareceu-me que o riso era uma catarse e marcava um novo começo para todos nós. Até aquele momento es-tivéramos dominados pelo choque da derrota e da perda do faraó. Mas agora, enquanto os grandes senhores do Egito se aproximavam do trono, um a um, e se ajoelhavam diante daquela bela mulher e do infante, um espírito renovado nos invadia. Fôramos resgatados da apatia do desespero e nossa vontade de lutar e resistir ressuscitara.

Tanus foi o último dentre eles a ajoelhar-se diante do trono e a jurar fidelidade. Ao olhar para ele, a adoração da rainha Lostris era tão evidente que se espalhou por seu rosto e fulgurou como o sol nascente naqueles olhos verdes. Espantei-me de que mais ninguém naquela multidão parecesse notar isso.

Naquela noite, assim que o sol se pôs, minha ama enviou-me à ponte do navio oficial com um recado para o comandante de seus exércitos. Ela o convocava para um conselho de guerra na cabine principal. Dessa vez Tanus não ousou recusar, pois acabara de lhe jurar obediência.

Esse conselho de guerra extraordinário, do qual eu era a única testemunha, mal havia começado quando a nova regente do Egito imperiosamente me expulsou da cabine, mandando-me guardar a porta e repelir qualquer visitante. A última visão que tive antes de fechar a pesada cortina da cabine foi dos dois se abraçando. Seu desejo era tão forte e fora contido há tanto tempo que eles correram um para o outro como inimigos mortais enfrentando-se num combate, e não como amantes.

Os sons felizes do encontro continuaram durante quase toda a noite, e fiquei aliviado de que não estivéssemos ancorados, mas navegando rio acima para nos reunirmos ao senhor Nembet. O golpe dos remos e os espirros da água, o retumbar do tambor que marcava o ritmo e o canto dos remeiros quase abafavam o tumulto na cabine real.

Quando chegou ao convés de popa, na troca de guarda, Tanus tinha o sorriso e o ar satisfeito de um general que acabara de conquistar uma grande vitória. Minha ama seguiu-o pouco depois, e reluzia com uma nova e etérea beleza que surpreendeu até a mim, habituado a sua formosura. Durante o resto do dia ela foi boa e delicada com todos os que a rodearam, e encontrou diversas ocasiões para consultar o comandante de seus exércitos. Assim, o príncipe Memnon e eu passamos a maior parte do dia juntos, circunstância que muito nos agradou.

Com a dúvida ajuda do príncipe, eu havia começado a esculpir uma série de modelos de madeira. Um deles era um coche, outro de um cavalo. Outro ainda era uma roda com um eixo, que eu estava testando.

Memnon ficou na ponta dos pés para observar a roda girar suavemente ao redor do cubo em miniatura.

— Um disco sólido é pesado demais, não concorda, Mem? Veja como ela perde rapidamente o impulso e fica lenta.

— Me dê! — ele exigiu e agarrou o disco giratório. Este voou de <sup>seus</sup>dedos gorduchos, caiu no convés e partiu-se em quatro segmentos quase iguais.

— Você é um bandido hicsu — eu lhe disse gravemente, o que ele pareceu tomar como um cumprimento.

Ajoelhei-me para apanhar o modelo partido. As partes quebradas continuavam em forma circular, e antes que minha mão os tocasse tive uma estranha e incomum visão. Os pedaços sólidos de madeira transformaram-se em espaços, enquanto as rachaduras entre eles pareceram segmentos sólidos.

— Doce sopro de Hórus! Você descobriu, Mem. — Eu o abracei. — Um aro sustentado por hastes que partem do cubo! Que outros milagres realizará para nós quando for faraó?

Assim, o príncipe real Memnon, primeiro desse nome, senhor da madrugada, concebeu, com uma pequena ajuda de seu amigo taita, a roda raiada. Eu nem sequer sonhava que um dia nós dois juntos a utilizaríamos para alcançar a glória.



Encontramos o primeiro cadáver egípcio antes do meio-dia. Ele veio flutuando pelo rio, o ventre inchado e o rosto sem expressão voltado para o céu. Um corvo preto pousado em seu peito bicou-lhe os olhos, um por vez, e sacudiu a cabeça para trás para engolir.

Ficamos em silêncio na amurada do navio e observamos o morto boiar serenamente.

— Ele usava o saiote da Guarda do Leão — disse Tanus calmamente. — Os Leões são a ponta-de-lança do exército de Nembet. Peço a Hórus que não haja outros descendo o rio.

Mas havia. Mais dez, depois cem. Cada vez mais, até que a superfície do Nilo ficou juncada de cadáveres, de uma margem à outra, juntos como as raízes de jacintos que entopem os canais de irrigação no verão.

Surgiu finalmente um que ainda vivia. Era um capitão dos Leões que fora destacado para assessorar Nembet. Vinha agarrado a um feixe de papiros que flutuava na correnteza. Pescamos o soldado e tratei seus ferimentos. Uma massa de pedra havia-lhe destroçado os ossos do ombro, e nunca mais poderia usar o braço.

Quando ele se recuperou o suficiente para falar, Tanus agachou-se ao lado do colchão.

— E o senhor Nembet?

— Está morto, com todo o estado-maior — disse o capitão com a voz rouca.

— Nembet não recebeu meu despacho avisando sobre os hicsos?

— Ele o recebeu na véspera da batalha, mas riu quando o leu.

— Riu? — perguntou Tanus. — Por que motivo?

— Disse que o cachorrinho fora destruído... desculpe-me, senhor Tanus, mas era como ele o chamava... e estava tentando encobrir sua estupidez e covardia com mensagens espúrias. Disse que lutaria à maneira clássica.

— Que velho tolo e arrogante! — Tanus lamentou. — Mas conte-me o resto.

— O senhor Nembet deslocou-se pela margem leste, com o rio pelas costas. O inimigo caiu sobre nós como o vento e nos impeliu para a água.

— Quantos homens escaparam? — Tanus perguntou.

— Acredito que sou o único sobrevivente dos que desembarcaram com o senhor Nembet. Não vi mais ninguém vivo. A chacina na margem do rio foi indescritível.

— Nossos mais famosos regimentos dizimados... — Tanus lamentou. — Estamos indefesos, exceto pelos navios. O que aconteceu com a frota de Nembet? Estava ancorada no meio do rio?

— O senhor Nembet ancorou a maior parte da frota, mas encostou à praia com cinquenta galés.

— Por que fez isso? — Tanus trovejou. — A segurança dos navios é o primeiro princípio de nosso plano de batalha.

— Não sei o que pensava o senhor Nembet. A menos que pretendesse deixá-los perto para reembarcar rapidamente as tropas caso sua advertência fosse verdadeira.

— E qual foi o destino da frota? Nembet perdeu nosso exército, mas conseguiu salvar os navios? — A voz de Tanus estava rouca de fúria.

— Dos que ficaram no meio do rio, a maioria foi queimada pelas tripulações. Vi as chamas e a fumaça de onde eu estava, entre os papiros. Alguns cortaram as amarras e fugiram para o sul em direção a Tebas. Gritei para os marinheiros quando passaram por mim, mas seu terror era tão grande que não se detiveram para me socorrer.

— Os cinquenta navios que estavam na praia... — Tanus fez uma pausa e respirou fundo antes de completar a pergunta. — O que aconteceu com a esquadra que estava na margem?

— Caiu nas mãos dos hicsos. — O capitão estremeceu ao responder, temendo a ira de Tanus. — Olhei para trás enquanto deslizava na correnteza e vi o inimigo subindo nas galés.

Tanus levantou-se e foi até a proa. Olhou correnteza acima, de onde continuavam chegando cadáveres e madeiras queimadas das naus de Nembet, a boiar no fluxo verde e tranquilo do rio. Fiquei ao lado dele para deter sua raiva quando brotasse.

— Então o velho tolo e orgulhoso sacrificou sua vida e a de seus homens simplesmente para me contrariar. Deveriam construir uma pirâmide à sua loucura, pois o Egito nunca viu nada igual.

— Isto não foi apenas loucura dele — murmurei, e Tanus assentiu gravemente.

— Não, não foi apenas loucura. Ele deu aos hicsos os meios para atravessar o rio. Doce leite dos seios de Isis, quando eles cruzarem o Nilo estaremos realmente liquidados.

Talvez a deusa o tenha ouvido invocar seu nome, pois naquele instante senti mudar o vento que há tanto tempo soprava em nossos rostos. Tanus também o percebeu. Girou nos calcanhares e gritou uma ordem para seus oficiais na popa:

— O vento está a favor. Dêem o sinal geral à frota. Levantar todas as velas. Revezem os remadores a cada hora. Que os tambores toquem em ritmo de ataque. A toda velocidade para o sul!

O vento soprava em cheio do norte. Nossas velas enfunaram-se como ventres de mulheres grávidas. Os tambores marcavam o ritmo rapidamente e toda a frota de combate cortou o fluxo do rio rumo ao sul.

— Graças à deusa por este vento! — gritou Tanus. — Divina Isis, faça-nos chegar em tempo para apanhá-los na água.



O navio real era lento e desajeitado, e começou a afastar-se da frota. Parecia que o destino interviera mais uma vez, pois a velha galé que Tanus tanto amava, o *Sopro de Hórus*, navegava perto de nós na formação.

Estava sob o comando de um novo capitão, mas ainda era uma pequena embarcação formidável, construída para ataques rápidos. O afilado esporão de bronze projetava-se de sua proa logo acima da linha d'água. Tanus a fez alinhar-se com o navio oficial e transferi para ela o estandarte do Crocodilo Azul, assumindo o comando.

Meu lugar era com minha ama e o príncipe. Não sei ao certo como fui parar no *Sopro de Hórus*, de pé na popa ao lado de Tanus, singrando a correnteza. As vezes sou presa de uma loucura quase tão monumental quanto a recentemente demonstrada pelo senhor Nembet. Lembro-me apenas de que assim que o navio real começou a se afastar a estibordo passei a lamentar amargamente minha impetuosidade. Pensei em dizer a Tanus que havia mudado de idéia e pedir-lhe para voltar e me deixar novamente no convés do grande navio. Mas depois de olhar para seu rosto decidi que seria melhor enfrentar os hicsos novamente.

Do *Sopro de Hórus*, Tanus emitia as ordens. Através de bandeiras e gritos, elas foram transmitidas de navio a navio, e sem reduzir o ritmo de navegação Tanus reorganizou a frota. Reuniu a seu redor as galés e abriu caminho para a dianteira da flotilha.

Os feridos e incapacitados foram transferidos para os barcos mais lentos, que ficaram para trás com o navio real. As galés mais rápidas ficaram aliviadas para a ação. Eram tripuladas sobretudo pelas tropas descansadas de Remrem, salvas do sítio de Asyut, que ansiavam por uma oportunidade de vingar-se da desgraça de Abnub. Tanus ergueu o estandarte do Crocodilo Azul no mastro principal do *Sopro de Hórus* e os homens rugiram com o desejo de lutar. Como ele conseguira rapidamente elevar o moral de todos desde a sangrenta derrota!

Os sinais da recente catástrofe de Nembet tornavam-se mais evidentes a cada légua que percorríamos. Os cadáveres e destroços encalhavam nas moitas de papiros dos dois lados do rio. Então, finalmente, vimos no céu à nossa frente a poeira dos coches misturada à fumaça das fogueiras do acampamento hicsos.

— E como eu havia esperado — Tanus exultou. — Eles detiveram o avanço para Tebas agora que Nembet lhes ofereceu os meios de atravessar o rio. Mas não são marinheiros e terão dificuldade de embarcar os homens e coches. Se Hórus quiser, chegaremos a tempo de ajudá-los.

Em ordem de batalha estendida dobramos uma última grande curva do Nilo e deparamos com os hicsos. Por um desses felizes acasos da guerra, chegamos exatamente no momento em que eles se

concentravam para cruzar o rio.

Lá estavam as cinqüenta galés capturadas, dispersas pelo Nilo da forma mais estranha. As velas se emaranhavam e cada remador adotava um ritmo diferente. Os remos espirravam água e se chocavam. O rumo de cada navio era hesitante e aleatório, completamente diferente dos demais.

Vimos que a maioria dos hicsos que estavam nos conveses usavam armaduras de bronze. Obviamente eles não haviam percebido que seria difícil nadar com aqueles trajes... Pelo menos agora os papéis se haviam invertido. Nós estávamos em nosso elemento e eles agitavam-se ao vento como uma vela rasgada.

Tive alguns instantes para observar o inimigo quando nos aproximamos. A grande massa do exército hicsos continuava na margem leste. Eles haviam armado tendas, e o acampamento era tão extenso que chegava às franjas do deserto, até onde eu podia enxergar do convés do *Sopro de Hórus*.

O rei Salitís havia mandado apenas uma pequena força atravessar o rio. Quase certamente as ordens eram de descer em velocidade pela margem oeste e capturar o templo fúnebre do faraó Mamose antes que pudéssemos remover o tesouro.

Chegamos rapidamente junto ao comboio de barcos hicsos, e gritei para Tanus acima do ritmo dos tambores e berros sanguinários de nossos soldados:

— Eles já atravessaram os cavalos. Olhe ali!

Quase sem proteção, exceto por alguns guardas armados, uma grande manada daqueles terríveis animais estava reunida na margem oeste. Calculei que havia várias centenas deles; mesmo a distância podíamos distinguir as longas crinas e caudas flutuando ao vento forte. Era uma visão perturbadora. Alguns homens perto de mim tremeram e os amaldiçoaram. Escutei um deles murmurar com ódio:

— Os hicsos alimentam esses monstros com carne humana, como leões ou chacais domesticados. Esse é o motivo dessa chacina. Precisam alimentá-los. Não podemos calcular quantos de nossos camaradas já estão em suas barrigas.

Não pude contradizê-lo e cheguei a ter uma sensação estranha em meu ventre de que ele poderia estar falando a verdade. Desviei a atenção daqueles belos mas temíveis monstros para as galés na correnteza à nossa frente.

— Estão carregando os coches e os soldados — comentei para Tanus.

O convés das naves de Nembet capturadas estavam atulhadas de carroças, equipamentos e cocheiros hicsos, que eram transportados da margem. Ao perceber a situação, alguns hicsos tentaram voltar depressa para a margem e colidiram com os navios que vinham atrás. Atravancados e indefesos, eles desciam pela correnteza.

Tanus riu selvagememente ao ver a confusão e gritou ao vento:

— Alerta geral! Acelerar! Preparar flechas!

Os hicsos nunca haviam experimentado um ataque de flechas incendiárias, e ao pensar no que estava por vir sorri com Tanus, mas nervosamente. Então, de repente, me contive e meu riso morreu.

— Tanus! — Agarrei-lhe o braço. — Veja! Na galé à nossa frente! O traidor!

Por um instante Tanus não reconheceu a figura alta e imponente na amurada do navio, pois usava uma armadura de escamas de peixe e um alto capacete de guerra hicsos. Então, subitamente, ele rugiu de ódio e afronta.

— Intef! Como não adivinhamos que era ele?

— Agora estou entendendo. Ele conduziu Salitis ao Egito! Foi para o leste e deliberadamente atraiu os hicsos ao relatar nossos tesouros. — Minha revolta e meu ódio equiparavam-se aos de Tanus.

Tanus ergueu o arco Lanata e disparou uma seta, mas a distância era grande e a ponta apenas resvalou na armadura de Intef. Vi-o virar a cabeça surpreso e olhar através da água diretamente para nós. Localizou Tanus e eu, e por um instante pensei ter visto o medo em seus olhos. Então ele desapareceu por trás da amurada.

Nossa esquadra voou na direção do grupo de navios emaranhados e perdidos. Com um ruído dilacerante, nosso aríete de bronze abalroou o centro da galé de Intef. O impacto me derrubou, e quando consegui me levantar os remeiros já recuavam. Com novo rangido de madeira nos libertamos do casco atingido.

Ao mesmo tempo, nossos arqueiros despejaram sobre ele uma chuva de setas flamejantes. As pontas eram envolvidas com papiros embebidos em piche e ardiam como cometas, deixando um rastro de fagulhas e fumaça ao cravar-se nas velas e no madeirame do convés. O vento norte soprava as chamas, que se alastraram com uma terrível exuberância.

A água invadia o buraco que havíamos rasgado no ventre da galé, que se inclinou abruptamente. As velas queimaram com incrível rapidez. Mesmo a distância, o calor ressecou meus cílios. A pesada vela principal, ardendo impetuosamente, flutuou sobre o convés e envolveu a tripulação e os cocheiros apinhados. Os gritos feriram nossos ouvidos quando seus cabelos e roupas se incendiaram. Lembrei-me da planície de Abnub e não senti piedade quando eles saltaram em chamas por cima do costado e afundaram sob o peso das armaduras. Apenas um redemoinho e um ligeiro vapor restavam no local em que cada um deles desaparecia.

Ao longo do rio, as galés tomadas pelos hicsos ardiam e naufragavam. Eles não possuíam experiência ou habilidade para reagir a nosso ataque, e estavam indefesos como nós estivéramos diante do assalto de seus coches. Nossos navios retrocederam e voltaram a atacar, esmagando seus cascos e despejando sobre eles torrentes de setas em chamas.

Eu observei a primeira galé que atacamos, tentando localizar novamente o senhor Intef. Ela estava quase naufragada quando ele reapareceu de repente. Havia retirado o capacete e a armadura, e vestia apenas uma tanga de linho. Equilibrou-se com facilidade sobre a borda, e mergulhou quando as chamas se aproximavam para envolvê-lo.

Era um filho do Nilo, estava à vontade na água. Nadou sob a superfície e emergiu um minuto depois, a cinqüenta passos de onde havia saltado, com os longos cabelos esticados para trás, fazendo-o parecer uma lontra.

— Lá está ele! — gritei para Tanus. — Passe por cima do corpo. Imediatamente, Tanus deu ordens para girar o *Sopro de Hórus*, mas apesar da agilidade do piloto o barco manobrou lentamente. Nesse ínterim, Intef deslizou pela água como um peixe, buscando a margem leste e a proteção de seus aliados hicsos.

— Remem com força! — Tanus sinalizou para os remeiros de estibordo, e eles obedeceram. Assim que nos alinhamos ao nadador, Tanus ordenou que todos remassem juntos e saímos em sua perseguição. Intef havia-se distanciado e aproximava-se da margem, onde cinco mil arqueiros hicsos aguardavam com seus longos arcos curvos prontos para lhe dar cobertura.

— Que Seth urine neles! — Tanus gritou em desafio. — Agarraremos Intef debaixo de seus narizes. — E conduziu o *Sopro de Hórus* diretamente na direção deles e da figura do nadador solitário.

Quando nos aproximamos da praia os hicsos despejaram uma revoada de flechas que escureceu o céu e caiu assobiando a nosso redor. Eram tantas que o convés ficou eriçado como asas de ganso, e alguns de nossos marinheiros tombaram dos bancos, contorcendo-se e sangrando.

Mas já estávamos próximos de Intef. Ele olhou para trás sobre o ombro e vi o pânico em seu rosto quando ele percebeu que não escaparia de nossa proa afilada. Ignorei as flechas e corri à proa para gritar-lhe:

— Odiei você desde o dia em que nos conhecemos. Odiei cada toque seu. Quero vê-lo morrer. Você é maligno!

Pude ver em seus olhos que me escutou, mas então os deuses das sombras intervieram mais uma vez. Uma das galés naufragadas veio boiando em nossa direção, expelindo fogo e fumaça. Se nos abalroasse, afundaríamos com ela numa coluna de chamas. Tanus foi obrigado a virar o remo e sinalizar com urgência para que os remadores dessem retrocesso. A galé incendiada passou entre a praia. O senhor Intef saiu de minha visão, mas depois que o barco em chamas passou, tornei a localizá-lo. Três cocheiros hicsos o puxavam da água e para cima do barranco íngreme.

Ele se deteve no topo e olhou para nós. Então desapareceu de vista, deixando-me trêmulo de raiva e frustração. Nossos homens continuavam a ser abatidos pelas setas, então Tanus deu ordem para nos afastarmos e velozmente nos reunimos à destruição dos poucos navios do comboio de Nembet que ainda flutuavam.

Quando o último destes emborcou, as verdes águas do Nilo o invadiram e extinguiram as chamas com uma nuvem de vapor. Nossos arqueiros inclinaram-se sobre o costado e dispararam flechas sobre os sobreviventes hicsos, que boiavam sem forças.

Todos se afogaram em poucos instantes. Tanus voltou a atenção para o pequeno grupo de inimigos e a manada de cavalos na margem oeste. Quando nossa galé se aproximou velozmente da praia, os hicsos se dispersaram, mas nossos homens saltaram para terra brandindo as espadas e os perseguiram. Os hicsos eram cocheiros, acostumados a lutar sobre veículos. Nossos homens eram soldados de infantaria, habituados a correr. Como uma matilha de mastins atrás de um chacal, eles os isolaram e cercaram, deixando uma centena de cadáveres espalhados pelo verde milharal.

Eu havia saltado à terra depois da primeira leva de soldados. Tinha em mente um assunto sério. Não havia sentido em fazer modelos e projetar coches sem um meio de movimentar a roda raiada que eu imaginara.

Foi necessário um enorme ato de coragem de minha parte para avançar na direção da manada de horríveis criaturas deixadas pelos hicsos junto ao rio. Cada passo meu exigia um bravo esforço, pois havia centenas deles, evidentemente assustados e inquietos pelos gritos e a correria dos homens e o estrépito das armas. Eu tinha certeza de que a qualquer momento eles avançariam sobre mim como leões feridos. Imaginei-os destroçando meu corpo ainda quente e trêmulo, e então minha valentia dissolveu-se e não pude mais me aproximar. De uma distância de cem passos, fiquei observando com um fascínio aterrorizado os selvagens predadores, pronto para virar-me e correr para as galés ao menor sinal de ataque.

Esta era minha primeira oportunidade de estudar aqueles animais. Tinham em geral cor castanha, com sutis tons avermelhados ou de avelã. Um ou dois eram negros como Seth. Da altura de um homem,

possuíam peitos largos e longos pescoços graciosamente recurvados. Suas crinas pareciam as trancas de uma linda mulher e sua pele reluzia ao sol como se houvesse sido encerada.

Um dos mais próximos de mim sacudiu a cabeça para trás e arre-ganhou o lábio superior, e recuei ao ver os grandes dentes quadrados que bordavam sua mandíbula. Ele chutou com as patas traseiras e emitiu um som tão terrível que me virei e voltei para o navio com certa pressa.

Então o grito rouco de um de nossos soldados deteve minha covarde retirada.

— Matem os monstros dos hicsos!

— Matem os monstros! — o grito foi repetido pelos outros.

— Não! — gritei, esquecendo a preocupação por minha própria segurança. — Não! Poupem os cavalos! Nós precisamos deles.

Minha voz se perdeu no irado grito de guerra de nossas tropas, que correram para a manada com os escudos erguidos e as espadas ainda gotejando sangue hicsos. Alguns homens pararam para colocar as setas nos arcos e disparar contra os cavalos.

— Não! — gritei quando um reluzente garanhão negro empinou e urrou com uma flecha fincada no peito. — Não! Por favor, não! — Tornei a gritar quando um marinheiro correu com uma machadinha e desferiu-a contra a perna traseira de uma jovem égua. Ela ficou aleijada pelo golpe e não pôde escapar ao seguinte, que a atingiu entre as orelhas e deixou-a estrebuchando na poeira.

— Poupem-nos! Poupem-nos! — eu suplicava, mas as flechas derrubaram uma dezena de animais, espadas e machados mutilaram e mataram outros tantos, até que a manada se separou e trezentos cavalos dispararam numa massa galopante pela planície empoeirada, em direção ao deserto.

Sombreei os olhos para vê-los se afastar, e parecia que uma parte do meu coração ia com eles. Quando desapareceram, corri para proteger e tratar os animais que haviam sido deixados feridos entre os papiros. Mas os soldados haviam-se antecipado. Sua fúria era tão grande que eles formigavam em volta das carcaças abatidas, mergulhando as espadas na carne tenra e esmigalhando as cabeças.

Um pouco afastado, oculto dos soldados enfurecidos atrás de uma moita, estava o garanhão preto que eu vira ser ferido por uma flecha. Fora seriamente atingido e caminhava vacilante, com a seta fincada profundamente no peito. Sem pensar em minha segurança, corri em sua direção e parei quando ele se virou para mim.

Só então percebi o perigo que eu corria. Ali estava uma fera ferida que, como um leão na mesma situação, certamente deveria me atacar. O cavalo e eu nos olhamos fixamente e senti o medo se dissipar como um manto que me escorregasse dos ombros.

Seus olhos enormes oscilavam de dor. Eram olhos lindos e delicados, que fizeram meu coração doer de tristeza. Ele fez um som suave e vibrante e veio mancando em minha direção. Estendi a mão e toquei seu focinho, que era cálido como seda da Arábia. Ele avançou contra mim e encostou a testa em meu peito, num gesto de confiança e súplica quase humano. Eu sabia que estava me pedindo ajuda.

Instintivamente, passei os braços ao redor de seu pescoço e abracei-o. Naquele momento eu queria salvá-lo mais que tudo na vida, mas o sangue quente escorreu de suas narinas pelo meu peito. Eu sabia que ele fora ferido nos pulmões e estava morrendo. Não havia socorro que eu lhe pudesse prestar.

— Meu pobre amigo. O que lhe fizeram aqueles bastardos estúpidos e ignorantes? — sussurrei.

Em meio à perturbação e à agonia espiritual, percebi vagamente que minha vida se havia transformado mais uma vez, e que aquela criatura agonizante efetudara essa mudança. De certa forma eu pressentia que dali em diante, onde quer que eu deixasse minhas pegadas no solo africano, ao lado delas haveria marcas de cascos de cavalo. Eu havia encontrado mais um grande amor para ocupar meus dias.

O garanhão fez de novo aquele som vibrante e senti seu hálito quente em minha pele. Então suas pernas se dobraram e ele caiu pesadamente sobre o lado, inspirando com os pulmões perfurados. Bolhas vermelhas e brilhantes surgiram do ferimento em seu peito. Abaixei-me a seu lado, coloquei a nobre cabeça em meu colo e esperei que ele morresse. Depois levantei-me e voltei para o *Sopro de Hórus* ancorado.

Era difícil enxergar o caminho, pois as lágrimas quentes me cegavam. Mais uma vez amaldiçoei-me por ser um tolo sentimental, mas isso não me ajudou a me recompor. Eu sempre era demasiado vulnerável ao sofrimento de outra criatura, humana ou não, especialmente uma tão nobre e bela.

— Maldito Taita! Onde esteve? — Tanus me censurou quando subi a bordo. — Há uma batalha acontecendo. O *exército* inteiro não pode esperar enquanto você tem mais um de seus famosos sonhos. — Mas apesar de toda a sua raiva ele não me havia abandonado.



Tanus nem sequer me escutava, e cortou bruscamente meu pedido para desembarcar com alguns homens e seguir a manada de cavalos em fuga pelo deserto.

— Não quero nada com aquelas criaturas loucas e malditas! — ele gritou. — Só lamento que meus homens as tenham deixado escapar e não trucidaram todas. Esperemos que os leões e chacais executem a tarefa.

Percebi então que ele os odiava tanto quanto a maioria dos ignorantes de seu regimento. Eu não costumava me meter em discussões, mas aquela intransigência me enfureceu.

— Você esteve lá na planície de Abnub? Ou era algum outro idiota desmiolado que estava ao meu lado? Não viu a investida sobre cascos e rodas que destroçou seus homens? Não compreende que sem coches e cavalos você e o Egito que conhecemos estão liquidados?

Essa discussão amigável ocorria no convés de popa do *Sopro de Hórus*. Os oficiais de Tanus ficaram em silêncio, paralisados pelo choque de ouvir um escravo dirigir-se a um Grande Leão do Egito e comandante de todos os exércitos como um "idiota desmiolado". No entanto, eu estava irrefreável e fui em frente:

— Os deuses lhe ofertaram esse presente maravilhoso. Trezentos cavalos colocados em suas mãos! Eu construirei coches para eles puxarem. Está tão cego assim?

— Tenho meus navios! — Tanus trovejou. — Não preciso dessas feras devoradoras de homens. Elas são uma abominação diante de homens decentes e de todos os deuses benevolentes. São criaturas de Seth e Sutekh, e não quero nada com elas!

Tarde demais eu me dei conta de que havia colocado Tanus numa posição da qual não podia recuar. Ele era um homem inteligente, até que seu orgulho superasse a razão. Moderei meu tom e fiz uma voz melíflua:

— Tanus, por favor, ouça-me. Eu segurei em minhas mãos a cabeça de um daqueles animais. Eles são fortes, mas estranhamente delicados. Seus olhos brilham com a inteligência de um cão fiel. Eles não comem carne...

— Como pode saber isso com um simples toque? — ele zombou, ainda orgulhoso e ultrajado.

— Pelos dentes — respondi. — Eles não possuem presas ou garras, como um carnívoro. Os porcos são as únicas criaturas com cascos que comem carne, e estes não são porcos. — Vi-o hesitar finalmente e aproveitei-me da vantagem: — Se isso não basta, olhe para os estoques que os hicsos trouxeram para o outro lado do rio. Precisariam de uma montanha de feno para alimentar um bando de leões carnívoros?

— Carne ou feno, não vou mais discutir. Você ouviu minha decisão. Deixaremos aqueles animais malditos morrer no deserto. Essa é minha decisão, e é final. — Ele se afastou, mas murmurei comigo mesmo:

— Final, é? Veremos...

Houve poucas ocasiões em que não consegui conduzir as coisas a meu modo com minha ama, e ela detinha agora a maior autoridade no Egito. Fui procurá-la naquela mesma tarde, assim que o navio real ficou novamente sob a escolta das galés de combate.

Sem o conhecimento de seu amado comandante, mostrei-lhe a miniatura de coche puxado por cavalos que eu havia esculpido. A rainha Lostris ficou encantada. É claro que ela não havia visto os esquadrões de coches de guerra em pleno ataque, e não adquirira por eles o mesmo ódio que a maior parte do exército. Depois de captar seu interesse com o modelo, descrevi-lhe a morte do cavalo em detalhes tão precisos que ambos choramos. Ela não resiste às minhas lágrimas, assim como eu não resisto às dela.

— Você deve ir para o deserto, imediatamente, resgatar esses animais maravilhosos. Quando os capturar, ordeno-lhe que construa um esquadrão de coches para meu exército — afirmou a rainha.

Se Tanus tivesse falado com ela antes que eu tivesse a chance de convencê-la, duvido que Lostris me houvesse dado essa ordem, e a história do nosso mundo teria sido muito diferente. Assim, Tanus ficou furioso com minha traição e chegamos perto da ruptura definitiva de nossa relação.

Por sorte minha ama havia ordenado que eu desembarcasse imediatamente, e assim escapei da força total da raiva de Tanus. Tive apenas algumas horas para reunir alguns ajudantes, cujo chefe era o mais improvável de todos.

Eu nunca me afeiçoara a Hui, o ex-bandido que havíamos capturado em Gallala e que comandara uma das galés resgatadas por Tanus em Abnub. Agora ele era um capitão sem navio, um homem em busca de um motivo para seguir adiante. Procurou-me assim que os boatos sobre minha missão se espalharam pela frota.

— O que sabe sobre cavalos? — ele me desafiou, fazendo uma pergunta que no momento eu não estava preparado para responder.

— Não tanto quanto você, obviamente — comentei com cautela.

— Eu já fui um palafreteiro — ele jactou-se, à sua maneira habitualmente simpática.

— E que diabos é isso?

— Alguém que cuida de cavalos — respondeu Hui, e fiquei olhando para ele surpreso.

— Onde você viu cavalos antes daquele dia sangrento em Abnub? — indaguei.

— Quando eu era criança, meus pais foram mortos e fui capturado por uma tribo de bárbaros que vagava pelas planícies até o Oriente, viajando durante um ano a partir do rio Eufrates. Meus captores usavam cavalos, e quando menino eu passava todos os dias com os animais. Leite de égua era minha comida, e eu me abrigava sob o ventre dos cavalos para dormir à noite, pois um escravo não podia entrar nas tendas da tribo. Quando escapei da escravidão, foi montado em meu garanhão predileto. Ele me levou longe e depressa. Mas morreu muito antes de atingirmos o Eufrates.

Assim, Hui me acompanhou quando uma galé depositou o pequeno e relutante grupo de caçadores de cavalos na margem oeste. Dezesseis homens foram tudo o que consegui recrutar, e a maioria deles constituía a escória do exército. Tanus havia-se certificado de que nenhum de seus melhores soldados me seguisse. Não podia contrariar a palavra da regente do Egito, mas dificultou-me ao máximo a execução de suas ordens.

Por sugestão de Hui, eu equipara meus homens com cordas leves e sacos de milho moído. Todos, exceto Hui e eu, estavam aterrorizados à mera idéia das criaturas que iríamos perseguir. Quando acordei, depois de nossa primeira noite acampados, descobri que todos aqueles valentões haviam desaparecido, e nunca mais voltei a vê-los.

— Teremos de voltar — desesperei-me. — Nada poderemos fazer sozinhos. O senhor Tanus ficará contente. Ele sabia exatamente que isso iria acontecer.

— Você não está sozinho — salientou Hui, animado. — Eu estou aqui!

Essa foi a primeira vez em que meus sentimentos em relação a ele começaram a melhorar. Dividimos o carregamento de cordas e os sacos de couro cheios de milho e fomos em frente.

A essa altura as pistas dos cavalos já tinham três dias, mas eles permaneceram em manada e assim marcaram um caminho fácil de seguir. Hui garantiu-me que os animais tinham forte instinto de grupo e que com a grama verdejante que crescia nas margens do rio não teriam ido longe. Ele tinha certeza de que os animais não iriam para o deserto, como eu temia.

— Por que fariam isso? Lá não há alimento nem água. — E Hui estava com a razão.

Com a chegada dos hicsos, os camponeses haviam abandonado suas fazendas e se abrigado nas cidades muradas. Os campos de milho estavam maltratados. Encontramos a manada na manhã do segundo dia. Estava espalhada, pastando pacificamente num campo. Mesmo depois de minha experiência com o garanhão ferido, ainda me sentia bastante nervoso quanto às misteriosas criaturas.

— Certamente será uma tarefa perigosa e difícil capturar alguns deles — confidenciei a Hui, buscando seu reconforto e conselho. Até aquele momento, a idéia de capturar os trezentos cavalos nem sequer me ocorrera. Eu ficaria satisfeito com vinte deles, e exultante com cinqüenta. Imaginava que teríamos de perseguir cada cavalo e amarrá-lo.

— Ouvi falar que você é conhecido como um escravo muito inteligente. — Hui sorriu para mim, malicioso e feliz por sua superioridade no assunto. — Pelo que vejo, é uma reputação infundada.

Ele me mostrou como torcer as cordas, formando um freio. Fizemos uma dezena destes até que ele se satisfez. Então cada um de nós armou-se de um freio e um saco de milho e partimos ao encontro dos cavalos. Seguindo as instruções de Hui, não andávamos diretamente para eles, mas obliquamente, em passo lento, contornando o rebanho.

— Devagar agora — Hui advertiu-me, quando eles levantaram as cabeças e nos examinaram com seu característico olhar, franco e quase infantil, que eu viria a conhecer tão bem.

— Sente-se.

Afundamo-nos entre os pés de milho e ficamos imóveis até que os cavalos voltaram a pastar. Então nos aproximamos mais, até que eles novamente se inquietaram.

— Para baixo — Hui ordenou, e quando nos agachamos no milharal ele continuou: — Eles gostam do som da voz suave. Quando eu era criança, cantava para acalmar os cavalos. Veja isto! — Ele começou a cantar um refrão numa língua estranha, que presumi fosse o idioma bárbaro de seus captores na infância. A voz de Hui era melodiosa como os gritos de corvos sobre a carcaça de um cachorro morto. Os cavalos mais próximos nos olharam com curiosidade. Pousei a mão no braço de Hui para fazê-lo calar-se. Tinha certeza de que a manada devia estar achando seus esforços musicais tão perturbadores quanto eu.

— Deixe-me tentar — murmurei. E entoei a cantiga de ninar que eu havia composto para meu príncipe:

Durma, meu pequeno Mem, senhor da madrugada, durma, pequeno príncipe que governará o mundo, descanse a cabeça encacheada, cheia de belos sonhos, descanse os braços, fortaleça-os para a espada e o arco.

Uma égua próxima de nós deu alguns passos em minha direção e, quando parou, produziu com os lábios um som vibrante. Era uma espécie de pergunta, e continuei cantando suave e sedutoramente. Atrás dela vinha um potro, uma adorável criatura castanha de cabeça bem-formada e orelhas atentas.

Com meu jeito especial para animais, já começava a reconhecer os pontos raciais favoráveis destes. Aprendia rápida e instintivamente a lidar com eles. Não mais dependia completamente de Hui para me ensinar.

Ainda cantando suavemente, apanhei um punhado de ração de milho e estendi-o para a égua. Vi de pronto que já havia comido antes da mão de um homem e que compreendia minha oferta. Ela soprou ruidosamente pelas largas narinas e deu mais alguns passos em minha direção. Ainda hoje lembro-me da emoção que quase parou meu coração quando ela deu o último passo e delicadamente baixou o focinho em minha mão, para provar o alimento. Este salpicou suas barbas quando ela comeu, e eu ri de alegria e excitação. Ela não tentou esquivar-se quando passei o outro braço ao redor de seu pescoço e delicadamente encostei o rosto nela para inalar o odor estranho e quente de seu pêlo.

— O freio — Hui lembrou-me com calma, e passei-o sobre a cabeça do animal como ele me havia mostrado.

— Ela é sua — disse Hui.

— E eu sou dela — respondi sem pensar, mas era verdade. Havíamos capturado um ao outro.

O resto da manada havia observado tudo isso. Assim que o freio foi colocado na égua, todos se acalmaram e permitiram que Hui e eu passássemos livremente entre eles. Vieram comer de nossas mãos e nos permitiram erguer seus cascos e afagar seus pescoços e ombros possantes.

Tudo isso parecia um milagre, mas depois de pensar um pouco percebi que era bastante natural. Eles estavam acostumados desde o nascimento a ser manipulados e acariciados, alimentados e arreados. Sempre haviam vivido na presença íntima e constante do homem. O verdadeiro milagre ocorreu depois, quando percebi que os cavalos reconheciam o afeto e eram capazes de retribuí-lo por completo.

Hui havia escolhido e encabrestado outra égua, enquanto me ensinava e exibia sua experiência em assuntos eqüinos. Eu estava tão eufórico que dessa vez sua presunção não me incomodou.

— Muito bem — ele disse enfim —, agora vamos montar.

Para minha completa surpresa, ele colocou ambas as mãos no dorso da égua, tomou impulso e passou uma perna sobre ela, equilibrando-se em suas costas. Eu olhei incrédulo, esperando que a égua reagisse violentamente, empinasse e atirasse Hui ao chão, ou pelo menos tentasse morder a perna do rapaz com seus dentes possantes e o expulsasse de seu lombo. Ela nada fez; ficou parada tranqüila e servilmente.

— Eia, minha linda! — ele disse, metendo os calcanhares em suas costelas. A égua começou a andar obedientemente, e quando ele a incitou de novo ela passou a trotar e depois a galopar. Hui a conduzia sem esforço, de um modo que a princípio não ficou evidente para mim. Cavalo e cavaleiro movimentaram-se num elegante traçado pelo campo e depois voltaram para junto de mim.

— Vamos, Taita. Experimente galopar!

Percebi que ele esperava que eu recusasse, e foi isso que me fez superar a relutância. Não iria permitir que aquele jovem presunçoso levasse a melhor.

Minha primeira tentativa não teve sucesso, mas a égua ficou parada estoicamente, e Hui riu.

— Ela tem muito a lhe ensinar. Deve chamar o pobre animal de Paciência.

Não entendi o humor na hora, mas o nome pegou e a égua ficou se chamando Paciência.

— Tome impulso ante;; de saltar, e cuidado para não espremer as bolas sob o corpo quando se sentar — aconselhou Hui, e então deu uma gargalhada. — Esse é um conselho com o qual você não precisa se preocupar. Acho que adoraria ainda ter um par delas para poder espremê-las!

Todos os bons sentimentos que eu começava a ter por Hui voltaram a esfriar. Saltei sobre a égua e agarrei-me *com* as duas mãos em seu pescoço, temendo quebrar algum osso ou a cabeça.

— Sente-se ereto! — Hui iniciou minha aula, e Paciência ajudou-me com sua natureza dócil e compreensiva.

Surpreendi-me pensando naquelas criaturas como seres humanos, mas nos dias seguintes, ao nos dirigirmos a Tebas, descobri que elas podiam ser estúpidas ou inteligentes, desconfiadas ou tranqüilas, sinceras ou traiçoeiras, amigáveis ou indiferentes, corajosas ou tímidas, nervosas ou fleumáticas, abnegadas ou impacientes, surpreendentes ou previsíveis — em suma, de temperamento mais semelhante ao do homem que o de qualquer criatura que caminha sobre quatro pernas. Quanto mais eu aprendia sobre elas, mais queria saber. Quanto mais eu trabalhava com elas, mais as amava.

Cavalguei Paciência com seu potro a nos seguir. A manada nos acompanhou pacificamente, todos os trezentos e sessenta cavalos. Hui vinha na retaguarda para impedir extravios. A cada légua percorrida eu me tornava mais confiante e habilidoso com Paciência, e a relação entre nós se consolidava. A égua tornou-se uma extensão de meu corpo, mas muito mais ágil e resistente que meus frágeis membros. Eu me sentia tão à vontade e apropriado sobre aquele dorso amplo e possante que não entendia como os outros temiam aquela experiência.

Talvez não fosse apenas o pavor que havia afetado nossos regimentos de modo tão devastador na planície de Abnub, mas também as palavras e a atitude de Tanus. Fosse qual fosse o motivo, não encontrei um só egípcio disposto a montar um cavalo, a não ser Hui e, muito depois, o príncipe Memnon. É claro que eles aprenderam a acasalar os animais e a cuidar deles. Sob minha tutela, tornaram-se cocheiros destros e audazes, mas nunca vi um deles cavalgar. Quando os coches que criei, com as leves rodas raiadas, voaram diante deles e fizeram do Egito o mestre dessa invenção, Tanus jamais seguiu

nosso exemplo e nunca o ouvi expressar um sentimento amigável pelos valorosos e abnegados animais que o conduziam nas batalhas.

Mesmo anos depois, quando o cavalo se tornou lugar-comum em todo o reino, montá-lo era de certa forma considerado indecente e obsceno. Quando nós três — Memnon, Hui e eu — passávamos a cavalo, muita gente cuspiu no chão três vezes e logo em seguida fazia o sinal contra o mau-olhado.



Tudo isso era ainda futuro enquanto eu conduzia a manada pela margem do Nilo em direção a Tebas. Fomos recebidos com a gratidão de minha senhora e um resmungo sem entusiasmo do comandante dos exércitos egípcios.

— Mantenha essas bestas fora de minha vista — disse-me Tanus. Ele ainda não me havia perdoado por ter falado diretamente com a rainha Lostris.

Para ser justo, ele tinha motivos suficientes para seu mau humor. A segurança do Estado e de nossa nação estava francamente ameaçada. Nunca houvera na história uma época em que nossa civilização estivesse tão ameaçada pelos bárbaros.

Asyut já fora perdida, assim como toda a margem leste do Nilo até Dendera. Completamente imune e inabalável pela derrota naval que Tanus lhe impusera, o rei Salitis com seus coches havia cercado a cidade murada de Tebas.

Aquelas muralhas poderiam ter suportado o sítio inimigo durante décadas, se não fosse a presença destrutiva do senhor Intef no campo adversário. Comentava-se que ainda como grão-vizir do Alto Reino ele ordenara a construção de uma passagem secreta entre os muros. Nem mesmo eu, que conhecia a maioria de seus segredos, jamais suspeitara disso, e Intef havia assassinado os trabalhadores que executaram a obra, de modo que somente ele conhecia sua existência. Não tenho idéia do motivo pelo qual construíra o túnel, exceto que sua mente tortuosa era propensa a tais estratégias. O palácio era repleto de alçapões e corredores secretos, como a toca de um coelho ou o covil da raposa do deserto.

Quando o senhor Intef lhe revelou a existência da passagem, o rei Salitis enviou um pequeno grupo de soldados que, uma vez no interior das muralhas, atacaram os desavisados sentinelas egípcios no portão principal, trucidaram-nos e escancararam os portões. A horda principal dos hicsos invadiu a cidade, e dias depois do início do sítio a cidade fora conquistada e metade de seus habitantes massacrada.

Da margem oeste, onde Tanus montara seu quartel-general no inacabado Palácio de Memnon, podíamos ver os telhados enegrecidos da cidade incendiada no lado oposto. Todos os dias observávamos as nuvens de poeira dos coches inimigos a correr pela várzea e o brilho das lanças ao pé das colinas, preparando-se para a batalha que sabíamos estar próxima.

Com sua frota tristemente reduzida, Tanus havia conseguido manter a posse do Nilo, e durante minha ausência rechaçara mais uma tentativa dos hicsos de atravessá-lo. No entanto, nossas defesas estavam esgarçadas, pois tínhamos de defender uma grande extensão de rio, e os hicsos poderiam cruzá-lo em qualquer trecho que escolhessem. Soubemos por nossos espiões na margem leste que eles se haviam apoderado de todos os barcos existentes, de navios a pequenos botes. Havia capturado muitos construtores de embarcações e os obrigavam a trabalhar nos estaleiros. Com toda certeza Intef lhes daria

a assistência necessária em todos esses assuntos, pois devia estar tão ávido quanto o bárbaro Salitis para se apoderar do tesouro do faraó.

As tripulações de nossas galés mantinham-se vigilantes dia e noite, e Tanus só dormia quando possível, o que não era freqüente. Nem minha ama nem eu o víamos muito, e quando o fazíamos ele estava retraído e mal-humorado.

Todas as noites víamos chegar à nossa margem centenas de refugiados, de ambos os sexos e todas idades, que atravessavam o rio numa bizarra gama de balsas e botes. Muitos dos mais fortes cruzavam a nado a larga extensão de água. Todos tentavam desesperadamente escapar ao terror hicsos. Contavam-nos histórias apavorantes de saques e violações, mas também traziam notícias detalhadas dos movimentos inimigos.

É claro que dávamos as boas-vindas a todos — eram conterrâneos e parentes —, mas sua quantidade esgotava nossos recursos. Os silos principais estavam em Tebas, e a maioria dos rebanhos de bois e carneiros haviam caído nas mãos dos hicsos. A rainha Lostris incumbiu-me da responsabilidade por todos os estoques de grãos e os rebanhos na margem oeste. Organizei listas e inventários para racionar nossas provisões de carne e cereais. Felizmente, as tamareiras estavam em plena produção e o suprimento de peixes do Nilo era inesgotável. Os hicsos jamais conseguiriam nos impor a fome.

Minha ama também me havia nomeado Mestre do Cavalo Real. Não houve grande disputa pelo cargo, especialmente porque não acarretava pagamento ou privilégios. Nomeei Hui meu vice e ele conseguiu, por meio de subornos, ameaças e chantagens, recrutar cem rapazes para ajudá-lo a cuidar de nossa pequena manada. Mais tarde ele os treinaria como nossos primeiros condutores de coches.

De bom grado eu encontrava tempo para visitar diariamente os estábulos improvisados na necrópole. A égua Paciência sempre vinha correndo me receber, e eu levava bolos de milho para ela e seu potro. Com freqüência eu subtraía o príncipe Memnon de sua mãe e suas aias e o levava aos estábulos sobre meus ombros. Ele gritava de excitação ao ver os cavalos.

Com o príncipe no colo, eu montava Paciência e galopávamos ao longo do rio, e o menino fazia ruídos com a língua e balançava o corpo, imitando o modo como eu incitava Paciência a galopar mais depressa. Eu me certificava de que nossos trajetos de passeio jamais cruzassem os caminhos de Tanus. Ele ainda não me havia perdoado, e se visse o filho cavalgando um animal amaldiçoado eu correria perigo físico.

Eu também passava muito tempo nas oficinas de armeiros no mausoléu do faraó, onde fui assistido por alguns dos melhores armeiros do mundo na construção do primeiro coche. Foi ali, trabalhando nos projetos desses veículos, que concebi equipamentos que se tornariam nossa primeira linha defensiva contra os coches hicsos. Eram simples estacas pontiagudas e endurecidas no fogo. Cada soldado de infantaria carregava nas costas um feixe de dez estacas. Quando um esquadrão de cavalaria se aproximava, as estacas eram fincadas em diagonal no solo, com as pontas na altura do peito dos cavalos. Nossos homens assumiam suas posições atrás dessa barreira de lanças perigosas e disparavam suas flechas sobre eles.

Quando fiz uma demonstração para Tanus, ele me abraçou pela primeira vez desde nosso entrevero a respeito dos cavalos, e disse:

— Bem, pelo menos você ainda não está senil — e compreendi que havia sido pelo menos parcialmente perdoado.

O terreno que conquistei ali foi quase completamente perdido no caso dos coches de Taita.

Meus trabalhadores e eu havíamos terminado o primeiro coche. Os painéis frontal e laterais eram de bambus partidos ao meio e entrelaçados como num cesto. O eixo era de acácia, os cubos da roda de bronze fundido, engraxados com gordura de carneiro, e as rodas raiadas eram emolduradas por aros de bronze. Era tão leve que dois cocheiros poderiam erguê-lo e carregá-lo nos ombros em solo acidentado, onde não pudesse ser puxado por cavalos. Até eu percebia que era uma obra-prima, e os trabalhadores o batizaram de "coche de Taita". Não me opus ao nome.

Hui e eu arreamos dois de nossos melhores cavalos, Paciência e Lâmina, e preparamos o coche para a primeira corrida. Levamos algum tempo para aprender a manobrar o conjunto, mas os cavalos haviam sido criados para esse fim e nos indicaram o caminho. Afinal, estávamos voando sobre o solo e fazendo curvas fechadas a pleno galope.

Quando voltamos para os estábulos, corados de excitação e felizes por nossa conquista, estávamos convencidos de que nosso coche era mais ágil e manipulável que os dos hicsos. Testamos e modificamos minha criação ao longo de dez dias, trabalhando no arsenal à luz de lamparinas até as últimas rondas noturnas, até que me considerei satisfeito para mostrá-lo a Tanus.

O comandante veio aos estábulos com grande relutância e recusou-se a subir à carroceria atrás de mim.

— Confio nessa sua engenhoca tanto quanto nas malditas feras que o puxam — ele resmungou, mas fui convincente e afinal ele subiu com hesitação na plataforma e partimos.

A princípio mantive os cavalos em trote lento, até sentir que Tanus estava se descontraindo e, a contragosto, começava a desfrutar do agradável passeio. Então desviei para uma pista.

— Veja que velocidade. Você poderá alcançar o inimigo antes que ele perceba — exultei.

Tanus riu pela primeira vez e senti-me encorajado.

— Com seus navios você dominará o rio. Com este coche, dominará a terra. Com os dois, dominará o mundo. Nada poderá detê-lo.

Tomei o cuidado para não menosprezar seus amados navios ou fazer comparações desfavoráveis.

— Esta é a maior velocidade? — ele gritou ao vento, sob o martelar dos cascos. — Com vento favorável, o *Sopro de Hórus* é mais rápido. — Era uma mentira e um desafio.

— Segure-se às laterais e respire fundo — adverti-o. — Vou levá-lo para onde as águias voam. — E soltei Paciência e Lâmina.

Ninguém jamais se havia deslocado tão depressa. O vento nos machucava os olhos, e as lágrimas que brotavam espirravam em nossos cabelos.

— Doce hálito de Isis! — Tanus gritou excitado. — Isto é... Nunca soube o que ele estava pensando, pois Tanus jamais terminou a frase. Naquele instante, uma das rodas atingiu uma pedra e o anel externo estourou.

O coche deu uma cambalhota, atirando Tanus e eu para cima. Atingi o solo com uma força capaz de me aleijar, mas não senti dor. Estava mais preocupado com a reação de Tanus ao pequeno incidente, que poderia arruinar meus sonhos e projetos.

Levantei-me de um salto e vi Tanus rastejar com os joelhos ensangüentados, vinte passos atrás de mim. Estava coberto de poeira e parecia que a pele de metade de seu rosto fora esfolada. Ele tentou manter a dignidade ao se levantar e cambalear de volta ao coche destroçado, mas mancava visivelmente.

Ficou um longo momento olhando para as ruínas de minha criação. Subitamente, soltou um berro de touro ferido e aplicou-lhe um chute tão forte que ela deu mais uma cambalhota, como se fosse um brinquedo. Ele girou nos calcanhares sem olhar para mim e afastou-se mancando. Eu não tornei a vê-lo por uma semana, e quando nos encontramos nenhum de nós mencionou o caso.

Acho que isso teria sido o fim do assunto e que jamais teríamos formado nosso primeiro esquadrão de coches, não fosse pela teimosia de minha ama, que ultrapassava até mesmo a de seu amado. Ela me havia dado a ordem inicial e não recuaria. Quando Tanus tentou convencê-la a desistir, apenas reforçou minha posição. Hui e eu reconstruímos o veículo e fizemos outro idêntico em três dias.

Quando os embalsamadores da capela funerária terminaram o ritual da mumificação real, de setenta dias, possuíamos nosso primeiro esquadrão de cinquenta coches e havíamos treinado seus cocheiros.



Desde que nos mudamos para o Palácio de Memnon, após a derrota em Abnub, minha ama esteve ocupada com os assuntos de Estado que cabiam à regente e passava longas horas com os ministros e conselheiros.

As instruções que eu lhe havia dado no início de nossa estada no palácio de Elefantina começariam agora a dar frutos. Eu lhe havia ensinado a traçar seu caminho sem hesitação pelo labirinto do poder e da influência. Com apenas vinte e um anos, Lostris era uma rainha e governava como tal.

De vez em quando encontrava um problema que a deixava especialmente indecisa, então mandava me chamar. Eu abandonava o trabalho no arsenal, nos estábulos ou no pequeno escritório que ela instalara para mim ao lado de sua câmara de audiências, e corria para atendê-la.

Ocasionalmente passava dias sentado junto ao trono, orientando-a em alguma decisão problemática. Mais uma vez, minha capacidade de ler os lábios das pessoas sem escutar as palavras de muito nos serviu. Um nobre ao fundo da audiência, tramando com seu vizinho, não podia perceber que eu transmitia precisamente suas palavras para minha ama.

Ela logo adquiriu reputação por sua sagacidade e previdência. Nenhum de nós descansava muito naquela época sombria e preocupante.

Embora tivéssemos dias cheios, as noites também eram longas. Os intermináveis conselhos de guerra e de Estado se estendiam muito depois da meia-noite. Assim que uma crise era contornada, outra surgia. A cada dia os hicsos nos ameaçavam mais diretamente, e a posição de Tanus no rio se enfraquecia.

Lentamente, uma sensação de desgraça e desespero nos dominou. Os homens pouco sorriam e nunca gargalhavam. Mesmo a brincadeira das crianças era silenciosa e contida. Era preciso apenas olhar do outro lado do rio para ver o inimigo, reunindo-se e se fortalecendo a cada dia.

Depois dos setenta dias, a mumificação do faraó foi terminada. Meus primeiros trabalhos para a preservação do corpo do rei haviam tido ótimo resultado e o grão-mestre da guilda dos embalsamadores me havia recomendado diante de minha senhora. Ele não encontrou qualquer sinal de deterioração quando removeu o cadáver do jarro de azeitonas, e até mesmo o fígado, órgão mais suscetível a decomposição, estava bem preservado.

Quando o rei foi deitado sobre a lápide de diorito na capela fúnebre, o grão-mestre inseriu a colher por suas narinas e escavou o conteúdo do cérebro, que a salmoura havia enrijecido, dando-lhe uma consistência de queijo. Então, ainda na posição fetal, o rei foi depositado no banho de natro, apenas com a cabeça fora do líquido acre. Quando o retiraram desse banho, após trinta dias, todo o tecido gorduroso se havia dissolvido e as camadas externas de pele, desprendido, menos a da cabeça.

Deitaram-no novamente na laje de pedra rajada e estenderam seu corpo. Ele foi enxuto e seu estômago, preenchido com panos embebidos em resinas e cera, e então costurado. Enquanto isso, os órgãos internos eram dissecados e colocados nos vasos canópicos de alabastro leitoso, onde foram selados.

Nos quarenta dias seguintes o corpo do rei ficou a secar. As portas da capela haviam sido construídas na direção do vento quente que predominava durante o dia, soprando a lápide mortuária. Ao fim do ritual de setenta dias, o corpo do faraó estava seco como lenha.

Suas unhas, que haviam sido removidas antes da imersão do corpo em natro, foram recolocadas nos dedos e artelhos e fixadas com finos fios de ouro. A primeira camada de bandagens de linho foi enrolada no corpo, deixando expostos a cabeça e o pescoço. O enfaixamento era meticuloso e intrincado, as bandagens se entrelaçando num padrão elaborado. Sob as faixas colocavam-se amuletos de ouro e pedras preciosas. Estas foram então embebidas de laça e resinas, e ao secar ficaram duras como pedra.

Chegara a hora da cerimônia de Abertura-da-Boca, tradicionalmente realizada pelo parente mais próximo do faraó. Memnon era jovem demais para participar, então a regente o substituiu.

A luz sombria da madrugada, minha ama e eu nos dirigimos juntos para a capela e presenciamos quando o lençol de linho que cobria o faraó foi removido. A cabeça de Mamose estava milagrosamente preservada. Tinha os olhos fechados e uma expressão serena. Os embal-samadores haviam pintado e corado seu rosto, e o aspecto do faraó morto era melhor do que em vida.

Enquanto o sumo-sacerdote de Amon-Rá e o grão-mestre dos em-balsamadores preparavam os instrumentos para a cerimônia, entoamos a Oração Contra a Morte pela Segunda Vez.

Ele é o reflexo e não o espelho.

Ele é a música e não a lira.

Ele é a pedra e não o cinzel que a modela.

Ele viverá para sempre.

Ele não morrerá pela segunda vez.

Então o sumo-sacerdote entregou a minha ama a colher de ouro e conduziu-a pela mão até a pedra fúnebre. A rainha Lostris inclinou-se sobre o corpo do faraó e colocou a colher da vida sobre seus lábios pintados.

Abro seus lábios para que possa falar novamente. Abro suas narinas para que possa respirar.

Ela entoou as palavras e depois tocou as pálpebras com a colher:

Abro seus olhos para que possa mais uma vez admirar a glória deste mundo, e o mundo etéreo dos deuses onde habitará a partir de hoje.

Ela encostou a colher ao peito enfaixado.

Impulsiono seu coração para que possa viver para sempre. Você não morrerá pela segunda vez. Você viverá para sempre!

Então esperamos que os embalsamadores enfaixassem a cabeça do faraó e a pintassem com resina. Finalmente, colocaram sobre o rosto oculto a primeira das quatro máscaras mortuárias.

Era a mesma que havíamos visto ser modelada em ouro puro, e de uma incrível semelhança, já que em vida o faraó havia posado para o escultor. Os olhos de cristal de rocha brilhante e obsidiana pareciam me olhar com toda a humanidade que um dia possuía o homem sob a máscara. A cabeça de serpente do *uraeus* erguia-se regia e mística da nobre fronte.

Depois depositaram a múmia no caixão interno de ouro, que foi selado e colocado dentro do segundo caixão de ouro, cuja tampa tinha outra máscara fúnebre esculpida. A metade do tesouro recuperado do senhor Intef havia servido para a execução daquela enorme massa de metais preciosos e jóias.

Havia ao todo sete caixões, inclusive o sarcófago de pedra maciça pousado sobre o carro dourado, que esperava para transportar o faraó Mamose pela avenida até sua tumba nos morros. Mas minha ama negou-se a autorizar isso.

— Dei meu voto sagrado. Não posso colocar meu marido numa tumba que poderá ser violada pelos bárbaros hicsos. O faraó repousará aqui até que eu possa cumprir minha promessa. Encontrarei um local seguro em que ele possa repousar eternamente. Dei minha palavra de que ninguém perturbaria seu descanso.



A sabedoria da rainha Lostris de adiar o sepultamento foi aprovada três dias depois. Os hicsos fizeram um esforço decisivo para atravessar o rio e Tanus mal conseguiu rechaçá-los. A tentativa foi realizada num trecho do rio sem vigilância, dois mil passos ao norte de Esna. Fizeram a manada de cavalos nadar e a seguiram numa frota de pequenos barcos que transportaram por terra desde Tebas para ocultar suas intenções.

Eles realmente conseguiram estabelecer uma cabeça-de-praia na margem oeste antes que Tanus pudesse enviar suas galés até o local, mas ele chegou antes que os hicsos desembarcassem os coches e arreassem os cavalos. Tanus destruiu os barcos inimigos com os veículos ainda a bordo e dizimou quase três mil hicsos do nosso lado do rio. Os cavalos se dispersaram e desapareceram na noite quando as tropas egípcias fizeram a primeira carga.

Sem coches, os hicsos ficaram em pé de igualdade com nossas forças, mas não tinham como escapar e lutaram *com* árdua determinação. As forças eram quase equivalentes em número, pois Tanus conseguira reunir apenas um regimento completo. O resto de seu exército estava espalhado pela margem oeste. O combate foi feroz e sangrento, em meio à escuridão quebrada apenas pelo incêndio dos navios que Tanus atacara.

Por uma tremenda coincidência, ou mais uma ajuda dos deuses, Hui e eu havíamos levado a Esna nosso pequeno esquadrão de coches e velozes condutores, para manobras de treinamento. Na verdade havíamos percorrido as vinte milhas desde Tebas principalmente para escapar às críticas e à interferência de Tanus.

Acampamos no bosque de tamarindeiros sagrados ao lado do templo de Hórus em Esna. Eu estava exausto, depois de um longo dia de galopes e manobras rápidas. Ao voltarmos ao bivaque, Hui oferecera

um jarro de delicioso vinho e eu fora algo incontinento degustá-lo. Dormia profundamente quando Hui entrou cambaleante em minha tenda e sacudiu-me.

— Há fogo rio abaixo — ele disse. — Quando o vento muda, ouvem-se ovações, e há pouco pensei ter ouvido muitas vozes entoando o hino de guerra do Azuis. Acho que está havendo luta ali.

Eu estava tão desequilibrado quanto ele, ambos encharcados de vinho, mas gritei-lhe para despertar o acampamento e arrear os cavalos. Ainda éramos novatos, e quase amanhecera quando conseguimos pôr os cavalos em movimento. Em meio à névoa fria do rio e à claridade opaca da madrugada trotamos pela estrada norte em coluna de dois coches. Eu conduzia o coche dianteiro e Hui comandava a retaguarda. Nossos cinqüenta veículos haviam-se reduzido a trinta nos exercícios do dia anterior, pois eu ainda não conseguira aperfeiçoar minhas rodas raiadas. Elas tinham a alarmante tendência de se desintegrar com a velocidade, e quase metade de minha força estava fora de ação.

O vento em meu peito nu me fez tremer e contrabalançou os efeitos do vinho. Eu começava a esperar que Hui estivesse enganado, quando subitamente, ao longe, ouvi o inconfundível coro de gritos e aplausos e o retinir do bronze que só podia significar uma coisa. Depois que os ouvimos uma vez, os sons da batalha não são facilmente esquecidos ou confundidos. A áspera trilha de camponeses que estávamos seguindo ao longo do rio fez uma curva para a esquerda. Depois dela, o campo abriu-se à nossa frente.

O sol estava pouco acima do horizonte e transformara a superfície do Nilo numa folha reluzente de cobre batido que feria a vista. Os navios de Tanus agrupavam-se perto da margem, tentando pôr os hicsos ao alcance de seus arqueiros e impedir sua retirada pelo rio.

O regimento hicsos desbaratado reunira-se no meio de um milharal baixo. Havia formado um círculo, ombro a ombro e todos voltados para fora, com os escudos entrelaçados e as lanças apontadas. Quando nos aproximamos, eles haviam acabado de repelir soldados egípcios que tentaram romper o círculo. O regimento de Tanus recuara para se reagrupar, deixando os mortos e feridos espalhados ao redor do largo círculo.

Não sou soldado, apesar de ter escrito textos sobre as artes bélicas. Com a mais profunda relutância havia aceitado o cargo de Mestre do Cavallo Real, que me confiou a rainha. Minha intenção era apenas aperfeiçoar os coches, treinar o primeiro esquadrão e entregá-lo a Hui ou outra pessoa mais habilitada na profissão guerreira.

Eu sentia frio e ainda estava semi-embriagado quando ouvi minha voz ordenar o avanço em formação de flecha. Era a evolução que havíamos praticado no dia anterior e os coches posicionaram-se atrás do meu, de ambos os lados, com razoável eficiência. Eu percebia nitidamente o ruído dos cascos na terra macia e o estalido dos arreios, o ranger das rodas e o chocalhar das aljavas quando os cocheiros retiravam os dardos. Olhei para os lados e verifiquei nosso pequeno esquadrão, com meu coche na ponta da flecha. Era uma formação que eu copiara dos hicsos. Respirei fundo.

— Esquadrão, avançar! — gritei, e minha voz vacilou de medo. — A galope, adiante!

Precisei apenas levantar a mão que segurava as rédeas para que Paciência e Lâmina disparassem. Quase fui atirado para trás, mas agarrei-me ao painel com a mão livre e nos dirigimos numa reta para o círculo dos hicsos.

O coche saltava e balançava sob mim no terreno acidentado. Olhando por cima das ancas dos cavalos, vi a parede de escudos hicsos, reluzente e impenetrável ao sol que nascia, aproximar-se a cada passo que dávamos.

De ambos os lados os homens gritavam para ocultar seu terror, e eu os acompanhei como um cão desgarrado na lua cheia. Os cavalos bufavam e agitavam os pescoços, e de repente Paciência ergueu a longa plumagem da cauda e começou a soltar flatos ao ritmo de seu passo. Achei isso incrivelmente engraçado e meus gritos apavorados transformaram-se em gargalhadas. O capacete que Hui me havia emprestado, grande demais, voou de minha cabeça e o vento soprou meu cabelo para trás.

Paciência e Lâmina formavam a parelha mais rápida do esquadrão, e nosso coche distanciara-se dos demais. Para tentar reduzir o avanço, puxei as rédeas, mas Paciência não estava disposta a isso. Com uma alegria evidente, e tão excitada quanto qualquer um de nós, ela esticou o pescoço e disparou comigo.

Cortamos as fileiras de infantaria egípcia que recuavam do ataque fracassado ao círculo hicsos, e os soldados saltaram de nosso caminho, olhando-nos atônitos.

— Venham! — gritei, gargalhando. — Nós indicaremos o caminho.

Eles deram meia-volta e nos seguiram correndo na direção do inimigo. Atrás de mim, ouvi os trombeteiros dar o toque de atacar, o que pareceu instigar ainda mais nossos cavalos. A direita, vi o estandarte de combate de Tanus tremulando e reconheci seu capacete emplumado, destacando-se dos demais.

— O que acha agora de minhas feras malditas? — gritei para ele ao passar, e Paciência soltou outro flato, provocando em mim novas gargalhadas.

O coche à minha esquerda corria quase emparelhado quando sua roda estourou sob o esforço e ele voou, atirando longe os ocupantes e derrubando os cavalos, a relinchar. O resto de nós continuou avançando sem se abalar.

A primeira fileira de inimigos estava agora tão próxima que eu podia ver seus olhos fixos em mim sobre a borda dos escudos. Suas flechas zuniam a meu redor. Distingui claramente as formas de monstros e demônios incrustadas nos altos escudos metálicos, as gotas de suor reluzindo em suas barbas trançadas, o grito de guerra entoado em coro — e então estávamos em cima deles.

Meus cavalos saltaram juntos a barreira de escudos e ela foi esmagada sob o peso e a fúria de nosso ataque. Vi um homem ser atirado para o alto e ouvi seus ossos estalar como gravetos na fogueira. A meu lado, na plataforma, meu seteiro atuava mortalmente. Eu o havia escolhido por ser o melhor recruta, e ele confirmava agora minha opção, mantendo-se firme e despejando setas sobre o inimigo.

As outras carroças irromperam uma atrás da outra pela brecha que havíamos aberto, e atravessamos o círculo de hicsos quase sem nos deter, saindo do outro lado. Nos reagrupamos em coluna de três e voltamos à carga.

Tanus aproveitou o momento e despejou sua infantaria pela fenda aberta por nós. A formação dos hicsos dividiu-se em grupos de guerreiros, que por sua vez se desintegraram e correram para o rio, em pânico. No momento em que se aproximaram, os arqueiros nas galés atiraram nuvens de setas sobre eles.

A minha frente havia um núcleo isolado de hicsos que continuavam lutando, costas contra costas, e rechaçavam nossos homens. Manobrei o coche e dirigi-me para eles a pleno galope. Antes que os alcançasse, porém, minha roda direita estourou e a leve carapaça do coche virou. Eu voei e depois desci em direção ao solo num ângulo perigoso. Minha cabeça bateu primeiro, e então houve apenas escuridão.

Despertei sob a tenda no convés da galé de Tanus. Estava deitado numa pele de carneiro e Tanus me observava. Assim que me viu consciente, disfarçou a expressão preocupada que contorcia seu rosto.

— Velho maluco! — Ele forçou um sorriso. — De quê, em nome de Hórus, você estava rindo?

Tentei sentar-me, mas minha cabeça doía terrivelmente e gemi. Então agarrei o braço de Tanus quando me lembrei de tudo.

— Os cavalos inimigos que atravessaram o rio ontem... Preciso deles, Tanus.

— Não preocupe essa sua cabeça amassada. Já mandei Hui recuperá-los — ele afirmou. — Se eu quiser ter quinhentas dessas suas invenções para minha nova divisão de coches, precisarei de mil bestas amaldiçoadas para puxá-las. No entanto, essas novas rodas são mais perigosas que um regimento de hicsos. Não subirei mais nos coches enquanto você não tomar uma providência.

Por um instante minha cabeça dolorida não entendeu bem, mas então percebi o que acontecera. Tanus havia sufocado seu orgulho e cederá a mim. Meu esquadrão de coches finalmente participaria do exército regular, e ele me daria os homens e o ouro para construir mais quinhentos coches. Até galoparia comigo novamente se eu melhorasse as rodas.

Mas o que realmente me encheu de alegria foi que enfim ele me havia perdoado e éramos amigos novamente.



O sucesso de meus coches em Esna e a sensação de confiança A que incutiram em todos nós duraram pouco. Em segredo, eu esperava e temia o que aconteceu depois. Era o movimento lógico do inimigo, e tanto Salitis quanto o senhor Intef deveriam tê-lo feito muito antes.

Sabíamos que ao devastar o Baixo Reino, o rei Salitis havia capturado intacta a maior parte da frota do usurpador vermelho. Os navios estavam abandonados nos portos de Mênfis e Tânis, no delta do Nilo. Mas devia haver levas de renegados egípcios da marinha do usurpador dispostas a ajudar Salitis. Mesmo que isso não fosse verdade, ele poderia recrutar mercenários sírios em Gaza, Joppa e outros portos na costa oriental do grande mar para tripular centenas de galés e embarcações.

Eu havia pressentido isso, mas preferi não advertir Tanus ou a rainha Lostris dessa possibilidade porque não desejava aumentar a sensação de abatimento e desconsolo de nosso povo. Eu havia tentado imaginar um meio de reagir a essa jogada de Salitis e Intef, mas nada conseguira inventar. Portanto, incapaz de agir de maneira a reduzir o temor, achei melhor guardá-lo para mim mesmo.

Quando finalmente aconteceu, e nossos espiões no lado leste do rio, diante de Asyut, nos avisaram da aproximação da frota oriunda do delta, Tanus zarpou com seus navios para enfrentá-los. Sua frota superava em todos os aspectos a reunida por Salitis e Intef, mas a batalha que travaram durou quase uma semana, até Tanus conseguir destruí-la em parte e fazer o restante recuar para o delta.

No entanto, Salitis trouxera barcos de transporte ocultos pelas galés de combate, e enquanto transcorria a batalha fluvial ele conseguiu embarcar quase dois regimentos de cavalos e coches e levá-los intactos até a nossa margem, sem que nossas galés os alcançassem.

Esses regimentos compreendiam quase trezentos coches de guerra e as divisões de elite conduzidas pelo próprio rei hicsos. Ele finalmente rodeou nosso flanco. Nada poderia detê-lo agora, com seus carros em disparada pela nossa margem do Nilo. Tudo o que nossas galés puderam fazer foi tentar acompanhar a nuvem de poeira que levantavam na corrida para o templo fúnebre e os tesouros de Mamose.



Quando soube da travessia dos hicsos, a rainha Lostris convocou o conselho de guerra no Palácio de Memnon. Sua primeira pergunta foi para Tanus:

— Agora que ele cruzou o rio, poderá deter esse bárbaro?

— Talvez possa retardá-lo — ele respondeu com franqueza. - Aprendemos muito a seu respeito. Podemos esperá-lo atrás de muros de pedra ou das barreiras de estacas pontiagudas que Taita inventou. Mas Salitis não precisará lutar. Seus coches são tão velozes que ele poderá rodear nossas posições como fez em Asyut. Não, não conseguirei detê-lo.

A rainha Lostris olhou para mim.

— E nossos coches, Taita? Poderão combater os hicsos?

— Majestade, tenho quarenta coches que posso enviar ao encontro deles. O rei hicsos possui trezentos. Meus coches são mais ligeiros que os de Salitis, mas meus homens não se equiparam aos dele em técnica e treinamento. Há ainda a questão das rodas. Ainda não as aperfeiçoei. Salitis nos destruirá com facilidade. Se eu tiver tempo e material, poderei construir coches melhores com rodas que não arrebentem, mas não poderei substituir os cavalos. Não podemos arriscá-los. São nossa única esperança de uma possível vitória.

Enquanto discutíamos chegou mais um mensageiro, desta vez do sul. Ele viera em disparada, e suas notícias eram da véspera. Tanus ordenou que entrasse na câmara do conselho, e o mensageiro ajoelhou-se diante da rainha.

— Fale, companheiro — Tanus instou-o. — O que tem a nos dizer? O estafeta gaguejou, temendo por sua vida.

— Divina majestade, enquanto nossa frota estava ocupada em Asyut, os bárbaros fizeram outra travessia em Esna. Os cavalos nadaram como antes, mas desta vez não havia nossas galés para conter os barcos. Dois regimentos hicsos atravessaram. Os cavalos estão a caminho, rápidos como o vôo da andorinha. Estarão aqui em três dias.

Nenhum de nós falou até que Tanus dispensou o homem e ordenou que lhe dessem de comer. O mensageiro, que esperava ser morto, beijou as sandálias da rainha Lostris.

Quando ficamos a sós, Tanus disse suavemente:

— Salitis tem quatro regimentos deste lado do rio e seiscentos coches. Estamos acabados.

— Não! — a voz de minha ama vibrou com força. — Os deuses não podem abandonar o Egito agora. Nossa civilização não pode perecer. Temos muito a oferecer ao mundo.

— Posso lutar, é claro — Tanus concordou. — Mas o fim será o mesmo. Não podemos superar seus coches.

Lostris virou-se para mim:

— Taita, não lhe pedi isso antes porque sei como lhe é penoso. Mas devo pedir-lhe agora antes de tomar a decisão final. Quero que consulte o oráculo de Amon-Rá. Preciso saber o que os deuses desejam de nós.

Eu me inclinei em sinal de obediência e murmurei:

— Vou buscar minha arca.



O local que escolhi para a adivinhação foi o santuário interior de Hórus, no semi-acabado Palácio de Memnon. O prédio ainda não havia sido consagrado ao deus, nem sua imagem fora colocada ali, mas eu tinha certeza de que Hórus já projetara sua influência benéfica sobre a construção. Minha ama sentou-se diante de mim, com Tanus a seu lado, e observou fascinada quando bebi a poção mágica para abrir-me os olhos da alma, meu *Ka*, a pequena criatura em forma de pássaro que vive no coração de cada pessoa e que é nosso outro eu.

Espalhei as peças de marfim diante deles e pedi a ambos que as tocassem e afagassem, transmitindo para elas seu espírito e o espírito da nação que representavam, o nosso Egito. Ao vê-los dividir as pilhas de discos brancos, senti a droga ganhar força em meu sangue e meu coração bater mais devagar enquanto a pequena morte se apoderava de mim.

Apanhei as duas- peças restantes na última pilha e segurei-as junto ao peito. Elas começaram a aquecer-se contra minha pele, e meu instinto foi fugir da escuridão que me invadia. Em vez disso, entreguei-me a ela e deixei-a levar-me.

Escutei a voz de minha ama como que de uma grande distância.

— O que acontecerá com a dupla coroa? Como poderemos resistir aos bárbaros?

As visões começaram a surgir diante de meus olhos. Fui transportado para épocas vindouras e presenciei fatos que ainda não haviam ocorrido.

A luz matinal jorrava pela abertura no teto e atingia o altar de Hórus quando finalmente retornei da distante jornada. Estava abatido e nauseado pelo efeito da droga alucinógena, atordoado e trêmulo com as lembranças das estranhas visões.

Minha ama e Tanus ficaram comigo durante a longa noite. Seus rostos ansiosos foram a primeira coisa que vi ao retornar, mas eles ainda estavam tão distorcidos e oscilantes que pensei que fizessem parte da visão.

— Taita, você está bem? Fale conosco. Conte-nos o que viu. Minha ama estava preocupada e não conseguia ocultar o remorso que sentia por ter-me obrigado a penetrar mais uma vez nos labirintos de Amon-Rá.

— Havia uma serpente — minha voz ainda ecoava estranhamente em meus ouvidos, como se eu estivesse ao lado de mim mesmo. — Uma grande cobra verde rastejava pelo deserto.

Vi a expressão atônita nos rostos deles, mas eu mesmo não havia avaliado o significado daquilo, portanto não podia lhes oferecer ajuda.

— Tenho sede — sussurrei. — Minha garganta está seca e minha língua parece uma pedra coberta de musgo.

Tanus buscou um jarro de vinho, serviu-o numa tigela e bebi com avidez.

— Conte-nos sobre a serpente — pediu minha ama assim que baixei a tigela.

— Seu corpo sinuoso não tinha fim e ela brilhava esverdeada à luz do sol. Arrastava-se por uma terra estranha, onde viviam homens altos e nus e animais bizarros e maravilhosos.

— Você podia ver a cabeça ou a cauda da serpente? — perguntou minha ama, e balancei a cabeça.

— Onde você estava? Qual era sua posição? — ela insistiu. Havia-me esquecido de que ela apreciava com entusiasmo minhas visões e tinha grande prazer em interpretá-las.

— Eu estava cavalgando a serpente — respondi. — Mas não estava sozinho.

— Quem estava com você?

— Você estava ao meu lado, senhora, e Memnon também. Tanus estava do outro lado e a serpente nos carregava a todos.

— O Nilo! A serpente era o rio! — ela gritou triunfante. — Você previu uma viagem que fazíamos pelo rio.

— Para que lado? — perguntou Tanus, tão excitado quanto ela. — Para que lado o rio corria?

Esforcei-me para lembrar todos os detalhes.

— Vi o sol nascer do meu lado esquerdo.

— Para o sul! — ele exclamou.

— Para a África — completou minha ama.

— Afinal vi as cabeças da cobra à nossa frente. Seu corpo era bifurcado e em cada parte havia uma cabeça.

— O Nilo tem duas ramificações? — indagou Lostris. — Ou a visão tem um significado mais profundo?

— Vamos ouvir o que Taita tem a nos dizer — Tanus conteve as especulações de Lostris. — Continue, velho amigo.

— Então vi a deusa. Estava no topo de uma alta montanha. Ambas as cabeças da serpente a adoravam.

Minha ama não podia se conter.

— Que deusa você viu? Oh, diga-me depressa, qual era?

— Ela possuía o rosto barbado de um homem, mas os seios e as partes pudendas de uma mulher. De sua vagina jorravam duas grandes torrentes de água para as bocas abertas da serpente de duas cabeças.

— E a deusa Hapi, a deusa do rio — sussurrou a rainha Lostris. — Ela gera o rio em si mesma e o verte para que corra pelo mundo.

— Que mais lhe mostrou a visão? — perguntou Tanus.

— A deusa sorriu para nós e seu rosto brilhava de amor e benevolência. Ela falou numa voz que era o som do vento e do mar. O som do trovão nos picos de montanhas distantes.

— O que ela nos disse? — perguntou admirada a rainha Lostris.

— Ela disse: "Que minha filha venha a mim. Torná-la-ei tão forte que ela vencerá e meu povo não perecerá diante dos bárbaros". — Repeti as palavras que ainda ressoavam como um tambor em minha cabeça.

— Eu sou a filha da deusa do rio — disse minha ama simplesmente. — Ao nascer, fui dedicada a ela. Agora ela me chama e devo ir ao lugar onde habita, no fim do Nilo.

— E a viagem que Taita e eu pensamos em fazer um dia — brincou Tanus. — E agora a deusa a ordena. Não podemos contrariá-la.

— Sim, devemos ir, mas voltaremos — minha ama prometeu. — Esta é minha terra, meu Egito. Esta é a minha cidade, a linda Tebas dos cem portões. Não posso deixá-la para sempre. Voltarei a Tebas. Isto é um juramento e clamo à deusa Hapi para que seja testemunha. Nós voltaremos!



Viajar para o sul, para as terras selvagens e inexploradas além das cataratas, era algo que Tanus e eu havíamos pensado antes.

Na primeira vez fora para escapar da fúria vingativa do faraó.

Agora estávamos fugindo de um destino ainda mais impiedoso.

Parecia que os deuses haviam decidido que devíamos fazer a viagem, e desta vez não seriam contrariados.

Tivemos pouco tempo para nos preparar para uma partida tão imperiosa. Os hicsos se aproximavam de duas direções, e nossos sentinelas relataram que suas coortes seriam avistadas do telhado do palácio dali a três dias, no máximo.

Tanus encarregou Kratas de metade das forças disponíveis e enviou-o para enfrentar o rei Salitis, que descia velozmente de Asyut, ao norte, e provavelmente seria a primeira coluna a atingir a necrópole e o palácio. Kratas recebeu ordens para lutar uma batalha rápida. Usando as estacas e defendendo cada posição fortificada, ele deveria retardar Salitis o quanto fosse possível sem correr risco de ser isolado ou vencido. Quando não pudesse mais contê-los, deveria recuar com seus soldados para as galés.

O próprio Tanus chefiou a outra metade do exército e deslocou-se para o sul, para um combate que visava retardar a divisão de hicsos que se deslocara de Esna.

Enquanto se ocupassem disso, minha senhora embarcaria nosso povo e todas as suas posses nos demais navios da frota. Minha ama delegou a tarefa ao senhor Merkeset, mas é claro que me mandou auxiliá-lo. O senhor Merkeset não apenas estava muito velho com -havia recentemente arranjado uma esposa de dezesseis anos, e não era, portanto, de muita serventia para si mesmo ou para mim. Todo o planejamento e a execução da fuga recaiu sobre meus ombros.

No entanto, antes que eu pudesse me dedicar a isso, tinha de cuidar de meus cavalos. Mesmo nessa fase tão arriscada eu percebia com total clareza que eles eram a chave de nossa sobrevivência como nação e como povo civilizado. Com os animais que havíamos capturado em Esna, nossa manada contava agora vários milhares. Dividi-a em quatro partes, para que durante a marcha encontrassem pastos com

mais facilidade. Além disso, as manadas menores levantariam menos poeira e evitariam com maior facilidade os batedores hicsos.

Enviei Hui, os cocheiros e cavaleiros para o sul com as manadas, em direção a Elefantina. Dei ordens para evitarem as margens do rio, pelas quais avançavam os coches hicsos, e manter-se no interior, mais próximos do deserto.

Depois de despachar os cavalos, voltei minha atenção para os humanos. Percebi que o número de navios disponíveis limitaria a quantidade de pessoas que poderiam nos acompanhar na longa viagem. Tinha certeza de que quase todos os egípcios queriam participar do êxodo. A crueldade e a ferocidade dos hicsos ficaram evidentes em todas as cidades que eles queimaram e em cada atrocidade que infligiram ao nosso povo. Todos os perigos desconhecidos da imensidão africana eram preferíveis àqueles monstros sanguinários que nos perseguiram em seus coches.

Afinal calculei que poderíamos acomodar apenas doze mil almas a bordo da frota de fuga, e o informei a minha senhora.

— Teremos de ser impiedosos ao escolher quem deixaremos para trás — eu lhe disse, mas ela não quis escutar o conselho.

— Eles são o meu povo. Prefiro ceder meu próprio lugar a deixar um só deles para os hicsos.

— Mas, majestade, e os velhos e decrepitos? Os doentes e os muito jovens?

— Cada cidadão terá oportunidade de nos acompanhar. Não abandonarei um só ancião ou mendigo, recém-nascido ou leproso. São o meu povo, e se não puderem ir, o príncipe Memnon e eu ficaremos com eles. — É claro que ela mencionou o príncipe para garantir sua vitória sobre mim.

Sob esse enorme peso de passageiros os navios ficariam submersos até a amurada, mas não tive escolha. Porém tive certa satisfação ao embarcar primeiro os cidadãos mais úteis e criativos. Escolhi homens de todos os ofícios e profissões: pedreiros e cesteiros, ferreiros e poteiros, curtidores e veleiros, escribas e artistas, carpinteiros e construtores de barcos, todos destacados em suas artes. Conduzi-os em segurança a bordo das naves de transporte. Deu-me especial prazer destinar os catres menos confortáveis nos navios mais sórdidos aos sacerdotes e escribas da lei, essas pulgas sugadoras de sangue no saudável corpo do Estado.

Quando todos esses embarcaram, permiti que o populacho se amontoasse no cais diante do templo.

Devido à intransigência de minha ama, precisei escolher cuidadosamente a carga a ser levada. Não haveria espaço para quinquilharias inúteis. Reuni as armas, ferramentas e matérias-primas de que necessitaríamos para construir outra civilização em terras desconhecidas e tentei de todas as formas reduzir o peso e o volume da carga. Por exemplo, em vez de grãos e frutas, coloquei sementes de todas as plantas desejáveis em jarros limpos e selei-os com piche e cera.

Cada *deben* de carga embarcado nos porões significava que outra coisa ficaria para trás. Nossa viagem poderia durar dez anos ou uma vida inteira. A estrada seria dura. Sabíamos que as grandes cataratas estavam à nossa espera e não ousamos nos sobrecarregar com nada além do essencial. Mas havia a promessa feita por minha ama ao faraó. Mal tínhamos espaço para os vivos — quanto poderíamos dedicar aos mortos?

— Fiz um juramento ao rei em seu leito de morte — insistiu a rainha. — Não posso deixá-lo aqui.

— Majestade, encontrarei um esconderijo seguro para o corpo do rei, um túmulo sem identificação nas montanhas, onde nenhum homem o encontrará. Quando voltarmos a Tebas, o exumaremos e lhe

daremos o enterro real que você lhe prometeu.

— Se eu romper meu voto os deuses nos abandonarão e nossa viagem será amaldiçoada. O corpo do rei deve ir conosco.

Um olhar para sua expressão advertiu-me de que seria inútil discutir. Abrimos o sarcófago de granito maciço e retiramos os seis caixões internos, tão volumosos que seria necessária uma galé somente para transportá-los.

Tomei uma decisão sem consultar a rainha Lostris. Mande os trabalhadores remover os dois caixões de ouro internos, que cobrimos com tecido grosso e costuramos para protegê-los. O tamanho e o peso foram assim reduzidos a proporções aceitáveis, e os guardamos no bojo do *Sopro de Hórus*.

O grosso do tesouro faraônico, todo o ouro, a prata e as pedras preciosas, foi acondicionado em caixas de cedro. Ordenei aos ourives que retirassem o ouro dos caixões abandonados e da moldura de madeira do grande carro fúnebre, e o fundissem em barras. Fiquei secretamente deliciado por ser o instrumento de destruição daquela coisa de monstruoso mau gosto. As arcas com o tesouro e as barras de ouro foram transportadas para o cais e embarcadas nos navios. Distribuí-as de modo que cada barco levasse pelo menos um baú ou uma pilha de barras de metal precioso. Assim, o risco de o tesouro inteiro se perder a um só golpe do destino ficou muito reduzido.

Foi impossível carregar grande parte do tesouro fúnebre: toda a mobília e a estatuária, as armaduras cerimoniais e as caixas de estátuas *ushabti*, e, é claro, a incrível estrutura do carro fúnebre, que eu mandara livrar do ouro. Em vez de deixar para os hicsos, empilhamos tudo no pátio central do templo e pessoalmente atirei uma tocha sobre a montanha de tesouros e vi-a queimar até virar cinza.

Tudo isso foi feito com uma pressa tremenda, e antes que o último navio fosse carregado, os vigias no telhado do palácio gritaram avisando que as nuvens dos coches hicsos estavam à vista. Em uma hora, nossas tropas exaustas e combalidas pela luta, que sob o comando de Tanus e Kratas haviam combatido na retaguarda, começaram a se reunir na necrópole e a embarcar nas galés.

Encontrei Tanus quando ele surgiu na avenida, à frente de um esquadrão de guardas. Até então, com grande coragem e sacrifício, ele e seus homens haviam conseguido ganhar alguns dias extra para que completássemos a evacuação. Não puderam fazer mais e o inimigo os obrigara a recuar.

Quando o chamei, acenando, Tanus viu-me e gritou sobre as cabeças da multidão:

— E a rainha Lostris e o príncipe? Já embarcaram no *Sopro de Hórus*? Abri caminho até ele em meio ao povaréu.

— Minha senhora não quer partir antes que todo o povo embarque. Ordenou-me que o levasse a ela assim que chegasse. Está esperando no palácio.

Ele me olhou incrédulo.

— O inimigo está nos pressionando duramente. A rainha Lostris e o príncipe são mais valiosos que toda essa ralé. Por que não a obrigou a vir?

Eu ri.

— Ela não é uma moça fácil de domar, você deve saber tão bem quanto eu. Não deixará nenhum de seus súditos para os hicsos.

— Que Seth apague o orgulho dessa mulher! Ela vai nos matar a todos. — Mas suas palavras ásperas foram desmentidas pela expressão de orgulho e admiração em seu rosto empoeirado e marcado

de suor. Ele sorriu para mim. — Bem, se ela não vem por conta própria, vamos buscá-la.

Abrimos caminho pelas longas filas de passageiros carregados com trouxas de pertences e seus filhos pequenos, que afluíam ao cais para embarcar. Enquanto corríamos pela avenida, Tanus apontou sobre os edifícios para as possantes nuvens de pó que se aproximavam pelos dois lados.

— Estão se deslocando mais rápido do que pensei. Nem sequer pararam para dar de beber aos cavalos. Se não apressarmos o embarque eles apanharão a metade do povo em terra.

A largura das docas permitia que apenas dois navios encostassem de cada vez. As massas de refugiados lotavam a avenida e congestionavam a entrada do cais. O choro e as lamentações aumentavam a confusão, e naquele momento alguém no fim da fila gritou:

— Os hicsos chegaram! Corram! Salvem-se! Os hicsos chegaram!

O pânico se disseminou pela multidão, que empurrou à frente, enlouquecida. Mulheres foram esmagadas contra os portões de pedra e crianças, pisoteadas. Toda a ordem e o controle se romperam. Cidadãos decentes e soldados disciplinados foram reduzidos a uma multidão desesperada lutando pela sobrevivência.

Tive de usar a estaca pontiaguda que carregava para forçar passagem entre eles, enquanto Tanus e eu tentávamos chegar ao palácio.

Os salões e corredores estavam vazios, a não ser por alguns saqueadores que vasculhavam os aposentos vazios. Eles correram ao ver Tanus. Era uma visão temível, alto, empoeirado e enrijecido pela batalha, com um tufo de barba hirta a cobrir-lhe o queixo. Adiante de mim, ele irrompeu pelos apartamentos da rainha, cuja porta estava sem guardas e escancarada. Entramos correndo.

Minha ama estava sentada no terraço sob uma parreira, com o príncipe Memnon no colo. Mostrava-lhe a frota no rio abaixo, e os dois entretinham-se com o espetáculo.

— Olhe que navios bonitos!

A rainha Lostris levantou-se sorrindo quando nos viu, e Memnon deslizou de seu colo e correu para Tanus.

O comandante o ergueu sobre os ombros e depois envolveu minha ama com o braço livre.

— Onde estão suas escravas? E Aton e o senhor Merkeset? — perguntou Tanus.

— Mande-os para os navios.

— Taita disse que você se recusou a ir. Ele está muito zangado com você, e com razão.

— Perdoe-me, querido Taita. — O sorriso dela era capaz de iluminar minha vida ou destruir meu coração.

— É melhor pedir perdão ao rei Salitis — sugeri asperamente. — Ele estará aqui em breve. — Peguei seu braço. — Agora que seu rude soldado chegou, podemos embarcar, por favor?

Corremos do terraço para os corredores do palácio. Estávamos completamente sós mesmo os saqueadores e ladrões haviam desaparecido como ratos em suas tocas. O único completamente despreocupado era o príncipe Memnon. Para ele era mais uma brincadeira. Montado nos ombros de Tanus, fincava-lhe os calcanhares e gritava:

— Eia, eia! — como havia aprendido comigo nas cavalgadas. Corremos pelos jardins do palácio até a escada de pedra que levava à avenida. Era o caminho mais curto para o cais do templo. Mas então

percebi que as circunstâncias haviam mudado drasticamente depois que fomos buscar Lostris e o príncipe. A avenida estava deserta diante de nós o último refugiado havia embarcado. Por trás dos edifícios de pedra não enxerguei mastros movendo-se lentamente pelo canal em direção ao rio.

Com uma sensação de vazio na boca do estômago, percebi que éramos as últimas pessoas em terra e que ainda tínhamos meia milha a percorrer para chegarmos ao cais vazio. Todos nos derivemos, a tempo de ver a última galé zarpar.

— Eu disse ao capitão para esperar — resmunguei —, mas com os hicsos tão perto sua única preocupação foi com a própria segurança.

— Que podemos fazer agora? — suspirou Lostris, e até os gritos alegres de Memnon cessaram.

— Se alcançarmos a margem do rio, com certeza Remrem ou Kratas nos verá e mandará um bote para nos recolher — sugeri, e Tanus concordou imediatamente.

— Por aqui! Sigam-me! — gritou. — Taita, ajude sua ama. Peguei seu braço para ajudá-la, mas ela era forte e ágil como um pastor e correu com facilidade ao meu lado. Então, de repente, escutei cavalos e o rangido de rodas. Os sons dos coches eram inconfundíveis e estavam terrivelmente próximos.

Nossos próprios cavalos haviam partido três dias antes, e a essa altura deviam estar a caminho de Elefantina. Nossos coches haviam sido desmantelados e embarcados na frota. Os que eu escutava agora ainda estavam fora de vista, atrás do muro da avenida, mas sabíamos a quem pertenciam.

— Os hicsos! — eu disse em voz baixa, e estancamos, bem juntos um do outro. — Deve ser um dos grupos avançados de reconhecimento.

— Parece que são apenas dois ou três coches — concordou Tanus —, mas é o suficiente. Estamos barrados.

— Acho que saímos um pouco tarde demais — disse minha ama, com uma tranqüilidade que eu sabia ser fingida, e olhou para Tanus e para mim com total confiança. — O que sugerem agora?

Que audácia surpreendente! Sua teimosia fora a única responsável por aquela enrascada. Se Lostris houvesse concordado com meus pedidos, todos estaríamos agora no *Sopro de Hórus* a caminho de Elefantina.

Tanus levantou a mão, pedindo silêncio, e ficamos escutando o ruído dos coches inimigos trafegar no caminho ao pé do muro. Quanto mais se aproximavam, mais ficava evidente que se tratava de um pequeno grupo.

Subitamente o ruído das rodas parou e ouvimos os cavalos bufar e bater os cascos, e depois vozes de homens numa língua áspera e gutural. Estavam logo abaixo de nós, e Tanus fez outro gesto urgente pedindo silêncio. O príncipe Memnon não estava acostumado a restrições, nem a ficar tranqüilo quando não estava disposto. Também ouviu e reconheceu os sons.

— Cavalos! — gritou à sua maneira estridente habitual. — Quero ver os cavalos!

Houve uma comoção instantânea. Os hicsos gritaram ordens e suas armas retiniram nas bainhas. Passadas fortes martelaram a escadaria e um grupo de inimigos surgiu correndo na avenida.

Seus capacetes altos apareceram sobre a balaustrada de pedra pouco adiante de nós, e então o resto deles se tornou visível. Eram cinco homens grandes, vestidos com armaduras de bronze e usando fitas coloridas nas barbas, e correram para nós com as espadas em riste. Mas um deles era mais alto que os

demais. Não o reconheci imediatamente, pois havia deixado crescer a barba e a enfeitara à maneira dos hicsos. Então ele gritou com aquela voz que eu jamais esqueceria:

— Então é você, jovem Harrab! Matei o velho cachorro e agora matarei o filhote!

Eu deveria saber que o senhor Intef seria o primeiro a chegar, farejando como uma hiena faminta o tesouro do faraó. Ele devia ter corrido à frente da divisão principal dos hicsos para ser o primeiro a entrar no mausoléu. Apesar da bravata, não avançou para Tanus, mas gesticulou para que o bando de hicsos agisse em seu lugar.

Tanus puxou o príncipe Memnon de seus ombros e atirou-o para mim como se fosse um boneco.

— Corram! — ordenou. — Vou ganhar algum tempo aqui.

Ele correu para os hicsos, ainda agrupados na escada e sem espaço para desembainhar as espadas. Matou o primeiro deles rapidamente, com o golpe na garganta que executava com perfeição.

— Não fiquem aí boquiabertos! — Tanus gritou, virando-se. — Corram! Eu não estava boquiabertos, mas, segurando a criança contra o peito, percebi que sua ordem era inútil. Carregado como estava, jamais alcançaria a margem do rio. Subi ao parapeito da avenida e olhei para baixo. Havia dois coches hicsos estacionados exatamente abaixo de mim, os cavalos bufando e pateando o chão. Apenas um homem fora deixado para segurá-los enquanto seus companheiros subiam a escada correndo. A frente das duas parelhas, ele estava totalmente concentrado na tarefa e não me havia visto na avenida acima. Segurando Memnon, passei as pernas sobre o parapeito e lancei-me para a frente. O príncipe gritou assustado quando caímos, de uma altura de quatro vezes a de um homem. Eu poderia facilmente ter quebrado uma perna, mas aterrissei com precisão sobre a cabeça do hicso distraído. O impacto lhe quebrou o pescoço ouvi nitidamente a vértebra partir-se e ele desmoronou sob nós, amortecendo nossa queda.

Levantei-me com Memnon, que berrava furioso diante de tratamento tão indelicado, mas ainda haveria mais sacolejões pela frente. Depositei-o na carroceria do coche mais próximo e procurei minha ama, que olhava do parapeito da avenida.

— Salte! — gritei. — Eu a segurarei.

Lostris não hesitou atirou-se sobre a borda com tanta presteza que eu ainda não estava pronto para apará-la. Despencou em velocidade sobre mim, com a saia curta esvoaçando e expondo suas coxas esguias. Atingiu-me em cheio, tirando-me o fôlego, e caímos embolados.

Levantei-me lutando para respirar e ajudei-a a se pôr de pé. Depois empurrei-a sem rodeios para o coche e gritei-lhe:

— Segure Memnon!

Ela agarrou o menino justamente quando ele tentava descer do veículo, ainda berrando de raiva e medo. Tive de me debruçar sobre eles para alcançar as rédeas e controlar os cavalos.

— Segurem-se firme!

A parelha reagiu de imediato ao comando de minhas mãos, e habilmente conduzi o coche junto ao muro. Uma roda bateu no corpo do hicsos que eu havia matado ao cair.

— Tanus! — chamei gritando. — Por aqui!

Com um pulo ele subiu ao parapeito e equilibrou-se com facilidade, ainda lutando com o grupo de inimigos que o acuava como cães cercando um leopardo na árvore.

— Pule, Tanus, pule! — gritei, e ele se deixou cair do alto do muro. Com o manto revoando sobre a cabeça, pousou no dorso do cavalo mais próximo. A espada saltou de sua mão, retinindo no piso de pedra, e Tanus agarrou-se com as duas mãos ao pescoço do cavalo.

— Eia! — gritei para os animais e sacudi as rédeas em seu dorso. Eles seguiram a galope pelo caminho até o terreno aberto que levava à margem do rio.

As velas de nossos navios estavam no meio da correnteza, e reconheci a bandeira do *Sopro de Hórus* flutuando em meio à floresta de mastros. Quando faltava meia milha para atingirmos a margem, olhei para trás.

O senhor Intef e seus homens haviam descido a escada e estavam subindo no outro coche. Amaldiçoei-me por não o ter inutilizado. Num instante eu poderia ter cortado as rédeas e espantado os cavalos, mas estava em pânico para escapar com minha ama e o príncipe.

Intef saiu em nossa perseguição, e não havia percorrido cem passos quando percebi que seu coche era mais rápido que o nosso. O peso de Tanus sobre o cavalo dificultava-lhe o galope. Ainda agarrado ao pescoço do animal, ele parecia congelado de pavor. Acho que era a primeira vez que eu o via realmente sentir medo. Já o havia visto permanecer imóvel diante de um leão que o atacava e disparar o arco, mas os cavalos realmente o apavoravam.

Tentei ignorar o coche que nos perseguia e concentrei-me à frente, usando minha recém-adquirida habilidade de condutor para atravessar os campos cultivados e o labirinto de canais de irrigação até a margem do Nilo. O coche hicso era mais pesado e desajeitado que o inventado por mim. As rodas de madeira maciça com suas facas giratórias afundavam na terra arada, e a armadura dos painéis com ornamentos de bronze aumentava o peso. Os cavalos deviam ter-se esforçado muito, antes que eu os pegasse, pois espumavam nos flancos e focinhos.

Havíamos vencido metade da distância até a margem quando ouvi os gritos do cocheiro hicso e o ruído dos cascos se aproximar. Olhei para trás e vi que estavam muito perto. O condutor aticava os cavalos com um chicote de couro cheio de nós e gritava-lhes na sua língua gutural e feia. A seu lado, o senhor Intef inclinava-se sobre a carroceria. Sua barba enfeitada de fitas flutuava para os lados e suas belas feições estavam iluminadas pela emoção do caçador.

Ele gritou para mim, e sua voz soou mais alto que o barulho das duas parelhas resfolegantes:

— Taita, meu velho querido, ainda me ama? Quero que você me dê provas disso mais uma vez antes de morrer. — Ele riu. — Vai se ajoelhar na minha frente e morrer de boca cheia.

Minha pele arrepiou-se de horror diante da imagem que aquelas palavras suscitaram.

Havia uma vala de irrigação à nossa frente e manobrei para correr ao longo dela, nas laterais profundas e planas. O coche hicso nos seguiu, avançando constantemente.

— E você, minha amada filha, vou entregá-la aos soldados hicsos para que brinquem com você. Eles lhe ensinarão alguns truques que Harrab se esqueceu de mostrar. Não vou mais precisar de você agora que terei seu pirralho.

A rainha Lostris, pálida e tensa, abraçou com força o príncipe.

Compreendi imediatamente o plano de Intef. Uma criança com o sangue real do Egito, mesmo como fantoche dos hicsos, teria a lealdade de todo o povo. O príncipe Memnon era o fantoche através do qual o rei Salitis e o senhor Intef pretendiam dominar os dois reinos. Era um antigo e eficaz artifício dos

conquistadores. Aticei os cavalos ao máximo, mas eles estavam exaustos e reduziam seu ritmo. Intef aproximava-se tão depressa que não precisava mais gritar para se fazer ouvir.

— Senhor Harrab, este é um prazer há muito adiado. O que faremos com você? Primeiro, assistiremos enquanto os soldados se divertem com minha filha...

Tentei fechar meus ouvidos para aquela indecência, mas a voz dele era insidiosa. Continuei olhando à frente, concentrado no caminho perigoso, mas pelo canto dos olhos vi as cabeças dos outros cavalos alcançar nosso coche. Suas crinas esvoaçavam e seus olhos estavam selvagememente esbugalhados quando se aproximaram a pleno galope.

Olhei para trás. O possante arqueiro hicso atrás de Intef colocava uma seta no arco. A distância era tão curta que mesmo do veículo sacolejante ele não poderia errar o alvo.

Tanus estava fora de combate, pois deixara cair a espada. Continuava agarrado ao pescoço do cavalo, no lado oposto ao do coche inimigo. Eu tinha apenas minha adaga, e a rainha Lostris havia se ajoelhado, tentando proteger o príncipe com o próprio corpo.

Foi então que percebi o erro cometido pelo condutor hicso. Ele havia colocado o coche entre nós e a vala de irrigação, sem deixar espaço de manobra.

O arqueiro levantou a arma e puxou a flecha até os lábios, fazendo pontaria em mim. Olhei para seu rosto, atrás da ponta serrilhada da flecha, e vi as densas sobrancelhas pretas, os olhos escuros e implacáveis como os de um lagarto. Os cavalos hicsos corriam lado a lado com a roda do meu coche. Puxei as rédeas na direção deles. As reluzentes lâminas de bronze que se projetavam da roda giravam com um suave zumbido, aproximando-se das pernas dos cavalos inimigos.

O cocheiro hicso gritou consternado ao perceber o erro que cometera. Seus cavalos estavam acuados entre a vala e as lâminas cruéis, a menos de um palmo dos joelhos de um grande garanhão baio.

No mesmo instante o arqueiro disparou a flecha, mas minha manobra rápida também o desconcertara. A seta pareceu voar lentamente na direção da minha cabeça, mas foi uma ilusão produzida pelo meu pavor. Na verdade ela relampejou como um raio de sol sobre meu ombro. A ponta de pedra raspou minha orelha e uma gota de sangue escorreu pelo meu peito.

O outro condutor tentou afastar-se para evitar minha manobra, mas seu coche passou a rodar na borda do canal de irrigação, que desmoronava sob o aro de bronze. O coche inclinou-se perigosamente sobre a borda.

Aticei meus cavalos e puxei-os mais uma vez para cima do carro inimigo. As facas giratórias cortaram as pernas do cavalo mais próximo e o pobre animal guinchou de dor. Vi pedaços de couro voar sobre o painel lateral do meu coche, mas me fiz surdo ao lamento do cavalo e o atingi novamente. Desta vez sangue e lascas de osso espirraram das pernas fraturadas e o cavalo desabou, esperneando e guinchando, e levou consigo seu parceiro. O coche hicso emborcou na vala e vi seus dois passageiros serem atirados fora, mas o condutor foi arrastado e esmagado sob o pesado veículo, que ficou com as rodas girando no ar.

Nosso coche corria agora perigosamente próximo à vala, mas consegui dominar os cavalos e afastá-los.

— Ôôô! — dei a ordem para reduzir o passo e virei-me para trás. Uma nuvem de poeira pairava sobre a vala de irrigação onde o carro hicso havia desaparecido. Fiz minha parelha marchar a trote. A margem do rio estava a duzentos passos de nós e nada havia no caminho que ameaçasse nossa segurança.

Olhei para trás uma última vez. O arqueiro hicso, que disparara a flecha contra mim, estava jogado por terra numa posição desconjuntada. O senhor Intef havia caído um pouco antes da vala. Acho que realmente o teria deixado ali se ele não se tivesse movido, mas naquele instante ele se sentou e tentou levantar-se, cambaleante.

De repente todo o meu ódio por ele retornou com tamanha força e clareza que nublou minha mente. Era como se uma veia tivesse estourado por trás de meus olhos, pois minha visão se escureceu e foi tingida por um manto vermelho de sangue. Um grito selvagem e irracional explodiu de minha garganta e manobrei os cavalos numa curva fechada, fazendo meia-volta.

Intef estava exatamente no meu caminho. Ao cair havia perdido o capacete e as armas, e parecia atordoado, balançando-se nos pés. Chicoteei os cavalos e as pesadas rodas avançaram com estrépito. Dirigi o coche diretamente para cima dele. Sua barba estava desgrenhada e as fitas sujas de terra. Seus olhos também estavam opacos e surpresos, mas subitamente se acenderam quando os cavalos se aproximaram e ele ergueu a cabeça.

— Não! — ele gritou, começando a recuar e estendendo as mãos como que para deter os cavalos a galope e o coche. Eu corria para ele numa reta, mas no último instante os deuses das sombras o protegeram uma vez mais. Quando me encontrava a um passo dele, Intef jogou-se para o lado. Eu o havia visto balançar-se e pensei que fosse de fraqueza e atordoamento, mas ele foi rápido e arguto como um chacal perseguido por cães. Não consegui virar o coche pesado suficientemente depressa para ir atrás dele, e continuei em frente.

Puxei as rédeas, mas os cavalos me arrastaram pormais cem passos antes que eu os conseguisse controlar e manobrar o veículo. Quando voltamos, Intef corria em direção à vala tentando buscar abrigo. Se a alcançasse, estaria salvo. Amaldiçoei-me amargamente enquanto conduzia a parelha atrás dele.

Foi então que seus deuses finalmente o abandonaram. Ele havia quase alcançado a vala, mas olhou para trás e não viu os torrões de argila duros como pedras que coalhavam o caminho. Virou o tornozelo e caiu pesadamente, mas rolou o corpo e levantou-se como um acrobata. Experimentou correr de novo, mas a dor na junta quebrada o impediu. Deu um ou dois passos cambaleantes e depois tentou saltar com uma perna só em direção à vala.

— Você é meu, enfim! — gritei, e ele virou-se para me enfrentar, equilibrando-se num pé só, e eu dirigi o carro para ele. Seu rosto estava branco, mas os olhos de leopardo fulguravam com todo o ódio de sua alma cruel e retorcida.

— Ele é meu pai! — gritou a rainha Lostris ao meu lado, escondendo o rosto do príncipe em seu peito para que não visse. — Deixe-o, Taita. Ele é meu sangue.

Em toda a minha vida eu jamais a havia desobedecido. Esta foi a primeira vez. Não fiz um movimento para conter os cavalos e, também pela primeira vez, olhei sem medo nos olhos do senhor Intef.

No final ele quase conseguiu me trapacear novamente. Atirou-se para o lado com tal força e agilidade que se safou do coche, mas não pôde escapar das lâminas das rodas. Uma delas enfiou-se nas escamas da armadura e cortou a carne de sua barriga. A faca girou, enrolando-se em suas entranhas e arrancando-as como se ele fosse uma grande carpa azul do Nilo, sendo estripada por uma peixeira no mercado.

Ele foi arrastado atrás de nós pelas cordas viscosas de suas vísceras, mas foi se distanciando aos poucos enquanto mais espirais de tripas eram arrancadas da cavidade em seu estômago. Ele as agarrava

com <sup>as</sup> duas mãos na medida em que eram puxadas, mas elas escorregavam entre seus dedos como um grotesco cordão umbilical que o ligava à roda da carroça.

Seus gritos eram um som que espero jamais escutar de novo enquanto viver. Os ecos deles ainda me assombram os pesadelos às vezes assim, afinal, ele me infligiu sua última crueldade. Nunca consegui esquecê-lo, o que realmente teria apreciado.

Quando finalmente a hedionda corda que o arrastava pelo solo escuro arrebentou, ele ficou deitado no meio do campo. Seus gritos enfim se calaram e ele permaneceu imóvel.

Freei os cavalos. Tanus desceu da montaria e veio até o coche. Fez minha ama e o príncipe descerem e apertou-os contra seu peito. A rainha Lostris chorava.

— Oh, foi tão horrível! Apesar de tudo o que ele nos fez, ainda é meu pai.

— Está tudo bem agora — Tanus tentava consolá-la. — Terminou. O príncipe Memnon espiou sobre o ombro da mãe a figura de seu avô dilacerado, com o fascínio das crianças pelo macabro. De repente o menino falou com sua voz aguda:

— Ele era um homem mau.

— Sim — concordei suavemente. — Era um homem muito mau.

— O homem mau está morto?

— Sim, Mem, ele está morto. Agora poderemos dormir mais tranquilos.

Tive de correr com os cavalos beirando o rio para alcançar a frota em fuga, mas finalmente emparelhei com a galé de Kratas e ele nos reconheceu no veículo estranho. Mesmo através da água pude perceber sua surpresa. Mais tarde ele me contou ter pensado que estivéssemos em segurança a bordo de um dos primeiros navios que partira.

Desatrelei os cavalos quando abandonamos o coche, e depois entramos na água para pegar o bote que Kratas enviou para nos resgatar.



Os hicsos não nos deixariam escapar com facilidade. Dia após dia, seus carros perseguiram nossa flotilha pelas duas margens do Nilo, enquanto rumávamos para o sul. Sempre que olhávamos para trás, sobre a popa do *Sopro de Hórus*, divisávamos a poeira das colunas inimigas a nos seguir. Com frequência a poeira misturava-se a nuvens mais escuras de fumaça que se erguia das cidades e aldeias ribeirinhas, incendiadas pelos hicsos depois de saqueá-las. Ao passarmos pelas cidades, bandos de pequenas embarcações juntavam-se à frota, de modo que nossa esquadra crescia constantemente.

Em certas ocasiões, quando o vento era contrário, as colunas hicsas nos ultrapassavam. Então víamos as coortes reluzentes nas margens e escutávamos seus desafios rudes. No entanto, a eterna mãe Nilo nos protegia, como há séculos, e eles não podiam nos atingir na água. Depois o vento voltava a soprar do norte, pondo-nos novamente à frente deles, e a poeira sumia no horizonte.

— Os cavalos inimigos não conseguirão manter esse ritmo por muito mais tempo — disse Tanus na manhã do décimo segundo dia.

— Não tenha tanta certeza disso. Salitis está interessado no tesouro do faraó Mamose e no herdeiro legítimo da dupla coroa — retruquei.

— O ouro e o poder são uma forma esplêndida de enrijecer a vontade de um homem. Ainda teremos muitos bárbaros pela frente.

Na manhã seguinte o vento mudou mais uma vez, e aos poucos os coches voltaram a nos alcançar. Ultrapassaram os primeiros navios no momento em que atingíamos os Portões de Hapi, a primeira das gargantas que estreitavam o Nilo próximo de Elefantina. Tolhido entre penhascos de granito negro, o Nilo ficava com menos de cem passos de uma margem à outra. Os paredões erguiam-se quase verticalmente de ambos os lados e a correnteza, redemoinhando entre os Portões de Hapi, fluía plenamente contra nossos barcos. Isso reduziu a velocidade e Tanus ordenou que homens descansados assumissem os remos.

— Acho que você tem razão, Taita. Eles estão à nossa espera aqui — ele comentou gravemente, e quase em seguida apontou à frente. — Lá estão eles!

Liderando a frota, o *Sopro de Hórus* acabava de entrar nos portões e precisávamos levantar as cabeças para perscrutar o topo dos penhascos. As figuras dos arqueiros hicsos sobre as rochas eram distorcidas pelo ângulo, fazendo-os parecer anões grotescos.

— Daquela altura eles podem atirar flechas com facilidade de uma margem à outra — resmungou Tanus. — Estaremos ao seu alcance durante a maior parte do dia. Será duro para todos, especialmente para as mulheres e crianças.

Foi ainda pior do que Tanus esperava. A primeira flecha, disparada do alto contra nossa galé, deixou um rastro de fumaça contra a abóbada azul do céu, fez um arco e mergulhou na água a apenas um cúbito da proa.

— Flechas incendiadas — disse Tanus. — Você tinha razão mais uma vez, Taita. Os bárbaros aprendem depressa.

— É fácil ensinar truques a macacos — respondi. Eu odiava os hicsos tanto quanto qualquer um de nós.

— Agora veremos se sua engenhoca consegue bombear água para dentro do navio, assim como para fora — Tanus provocou.

Eu havia previsto o ataque incendiário, e nos últimos quatro dias estivera trabalhando nas galés equipadas com as bombas inventadas por mim. Na medida em que os demais navios se aproximavam, Tanus ordenava aos capitães que baixassem as velas. Bombeávamos água para os conveses e cordames. Baldes de couro cheios d'água eram deixados de prontidão nos deques, e então uma das galés escoltava cada barco através da passagem de granito e da chuva de flechas inimigas.

Levamos dois dias para atravessar a frota, pois os rochedos barravam o vento, tornando a passagem quente e abafada, e os navios tinham de ser impelidos a remo contra a correnteza. As flechas tombavam sobre nós traçando belas parábolas brilhantes e fincavam-se nos mastros e deques. Cada uma delas iniciava um pequeno incêndio, que tinha de ser apagado com os baldes ou as mangueiras de couro das bombas da galé de escolta. Não havia como revidarmos ao ataque, pois os arqueiros sobre os rochedos estavam fora do alcance de nossos arcos, menos possantes. Quando Rem-rem liderou um grupo à terra para desalojar os inimigos, estes atingiram nossos homens e os fizeram recuar para os barcos, com pesadas baixas.

Os navios que conseguiram atravessar saíram totalmente chamuscados. Outros não tiveram tanta sorte e foram engolfados pelas labaredas. Foi preciso soltá-los e deixá-los flutuar na corrente, o que provocou um pandemônio entre o restante da frota, que vinha atrás. Na maioria dos casos conseguimos retirar a tripulação e os passageiros antes que as chamas se espalhassem, mas em outros não houve tempo. Os gritos das mulheres e crianças no meio das chamas congelavam meu sangue. Levarei comigo para sempre uma imagem daquele dia terrível, a de uma jovem saltando de um barco com os cabelos incendiados, como se fosse uma guirlanda matrimonial.

Perdemos mais de cinquenta navios nos Portões de Hapi. Ao retomarmos a navegação para Elefantina, bandeiras de luto tremulavam em todos os barcos, mas pelo menos os hicsos pareciam ter-se exaurido e a seus cavalos na longa perseguição. As nuvens de poeira não mais manchavam o horizonte ao norte, e tivemos uma trégua para prantear os mortos e consertar as naves.

No entanto, nenhum de nós acreditava que eles houvessem desistido completamente. Afinal, a atração do grande tesouro faraônico era irresistível.



Confinados ao deque da galé, o príncipe Memnon e eu passávamos muito tempo sentados sob o toldo na popa. Ali ele escutava avidamente minhas histórias ou observava-me desenhar e esculpir um novo tipo de arco para nosso exército, com base na arma curva usada pelos hicsos. Agora ele havia aprendido o velho truque de fazer perguntas para atrair minha atenção.

— O que está fazendo agora, Taita?

— Estou fazendo um novo arco.

— Mas por quê?

— Bem, vou lhe contar. Nossos arcos de uma curva só, além de não ter a mesma força e o mesmo alcance, são longos demais para se usar nos coches.

Ele ouviu com seriedade. Mesmo quando Memnon era bebê eu nunca conversara com ele em tatibitate, mas sempre como um igual. Se às vezes ele não compreendia, ao menos ficava contente com o som de minha voz.

— Estou totalmente convencido de que nosso futuro repousa nos cavalos e coches. Estou certo de que sua alteza real concordará comigo. — Olhei para ele. — Você gosta dos cavalos, não é, Mem?

Isso ele entendeu bem.

— Eu gosto dos cavalos, principalmente de Paciência e Lâmina — ele assentiu com veemência.

Eu já havia preenchido três rolos de papiro com esboços e diagramas sobre o melhor uso desses equipamentos militares. Gostaria de poder discuti-los em detalhe com Tanus, mas o interesse do Grande Leão do Egito por assuntos eqüestres era rarefeito e superficial.

— Construa as malditas coisas, se quiser, mas não fique tagarelando a respeito delas — ele falou.

O príncipe era uma platéia muito mais receptiva, e enquanto eu trabalhava tínhamos longas conversas, que só muito mais tarde produziriam frutos. Como companhia, a primeira opção de Memnon era Tanus, mas eu não ficava atrás em sua afeição e juntos passávamos longas horas felizes.

Desde o início ele fora uma criança excepcionalmente inteligente e precoce, e sob minha influência desenvolvera seus dons mais rapidamente que qualquer outra que eu já instruíra. Nem mesmo minha ama nessa idade havia sido tão ágil para aprender.

Fiz para Memnon um arco de brinquedo a partir do desenho que eu estava estudando, e ele o dominou quase imediatamente, atirando as pequenas setas através do convés da galé, para nervosismo das escravas e aias que geralmente constituíam seus alvos. Nenhuma delas ousava curvar-se quando o príncipe estava armado do arco, pois ele raramente errava um convidativo par de nádegas femininas a menos de vinte passos.

Depois do arco, seu brinquedo favorito era o coche com cavalos em miniatura que esculpi para ele. Fiz até a figurinha de um cocheiro para colocar no veículo, e rédeas para conduzir a parelha. O príncipe prontamente batizou o boneco de Mem e os cavalos, de Paciência e Lâmina. Ele engatinhava incansável pelo deque, empurrando o coche diante de si e fazendo os ruídos próprios dos cavalos e gritando "Eia!" e "Ôôô".

Para um menino tão pequeno, ele estava sempre consciente do que ocorria à sua volta. Os olhos escuros e brilhantes quase nada perdiam dos acontecimentos. Não me surpreendeu quando foi o primeiro membro da tripulação do *Sopro de Hórus* a divisar a estranha figura à nossa frente, na margem direita do rio.

— Cavalos! — ele gritou, e instantes depois: — Olhem, olhem! E Hui! Corri para junto dele na proa e meu coração se alegrou quando percebi que estava certo. Era Hui, montando Lâmina, quem vinha pela margem a pleno galope para nos encontrar.

— Hui levou os cavalos até Elefantina. Perdôo todos os seus outros defeitos e grosserias. Hui salvou meus cavalos — eu disse.

— Estou muito orgulhoso de Hui — concordou o príncipe seriamente, imitando minhas palavras e entonação de modo tão preciso que a rainha Lostris e os que estavam próximos desataram a rir.



Ao chegarmos a Elefantina, pudemos descansar um pouco. Não tínhamos sinal dos coches inimigos há vários dias, e um novo otimismo tomou conta da frota e da cidade. Os homens falavam em desistir da fuga para o sul, permanecer abaixo das cataratas e formar um novo exército para combater o invasor.

Nunca permiti que minha ama fosse seduzida por esse espírito de confiança sem raízes profundas. Convenci-a de que minha visão nos havia mostrado o verdadeiro caminho e de que nosso destino estava ao sul. Enquanto isso, continuei meus incansáveis preparativos para a viagem. Acho que a essa altura a aventura em si me havia enfeitado, mais que a necessidade de fugir dos hicsos.

Eu queria ver o que havia além das cataratas, e, depois de trabalhar o dia inteiro nas docas, ficava até tarde da noite na biblioteca do palácio, lendo relatos dos homens que haviam dado os primeiros passos rumo ao desconhecido.

Eles haviam escrito que o rio não tinha fim, correndo até os confins da terra. Escreveram que depois da primeira catarata havia outra ainda mais formidável, que nenhum homem ou barco poderia ultrapassar. Diziam que para viajar da primeira catarata à segunda gastava-se um ano inteiro, e o rio continuava correndo.

Eu queria ver isso. Mais que tudo, queria ver onde começava aquele grande rio que era a nossa vida.

Quando finalmente eu adormecia sobre os papiros, à luz da lamparina, revia em sonhos as visões da deusa a nos receber no topo da montanha, com as duas vertentes de água jorrando de sua enorme vagina. Apesar de dormir pouco, acordava de madrugada repousado e excitado, e corria para o cais para retomar os preparativos da viagem.

Minha sorte era que a maioria das cordas de nossos navios eram trançadas nas oficinas de velames de Elefantina. Assim, pude escolher os melhores cabos de linho que havia, alguns da espessura do meu dedo, outros grossos como minha coxa. Com eles preenchi todos os espaços ainda disponíveis nos porões dos navios, já lotados de suprimentos. Eu sabia que precisaríamos deles desesperadamente quando chegássemos às cataratas.

Não foi uma surpresa que em Elefantina se tenham revelado os membros de nossa companhia de coragem e vontade fracos. Os rigores da fuga de Tebas haviam convencido muitos deles de que a compaixão e o perdão dos hicsos seriam preferíveis a prosseguir viagem pelos desertos escaldantes do sul, onde os aguardavam homens e feras selvagens.

Quando Tanus soube que milhares de cidadãos estavam dispostos a abandonar a frota, trovejou:

- Malditos traidores e renegados! Sei o que fazer com eles. — E expressou a intenção de voltar suas legiões contra eles e forçá-los a reembarcar.

A princípio minha ama o apoiou nesse sentido, mas por razões muito diversas das dele. Ela preocupava-se apenas com o bem-estar de seus súditos e em manter a promessa de não deixar ninguém para sofrer nas mãos dos hicsos.

Tive de passar boa parte da noite discutindo com os dois, até convencê-los de que seria melhor não levarmos passageiros relutantes. Afinal, a rainha Lostris emitiu um decreto de que qualquer pessoa que desejasse permanecer em Elefantina poderia fazê-lo, mas acrescentou a ele seu toque pessoal. O decreto foi proclamado em todas as ruas da cidade e no porto onde se encontravam os navios:

Eu, rainha Lostris, regente do Egito, mãe do príncipe Memnon, herdeiro da dupla coroa dos dois reinos, hoje manifesto ao povo desta terra minha promessa solene.

Juro diante dos deuses e peço-lhes que sejam testemunha. Juro que na maioria do príncipe voltarei com ele a esta cidade de Elefantina para elevá-lo ao trono do Egito e colocar em sua frente a dupla coroa, para que ele possa derrotar o opressor e governá-los com justiça e amor todos os dias de sua vida.

Assim falou a rainha Lostris, regente do Egito.

Esse ato reforçou enormemente o amor e a lealdade do povo por minha ama e o príncipe. Duvido de que em toda a nossa história tenha havido um governante tão querido quanto ela.

Quando se organizaram as listas dos que nos acompanhariam até as cataratas, não me surpreendeu ver que elas incluíam a maioria daqueles cuja lealdade e eficiência mais apreciávamos. Os que preferiram ficar em Elefantina eram os que nos alegramos em perder, inclusive a maioria do clero.

No entanto, o tempo demonstraria que os que restaram para trás também nos foram de grande serventia. Durante os longos anos do êxodo, eles mantiveram a chama acesa no coração do povo — a memória do príncipe Memnon e a promessa da rainha Lostris de voltar para eles. Aos poucos, através dos longos e tristes anos da tirania hicsa, a lenda do retorno do príncipe difundiu-se pelos dois reinos.

No fim, todo o povo egípcio, da primeira catarata às sete bocas do Nilo, no grande delta, acreditavam em sua volta e rezavam para que esse dia chegasse.



Hui esperava-me com os cavalos nos campos da margem oeste, sob as dunas amareladas junto ao rio. O príncipe e eu os visitávamos todos os dias, e apesar de ele estar crescendo, continuava cavalcando sobre meus ombros para ter uma melhor visão da manada.

Agora Memnon conhecia seus prediletos pelo nome, e Paciência e Lâmina vinham comer farelo de milho em sua mão quando ele as chamava. Na primeira vez em que cavalgou Paciência sem que eu o segurasse, a égua foi tão delicada com ele quanto o era com seu potro, e o príncipe gritou de emoção ao conduzi-la sozinho ao redor do campo.

Hui havia aprendido muito sobre o manejo do rebanho em marcha, e através desse conhecimento planejamos detalhadamente as próximas etapas da viagem. Também expliquei a Hui a função reservada aos cavalos na travessia das cataratas, e o fiz trabalhar com os cocheiros e cavaleiros trançando e emendando arreios.

Na primeira oportunidade, Tanus e eu subimos o rio para examinar a catarata. A água estava baixa, deixando à mostra todas as ilhas. Os canais entre elas eram tão rasos que em certos pontos um homem poderia atravessá-los sem molhar a cabeça.

As cataratas estendiam-se por várias milhas, numa vasta confusão de rochas de granito esculpidas pela água e correntes sinuosas que se contorciam entre elas. Até eu me senti desencorajado pela tarefa que nos esperava, enquanto Tanus manteve o temperamento rude e franco de sempre.

— Você não conseguiria puxar um bote por aqui sem rasgar seu bojo. O que faria com uma galé carregada? Transportá-la nas costas de seus malditos cavalos? — ele zombou, sem qualquer vestígio de humor.

Voltamos para Elefantina, mas antes de chegarmos à cidade eu estava decidido que o único meio seguro seria abandonar os navios e prosseguir por terra. As dificuldades que o percurso nos apresentaria eram imprevisíveis. No entanto, imaginava que poderíamos reconstruir a flotilha após vencer as cataratas.

Quando voltamos ao palácio na ilha Elefantina, Tanus e eu fomos diretamente ao encontro da rainha Lostris na câmara de audiências. Ela ouviu tudo o que lhe contamos e balançou a cabeça.

— Não acredito que os deuses nos tenham abandonado tão cedo...

Mais tarde, conduziu toda a corte ao templo de Hapi, no extremo sul da ilha. Ofertou um generoso sacrifício à deusa e rezamos a noite inteira, pedindo-lhe orientação. Não acredito que se possa comprar as graças dos deuses cortando-se os pescoços de algumas cabras e colocando cachos de uvas sobre o altar não obstante, rezei com o fervor de um sumo-sacerdote. Ao amanhecer, minhas nádegas doíam terrivelmente por causa da longa vigília nos bancos de pedra.

Assim que os raios do sol atravessaram as portas do santuário, iluminando o altar, minha ama mandou-me descer ao nilômetro. Eu não havia alcançado o último degrau quando me vi com água pelos tornozelos.

Hapi escutara nossas preces. A cheia do Nilo iniciara com semanas de antecedência.



No mesmo dia em que as águas começaram a subir, uma das galés de reconhecimento que Tanus deixara a observar os movimentos dos hicsos aproximou-se velozmente, soprada pelo vento norte. Os hicsos estavam novamente em marcha e deveriam chegar a Elefantina dentro de uma semana.

O senhor Tanus partiu imediatamente com sua força principal para preparar a defesa das cataratas, deixando o senhor Merkeset e eu para organizar o embarque do povo. Consegui desgrudar o senhor Merkeset do ventre de sua jovem esposa apenas o suficiente para ele assinar as ordens que eu havia preparado com minúcias. Desta vez conseguimos evitar o caos e o pânico que nos haviam dominado em Tebas, e a frota preparou-se ordenadamente para navegar rumo às cataratas.

Chorando, cantando salmos a Hapi e agitando folhas de palmeira, cinquenta mil egípcios alinhavam-se em ambas as margens do Nilo para despedir-se quando zarpamos. A rainha Lostris ficou de pé na proa do *Sopro de Hórus*, com o pequeno príncipe a seu lado, e ambos acenaram para a chusma nas margens ao singrar lentamente rio acima. Aos vinte e um anos, minha ama estava no auge da beleza. Os que a viam eram tomados de um êxtase quase religioso. Sua beleza refletia-se no rosto do menino a seu lado, que segurava o gancho e a chibata do Egito nas mãos pequenas e determinadas.

— Voltaremos — minha ama dizia a todos, e o príncipe repetia:

— Nós voltaremos. Esperem por nós.

A lenda que sustentaria nossa terra decadente e oprimida através de sua fase mais sombria nasceu naquele dia, às margens do rio-mãe.



Quando chegamos à base da catarata, no dia seguinte, a garganta A entrecortada por rochas havia-se transformado numa veloz queda d'água, verde e espessa. Em certos pontos ela retumbava e rugia com brancas espumas, mas ainda não havia adquirido toda a sua potência.

No ciclo vital do rio, aquele era o momento mais propício à nossa empreitada. As águas estavam altas o suficiente para permitir que nossos navios atravessassem sem encalhar nos baixios, mas a cheia ainda não era tão forte a ponto de os repelir e atirar como gravetos contra os degraus de granito da catarata.

O próprio Tanus conduzia os navios, enquanto Hui e eu, sob o comando nominal do senhor Merkeset, organizávamos as pessoas em terra. Coloquei o jovial ancião em terra alta, com um grande jarro de bom vinho e sua bela mulher de dezesseis anos, sob um abrigo de palha cuja localização permitia uma boa vista da garganta. Ignorei as ordens contraditórias que o nobre senhor me enviou esporadicamente nos dias seguintes e enfrentamos a missão de vencer a primeira catarata.

As cordas mais grossas foram estendidas até a margem e arreamos os cavalos em grupos de dez. Em pouco tempo, descobrimos que era possível utilizar dez grupos de cada vez, ou seja, cem cavalos atrelados às cordas principais. Um número maior seria incontável.

Além dos cavalos, tínhamos cerca de duzentos homens puxando as cordas menores. Animais e homens eram revezados a cada hora, de modo que as equipes estavam sempre descansadas. Em todas as curvas perigosas do rio estacionávamos outros grupos na margem e nas ilhas de granito expostas. Armados de longas varas, eles afastavam os cascos das rochas.

Nossos homens haviam nascido às margens do rio e compreendiam seus barcos e as alterações do Nilo melhor que às próprias mulheres. Tanus e eu criamos um sistema de sinalização com toques de corneta entre os barcos e as equipes em terra que funcionou melhor do que eu havia imaginado.

A bordo das embarcações, os marinheiros também estavam guarnecidos de varas para se impelir adiante e manobrar as proas. Cantavam velhas canções do rio enquanto trabalhavam, e o *Sopro de Hórus* foi o primeiro a atravessar. A música e os gritos dos condutores de cavalos misturavam-se ao trovejar abafado das águas enquanto puxávamos, e o navio embicou a proa pela primeira corredeira.

A água verde ergueu-se contra o casco, mas seu ímpeto era menor que nossa determinação e a força de dois mil homens e cem possantes cavalos. Puxamos o *Sopro de Hórus* pelo primeiro obstáculo e ovacionamos quando enfim ele deslizou para o primeiro poço verde e tranqüilo.

Mas ainda havia seis mil milhas pela frente. Trocamos os homens e cavalos e puxamos o casco até a próxima corredeira rodopiante, onde as rochas emergiam como cabeças de hipopótamos gigantescos, prontos a rasgar com suas presas de granito o frágil madeirame. Eram seis milhas dessas armadilhas infernais, e a morte e o desastre espreitavam por trás de cada rochedo. Mas as cordas resistiram, e os homens e animais deram o máximo de si.

Minha ama caminhava pela margem junto das equipes de homens suados. Parecia fresca e viva como uma flor, mesmo ao sol escaldante, e seu riso alegre renovava os ânimos de todos. Ela acompanhava as cantigas de trabalho e eu ingressei no coro. Inventava novas palavras, e os homens riam dos versos picantes, puxando as cordas com mais energia.

O príncipe Memnon cavalgava Lâmina, no primeiro grupo de animais. Hui havia amarrado uma corda ao redor do peito do animal para o menino se segurar, pois suas pernas curtas ainda não lhe permitiam firmar-se e apontavam num ângulo curioso para os lados do lombo da égua. O príncipe acenou com orgulho para seu pai no convés da galé.

Quando finalmente alcançamos o fluxo suave e profundo do rio acima das corredeiras, o canto dos barqueiros transformou-se num hino de louvor a Hapi, que nos ajudara na travessia.

Minha ama voltou ao navio e mandou chamar o mestre pedreiro. Ordenou-lhe que fizesse um obelisco com o granito maciço que abundava na garganta do rio. Enquanto atravessávamos o resto da frota, os pedreiros usaram seus cinzéis para talhar uma elegante coluna de pedra rajada. Depois de esculpi-la, gravaram em hieroglifos faraônicos as palavras ditadas pela rainha, com o nome dela e o do príncipe inscritos no selo real.



Ao prosseguirmos a travessia da catarata, nos tornávamos mais experientes a cada passo conquistado ao rio. Levamos um dia inteiro para transportar o *Sopro de Hórus* pela corredeira. Na semana seguinte já fazíamos o percurso na metade do tempo, colocando cinco ou seis navios ao mesmo

tempo na garganta. Parecia uma procissão real, uma galé atrás da outra, quilha contra quilha. A qualquer momento havia dez mil homens e quase mil cavalos em ação.

Tínhamos mais de cem barcos ancorados à margem, nas águas calmas e profundas do Nilo acima das corredeiras quando os hicsos voltaram a nos atacar.

O rei Salitis havia-se demorado no saque de Elefantina e não percebera de imediato que nós havíamos continuado rio acima com a maior parte do tesouro faraônico. Tudo o que ele sabia sobre o rio, tudo o que seus espiões e o senhor Intef lhe haviam contado o convenceram de que as cataratas eram uma barreira intransponível, e ele desperdiçou muito tempo em Elefantina antes de nos perseguir novamente.

Os hicsos haviam saqueado a cidade e o palácio real na ilha Salitis pagara a informantes e torturara prisioneiros para tentar descobrir o paradeiro do tesouro e do príncipe. Os cidadãos de Elefantina prestaram bom serviço a seu príncipe, retardando os hicsos para dar à nossa frota uma chance de completar a travessia.

É claro que isso não poderia durar indefinidamente, e afinal alguma pobre alma cedeu à tortura do tirano. O rei Salitis arreou seus cavalos mais uma vez e disparou atrás de nós até as gargantas da catarata.

Mas Tanus estava bem preparado para recebê-lo. Sob seu comando, Kratas, Remrem e Astes haviam tomado medidas cuidadosas. Cada homem que pudesse ser afastado do trabalho com os navios era enviado para defender a retaguarda.

O terreno era nosso maior aliado: a garganta íngreme e rochosa e o caminho pela margem que se contorcia entre pedras caídas. A cada curva do rio erguiam-se altos barrancos e penhascos cortados por cavernas, cada qual uma fortaleza natural a nossa disposição.

Nas bordas da garganta seria impossível manobrar os coches. E eles não poderiam abandonar a margem do rio e contornar os penhascos pelo deserto. Não havia água nem comida para os cavalos na imensidão arenosa, e a marcha era lenta e traiçoeira. Os pesados coches hicsos ficariam atolados no deserto sem trilhas antes que pudessem alcançar novamente o rio. Eles não tinham alternativa, e portanto eram obrigados a nos enfrentar em fila única ao longo da margem.

Por outro lado, Kratas tinha carta-branca para melhorar as defesas naturais, construindo muros de pedra nos locais mais protegidos. Ele dispôs os arqueiros nos rochedos acima desses obstáculos e preparou pedras na beira do precipício para ser despejadas sobre o caminho.

Quando a vanguarda dos hicsos se aproximou da garganta, foi recebida com uma tempestade de flechas, disparadas dos redutos em locais mais altos. E ao desmontar dos coches e avançar pela trilha para desimpedi-la das pedras previamente colocadas, mais rochas foram derrubadas a uma ordem de Kratas.

A avalanche desceu com estrondo sobre os hicsos, empurrando homens, cavalos e coches para as águas espumantes do Nilo. No alto do rochedo, ao lado de Kratas, vi suas cabeças girando pelas cascatas e ouvi os gritos distantes e desesperados ecoar pelos penhascos, antes que o peso das armaduras os fizesse afundar.

O rei Salitis era persistente. Enviou novas legiões para limpar o caminho e outras para galgar os penhascos e desalojar nossas tropas. As baixas do inimigo em homens e cavalos foram pesadas, e nós permanecemos quase ilesos. Enquanto os hicsos se esfalfavam para subir pelas rochas em suas pesadas armaduras de bronze, despejávamos nossas flechas sobre eles. E antes que conseguissem nos alcançar, Kratas ordenou que nossos soldados recuassem para o próximo ponto de defesa planejado.

Só poderia haver um resultado para esse combate desigual. Antes de chegar à metade da escalada, o rei Salitis foi obrigado a desistir da perseguição.

Tanus e minha ama estavam conosco no alto quando os hicsos iniciaram a retirada pela garganta, deixando o caminho forrado de destroços de coches e equipamentos abandonados.

— Soem as trombetas! — comandou Tanus, e o desfiladeiro ecoou com a fanfara zombeteira dirigida às legiões derrotadas. O último coche da triste cavalgada era o carro dourado do próprio rei hicsu. De nosso refúgio elevado, reconhecemos a alta e selvagem figura de Salitis, com seu capacete de bronze e a barba preta flutuando sobre os ombros. Ele ergueu o arco na mão direita e sacudiu-o em nossa direção. Seu rosto estava retorcido de frustração e raiva.

Ficamos a observá-lo até ele sumir de vista. Então Tanus mandou nossos batedores segui-lo até Elefantina, para o caso de ser uma falsa retirada. Meu coração dizia que o rei Salitis não nos perseguiria novamente. Hapi havia cumprido a promessa e mais uma vez nos oferecera proteção.

Então seguimos a trilha das cabras selvagens até o local onde a flotilha estava ancorada.



Os pedreiros haviam terminado o trabalho no obelisco. Era uma ponta de granito sólido com três vezes a altura de um homem. Eu havia desenhado a forma e as proporções na rocha matriz antes que os pedreiros a cortassem. Por isso as linhas do monumento eram tão elegantes e agradáveis que ele parecia muito mais alto quando foi colocado no cume do penhasco sobre o último trecho da catarata, dominando o cenário de nosso triunfo.

Todo o povo se reuniu diante dele, e a rainha Lostris dedicou o monolito à deusa do rio. Ela leu em voz alta a inscrição gravada na pedra polida:

Eu, rainha Lostris, regente do Egito e viúva do faraó Mamose, oitavo desse nome, mãe do príncipe Memnon, que governará os dois reinos depois de mim, ordenei que se erguesse este monumento.

Ele marca o pacto que fiz com o povo egípcio de retornar das terras inóspitas para onde fui expulsa pelos bárbaros.

Esta pedra foi colocada aqui no primeiro ano de meu reinado, o ano 900 depois da construção da grande pirâmide do faraó Quéops.

Que esta pedra permaneça imóvel como a pirâmide até que eu cumpra minha promessa de retornar.

Então, diante de todos, ela colocou a Comenda de Ouro no pescoço de Tanus, Kratas, Remrem e Astes, os heróis que haviam tornado possível a travessia da catarata.

Finalmente ela me chamou e, quando me ajoelhei a seus pés, murmurou de modo que somente eu escutei:

— Como poderia me esquecer de você, meu querido e fiel Taita? Jamais teríamos chegado tão longe sem sua ajuda. — Ela tocou suavemente meu rosto. — Sei como você adora esses belos enfeites. — E colocou em meu pescoço a pesada Comenda do Mérito. Ela pesava ao menos trinta *deben*, cinco a mais que a outra conferida a mim pelo faraó.

Ao voltarmos para a margem da garganta, caminhei ao lado de minha ama segurando o guarda-sol de plumas de avestruz, e ela sorriu para mim várias vezes. Cada sorriso de Lostris era mais precioso

para mim que a corrente em meu pescoço.

Na manhã seguinte embarcamos no *Sopro de Hórus* e voltamos nossas proas mais uma vez para o sul. A longa viagem havia começado.



Descobrimos que o rio mudara de porte e de caráter. Não tinha mais aquela presença ampla e serena que sustentara e amenizara toda a nossa vida. Era um ser mais ríspido e selvagem, cujo espírito demonstrava pouca delicadeza ou compaixão. Mais estreito e profundo, suas duas margens eram íngremes e acidentadas, com gargantas e passagens escavadas na terra áspera. Os penhascos sombrios nos observavam de cenho franzido.

Em certos pontos, o terreno ao longo das margens era tão estreito que o gado e os cavalos tinham de passar em fila única pela trilha calcada por cabras selvagens entre os rochedos e a água. Em outros locais a trilha desaparecia completamente e as pedras e escarpas beiravam a correnteza. Aí não havia como passar os rebanhos. Hui foi obrigado a conduzi-los pelo rio e fazê-los nadar através da grande extensão verde até a margem oposta, onde os rochedos eram mais afastados da água.

Com o passar das semanas, vimos poucos sinais de presença humana. Certa feita nossos batedores encontraram uma canoa primitiva corroída por vermes num banco de areia, e na várzea um grupo de casebres abandonados. Os tetos caídos eram feitos de juncos, e as laterais eram abertas. Havia vestígios de suportes para defumar peixes e cinzas de fogueiras, mas era tudo. Nem sinal de potes ou contas para dar um indício de quem seria esse povo.

Estávamos ansiosos para fazer o primeiro contato com as tribos de Kush, pois precisávamos de escravos. Toda a nossa civilização fundamentava-se na escravatura, e havíamos podido trazer muito poucos do Egito. Tanus enviou os batedores adiante da frota para que nos avisassem das primeiras habitações humanas a tempo de organizarmos os caçadores de escravos. Eu não via ironia no fato de, sendo um escravo, passar tanto tempo planejando a captura de outros escravos.

Toda a riqueza pode ser medida em quatro bens: terra, ouro, escravos e marfim. Acreditávamos que a terra que nos esperava fosse rica em tudo isso. Se quiséssemos nos fortalecer para retornar e expulsar os hicsos do nosso Egito, tínhamos de descobrir essa riqueza nas terras inóspitas para as quais navegávamos.

A rainha Lostris enviou seus garimpeiros para as montanhas que ladeavam o rio. Galgando as gargantas e desfiladeiros secos, eles raspavam e escavavam os locais prováveis, obtendo fragmentos dos veios expostos de quartzo e xisto. Esmagavam e lavavam os detritos num prato raso de cerâmica, sempre esperando ver reluzir no fundo o rastro precioso.

Os caçadores reais os acompanharam, em busca de caça para alimentar nosso povo. Procuravam também o primeiro sinal das grandes feras cinzentas que exibem em suas cabeças monstruosas os preciosos dentes de marfim. Fiz um interrogatório por toda a frota para descobrir alguém que já houvesse visto um elefante, vivo ou morto. Embora suas presas fossem comuns no mundo civilizado, não havia um só homem que pudesse me ajudar em minha investigação. Eu sentia uma estranha e indescritível excitação ao pensar em nosso primeiro contato com esses seres fabulosos.

Havia uma gama de outras criaturas que habitavam essa terra selvagem, algumas delas conhecidas por nós e muitas estranhas e novas.

Próximo aos juncos nas margens do rio encontramos manadas de hipopótamos, semelhantes a pedras de granito ovaladas dos baixios. Depois de longos e eruditos debates, não se concluiu se os animais acima da catarata pertenciam à deusa, como os de baixo, ou se eram caça real pertencente à coroa. Ávidos pela rica gordura e a carne tenra dos animais, os sacerdotes de Hapi tinham uma forte convicção a favor da propriedade divina, assim como todos os demais éramos de opinião contrária.

Foi por total coincidência que nesse ponto a deusa Hapi decidiu aparecer para mim num de meus célebres sonhos. Vi-a erguer-se das águas verdes, sorrindo beatificamente, e colocar nas mãos de minha ama um pequeno hipopótamo, do tamanho de uma perdiz. Assim que despertei, não tardei em relatar à rainha o conteúdo desse sonho estranho e instigante. Agora meus sonhos e adivinhações eram aceitos por minha ama, e portanto pelo resto de nossos acompanhantes, como <sup>a</sup> vontade manifesta e a lei dos deuses.

Naquela noite nos banqueteamos com deliciosos filés de vaca-do-rio grelhados nas brasas, no banco de areia em que os navios estavam ancorados. Minha popularidade, já alta por toda a frota, foi muito reforçada por esse sonho. Somente os sacerdotes de Hapi não participavam desse sentimento caloroso e generalizado por mim.

O rio fervilhava de peixes. Abaixo da catarata, nossa gente já havia pescado por mais de mil anos, mas estas águas eram intocadas pelo homem e suas redes. Retiramos do rio carpas azuis brilhantes mais pesadas que o homem mais gordo dentre nós. Havia também enormes bagres com bigodes longos como meu braço, fortes e pesados demais para serem puxados com redes. Com um tranco das grandes caudas eles cortavam as linhas como se fossem frágeis teias de aranha. Nossos homens os caçaram com lanças nos baixios, como se fossem hipopótamos. Um desses gigantes podia alimentar cinquenta homens com sua rica carne amarela, que gotejava banha nas fogueiras.

Nos penhascos sobre o rio havia ninhos de águias e abutres. Vistos de baixo, pareciam amontoados de madeira seca, e os excrementos das grandes aves manchavam as rochas com reluzentes riscos brancos. Os pássaros flutuavam sobre nós em amplos círculos, girando no ar quente que se elevava das rochas negras da garganta.

Das alturas, rebanhos de cabras selvagens nos olhavam com um ar altivo e desdenhoso. Tanus saiu para caçá-las nos cumes, mas passaram-se semanas até ele conseguir voltar com um troféu. Elas possuíam a visão de abutres e a agilidade dos lagartos de cabeça azul, que corriam sem esforço por uma parede vertical de granito.

Um desses velhos bodes chegava à altura dos ombros de um homem. Sua barba tremulava desde o queixo até a pedra onde pisava. Os chifres enrolados tinham poderosas bases dentadas. Quando Tanus finalmente o derrubou, foi com uma flecha disparada através de uma garganta de cem passos de profundidade, de um pico a outro das escarpas. O bode despencou na brecha e girou no ar antes de atingir as rochas lá embaixo.

Devido a meu interesse apaixonado por todas as coisas vivas, depois que Tanus retirou a pele e partiu a carcaça, trouxe-me a cabeça com os chifres. Precisou de toda a sua força para carregar aquele peso desde tão alto. Eu limpei e branqueei o crânio e coloquei-o como figura de proa em nossa galé, enquanto navegávamos para o desconhecido.



Passaram-se meses, e sob nossas quilhas o rio começava a minguar, com o fim da cheia. Ao passarmos pelos íngremes rochedos, víamos a marca do nível do rio nas inundações anteriores. A noite Memnon e eu nos sentávamos no convés até a hora que sua mãe permitisse e estudávamos as estrelas que iluminavam o firmamento com uma radiação leitosa. Ensinei-lhe os nomes e a natureza de cada um daqueles pontos de luz e como eles afetavam o destino dos homens. Observando os corpos celestes, pude determinar que o rio não mais nos conduzia diretamente para o sul, mas havia desviado para oeste. Essas observações incitaram mais uma discussão acirrada entre os sábios e eruditos do séquito.

— O rio está nos levando diretamente para os campos ocidentais do paraíso — sugeriram os sacerdotes de Osíris e Amon-Rá.

— É uma armadilha de Seth, que deseja nos confundir — argumentaram os sacerdotes de Hapi, que até então haviam exercido uma influência indevida em nossos concílios.

Como a rainha Lostris era filha de sua deusa, aceitava-se de modo geral que Hapi fosse a padroeira de nossa expedição. Os sacerdotes ficaram enraivecidos ao ver sua posição enfraquecida por esse desvio do Nilo.

— Logo ele voltará a correr para o sul — prometiam.

Sempre me revolta ver como os homens inescrupulosos manipulam os desejos dos deuses para coincidir com os seus próprios.

Antes que o assunto fosse solucionado chegamos à segunda catarata.

Nenhum homem civilizado havia se aventurado além daquele ponto. O motivo disto ficou claro quando fizemos a observação da catarata. Estas corredeiras eram mais extensas e impressionantes que as outras que havíamos superado.

Numa vasta área, o fluxo do Nilo era dividido por diversas ilhas grandes e centenas de outras menores. O rio estava baixo agora e expunha seu leito em vários lugares. Um labirinto de canais e ramificações cheios de pedras estendia-se por milhas à nossa frente. Ficamos deslumbrados por aquela grandeza ameaçadora.

— Como saberemos que não há mais uma catarata, e depois outra, protegendo o rio? — perguntavam-se os que perdiam a coragem com facilidade. — Esgotaremos nossas forças para afinal ficarmos presos entre as corredeiras, sem condições de avançar ou recuar. Devemos voltar agora, antes que seja tarde demais — eles concordavam.

— Vamos continuar — decretou minha ama. — Os que quiserem voltar agora são livres para fazê-lo. No entanto, não haverá navios ou cavalos para transportá-los. Voltarão por conta própria, e estou certa de que os hicsos lhes darão uma calorosa recepção.

Ninguém aceitou a oferta magnânima e todos desembarcamos nas férteis ilhas que coalhavam o curso do rio.

Os respingos da corredeira durante a cheia e a água que se infiltrava no solo na vazante haviam transformado essas ilhas em florestas verdejantes, em marcante contraste com os terríveis desertos em ambas as margens. Árvores altas que nenhum de nós conhecia haviam brotado de sementes trazidas dos confins da terra, no húmus que a mãe Nilo depositara na base de granito das ilhas.

Não poderíamos tentar a travessia dessas corredeiras antes da próxima cheia do Nilo, quando haveria profundidade suficiente para nossas galés. E faltavam muitos meses para isso.

Nossos agricultores limparam a terra para plantar as sementes que trouxéramos. Em poucos dias elas germinaram, e ao sol quente as plantas pareciam crescer diante de nossos olhos. Em poucos meses o milho estava pronto para ser colhido e nos refestelamos com os doces frutos e legumes que não víamos desde a saída do Egito. Os rumores do povo cessaram.

Na verdade, aquelas ilhas eram tão atraentes, e o solo tão fértil, que algumas pessoas começaram a falar em estabelecer-se ali definitivamente. Uma delegação de sacerdotes de Amon-Rá pediu à rainha permissão para construir um templo ao deus numa das ilhas. Minha senhora respondeu:

— Somos viajantes aqui. No fim voltaremos ao Egito. Essa foi minha promessa a todo o povo. Não construiremos templos ou habitações permanentes. Até voltarmos ao Egito viveremos como beduínos, em tendas e palhoças.



Agora eu tinha à minha disposição a madeira das árvores que abatêramos, e pude fazer experimentos e explorar suas diversas propriedades.

Havia uma acácia de madeira muito resistente, melhor para os raios das rodas de coches do que qualquer outro material já testado por mim. Coloquei meus carpinteiros e cesteiros para trabalhar na montagem dos coches que havíamos trazido e construir novos com as madeiras e o bambu que cresciam nas ilhas.

As terras planas na margem esquerda abaixo da catarata tinham várias milhas de largura. Logo nossos esquadrões de coches iniciaram treinamentos nessas planícies suaves e extensas. Os raios das rodas ainda se partiam em grande velocidade, mas não com tanta frequência quanto antes. Consegui fazer Tanus subir novamente num coche, mas ele não aceitava nenhum condutor além de mim.

Ao mesmo tempo, pude concluir o primeiro arco curvo eficiente, no qual estivera trabalhando desde que deixáramos Elefantina. Era feito da mesma mistura de materiais que o arco Lanata: madeira, marfim e chifre. Mas sua forma era diferente. Quando não estava retesado, as extremidades superior e inferior ficavam curvadas em direção oposta à do arqueiro. Somente quando este as puxava as pontas eram forçadas para trás, na forma conhecida do arco, mas a tensão da corda era multiplicada muitas vezes pelo comprimento menor do arco.

Sob minha delicada insistência, Tanus finalmente concordou em usar o arco sobre uma série de alvos que coloquei na margem leste. Depois de disparar vinte flechas, ele nada disse, mas percebi que ficara atônito com o alcance e a precisão da arma. Eu conhecia Tanus muito bem. Era conservador e reacionário até a medula dos ossos. Lanata era seu primeiro amor, tanto a mulher como o arco. Eu sabia que seria terrível para ele reconhecer um novo amor, por isso não o importunei para que desse uma opinião e deixei-o formulá-la em seu próprio tempo.

Foi então que nossos batedores chegaram, comunicando que havia uma migração de órix no deserto. Tínhamos visto diversos rebanhos pequenos desses magníficos animais depois de ultrapassar a primeira catarata. Em geral eles pastavam às margens do rio, mas fugiam para o deserto quando nossos navios se aproximavam. Olj e nossos batedores relataram agora era um deslocamento maciço desses animais, o que

ocorria muito ocasionalmente. Eu o havia presenciado apenas uma vez. Com a rara ocorrência de chuvas no deserto, a cada vinte anos ou mais, a relva verde que brotava da terra úmida atraía os rebanhos de órix dispersos em centenas de milhas ao redor.

Deslocando-se em direção às novas pastagens, os rebanhos se amalgamavam num movimento compacto pelo deserto. Isso nos oferecia a ótima oportunidade de variar a dieta e de testar os coches.

Pela primeira vez Tanus demonstrou verdadeiro interesse pelos coches, já que com eles podíamos perseguir a caça. Quando ele tomou lugar na plataforma do meu coche, notei que carregava o novo arco curvo, e não seu fiel Lanata. Sem dizer uma palavra, aticei os cavalos em direção ao desfiladeiro entre os morros, que era a rota natural entre o vale estreito do Nilo e o amplo deserto.

Éramos um esquadrão de cinquenta coches, seguido por uma dezena de carroças pesadas, com rodas sólidas, transportando água e alimento suficiente para cinco dias. Trotamos em coluna de dois veículos, com espaço de três entre as duplas. Esta passara a ser nossa formação padrão de viagem.

Para reduzir o peso, vestíamos apenas tangas, e todos os homens estavam em excelentes condições físicas depois dos longos meses de trabalho como remadores nas galés. Seus torsos musculosos untados reluziam ao sol como os corpos de jovens deuses. Cada coche levava sua flâmula de identificação colorida numa longa vara de bambu. Fazíamos uma bela exibição ao passar pela trilha das cabras nos montes. Olhando para trás, mesmo eu, que nunca fui soldado, senti-me emocionado pelo espetáculo.

No momento eu ainda não reconhecia a verdade, mas os hicsos e nosso êxodo haviam provocado na nação o surgimento de um novo espírito militar. Antes éramos uma raça de estudiosos, mercadores e sacerdotes, mas agora, com a determinação da rainha Lostris de expulsar o tirano, e conduzidos pelo senhor Tanus, rapidamente nos transformávamos num povo guerreiro.

Ao conduzirmos a coluna pelos penhascos e atingirmos o vasto deserto, uma pequena figura surgiu detrás do último monte de pedras, onde estivera emboscada.

— Ô-ha... — freei os cavalos. — O que está fazendo aqui, tão longe dos navios?!

Eu não havia visto o príncipe Memnon desde a tarde anterior, e pensara que ele estivesse em segurança com suas aias. Foi um choque encontrá-lo ali nas fraldas do deserto, e meu tom de voz era de escândalo. Ele ainda não havia completado seis anos, mas já trazia o arco de brinquedo no ombro e uma expressão decidida no rosto, idêntica à de seu pai quando estava com o humor mais intratável.

— Vou caçar com vocês — disse Memnon.

— Não, não vai — retruquei. — Vou mandá-lo de volta para sua mãe agora mesmo. Ela saberá o que fazer com meninos que fogem do acampamento sem dizer a ninguém aonde vai.

— Eu sou o príncipe real do Egito — declarou Memnon, mas apesar da afirmativa irrefutável seus lábios tremeram. — Ninguém pode me proibir. É meu direito e meu dever sagrado conduzir meu povo em tempos de necessidade.

Agora entrávamos em terreno perigoso. O príncipe conhecia seus direitos e responsabilidades, que eu mesmo lhe ensinara. Mas, com toda a franqueza, eu não havia esperado que os exercesse tão cedo. Ele transformara aquilo numa questão de protocolo real, e era difícil, quase impossível, discutir com ele. Busquei desesperadamente uma saída.

— Por que não me pediu antes? — tentei ganhar tempo.

— Porque você teria falado com minha mãe — ele disse com toda a naturalidade —, e ela o teria apoiado, como sempre.

— Ainda posso falar com a rainha — ameacei, mas ele olhou para o vale atrás de nós, onde os navios pareciam brinquedos, e sorriu para mim. Ambos sabíamos que eu não poderia ordenar a volta de todo o esquadrão.

— Por favor, deixe-me ir com vocês, Tata — ele mudou de tom. O diabinho me atacava por todas as frentes. Eu achava impossível resistir-lhe quando ele empregava seu encanto. Então uma inspiração me socorreu:

— O senhor Harrab é o comandante desta expedição. Deve pedir a ele.

O relacionamento entre os dois era estranho. Apenas nós três, — os pais do príncipe e eu, conhecíamos a verdadeira paternidade de Memnon. O próprio menino via Tanus como seu tutor e comandante de seus exércitos. Embora ele amasse Tanus, tinha por ele um respeito temeroso. Tanus não era o tipo de homem que um menino, mesmo um príncipe, desafiaria.

Os dois se entreolharam. Vi que Memnon imaginava o melhor plano de ataque, enquanto Tanus tremia sob o esforço para conter uma gargalhada.

— Senhor Harrab... — Memnon decidira-se pela abordagem formal. — Desejo ir com vocês. Acho que será uma aula muito proveitosa para mim. Afinal, um dia terei de comandar o exército. — Eu lhe havia ensinado lógica e dialética, e ele era um aluno que causava orgulho.

— Príncipe Memnon, está me dando uma ordem? — Ianus conseguiu encobrir sua surpresa com um esgar horrível. Vi lágrimas brotarem nos olhos do príncipe, que balançou a cabeça com tristeza.

— Não, meu senhor. — Era novamente um menino. — Mas gostaria muito de caçar com vocês. Por favor!

— A rainha vai mandar me estrangular — disse Tanus —, mas pule aqui na minha frente, pequeno rufião.

O príncipe adorava que Tanus o chamasse de rufião. Era um termo que o comandante reservava aos homens do regimento dos Azuis, e fazia Memnon sentir-se um deles. O príncipe soltou um grito de felicidade e quase tropeçou, na pressa de obedecer. Tanus inclinou-se e segurou o braço dele, colocando-o em segurança entre nós no coche.

— Eia! — Memnon gritou para Paciência e Lâmina, e partimos para o deserto, não sem antes enviar um mensageiro de volta para avisar a rainha de que o príncipe estava conosco. Nem uma leoa seria tão feroz quanto minha ama no cuidado com seu filhote.

Quando chegamos à rota de migração dos órix, encontramos uma ampla extensão de areia batida com centenas de metros de largura. Os cascos dos órix são largos e chatos para percorrer as areias macias do deserto e deixam pegadas peculiares, no formato de uma ponta de lança hicsa. Milhares daqueles antílopes enormes haviam passado por ali.

— Quando? — Tanus quis saber, e apeei do coche para examinar a trilha. Levei Memnon comigo, pois nunca perdia uma oportunidade de instruí-lo. Mostrei-lhe como a brisa noturna havia erodido as marcas, e que pequenos insetos e lagartos haviam deixado suas próprias pegadas sobre as do rebanho.

— Eles passaram por aqui ontem à tarde, ao pôr-do-sol — dei minha opinião, que foi endossada pelo príncipe. — Mas estão viajando devagar. Com sorte poderemos alcançá-los antes do meio-dia.

Esperamos que as carroças nos alcançassem, demos água aos cavalos e continuamos, seguindo a larga estrada através das dunas.

Logo encontramos as carcaças dos animais mais fracos, que haviam sucumbido. Eram os muito jovens e os mais velhos, e agora corvos e abutres disputavam os despojos aos guinchos, enquanto pequenos chacais avermelhados aguardavam na periferia por um bocado.

Acompanhamos a trilha dos órix até enxergarmos a tênue poeira no horizonte ao sul, então aceleramos a marcha. Quando chegamos ao topo de uma cadeia de montes escarpados, cujos cumes dançavam na miragem, vimos os rebanhos dispersos diante de nós. Havíamos chegado à região onde a chuva começara semanas antes. Até onde a vista alcançava, o deserto havia-se transformado num jardim florido.

As últimas chuvas talvez tivessem caído ali cem anos antes. Parecia impossível, mas as sementes daquela safra haviam ficado dormentes todo esse tempo. Haviam sido calcinadas pelo sol e o vento do deserto, enquanto esperavam a volta das chuvas. Para alguém que duvidasse da existência dos deuses, esse milagre era uma prova. Para qualquer homem que duvidasse de que a vida é eterna, isto constituía a promessa de imortalidade. Se as flores podiam sobreviver dessa forma, certamente a alma humana, que é infinitamente mais maravilhosa e útil, também deveria viver para sempre.

A paisagem à nossa frente estava pintada em suaves tons de verde, e os contornos dos montes destacavam-se em verde mais escuro. Isto formava o pano de fundo para um esplêndido arco-íris de cores que iluminava a terra. Flores cresciam nos barrancos e córregos secos, cada variedade parecendo buscar a companhia de seus semelhantes, assim como fazem os rebanhos de antílopes e os bandos de aves. As margaridas cor-de-laranja cresciam juntas em poços e lagoas, as de pétalas brancas preferiam as encostas. Havia campos de gladiolos azuis, lírios escarlate e urzes amarelas.

Mesmo os arbustos eriçados das gargantas, que pareciam secos como múmias de mil anos, agora estavam revestidos de verde, com guirlandas de flores amarelas coroando suas velhas cabeças desabrochadas. Tudo era muito belo, mas, eu sabia, também efêmero. Dali a um mês o deserto voltaria a triunfar. As flores secariam nos caules, a grama se transformaria em pó e voaria ao sopro de fofalha dos ventos. Nada restaria daquele esplendor, exceto as sementes, minúsculas como grãos de areia, esperando anos a fio com paciência monumental.

— Essa beleza deveria ser partilhada com quem amamos — disse Tanus, maravilhado. — Ah, se a rainha estivesse aqui comigo!

A emoção de Tanus com tudo aquilo demonstrava a glória do espetáculo. Ele era um soldado e caçador, mas naquele momento não pensava em sua presa, e sim admirava o espetáculo com uma reverência religiosa.

Foi o grito de Kratas, num dos coches atrás, que nos despertou daquele belo sonho.

— Pelo hálito podre de Seth! Deve haver dez mil deles lá embaixo!

Os órix espalhavam-se até a silhueta verdejante dos montes ao longe. Alguns dos velhos machos ficavam apartados, mantendo os outros a distância, mas os demais andavam em rebanhos de dez a cem animais, e havia outros grupos incontáveis. Eram apenas grandes manchas castanhas, semelhantes a nuvens sobre a planície. Pareceu-me que todos os órix da África estavam reunidos ali.

Demos de beber aos cavalos antes de começar a caçada. Isto me deu a oportunidade de adiantar-me e admirar aquela grande reunião de coisas vivas. É claro que levei Memnon comigo, mas quando tentei conduzi-lo pela mão ele puxou os dedos.

— Não segure minha mão na frente dos homens Tata! — ele me censurou solenemente. — Não pensar que ainda sou um bebê.

Quando paramos numa elevação, os animais mais próximos ergueram as cabeças e nos olharam com leve curiosidade. Ocorreu-me que provavelmente nunca haviam visto um ser humano e não detectavam perigo em nossa presença.

O órix é uma criatura magnífica, da altura de um cavalo, com a mesma cauda farta, escura e flutuante, que chega ao chão. Tem a cara pintada em intrincadas espirais e traços pretos sobre uma máscara pálida cor de areia. Uma crina hirsuta e escura percorre seu pescoço, acentuando a semelhança com o cavalo, mas os chifres não se parecem aos de nenhum outro animal criado pelos deuses. São finos, retos e inclinados como a adaga em meu cinto. Quase tão longos quanto o animal que os porta, são armas formidáveis. Enquanto os outros antílopes são dóceis e inofensivos, preferindo a fuga à agressão, o órix enfrenta o ataque de leões.

Falei a Memnon sobre sua coragem e resistência, e expliquei que eram capazes de passar a vida inteira sem beber água de lagos ou rios.

— Eles extraem água do orvalho, das raízes e dos tubérculos do deserto, que desenterram com os cascos.

O menino escutava com avidez, pois havia herdado de seu pai o amor pela caça, e ensinei-lhe a respeitar todos os animais selvagens.

— O verdadeiro caçador compreende e respeita os pássaros e os animais que caça — eu disse, e ele assentiu seriamente.

— Quero ser um verdadeiro caçador e um soldado, como o senhor Tanus.

— Um homem não nasce com esses dons. Deve aprendê-los, do mesmo modo que você deve aprender a ser um rei bom e justo.

Senti uma pontada de remorso quando Tanus me chamou, dizendo que os cavalos estavam prontos, e vi os condutores montando. Teria preferido passar o resto do dia com meu príncipe, observando o espetáculo régio nas planícies à nossa frente. Voltei com relutância para assumir as rédeas e conduzir nosso coche à frente da coluna.

Nas plataformas dos outros carros, os arqueiros tinham suas armas preparadas, e a febre da caçada tomou conta de todos. Eram como cães presos por coleiras, sentindo o odor da caça.

— Senhor Tanus! — Kratas gritou. — Que tal uma aposta sobre o resultado?

Antes que Tanus respondesse, murmurei:

— Faça uma por mim. O velho gabola nunca caçou num coche em disparada.

— Somente mortes certas — Tanus ressaltou. — Qualquer animal com flechas de outro homem não contará.

Cada arqueiro marcava a haste de suas setas com um desenho diferente, para poder recuperá-las mais tarde. A marca de Tanus era o *Wadjet*, o Olho de Hórus vermelho.

— Um *deben* de ouro para cada órix com uma flecha sua.

— Que tal dois? — sugeri. — Um para mim...

Não sou jogador, mas aquilo não era um jogo. Tanus tinha seu novo arco curvo e eu era o melhor cocheiro de todo o exército.

Ainda éramos principiantes, mas eu havia observado a maneira como os hicsos usavam os coches. Cada evolução realizada por seus esquadrões naquele dia terrível na planície de Abnub ficara gravada em minha memória. Para mim aquilo não era apenas uma caçada pela carne e o esporte, mas prática e treinamento para o grande jogo da guerra. Tínhamos de aprender a conduzir nossas formações da melhor maneira possível e controlá-las em velocidade, na confusão da batalha, quando as circunstâncias mudavam a cada instante com a movimentação do inimigo.

Enquanto trotávamos rumo à planície, dei o primeiro sinal e a coluna dividiu-se em três filas. Lentamente nos abrimos em forma de pétalas de lírio. Os flaqueadores se desenrolaram como os chifres de um touro para cercar a caça, enquanto minha coluna, ao centro, deslocava-se em linha reta, com três coches de distância entre cada um. Éramos o peito do touro. Os chifres abraçariam o inimigo enquanto nós avançássemos, esmagando-o com fúria.

A frente, os rebanhos esparsos de gazelas ergueram as cabeças e nos olharam com o primeiro frêmito de alarme. Começaram a afastar-se, reunindo os demais ao passar, os pequenos rebanhos aumentando como uma pedra que, ao despencar da montanha, provoca a avalanche. Logo a planície toda se animou com o movimento dos órix. Eles se deslocavam com seu balanço característico, e a poeira erguia-se numa névoa pálida, pairando sobre as garupas. As longas caudas escuras agitavam-se de um lado para outro.

Reduzi o esquadrão a um passo lento. Não queria cansar os cavalos cedo demais com uma perseguição longa e árdua. Observei as colunas mais densas e altas, provocadas pelas colunas que flanqueavam com agilidade pelos dois lados da manada.

Finalmente elas se juntaram a distância e fecharam o anel. Os rebanhos de órix diminuíram a velocidade ao ver sua rota bloqueada e começaram a se confundir, pois os líderes faziam meia-volta e corriam em sentido contrário aos que vinham atrás.

Obedecendo minhas ordens, depois de fechar o cerco, as colunas dos flancos também adotaram um passo lento e voltaram-se para o centro. Tínhamos a enorme manada em nossas mãos, e lentamente cerramos o círculo. Surpreendida, a maioria dos animais estancou, sem saber em que direção fugir. Para qualquer lado que olhassem, viam as fileiras de coches se aproximando.

Chegamos mais perto, a passo constante, e nossos cavalos continuavam descansados e dispostos a correr. Haviam captado nossa excitação e agitavam as cabeças, bufando e revirando os olhos. A manada de órix começou a deslocar-se novamente, mas sem uma direção precisa, colidindo uns com os outros. Faziam corridas curtas numa direção, depois paravam abruptamente, davam meia-volta e corriam no sentido oposto.

Fiquei satisfeito com o controle e a disciplina de nossos esquadrões. Mantinham rigidamente a formação, sem se amontoar ou abrir brechas nas fileiras. Os sinais que eu lhes dava eram repetidos ao longo da fileira e obedecidos instantaneamente. Estávamos finalmente nos transformando num exército. Logo seríamos capazes de enfrentar qualquer inimigo de modo favorável, mesmo os veteranos hicsos que haviam passado a vida na plataforma de carros de guerra.

Estendi o braço para trás e puxei o príncipe Memnon para a frente, colocando-o contra o painel. Ali o protegeria com meu próprio corpo, e ele agarrou-se à frente da carroceria. Tanus tinha agora ambas as mãos livres para usar o arco, e o príncipe estava em segurança.

— Deixe-me segurar as rédeas, Tata. Quero conduzir — pediu Memnon. Eu já o havia deixado conduzir, e ele estava falando seriamente, apesar de mal enxergar por cima do painel. Não ousei rir, pois

ele se levava muito a sério.

— Na próxima vez, Mem. Agora apenas olhe e aprenda. Estávamos a menos de trezentos passos do órix mais próximo, e a pressão era quase intolerável para os animais. Liderados por uma velha fêmea marcada de cicatrizes, uma centena deles avançou em massa para nossa fileira. A um sinal meu, cerramos formação até ficar roda contra roda, uma parede sólida de cavalos e homens, e os trombeteiros deram o toque de atacar. Instiguei minha parelha e corremos a pleno galope ao encontro dos animais.

Tanus disparava por cima do meu ombro direito, e eu via cada flecha voar sobre o espaço cada vez menor. Esta era a primeira vez que ele atirava de um veículo em movimento, e as três primeiras setas erraram de longe o alvo, enquanto o coche voava na direção dos órix. Mas ele era um mestre arqueiro e rapidamente ajustou a mira. As flechas seguintes acertaram o peito da velha fêmea que liderava o ataque. Devem ter atingido seu coração, pois ela tombou de focinho na areia e deu uma cambalhota. Os animais que a seguiam desviaram-se para os lados, oferecendo a Tanus alvos mais amplos. Foi fascinante observar as duas próximas flechas elevar-se e despencar sobre os animais em fuga.

A tendência é sempre disparar em linha reta contra um alvo móvel, e não no espaço vazio à frente dele, no lugar em que estará quando a seta o alcançar. Esse cálculo de alvo antecipado torna-se ainda mais complexo devido ao movimento do carro em relação ao alvo. Eu tentava facilitar para Tanus conduzindo o coche no mesmo sentido dos animais. Mesmo assim, não me surpreendeu quando mais duas flechas erraram o alvo.

Então, como um verdadeiro mestre, ele corrigiu a pontaria e a próxima seta mergulhou até as penas no peito do próximo órix. Matou mais três animais com três flechas, enquanto a nosso redor a caçada se desintegrava numa selvagem confusão e a poeira obscurecia tudo, menos os coches e animais mais próximos.

Eu perseguia de perto um par de órix, alcançando-os lentamente, quando os cascos de um deles atirou uma lasca afiada do tamanho da ponta do meu polegar. Antes que Memnon pudesse se abaixar, o fragmento atingiu sua testa, e quando ele se virou vi o sangue escorrer de um corte raso sobre seu olho.

— Mem, está ferido! — gritei, e comecei a frear os cavalos.

— Não é nada — ele disse, e usou uma ponta do manto para conter o sangue. — Não pare, Tata! Vá atrás deles. Se não, Kratas nos vencerá.

Então continuei a corrida pela poeira, e a meu lado o arco de Tanus entoava sua terrível canção, enquanto o príncipe soltava gritos excitados, como os de um filhote de cachorro em sua primeira caçada ao coelho.

Alguns órix se desvencilharam de nossas fileiras e escaparam para o deserto, enquanto outros se dirigiam para a armadilha. Os homens gritavam de excitação e triunfo, os cavalos relinchavam e os órix bufavam e berravam quando as flechas se cravavam neles, derrubando-os num emaranhado de patas e chifres. Imersos numa névoa de poeira amarelada, ouvíamos a toda a volta o trovejar dos cascos e das rodas.

Há um limite de tempo que os cavalos suportam galopar, mesmo as melhores parelhas. Quando finalmente freei Paciência e Lâmina, a poeira havia-se transformado em lama com o suor que banhava seus flancos, e elas baixaram as cabeças, exaustas.

Lentamente, as nuvens de pó que haviam obscurecido o campo se dispersaram. A planície era uma visão terrível.

Nosso esquadrão estava completamente disperso. Contei cinco coches com rodas partidas na caçada, e os veículos emborcados pareciam os brinquedos quebrados de um gigante. Os homens feridos estavam deitados na terra ao lado dos carros, e seus companheiros, ajoelhados sobre eles, tratavam dos ferimentos.

Mesmo os coches que haviam saído ilesos estavam imóveis, com os cavalos depauperados. Esforçando-se para respirar, seus flancos arfavam e espuma branca pingava de seus focinhos. Todos estavam banhados de suor, como se tivessem atravessado um rio. A caça encontrava-se espalhada pelo campo em igual desordem. Muitos dos grandes animais estavam mortos, com as carcaças estendidas sobre o lado. Havia outros feridos e aleijados, alguns de pé com as cabeças baixas. Outros ainda mancavam pelas dunas em passo lento e hesitante. Cada flecha deixava uma mancha escura de sangue nos couros acinzentados.

Esse era o triste final de toda caçada, quando o calor e a excitação diminuía e era preciso aproximar-se dos animais feridos para pôr fim a seu sofrimento.

Perto de nós vi um velho macho sentado sobre as ancas paralisadas e com as pernas dianteiras eretas diante do corpo. A flecha que o aleijara projetava-se de seu dorso e percebi imediatamente que lhe havia partido a espinha. Peguei o segundo arco do suporte no coche e saltei para o chão. Ao me aproximar do animal ferido, ele virou a cabeça e me observou. Então, num último esforço corajoso, veio em minha direção, arrastando as pernas traseiras. Agitou os longos chifres pretos, mas seus olhos choravam na agonia mortal. Fui obrigado a disparar duas flechas no centro de seu peito, até que ele soltou um último gemido, tombou de lado com um coice convulso e ficou imóvel.

Quando voltei para o coche, olhei para o rosto do príncipe. Ele tinha os olhos úmidos, e no rosto sujo de sangue uma expressão contraída de pena pelo animal. Ele desviou o rosto para esconder as lágrimas, mas senti orgulho delas. Quem não tem compaixão pela caça que persegue não é um verdadeiro caçador.

Tomei nas mãos a pequena cabeça encacheada e virei seu rosto para mim. Delicadamente, limpei a ferida em sua testa e enfaxeiei-a com um pedaço de linho.

Naquela noite acampamos na planície florida, cujo aroma adocicado perfumava a escuridão, encobrendo o cheiro de sangue recém-derramado.

Não havia lua, mas as estrelas ocupavam todo o céu, banhando os montes em sua luminosidade prateada. Ficamos até tarde junto às fogueiras e nos banquetamos com fígados e corações de órix assados nas brasas. No princípio, Memnon sentou-se entre Tanus e mim ao lado do fogo, mas os oficiais e soldados tentavam atrair sua atenção. Ele havia conquistado a todos, e quando o convidavam ia com naturalidade de um grupo a outro. Todos se esmeravam na linguagem para que o príncipe os compreendesse, e o menino sentiu-se à vontade em sua companhia.

Fizeram um tumulto por causa da bandagem em sua cabeça.

— Agora é um verdadeiro soldado, como todos nós — diziam-lhe, mostrando suas próprias cicatrizes.

— Você fez bem em deixá-lo nos acompanhar — eu disse a Tanus, enquanto olhávamos para o menino com orgulho. — É o melhor treinamento que um jovem cadete pode ter.

— Os homens já o amam — concordou Tanus. — Há duas coisas necessárias a um general. Uma é sorte outra é a devoção de suas tropas.

— Devemos permitir que Memnon acompanhe todas as expedições, desde que não sejam perigosas demais — opinei, e Tanus riu.

— Você é quem terá de convencer a mãe dele. Certas coisas estão além de meu poder de persuasão.

Do outro lado da fogueira, Kratas ensinava a Memnon a versão atenuada das canções do regimento. O príncipe tinha uma voz clara e suave, e os homens, batendo palmas, faziam coro. Todos protestaram rudemente quando tentei mandar Memnon para a cama que eu havia preparado debaixo do coche, e até Tanus lhes deu apoio.

— Deixe o menino ficar conosco mais um pouco — ordenou. Passava muito da meia-noite quando finalmente consegui envolver o príncipe em minha pele de carneiro.

— Tata, um dia eu saberei atirar como o senhor Tanus? — ele perguntou, sonolento.

— Você será um dos grandes generais do Egito, e eu gravarei o relato de suas vitórias em obeliscos de pedra, para que todo o mundo saiba delas.

Ele pensou por um instante e então suspirou.

— Quando você fará para mim um arco de verdade, e não de brinquedo?

— Assim que você conseguir vergá-lo — prometi.

— Obrigado, Tata. Vou gostar disso.

E dormiu tão depressa quanto eu teria soprado a chama de uma lamparina.



Voltamos triunfantes para a frota, com as carroças repletas de carne de órix salgada e seca ao sol. Eu esperava que minha ama me censurasse severamente por ter raptado o príncipe. Havia preparado minha defesa e estava decidido a colocar toda a culpa nos ombros mais largos do senhor Harrab. No entanto, a repreensão foi mais branda do que eu previra. A rainha Lostris disse a Memnon que ele era um mau menino, por lhe ter causado preocupação, mas então abraçou-o até ele quase sufocar. Quando se voltou para mim, iniciei uma longa explicação sobre o papel de Tanus no caso e sobre o valioso treinamento e a experiência que o príncipe recebera, mas ela parecia ter esquecido todo o assunto.

— Quando você e eu pescamos juntos pela última vez? — perguntou.

— Vá buscar seu material de pesca, Taita. Vamos sair pelo rio num dos botes, só eu e você, como nos velhos tempos.

Eu sabia que pouco pescaríamos. Ela queria na verdade estar a sós comigo na água, onde ninguém pudesse nos escutar. O que a estava perturbando devia ser algo muito importante.

Remei corrente abaixo pelas águas rasas e verdes até a curva do rio, onde o penhasco nos ocultava da frota. Todas as minhas tentativas de puxar conversa haviam fracassado, então pus de lado o remo e peguei o alaúde. Toquei e cantei as canções que Lostris mais amava e esperei que falasse.

Afinal ela olhou para mim e seus olhos estavam cheios de uma estranha combinação de alegria e preocupação.

— Taita, acho que vou ter mais um bebê.

Não vejo razão para que essa declaração me surpreendesse. Afinal, desde que havíamos deixado Elefantina ela e o comandante de seu exército haviam-se trancado todas as noites em conclave secreto, enquanto eu mantinha guarda à porta da cabine. Não obstante, fiquei tão alarmado que minha mão se paralisou nas cordas do instrumento e a canção morreu em minha garganta. Passaram-se alguns instantes até eu recuperar a voz.

— Minha senhora, tem usado a infusão de ervas que preparei? — perguntei incrédulo.

— Às vezes, sim noutras, me esqueci... — Ela sorriu timidamente.

— O senhor Tanus pode ser muito impaciente. Além disso, é tão pouco romântico mexer com potes e jarros quando há coisas melhores e mais urgentes a fazer.

— Coisas como fazer bebês sem um pai real para assumi-los.

— É muito grave, não é, Taita?

Toquei um acorde no alaúde enquanto pensava numa resposta.

— Grave? Acho que é a palavra errada. Se você der à luz um bastardo ou se casar será obrigada a abdicar da regência. Esse é o costume e a lei. O senhor Merkeset seria o próximo regente na linha sucessória, mas haveria disputas veladas pelo título entre toda a nobreza. Sem sua proteção como regente, o príncipe correria grande perigo. Seríamos destroçados por conflitos internos... — Calei-me e tremi diante da idéia.

— Tanus poderia ser o regente em meu lugar, e assim eu poderia me casar com ele — ela sugeriu com alegria.

— Não pense que não avaliei isso antes — eu lhe disse sombriamente.

— Seria a solução para todos os nossos problemas. Mas a questão é Tanus.

— Se eu pedir ele o fará, tenho certeza! — Ela sorriu aliviada. — Serei a esposa dele. Não precisaremos mais de subterfúgios para nos encontrar.

— Gostaria que fosse tão fácil. Mas Tanus jamais concordará. Ele não consegue...

— Que bobagem é essa? — As primeiras fagulhas de raiva acenderam-se nos olhos de Lostris, e eu me apressei:

— Naquela noite em Tebas, quando o faraó mandou prender Tanus sob a acusação de traição, tentamos forçar Tanus a tomar a coroa. Kratas e todos os seus homens juraram apoiá-lo, assim como todo o exército. Queriam marchar para o palácio e colocar Tanus no trono.

— E ele não aceitou? Daria um ótimo rei e teria poupado grandes preocupações a todos nós.

— Tanus recusou a oferta, declarando que não era um traidor e que jamais subiria ao trono egípcio.

— Mas isso faz muito tempo, as coisas mudaram! — ela gritou em desespero.

— Não, nada mudou. Tanus fez um juramento naquele dia e invocou o deus Hórus como testemunha. Ele jurou que nunca aceitaria a coroa.

— Mas isso não vale mais. Ele pode romper a promessa.

— Você descumpriria uma promessa feita diante do deus Hórus? — perguntei. Ela desviou os olhos e baixou a cabeça. — Faria isso? — insisti, e Lostris balançou a cabeça com relutância.

— Não — murmurou. — Não poderia.

— O mesmo código de honra impede Tanus. Você não pode lhe exigir o que você mesma não ousaria fazer — expliquei delicadamente.

- É claro que podemos lhe apresentar o caso, mas você e eu sabemos qual será a resposta.

— Deve haver algo que possamos fazer...

Ela me olhou com aquela confiança cega que me deixava furioso. Sempre que se metia em perigo, simplesmente virava-se para mim e dizia: "Deve haver algo que você possa fazer".

— Há uma coisa, mas você não concordará com isso, assim como Tanus não concordará em usar a coroa.

— Se você me tem alguma estima, nem ousará sugerir! — Ela havia compreendido imediatamente, e afastou-se de mim como se eu a houvesse golpeado. — Eu preferiria morrer a matar este milagre do amor que Tanus colocou em meu ventre. A criança é ele, eu e o nosso amor. Eu jamais poderia assassinar tudo isso.

— Então, majestade, não há mais nada que eu possa sugerir.

Ela sorriu para mim com uma intimidade tão sublime que me tirou o fôlego.

— Sei que encontrará alguma coisa, meu querido Taita. Você sempre encontra.

Então tive um sonho.



Relatei meu sonho diante de uma assembléia do conselho de Estado, convocada pela regente. A rainha Lostris e o príncipe Memnon estavam sentados no trono elevado no convés de popa do *Sopro de Hórus*, atracado à margem oeste do Nilo. Os membros do conselho agrupavam-se na praia, diante dela. O senhor Merkeset e a nobreza representavam o braço secular do Estado. Os sumo-sacerdotes de Amon-Rá, Osíris e Hapi constituíam o braço religioso. O senhor Harrab e cinquenta oficiais eram o braço militar.

Eu estava no convés, próximo ao trono, e observava a seleta reunião. Havia tido cuidado maior que o habitual com minha aparência, e usava uma pintura facial sutil e atraente. Meu cabelo fora penteado com óleos perfumados e enrolado segundo a moda lançada por mim. Eu usava no pescoço as duas comendas de ouro e tinha o peito e os braços torneados e fortalecidos pela condução de coches. Devia ser para eles uma figura de extraordinária beleza, pois muitos me espiavam e vi o desejo nos olhos dos que tinham inclinações nesse sentido.

— Majestades — saudei em voz baixa o par sobre o trono, e o príncipe Memnon sorriu para mim. Sua cabeça ainda estava enfaixada, embora não fosse mais necessário. Ele tinha tanto orgulho de seu ferimento de guerra que eu o deixara mantê-lo. Franzi o cenho para ele, que ajustou sua expressão para ficar mais de acordo com a ocasião. — Majestades, na noite passada tive um estranho e maravilhoso sonho, que considero meu dever relatar-vos. Peço-vos autorização para falar.

A rainha Lostris respondeu graciosamente:

— Todos aqui reunidos conhecem o dom sagrado que você possui. O príncipe e eu sabemos que pode enxergar o futuro e adivinhar a vontade dos deuses através de sonhos e visões. Ordeno-lhe que fale agora sobre esses mistérios.

Inclinei-me novamente e virei-me para encarar o conselho.

— Na noite passada dormi junto à porta da cabine real, como é meu dever. A rainha Lostris estava deitada só em seu leito e o príncipe dormia na alcova contígua.

Até mesmo o senhor Merkeset inclinou-se para a frente e colocou a mão em concha atrás do ouvido bom, pois o outro era totalmente surdo. Todos apreciavam uma boa história e uma saborosa profecia.

— Na terceira ronda noturna acordei e vi uma estranha luz pairando sobre o navio. Senti um vento frio soprar em meu rosto, embora todas as portas estivessem fechadas.

Minha platéia agitou-se com interesse. Eu havia acertado o tom sobrenatural.

— Então escutei passos ecoando pelo casco, passadas lentas e majestosas como jamais foram feitas por um mortal. — Fiz uma pausa dramática. — Aqueles sons estranhos e fantasmagóricos vinham dos porões da galé. — Fiz mais uma pausa para que absorvessem o clima. — Sim, meus senhores, do porão, onde o esquite dourado do faraó Mamose, o oitavo desse nome, aguarda para ser enterrado.

Alguns da platéia tremeram de pavor, enquanto outros fizeram o sinal para afastar o mal.

— Os passos aproximaram-se da porta da rainha, onde eu me encontrava. O brilho de luz celestial aumentou e, enquanto eu tremia, apareceu diante de mim uma figura. Tinha a forma de um homem, mas não era humana, pois brilhava como a lua cheia e seu rosto era uma reencarnação divina do rei, assim como o conheci, e no entanto modificado e cheio da maravilhosa divindade que o habita.

Eles estavam emocionados, em silêncio. Ninguém se movia. Procurei em seus rostos algum sinal de incredulidade, mas nada encontrei.

Então, subitamente, uma voz de criança rompeu o silêncio. O príncipe gritou com clareza:

— *Bak-Her!* Era meu pai! *Bak-Her!* Era o faraó! Todos repetiram o grito:

— *Bak-Her!* Era o faraó. Que ele viva para sempre!

Esperei que se calassem, e então deixei o silêncio prolongar-se até que eles estivessem tomados pelo suspense.

— O faraó veio em minha direção, e eu não podia me mover. Passou por mim e entrou na cabine de vossa graciosa majestade, a rainha Lostris. Embora eu não pudesse me mover ou murmurar um som, vi tudo o que aconteceu a seguir. Enquanto a rainha continuava dormindo, ele deitou-se em cima dela com todo o seu esplendor e satisfez seu prazer marital. Seus corpos se uniram como homem e mulher.

Ainda não havia sinal de descrença no rosto de ninguém. Esperei que minhas palavras atingissem seu efeito total e então continuei:

— O faraó ergueu-se de cima da rainha adormecida, olhou para mim e assim falou.. — Tenho a capacidade de imitar fielmente a voz de outros homens, de modo que quem escuta pensa estar ouvindo a própria pessoa. Então falei com a voz do faraó Mamose: — "Conferi à rainha minha divindade. Ela tornou-se uma comigo e com os deuses. Impregnei-a com minha semente divina. Ela, que não conheceu nenhum homem além de mim, terá um filho de meu sangue real. Isto será um sinal para todos de que ela tem minha proteção e de que eu continuo velando por ela."

Inclinei-me mais uma vez diante da dupla real no trono.

— Então o rei tornou a atravessar o navio e entrou no caixão dourado, onde agora repousa. Essa foi minha visão.

— Que o faraó viva para sempre! — gritou o senhor Tanus, como havíamos combinado, e todos o acompanharam.

— Salve a rainha Lostris! Que viva para sempre! Salve o divino filho que ela carrega! Que todos os seus filhos vivam para sempre!

Naquela noite, quando me preparava para dormir, minha ama chamou-me e murmurou:

— Sua visão foi tão vivida e você a narrou tão bem que não conseguirei dormir a menos que o faraó venha novamente. Guarde bem a porta.

— Ouso dizer que pode haver alguém tão ousado a ponto de importunar seu sono, mas duvido que seja o faraó Mamose. Se algum rufião quiser se aproveitar de sua natureza dócil e amorosa, que devo fazer?

— Durma profundamente, querido Taita, e tape os ouvidos. — O rosto de Lostris enrubesceu à luz da lamparina.

Mais uma vez minha premonição do futuro revelou-se acurada. Naquela noite, um visitante secreto visitou a cabine de minha ama, e não era o fantasma do faraó. Fiz o que a rainha ordenou: tapei os ouvidos.



O Nilo encheu-se mais uma vez, lembrando-nos de que outro ano se passara. Já havíamos colhido o milho que plantamos nas ilhas. Reunimos os rebanhos, desmontamos os coches e os carregamos nos deques abertos das galés, enrolamos as tendas e as guardamos nos porões. Finalmente, quando tudo estava pronto para a partida, estendemos as cordas até as margens e pusemos todos os homens válidos e os cavalos a puxar.

Levamos quase um mês de trabalho extenuante para atravessar aquela temível catarata. Perdemos dezesseis homens afogados, e cinco galés toram despedaçadas pelas garras de rocha negra. Mas finalmente conseguimos passar e singramos o rio tranqüilo acima das corredeiras. Enquanto as semanas se transformavam em meses, o Nilo descreveu uma curva ampla e majestosa sob nosso casco. Desde que deixáramos Elefantina, eu vinha mapeando o curso do rio. Usava o sol e as estrelas para obter a direção, mas havia encontrado grande dificuldade em medir a distância percorrida. No princípio havia mandado um escravo caminhar pela margem contando os passos, mas eu sabia que esse método era tão impreciso que inviabilizaria meus cálculos.

A solução surgiu certa manhã em que fazíamos manobras com os coches. Observei minha roda direita girar e percebi que cada volta do anel externo fazia uma medição exata do solo percorrido. Dali em diante, um coche acompanhou os barcos da margem do rio. Uma das rodas levava no aro uma bandeira, e um homem de confiança ia sentado na carroceria, marcando num papiro cada volta da bandeira.

Toda noite eu calculava a direção e a distância que havíamos percorrido durante o dia e anotava em minhas cartas. Lentamente, o desenho e a forma do rio tornaram-se claros para mim. Percebi que havíamos feito uma vasta curva para oeste, mas que agora o rio voltara a correr para o sul, como haviam previsto os sacerdotes de Hapi.

Apresentei minhas descobertas a Tanus e à rainha. Passamos várias noites na cabine real, discutindo o trajeto do rio e como isso afetaria nossos planos de voltar ao Egito. Parecia que cada milha que havíamos viajado, ao contrário de reduzir a determinação de minha ama, servira para reforçar sua promessa de voltar.

— Não construiremos templos nem palácios de pedra na terra estranha — ela ordenou. — Não ergueremos monumentos ou obeliscos. Nossa estada aqui é passageira. Não construiremos cidades, mas viveremos em nossos navios ou sob tendas e cabanas feitas de juncos e palha. Somos uma caravana numa viagem que finalmente nos levará de volta à cidade onde nasci, a bela Tebas dos cem portões.

Em particular, ela me aconselhou:

— Esmere-se nos mapas, Taita. Confio em você para encontrarmos o melhor caminho de volta.

Assim, a caravana prosseguiu pelo rio. O deserto mudava de feição a cada dia, e no entanto nada se modificava.

Os navegantes haviam-se transformado numa comunidade unida, quase uma cidade itinerante, sem muros ou estrutura definida. A vida vicejava e declinava. Nosso número aumentou, pois a maioria dos que haviam partido de Elefantina estava em pleno vigor da vida, e as mulheres eram férteis. Jovens pares casavam-se na margem do rio, quebrando entre eles o jarro com água do Nilo. As crianças nasciam e as víamos crescer.

Alguns de nossos idosos morreram, e uns poucos jovens foram dizimados por acidentes e perigos. Nós os embalsamamos e cavamos-lhes túmulos nos morros, onde os deixamos a repousar. E seguíamos adiante.

Observávamos os festivais e orávamos aos deuses. Banqueteávamos e jejuávamos nos períodos recomendados, dançávamos, cantávamos e estudávamos as ciências. Eu dava aulas às crianças maiores no convés da galé, e Memnon era o melhor de todos os meus alunos.

Antes que decorresse um ano, e enquanto o rio ainda fluía para o sul, chegamos à terceira catarata que interrompia o curso do Nilo. Mais uma vez desembarcamos, limpamos a terra e fizemos nossas lavouras, enquanto esperávamos que as águas subissem, ajudando-nos a passar.



Foi ali, na terceira grande catarata, que uma nova alegria veio inundar minha vida.

Numa tenda de línho na margem do rio, ajudei minha ama em seu trabalho de parto e trouxe ao mundo a princesa Tehuti, a filha reconhecida pelo finado faraó Mamose. Para mim, Tehuti era linda como somente um milagre poderia ser. Sempre que eu tinha a oportunidade sentava-me ao lado de seu berço e examinava maravilhado as mãos e os pés pequeninos. Às vezes, quando ela sentia fome e esperava o seio da mãe, eu colocava meu dedo mínimo em sua boca para ter o prazer de senti-la sugar com as gengivas. O rio ergueu-se enfim e nos permitiu transitar pela terceira catarata. Navegamos adiante, e de maneira quase imperceptível o rio voltou-se para leste, descrevendo novamente uma ampla curva.

Antes do fim do ano precisei ter mais um de meus famosos sonhos, pois minha ama sofreu uma nova gravidez virginal, que só poderia ser explicada por meios sobrenaturais. O fantasma do faraó defunto visitou a proa mais uma vez.

Minha ama tinha o ventre enorme quando atingimos a quarta catarata. Essa queda d'água retumbante, com rochas afiadas como presas de crocodilo, era ainda mais formidável que as precedentes. Os membros de nossa expedição tornaram-se descrentes, e quando pensavam que ninguém os poderia escutar queixavam-se entre si:

— Estamos sitiados por essas barreiras de rochas infernais. Os deuses as colocaram no rio para nos impedir o avanço.

Eu lia seus lábios quando se reuniam na margem. Ninguém percebia que eu podia compreender o que diziam.

— Ficaremos presos atrás dessas corredeiras terríveis e nunca mais poderemos descer o rio. Devemos voltar agora, antes que seja tarde demais.

Mesmo nos conselhos de Estado, eu lia as palavras nos lábios de alguns grandes senhores egípcios, sentados ao fundo da reunião e conversando em voz baixa:

— Se prosseguirmos, todos morreremos nesse deserto e nossas almas vagarão por ele eternamente, sem descanso.

Havia um grupo especialmente arrogante e teimoso entre a jovem nobreza. Seus membros disseminavam o descontentamento e armavam uma insurreição. Eu soube que precisávamos agir rápida e decisivamente quando vi o senhor Aqer dizer a um de seus comparsas:

— Estamos nas mãos desta mulher, esta pequena concubina do rei morto, quando precisamos realmente de um homem forte para nos liderar. Deve haver algum meio de nos livrarmos dela.

Com a ajuda de meu amigo Aton, relacionei os nomes de todos os descontentes e potenciais traidores. Não me surpreendeu que, encabeçando a lista, estivesse o próprio senhor Aqer, filho mais velho do senhor Merkeset, em cujos lábios eu lera os sentimentos traiçoeiros. Aqer era um jovem revoltado, com idéias exageradas sobre seu próprio valor e importância. Eu suspeitava que ele se imaginava sentado no trono dos dois reinos, com a dupla coroa na cabeça.

Quando expliquei a Tanus e a minha ama o que eu achava que precisava ser feito, eles convocaram um conselho de Estado solene na margem do rio.

A rainha Lostris abriu o conclave:

— Sei muito bem como vocês anseiam por sua própria terra e como estão cansados desta longa viagem. Partilho com vocês os sonhos de Tebas.

Vi Aqer trocar olhares significativos com seus seguidores, e minhas suspeitas se reforçaram.

— No entanto, cidadãos do Egito, nada é tão ruim quanto parece. Hapi tem velado sobre nossa expedição, como prometeu. Estamos muito mais perto de Tebas do que vocês imaginam. Quando voltarmos à nossa amada cidade, não teremos de refazer o mesmo longo caminho. Não teremos de enfrentar novamente os perigos e dificuldades das terríveis cataratas que bloqueiam o rio.

Houve uma agitação na platéia, e sussurros de dúvida e descrença. Aqer riu, não alto o suficiente para ultrapassar os limites do respeito, mas mesmo assim minha ama o localizou.

— Senhor Aqer, está questionando minha palavra?

— De modo algum, majestade. Amaldição um pensamento tão desleal — Aqer recuou rapidamente. Ainda não era forte o bastante, nem estava seguro do apoio de que gozava, para forçar um confronto. Eu o havia apanhado antes que estivesse preparado.

— Meu escravo, Taita, mapeou o trecho do rio que percorremos nos últimos anos — a rainha Lostris prosseguiu. — Todos viram o coche que mediu o solo, com a bandeira na roda, e Taita estudou os corpos celestes para encontrar a direção de nossa jornada. Ordeno-lhe agora que se levante diante do conselho e revele seus cálculos.

O príncipe Memnon havia-me ajudado a fazer cópias de meu mapa em vinte outros papiros. Aos nove anos de idade, o príncipe já era um bom desenhista. Distribuí-as aos nobres mais velhos, para que pudessem acompanhar melhor minha explicação. Chamei sua atenção para o percurso quase circular que havíamos feito desde nossa partida de Elefantina.

A surpresa foi evidente. Apenas os sacerdotes tinham algum conhecimento prévio do que havia ocorrido, pois também examinavam as estrelas e tinham certas noções de navegação. Mas atreles ficaram impressionados com a amplitude da curva do Nilo. Não era de surpreender, pois as cópias do mapa que eu lhes mostrara não eram exatamente acuradas. Eu havia tomado certas liberdades com os fatos, em benefício de Aqer e sua facção, e tornara a extensão da volta menor do que meus cálculos indicavam.

— Meus senhores, como podem ver nestes mapas, desde que deixamos a segunda catarata viajamos quase mil milhas, mas agora estamos a apenas algumas centenas de milhas de nosso ponto de partida.

Kratas ergueu-se para fazer uma pergunta, conforme eu o havia instruído antes da reunião:

— Isso significa que seria possível tomar esse atalho pelo deserto e alcançar a segunda catarata no mesmo tempo necessário para viajar de Tebas ao mar Vermelho e voltar? Fiz essa viagem diversas vezes.

Virei-me para ele:

— Fui seu companheiro na mesma viagem. Levamos dez dias em cada direção, e não tínhamos cavalos. A travessia desta faixa estreita de deserto não seria mais onerosa. Significa que é possível voltar daqui até a cidade de Elefantina em alguns meses, e seria necessário atravessar apenas a primeira catarata, em Assuan.

Houve um burburinho de comentários surpresos. Os mapas eram passados de mão em mão e examinados com avidez. Todo o clima da assembléia se modificou enquanto eu observava. Havia uma patética disposição entre todos a aceitar minha teoria. Essa proximidade inesperada de casa e da terra conhecida reanimou a todos.

Apenas Aqer e seus amigos estavam desconsolados. Ele havia sido privado de seu melhor trunfo no jogo que pretendia iniciar. Como eu esperava, ele ergueu-se enraivecido e fez uma pergunta:

— Qual a exatidão dos rabiscos deste escravo? — Seu tom de voz era ofensivo e sua expressão, ativa. — É uma simples questão de realizar alguns traços com a pena num papiro, mas quando estes são transformados em milhas de areia e pedras é outra questão completamente diferente. Como este escravo pode provar que suas teorias são verdadeiras?

— Meu senhor Aqer chegou ao próprio cerne da questão — minha ama interveio de maneira simpática —, e ao fazê-lo demonstrou sua astuta visão do problema que nos depara. Pretendo enviar uma expedição de homens valorosos para atravessar o deserto e abrir nossa rota de retorno para o norte, a estrada para nossa querida Tebas.

Vi a expressão de Aqer mudar subitamente quando ele percebeu o objetivo do discurso da rainha e a armadilha que lhe havíamos preparado. Voltou a sentar-se apressadamente e tentou parecer distante e desinteressado. No entanto, minha ama continuou impiedosamente:

— Eu não estava certa sobre quem seria mais adequado para liderar essa expedição, mas agora o senhor Aqer, através de sua percepção e compreensão, apresentou-se para a missão vital. Não é verdade, meu senhor? — ela perguntou com suavidade, e continuou antes que ele pudesse recusar: — Somos-lhe gratos, senhor Aqer. Você disporá de todos os homens e equipamentos de que necessitar. Ordeno-lhe que parta antes da próxima lua cheia. A lua tornará mais fácil a viagem durante a noite, e assim evitará o calor do dia. Enviarei com o senhor homens capazes de se orientar pelas estrelas. Você conseguirá chegar à segunda catarata e retornar antes do fim do mês, e se tiver sucesso colocarei a Comenda de Ouro em seus ombros.

Aqer ficou olhando para ela boquiaberto e continuou rígido em sua banquetela depois que todos os seus companheiros se dispersaram. Eu esperava que achasse alguma desculpa para recusar a tarefa, mas afinal ele me surpreendeu ao aproximar-se de mim e pedir conselhos e ajuda para preparar o grupo de exploradores. Pareceu-me que o havia interpretado mal, e que agora que lhe conferiam uma missão digna havia uma chance de o encenqueiro transformar-se num membro útil do séquito.

Escolhi alguns de nossos melhores homens e cavalos e dei-lhe cinco coches dos mais resistentes. Transportariam odres de água que, se usados com parcimônia, poderiam durar trinta dias. Quando a lua cheia se aproximou, Aqer estava animado e otimista, e senti-me culpado por ter minimizado a distância e os perigos da jornada.

Quando a expedição partiu, acompanhei-a por um trecho do deserto para indicar o trajeto, então me detive e os vi desaparecer na imensidão prateada pelo luar, em direção ao grupo de estrelas que chamamos de Alaúde e indica o horizonte norte.

Pensei em Aqer todos os dias nas semanas seguintes, enquanto continuávamos diante da quarta catarata, e esperava que o mapa que lhe fornecera não fosse tão impreciso quanto eu temia. Pelo menos a ameaça imediata de uma rebelião desaparecera com ele, ao norte.

Enquanto esperávamos, plantamos nossas lavouras nas ilhas e margens do Nilo, mas o húmus do solo era mais profundo em outros locais rio abaixo. Era mais difícil elevar a água para irrigar as plantações e eu percebi que a quantidade e a qualidade das colheitas sofreriam conseqüências.

Havíamos armado os tradicionais *shadufs* com seus longos braços equilibrados para retirar água do rio. Estes eram movimentados por um escravo, que girava o pote de cerâmica na ponta do mecanismo, mergulhava-o na água e depois o despejava nos canais de irrigação na margem. Era uma tarefa lenta e penosa. Quando a margem era elevada, como aqui, o método também se tornava muito ineficaz.

Toda tarde Memnon e eu conduzíamos o coche pela margem e eu me preocupava com a exigüidade das colheitas que víamos crescer ali. Tínhamos vários milhares de bocas a alimentar, e o farelo de milho ainda era a base de nossa dieta. Eu previa uma época de fome, a menos que conseguíssemos levar mais água aos campos.

Não sei o que me fez pensar na roda para esse fim, a não ser o fato de que a ciência da roda se havia tornado uma obsessão e uma paixão em minha vida. Eu continuava perturbado pelo problema da ruptura das rodas de nossos coches. Meus sonhos enchiam-se de rodas girando e se espatifando, rodas com lâminas de bronze no aro externo ou com bandeiras para medir a distância percorrida. Grandes rodas e pequenas rodas, as imagens me perseguiram e perturbavam meu sono.

Eu havia escutado um sacerdote de Hapi dizer que certas variedades de madeira tornam-se mais resistentes ao ser mergulhadas em água durante um longo período, então decidi testar essa idéia. Quando estávamos mergulhando uma roda de coche no rio com essa finalidade, a correnteza que passou pelo aro

fez a roda girar. Observei aquilo sem muito interesse, e quando a roda afundou mais na água e o movimento parou não pensei mais naquilo.

Alguns dias depois, um dos pequenos barcos que atravessavam entre as ilhas emborcou. Seus dois ocupantes foram arrastados pelo rio e se afogaram. Da margem, Memnon e eu assistimos a essa tragédia e ficamos perturbados. Aproveitei a oportunidade para advertir novamente o príncipe dos perigos e da força do rio:

— É tão forte que consegue virar a roda do coche.

— Não acredito, Tata. Está dizendo isso para me assustar. Você sabe que adoro nadar no rio.

Então preparei uma demonstração para ele e ficamos os dois impressionados com a roda girando como que por vontade própria, ao ser mergulhada na água corrente.

— Giraria mais depressa se tivesse remos presos ao aro, Tata — Memnon opinou finalmente, e olhei para ele, deslumbrado. Tinha pouco mais de dez anos e já via as coisas com um olhar vivo e indagador.

Quando a lua cheia voltou a surgir, havíamos construído uma roda movida pelo rio, que erguia a água numa série de jarros de cerâmica e a despejava num canal forrado de azulejos na barranca do Nilo. Mesmo com a barriga volumosa, minha ama veio à terra admirar a incrível invenção e ficou deliciada.

— Você é tão inteligente com as coisas que faz com a água, Taita — ela me disse. — Lembra-se da banquetta que construiu para mim em Elefantina?

— Poderia fazer-lhe outra, se nos permitisse morar em casas civilizadas como pessoas decentes.

Tanus ficou igualmente impressionado com a roda-d'água, embora, é claro, não o demonstrasse. Apenas sorriu para mim.

— Muito inteligente, mas quando ela explodirá, como suas famosas rodas de coche? — perguntou, e Kratas e os outros militares imbecis acharam aquilo enormemente engraçado. Havia algum tempo, quando uma roda de coche se partia, diziam que havia "ficado Tata", o apelido que o príncipe me dera.

Apesar dessa frivolidade, os milharais se tornaram altos e densos no solo úmido das margens elevadas, e as espigas douradas brilhavam ao sol do Nilo. Não foi a única colheita que fizemos na quarta catarata. A rainha Lostris deu à luz mais uma princesinha real. A criança era ainda mais bela que sua irmã mais velha.

Todos estranharam que a princesa Bekatha tivesse nascido com um tufo de cachos dourados. Seu divino e espiritual pai, o faraó Mamose, tivera tez morena, e os cabelos de sua mãe eram escuros como a asa da águia negra. Ninguém encontrava o motivo dessa coloração aber-rante, mas todos concordavam que era muito bonita.

A princesa Bekatha tinha dois meses quando o Nilo começou a subir mais uma vez e fizemos os preparativos para atravessar a quarta cachoeira. Agora éramos experientes naquela tarefa, que passara a ser anual, e aprendêramos todos os segredos e artifícios para vencer o rio traiçoeiro.



Ainda não havíamos iniciado a travessia quando surgiu uma tremenda excitação no acampamento. Ouvi gritos e ovações desde a margem oposta, onde o príncipe Memnon e eu inspecionávamos os cavalos

e verificávamos tudo para a subida da catarata.

Corremos de volta para os barcos, atravessamos para a margem leste e encontramos o acampamento em polvorosa. Abrimos caminho pela multidão, que agitava folhas de palmeira e entoava canções de boas-vindas e homenagens. No meio disso tudo encontramos uma pequena caravana de carroças danificadas, cavalos esqueléticos e um bando de bravos veteranos, queimados de sol e empedernidos pelo deserto.

— Que Seth o amaldiçoe e ao seu mapa, Taita! — gritou o senhor Aqer da primeira carroça. — Não sei qual de vocês mente mais. É quase duas vezes *mais* longe do que nos prometeram.

— Você realmente foi até o lado norte da curva do rio? — gritei em resposta, saltando de excitação e tentando atravessar o povaréu.

— Fui e voltei! — ele riu, feliz com sua conquista. — Acampamos na segunda catarata e jantamos peixe fresco do Nilo. A estrada para Tebas esta' aberta.

Minha ama mandou fazer um banquete para receber os viajantes, e o senhor Aqer foi o herói do dia. No auge das comemorações, a rainha Lostris colocou a Comenda de Ouro em seu pescoço e o promoveu ao posto de Melhor dos Dez Mil. Senti um nó na garganta ao ver o jovem pavonear-se. Como se não bastasse, ela lhe deu o comando da quarta divisão de coches e emitiu um decreto que lhe garantia cem *feddan* de terras férteis na margem do rio quando voltássemos a Tebas.

Achei isso tudo um pouco excessivo, especialmente o presente de tantas terras, que deveria sair das propriedades de minha ama. Afinal, Aqer estivera prestes a amotinar-se, e embora sua conquista fosse louvável eu é que havia proposto e planejado a expedição. Nas circunstâncias, parecia-me que mais uma corrente de ouro para o pobre escravo Taita não seria despropositada.

Não obstante, tive de aplaudir a habilidade de estadista de minha ama. Ela havia transformado o senhor Aqer, potencialmente um de seus mais perigosos inimigos, num ardente e leal servidor, que demonstraria seu valor diversas vezes nos anos vindouros. Ela sabia lidar com os homens, e a cada dia adquiria habilidade política.

A submissão do senhor Aqer e a descoberta da rota mais curta haviam reforçado nossa retaguarda, e continuamos acima da quarta catarata com espírito renovado e coração tranqüilo.



Não havíamos viajado um mês quando percebemos que nosso destino realmente havia mudado e a deusa Hapi cumprira sua promessa.

A cada dia era mais claro que havíamos superado o pior. O deserto ficara para trás finalmente e o fluxo do rio, amplo e suave, virou-se para o sul mais uma vez, levando-nos para uma terra como nenhum de nós jamais havia visto.

Foi ali que muitos da expedição presenciaram pela primeira vez o milagre da chuva. Embora eu já a houvesse admirado no Baixo Reino, é claro, os demais nunca haviam visto água cair do céu. A chuva batia em nossos rostos surpresos, voltados para cima, enquanto o trovão ribombava no céu e o relâmpago nos cegava com seu fogo.

Essas chuvas copiosas e regulares geravam uma nova e esplêndida paisagem, da qual jamais havíamos suspeitado. Em ambas as margens do Nilo, até onde podíamos enxergar do convés da galé principal, estendia-se uma vasta savana relvada. Essa planície magnífica, com ricas pastagens para nossos cavalos, não impunha limites à potência de nossos coches. Podíamos correr à vontade, sem dunas ou morros rochosos a nos impedir o avanço.

Esta não foi a única bênção que a deusa nos conferiu. Havia árvores também. No estreito vale que era nosso lar poderiam ter existido florestas um dia, era impossível determinar. Mas haviam tombado séculos antes, sob a voracidade do homem com seus machados. Para nós, egípcios, a madeira era um bem raro e precioso. Cada ramo tinha de ser transportado em navio ou em lombo de animal, de terras distantes e estranhas.

Agora, para onde quer que olhássemos, víamos árvores verdejantes. Não cresciam em florestas densas, como havíamos encontrado nas ilhas das cataratas, mas em bosques espaçados, com amplos trechos de relva entre os troncos majestosos. Havia madeira suficiente para reconstruir todas as frotas de todas as nações em todos os mares do mundo. Mais que isso, havia o suficiente para reconstruir as cidades de todo o mundo civilizado e para cobrir e mobiliar todos os seus aposentos. Depois disso ainda sobraria o bastante para queimar como combustível durante séculos. Nós, que durante toda a vida havíamos cozinhado com tijolos feitos com excrementos de animais, admirávamos estupefatos aquilo tudo.

Este não era o único tesouro que descobrimos ao chegar finalmente à legendária terra de Kush.

Vi-os primeiro a distância e pensei que fossem monumentos de granito cinza. Erguiam-se sobre as planícies de capim amarelado e na sombra, entre os galhos dos bosques de acácias. Então, enquanto eu os observava perplexo, os grandes rochedos começaram a se mover.

— Elefantes! — Eu nunca havia visto um deles, mas só podiam ser isso. Os outros que estavam no convés repetiram meu grito.

— Elefantes! Marfim!

O faraó Mamose, com todo o seu tesouro fúnebre, jamais teria sonhado com tamanha riqueza. Para qualquer lugar que olhássemos havia vastas manadas.

Tanus olhou à sua volta e a paixão do caçador surgiu em seus olhos.

— São milhares! Olhe só para isso, Taita. Seu número é incalculável!

As planícies estavam coalhadas de criaturas vivas, não apenas elefantes. Havia antílopes e gazelas, alguns nossos conhecidos, mas outros que jamais havíamos visto ou ouvido falar. No futuro conheceríamos cada um deles e inventaríamos nomes para as espécies abundantes e variadas.

Orix misturavam-se a bandos de flamingos púrpura, com bicos curvos como os arcos hicsos. Havia girafas malhadas cujos pescoços atingiam os galhos mais altos das acácias. Os chifres que brotavam do focinho dos rinocerontes eram da altura de um homem e afiados como espadas. Os búfalos chafurdavam na lama à beira do rio. Os bovinos enormes, negros como a barba de Seth, eram feios como ele. Logo conheceríamos a malevolência por trás daquele olhar melancólico com que observavam nossa passagem, e a ameaça dos cornos negros voltados para baixo.

— Descarreguem os coches dos barcos — Tanus bradou com impaciência. — Arreiem os cavalos. A caçada começou!

Se eu soubesse o perigo em que nos estávamos metendo, jamais teria permitido que o príncipe Memnon subisse no coche atrás de mim quando saímos na primeira caçada aos elefantes. Eles nos pareciam criaturas dóceis, lentas e estúpidas. Certamente seriam presa fácil.

Tanus fervilhava de impaciência para partir atrás da nova caça e não quis esperar a montagem das quatro divisões de coches. Assim que a primeira de cinquenta veículos ficou pronta, ele deu ordem para montarmos. Gritamos desafios aos outros condutores e fizemos apostas na partida, enquanto as longas colunas de coches rodavam pelos bosques à beira do rio.

— Deixe-me conduzir, Tata — pediu o príncipe. — Você sabe que conduzo tão bem quanto você.

Embora ele fosse um cavaleiro nato e praticasse diariamente, com mãos delicadas e uma comunicação instintiva com os animais, a bravata do príncipe era infundada. Ele certamente não era um cocheiro tão bom quanto eu nenhum homem do exército poderia fazer essa afirmação, quanto menos um pirralho de onze anos.

— Observe-me e aprenda — eu lhe disse com firmeza, e quando Memnon se virou para Tanus este me deu apoio.

— Taita tem razão. Isto é algo que nenhum de nós fez antes. Fique de boca fechada e olhos abertos, rapaz.

Adiante de nós um pequeno rebanho dos estranhos animais cinzentos banqueteara-se com as favas que haviam caído dos ramos mais altos das árvores. Examinei-os com ávida curiosidade quando nos aproximamos a trote. Suas orelhas eram enormes, e eles as abriram e viraram-se para nos encarar. Ergueram alto as trombas e imaginei que estivessem captando nosso odor. Perguntei a mim mesmo se já haveriam sentido antes o cheiro do homem ou do cavalo.

Havia filhotes entre eles, e as mães, reunindo-os no centro do grupo, montaram guarda. Fiquei comovido ao ver o cuidado maternal e tive a primeira impressão de que aqueles animais não eram tão lentos ou estúpidos como pareciam.

— São todas fêmeas — avisei Tanus, atrás de mim na boléia. — Os filhotes ficam por perto e seus marfins são pequenos e de pouco valor.

— Tem razão. — Tanus apontou sobre meu ombro. — Mas olhe para aqueles lá. Devem ser machos. Veja como são altos e possantes. Veja suas presas brilhando ao sol.

Sinalizei para os coches que nos seguiam e desviamos do rebanho de fêmeas e filhotes. Avançamos em coluna através do bosque de acácias, em direção aos grandes machos. No percurso éramos obrigados a nos esquivar de galhos caídos das árvores e de troncos de acácias gigantes que haviam sido arrancados do solo. Nada sabíamos ainda da força impressionante daquelas criaturas, e falei para Tanus:

— Deve ter havido uma tempestade nesta floresta, para causar tamanha destruição. — Nem sequer me ocorreu que as manadas de elefantes fossem as responsáveis, pois eles pareciam tão mansos e indefesos.

Os dois velhos machos que havíamos escolhido perceberam nossa aproximação e viraram-se para nos enfrentar. Foi só então que notei seu verdadeiro tamanho. Quando abriam as orelhas pareciam ocultar o céu, como uma nuvem de trovoadas.

— Olhe para esse marfim! — gritou Tanus. Ele não se perturbava, preocupado apenas com o troféu da caçada, mas os cavalos estavam nervosos e assustadiços. Sentindo o odor daquela estranha presa, agitavam as cabeças e sacudiam os arreios. Era difícil controlá-los e fazê-los seguir em frente.

— O da direita é o maior — gritou Memnon. — Vamos pegá-lo primeiro. — O filhote era exatamente igual ao pai.

— Você escutou a ordem real — riu Tanus. — Vamos pegar o da direita. Deixe o outro para Kratas, é bom o bastante para ele.

Então levantei o punho e fiz o gesto para a coluna dividir-se em duas. Kratas desviou para a esquerda com vinte e cinco coches, enquanto nós avançamos numa reta para a enorme fera que nos encarava. Seus marfins amarelados, grossos como as colunas do templo de Hórus, projetavam-se da vasta cabeça cinzenta.

— Seja duro com ele! — Tanus gritou. — Ataque-o antes que se vire para fugir.

— Eia, eia! — gritei para Paciência e Lâmina, e elas aceleraram o galope.

Esperávamos que o enorme animal fugisse de nós assim que percebesse a ameaça. Nenhuma outra caça esperava para enfrentar o primeiro ataque. Mesmo os leões fogem do caçador quando não estão feridos ou acuados. Por que aqueles animais obesos agiriam de modo diferente?

— A cabeça enorme é um alvo perfeito — Tanus exultou, encaixando a flecha no arco. — Vou derrubá-lo com uma seta antes que ele possa escapar. Passe bem perto daquele nariz ridículo.

Atrás de nós, o resto da coluna estava disposto em fila única. Nosso plano era avançar e nos dividirmos pelos lados do elefante, disparando contra ele ao passar, depois fazer meia-volta e retornar, na tática clássica de coches.

Agora estávamos diante do grande macho, mas ele não se movia. Talvez aqueles animais fossem tão estúpidos quanto pareciam. Seriam presa fácil, e percebi a decepção de Tanus diante dessa perspectiva.

— Vamos, seu idiota! — ele gritou com desprezo. — Não fique aí parado. Defenda-se!

Foi como se o elefante tivesse compreendido o desafio. Levantou a tromba e soltou um sopro sonoro que nos ensurdeceu. Os cavalos retraíram-se instantaneamente, atirando-me contra a carroceria do coche. Por um instante perdi o controle da parelha e ela se desviou.

Então o elefante deu novo bramido e começou a correr.

— Por Hórus, veja como corre! — Tanus bradou atônito, pois a fera não estava fugindo de nós, mas vinha diretamente em nossa direção, num ataque furioso. Era mais rápido que qualquer cavalo, e ágil como um leopardo perseguido por cães. Levantava explosões de poeira a cada passada extensa e veloz, e alcançou-nos antes que eu pudesse dominar os cavalos.

Olhei para ele acima de nós, estendendo a tromba para nos agarrar no coche, e não pude acreditar em seu tamanho ou na fúria de seus olhos. Não era o olhar de um animal, mas o de um ser humano inteligente e alerta. Não se tratava de um gordo preguiçoso, mas de um adversário corajoso e enfurecido que havíamos desafiado em nossa estúpida arrogância.

Tanus disparou uma única flecha. Ela atingiu o macho no centro da cabeça, e esperei vê-lo desabar quando a ponta de bronze lhe perfurasse o cérebro. Não sabíamos então que o cérebro do elefante não se localiza onde seria de se esperar, mas bem mais atrás no crânio montanhoso, e é protegido por uma massa de ossos esponjosos que nenhuma flecha consegue penetrar.

O elefante nem sequer parou ou se desviou. Simplesmente ergueu a tromba e com a extremidade agarrou a flecha, como um homem usando a mão. Arrancou-a de sua carne, atirou-a para o lado e partiu para cima de nós, estendendo a tromba manchada de sangue.

Hui, que vinha no segundo coche da coluna, nos salvou, pois estávamos indefesos contra a fúria do velho macho. Ele aproximou-se pela lateral, chicoteando os cavalos e gritando como um demônio. Seu arqueiro disparou uma flecha na face do elefante, um palmo abaixo do olho, e conseguiu distrair sua atenção.

O animal virou-se para perseguir Hui, mas este estava em pleno galope e safou-se com facilidade. O próximo coche da fileira não teve tanta sorte. O condutor não possuía a habilidade de Hui e fez uma manobra inepta. O animal levantou a tromba e desceu-a como o machado de um carrasco.

Atingiu as costas de um dos cavalos, partindo-lhe a coluna. O animal tombou e arrastou consigo seu par. O coche capotou, atirando longe os ocupantes. O elefante colocou uma pata sobre o corpo do condutor caído e, com a tromba, arrancou-lhe a cabeça e atirou-a como se fosse uma bola de brinquedo. Ela girou pelo ar, esguichando sangue.

Então o próximo coche avançou, distraindo a atenção da fera de sua vítima.

Conduzi os cavalos até a beira do bosque e olhamos incrédulos para a chacina em nosso esquadrão. Coches partidos espalhavam-se pelo campo, pois Kratas, pela esquerda, não havia tido melhor sorte que nós.

Os dois grandes machos estavam cravados de flechas e o sangue escorria por seus corpos, deixando filetes úmidos em seu couro cinzento e fosco. No entanto, os ferimentos não os enfraqueciam, parecendo apenas agravar sua fúria. Eles irromperam pelo bosque, esmagando os coches virados, chutando as carcaças dos cavalos com aquelas patas maciças, atirando para o alto os corpos dos homens aos gritos e piso-teando-os quando caíam ao chão.

Kratas, que correu para nosso lado, gritou:

— Pelos percevejos do escroto de Seth! Que loucura! Perdemos oito coches no primeiro assalto.

— Um esporte mais duro do que você pensava, capitão Kratas — gritou para ele o príncipe Memnon. Teria feito melhor em guardar a opinião para si mesmo, pois na confusão nos havíamos esquecido do menino até aquele instante. Agora, porém, Tanus e eu nos demos conta dele.

— Quanto a você, rapazinho, chega de esporte por hoje — eu lhe disse com firmeza.

— Vai voltar à frota agora mesmo — concordou Tanus, e naquele momento um coche vazio passou por nós. Não sei o que havia acontecido com seus ocupantes. Provavelmente haviam sido atirados fora do veículo ou arrancados dele por uma das feras.

— Agarrem aqueles cavalos — Tanus ordenou e, quando o veículo foi trazido até nós, disse ao príncipe: — Vá embora. Pegue esse coche, vá até a praia e espere lá até voltarmos.

— Meu senhor Tanus... — O príncipe Memnon esticou o corpo, chegando à altura dos ombros do pai. — Protesto contra...

— Não me venha com ares régios, rapaz! Volte e proteste à sua mãe, se quiser.

Ele levantou o príncipe com uma das mãos e depositou-o na boléia vazia do coche.

— Senhor Tanus, tenho o direito de... — Memnon fez uma última tentativa de continuar na caçada.

— E eu tenho o direito de usar a bainha da minha espada no seu traseiro real, se ainda estiver aqui quando eu olhar de novo — disse Tanus, virando-lhe as costas. Nós dois não demos mais atenção ao menino.

— Apanhar marfins não é tão fácil quanto colher cogumelos — comentei. — Teremos de pensar num plano melhor.

— É impossível matar essas criaturas atingindo-as na cabeça — Tanus resmungou. — Vamos tentar de novo, com uma flecha entre as costelas. Se não tiverem cérebro no crânio, certamente terão pulmões e coração.

Puxei as rédeas e fiz as éguas reerguer as cabeças, mas notei que Paciência e Lâmina estavam tão nervosas quanto eu diante da idéia de voltar ao campo. Nenhum de nós havia apreciado o sabor inicial da caça ao elefante.

— Avançarei direto para ele — expliquei a Tanus — e então virarei, para você ter uma visão lateral.

Pus os cavalos a trote e aumentei a velocidade aos poucos quando entramos no bosque de acácias. Bem à frente, nosso elefante marchava pelo terreno juncado de destroços dos coches e corpos de homens e cavalos. Ele nos viu chegar e soltou outro urro terrível, que congelou meu sangue. Os cavalos vibraram as orelhas e relincharam. Eu os segurei com as rédeas e os fiz continuar.

O animal avançou em nossa direção como uma avalanche numa encosta íngreme. Era uma visão horrível, cheia de fúria e dor, mas mantive a parelha firme, sem forçá-la à velocidade máxima. Ao nos aproximarmos, chicoteei os animais e gritei até que atingiram um galope desenfreado. No mesmo instante, desviei com força para a esquerda, flanqueando o elefante.

A uma distância de menos de vinte passos, Tanus disparou três flechas em seqüência rápida contra o peito dele. Todas o acertaram atrás dos ombros, nos vãos entre as costelas, enterrando-se completamente na pele cinza e rachada.

O macho urrou de novo, mas desta vez em agonia mortal. Ele tentou nos alcançar, mas corremos para fora de seu alcance. Olhei para trás e o vi parado na poeira, mas quando ele tornou a berrar o sangue jorrou da ponta de sua tromba como vapor de uma chaleira.

— Os pulmões! — gritei. — Bom trabalho, Tanus. Atingiu-o nos pulmões.

— Descobrimos o segredo — Tanus exultou. — Vamos voltar. Quero acertar mais uma em seu coração.

Manobrei os cavalos, que continuavam lépidos e valentes.

— Vamos, minhas belezas — gritei para as éguas. — Mais uma vez. Eia!

Embora mortalmente ferido, o velho macho ainda estava longe de morrer. Mais tarde eu viria a conhecer a tenacidade daqueles animais magníficos, mas agora ele avançava mais uma vez ao nosso encontro, com uma coragem e um esplendor que me encheram de reverência. Mesmo no calor da caçada, e temendo por minha própria segurança, senti-me envergonhado diante da tortura que lhe infligíamos.

Talvez por esse motivo deixei os cavalos aproximar-se bastante. Por respeito pelo elefante, queria equiparar minha coragem à dele. Quando era quase tarde demais, desviei os cavalos do ataque, pretendendo passar rente à perigosa tromba.

Nesse exato momento a roda do coche estourou sob nós. Houve aquele momento em que dei uma cambalhota no ar, como um acrobata, mas essa não era a primeira vez e eu havia aprendido a cair como um gato. Absorvi o choque e deixei meu corpo rolar duas vezes. A terra era macia e o capim, grosso como um colchão. Levantei-me ileso e ainda capaz de raciocinar. Vi imediatamente que Tanus não se saíra tão bem. Estava esparramado e imóvel.

Os cavalos mantinham-se de pé, mas presos pelo peso do coche quebrado. O elefante os atacou. Lâmina encontrava-se mais perto e a fera partiu as costas de minha querida égua com um só golpe da tromba. Lâmina caiu relinchando e Paciência continuou atada a ela. O elefante enfiou uma presa no peito de Lâmina e levantou a cabeça, erguendo a égua que esperneava.

Eu deveria ter fugido enquanto o animal se distraía, mas não pude abandonar Paciência. O elefante, virado em outra direção, tinha as orelhas estendidas como uma vela de navio, o que me ocultava dele, e não me viu correr. Arranquei a espada de Tanus do suporte no coche e corri para Paciência.

Embora o grande elefante a puxasse pelos arreios que a prendiam a Lâmina, ela não estava ferida. É claro que, aterrorizada, relinchava e escoiceava com ambas as patas traseiras, e quase me rachou o crânio quando corri por trás dela. Abaixei-me, mas os cascos voaram perto de minha cabeça e raspam meu rosto.

Golpeei com a espada afiada a correia de couro que a prendia ao coche. A correia partiu-se com três golpes fortes e Paciência ficou livre para fugir. Agarrei-lhe a crina e saltei para suas costas, mas ela estava tão apavorada que disparou antes que eu pudesse me firmar. Seu ombro colidiu comigo e me fez girar e cair pesadamente ao chão sob o coche emborcado.

Com esforço, ergui a cabeça e localizei Paciência fugindo pelo bosque ela corria em ritmo ligeiro, e vi que estava salva. Procurei então por Tanus. Ele se encontrava a dez passos do coche, de rosto no chão, e pensei que estivesse morto, mas naquele momento ele levantou a cabeça e olhou ao redor com uma expressão atordoada. Eu sabia que qualquer movimento súbito atrairia a atenção do elefante. Nem usei murmurar um som, pois o animal enfurecido continuava próximo.

Olhei para o elefante, com a pobre Lâmina empalada em sua presa e as rédeas de couro emaranhadas na tromba. O animal começou a se afastar, arrastando o coche destroçado. Tentava libertar o peso da égua de sua presa. A ponta do marfim havia-lhe rasgado a barriga, e o mau cheiro de seu conteúdo misturava-se ao do sangue e ao odor peculiar do elefante. Mais forte que tudo isso, o cheiro de meu próprio suor enchia-me as narinas.

Verifiquei que a cabeça do elefante continuava virada para o outro lado antes de me levantar e correr até Tanus.

— De pé! Levante-se! — sussurrei com a voz rouca e tentei erguê-lo, mas ele era pesado e estava semiconsciente. Em desespero, olhei para trás. O elefante afastava-se de nós, ainda arrastando a confusão de destroços e o cavalo morto.

Passei o braço de Tanus pelo meu pescoço e enfiei o ombro sob sua axila. Com toda a força, consegui levantá-lo e ele se apoiou em mim, desequilibrado. Vacilei sob seu peso.

— Firme! — sussurrei com urgência. — O elefante vai nos ver a qualquer momento.

Tentei puxar Tanus, mas ele deu apenas um passo antes de soltar um gemido e desabar sobre mim.

— Minha perna — resmungou. — Não consigo me mexer. O joelho quebrou. Torci o maldito.

Só então percebi completamente nossa situação. Meu velho pecado da covardia dominou-me mais uma vez e a força abandonou minhas pernas.

— Fuja, seu velho idiota — Tanus murmurou em meu ouvido. — Deixe-me aqui. Fuja!

O elefante levantou a cabeça e balançou-a, como um cachorro abanando a água depois de nadar. As imensas orelhas bateram-lhe no próprio corpo, e a carcaça esmagada de Lâmina escorregou de sua presa, caindo para o lado como se não pesasse mais que um coelho morto. A força do velho macho era

inacreditável. Se ele podia arrastar com tanta facilidade o peso de um coche e um cavalo, o que faria com meu frágil corpo?

— Corra, pelo amor de Hórus! Corra, idiota! — Tanus insistiu, tentando me empurrar. Mas uma estranha obstinação me impediu de deixá-lo e agarrei-me ao ombro dele. Com o medo que eu sentia, não conseguia abandoná-lo.

O elefante escutou à voz de Tanus e virou-se, com as orelhas estendidas. Olhou fixamente para nós, a menos de cinqüenta passos dele.

Eu não sabia então, como viria a aprender depois, que a visão do elefante é tão fraca que o torna quase cego. Confia quase inteiramente na audição e no olfato. Apenas o movimento o atrai, e se tivéssemos ficado imóveis não nos teria enxergado.

— Ele nos viu — gaguejei, e arrastei Tanus comigo, forçando-o a pular numa perna só ao meu lado. O macho notou o movimento e urrou. Jamais esquecerei aquele som que me ensurdeceu e quase nos derrubou.

Então o elefante disparou em nosso rumo.

Vinha em passadas largas e certeiras, as orelhas abanando. As flechas brilhavam na grande testa e o sangue lhe escorria pela cara como lágrimas. A cada vez que o animal berrava, o sangue dos pulmões esguichava numa nuvem de sua tromba. Ele avançava a plena carga, alto como um rochedo e escuro como a morte. Pude perceber cada ruga da pele ao redor de seus olhos, e os cílios eram espessos como os de uma bela garota, mas através deles reluzia um clarão de ódio que transformou meu coração em pedra e deixou minhas pernas tão pesadas que não consegui movê-las.

O tempo parecia escorrer lentamente e fui tomado de uma sensação irreal, como um sonho. Fiquei olhando a morte aproximar-se de nós com lenta e firme deliberação, e não podia fazer um gesto para evitá-la.

— Tata! — a voz de uma criança soou em minha cabeça, e eu soube que era uma ilusão provocada pelo terror. — Tata, estou chegando!

Com total incredulidade, virei a cabeça, afastando de minha frente a visão da morte. Pelo bosque, um coche vinha em nossa direção a pleno galope. Os cavalos esticavam completamente os corpos e suas cabeças pareciam martelos na bigorna de ferreiro. Tinham as orelhas inclinadas para trás e as narinas dilatadas, róseas e úmidas. Não enxerguei o cocheiro na boléia.

— Prepare-se, Tata!

Só então divisei a pequena cabeça, mal despontando sobre o painel. As rédeas estavam agarradas por dois punhos diminutos, os nós dos dedos brancos de tensão.

— Mem! — gritei. — Volte! Volte!

O vento agitava seus cabelos numa nuvem atrás de sua cabeça, e o sol reluziu em centelhas avermelhadas nos cachos escuros e espessos. Ele avançava sem se deter.

— Vou espancar o pequeno rufião por me desobedecer — rosnou Tanus, saltitando numa perna. Ambos havíamos esquecido nosso próprio perigo.

— Ôôô! — Mem gritou, fazendo a parelha reduzir o galope. Ele manobrou o coche numa curva tão fechada que a roda interna ficou parada e girou sobre si mesma. Havia atravessado entre nós e o elefante,

protegendo-nos dele por um instante, e quando o coche girou houve um instante em que se immobilizou. Foi uma manobra maravilhosa.

Suspendi Tanus e atirei-o na plataforma do veículo. No instante seguinte mergulhei de cabeça em cima dele. Quando aterrissei, Memnon incitou os cavalos e nos arremessamos para a frente com tal ímpeto que quase fui jogado para fora do coche, mas agarrei-me ao painel lateral e equilibrei-me.

— Corra, Mem! — gritei.

— Eia! — o menino berrou. — Upa, upa!

O coche disparou, com os cavalos assustados pelos bramidos selvagens da fera que nos perseguia.

Os três olhamos para trás. A cabeça do elefante pairava acima de nós, tão perto que a cada urro dele a nuvem sanguinolenta borrifava nossos rostos, fazendo-nos parecer as vítimas de uma horrível doença.

Não conseguíamos nos livrar do animal, nem ele nos alcançava. Na mesma velocidade, continuamos correndo pelo prado com a enorme cabeça ensangüentada balançando sobre nós, encolhidos no coche sacolejante. Bastaria um pequeno erro de nosso condutor para nos fazer cair num buraco ou arrebentar as rodas numa corcova ou numa árvore caída, e a fera nos alcançaria imediatamente. Mas o príncipe manuseava as rédeas como um veterano, escolhendo o caminho pelo bosque com mão fria e olho arguto. Fez o coche executar curvas numa roda só, escapando de tombar por um triz, e resistiu ao ataque do animal furioso. Não cometeu um erro, e de repente tudo estava acabado.

Uma das flechas enterradas no peito do elefante havia-se aprofundado e atingira o coração. O animal abriu completamente a boca, que foi invadida por um fluxo de sangue, e ele morreu sem se deter. Suas pernas se dobraram e ele desabou com um golpe que fez tremer a terra. Ficou deitado de lado, com uma longa presa de marfim curvada para cima, como um último gesto ativo e desafiador.

Memnon freou os cavalos e Tanus e eu saltamos do coche, olhando incrédulos para a carcaça semelhante a uma montanha. Tanus, segurando-se à lateral do carro para aliviar a perna machucada, lentamente virou-se para olhar o menino que não conhecia seu verdadeiro pai.

— Por Hórus, já vi homens valentes em minha vida, mas nenhum mais valente que você, rapaz — ele disse simplesmente, então ergueu Memnon do chão e o abraçou.

Não vi muito mais, pois lágrimas intermináveis e entediadas toldaram-me a visão. Apesar de eu saber que era um tolo sentimental, não conseguia contê-las. Havia esperado muito tempo para ver aquilo, o pai abraçando seu filho.

Só consegui controlar minhas emoções quando escutei o som distante de aplausos. O que nenhum de nós percebera era que a caçada havia ocorrido a plena vista da frota. O *Sopro de Hórus* estava próximo, na margem do Nilo, e pude ver a figura esguia da rainha na popa elevada. Mesmo a distância seu rosto parecia pálido, e sua expressão, contraída.



A Comenda do Mérito é o orgulho dos guerreiros, mais importante e mais estimada que a Comenda de Ouro, é usada apenas pelos heróis.

Haviam-se reunido no convés do *Sopro de Hórus* os mais próximos à rainha e os comandantes de todas as divisões de seu exército. Encostados ao mastro, os marfins dos elefantes eram exibidos como troféus de guerra, e todos os oficiais usavam os uniformes de gala. Os porta-estandartes se posicionaram atrás do trono e os trombeteiros tocaram uma fanfarra quando o príncipe se ajoelhou diante da rainha.

— Meus amados súditos — ela falou em tom elevado. — Nobres membros do meu conselho, generais e oficiais do exército, recomendo-lhes o príncipe real Memnon, que conquistou honras diante de mim e de todos vocês. — Ela sorriu para o menino de onze anos, que era tratado como um general vitorioso.

— Por sua conduta corajosa em campo, ordeno que ele seja admitido à Guarda dos Crocodilos Azuis, no posto de subalterno de segunda classe, e confiro-lhe a Comenda do Mérito, para que a use com orgulho e distinção.

A corrente havia sido forjada especialmente pelos ourives reais para adaptar-se ao pescoço do menino. Com minhas próprias mãos eu havia esculpido o minúsculo elefante de ouro pendurado na corrente. Era perfeito em todos os detalhes, uma obra-prima em miniatura, com lascas de rubi no lugar dos olhos e presas de marfim verdadeiro. Ficou lindo sobre a pele lisa e macia do peito do príncipe.

Senti as lágrimas escorrer novamente quando os homens aplaudiram meu belo príncipe, mas esforcei-me para contê-las. Eu não era o único a mergulhar nos sentimentos como um porco na lama até mesmo Kratas, Remrem e Astes, com suas atitudes empedernidas e militarescas, que cultivavam com afinco, sorriam como idiotas, e juro que vi mais de um par de olhos úmidos entre os soldados. Assim como seus pais, o menino sabia conquistar a afeição e a lealdade das pessoas. No fim, cada oficial dos Azuis adiantou-se para saudar o príncipe e abraçá-lo como companheiro de armas.

Naquela tarde, passeando pela margem do rio ao crepúsculo, Memnon subitamente freou os cavalos e virou-se para mim.

— Fui recebido no regimento. Sou um soldado, Tata. Agora você precisa fazer meu arco.

— Farei o melhor arco que qualquer arqueiro jamais retesou, Mem — prometi.

Ele me olhou seriamente por um momento, então suspirou.

— Obrigado, Tata. Acho que este é o dia mais feliz da minha vida. O modo como ele disse isso fez seus onze anos parecerem uma eternidade.

No dia seguinte, depois que a frota atracou para passar a noite, fui procurar o príncipe e encontrei-o sozinho num local isolado da margem. Ele não me havia visto e pude observá-lo por algum tempo.

Estava completamente nu. Apesar de minhas advertências sobre a correnteza e os crocodilos, era claro que estivera nadando no rio, pois tinha os cabelos empapados sobre os ombros. No entanto, fui surpreendido por seu comportamento, pois ele havia escolhido duas pedras grandes e redondas na praia e, segurando-as nas mãos, as levantava e baixava num estranho ritual.

— Tata, você está me espionando — ele disse de repente, sem virar a cabeça. — Quer alguma coisa?

— Quero saber o que você está fazendo com essas pedras. Está adorando algum estranho deus kushita?

— Estou fortalecendo meus braços para poder vergar o novo arco. Quero um arco de verdade. Não tente me enganar com outro brinquedo, está ouvindo, Tata?



Havia mais uma catarata interrompendo o rio, a quinta e penúltima que encontraríamos na viagem, como soubemos depois. Mas, ao contrário das outras, essa não constituía uma barreira ao nosso avanço. Com a mudança no terreno que nos rodeava, não estávamos mais restritos ao curso do rio. Enquanto esperávamos que o Nilo subisse novamente, fizemos as plantações de costume e também mandamos coches para explorar a imensa savana. Minha ama enviou expedições ao sul para perseguir as manadas de elefantes e trazer de volta o precioso marfim.

Os enormes rebanhos daquelas feras magníficas que nos receberam de maneira tão rude em nossa chegada a Kush se haviam dispersado.

Depois de ser caçadas sem piedade, as sábias criaturas aprenderam rapidamente a lição.

Quando chegamos à quinta catarata encontramos os rebanhos pastando nos bosques em ambas as margens. Eram milhares de elefantes, e Tanus mandou os coches entrar em ação imediatamente. Havíamos aperfeiçoado nossas táticas para caçá-los e aprendêramos a evitar as perdas que os primeiros machos nos infligiram. Em nosso primeiro dia na quinta catarata matamos cento e sete elefantes e perdemos apenas três coches.

No dia seguinte não havia um único paquiderme à vista. Os coches tentaram perseguir as manadas, acompanhando as trilhas deixadas na floresta durante a fuga, mas cinco dias se passaram antes que os alcançássemos.

Com freqüência as expedições de caça voltavam ao acampamento depois de várias semanas sem encontrar um só elefante ou conseguir uma única presa. O que a princípio nos parecera um estoque infundável de marfim veio a ser uma ilusão. Como notara o príncipe naquele primeiro dia, a caça ao elefante não era tão simples quanto parecia.

No entanto, os coches que rumavam para o sul não voltavam de mãos vazias. Encontraram algo ainda mais valioso para nós que o marfim.

Eu não havia saído do acampamento por vários dias, pois me envolvera nos eternos experimentos com as rodas dos coches. Foi nessa época que finalmente encontrei a solução para o problema que me perturbava desde o início, e que fora motivo da zombaria de Tanus e seus companheiros — o ocasional fracasso de alguns de meus projetos.

Afinal não foi uma solução simples, mas uma combinação de fatores, a começar pelo material de que eram feitos os aros das rodas. Agora eu podia trabalhar com uma gama quase ilimitada de tipos de madeira e com os chifres de órix e rinocerontes caçados perto do acampamento. Estes, ao contrário dos elefantes, não fugiam quando os perturbavam.

Descobri que mergulhar o cerne da acácia em água a tornava tão resistente que cegava a lâmina dos mais afiados machados de bronze. Misturei essa madeira com camadas de chifre e uni tudo com fio de bronze, de modo semelhante ao que eu usara para fazer Lanata. O resultado obtido foi enfim uma roda capaz de correr em alta velocidade e em qualquer tipo de terreno sem estourar. Quando Hui e eu terminamos os primeiros dez coches com as novas rodas, desafiei Kratas e Remrem, que eram conhecidos como os condutores mais destrutivos de todo o exército, a arrebutá-las. Apostamos dez *deben* de ouro.

Era um jogo bem ao gosto daquelas duas crianças crescidas, que encararam a prova com empenho juvenil. Durante semanas seus gritos roucos e o ruído dos cascos martelando encheram os bosques à margem do rio. Quando terminou o prazo, Hui queixou-se amargamente para mim de que eles haviam esgotado vinte pares de cavalos. Mas consolou-se de certa forma, porque vencemos a aposta. Nossas novas rodas haviam suportado o teste mais árduo.

— Se nos desse mais alguns dias, sei que conseguiria mais um "Tara" — resmungou Kratas quando entregou seu ouro com absoluta falta de esportividade. E fez uma pantomima que parecia achar muito engraçada, representando uma roda a se espatifar e um condutor dando cambalhotas.

— Você é um ótimo comediante, bravo Kratas, mas ganhei seu ouro. — Sacudi o metal debaixo do nariz dele. — Você ficou com o humor azedo.

Foi então que a expedição de reconhecimento liderada pelo senhor Aqer, que havia saído em busca de elefantes, voltou com a notícia de que haviam descoberto habitações humanas ao sul.

Pensávamos encontrar tribos assim que passássemos pela primeira catarata. Durante séculos a terra de Kush nos havia fornecido escravos. Eram capturados por seu próprio povo, provavelmente em guerras tribais, e vendidos junto com outros produtos, como marfim, penas de avestruz, chifre de rinoceronte e ouro em pó, nos confins do nosso império. As espevitadas escravas negras da rainha Lostris eram nativas dessa terra e haviam sido compradas no mercado de Elefantina.

Ainda não consigo explicar por que não havíamos encontrado gente antes. Talvez tivessem sido expulsos por guerras e caçadas a escravos, do mesmo modo que havíamos espantado as manadas de elefantes. Podiam ter sido dizimados por fome ou doenças impossível saber. Até ali havíamos encontrado poucas evidências de presença humana.

Mas agora que finalmente os descobríamos a excitação contagiou a todos como uma epidemia. Precisávamos mais de escravos que de ouro ou marfim. Toda a nossa civilização e nossos hábitos de vida dependiam da posse de escravos, num sistema condenado pelos deuses e consagrado pelo uso. Trouxéramos apenas alguns cativos do Egito, e era imperativo para nossa sobrevivência capturar outros para substituir os que tivéramos de abandonar.

Tanus organizou imediatamente uma força expedicionária, a ser comandada por ele mesmo, pois não tínhamos certeza do que encontraríamos rio acima. Além dos capturados como prisioneiros de guerra, nós, egípcios, sempre havíamos comprado escravos de mercadores estrangeiros, e esta era a primeira vez em séculos que éramos brigados a caçá-los. Era um esporte tão novo quanto a caça ao elefante, mas pelo menos desta vez não esperávamos que a presa fosse <sup>dó</sup>cil ou imbecil.

Tanus ainda insistia em que eu conduzisse seu coche, e nem mesmo o fracasso de Kratas e Remrem em destruir os veículos convencera o comandante das virtudes do novo veículo. Fomos à frente da coluna, mas o segundo carro era dirigido pelo mais jovem recruta dos Azuis, o príncipe real Memnon.

Eu havia escolhido os dois melhores cocheiros para acompanhar Memnon. O peso dele era tão ínfimo que o coche podia levar um homem a mais, e a força do príncipe ainda não era suficiente para ajudar a levantar o veículo quando era preciso desmontá-lo e carregá-lo sobre obstáculos. Ele necessitava de um homem a mais para isso.

As primeiras aldeias que encontramos ficavam na margem do rio, a três dias de viagem acima da catarata. Eram grupos de casebres de palha miseráveis, rudimentares demais para ser chamados de cabanas. Tanus enviou batedores em reconhecimento, e de madrugada os cercamos numa manobra rápida.

As pessoas que se arrastavam para fora desses abrigos primitivos estavam atordoadas e chocadas demais para oferecer qualquer resistência ou sequer tentar fugir. Agruparam-se tagarelando e olhando admirados para o círculo de coches e escudos que os envolvia.

— Bela caçada! — Tanus ficou contente ao examiná-los. Os homens eram altos e esguios, com membros longos e musculosos. Superavam em altura a maioria dos membros de nossas fileiras mesmo Tanus parecia relativamente baixo enquanto andávamos entre eles, separando-os em grupos como um fazendeiro a dividir seus rebanhos.

— São espécimes realmente bons — ele vibrou. — Olhe aquela beleza. — Havia notado um rapaz de físico excepcional. — Alcançaria com facilidade dez anéis de ouro no mercado de Elefantina.

As mulheres eram fortes e saudáveis. Tinham as costas eretas e os dentes brancos e uniformes. Cada mulher adulta carregava uma criança no colo e trazia outra pela mão.

No entanto, eu nunca havia visto povo mais primitivo. Nem homens nem mulheres usavam um trapo que fosse exibiam desavergonhadamente as partes pudendas, mas as meninas traziam ao redor da cintura um fio de contas feitas com casca de ovo de avestruz. Vi de pronto que todas as mulheres maduras haviam sido circuncidadas de maneira brutal. Mais tarde soube que utilizavam na operação uma faca de pedra ou uma lasca de bambu. Suas vaginas haviam se transformado em grandes buracos, enfeitados mais tarde com lascas de osso ou marfim. As mais jovens ainda não haviam sofrido a mutilação, e decidi que esse costume deveria ser proibido futuramente. Tinha certeza de contar com o apoio de minha ama nesse sentido.

A pele desse povo era tão escura que os corpos nus pareciam roxos ao sol nascente, como uvas pretas maduras. Alguns se haviam besuntado com uma pasta de argila branca e cinzas, sobre a qual traçavam desenhos rústicos com os dedos. Os cabelos eram arranjados com uma mistura de argila e sangue de boi, formando um capacete alto e brilhante que acentuava seu porte já imponente.

Uma coisa que me marcou de imediato foi que não havia velhos entre eles. Soube depois que era costume deles quebrar as pernas dos idosos com seus bordões de guerra e deixá-los à beira do rio como sacrifício aos crocodilos. Acreditavam que os crocodilos fossem reen-carnações de seus ancestrais mortos, e que ao alimentá-los a vítima se tornava parte do processo.

Não possuíam artefatos metálicos. Suas armas eram porretes de madeira e varas pontiagudas. A arte da cerâmica não lhes ocorrera, e seus utensílios eram cabaças de plantas selvagens. Não faziam lavouras, vivendo apenas dos peixes que apanhavam em alçapões trançados e dos rebanhos de um gado pequeno e de longos chifres, que eram seu bem mais precioso. Eles os sangravam por uma veia do pescoço, misturavam o líquido com leite recém-tirado e bebiam a mistura fermentada com grande prazer.

Quando pude estudá-los melhor, ao longo de meses, descobri que não sabiam ler nem escrever. Seu único instrumento musical era um tambor escavado num tronco de árvore, e suas canções eram como os bramidos e rosnados de animais selvagens. Ao dançar, executavam flagrantes paródias do ato sexual, em que fileiras de homens e mulheres nus se aproximavam, batendo os pés e meneando os quadris, até se encontrar. Quando isto acontecia, a imitação se transformava em realidade, dando lugar a atos licenciosos.

Quando o príncipe Memnon perguntou-me sobre seu direito a capturar aquelas pessoas e apoderar-se delas como se fossem gado, eu lhe disse:

— São selvagens, e nós, gente civilizada. Assim como um pai tem deveres para com seu filho, é nosso dever tirá-los desse estado bruto e mostrar-lhes os verdadeiros deuses. Sua parte da barganha é

pagar-nos com trabalho.

Memnon era um rapaz inteligente, e depois que lhe expliquei nunca mais questionou a lógica ou a moralidade disso.

Por minha sugestão, a rainha Lostris havia permitido que duas de suas escravas acompanhassem a expedição. Meu relacionamento pessoal com aquelas pequenas prostitutas não era totalmente tranqüilo, mas agora elas prestaram serviços valiosos. Ambas as garotas tinham lembranças da época anterior à sua captura e mantinham um conhecimento rudimentar da língua das tribos kush. Foi o suficiente para iniciar o processo de domesticação dos cativos. Como musicista, tenho o ouvido aguçado para os sons da voz humana além disso tenho uma habilidade lingüística inata. Em poucas semanas eu era capaz de falar a língua dos shilluks, que era como se chamava esse povo.

Era uma língua tão primitiva quanto seus hábitos e modo de vida. Todo o vocabulário não passava de quinhentas palavras, que registrei em papiros e ensinei aos capatazes e instrutores militares indicados por Tanus para cuidar dos novos escravos. Dessa gente Tanus formaria regimentos de infantaria para complementar as divisões de coches.

O primeiro ataque não nos deu uma impressão correta da natureza verdadeiramente belicosa dos shilluks. Tudo correu fácil demais, e estávamos despreparados para o que aconteceu a seguir, quando investimos contra a próxima aldeia. Os shilluks haviam sido alertados e estavam prontos para nos receber.

Afastaram o gado e esconderam as mulheres e crianças. Nus e armados apenas de porretes, eles irromperam em hordas contra nossos coches, arcos e espadas, com uma coragem e uma tenacidade inacreditáveis.

— Pela cera pútrida do ouvido de Seth! — Kratas vituperou com prazer depois de rechaçarmos mais um ataque. — Esses demônios negros são soldados natos.

— Treinados e armados com bronze, os shilluks enfrentarão qualquer infantaria do mundo — concordou Tanus. — Deixem os arcos nos suportes. Quero capturá-los vivos, o maior número possível.

No fim, Tanus os perseguiu à exaustão com os coches, e somente quando caíram de joelhos, com a energia e a coragem totalmente esgotadas, os capatazes conseguiram amarrá-los.

Tanus escolheu os melhores para os regimentos de infantaria, e aprendeu sua língua tão depressa quanto eu. Em pouco tempo os shilluks vieram a considerá-lo um deus, em vez dos crocodilos, e Tanus passou a amá-los quase tanto quanto eu amava meus cavalos. No fim não era mais necessário apanhar os shilluks como animais. Aqueles lanceiros maravilhosamente altos e flexíveis saíam de seus esconderijos por vontade própria e pediam a Tanus para ser incluídos em seu exército.

Tanus os armou com lanças de ponta de bronze e escudos de couro de elefante, e uniformizou-os com saiotes feitos de caudas de gato selvagem e, na cabeça, plumas de avestruz. Os sargentos os instruíram em todas as manobras bélicas clássicas, e logo integramos essas táticas às dos coches.

Nem todos os shilluks foram selecionados para o exército. Outros mostraram-se remadores infatigáveis em nossas galés ou dedicados pastores e cavaliários, pois amavam os animais.

Em pouco tempo soubemos que seus inimigos hereditários eram as tribos que viviam mais ao sul, os dinkas e os mandarís. Esses povos eram ainda mais primitivos e não possuíam os instintos guerreiros dos shilluks. Nada agradava mais aos novos regimentos de Tanus que ser enviados ao sul com os oficiais egípcios e o apoio dos coches para combater os antigos rivais. Eles capturaram dinkas e mandarís aos

milhares, que usamos nos trabalhos pesados e grosseiros. Nenhum deles veio por vontade própria, como fizeram alguns shilluks.



Quando atravessamos a quinta catarata com a frota, toda a terra de Kush estava livre para nós. Com os shilluks a nos orientar, a frota navegou rio acima, enquanto os coches percorriam as margens e voltavam com marfins e novas levas de escravos. Logo alcançamos um rio largo que vinha do leste e unia-se ao fluxo principal do Nilo. Seu volume resumia-se a um regato barrento e poços rasos, mas os shilluks nos garantiram que na estação aquele rio, que chamamos de Atbara, tornava-se uma torrente furiosa e suas águas engrossavam a cheia anual do Nilo. A rainha Lostris despachou uma expedição de garimpeiros, com guias shilluks, para percorrer o Atbara o mais distante possível, e a frota seguiu para o sul, caçando animais e escravos pelo caminho.

Eu me preocupava muito, e tentei impedi-lo, mas com frequência via o coche do príncipe Memnon à frente das velozes colunas. É claro que ele tinha o apoio de homens fiéis, mas havia perigos constantes na imensidão africana e ele ainda era apenas um menino.

Eu achava que deveria passar mais tempo comigo e meus papiros, estudando no convés do *Sopro de Hórus*, em vez de se igualar a homens como Kratas e Remrem. Aqueles dois arruaceiros tinham tão pouca preocupação pela segurança do príncipe quanto pela deles mesmos. Incitavam-no com apostas, desafios e prêmios extravagantes por seus atos mais ousados. Logo Memnon se transformou num endiabrado como os outros, e quando voltava das excursões divertia-se muito em me aterrorizar com os relatos de suas escapadas.

Quando protestei junto a Tanus, ele simplesmente riu.

— Se um dia ele tiver de usar a dupla coroa, é bom aprender a enfrentar perigos e a liderar homens.

Minha ama concordava com Tanus sobre o treinamento de Memnon. Eu tive de me contentar em usufruir ao máximo o pouco tempo que passava a sós com o príncipe.

Pelo menos eu tinha as duas princesinhas, que eram um maravilhoso consolo. Tehuti e Bekatha ficavam a cada dia mais encantadoras, e eu <sup>era</sup> completamente escravo delas. Devido a nossas circunstâncias peculiares, eu era mais próximo delas que seu verdadeiro pai. A primeira Palavra que Bekatha disse foi "Tata" Tehuti recusava-se a dormir sem que eu lhe contasse uma história e se aborrecia quando por algum motivo eu tinha de afastar-me da frota. Acho que esse foi o período mais feliz da minha vida. Sentia-me o centro de minha família e recebia a sólida afeição de todos.

A sorte de nossa nação era quase tão brilhante quanto a minha. Em pouco tempo um dos garimpeiros voltou da incursão pelo rio Atbara. Ajoelhou-se diante da rainha Lostris e colocou a seus pés um saquinho de couro. Sob sua ordem, ele abriu a boca do saco e despejou uma cascata de pedras reluzentes. Algumas eram pequenas como grãos de areia, outras grandes como a ponta do meu polegar. Todas brilhavam com um fulgor peculiar e inconfundível.

Os ourives foram chamados e trabalharam com seus fornos e cadinhos, afirmando que as pepitas de ouro tinham uma pureza extraordinária. Tanus e eu percorremos o Atbara até o local onde fora descoberto o ouro. Ajudei a criar o método para minerar os leitos pedregosos do rio onde se escondia o metal precioso.

Usamos milhares de escravos mandarins e dinkas para retirar cestos de cascalho e carregá-los até os canais escavados pelos pedreiros nas encostas de granito que ladeavam o rio.

Apresentei a minha ama desenhos das longas filas de escravos negros a galgar o morro, com a pele molhada reluzindo ao sol e pesadas cestas equilibradas nas cabeças. Quando deixamos os mineiros empenhados no trabalho e voltamos à frota, levamos conosco quinhentos *deben* de anéis de ouro recém-fundidos.



Encontramos mais uma catarata na viagem para o sul. Era a sexta e última série de corredeiras, mas essa travessia veio a ser mais rápida e fácil que todas as anteriores. Nossos coches e carroças puderam contornar a cachoeira e finalmente atingimos a mística confluência dos dois poderosos rios formadores do Nilo que tanto conhecíamos e amávamos.

— Este é o lugar que Taita viu em suas profecias. Aqui Hapi deixa suas águas correr e misturar-se. Este é o local sagrado da deusa — afirmou a rainha Lostris. — Terminamos nossa viagem. É neste lugar que a deusa nos dará forças para voltar ao Egito. Batizo-o de Qebui, a Casa do Vento Norte, pois foi o vento que nos trouxe até aqui.

— É um lugar propício. A deusa já nos mostrou seus favores dan-do-nos escravos e ouro — concordaram os senhores do conselho. — Devemos parar a viagem.

— Falta apenas encontrar um lugar para a tumba de meu marido, o faraó Mamose — declarou a rainha Lostris. — Quando o túmulo for construído e o faraó lacrado nele, minha promessa estará cumprida e será' hora de voltarmos em triunfo para o nosso Egito. Somente quando fizermos isso poderemos enfrentar novamente os hicsos e expulsá-los de nossa terra materna.

Acho que eu era um dos únicos do séquito que não se sentiu feliz e aliviado por essa decisão. Os outros estavam consumidos pela saudade e cansados dos longos anos de viagem. Eu, por outro lado, havia sido atingido por um mal ainda mais pernicioso, o nomadismo. Queria ver o que havia além da próxima curva do rio e do próximo morro. Queria seguir sempre adiante, até o fim do mundo. Portanto, fiquei feliz quando minha ama me escolheu como um dos que buscaria o local para a tumba real e ordenou que o príncipe Memnon me escoltasse com seu esquadrão. Não apenas eu me regalaria com esse novo apetite pelas viagens, como teria mais uma vez o intenso prazer da companhia do príncipe.

Aos catorze anos, Memnon fora indicado para o comando da missão. Isso não era excepcional. Houvera em nossa história faraós que nessa idade comandaram grandes exércitos em batalhas. O príncipe levou a incumbência muito a sério. Os coches foram preparados e Memnon inspecionou pessoalmente cada veículo e cada cavalo. Tínhamos duas parelhas extras para que fossem revezadas e descansassem.

Depois nós dois deliberamos extensamente e com grande detalhe sobre a direção que seguiríamos em busca do lugar ideal para a tumba. Deveria ser uma região inóspita e desabitada, de difícil acesso para salteadores. Deveria ser um penhasco, onde seriam escavadas a tumba e todas as passagens secundárias.

Desde nossa entrada no território Kush não havíamos encontrado um local que satisfizesse esses requisitos. Estudamos tudo o que conhecíamos sobre os territórios deixados para trás e tentamos

adivinhar o que encontraríamos pela frente. O lugar onde estávamos agora, Qebui, o ponto de encontro dos dois rios, era o mais belo que havíamos visto em toda a viagem.

Parecia que todas as aves do céu se haviam reunido ali, dos pequenos pescadores aos magníficos grous azuis, dos magotes de patos grasnantes que obscureciam o sol às lavadeiras e ventoinhas que corriam à beira d'água, parando apenas para fazer sua pergunta queixosa: "Pi-uí? Pi-uí?" Nos bosques de acácias prateadas e através das savanas descampadas, rebanhos de antílopes pastavam aos milhares. Era como se aquela morada da deusa fosse sagrada para todas as formas de vida. As águas abaixo da junção dos rios fervilhavam de cardumes, enquanto as águias brancas giravam em círculos lentos contra o azul do firmamento africano, emitindo seus estranhos pios.

Cada um dos rios gêmeos expressava um caráter e um humor distintos, assim como duas crianças oriundas de um mesmo ventre podem diferir em cada detalhe do corpo e da mente. O afluente da direita era lento e amarelado, maior que o outro em volume, mas não tão definido. O ramo oriental, de um azul acinzentado e opaco, era uma torrente impetuosa que empurrava seu irmão para o lado, recusando-se a mesclar suas águas, comprimindo o outro contra a margem e retendo sua própria personalidade túrbida ao longo de muitas milhas antes de ser lentamente absorvido pela correnteza mais suave e amarela.

— Que rio devemos seguir, Tata? — perguntou Memnon, e mandei chamar os guias shilluks.

— O rio amarelo vem de um pântano pestilento que não tem fim. Nenhum homem pode entrar ali. É um lugar de crocodilos, hipopótamos e insetos ferozes. É um lugar de febre, onde um homem pode se perder e vagar para sempre — disseram os shilluks.

— E o outro rio?

— O rio escuro vem do céu, descendo por penhascos que se erguem até as nuvens. Nenhum homem pode subir aquelas gargantas medonhas.

— Seguiremos a vertente escura, à esquerda — decidiu o príncipe.

— Naqueles sítios rochosos encontraremos o local de repouso para meu pai.

Viajamos então para leste até vermos as montanhas erguer-se no horizonte. Formavam um paredão azul mais alto e formidável que qualquer outra coisa que já havíamos visto ou julgado possível. Ao lado das grandes montanhas, os montes que conhecíamos no vale do Nilo pareciam ninhos de passarinhos na margem do rio. A cada dia que percorríamos em sua direção, eles se erguiam mais perto do céu e reduziam o mundo abaixo.

— Nenhum homem pode subir ali... — Memnon estava maravilhado.

— Deve ser a abóbada dos deuses.

Observamos o relâmpago brincar sobre as montanhas, reluzindo nas nuvens pesadas que encobriam os picos. Escutamos o trovão rugir como um leão caçador entre as gargantas e os vales, e ficamos assombrados.

Não nos aventuramos além do sopé dessa terrível cadeia. Então os penhascos e desfiladeiros barraram nosso caminho e voltamos com os coches. Nessas faldas encontramos um vale escondido, com paredes de pedra verticais. Durante trinta dias o príncipe e eu exploramos esse lugar selvagem, até que nos vimos diante de uma muralha negra e Memnon falou calmamente:

— Este é o lugar onde o corpo terreno de meu pai descansará por toda a eternidade. — Ele olhou para a rocha virgem com uma expressão mística e sonhadora. — É como se eu pudesse ouvir sua voz falando em minha cabeça. Ele ficará feliz aqui.

Então vasculhei o lugar e sinalizei o rochedo, cravando pontas de bronze nas fissuras da pedra, indicando a direção e o ângulo da passagem de entrada para os pedreiros que iniciariam a obra. Quando isso ficou pronto, destrinchamos o labirinto de vales e desfiladeiros abruptos e voltamos Nilo abaixo para o local de encontro dos rios, onde estava nossa frota.



Acampados na grande planície a apenas alguns dias de viagem de Qebui, fui despertado certa noite por gritos espectrais e pelo rumor de uma massa de animais em movimento que pareciam brotar da escuridão à nossa volta.

Memnon mandou o corneteiro soar o chamado às armas e nos postamos em círculo com os coches. Atiramos lenha nas fogueiras e perscrutamos a noite. Ao bruxuleio das chamas, vimos passar por nós uma escura torrente, como o Nilo na cheia. Os bramidos e roncoss eram ensurdecedores, e a pressa dos animais era tão grande que eles se chocaram com o anel externo de coches e alguns veículos foram revirados. Era impossível descansar naquele tumulto, e montamos guarda durante o resto da noite. A inundação de criaturas vivas não se reduziu.

Quando amanheceu, fomos brindados com o espetáculo mais extraordinário. Em todas as direções, até onde a vista alcançava, as planícies estavam cobertas por um tapete de animais em movimento. Todos viajavam no mesmo sentido, galopando com uma determinação estranha e fatalista, as cabeças dependuradas, envoltas na poeira dos próprios passos, emitindo aqueles ruídos mórbidos. De vez em quando, alguns membros daquela manada infinita se assustavam sem motivo algum e escoiceavam, saltavam e perseguiam-se em círculos aleatórios, como redemoinhos na superfície de um rio tranqüilo. Depois retomavam o ritmo anterior e seguiam os bandos à sua frente pela imensidão enevoada.

Ficamos olhando admirados. Todos os animais naquela multidão eram da mesma espécie, e cada indivíduo era idêntico aos outros, em todos os aspectos. Tinham todos uma cor escura e arroxeada, com um papo pendente e chifres em forma de lua crescente. Suas cabeças eram malformadas, com feios focinhos bulbosos, enquanto seus corpos inclinavam-se para trás, os ombros altos e os quadris curtos.

Quando finalmente arreamos os coches e continuamos a jornada, atravessamos aquele mar de animais como uma frota de galés. Eles se abriam para nos dar passagem, correndo dos dois lados e tão próximos que podíamos tocá-los com as mãos. Eram completamente dóceis e nos olhavam com olhos mortiços, sem qualquer curiosidade.

Quando chegou a hora da refeição do meio-dia, Memnon disparou seu arco e matou cinco antílopes com o mesmo número de flechas, esfolamos e partimos as carcaças enquanto seus companheiros continuavam correndo ao alcance de nossos braços. Apesar da estranha aparência dos animais, sua carne, grelhada em brasas, era tão boa quanto as melhores caças.

— É mais um presente dos deuses — afirmou Memnon. — Assim que reencontrarmos o exército, enviaremos uma expedição para seguir esses rebanhos. Poderemos defumar carne suficiente para alimentar os soldados e escravos até que esses animais voltem no próximo ano.

Por intermédio dos guias shilluks ficamos sabendo que aquela incrível migração era uma ocorrência anual, quando as manadas se mudavam de uma região de pastagens para outra, a centenas de milhas de distância. Os shilluks chamavam esse animal de "gnu", imitando seu estranho ruído de buzina.

— É um suprimento interminável, que será renovado a cada ano — informei ao príncipe.

Nenhum de nós podia prever os eventos catastróficos que adviriam dessa visita dos gnus. Eu deveria ter desconfiado, pelo modo como eles erguiam as cabeças e bufavam sem motivo, ou pelo corrimento de muco dos focinhos de alguns animais. No entanto, não dei muita importância a esse comportamento e os considerei criaturas inofensivas que só nos poderiam trazer grandes benefícios.

Assim que chegamos aos rios gêmeos, informamos à rainha Lostris sobre a migração, e ela concordou com a sugestão do príncipe Memnon. Sob a aprovação de Kratas e Remrem, ela o colocou no comando de uma coluna de duzentos coches, apoiados por carroças e milhares de shilluks. Mandou-o dizimar o maior número de gnus que fosse possível defumar, para as rações do exército.

Não acompanhei a expedição, pois o papel de assistente de açougueiro não me agradava. No entanto, logo enxergamos a fumaça dos fogos em que se curava a carne, escurecendo o horizonte, e dentro de poucos dias as carroças começaram a voltar carregadas com as postas enegrecidas.

Exatamente vinte dias depois de nosso primeiro encontro com a manada de gnus, eu estava sentado sob uma árvore frondosa na margem do Nilo, jogando *baô* com meu velho e querido amigo Aton. Como pequena indulgência a mim mesmo e por deferência a Aton, abri um jarro de ótimo vinho que ainda havia nas provisões que eu trouxera do Egito. Aton e eu jogávamos e brincávamos como velhos amigos e bebericávamos o vinho com grande prazer.

Não havia como sabermos da catástrofe que se aproximava e nos engolfaria a todos. Pelo contrário, eu tinha todos os motivos para estar satisfeito. No dia anterior havia terminado os projetos para a construção da tumba do faraó, em que incorporara diversas características para impedir depredações de saqueadores de túmulos. A rainha Lostris aprovou os desenhos e indicou um mestre pedreiro para chefiar as obras. Disse-me que eu poderia requisitar todos os escravos e equipamentos de que precisasse. Minha ama estava decidida a cumprir da melhor maneira possível sua promessa ao finado marido. Queria construir a melhor tumba que meu gênio fosse capaz de criar.

Eu havia vencido Aton na terceira partida consecutiva de *baô* e servia mais um jarro do excelente vinho, quando ouvi o barulho de cascos e vi um cavaleiro a galope aproximar-se das fileiras de coches. De longe reconheci Hui. Poucos homens montavam a cavalo, e certamente não em passo tão veloz. Enquanto ele corria em nossa direção, vi a expressão em seu rosto e fiquei alarmado. Levantei-me abruptamente, derrubando o vinho sobre o tabuleiro.

— Taita! — ele gritou de longe. — Os cavalos! Que a doce Isis se compadeça de nós. Os cavalos!

Ele freou a montaria e eu saltei em sua garupa, segurando-o pela cintura.

— Não perca tempo falando — gritei em seu ouvido. — Corra, amigo, corra!

Fui ver Paciência primeiro. Metade da manada fora atingida, mas ela era meu primeiro amor. A égua estava deitada de lado, com o peito arfante. Já estava velha, cheia de pêlos cinzentos no focinho. Eu não a havia atrelado desde o dia em que Lâmina fora morta pelo elefante. Embora ela não mais puxasse coches, era a melhor égua de nossos rebanhos. Seus potros herdavam seu grande coração e a inteligência vivida. Ela acabara de parir um lindo cavalinho que estava a seu lado, olhando-a ansiosamente.

Ajoelhei-me junto dela.

— O que houve, minha querida? — perguntei suavemente. Ela reconheceu minha voz e abriu os olhos.

As pálpebras estavam coladas com muco. Fiquei arrasado ao ver seu estado. Tinha o pescoço e a garganta inchados, com quase duas vezes seu tamanho normal. Um filete de pus amarelo e malcheiroso escorria-lhe da boca e das narinas. Ardia em febre, e senti o calor irradiar-se de seu corpo como se fosse uma fogueira.

Paciência tentou levantar-se quando afaguei seu pescoço, mas estava fraca demais. Tornou a deitar-se, e a respiração chiou em sua garganta, o pus espesso borbulhou de suas narinas e percebi que ela estava se afogando. A garganta se fechava e ela precisava lutar para respirar.

Paciência me olhou com uma expressão quase humana de confiança e apelo, e fui tomado por uma sensação de inutilidade. Esse problema estava além de minha experiência. Tirei o manto de linho dos ombros e usei-o para enxugar o pus de seu focinho. Foi uma tentativa patética, pois por mais depressa que eu enxugasse surgiam novos fios da substância pútrida.

— Taita! — Hui me chamou. — Todos os animais foram atacados por essa pestilência.

Deixei Paciência e percorri o resto da manada. Todos os animais estavam deitados, e os que ainda se mantinham de pé cambaleavam ou começavam a verter pus pela boca.

— Que podemos fazer? — Hui e todos os cocheiros me perguntavam. A confiança que tinham em mim era um fardo. Esperavam que eu sozinho impedisse o terrível desastre, e eu sabia que estava além de meu poder. Não conhecia um remédio e não conseguia pensar em nenhum tratamento, por mais drástico e inadequado.

Cambaleei até Paciência e enxuguei a última descarga de pus de seu focinho. Vi que ela submergia rapidamente. Cada respiração sua exigia um terrível esforço. A tristeza me enfraqueceu e eu sabia que em meu desamparo logo começaria a chorar e não teria mais qualquer utilidade para ninguém, homem ou cavalo.

Alguém ajoelhou-se ao meu lado e vi que era um dos cavaleiros shilluks, um rapaz simpático de quem eu me tornara amigo e que agora me considerava seu amo.

— É a doença dos gnus — ele me disse em sua língua singela. — Muitos morrerão.

Fiquei olhando para ele, e o que dissera começou a adquirir sentido em minha mente obnubilada. Lembrei-me dos rebanhos bufando e salivando que escureciam a planície e como os havíamos considerado um presente dos deuses benevolentes.

— Essa doença mata nosso gado quando os gnus chegam. Os que conseguem viver ficam a salvo. Nunca mais ficam doentes.

— Que podemos fazer para salvá-los, Habani? — perguntei, mas ele balançou a cabeça.

— Nada.

Eu segurava a cabeça de Paciência em meus braços quando ela morreu. A respiração sufocou em sua garganta, ela estremeceu e então suas pernas se enrijeceram e descontraíram. Eu gemi de dor e estava à beira do abismo do desespero quando ergui os olhos e, através das lágrimas, vi que o potro de Paciência estava deitado, com a baba amarela espumando na boca.

Naquele momento meu desespero foi substituído por uma raiva ardente.

— Não! — gritei. — Não vou deixá-lo morrer também.

Corri para o lado do filhote e gritei para Habani trazer baldes de água quente. Com um pano molhei o pescoço do potro, na tentativa de diminuir o inchaço, mas sem efeito. O pus escorria de suas narinas, e

a pele quente do pescoço se distendeu como uma bexiga cheia de ar.

— Ele está morrendo. — Habani balançou a cabeça. — Muitos vão morrer.

— Não deixarei isso acontecer — jurei gravemente, e mandei Hui até a galé buscar meus utensílios médicos.

Quando ele voltou era quase tarde demais. O potro estava agonizando. A respiração havia se reduzido muito e pude sentir suas forças esvair-se sob minhas mãos frenéticas. Apalpei os anéis da traquéia, na junção do pescoço com o peito. Com um corte raso na pele, expus o tubo branco e sinuoso, depois pressionei a ponta do escalpelo através dele e perfurei o revestimento rígido. Imediatamente o ar silvou pela abertura e vi o peito do potro inflar-se. Ele voltou a respirar num ritmo regular, mas percebi quase imediatamente que o corte na garganta voltava a se fechar com sangue e muco.

Apressadamente, arranquei um pedaço de bambu do coche mais próximo, fiz um tubo oco com sua extremidade e enfiei-o pela incisão. O tubo manteve a abertura livre e o potro se tranqüilizou quando o ar entrou sem empecilho.

— Hui! — gritei. — Vou lhe ensinar como salvá-los.

Antes do cair da noite eu havia treinado mais de cem cavaliços e cocheiros para realizar aquela cirurgia rude mas eficaz, e trabalhamos até o dia seguinte à luz tremulante das lamparinas a óleo.

Nessa época havia mais de treze mil cavalos nos estábulos reais. Era impossível salvar todos, por mais que tentássemos. Trabalhamos sem parar, enquanto o sangue das gargantas cortadas formava uma pasta negra em nossos braços. Quando a exaustão nos dominou, caímos sobre um monte de feno e dormimos durante uma hora. Depois nos levantamos e retomamos o trabalho.

Alguns cavalos não estavam tão afetados pela pestilência, que batizei de "Estrangulador Amarelo". Pareciam ter uma resistência inata à sua fúria. O corrimento dos focinhos não era mais copioso do que o que eu notara nos gnus, e muitos continuaram de pé e se livraram da doença dentro de alguns dias.

Muitos outros morreram antes que pudéssemos abrir suas traquéias, e mesmo alguns dos que operamos com sucesso morreram mais tarde, de infecção e complicações da ferida que havíamos feito. É claro que diversos cavalos estavam em incursões pela planície e distantes de meu auxílio. O príncipe Memnon perdeu dois de cada três animais e teve de abandonar os coches e voltar para Qebui a pé.

No fim, havíamos perdido mais da metade de nossos cavalos: sete morreram e os sobreviventes estavam tão fracos que levaram muitos meses para se recuperar e poder puxar os coches. O potro de Paciência salvou-se e ocupou o lugar da mãe em meu afeto. Puxava meu coche do lado direito, e era tão forte e confiável que eu o chamei de Rocha.

— Como essa peste afetará nossos planos de retornar rapidamente ao Egito? — perguntou minha ama.

— Vai nos atrasar em muitos anos — eu lhe disse, e vi a tristeza em seu olhar. — Perdemos a maioria dos melhores cavalos. Teremos de reconstituir os rebanhos reais e treinar cavalos jovens para puxar os coches.

No ano seguinte, esperei com temor pela migração anual dos gnus, mas quando ela ocorreu, e as enormes manadas mais uma vez escureceram as planícies, a opinião de Habani mostrou-se correta. Apenas alguns cavalos apresentaram os sintomas do Estrangulador Amarelo, de uma forma branda que os afetou durante apenas algumas semanas, e logo se restabeleceram e estavam prontos para trabalhar.

O que me causou estranheza foi que os potros nascidos no período posterior à primeira infecção da peste, e que nunca se expuseram à doença, eram imunes a ela, assim como as éguas que a haviam contraído. Era como se a imunidade se tivesse transferido para eles no leite que sugaram dos úberes das mães. Eu tinha certeza de que nunca mais sofreríamos aquela praga com sua força total.



Meu principal dever agora, de que me incumbiu minha ama, era a construção da tumba faraônica nas montanhas. Tive de passar muito tempo naquele lugar selvagem e assombroso, e fiquei fascinado por aquelas montanhas em todos os seus aspectos.

Como uma bela mulher, eram imprevisíveis: ora distantes e ocultas em densos véus de' nuvens cortadas por relâmpagos e sacudidas por trovões, ora esplêndidas e sedutoras, atraindo-me, desafiando-me a descobrir todos os seus segredos e experimentar suas perigosas delícias. Apesar de eu contar com oito mil escravos para realizar a tarefa, e da assistência constante de nossos melhores artistas e artesãos, a obra prosseguia lentamente. Eu sabia que seriam necessários muitos anos para terminar o elaborado mausoléu que minha ama fazia questão de erigir, e decorá-lo à altura do Senhor dos Dois Reinos. Na verdade não havia motivo para apressar a obra, pois também levaria muito tempo para reconstituir as manadas reais e treinar os regimentos de infantaria shilluks até que se equiparassem aos esquadrões hicsos que teriam de enfrentar.

Quando eu não estava no alto da montanha trabalhando na tumba, passava o tempo em Qebui, onde me aguardavam inúmeras tarefas e prazeres. Estes iam da educação das duas princesinhas até elaborar novas táticas militares com o senhor Tanus e o príncipe.

Nessa altura já ficara evidente que, se Memnon um dia comandaria todas as divisões de coches, Tanus jamais superaria sua desconfiança inicial pelos cavalos. Ele era até os ossos um marinheiro e um soldado de infantaria, e à medida que envelhecia tornava-se cada vez mais conservador no uso tradicional dos novos regimentos shilluks.

O príncipe se transformara num cocheiro ousado e inovador. Todos os dias ele produzia uma dezena de novas idéias, algumas irrealizáveis, outras brilhantes. Experimentamos todas, mesmo as que eu considerava impossíveis. Ele tinha dezesseis anos quando a rainha Lostris o promoveu ao posto de Melhor dos Dez Mil.

Agora que Tanus saía raramente comigo, aos poucos assumi o papel de principal condutor de Memnon. Nosso relacionamento tornou-se quase instintivo, e estendia-se à nossa parelha de cavalos favorita, Rocha e Corrente. Quando estávamos em trânsito, Memnon gostava de conduzir, e eu permanecia na plataforma atrás dele. Mas assim que entrávamos em ação ele me passava as rédeas e empunhava o arco ou as lanças. Eu conduzia o coche nas refregas e executava as manobras que criávamos juntos.

Com a maturidade e o fortalecimento de Memnon, começamos a conquistar prêmios nos jogos militares que alegravam nossa vida em Qebui. Primeiro vencemos as provas de velocidade, em que nossa parelha exibiu seus passos com perfeição depois começamos a ganhar as competições de arco e lança. Logo ficamos conhecidos como o principal coche a ser derrotado por quem quisesse receber da rainha Lostris a fita de campeão.

Lembro-me da ovação quando nosso carro voou pela marca final da corrida, eu nas rédeas e Memnon na plataforma, atirando lanças em alvos de palha dos dois lados depois a disparada enlouquecida, com o príncipe berrando como um demônio e seus longos cabelos esvoaçando como a cauda de um leão em disparada.

Em outros assuntos o príncipe se distinguia sem minha ajuda. Sempre que passava perto de garotas, com a Comenda do Mérito reluzindo em seu peito e a fita de campeão trançada nos cabelos, elas sorriam e enrubesciam, olhando-o com o canto dos olhos. Certa vez entrei correndo em sua tenda, levando-lhe alguma notícia importante, e parei abruptamente ao ver meu príncipe alheio a tudo que não fosse o jovem corpo e o rosto bonito que tinha por baixo do seu. Saí silenciosamente, um pouco entristecido por ele ter chegado ao fim da idade da inocência.

De todos os prazeres, para mim nenhum se comparava às horas preciosas que eu ainda conseguia passar com minha ama. Aos trinta e três anos, ela estava no apogeu da beleza. O encanto era acentuado por sua sofisticação e seu porte. Ela havia se tornado realmente uma rainha, uma mulher inigualável.

Todo o povo a amava, mas ninguém tanto quanto eu. Nem mesmo Tanus conseguia superar minha devoção a ela. Eu me orgulhava de que ainda precisasse tanto de mim e confiasse sem reservas em meu julgamento e meus conselhos. A parte as outras bênçãos que eu tinha para enfeitar minha existência, ela seria sempre o grande amor da minha vida.



Eu deveria me sentir satisfeito e pleno, mas tenho uma natureza inquieta, que se exacerbou com a nova paixão pelo nomadismo que me conquistara. Sempre que fazia uma pausa no trabalho na tumba faraônica e olhava para as montanhas, elas me chamavam. Comecei a fazer pequenas incursões pelas gargantas isoladas freqüentemente só, mas às vezes com Hui ou outro companheiro.

Hui estava comigo quando vi pela primeira vez nos altos penhascos os rebanhos de íbex. Era uma espécie de cabra selvagem que nunca havíamos visto, duas vezes maiores que as cabras que conhecíamos no vale do Nilo. Alguns machos tinham uma massa de chifres curvos que pareciam monstros de fábula.

Foi Hui quem levou a notícia dos enormes íbex até os rios gêmeos onde a frota estava ancorada. Dentro de um mês o senhor Tanus chegou ao vale da tumba real, com o arco ao ombro e o príncipe Memnon a seu lado. O príncipe tornara-se um caçador tão ávido quanto seu pai. Quanto a mim, aproveitei a oportunidade para explorar na companhia deles as fascinantes montanhas.

Tínhamos a intenção de nos aventurar apenas até a primeira fila de picos, mas quando os atingimos fomos brindados com uma paisagem deslumbrante. Vimos outras montanhas em forma de bigornas achatadas e castanhas como os leões. Estas reduziam a miniaturas os cumes em que nos encontrávamos e nos impeliram adiante.

O Nilo nos acompanhava por esses precipícios, vales e gargantas, despejando suas águas em brancas espumas. Nem sempre podíamos seguir seu curso, e em certos pontos éramos obrigados a percorrer tortuosas trilhas de cabras pelas vertentes abruptas.

Então, depois de nos atrair para suas profundezas, a montanha despejou sua fúria sobre nós.

Éramos cem homens na companhia, com dez cavalos carregados de provisões. Estávamos acampados num daqueles desfiladeiros profundos, com os últimos troféus de caça de Tanus e Memnon

dispostos no solo rochoso para que os admirássemos. Eram duas cabeças de cabra, as maiores que já havíamos visto em todas as nossas viagens, com chifres tão pesados que eram necessários dois escravos para levantar uma delas. De repente começou a chover.

Em nosso vale egípcio pode chover uma vez em vinte anos. Nenhum de nós jamais imaginara algo remotamente parecido com a chuva que desabou sobre nós então.

Primeiro, densas nuvens negras encobriram a faixa estreita de céu visível entre os penhascos que nos emparedavam, de modo que fomos mergulhados numa profunda escuridão em pleno meio-dia. Um vento frio percorreu o vale, gelando nossos corpos e espíritos. Decepcionados, nos agrupamos.

Depois o relâmpago caiu do ventre das nuvens e espatifou-se nos rochedos à nossa volta, enchendo o ar de fagulhas e o cheiro de enxofre. O trovão ribombou sobre nós, amplificando-se ao rolar entre os penhascos, e a terra tremeu sob nossos pés.

Então veio a chuva. Não caiu em forma de gotas. Era como se estivéssemos sob uma das cataratas do Nilo em plena cheia. Não havia ar para respirar, a água enchia nossas bocas e narinas, parecíamos estar nos afogando. A chuva era tão espessa que mal conseguíamos enxergar os contornos imprecisos do homem ao nosso lado. Golpeava-nos com tanta força que nos derrubou, obrigando-nos a rastejar para baixo das rochas mais próximas. Era algo que nos entorpecia os sentidos, mordida nossa pele exposta como um enxame de abelhas furiosas.

Fazia frio. Eu nunca sentira aquela temperatura, e estávamos protegidos apenas por finos mantos de linho. O frio extraiu a força de nossos membros, e trememos até bater os dentes, sem conseguir pará-los mesmo que os uníssemos com toda a força.

Então, acima do barulho da chuva, ouvi um novo som. Era a água que se transformava num monstro devastador. Descendo pelo estreito vale em que estávamos, veio uma parede de água cinzenta que se estendia de um penhasco ao outro e carregava tudo em seu caminho.

Fui apanhado por ela e arrastado aos trambolhões. Senti-me espancado à morte ao ser atirado contra as pedras, e a água gelada invadiu minha garganta. Fui engolfado pela escuridão e pensei que havia morrido.

Tenho a vaga lembrança de mãos me retirando da inundação, e depois levando-me suavemente para uma praia escura e longínqua. A voz do príncipe me chamou. Antes de abrir os olhos senti o odor de fumaça e senti o calor das chamas de um lado do corpo.

— Tata, acorde! Fale comigo — a voz era insistente, e abri os olhos. O rosto de Memnon flutuou diante de mim, e ele sorriu. Então disse: Ele acordou, senhor Tanus.

Percebi que estávamos numa caverna na rocha e que era noite lá fora. Tanus aproximou-se da fogueira de lenha úmida e agachou-se junto do príncipe, em meio à fumaça.

— Como vai, meu velho amigo? Acho que não quebrou nenhum osso.

Esforcei-me para me sentar e experimentei todas as partes do corpo antes de responder:

— Minha cabeça está rachada e todos os ossos me doem. Além disso, tenho frio e fome.

— Então está vivo — Tanus brincou. — Mas pouco tempo atrás duvidei que qualquer um de nós conseguisse escapar. Temos de sair destas malditas montanhas antes que algo pior aconteça. Foi insensatez nos aventurarmos num lugar onde o rio desce do céu.

— E os outros? — perguntei. Tanus balançou a cabeça.

— Todos afogados. Você foi o único que conseguimos tirar da enxurrada.

— E os cavalos?

— Mortos — ele resmungou. — Perdemos todos.

— E a comida?

— Nada — retrucou Tanus. — Até meu arco foi levado pelo rio. Só fiquei com minha espada e minhas roupas.



Ao amanhecer, deixamos nosso abrigo nas rochas e começamos a descer o vale traiçoeiro. Na base do desfiladeiro encontramos os corpos de alguns dos nossos homens e cavalos espalhados pelas rochas onde haviam aportado quando a enxurrada baixou. Vasculhando os rochedos, conseguimos recuperar algumas provisões e equipamentos. Para minha grande alegria, descobri intacta minha cesta de médico, apesar de encharcada. Estendi seu conteúdo sobre uma pedra, e enquanto secava fiz com uma rédea de couro um suporte para carregá-la nas costas.

Enquanto isso, Memnon cortou tiras de carne dos cadáveres dos cavalos e grelhou-as ao fogo. Depois de comermos até nos saciar, guardamos o que restou e iniciamos o retorno.

A jornada aos poucos transformou-se em pesadelo, ao escalarmos encostas íngremes e descer profundas gargantas. Aquela imensidão terrível parecia não ter fim, e nossos pés feridos, em sandálias abertas, protestavam a cada passo. A noite tremíamos miseravelmente ao redor de uma fogueira fumegante, feita de madeira úmida.

No segundo dia compreendemos que estávamos perdidos e vagando sem rumo. Eu estava certo de que nosso destino era morrer naquelas montanhas. Então escutamos o rio e, ao galgarmos o próximo passo entre dois picos, deparamos com o jovem Nilo serpeando nas profundezas abaixo. Mas não era tudo. Nas margens do rio havia diversas tendas coloridas, e entre elas os vultos de homens em movimento.

— Homens civilizados — eu disse imediatamente. — Essas tendas são feitas de tecido.

— E aquilo são cavalos — concordou Memnon com entusiasmo, apontando os animais presos por cordas ao lado do acampamento.

— Veja! — Tanus apontou. — Aquilo foi o reflexo de uma espada ou de uma lança. São ferreiros.

— Precisamos descobrir que povo é esse. — Eu estava fascinado por saber que tribo viveria numa terra tão inóspita.

— Vamos acabar com as gargantas cortadas — resmungou Tanus. — O que o faz acreditar que esses montanheses não sejam tão selvagens quanto a terra em que vivem?

Somente mais tarde viríamos a conhecer esse povo como "etíopes".

— Os cavalos são magníficos — murmurou Memnon. — Os nossos não são tão altos nem robustos. Devemos ir até lá examiná-los. — O príncipe era antes de tudo um cavaleiro.

— O senhor Tanus tem razão. — Sua advertência havia despertado minha prudência habitual, e prontamente aconselhei cautela. — Podem ser selvagens perigosos com equipamentos de homens

civilizados.

Sentamo-nos no cume da montanha e discutimos por algum tempo, mas afinal a curiosidade nos dominou e descemos por uma ravina para espionar aqueles estranhos.

Ao nos aproximar, vimos que eram homens altos e robustos, provavelmente de porte mais sólido que nós, egípcios. Tinham o cabelo escuro e grosso, bastante encaracolado. Os homens usavam barba, enquanto nós raspamos o rosto. Eles usavam túnicas longas de alegre colorido, provavelmente tecidas em lã. Nós andamos de peito nu e geralmente vestimos saíotes brancos. Eles usavam botas de couro macio, em contraste com nossas sandálias, e um pano colorido envolvendo a cabeça.

As mulheres que vimos trabalhando entre as tendas eram alegres e não usavam véu. Enquanto carregavam água, cozinhavam agachadas junto a fogueiras ou moíam milho, cantavam e conversavam com vozes melodiosas, numa língua que eu jamais havia escutado.

Um grupo de homens jogava um jogo de tabuleiro que, de onde eu observava, parecia-se muito com o *bao*. Faziam apostas e discutiam os movimentos das pedras. A certa altura, dois levantaram-se de repente e puxaram dos cintos suas adagas curvas. Enfrentaram-se rosnando e bufando como gatos selvagens.

Nesse ponto um terceiro homem, que estava sentado sozinho, levantou-se e espreguiçou-se como um leopardo tranqüilo. Caminhou até os outros e com um golpe de espada derrubou as adagas. Imediatamente os dois valentões se acalmaram e retraíram.

O pacificador era claramente o chefe do grupo. Era um homem alto, com o porte esguio de um bode montes, e assemelhava-se a um bode em outros aspectos. Tinha a barba longa e espessa de um íbex, as feições rudes e caprinas: o nariz grosso e encurvado, um esgar cruel na boca. Achei que ele provavelmente cheirava mal como os velhos bodes que Tanus e eu havíamos matado nos penhascos.

Subitamente senti Tanus agarrar meu braço e sussurrar em meu ouvido:

— Veja aquilo!

O chefe usava a roupa mais rica de todos eles, listrada em azul e escarlata, e brincos de pedras que brilhavam como a lua cheia. Mas não percebi o que tanto havia excitado Tanus.

— A espada! — Tanus sibilou. — Olhe a espada dele.

Reparei nela pela primeira vez. Era mais longa que as nossas, e o punho evidentemente de filigrana de ouro, de uma delicadeza que eu jamais havia visto. A guarda era cravejada de pedras preciosas. Uma obra-prima que com certeza ocupara a vida inteira de um artista.

Mas não era isso que havia chamado a atenção de Tanus. Era a lâmina. Longa como o braço do chefe, fora feita de um metal que não era nem amarelo como o bronze nem vermelho como o cobre, mas de um estranho azul com reflexos prateados, como as escamas de uma carpa do Nilo recém-pescada. Era incrustada de ouro, como que para realçar seu valor único.

— O que é isso? — Tanus murmurou. — Que metal é esse?

— Não sei.

O líder retomou seu assento diante da tenda, mas agora colocou a espada sobre o colo e, com um pedaço de rocha vulcânica em forma de falo, começou a afagar carinhosamente o gume da lâmina. O metal emitia um tinido a cada toque da pedra. O bronze não ressoava daquele jeito. Parecia o ronronar de um leão em repouso.

— Eu a quero — Tanus sussurrou. — Não descansarei enquanto não tiver aquela espada.

Eu o olhei assustado, pois nunca havia escutado aquele tom em sua voz. Vi que realmente falava a sério. Era um homem tomado por uma paixão súbita e avassaladora.

— Não podemos continuar aqui — eu lhe disse suavemente. — Seremos descobertos. — Peguei o braço dele, mas Tanus resistiu e continuou olhando para a espada.

— Vamos ver os cavalos — insisti, e afinal ele permitiu que o tirasse dali. Conduzi Memnon pela outra mão. Rodeamos o acampamento a uma distância segura e rastejamos em direção aos cavalos.

Quando os vi de perto, fui tomado de uma paixão tão impetuosa quanto a de Tanus pela espada azul. Eram de uma raça diferente dos nossos animais hicsos, mais alta e de proporções mais elegantes. Tinham cabeças nobres e narinas dilatadas. Eu sabia que aquelas narinas indicavam energia e resistência. Seus olhos grandes e dóceis situavam-se mais à frente na cabeça e, mais proeminentes que os dos nossos animais, reluziam de inteligência.

— São maravilhosos — sussurrou Memnon ao meu lado. — Veja o porte de suas cabeças e os pescoços arqueados.

Tanus almejava a espada e nós cobiçávamos os cavalos com a mesma intensidade.

— Apenas um daqueles ganhões para cobrir nossas éguas... — supliquei a qualquer deus que estivesse escutando. — Eu trocaria um só deles por minha esperança de vida eterna.

Um dos cavaliços olhou para onde estávamos, depois disse algo para o companheiro a seu lado e começou a andar em nossa direção. Dessa vez não precisei insistir, e nós três nos abaixamos atrás do rochedo e nos afastamos rastejando. Encontramos um esconderijo seguro rio abaixo, no meio de um monte de pedras desmoronadas, e imediatamente iniciamos uma daquelas discussões em que todo mundo fala ao mesmo tempo e ninguém escuta.

— Irei até lá e oferecerei a ele dez mil *deben* de ouro — ameaçou Tanus. — Preciso ter aquela espada!

— Ele o mataria primeiro. Não a viu acariciá-la como se fosse seu filho primogênito?

— Que cavalos! — maravilhou-se Memnon. — Nunca sonhei com tamanha beleza. Hórus deve ter animais como aqueles para puxar seu coche.

— Viu aqueles dois se enfrentarem? — adverti-os. — São selvagens e sanguinários. Estripariam você antes que abrisse a boca para balbuciar uma palavra. Além disso, o que tem a oferecer em troca? Eles pensarão que somos meros mendigos.

— Poderíamos roubar três ganhões e galopar pela planície à noite — sugeriu Memnon, e apesar de a idéia me atrair eu respondi seriamente:

— Você é o príncipe real do Egito, e não um ladrão comum. Ele sorriu.

— Por um daqueles cavalos eu cortaria gargantas como o pior assaltante de Tebas.

Enquanto conversávamos, subitamente percebemos o som de vozes que se aproximavam pela margem do rio, vindo da direção do acampamento. Procuramos nos abrigar melhor.

As vozes chegaram mais perto. Um grupo de mulheres apareceu e parou perto de nós, à beira d'água. Havia três mais velhas e uma menina. Vestiam túnicas de cor mortiça e panos pretos ao redor da cabeça. Pensei que fossem empregadas ou aias. Não me ocorreu que fossem guardas, pois tratavam a jovem com grande deferência.

A menina era alta e magra, e ao caminhar lembrava um papiro à brisa do Nilo. Usava uma túnica curta de bonita lã, listrada de amarelo e azul, que deixava seus tornozelos à mostra. Apesar de usar botas curtas de couro macio costurado, vi que tinha pernas esguias e flexíveis.

As mulheres pararam perto de nosso esconderijo, e uma das velhas começou a despir a moça. As outras duas encheram com água do rio os recipientes de barro que haviam carregado nas cabeças. O Nilo estava volumoso devido à enxurrada e ninguém poderia entrar com segurança na torrente gelada. Estava claro que iriam banhar a garota usando os jarros.

Uma das mulheres ergueu a túnica da moça sobre sua cabeça e ela ficou nua à beira do rio. Ouvi Memnon engasgar-se. Olhei para ele e percebi que havia esquecido completamente o roubo dos cavalos.

Enquanto duas mulheres despejavam água dos jarros sobre a garota, a terceira a esfregava com um pano dobrado. A menina mantinha as mãos acima da cabeça e circulava lentamente para permitir que a outra lhe banhasse todo o corpo. Ela ria e dava gritinhos por causa do frio, e vi seus mamilos arrepiar-se. Eram rubros como rubi polido, montados como jóias no cume de cada seio redondo e macio.

Seu cabelo era uma escura melena de cachos apertados. A pele parecia o cerne da acácia encerada, de um castanho rico e vigoroso, queimado ao sol forte das montanhas.

Suas feições eram delicadas, o nariz reto e cinzelado, lábios macios e fartos, mas não grossos. Os olhos eram escuros e grandes, acima das maçãs do rosto salientes, e os cílios, tão espessos que se emaranhavam. Era linda. Eu só conhecia uma mulher mais bela.

De repente ela disse alguma coisa às outras, que se afastaram. Então veio caminhando com as pernas longas e nuas em nossa direção. Antes de alcançar nosso esconderijo, colocou-se atrás de uma pedra que a ocultava de suas companheiras, mas a deixava totalmente à nossa vista. Olhou ao redor rapidamente, mas não nos notou. A água fria devia tê-la afetado, pois agachou-se com pressa e seu próprio líquido escorreu pela pedra.

Memnon gemeu baixinho. Foi algo instintivo, não intencional, um som de desejo tão intenso que era quase uma dor. A garota levantou-se de um salto e olhou diretamente para ele. Memnon estava de pé, um pouco distante de Tanus e eu. Nós estávamos escondidos, mas ele, totalmente visível para ela.

Os dois olharam-se fixamente. A garota estremeceu, com os olhos escuros arregalados. Esperei que corresse ou gritasse, mas em vez disso ela olhou sobre o ombro num gesto conspirador, como que para se certificar de que as mulheres não a haviam seguido. Então virou-se para Memnon e, com uma voz doce e suave, pronunciou uma pergunta, enquanto lhe estendia a mão num gesto de apelo.

— Não entendo — disse Memnon, e abriu a mão demonstrando incompreensão.

A garota aproximou-se e repetiu a pergunta com impaciência, e quando Memnon balançou a cabeça ela pegou a mão dele e a sacudiu. Em sua agitação, a voz da menina elevou-se ao repetir a pergunta.

— Masara! — Uma das aias havia escutado. — Masara! — Era sem dúvida o nome da menina, pois ela fez um sinal de silêncio e atenção para Memnon e virou-se para voltar.

No entanto, as três mulheres haviam começado a subir o barranco atrás da garota. Tagarelando alarmadas, rodearam a rocha e detiveram-se ao ver Memnon.

Por um instante ninguém se mexeu, então as três mulheres gritaram em uníssono. A garota nua parecia prestes a correr para Memnon, mas ao começar o movimento duas das mulheres a agarraram as quatro estavam gritando agora, enquanto a menina lutava para libertar-se.

— Está na hora de ir para casa! — Tanus puxou meu braço e eu disparei atrás dele.

Da direção do acampamento vinham os gritos de vários homens, alertados pelas mulheres. Quando parei para olhar para trás, vi-os aproximar-se em bando. Vi também que Memnon não nos havia acompanhado, mas saltara em socorro da jovem.

Eram mulheres altas e a seguravam com força, enquanto redobravam os gritos. Embora Masara tentasse desesperadamente se libertar, Memnon não conseguia afastá-la das outras.

— Tanus! — gritei. — Memnon está em perigo.

Recuamos, agarramos o impetuoso príncipe e o carregamos embora. Ele aceitou com relutância.

— Voltarei para buscá-la! — o príncipe gritou para a garota, olhando para trás enquanto corríamos com ele entre nós. — Seja corajosa. Eu voltarei!

Quando hoje em dia alguém me diz que não existe amor à primeira vista, sorrio discretamente comigo mesmo e penso no dia em que Memnon conheceu Masara.

Havíamos nos retardado ao voltar para recolher Memnon, e nossos perseguidores já se aproximavam quando enveredamos por uma trilha de cabras e corremos subindo a encosta. Uma flecha zuniu junto ao ombro de Memnon e espatifou-se nas rochas que ladeavam o caminho, fazendo-nos correr ainda mais.

Seguíamos em fila única pelo caminho estreito, Memnon à frente e Tanus atrás dele. Eu era o último da fila, e sobrecarregado pelo peso da cesta de médico em minhas costas comecei a me retardar. Mais uma flecha voou sobre nossas cabeças, e a terceira atingiu minha mochila com uma força que me fez cambalear. Mas o cesto aparou a seta, que de outra forma teria atravessado meu corpo.

— Vamos, Taita! — Tanus gritou. — Jogue fora essa maldita cesta, ou o alcançarão.

Ele e Memnon estavam cinqüenta passos à minha frente e se distanciando, mas eu não podia descartar minha preciosa carga. Nesse momento veio a próxima flecha, e não tive tanta sorte. Ela atingiu minha perna, na parte carnuda da coxa. Tropecei nas pedras e caí com um baque.

Rolei até ficar sentado e olhei horrorizado para a haste vermelha que se projetava de minha perna. Então olhei para nossos perseguidores. O chefe barbado vinha na frente, cerca de cem passos adiante dos demais. Percorria a trilha com uma série de grandes saltos elásticos, vencendo o terreno com tanta agilidade quanto os íbex, com que se assemelhava em outros aspectos.

— Taita! — Tanus gritou. — Você está bem?

Ele havia parado no topo da subida e olhava para trás com ansiedade. Memnon desaparecera do outro lado.

— Fui atingido! — gritei em resposta. — Vão embora e me deixem. Não posso continuar.

Sem hesitar por um momento, Tanus virou-se e veio em minha direção, saltando. O chefe etíope o viu chegar e bradou um desafio. Puxou a espada reluzente e brandiu-a ao subir a encosta.

Tanus chegou ao ponto onde eu estava e tentou levantar-me.

— Não adianta.-Estou muito ferido. Salve-se — eu lhe disse, mas o etíope já quase nos alcançara. Tanus largou meu braço e desembainhou a espada.

Os dois se chocaram, avançando um contra o outro com ímpeto assassino. Eu não tinha dúvida do resultado desse duelo, pois Tanus era o mais forte e mais experiente espadachim de todo o Egito. Quando ele matasse o etíope, estaríamos todos condenados, pois não poderíamos esperar perdão de seus asseclas.

O etíope desferiu um primeiro golpe impressionante, visando a cabeça de Tanus. Foi um golpe imprudente contra um adversário daquele calibre. Eu sabia que a reação de Tanus seria um golpe na altura da cabeça e um contragolpe natural, com todo o impulso dos ombros, que enfiaria a ponta da espada através da barba do chefe e por sua garganta. Era um dos golpes favoritos de Tanus.

As duas lâminas se chocaram, mas não houve o estrépito metálico.

A lâmina azul cortou com facilidade o bronze amarelo de Tanus, como se fosse um ramo verde de salgueiro. Tanus ficou com o punho da espada na mão e um toco do que outrora fora sua mortífera lâmina de bronze.

Tanus, atônito pela facilidade com que o etíope o desarmara, demorou para se defender do próximo golpe, que veio como um relâmpago. Saltou para trás em tempo, mas a ponta azul abriu um longo corte superficial nos músculos de seu peito nu e o sangue verteu rapidamente.

— Corra, Tanus! — gritei. — Ou ele matará a nós dois.

O etíope avançou novamente, mas eu estava deitado no meio do caminho estreito. Ele foi obrigado a pular meu corpo para alcançar Tanus, e agarrei-o pelos joelhos com os dois braços, fazendo-o despencar em cima de mim, enfurecido.

O etíope tentava dirigir a ponta da espada azul para minha barriga, mas me contorci com tanta força que nós dois rolamos para fora da trilha e começamos a escorregar pela encosta de cascalho. Ao deslizarmos, ganhando velocidade, tive uma última visão de Tanus espiando sobre a borda do caminho e gritei em desespero:

— Fuja! Cuide de Memnon!

O cascalho solto era tão traiçoeiro quanto um pântano de areia movediça. O etíope e eu fomos atirados em direções diferentes, mas ambos fomos carregados até o fim da torrente. Eu fui massacrado quase até a inconsciência, e fiquei deitado ali, gemendo. Mãos rudes fizeram-me levantar, com uma chuva de murros e xingamentos sobre minha cabeça.

O chefe inimigo impediu-os de me matar e atirar o corpo ao rio. Ele estava coberto de poeira, como eu, com a túnica rasgada e imunda, mas a espada azul continuava firme em sua mão e ele rosnou para seus homens. Eles começaram a arrastar-me em direção ao acampamento. Olhei em volta desesperadamente e vi minha cesta de médico entre as rochas. O arreio de couro havia arrebentado e ela caíra de minhas costas.

— Traga aquilo — ordenei a meus captores com o máximo de força e dignidade de que eu era capaz, e aponte para a cesta. Eles riram de minha insolência, mas o líder mandou que um de seus homens a apanhasse.

Era necessário que dois deles me sustentassem, pois a flecha fincada em minha perna começava a provocar dores paralisantes. Cada passo no caminho do acampamento era uma agonia, e quando eles o alcançaram atiraram-me ao chão no espaço aberto no meio do círculo de tendas.

Então discutiram longa e acirradamente. Com certeza estavam intrigados sobre minha origem e minhas intenções, e tentavam decidir o que fazer. De vez em quando um deles se aproximava e chutava-me as costelas, enquanto gritava perguntas. Fiquei deitado o mais quieto possível, para não provocar mais violência.

Houve uma agitação quando o grupo que havia perseguido Tanus e Memnon voltou de mãos vazias. Eles gesticularam, trocando insultos e recriminações. Alegrei-me ao pensar que os dois se haviam

safado.

Depois de um instante, meus captores lembraram-se de mim e voltaram a descarregar sua frustração com novos golpes e pontapés. Afinal, seu líder os deteve e ordenou-lhes que parassem de me atormentar. Depois disso a maioria deles perdeu o interesse e se afastou. Continuei deitado no chão, coberto de terra e ferimentos, com a flecha ainda alojada na perna.

O chefe etíope retomou seu assento em frente à tenda maior, que obviamente era a dele, e enquanto alisava a espada olhou para mim com uma expressão impassível e inescrutável. De vez em quando trocava algumas palavras em voz baixa com seus homens, mas parecia-me que o perigo imediato havia passado.

Avaliei a situação com cuidado e então voltei-me diretamente para ele. Indiquei meu cesto de medicamentos, que havia sido atirado contra uma das tendas, e falei com voz suave e tranqüilizadora:

— Preciso do meu cesto. Para tratar o ferimento.

Apesar de o chefe não compreender as palavras, entendeu meus gestos. Mandou um dos homens levar-lhe o cesto, cuja tampa abriu cuidadosamente. Desembalou o conteúdo com método, examinando cada item em separado. Quando alguma coisa atraía especialmente sua atenção, ele a levantava e fazia uma pergunta que eu tentava responder com gestos.

Ele pareceu satisfeito que o cesto, fora os escalpelos, não contivesse armas perigosas. Não tenho certeza se ele percebeu que se tratava de utensílios médicos, mas através de sinais mostrei-lhe o que eu precisava fazer, apontando para minha perna e fazendo a mímica de arrancar a flecha. Ele parou junto de mim com a espada na mão e deixou claro que deceparia minha cabeça ao menor sinal de trapaça, mas permitiu que eu usasse os instrumentos.

A flecha havia penetrado num ângulo que me dificultava alcançá-la. Além disso, a dor que causei a mim mesmo, ao usar as colheres de Taita para agarrar e envolver a ponta serrilhada cravada em minha carne, mais uma vez quase me fez desmaiar.

Eu arfava e estava banhado em suor quando finalmente me preparei para puxar a flecha. A essa altura, tinha uma platéia de metade dos homens do acampamento. Eles haviam voltado a se reunir a meu redor e observavam minha cirurgia com animado interesse.

Coloquei um pedaço de madeira entre meus dentes e mordi com força, segurei com firmeza os cabos das colheres e arranquei a ponta de flecha denteada do ferimento. Houve gritos de espanto entre meu público. Com certeza nenhum deles havia visto uma flecha ser retirada com tanta facilidade e poucos danos à vítima. Ficaram ainda mais impressionados quando viram a técnica e a perícia com que apliquei as bandagens de linho.

Em qualquer nação e em qualquer cultura, mesmo as mais primitivas, o curandeiro e o médico têm um lugar especial, honrado e estimado. Eu havia exibido minhas credenciais da maneira mais convincente, e minha posição no acampamento etíope se modificara drasticamente.

Por ordem do chefe, fui carregado para uma das tendas e deitado num colchão de palha. Meu cesto de médico foi colocado ao lado da cama e uma mulher me trouxe uma refeição de pão de milho, galinha cozida e leite grosso e azedo.

De manhã, quando as tendas foram desarmadas, colocaram-me numa liteira puxada por um cavalo da extensa caravana, que me arrastou pelas trilhas acidentadas à beira dos precipícios. Para minha decepção, vi pela posição do sol que nos dirigíamos para o interior das montanhas, e temi perder-me

talvez para sempre de meu povo. O fato de eu ser médico provavelmente me havia salvado a vida, mas também me conferira um valor que jamais me deixaria livre. Eu sabia que agora era um escravo inestimável.



Apesar dos solavancos da liteira, minha perna começou a sarar visivelmente. Isso impressionou ainda mais meus captores, e logo eles me trouxeram os membros do grupo que se encontravam feridos ou enfermos.

Curei uma micose e lancetei um panarício sob uma unha de polegar. Costurei um homem que havia ganhado demais no jogo contra adversários mal-humorados. Os etíopes tendiam a acertar discussões com a adaga. Quando um cavalo atirou seu cavaleiro num buraco, consertei-lhe o braço que sarou perfeitamente, e assim minha reputação crescia. O chefe etíope olhava para mim com novo respeito. Oferecia-me a tigela de comida depois de escolher os melhores pedaços, antes que qualquer outro tivesse autorização para comer.

Quando minha perna sarou o suficiente para eu voltar a andar, permitiram-me perambular pelo acampamento. No entanto, eu não podia sair de vista. Um homem armado me seguia e vigiava, mesmo quando eu me dedicava às atividades mais íntimas entre as rochas.

Mantiveram-me distante de Masara, que via apenas de longe no início de cada jornada e quando acampávamos para passar a noite. Durante o longo dia de percurso pelas montanhas, ficávamos separados e eu ia na dianteira da caravana, ela ficava no fim, sempre acompanhada por suas vigias e geralmente cercada de guardas.

Sempre que nos víamos, Masara me lançava olhares desesperados, como se eu pudesse ajudá-la de alguma forma. Era certamente uma prisioneira importante. A jovem era tão encantadora que freqüentemente eu me via pensando nela durante o percurso, tentando adivinhar o motivo de sua prisão. Cheguei à conclusão de que era ou uma noiva arredia sendo levada ao encontro do futuro marido, ou uma peça numa importante intriga política.

Sem qualquer conhecimento da língua, eu não podia entender o que estava acontecendo ou aprender qualquer coisa sobre os etíopes. Decidi-me a aprender a língua deles, o gueês.

Tenho ouvido musical e preparei alguns truques. Escutei atentamente a conversa a meu redor e aprendi a cadência e o ritmo da fala de meus captores. Em pouco tempo deduzi que o nome do líder era Arkun. Certa manhã, antes da partida da caravana, Arkun estava dando ordens para a marcha do dia ao bando reunido. Esperei até ele terminar uma longa e acalorada arenga, então repeti-a com precisão, no mesmo tom e cadência.

Eles me escutaram num silêncio estupefato, e então explodiram em gargalhadas. Riam e davam tapas nas costas uns dos outros, com lágrimas a escorrer pelos rostos, pois tinham um senso de humor franco e descomplicado. Eu não tinha a mínima idéia do que havia dito, mas era evidente que havia falado perfeitamente.

Eles gritavam entre si trechos do meu discurso e abanavam as mãos, imitando as maneiras afetadas de Arkun. Levou muito tempo para a ordem se restabelecer, mas afinal o chefe caminhou até mim e

vociferou uma indagação acusatória. Não entendi uma palavra, mas gritei a mesma questão de volta, palavra por palavra.

Dessa vez houve um pandemônio. A piada fora impossível. Homens adultos apoiavam-se uns nos outros para não cair, gritavam e enxugavam os olhos molhados de tanto riso. Um deles caiu na fogueira e chamuscou a barba.

Embora fosse motivo de chacota, Arkun também riu com os outros e me deu tapas nas costas. Dali em diante, cada homem e mulher do acampamento tornou-se meu professor. Bastava eu apontar para um objeto e eles me diziam a palavra em gueês. Quando comecei a articular palavras em frases, eles me corrigiam de boa vontade e orgulhavam-se do meu progresso.

Levei algum tempo para decifrar a gramática. Os verbos eram conjugados de uma maneira completamente diferente do egípcio, e o plural e o gênero dos substantivos eram estranhos. Mas em dez dias eu estava falando gueês de modo inteligível e havia colecionado uma boa seleção de insultos e impropérios.

Enquanto eu aprendia a língua e tratava suas mazelas, estudava os costumes e hábitos do povo. Aprendi que eram jogadores inveterados, e que o jogo de tabuleiro que praticavam interminavelmente era uma paixão. Chamavam-no *dom*, mas era uma forma simplificada e rudimentar do *baò*. O número de casas do tabuleiro e a quantidade de peças em jogo eram diferentes, mas os objetivos e os princípios, semelhantes.

O próprio Arkun era o campeão de *dom* do grupo, mas ao estudar seu jogo vi que ele não tinha idéia da regra clássica das sete pedras. Tampouco compreendia o protocolo dos quatro touros. Sem um conhecimento perfeito destes, nenhum jogador de *baò* poderia aspirar a ser um mestre de terceira classe. Avaliei os riscos que, correria ao humilhar um tirano tão despótico quanto Arkun, mas afinal decidi que seria a única forma de obter ascendência sobre ele.

Na próxima vez em que ele se sentou diante da tenda e armou o tabuleiro, sorrindo e retorcendo os bigodes enquanto esperava que alguém o desafiasse, empurrei para o lado o primeiro candidato e sentei-me de pernas cruzadas à frente de Arkun.

— Não tenho prata para apostar — eu lhe disse em minha linguagem ainda rudimentar. — Jogarei por amor às pedras.

Ele assentiu gravemente. Como amante do jogo, compreendia aquele sentimento. A notícia de que eu enfrentaria Arkun correu o acampamento e todos vieram assistir, rindo e empurrando-se uns aos outros.

Quando permiti que o chefe colocasse três pedras no castelo a leste, a platéia trocou olhares de decepção, acreditando que o jogo logo acabaria. Se ele colocasse mais uma peça a leste, ganharia. Não compreendiam a importância dos quatro touros que eu havia disposto ao sul, dividindo as peças sem apoio do adversário e isolando o castelo leste. Ele estava impotente para defender-se. Em quatro jogadas o tabuleiro seria meu, e nem havia sido preciso demonstrar a regra das sete pedras.

Por alguns instantes todos ficaram num silêncio chocado. Acho que durante algum tempo Arkun não percebeu a extensão de sua derrota. Depois, ao dar-se conta, levantou-se e puxou a terrível espada azul. Pensei que eu houvesse calculado mal sua reação e que ele estivesse disposto a me decapitar, ou pelo menos decepar-me um braço.

Ergueu bem alto a espada e baixou-a com um grito furioso. Com uma dúzia de golpes, fez picadinho do tabuleiro e espalhou as pedras pelo acampamento. Então andou até os rochedos, arrancando a barba e

gritando ameaças de morte a mim entre os enormes penhascos, que as repetiam em minha direção, ecoando pelos vales numa seqüência de sons cada vez mais fracos.

Passaram-se três dias antes que Arkun armasse novamente o tabuleiro e sinalizasse para eu me sentar à sua frente. O pobre sujeito não tinha noção do que o esperava.



Dia a dia meu domínio da língua gueês aumentava, e enfim pude aprender algo sobre meu captor e o motivo de sua longa jornada pelos desfiladeiros e gargantas.

Eu havia subestimado Arkun. Ele não era um chefe, mas um rei. Seu nome completo era Arkun Gannuchi Maryam, Negusa Naghast, "rei dos reis" e governante da nação etíope de Aksum. Somente mais tarde eu soube que naquela terra qualquer assaltante das montanhas com cem cavalos e cinquenta esposas podia se estabelecer como rei, e que em qualquer ocasião podia haver vinte reis dos reis em disputa pela terra e seus bens.

O vizinho mais próximo de Arkun era Prester Beni-Jon, que também se considerava o rei dos reis e governante da nação etíope de Aksum. Parecia haver equilíbrio na rivalidade entre os dois monarcas, que já haviam lutado diversas batalhas inconclusivas.

Masara era a filha favorita de Prester Beni-Jon e fora raptada por outro chefe, um assaltante que ainda não se havia coroado nem adotado o título habitual de rei dos reis. Num acordo comercial, Masara havia sido vendida a Arkun por um carregamento de barras de prata. Arkun pretendia usá-la para conquistar terreno político de seu pai. Ao que parece, a tomada de reféns e o pagamento de resgates eram costume entre os estadistas etíopes.

Sem confiar em seus homens quanto a bem tão precioso, Arkun fora pessoalmente tomar posse da princesa Masara. Nossa caravana a estava levando de volta aos domínios de Arkun. Deduzi essa e outras informações das escravas tagarelas que me traziam as refeições, ou de conversas informais por cima do tabuleiro de *dom*. Quando chegamos a Amba Kamara, a fortaleza nas montanhas do rei Arkun Gannuchi Maryam, eu era um especialista na complicada e cambiante política dos vários Estados etíopes de Aksum e nos numerosos reclamantes ao trono do império.

Percebi que uma crescente excitação percorria nossa caravana ao nos aproximarmos do fim da jornada, e finalmente subimos o estreito e íngreme caminho, não maior que uma trilha de cabras, até o cume de outra elevação. As *ambas* eram pequenos maciços que formavam as cadeias de montanhas da Etiópia central. Cada uma delas era uma montanha de topo plano, com laterais íngremes que mergulhavam como paredes até o vale que a separava da próxima montanha.

Do topo do precipício, foi fácil compreender por que a terra fora fragmentada em tantos reinos e principados diminutos. Cada *amba* era uma fortaleza natural inexpugnável. O homem lá no alto era invencível e poderia chamar-se rei sem temer desafios.

Arkun cavalgava ao meu lado e apontou para as montanhas no horizonte sul.

— Lá está o esconderijo daquele ladrão de cavalos e bastardo, Prester Beni-Jon. É um homem incrivelmente traiçoeiro. — Arkun escurrou sobre a borda do penhasco em direção a seu rival.

Eu passara a conhecer Arkun e sabia que ele mesmo era um homem de considerável crueldade e trapaçaria. Se afirmava que Beni-Jon o superava nesse terreno, o pai de Masara devia ser mesmo um

homem formidável.

Atravessamos a meseta de Amba Kamara, passando por algumas aldeias de casas de pedra e campos de soja e milho. Os camponeses altos e de cabelos hirsutos estavam todos armados de espadas e escudos redondos de cobre. Pareciam ferozes guerreiros, como os integrantes da caravana.

Na extremidade da *amba*, o caminho nos conduziu a fortaleza natural mais perfeita que já vi. Da superfície principal da montanha, a erosão criara uma torre isolada, um pináculo rochoso com lados abruptos, separada da meseta por um abismo atarrador.

Esse espaço era atravessado por uma ponte estreita, um arco natural de pedra, que o unia ao topo plano. Era tão estreito que dois cavalos não poderiam passar juntos, e quando um cavalo iniciasse a travessia não poderia fazer meia-volta.

A queda sob a passagem era de mil pés, diretamente para a garganta do rio lá embaixo. Era tão enervante para os cavalos que os cavaleiros tinham de desmontar, vendá-los e conduzi-los. Quando eu estava a meio caminho, vi-me trêmulo de vertigem e não ousava espiar sobre a beirada para o vazio. Foi necessário todo o meu autocontrole para continuar caminhando e não me jogar ao chão, agarrando-me às rochas sob meus pés.

Debruçado no cume desse píncaro rochoso havia um castelo de blocos de pedra e telhado de palha marrom. As janelas abertas eram cobertas por cortinas de palha, e o esgoto que saía da fortaleza sujava o penhasco abaixo dela.

Enfeitando os muros e fortificações como estandartes e decorações comemorativas de algum festival macabro, vi cadáveres de homens e mulheres. Alguns estavam dependurados havia tanto tempo que seus ossos já tinham sido branqueados pelos bandos de corvos que circulavam sobre os telhados. Outras vítimas ainda viviam, penduradas pelos tornozelos, e observei horrorizado seus débeis movimentos. Mas a maioria já estava morta e em diversos estágios de decomposição. O cheiro de carne humana putrefata era tão denso que nem mesmo o vento que soprava incessantemente nos penhascos podia dispersar.

O rei Arkun chamava os corvos de "minhas galinhas". Às vezes os alimentava sobre as muralhas, outras atirava-lhes a refeição da ponte para o despenhadeiro. O grito estertorante de mais uma vítima infeliz despencando nas profundezas era uma característica da vida no cume de Adbar Seged, a Casa da Canção do Vento.

Essas execuções, os açoitamentos e decepamentos diários de mãos e pés, ou a extirpação de línguas com ferros em brasa, eram a principal diversão do rei Arkun, quando ele não estava jogando *dom* ou planejando o ataque a algum rei dos reis vizinho. Com frequência ele empunhava pessoalmente o machado ou a tenaz, e suas estrondosas gargalhadas eram tão fortes quanto os gritos das vítimas.

Assim que nossa caravana atravessou a ponte e parou no pátio central de Adbar Seged, Masara foi levada por suas carcereiras pelo labirinto de passagens de pedra, e eu fui conduzido a meu aposento, vizinho ao de Arkun.

Deram-me uma única cela de pedra, escura e úmida. A lareira aberta escurecia as paredes de fuligem e pouco aquecia. Apesar de usar as túnicas de lã locais, eu nunca me sentia aquecido em Adbar Seged. Como tinha saudade do sol do Nilo e do iluminado oásis do meu Egito! Sentado sobre as construções varridas pelo vento, lembrava-me de minha família — de Memnon e Tanus, de minhas princesinhas, mas sobretudo de minha ama, Lostris. Às vezes eu despertava à noite com lágrimas a me

esfriar o rosto, e tinha de cobrir a cabeça com a manta de pele de carneiro para que Arkun não ouvisse meus soluços através das grossas paredes de pedra.

Pedi-lhe muitas vezes que me libertasse.

— Mas por que quer me deixar, Taita?

— Quero voltar para minha família.

— Eu sou sua família agora — ele ria. — Sou seu pai.

Fiz uma aposta com ele. Se o vencesse em cem partidas consecutivas de *dom*, ele concordaria com minha viagem e me daria uma escolta até as grandes planícies do Nilo. Quando venci o centésimo jogo, ele riu e balançou a cabeça diante de minha ingenuidade.

— Eu disse cem? Acho que não. Com certeza eram mil... — Ele virou-se para seus asseclas: — A aposta não foi de mil partidas?

— Mil! — todos ecoaram. — Eram mil.

Todos consideravam aquilo uma grande piada. Quando me recusei a jogar com Arkun, ele me pendurou pelos tornozelos dos muros da cidadela, nu, até que lhe gritei para montar o tabuleiro.

Quando Arkun me viu despido, riu e me provocou:

— Você pode ser perito no tabuleiro de *dom*, egípcio, mas perdeu suas próprias peças. — Essa foi a primeira vez desde minha captura em que se revelou minha mutilação física. Mais uma vez os homens me chamavam de "eunuco", para minha vergonha e tristeza.

No entanto, as conseqüências foram positivas. Se eu fosse um homem inteiro, jamais me teriam deixado chegar perto de Masara.



Vieram me buscar no meio da noite e levaram-me a tremer pelos corredores até a cela de Masara. O quarto era iluminado por uma tênue lamparina e cheirava a vômito. A garota estava en-rodilhada num colchão de palha no centro do aposento, com o vômito empoçado na pedra a seu lado. Sentindo dores terríveis, ela gemia e chorava, segurando o estômago.

Pus-me a trabalhar imediatamente, e examinei-a com cuidado. Tinha medo de que tivesse o estômago rijo, sintoma de inchaço e rompimento das tripas, o que encheria seu corpo com o conteúdo dos intestinos. Não havia remédio para esse mal. Nem mesmo eu, com toda a minha capacidade, poderia salvá-la se esse fosse o caso.

Para meu grande alívio, percebi que o estômago dela estava quente e macio. Não havia febre em seu sangue. Continuei o exame e apesar de a jovem gemer e gritar de dor quando eu a tocava, não descobria a causa de sua aflição. Estava intrigado e parei para pensar. Então percebi que, embora ela tivesse o rosto contorcido de dor, seu olhar era tranqüilo.

— Isto é pior do que eu temia — falei em gueês, virando-me para as duas atendentes. — Para salvá-la, preciso de minha cesta. Vão buscá-la imediatamente.

Quando elas correram para a porta, baixei minha cabeça até a jovem e murmurei:

— Você é uma garota inteligente e boa atriz. Coçou a garganta com uma pena?

Ela sorriu e respondeu num sussurro:

— Era a única maneira de encontrá-lo. Quando as mulheres me contaram que você havia aprendido a falar gueês, eu soube que poderíamos ajudar um ao outro.

— Espero que isso seja possível.

— Estou tão solitária! Até mesmo conversar com um amigo será uma alegria. — Sua confiança era tão espontânea que me senti comovido. — Talvez nós dois encontremos um modo de escapar deste lugar horrível.

Naquele instante ouvimos as vozes das mulheres ecoando pelo corredor. Masara pegou minha mão.

— Você é meu amigo, não é? Voltará para me ver?

— Sou, e voltarei.

— Depressa, conte-me antes de ir embora. Como é o nome dele?

— De quem?

— Do rapaz que estava com você naquele dia junto ao rio. O que parece um jovem deus.

— O nome dele é Memnon.

— Memnon. — ela repetiu com um respeito peculiar. — Que nome lindo! Combina com ele.

As mulheres irromperam no quarto e Masara apertou sua pequena e saudável barriga, gemendo como se estivesse prestes a morrer. Enquanto eu balançava a cabeça de preocupação para as mulheres verem, preparei um tônico de ervas que lhe faria bem e disse-lhe que voltaria de manhã.

No dia seguinte o estado de Masara havia melhorado e pude passar mais tempo em sua companhia. Apenas uma das mulheres estava presente, e logo se aborreceu e se postou no outro lado do quarto. Masara e eu trocamos algumas palavras baixas.

— Memnon me disse algo que não pude compreender. O que foi que ele falou?

— Ele disse: "Voltarei para buscá-la. Seja corajosa. Eu voltarei".

— Ele não poderia dizer isso. Nem me conhece... Viu-me apenas por um instante. — Ela balançou a cabeça e seus olhos encheram-se de lágrimas. — Acha que ele falou sério, Taita? — Havia uma súplica em sua voz que me comoveu, e não pude deixá-la sofrer mais do que já havia sofrido.

— Ele é o príncipe real do Egito, é um homem honrado. Memnon não teria dito aquilo se não fosse verdade.

Foi tudo o que consegui dizer então, mas voltei no dia seguinte. A primeira coisa que ela me perguntou foi:

— Diga-me novamente o que Memnon me falou. — Eu repeti a promessa.

Disse a Arkun que Masara estava melhor de saúde, mas que ele devia lhe permitir caminhadas diárias pelas fortificações.

— Do contrário não poderei responder por sua saúde.

Ele pensou no assunto durante um dia. Mas Masara era um bem valioso, pelo qual ele pagara um cavalo carregado de prata, e afinal deu sua permissão.

Nossos períodos diários de exercícios estenderam-se aos poucos, pois as guardas se acostumaram a nos ver juntos. No fim, Masara e eu passávamos a maior parte das manhãs andando pelas muralhas de

Adbar Seged e conversando incansavelmente.

Masara queria saber tudo o que eu pudesse contar sobre Memnon, e para distraí-la vasculhei em minha memória casos sobre ele. Era obrigado a repetir suas histórias prediletas até que ela as soubesse de cor, e ela me corrigia quando eu me enganava. A jovem gostava especialmente do relato de quando ele salvou a Tanus e a mim do elefante ferido e como recebera a Comenda do Mérito por sua bravura.

— Fale-me sobre a mãe dele, a rainha — ela pedia. E depois: —

Fale-me do Egito. Conte-me sobre os seus deuses. Fale-me de Memnon quando era bebê.

Suas perguntas sempre se voltavam para ele, e eu ficava feliz em satisfazer suas exigências, pois sentia falta de minha família. Falar deles os fazia parecer mais próximos de mim.

Certa manhã Masara procurou-me, perturbada.

— Ontem à noite tive um sonho terrível. Sonhei que Memnon voltava para me buscar, mas eu não compreendia o que ele me dizia. Você precisa me ensinar a falar egípcio, Taita. Vamos começar hoje, agora mesmo!

Ela estava desesperada para aprender e era muito inteligente. Em pouco tempo estávamos conversando em minha língua e era útil poder falar com privacidade diante das guardas.

Quando não estávamos falando de Memnon, discutíamos nossos planos de fuga. É claro que eu vinha pensando nisso desde nossa chegada a Adbar Seged, mas era interessante conhecer as idéias de Masara sobre o assunto e compará-las.

— Mesmo que consiga escapar desta fortaleza, nunca passará pelas montanhas sem ajuda — ela me advertiu. — As trilhas são como um fio de lã torcida. É impossível desemaranhá-lo. Cada clã está em guerra com o vizinho. Não confiam em estrangeiros e cortarão seu pescoço como espião.

— Que devemos fazer então? — perguntei.

— Se conseguir fugir, deve procurar meu pai. Ele o protegerá e o conduzirá de volta a seu povo. Você contará a Memnon onde estou e ele virá me salvar. — Ela disse isso com uma confiança tão radiante que não consegui olhá-la nos olhos.

Percebi então que Masara havia criado em sua mente uma imagem de Memnon que não correspondia à realidade. Estava apaixonada por um deus, e não por um rapaz tão jovem e inexperiente quanto ela mesma. Eu era o responsável por isso, com minhas histórias sobre o príncipe. Agora não poderia magoá-la e destruir sua esperança, contando-lhe como na verdade essas imagens eram distantes.

— Se eu procurar seu pai, Prester Beni-Jon, ele pensará que sou um espião de Arkun e cortará minha cabeça — tentei me eximir da responsabilidade que ela me atribuía.

— Eu lhe ensinarei o que dizer a ele. Coisas que apenas ele e eu sabemos, que provarão que eu o enviei.

Assim ela me havia cercado, então tentei uma escapatória diferente:

— Como eu encontraria o caminho para a fortaleza de seu pai? Você me disse que é um emaranhado.

— Eu lhe explicarei. Como é tão inteligente, irá lembrar-se de tudo o que eu disser.

A essa altura, é claro, eu a amava quase tanto quanto às minhas princesinhas. Correria qualquer risco para protegê-la. Ela me lembrava tanto Lostris na mesma idade, que não conseguia lhe negar nada.

— Muito bem, diga-me.

Então iniciamos nosso plano de fuga. Para mim era sobretudo uma brincadeira que eu fazia para manter suas esperanças e alegrar-lhe o espírito. Eu não tinha sérias expectativas de encontrar o caminho para escapar daqueles cumes rochosos.

Discutimos formas de fazer uma corda para nos baixar pelo penhasco, embora toda vez que eu olhasse pela ponte, do terraço contíguo à cela de Masara, tremesse de medo diante do vazio. Ela começou a colecionar debaixo do colchão tiras de lã e de tecido com as quais planejava trançar uma corda. Eu não tinha coragem de lhe dizer que uma corda capaz de suportar nosso peso e levar-nos até o fundo do vale encheria sua cela até o teto.

Passamos dois longos anos nas alturas de Adbar Seged e nunca conseguimos criar um plano de fuga, mas Masara jamais perdeu as esperanças. Todos os dias perguntava-me:

— O que Memnon disse para mim? Conte-me mais uma vez o que ele prometeu.

— Ele disse: "Voltarei para buscá-la. Seja corajosa".

— Sim, sou corajosa. Não sou, Taita?

— Você é a garota mais corajosa que conheço.

— Diga-me o que você dirá a meu pai quando o encontrar.

Eu repetia suas instruções, e então ela me contava seu último plano para escapar.

— Vou apanhar os pardais que alimento no terraço. Você escreverá uma carta a meu pai, dizendo-lhe onde estou. Nós a amarraremos à perna das aves, e elas a levarão até ele.

— O mais provável é que voem até Arkun, que nos mandará prender e nunca mais poderemos nos ver.

Afinal, escapei de Adbar Seged montado num belo cavalo. Arkun partiu em mais uma incursão contra o rei Prester Beni-Jon e recebi ordem de acompanhá-lo como médico pessoal e jogador de *dom*.

Enquanto atravessava a ponte com meu cavalo vendado, olhei para trás e vi Masara parada no terraço, olhando para mim. Era uma figura adorável e solitária. Ela me chamou em egípcio. Mal pude distinguir suas palavras acima do zunido do vento.

— Diga-lhe que o estou esperando. Diga-lhe que fui corajosa. — E então, suavemente, de modo que não tive certeza se ouvi direito as palavras: — Diga-lhe que o amo.

O vento tornou as lágrimas em meu rosto frias como gelo, enquanto eu cavalgava por Amba Kamara.



Na noite anterior à batalha, Arkun manteve-me até tarde em sua tenda. Enquanto dava as últimas ordens aos comandantes, afiava a espada azul. De vez em quando raspava alguns pêlos de seu pulso com a lâmina reluzente, para testar o gume, e balançava a cabeça, satisfeito.

Depois azeitou a lâmina com gordura de carneiro. Aquele estranho metal azul-prateado tinha de ser engraxado, do contrário criava-se sobre ele um pó vermelho, como se estivesse sangrando.

A espada azul passara a exercer sobre mim o mesmo fascínio que tivera para Tanus. As vezes, quando estava de humor especialmente benevolente, Arkun me permitia manuseá-la. O peso do metal era surpreendente, e o gume da lâmina, inacreditável. Imaginei o estrago que poderia produzir nas mãos de

um espadachim como Tanus. Eu sabia que se um dia voltássemos a nos encontrar, Tanus desejaria saber todos os detalhes, e portanto questionei Arkun, que nunca se cansava de gabar-se da arma.

Ele me contou que a espada havia sido forjada no centro de um vulcão por um dos deuses pagãos da Etiópia. O bisavô de Arkun a ganhara do deus num jogo de *dom* que havia durado vinte dias e vinte noites. Achei aquilo bastante plausível, exceto a parte da lenda sobre ter conquistado a arma no jogo. Se o bisavô de Arkun jogasse no mesmo nível dele, o deus que perdeu a espada devia ser muito estúpido.

Arkun pediu minha opinião sobre o plano de batalha para o dia seguinte, pois soubera que eu era estudante de artes bélicas. Eu lhe disse que o plano era brilhante. Os etíopes tinham tanto alcance de táticas militares quanto do jogo de *dom*. E claro que o terreno não permitiria o amplo uso de cavalos, e eles não possuíam coches. Suas batalhas eram travadas de maneira desordenada e errática.

A grande estratégia de Arkun para o dia seguinte era dividir suas forças em quatro grupos de ataque. Estes se esconderiam entre os rochedos e depois avançariam. Fariam então alguns prisioneiros, cortariam alguns pescoços e depois fugiriam.

— Você é um dos maiores generais da história — eu disse a Arkun. — Gostaria de escrever um papiro louvando seu gênio.

Ele gostou da idéia e prometeu fornecer-me os materiais necessários para o projeto assim que voltássemos a Adbar Seged.

Ao que parece, o rei Beni-Jon era um comandante do mesmo quilate. Encontramos suas forças no dia seguinte num vale amplo com vertentes íngremes. O campo de batalha havia sido acordado com alguns meses de antecedência, e Beni-Jon havia-se posicionado na cabeceira do vale antes de chegarmos. Ele avançou para gritar insultos e desafios a Arkun de uma distância segura.

Beni-Jon era um homem magro como um caniço, com uma longa barba branca e cachos prateados até a cintura. Não distingui suas feições a distância, mas as mulheres haviam-me dito que na juventude ele fora o mais belo rapaz da Etiópia e que tinha duzentas esposas. Algumas mulheres haviam-se suicidado por amor a ele. Pareceu-me claro que seus talentos seriam empregados com maior utilidade no harém do que no campo de batalha.

Depois que Prester Beni-Jon falou o que bem quis, Arkun aproximou-se e retrucou demoradamente. Seus insultos floreados e poéticos ecoavam nos penhascos e percorriam o desfiladeiro. Registrei alguns dos comentários mais concisos na memória, pois valiam a pena.

Quando Arkun finalmente parou, esperei que a batalha fosse iniciada, mas enganei-me. Havia vários outros guerreiros de ambos os lados que desejavam falar. Dormi encostado a uma rocha sob o sol quente, sorrindo comigo mesmo ao imaginar o esporte que Tanus e uma companhia de seus Azuis desfrutariam contra aqueles etíopes campeões em retórica.

Era de tarde quando acordei sobressaltado, sob o fragor das armas. Arkun havia perdido o primeiro assalto. Um de seus destacamentos correu contra as posições de Beni-Jon, golpeando as espadas nos escudos de cobre. Num tempo incrivelmente curto eles voltaram com grande barulho para seu ponto de partida, sem ter infligido ou sofrido baixas.

Trocaram-se novos insultos, e então Prester Beni-Jon voltou a atacar. Avançou e recuou com a mesma verve e resultados idênticos. Assim passou-se o dia, insulto a insulto, ataque a ataque. Ao anoitecer, os dois exércitos se recolheram. Acampamos no vale e Arkun mandou me chamar.

— Que batalha! — cumprimentou-me triunfante quando entrei em sua tenda. — Beni-Jon só ousará enfrentar-me daqui a muitos meses.

— Não haverá combate amanhã? — perguntei, incrédulo.

— Amanhã voltaremos a Adbar Seged — ele me informou — e você escreverá em seus papiros um relato completo de minha vitória. Acredito que depois dessa derrota salutar Beni-Jon logo proporá a paz.

Sete de nossos homens haviam sido feridos naquele embate feroz, todos por flechas disparadas de longa distância. Eu extraí as pontas e enfaxeiei os ferimentos. No dia seguinte vi os feridos carregados em liteiras e caminhei ao lado deles ao voltarmos para a fortaleza.

Um dos homens havia sido ferido no estômago e sentia muita dor. Eu sabia que ele morreria de gangrena dentro de algumas semanas, mas fiz o possível para reduzir seu sofrimento e amortecer os solavancos da liteira.

No final da tarde chegamos ao trecho do rio onde havíamos atravessado na ida. Reconheci o vau pela descrição que Masara havia feito da região e do caminho para a fortificação de seu pai. O rio era um dos inúmeros tributários do Nilo que descia das montanhas, e como havia chovido nos dias anteriores seu nível estava alto.

Comecei a travessia, ao lado da liteira de meu paciente ferido no estômago. Ele já começara a delirar. A meio caminho, percebi que havíamos subestimado a altura e a força da água. A torrente apanhou a liteira de lado e a inclinou, torcendo o cavalo e arrastando o pobre animal para águas mais profundas, onde seus cascos não tocavam o fundo.

Eu me dependurei do cabresto, e no instante seguinte o cavalo e eu estávamos nadando. Fomos arrastados pela correnteza verde e gélida. O homem ferido foi derrubado da liteira, e quando tentei alcançá-lo soltei o arreio do cavalo e nos separamos.

A cabeça do ferido desapareceu sob a superfície, mas agora eu nadava para salvar minha própria vida. Virei-me de costas e aponte os pés na direção da correnteza, pois assim poderia defender-me das pedras quando a água me atirasse contra elas. Por um curto momento alguns homens de Arkun correram ao longo da margem, mas logo o rio me arrastou por uma curva e eles não acharam passagem na base do penhasco. Éramos apenas o cavalo e eu no rio.

Depois da curva, a velocidade da água diminuiu e consegui nadar até o cavalo e passar um braço sobre seu pescoço. Por enquanto estava a salvo, e pela primeira vez pensei em fugir, ao perceber que os deuses me haviam apresentado a oportunidade. Murmurei uma prece de agradecimento e agarrei um chumaço da crina do cavalo para fazê-lo nadar para o meio do rio.

Havíamos descido pela correnteza várias milhas e escureceu antes que eu conduzisse o cavalo para a margem. Subimos à terra numa praia de areia. Avaliei que estaria a salvo da perseguição até a manhã seguinte, pois nenhum dos homens de Arkun se aventuraria pela garganta à noite. No entanto, estava tão enregelado que todo o meu corpo tremia em espasmos incontroláveis.

Conduzi o cavalo para um lugar abrigado do vento e encostei meu corpo ao seu flanco. O couro molhado fumegava ao luar. Aos poucos, o calor do animal me invadiu e parei de tremer. Quando estava semi-aquecido, consegui juntar lenha na praia e, usando o método shilluk, com dificuldade acendi um fogo. Estendi minhas roupas para secar e passei o resto da noite agachado junto à fogueira.

Assim que clareou o suficiente para enxergar o caminho, vesti-me e montei. Conduzi o cavalo para longe do rio, pois sabia que os homens de Arkun concentrariam a busca nas margens.

Dois dias depois, seguindo a orientação de Masara, alcancei uma das aldeias fortificadas sobre colinas nos domínios de Beni-Jon. O chefe do lugar expressou a intenção de me cortar imediatamente o pescoço e de tomar meu cavalo, mas utilizei meus dons de persuasão e afinal ele concordou em ficar com o cavalo e me levar até a fortaleza de Prester Beni-Jon.



Os guias que me escoltaram até o rei Prester falavam dele em termos afetuosos e amigáveis. As aldeias pelas quais passamos no trajeto eram mais limpas e mais prósperas que as de Arkun. Os rebanhos eram mais gordos, as lavouras mais cuidadas e o povo mais nutrido. Vi cavalos magníficos, cuja beleza me trouxe lágrimas aos olhos.

Quando finalmente avistamos o castelo, no alto de outra *amba*, percebi que estava em melhores condições que o de Arkun, e não havia troféus macabros decorando as muralhas.

De perto, o rei Prester Beni-Jon era de fato um belo homem. Seu cabelo e sua barba grisalhos davam-lhe um ar especial de dignidade. Tinha pele clara e olhos escuros e inteligentes. A princípio ele ficou fortemente desconfiado de minha história, mas aos poucos suas maneiras em relação a mim mudaram, quando mencionei os fatos íntimos que Masara me transmitira.

Ele ficou profundamente afetado pelas mensagens de amor e dever filial que eu trouxe de sua filha, e interrogou-me avidamente sobre sua saúde e bem-estar. Mais tarde, criados levaram-me para um quarto, que pelos padrões etíopes era suntuoso, e forneceram-me túnicas limpas para substituir meus andrajos.

Depois que comi e descansei, os criados levaram-me de volta à sala úmida e enfumaçada que era o salão de audiências do rei.

— Majestade, Masara é prisioneira de Arkun há dois anos — informei-o imediatamente. — Ela é uma jovem delicada, que está enlouquecendo naquela torre malcheirosa. — Exagerei um pouco os fatos para reforçar a urgência do caso.

— Tentei reunir o resgate que Arkun exige por minha filha — Beni-Jon desculpou-se. — Mas eu teria de fundir cada prato e tigela de Aksum para reunir a quantidade de prata que satisfará sua cobiça. Além disso, ele exige grandes extensões de terra e várias de minhas melhores aldeias. Ceder a ele enfraqueceria o reino e condenaria milhares de meus súditos à sua tirania.

— Eu poderia conduzir vosso exército à fortaleza de Adbar Seged. Poderíeis sitiar o castelo e forçá-lo a entregar-lhe Masara.

O rei pareceu assustado diante da proposta. Acho que essa linha de ação não lhe havia ocorrido, pois não era a maneira etíope de guerrear.

— Conheço muito bem Adbar Seged. É inexpugnável — ele disse prontamente. — Arkun tem um exército poderoso a apoiá-lo. Lutamos várias batalhas acirradas contra ele. Meus homens são leões, mas nunca conseguimos derrotá-lo.

Eu havia visto os leões de Beni-Jon em combate e percebi que sua estimativa da situação era correta. O exército que comandava jamais poderia invadir Adbar Seged e libertar Masara pela força das armas.

No dia seguinte voltei com outra proposta:

— Grande imperador de Aksum, rei dos reis, como bem sabeis sou da nação egípcia. A rainha Lostris, regente do Egito, está com seus exércitos na confluência dos dois rios, onde o Nilo encontra seu irmão gêmeo.

Ele assentiu.

— Sei disso. Os egípcios entraram em meu território sem permissão. Estão escavando minas em meus vales. Logo os atacarei e os aniquilarei.

Foi minha vez de assustar-me. Prester Beni-Jon tinha conhecimento da obra da tumba do faraó e nossa gente ali corria perigo. Portanto, modifiquei a sugestão que estava prestes a lhe fazer:

— Meu povo é hábil na arte do sítio e da guerra — expliquei. — Tenho influência junto à rainha Lostris. Se me enviardes de volta em segurança, farei com que ela vos estenda sua amizade. Suas tropas atacarão a fortaleza de Adbar Seged e libertarão vossa filha.

Embora o rei tenha tentado ocultar o fato, vi que minha sugestão lhe interessou.

— O que sua rainha exigiria em troca dessa amizade? — perguntou cautelosamente.

Negociamos durante cinco dias, mas afinal a barganha foi acertada.

— Permitireis que a rainha Lostris prossiga a mineração em vosso vale, e interditareis essas áreas. Vosso povo será proibido de entrar ali sob pena de morte — eu lhe disse. Isto era por minha ama. Eu garantiria que a tumba do faraó não fosse conspurcada.

— Concordo — disse Beni-Jon.

— Entregareis à rainha Lostris dois mil cavalos que escolherei de vossos rebanhos. — Isto era por mim.

— Mil — disse o rei.

— Dois mil — insisti.

— Concordo — disse Beni-Jon.

— Quando for libertada, a princesa Masara poderá se casar com qualquer homem que escolher. Vós não a proibireis. — Isto era por Memnon e pela menina.

— É contra nossos costumes — ele suspirou. — Mas concordo.

— Quando os capturarmos, Arkun e a fortaleza de Adbar Seged passarão ao vosso domínio. — Ele pareceu mais satisfeito e assentiu vigorosamente.

— Enfim, nós, egípcios, teremos permissão para manter todo o espólio que capturarmos de Arkun, inclusive a lendária espada azul. — Isto era por Tanus.

— Concordo — disse o rei, e vi que ele pensava ter feito bom negócio. Ele me deu uma escolta de cinquenta homens e no dia seguinte iniciei a volta a Qebui, cavalgando o belo garanhão que fora o presente de despedida do rei.



Ainda estávamos a cinco dias de marcha de Qebui quando enxerguei à frente a nuvem de poeira, correndo em nossa direção através da planície. Depois vi os coches dançando na miragem. Ao se

aproximar, as colunas abriram-se em formação de ataque, em pleno galope. Foi uma visão belíssima. A manobra foi perfeita e o espaçamento entre veículos era tão preciso que pareciam um colar de contas. Imaginei quem estaria no comando.

Sombreei os olhos quando chegaram mais perto e meu coração disparou quando reconheci os cavalos do primeiro coche. Eram Rocha e Corrente, meus preferidos. No entanto, não identifiquei de imediato os condutores atrás deles. Fazia quase três anos desde que eu vira Memnon pela última vez. A diferença de idade entre dezessete e vinte é a diferença entre um menino e um homem.

Eu havia adotado a equitação com uma sela de pano e estribos, à maneira etíope. Então ergui-me nos estribos e acenei. Vi o coche desviar-se quando Memnon me reconheceu e chicoteou a parelha.

— Mem! — berrei. — Mem! Sua resposta veio no vento:

— Tata! Pelo doce leite de Isis, é você?!

Ele freou os cavalos, saltou do carro e me arrancou da montaria. Primeiro me abraçou, depois segurou-me com os braços estendidos e nos examinamos avidamente um ao outro.

— Como está pálido e magro, Tata! Seus ossos estão salientes. E esses cabelos brancos? — Ele tocou minhas têmporas.

Memnon estava mais alto que eu, com a cintura estreita e os ombros largos. Sua pele estava bronzeada e untada, da cor de âmbar, e feixes de músculos destacavam-se em seu pescoço quando ele ria. Usava protetores de ouro nos pulsos e no peito a Comenda do Mérito. Embora parecesse impossível, estava ainda mais belo do que na última vez em que o vira. Lembrou-me um leopardo, flexível e esguio.

Ele levantou meu corpo e colocou-me na plataforma do coche.

— Pegue as rédeas — ordenou. — Quero ver se perdeu sua antiga habilidade.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Para oeste. Para Qebui, é claro — ele comandou. — Minha mãe ficará furiosa se eu não o levar diretamente até ela.

Naquela noite nos sentamos junto a uma fogueira no acampamento, longe dos outros oficiais, para uma conversa em particular. Ficamos silenciosos por um momento, olhando para o esplendor prateado das estrelas, e então Memnon disse:

— Quando pensava que não o veria mais, era como se tivesse perdido uma parte de mim mesmo. Você está entrelaçado em minhas primeiras recordações da vida.

Eu, habituado a lidar com palavras, não consegui encontrar o que lhe responder. Ficamos em silêncio novamente, e então Memnon pousou a mão no meu ombro.

— Você tornou a ver aquela garota? — Embora a pergunta tivesse um tom casual, a pressão de sua mão no meu ombro não o era.

— Que garota? — perguntei, para provocá-lo.

— A que vimos na beira do rio, no dia em que nos separamos.

— Havia uma garota? — Franzi a testa, fingindo que tentava me lembrar. — Como era ela?

— Seu rosto era um lírio e sua pele tinha a cor de mel selvagem. Chamavam-na de Masara, e a lembrança dela ainda perturba meu sono.

— O nome da moça é Masara Beni-Jon — eu lhe disse —, e passei dois anos preso com ela na fortaleza de Adbar Seged. Ali aprendi a amá-la, pois sua natureza é ainda mais bela que seu rosto.

Ele me agarrou com as duas mãos e sacudiu-me sem piedade.

— Fale-me dela, Tata! Conte-me tudo. Não esqueça nada. Assim, passamos o resto da noite junto ao fogo, conversando sobre a menina. Contei a Memnon que ela havia aprendido a falar egípcio por causa dele. Contei-lhe como sua promessa havia dado forças à garota através dos dias sombrios e solitários, e enfim lhe transmiti o recado que ela havia mandado, a mensagem que gritou das fortificações de Adbar Seged quando parti.

— "Diga a ele que fui corajosa. Diga-lhe que o amo."

O príncipe ficou em silêncio por um longo momento, olhando fixamente para as chamas, e depois falou com a voz suave:

— Como ela pode me amar? Nem me conhece...

— E você a conhece melhor? — perguntei. Ele balançou a cabeça. — Você a ama?

— Sim — ele respondeu imediatamente.

— Então ela o ama da mesma forma.

— Eu lhe fiz uma promessa. Pode me ajudar a cumpri-la, Tata?



Jamais em minha vida senti tanta felicidade quanto no dia em que voltei a Qebui e subi a bordo do *Sopro de Hórus*. Memnon havia mandado um mensageiro avisá-los de meu retorno, e todos me esperavam.

— Pelas crostas malcheirosas dos pés de Seth! — gritou Kratas. - Pensei que finalmente nos havíamos livrado de você, velho rufião! — E ele me esmagou em seu peito até que pensei ter todas as costelas rachadas.

Tanus segurou-me pelos ombros e fixou meus olhos por um momento antes de sorrir.

— Se não fosse por você, aquele etíope cabeludo teria me matado. Mas ele fez melhor negócio pegando você. Obrigado, velho amigo!

Notei que Tanus havia envelhecido. Como eu, agora tinha cabelos brancos e o rosto marcado pela intempérie, começando a erodir-se como um rochedo de granito.

Minhas princesinhas não eram mais meninas, mas continuavam adoráveis. Ficaram intimidadas, pois suas lembranças de mim haviam-se nublado. Olharam-me com olhos arregalados quando fiz minha reverência. O cabelo de Bekatha havia escurecido e tinha uma cor acobreada. Eu ansiava por reconquistar seu afeto.

Tehuti, ao menos, reconheceu-me:

— Tata! — ela disse. — Trouxe um presente para mim?

— Sim, alteza — respondi. — Trouxe-lhe meu coração.

Minha ama sorria quando atravesssei o convés em sua direção. Usava a leve coroa *nemes* e a serpente de ouro na testa. Quando sorrii, vi que havia perdido o dente dianteiro e um vão lhe empanava o sorriso. Havia engordado na cintura, e os árduos assuntos de Estado haviam-lhe marcado a fronte e causado rugas nos cantos dos olhos. Para mim, porém, ela ainda era a mulher mais linda do mundo.

A rainha levantou-se do trono quando me ajoelhei diante dela. Era o sinal de seu mais alto favor. Pousou a mão em minha cabeça inclinada e acariciou-a.

— Esteve longe de nós por muito tempo, Taita — ela falou, com a voz tão suave que só eu pude escutá-la. — Esta noite dormirá de novo aos pés da minha cama.

Naquela noite, depois que a rainha Lostris tomou a tigela de chá de ervas que lhe preparei e a cobri com um cobertor de peles, ela murmurou docemente ao fechar os olhos:

— Posso confiar que não me beijará enquanto eu estiver dormindo?

— Não, majestade — respondi, e inclinei-me sobre ela. Lostris sorriu quando meus lábios tocaram os seus.

— Nunca mais fique tanto tempo longe de nós, Taita...



Memnon e eu planejamos nossa tática meticulosamente e as executamos com precisão, como se não passassem de manobras com os coches.

Foi fácil convencer Tanus. A derrota que Arkun lhe impusera ainda o irritava. Na presença dele, Memnon e eu comentamos a facilidade com que a espada azul havia cortado a lâmina de bronze de Tanus, e como Arkun certamente o teria matado se eu não interviesse. Tanus tremeu de humilhação.

Então Memnon interrogou sobre as origens mágicas e as propriedades da arma legendária. Tanus esqueceu a irritação e começou a fazer perguntas, ansiosamente.

— Prester Beni-Jon declarou a espada azul um prêmio de guerra. Quem a conquistar poderá guardá-la — expliquei.

— Se atacarmos Arkun, será impossível usar os coches naqueles vales — afirmou Memnon. — Teria de ser com a infantaria. Como você acha que os *shilluks* se portariam diante dos etíopes, senhor Tanus? — Memnon continuava tratando Tanus de maneira formal. Evidentemente, em minha ausência não havia tomado conhecimento de que ele era seu verdadeiro pai.

Quando terminamos, Tanus estava tão entusiasmado pela empreitada quanto eu e Memnon, e juntou-se a nós quando fomos falar com a rainha Lostris.

Desde o início minha ama compreendera, de modo diferente de Tanus, que os cavalos e coches seriam vitais para realizarmos o sonho de retornar ao nosso Egito. Exibi o garanhão que Beni-Jon me havia dado e indiquei a minha ama as qualidades da raça.

— Veja as narinas, majestade. Veja a profundidade do peito, e que equilíbrio de músculos e ossos! Os hicsos não têm nada comparável aos cavalos etíopes.

Então lembrei-lhe sua promessa ao finado faraó, e disse:

— Prester Beni-Jon lhe cederá o vale da tumba, e seus guerreiros o guardarão contra saqueadores. Ele colocará um tabu sobre o vale. Os etíopes são muito supersticiosos e respeitarão a proibição muito depois que voltarmos a Tebas.

Adverti Memnon para não mencionar à rainha Lostris seu interesse amoroso na expedição contra Arkun. De nada serviria. Toda mãe é também uma namorada raramente se compraz em ver o filho afastar-se por causa de uma mulher mais jovem.

Nenhuma mulher, nem mesmo uma rainha, resistiria ao encanto de nós três juntos — Tanus, Memnon e eu. A rainha Lostris deu seu consentimento e nossa força expedicionária partiu para Adbar Seged.



Deixamos os coches e as carroças no vale da tumba do faraó e rumamos para as montanhas. Beni-Jon havia enviado um destacamento de guias para nos encontrar. Era uma centena de seus melhores e mais confiáveis soldados.

Tanus selecionara uma divisão completa dos selvagens e sanguinários shilluks e lhes prometera todo o gado que conseguissem capturar. Os negros pagãos traziam enrolado nas costas um manto de pele grossa de chagal, pois nos lembramos do vento frio que soprava nos desfiladeiros das montanhas.

Como apoio, tínhamos três companhias de arqueiros egípcios, liderados pelo senhor Kratas. O velho valentão havia sido admitido entre os nobres durante minha estada em Adbar Seged. Estava louco para entrar em ação. Ele e todos os seus homens estavam armados com os novos arcos curvos, que superavam os longos arcos etíopes em duzentos passos.

Memnon escolhera um pequeno grupo dos melhores espadachins e lutadores. Remrem estava entre eles, é claro, assim como o senhor Aqer e Astes. Eu fazia parte desse destacamento especial, não por minhas habilidades guerreiras, mas apenas porque era o único que já havia entrado na fortaleza de Adbar Seged.

Hui quis nos acompanhar e ofereceu-me todos os subornos que pôde imaginar. Afinal cedi-lhe, sobretudo porque precisava de um especialista para escolher os melhores cavalos que Beni-Jon me prometera.

Insisti junto a Tanus e a Memnon quanto à importância de nos deslocarmos rapidamente, não somente por motivos de surpresa, mas também porque as chuvas logo cairiam sobre as montanhas. No tempo que passei em Adbar Seged, estudei os padrões climáticos e as estações. Se as chuvas nos apanhassem nos vales, seriam provavelmente um inimigo mais poderoso que o exército etíope.

Em menos de um mês fizemos a aproximação de Amba Kamara. Nossa coluna deslizava pelos desfiladeiros como uma longa e mortífera serpente, cujas escamas eram as lanças de bronze dos shilluks brilhando ao sol. Não encontramos ninguém no caminho. As aldeias pelas quais passamos estavam desertas. Os habitantes haviam fugido, levando seus rebanhos e mulheres. Todos os dias víamos nuvens negras agrupar-se ao redor dos picos e escutávamos o trovão roncar à noite, mas as chuvas não caíram e os vaus dos rios estavam baixos.

Vinte e cinco dias depois da partida chegamos ao vale sob o maciço de Amba Kamara e olhamos para a trilha sinuosa que subia os picos à nossa frente.

Em minhas jornadas anteriores, subindo e descendo as montanhas, eu havia estudado as defesas erigidas por Arkun ao longo do caminho. Compreendiam rochas tombadas em avalanches e trincheiras feitas com pedras. Mostrei-os a Tanus, e por cima dos muros das fortificações pudemos ver as cabeças cabeludas e sem capacetes dos inimigos.

— O ponto fraco de um desabamento de pedras é que só se pode acioná-lo uma vez, e meus shilluks são rápidos o suficiente para fugir de uma carga de búfalos — disse Tanus, pensativo.

Ele os enviou pela subida em pequenos grupos, e quando os defensores provocaram uma avalanche sobre a trilha os lanceiros negros de pernas compridas saltaram para os lados com a agilidade de cabras montesas. Quando as rochas passaram por eles, voltaram a escalar a encosta quase vertical. Pulando de pedra em pedra, e berrando de modo tão terrível que me eriçava os pêlos da nuca, expulsaram os defensores montanha acima e para o outro lado do cume.

Foram detidos somente pelos arqueiros de Arkun, escondidos atrás das trincheiras. Então Kratas levou seus arqueiros pela subida. Com a superioridade de alcance de seus arcos, os egípcios conseguiram resistir e despejar revoadas maciças, quase em linha reta na direção do céu.

Era fascinante observar o enxame de flechas subir pelo ar como um bando de pássaros negros e depois cair sobre o reduto inimigo em ângulo tão fechado que a muralha de pedra não oferecia proteção a seus ocupantes. Escutamos seus gritos e então os vimos desistir e correr encosta acima. Em seguida os shilluks saíram em sua perseguição, ui-vando como uma matilha de cães de caça. Do fundo do vale, eu escutava seu grito de guerra: "*Kajan! Kajan!*" Matar! Matar!

Apesar de minhas pernas estarem resistentes e meu fôlego ágil de tanto marchar, senti dificuldade para acompanhar Memnon e o resto dos homens. A idade começava a cobrar seu preço.

Todos vestíamos as longas túnicas de lã etíopes e levávamos os escudos redondos tradicionais dos nossos inimigos. Mas ainda não havíamos colocado nas cabeças as perucas de crina de cavalo. Seria extremamente desaconselhável parecer-nos demais com os etíopes enquanto os shilluks estivessem com sua atual disposição.

Quando finalmente alcancei o terreno plano da *arriba*, vi que Tanus reunia a infantaria. O único defeito dos shilluks como guerreiros era que, uma vez que molhavam suas lanças em sangue, enlouqueciam e era quase impossível controlá-los. Tanus urrava como um elefante e gesticulava com o chicote de ouro de comandante. Depois de acalmados, os shilluks formaram fileiras e avançaram para a primeira aldeia, onde os etíopes esperavam atrás de muros de pedra. Quando a onda de figuras negras encimada pela espuma de penas de avestruz dos capacetes se aproximou deles, soltaram uma chuva de flechas com seus arcos longos. Mas nossa infantaria tinha os escudos para proteger-se.

Quando os shilluks atacaram, alguns etíopes avançaram, brandindo espadas. Não lhes faltava coragem, mas esse tipo de combate era novo para eles. Nunca haviam sido obrigados a enfrentar um ataque que seria levado até a morte.

Fiquei ali o suficiente para vê-los em forte embate, então gritei para Memnon e seu grupo:

— As perucas!

Todos colocaram na cabeça as perucas de crina que eu havia feito com minhas próprias mãos segundo o padrão estético etíope, cheias e flocadas. Vestidos em túnicas longas e listradas e com as perucas, podíamos passar por um grupo de partidários de Arkun.

— Por aqui! Sigam-me! — gritei, e fiz o som ululante de batalha dos etíopes. Os outros gritaram atrás de mim e rodeamos a aldeia, onde a luta prosseguia, correndo em debandada pelos milharais.

Tínhamos de alcançar a fortaleza e estar ao lado de Masara para protegê-la quando Arkun enfim se desse conta de que estava perdido. Eu sabia que o chefe etíope não hesitaria em matá-la assim que perdesse o valor para ele. Pensei que provavelmente a mataria com a espada azul ou a atiraria da ponte para o despenhadeiro, seus métodos favoritos de dispor das vítimas.

Ao atravessarmos a *amba*, encontramos toda a meseta num torveli-nho. Bandos de guerreiros cabeludos corriam para todos os lados. Mulheres arrastavam os filhos pelos braços, com suas posses empilhadas nas cabeças, gritando de terror e correndo como galinhas assustadas pelo cheiro da raposa. Rebanhos de cabras baliam, o gado mugia e escavava o chão. Os pastores haviam desaparecido. Ninguém prestou a menor atenção em nós enquanto percorremos os campos, evitando as aldeias.

Acompanhamos o movimento geral em direção a Adbar Seged, na extremidade da meseta. Ao nos aproximarmos da ponte a multidão se adensou e parou, e fomos obrigados a forçar passagem. Havia guardas na cabeceira da ponte, repelindo os fugitivos com espadas e porretes. As mulheres choravam e suplicavam por abrigo na fortaleza, erguendo os bebês e pedindo piedade. Na confusão, algumas foram derrubadas e pisoteadas pelos que vinham atrás.

— Formem a tartaruga — Memnon ordenou calmamente. Nosso pequeno grupo se cerrou e travou as bordas dos escudos etíopes. Atravessamos a multidão como um tubarão passando por um cardume de sardinhas. Alguns que ficaram à nossa frente, mais fracos, foram empurrados sobre a borda do precipício. Seus gritos fizeram aumentar o pânico. Quando atingimos a cabeceira da ponte os guardas tentaram nos deter, mas eles mesmos estavam pressionados pela turba e não conseguiam manejar as espadas. Corriam o risco de ser empurrados para o precipício.

— Estamos sob ordens diretas do rei Arkun. Afastem-se! — eu gritei para eles em gueês.

— Qual é a senha? — o capitão da guarda gritou para mim, esforçando-se para ficar em pé. A multidão ondulava para a frente e para trás, em pânico. — Precisa dizer a senha. — Ele apontou a espada para mim, mas Memnon afastou a lâmina.

Durante minha prisão, eu escutara a senha mil vezes, pois minha cela ficava acima do portão principal. Desde então poderiam tê-la mudado, e eu estava preparado para matar o capitão quando gritei a senha para ele:

— A montanha é alta!

— Passem! — Ele se afastou e nos livramos da multidão chutando e empurrando os que queriam nos seguir. Corremos pela ponte e eu estava tão ansioso para encontrar Masara que nem sequer notei o despenhadeiro dos dois lados da ponte. Sem vacilar, conduzi-os ao outro lado da passagem.

— Onde está o rei Arkun? — gritei para os guardas que bloqueavam o portão. Eles hesitaram e eu continuei: — A montanha é alta! Tenho notícias urgentes para o rei. Afastem-se! Deixem-nos passar!

Irrompemos pelo portão aberto antes que eles pudessem se opor, e com doze bons homens a me seguir corri para a escada externa que levava ao terraço superior.

Havia dois soldados armados à porta do quarto de Masara, e alegrei-me ao vê-los. Eu temia que a garota houvesse sido transferida para outra ala da fortificação, mas a presença dos guardas me certificou de que isso não havia acontecido.

— Quem é você? — gritou um deles, puxando a espada. — Com que autoridade... — Ele não terminou o desafio. Afastei-me para o lado e permiti que Memnon e Remrem passassem por mim. Eles voaram para cima dos guardas e os abateram antes que pudessem se defender.

A porta do quarto de Masara estava trancada por dentro, e quando a abalroamos com nosso peso combinado houve um coro de gritos femininos do outro lado. Na terceira tentativa a porta cedeu e fui arremessado pelo quarto. Estava totalmente escuro e eu mal podia distinguir o amontoado de mulheres no canto oposto.

— Masara! — chamei, arrancando a peruca e deixando meu cabelo cair sobre os ombros. Ela reconheceu-me imediatamente.

— Taita?

A garota mordeu o pulso da mulher que tentou segurá-la e correu para mim. Atirou ambos os braços ao redor do meu pescoço, mas quando olhou atrás de mim afrouxou o abraço, seus olhos escuros se arregalaram e o rubor invadiu-lhe o rosto.

Memnon havia tirado a peruca, e sem ela era inconfundivelmente um príncipe. Afastei-me, deixando Masara só. Os dois olharam-se fixamente. Nenhum deles falou ou se mexeu durante o que parecia uma eternidade, mas que durou apenas um instante. Então Masara disse suave e timidamente em egípcio:

— Você veio! Cumpriu sua promessa. Eu sabia que viria.

Acho que aquela foi a única vez em que vi Memnon desorientado. Ele conseguia apenas balançar a cabeça, assentindo, e então presenciei um fenômeno surpreendente. O sangue fluiu por seu pescoço e invadiu seu rosto de maneira visível, mesmo na obscuridade do quarto. O príncipe real do Egito, filho do faraó, comandante da quarta divisão de coches, Melhor dos Dez Mil, detentor da Comenda do Mérito, ficou ali parado, rubro e mudo como um camponês acanhado.

Atrás de mim uma das mulheres cacarejou como uma galinha assustada, e antes que a pudesse impedir ela passou por baixo do meu braço e disparou pela escada interna. Seus gritos reverberaram:

— Guardas! O inimigo está na ala leste. Venham depressa! — E quase imediatamente ouvimos o rumor de botas subindo a escada.

No mesmo instante Memnon transformou-se de namorado tímido em soldado experiente.

— Cuide dela, Tata. Não deixe que nada lhe aconteça — ele falou com gravidade e passou por mim em direção à escada.

Matou o primeiro homem que se aproximou com aquele golpe clássico na garganta que Tanus lhe ensinara. Depois colocou o pé no peito do inimigo e, libertando a espada, empurrou o morto escada abaixo. O cadáver chocou-se com os homens que subiam e desobstruiu a escada.

Memnon olhou para mim.

— Acha que conseguiremos chegar ao portão antes que o fechem?

— Precisamos — respondi. — O melhor caminho é pela escada externa.

— Remrem, vá na frente. Tata e a princesa, no meio. Eu irei na retaguarda — ele disse asperamente, e atingiu o olho do próximo guerreiro que subia a escada.

O etíope deixou cair a espada e segurou o rosto com ambas as mãos. Memnon golpeou-o novamente no peito e o empurrou para trás, liberando a escada pela segunda vez.

— Siga Remrem! — ele gritou para mim. — Não fique aí parado. Atrás dele o mais depressa possível.

Agarrei o braço de Masara, mas não havia necessidade de puxá-la. Ela me seguiu prontamente, tão rápida e ágil que me impelia adiante.

A luz do sol nos atingiu quando saímos para o terraço e fiquei atordoado, depois da escuridão do quarto. Pisquei para melhorar a visão e então olhei para a ponte e o terreno plano do outro lado do precipício.

Os shilluks de Tanus estavam lá. Vi suas plumas a balançar e os escudos erguidos.

— *Kajan! Kajan!* Matar! Matar! — eles cantavam, e suas lanças estavam empapadas de sangue fresco. Os camponeses apavorados abriram-se diante deles e os shilluks alcançaram a ponte.

Havia ali duzentos ou trezentos soldados de Arkun, com o abismo às suas costas, e a necessidade transformou cada um deles em herói. Pareciam verdadeiros leões. Apesar de muitos terem sido empurrados sobre a borda e despencado para a morte no vale lá embaixo, os sobreviventes repeliram o primeiro ataque dos shilluks.

Então avistei Tanus, exatamente onde eu esperava que estivesse, dominando o centro. Seu capacete brilhava como um farol no mar negro de guerreiros shilluks. Vi-o levantar a cabeça e começar a cantar.

As palavras selvagens dos shilluks atravessaram o despenhadeiro até mim, no terraço da fortaleza. Os homens que rodeavam Tanus lhe fizeram coro e avançaram cantando. Desta vez nada poderia detê-los. Abriram caminho aos golpes, trucidando os defensores, e Tanus foi o primeiro a entrar na ponte. Para um homem tão grande ele corria rapidamente, e continuava cantando. Os shilluks o seguiram pelo arco de pedra estreito, que os obrigava a passar em fila única.

Tanus estava na metade do percurso quando a canção morreu em seus lábios e ele parou.

Do portão de Adbar Seged, abaixo de onde eu me encontrava, outro homem avançava pela ponte para enfrentar Tanus. Eu olhava para baixo e não podia ver seu rosto, mas não havia como confundir a arma que trazia na mão direita. A espada azul refletia a luz do sol, brilhando como um relâmpago de verão.

— Arkun! — Tanus berrou. — Estava a sua procura.

Arkun não entendeu as palavras, mas seu significado era inconfundível. Ele riu ao vento e sua barba esvoaçou como fumaça ao redor do rosto caprino.

— Eu o conheço! — Ele rodopiou a espada sobre a cabeça, fazendo-a sibilar. — Desta vez o matarei. — Arkun começou a avançar pelo estreito arco, correndo com passos longos e leves.

Tanus segurou com força o escudo de bronze e escondeu a cabeça atrás dele. Já conhecia o poder daquela lâmina reluzente, e vi que não pretendia enfrentá-la com a sua, de bronze macio. Arkun também se tornara mais moderado desde o último encontro dos dois. Pelo modo como segurava a espada azul, deduzi que não tentaria outro golpe alto.

Ao se aproximarem, Arkun preparou-se. Vi-o retesar os ombros e deslocar o peso para a frente, tomando impulso para golpear diretamente sobre a cabeça de Tanus. Este ergueu o escudo e recebeu a espada azul no centro do pesado alvo de bronze. Este teria arrebatado uma espada de metal inferior, mas a espada azul o cortou como se fosse pele de cabra e a lâmina enterrou-se até a metade no escudo amarelo.

Então percebi a intenção de Tanus. Ele torceu o escudo em ângulo, prendendo a lâmina. Arkun esforçou-se para libertar sua arma, arfando e inclinando o corpo para trás, mas Tanus mantinha a espada presa no bronze.

Arkun reuniu toda a sua força e tornou a puxar para trás. Desta vez Tanus não resistiu. Saltou para a frente, na direção do impulso de Arkun, que com o movimento inesperado se desequilibrou.

O chefe inimigo cambaleou e deteve-se à beira do abismo. Para manter o equilíbrio, foi obrigado a soltar o punho da espada e deixá-la fincada no escudo.

Ele girou os braços, inclinando-se sobre o precipício. Então Tanus colocou o ombro por trás do escudo e impeliu-o para diante. O escudo bateu no peito de Arkun e o punho da espada azul o acertou no estômago, com todo o peso de Tanus.

Arkun foi atirado para trás no espaço vazio. Deu uma lenta cambalhota no ar e depois despencou em linha reta, com a túnica inflada pelo vento e a barba esvoaçando como uma flâmula de coche.

De onde eu estava, vi-o fazer a mesma última jornada à qual enviara tantas outras almas desafortunadas. Desde a ponte até chocar-se com a rocha, mil pés abaixo, ele gritou sem cessar, num tom agudo que se interrompeu repentinamente no fim.

Tanus ficou sozinho no meio da ponte, segurando o escudo onde se cravara a espada.

Lentamente, o tumulto e o combate cessaram. Os etíopes haviam visto seu rei cair e perderam o entusiasmo. Depuseram as armas e suplicaram perdão..Alguns deles, que os oficiais egípcios conseguiram salvar dos shilluks sedentos de sangue, foram arrastados até os capa-tazes de escravos, que esperavam para amarrá-los.

Eu não vi nada disso, pois observava Tanus sobre a ponte. Ele começou a andar para o portão da fortaleza, enquanto nossos homens o aplaudiam e levantavam as armas em saudação.

— O velho touro continua firme na luta — Memnon riu admirado, mas eu não ri com ele. Senti frio, a premonição de uma terrível tragédia, como o ar deslocado pelas asas de abutres quando se preparam para um banquete macabro.

— Tanus... — sussurrei.

Ele caminhava com passo lento e pomposo. Baixou o escudo ao chegar ao final da ponte e só então vi a mancha que se espalhava por sua placa peitoral.

Empurrei Masara para os braços de Memnon e corri pela escada externa. Os guardas etíopes no portão tentaram entregar-me suas armas, mas empurrei-os e corri para o arco de pedra.

Tanus viu-me correndo em sua direção e sorriu, mas foi um sorriso enviesado. Ele parou de andar, e aos poucos suas pernas se dobraram. Tanus sentou-se pesadamente no meio da ponte. Eu me ajoelhei a seu lado e vi o corte no couro de crocodilo da armadura, de onde escorria sangue. Percebi que a espada azul havia penetrado mais fundo do que eu pensara ser possível. Através do escudo de bronze e da resistente placa peitoral, Arkun havia enterrado a ponta da espada no peito de Tanus.

Desamarrei cuidadosamente as correias da ara adura e retirei a placa. Tanus e eu olhamos para o ferimento. Era um corte penetrante, da largura exata da lâmina, como uma pequena boca de lábios vermelhos e úmidos. Cada respiração de Tanus fazia borbulhar pela fenda uma horrível espuma rosada. Era um ferimento no pulmão, mas eu não conseguia dizer isso. Ninguém sobrevive a um corte de espada no pulmão.

— Você está ferido... — Foi um comentário imbecil, e ao pronunciá-lo não consegui olhar para o rosto de Tanus.

— Não, velho amigo, não estou ferido — ele respondeu suavemente. — Estou morto.



Os shilluks fizeram uma liteira com suas lanças e a cobriram com um tapete de carneiro. Ergueram Tanus e o carregaram lentamente até a fortaleza de Adbar Seged. Depois que o deitaram na cama do rei Arkun, mandei todos embora. Então coloquei a espada azul no leito ao lado de Tanus. Ele sorriu e pousou a mão no punho de ouro e pedras preciosas.

— Paguei um alto preço por este tesouro — murmurou. — Gostaria de tê-la usado pelo menos uma vez no campo de batalha.

Eu não podia lhe oferecer esperança ou conforto. Era um velho soldado e havia visto muitos ferimentos no pulmão. Seria impossível enganá-lo quanto ao resultado final. Envolvi a ferida com um pedaço de lã e uma bandagem de linho. Enquanto trabalhava, recitei o encantamento para conter o sangue:

— Afaste-se de mim, criatura de Seth...

Mas era Tanus quem estava se afastando de mim. A cada respiração forçada eu ouvia o sangue chiar em seus pulmões como uma criatura escondida num pântano profundo.

Preparei uma dose da flor do sono, mas ele não quis beber.

— Viverei minha vida até o último minuto — disse. — Até o fim.

— O que posso fazer por você?

— Já fez demais, Taita — Tanus respondeu. — Mas não há limite para as exigências que todos nós lhe fazemos.

Eu balancei a cabeça.

— Não há limite para o que eu lhes daria.

— Então faça-lhe estes últimos pedidos. Primeiro, você jamais contará a Memnon que sou seu pai. Ele deve acreditar sempre que o sangue dos faraós corre em suas veias. Ele precisará de muita força para cumprir o destino que o aguarda.

— Memnon se orgulharia tanto de ter o seu sangue quanto o de qualquer rei.

— Jure que você não lhe contará.

— Eu juro — respondi, e Tanus ficou reunindo forças.

— Há outro pedido.

— Prometo-lhe antes que o pronuncie — eu disse.

— Cuide de minha mulher, que nunca foi minha esposa. Proteja-a e socorra-a como tem feito todos esses anos.

— Você sabe que o farei.

— Sim, sei disso, pois você sempre a amou tanto quanto eu. Cuide de Lostris e de nossos filhos. Eu os coloco em suas mãos.

Tanus fechou os olhos e pensei que o fim estivesse próximo, mas sua força ultrapassava a de qualquer outro homem. Depois de um instante ele voltou a abri-los.

— Quero ver o príncipe — disse.

— Ele o aguarda no terraço.

Fui até a porta cortinada. Memnon estava na extremidade do terraço com Masara, muito próximos um do outro, mas sem se tocar. Tinham expressões sérias, e as vozes abafadas. Ambos olharam quando chamei.

Memnon veio imediatamente, deixando a garota sozinha. Andou até o leito de Tanus e ficou olhando para ele. Tanus sorriu, mas um sorriso frágil. Percebi quanto esforço aquilo lhe custou.

— Alteza, ensinei-lhe tudo o que sei sobre a guerra, mas não posso lhe ensinar tudo sobre a vida. Cada homem deve aprender por si mesmo. Não há mais nada que eu precise lhe dizer antes de iniciar esta nova jornada, exceto agradecer-lhe pela dádiva de conhecê-lo e servi-lo.

— Você sempre foi mais que um tutor para mim — Memnon respondeu suavemente. — Foi o pai que nunca conheci.

Tanus fechou os olhos e sua expressão se contorceu. Memnon inclinou-se e segurou o braço de Tanus com firmeza.

— A dor é apenas mais um inimigo a ser enfrentado e superado. Você me ensinou isso, senhor Tanus. — O príncipe pensava que fosse o ferimento que o afligia, mas eu sabia que a dor fora causada pela palavra "pai".

Tanus abriu os olhos.

— Obrigado, alteza. É bom ter sua ajuda nesta agonia final.

— Chame-me de amigo, e não alteza. — Memnon ajoelhou-se ao lado da cama e não soltou o braço de Tanus.

— Tenho um presente para você, amigo. — O sangue no pulmão de Tanus lhe sufocava a voz. Ele procurou o punho da espada azul a seu lado, mas não teve força para levantá-la. Pegou a mão de Memnon e colocou-a sobre a preciosa arma. — Ela é sua agora — sussurrou.

— Pensarei em você toda vez que a desembainhar. Pronunciarei seu nome sempre que a empunhar no campo de batalha. — Memnon pegou a espada.

— Confere-me uma grande honra.

Memnon levantou-se e, com a espada na mão direita, adotou a postura clássica de abertura no centro do quarto. Tocada lâmina com os lábios, saudando o homem que jazia na cama.

— Foi assim que você me ensinou.

Então iniciou o exercício de esgrima que Tanus lhe havia ensinado quando ainda era criança. Executou os doze movimentos, depois os golpes com incrível perfeição. A lâmina prateada circulava e descia como uma águia reluzente. Soprava e zumbia no ar, iluminando a obs-curidade do quarto com seus reflexos.

Memnon terminou com o golpe direto, voltado para a garganta do inimigo imaginário. Depois colocou a ponta entre os pés e descansou as duas mãos sobre o punho da espada.

— Você aprendeu bem — Tanus assentiu. — Não há mais nada que eu possa lhe ensinar. Já posso partir.

— Esperarei com você — disse Memnon.

— Não. — Tanus fez um gesto cansado. — Seu destino o aguarda além das paredes deste quarto tenebroso. Você deve partir sem olhar para trás e cumpri-lo. Taita ficará comigo. Leve a garota com você. Vá até a rainha Lostris e prepare-a para a notícia de minha morte.

— Vá em paz, senhor Tanus. — Memnon não degradaria aquele momento solene com discussões fúteis. Foi até a cama e beijou seu pai nos lábios. Depois virou-se e, sem olhar para trás, saiu do quarto segurando a espada azul.

— Rume para a glória, meu filho — Tanus sussurrou e virou o rosto para a parede de pedra. Sentei-me ao pé da cama e olhei para o chão sujo, para não ver um homem como Tanus chorar.



Acordei no meio da noite ouvindo tambores, o ritmo dos rudes instrumentos shilluks na escuridão. O som triste das vozes entoava um lamento selvagem que me fez tremer de pavor. A lâmparina estava no fim e bruxuleava ao lado da cama, produzindo sombras grotescas no teto, como o bater das asas de abutres. Aproximei-me de Tanus devagar e com relutância. Eu sabia que os shilluks não se enganariam — eles possuem uma percepção especial dessas coisas.

Tanus estava deitado como eu o havia visto pela última vez, de rosto voltado para a parede, mas quando toquei seu ombro senti a pele fria. Aquele espírito indomável havia partido.

Sentei-me ao lado dele até o fim da noite, chorando e lamentando-me, como faziam os shilluks.

Ao amanhecer, mandei chamar os embalsamadores.

Não permitiria que aqueles açougueiros eviscerassem meu amigo. Eu mesmo fiz a incisão em seu flanco esquerdo. Não foi um corte feio e comprido, como os profissionais costumam fazer, mas a obra de um cirurgião.

Por ali retirei as vísceras. Tremi ao segurar nas mãos o grande coração de Tanus. Era como se ainda pudesse sentir toda a sua força e o seu poder pulsando naquele invólucro de carne. Recoloquei-o com amor e respeito na gaiola de suas costelas e fechei-lhe o corte lateral e o ferimento no peito com toda a habilidade de que dispunha.

Peguei a colher de bronze e enfiei-a por sua narina até senti-la tocar a fina parede de osso no fim da passagem. Perfurei a tênue divisão com um golpe firme e raspei o material mole da cavidade de seu cérebro. Só então concordei em entregar o corpo aos embalsamadores.

Embora não tivesse mais nada para fazer ali, esperei Tanus durante os longos quarenta dias da mumificação, no frio e escuro castelo de Adbar Seged. Revendo tudo hoje, percebo que foi uma fraqueza minha. Não conseguiria suportar o peso da dor de minha ama quando recebesse a notícia da morte de Tanus. Eu havia deixado Memnon assumir esse dever, que por direito era meu. Esconderei-me entre os mortos, quando deveria estar com os vivos, que mais necessitavam de mim. Sempre fui um covarde...

Não havia caixão para transportar o corpo mumificado de Tanus. Eu lhe faria um quando alcançássemos finalmente a frota em Qebui. Fiz as mulheres etíopes trançar uma longa cesta para ele, de

trama tão fina que parecia linho. Ela referia a água como um pote de cerâmica.



Descemos a montanha com Tanus. Os shilluks suportavam com facilidade o peso do corpo dissecado e lutavam entre si por essa honra. Às vezes cantavam suas primitivas canções de luto enquanto serpenteávamos pelas gargantas e sobre os passos varridos pelo vento. Outras, entoavam as canções de batalha que Tanus lhes ensinara.

Caminhei ao lado do corpo durante todo o trajeto acidentado. A chuva despencou sobre os picos e nos encharcou, inundando os vaus e obrigando-nos a atravessar amarrados a cordas. A noite em minha tenda, o caixão de vime de Tanus ficava ao lado de minha cama. Eu lhe falava em voz alta na escuridão, fingindo que ele podia me ouvir e responder como nos velhos tempos.

Afinal descemos o último desfiladeiro, e as grandes planícies se estenderam à nossa frente. Ao nos aproximarmos de Qebui, minha ama veio ao encontro da triste caravana. Ela viajava no coche do príncipe Memnon, atrás dele.

Quando se aproximaram pela savana, ordenei que os carregadores shilluks depositassem o caixão de Tanus sob os galhos frondosos de uma acácia gigante. Minha ama apeou do coche e foi diretamente até o caixão. Colocou uma das mãos sobre ele e inclinou a cabeça, em silêncio.

Fiquei chocado ao ver os estragos que a dor lhe causara. Havia mechas grisalhas em seus cabelos, e os olhos estavam mortiços. O brilho e a vida haviam desaparecido deles. Percebi que a época de sua juventude e grande beleza haviam terminado. Transformara-se numa figura trágica e solitária. Seu sofrimento era tão evidente que ao vê-la ninguém duvidaria de que ela fosse a viúva.

Aproximei-me para adverti-la.

— Senhora, não deixe que todos percebam sua dor. Eles nunca devem saber que ele foi mais que um bom amigo e o comandante de seus exércitos. Pelo bem de sua memória e a honra que ele tanto prezava, contenha as lágrimas.

— Não tenho mais lágrimas — ela respondeu com tranqüilidade. — Minha dor as esgotou. Somente eu e você saberemos a verdade.

Colocamos o humilde caixão de Tanus a bordo do *Sopro de Hórus*, ao lado do magnífico esquife de ouro do faraó. Fiquei ao lado de minha ama, como havia prometido a Tanus, até que a pior agonia do luto passou, transformando-se na dor eterna que nunca mais a abandonaria. Depois, sob sua ordem, voltei ao vale para supervisionar as obras do sepulcro faraônico.

Obedecendo a minha senhora, também escolhi um local mais ao fundo do vale para a tumba de Tanus. Apesar de eu dar o melhor de mim com o material e os artesãos de que dispunha, o local do repouso eterno de Tanus seria a palhoça de um camponês, comparada ao templo fúnebre do faraó Mamose.

Um exército de artesãos havia trabalhado todos aqueles anos para completar os magníficos murais que decoravam os corredores e as câmaras subterrâneas da tumba real. Os depósitos do mausoléu estavam repletos com os tesouros que havíamos trazido de Tebas.

A tumba de Tanus foi construída às pressas. Em sua vida de serviços à nação e à coroa, ele não havia acumulado riquezas. Pintei nas paredes cenas representando os fatos de sua existência terrena: as caçadas a feras possantes, as batalhas contra o usurpador vermelho e os hicsos, e o ataque final à fortaleza de Adbar Seged. No entanto, não ousei exibir suas mais nobres conquistas — seu amor por minha ama e a inabalável amizade por mim. O amor de uma rainha é traição a amizade de um escravo, degradante.

Quando a modesta tumba de Tanus finalmente ficou pronta, isolei-me ali onde ele passaria a eternidade e subitamente invadiu-me a raiva de não poder fazer mais por ele. A meus olhos, era mais homem que todos os faraós que já haviam usado a dupla coroa — a coroa que poderia ter sido dele e deveria ter sido dele, mas que ele recusara. Para mim, Tanus era mais rei que qualquer faraó jamais o fora.

Foi então que me ocorreu a idéia. Era tão audaciosa que a repeli. Só pensar naquilo era uma terrível traição, um insulto aos homens e aos deuses.

Mas com o passar das semanas a idéia continuou se insinuando em minha mente. Eu devia tanto a Tanus, e tão pouco ao faraó. Mesmo que fosse condenado à perdição, seria um preço justo. Tanus me havia dado mais que isso durante toda a vida.

Mas eu não poderia executar tudo sozinho. Precisaria de ajuda, mas a quem poderia recorrer? Não podia contar com a rainha Lostris ou o príncipe Memnon. Minha ama estava presa pelo juramento que fizera ao faraó, e Memnon não sabia qual dos dois fora seu verdadeiro pai. Não poderia lhe contar sem quebrar minha promessa a Tanus.

Afinal, havia uma única pessoa que amara Tanus tanto quanto eu, que não temia deuses ou homens e que tinha a força física que me faltava.

— Pelas nádegas sujas de Seth! — o senhor Kratas gargalhou quando lhe revelei meu plano. — Só mesmo você poderia ter inventado isso. É o maior rufião vivo, Taita, mas o adoro por me dar esta última oportunidade de homenagear Tanus.

Nós dois planejamos tudo com detalhes. Cheguei a enviar aos guardas dos porões do *Sopro de Hórus* um jarro de vinho misturado com o pó da flor do sono.

Quando Kratas e eu entramos no porão do navio, onde estavam os dois caixões, minha decisão oscilou. Senti que o *Ka* do faraó Mamose me observava das sombras e que seu espírito perturbado me perseguiria pelo resto da minha vida, buscando a vingança por esse sacrilégio.

O grande e rude Kratas não tinha tais dúvidas e pôs-se a trabalhar com tal vontade que por várias vezes durante a noite precisei adverti-lo para não fazer barulho. Abrimos as tampas de ouro do caixão real e retiramos a múmia do faraó.

Tanus era mais alto que o faraó, mas felizmente os construtores do caixão haviam deixado certa folga, e o corpo de Tanus encolhera ao ser embalsamado. Ainda assim tivemos de desenrolar várias camadas de faixas para que ele coubesse exatamente no grande esquife de ouro. Murmurei uma desculpa ao faraó Mamose quando o colocamos no humilde caixão de madeira, decorado externamente com o Grande Leão do Egito. Havia espaço de sobra, e antes de selarmos a tampa o preenchemos com as faixas de linho que havíamos retirado de Tanus.



Depois que as chuvas terminaram e a estação fria do ano voltou, minha ama ordenou a partida do cortejo fúnebre de Qebui para o vale das tumbas.

A primeira divisão de cocheiros, liderada pelo príncipe Memnon, ia à frente. Atrás seguiam cinquenta carroças carregadas com o tesouro fúnebre do faraó Mamose. A viúva real, a rainha Lostris, viajava na carroça com o caixão dourado. Fiquei feliz ao vê-la fazer essa última viagem em companhia do único homem que amou, mesmo pensando que outro estivesse ali. Vi-a olhar para trás várias vezes, para o fim da longa caravana que se arrastava pelas planícies, com cinco milhas de uma ponta à outra.

A carroça ao final da coluna, carregando o caixão de madeira, era acompanhada por um regimento de shilluks. Suas vozes magníficas, entoando o último adeus, chegavam claramente até nós na dianteira da coluna. Eu sabia que Tanus as escutaria e saberia para quem era a canção.



Quando chegamos ao vale das tumbas, o caixão dourado foi colocado sob um tabernáculo diante da entrada do mausoléu real. O tecido da tenda era decorado com textos e ilustrações do *Livro dos Mortos*.

Haveria dois funerais separados. O primeiro, menor, seria o do Grande Leão do Egito. O segundo, mais importante e elaborado, o funeral do rei.

Foi assim que, três dias depois de atingirmos o vale, o caixão de madeira foi colocado no túmulo que eu havia preparado para Tanus. A tumba foi consagrada pelos sacerdotes de Hórus, o padroeiro de Tanus, e então selada.

Durante o ritual, minha ama conseguiu conter sua tristeza e nada demonstrou além da dor adequada a uma rainha em relação a um servo fiel, embora eu soubesse que dentro dela estava morrendo algo que jamais renasceria.

Durante toda a noite, no vale ressoaram os cantos do regimento shilluk, enlutado pelo homem que para eles se tornara um deus. Até hoje eles continuam gritando o seu nome nas batalhas.

Dez dias depois do primeiro enterro, o caixão de ouro foi depositado sobre o trenó de madeira e puxado até a enorme tumba real. Foi necessária força de trezentos escravos para manobrar o caixão pelos corredores. Eu havia projetado a tumba de forma tão minuciosa que havia o espaço de apenas uma mão entre as laterais e a tampa do caixão e as paredes e o teto de pedra.

Para confundir os futuros saqueadores que pudessem tentar profanar o mausoléu, eu havia construído um labirinto de túneis no interior da montanha. Da entrada na face do penhasco, um corredor largo conduzia diretamente a uma impressionante catacumba decorada com maravilhosos murais. No centro desta sala havia um sarcófago de granito vazio, com a tampa removida e deixada de lado num lance teatral. O primeiro saqueador que ali entrasse acreditaria que havia chegado tarde e que algum outro já pilhara a tumba.

Na verdade, havia outro túnel a partir da entrada, traçado em ângulos retos. Sua boca era disfarçada como depósito do tesouro fúnebre. O caixão tinha de ser manobrado por essa passagem secundária. Dali,

penetrava num labirinto de falsos corredores e catacumbas, cada qual mais sinuoso e enganador que o precedente.

Ao todo eram quatro câmaras funerárias, mas três delas permaneceriam vazias para sempre. Havia três portas ocultas e dois túneis verticais. O caixão tinha de ser içado por um destes e baixado por outro.

Foram necessários quinze dias para deslocar o esquife por esse labirinto e o instalar em seu lugar de repouso final. O teto e as paredes da tumba eram pintados com toda a arte e o gênio de que me dotaram os deuses. Não havia um espaço do tamanho de minha unha que não reluzisse com cor e movimento.

Cinco depósitos ladeavam a câmara, onde foram colocados os tesouros que o faraó Mamose acumulara em sua vida e que quase depauperaram nosso Egito. Eu havia argumentado com minha ama que, em vez de ser enterrado, o tesouro deveria ser usado para pagar o exército e os combates que teríamos de enfrentar para expulsar o tirano hicsu e libertar nosso povo e nossa terra.

— O tesouro pertence ao faraó — ela respondeu. — Acumulamos aqui em Kush um novo tesouro em ouro, escravos e marfim. Será suficiente. Que o divino Mamose fique com o que é dele. Eu lhe fiz um juramento.

Assim, no décimo quinto dia, o caixão de ouro foi depositado no sarcófago de pedra esculpido na pedra nativa. Com um sistema de cordas e alavancas, a pesada tampa foi erguida e colocada no lugar.

A família real, os sacerdotes e os nobres entraram na tumba para executar os últimos ritos.

Minha ama e o príncipe estavam à cabeceira do sarcófago, e os sacerdotes entoavam cânticos e os textos do *Livro dos Mortos*. A fumaça das lamparinas e a respiração de tanta gente no espaço restrito empes-teavam o ar, dificultando a respiração.

A luz amarelada e difusa, vi minha ama empalidecer e o suor brotar em sua testa. Esgueirei-me entre o povo compacto e cheguei até ela no instante em que cambaleou e desmaiou. Consegui segurá-la antes que golpeasse a cabeça na aresta do sarcófago.

Depois que a levamos para fora numa liteira, a rainha Lostris recuperou-se rapidamente com o ar fresco da montanha, mas a fiz permanecer em sua tenda durante o resto do dia.

A noite, enquanto eu lhe preparava o tônico de ervas, Lostris ficou deitada pensativamente, e depois de beber a efusão, sussurrou para mim:

— Tive uma sensação extraordinária na tumba do faraó. Senti subitamente que Tanus estava bem junto de mim. Senti sua mão tocar meu rosto e sua voz murmurar em meu ouvido. Foi então que desmaiei.

— Ele estará sempre junto de você — eu disse.

— Acredito nisso — ela respondeu simplesmente.

Apesar de não o saber na ocasião, hoje percebo que seu declínio começou no dia em que depositamos Tanus no túmulo. Lostris perdeu então a alegria de viver e a vontade de seguir adiante.



Voltei à tumba real no dia seguinte, com pedreiros e grupos de trabalhadores escravos, para selar as entradas e os corredores e armar os equipamentos que protegeriam a câmara mortuária. Ao recuarmos

pelo labirinto de corredores, bloqueamos as entradas secretas com pedras dispostas engenhosamente e reboco, sobre o qual pintávamos murais. Selamos as bocas dos túneis verticais para que parecessem apenas piso e teto comuns.

Preparei desmoronamentos de rochas que seriam ativados por um simples passo sobre uma pedra, e também enchi as passagens verticais com vigas de madeira. Ao longo dos séculos, à medida que estas apodrecessem e fossem consumidas por fungos, desprenderiam vapores malignos que sufocariam qualquer intruso que conseguisse encontrar as passagens secretas.

Mas antes disso fui até a câmara fúnebre para despedir-me de Tanus. Levei comigo um longo pacote envolto num lençol de linho. Parado pela última vez junto ao sarcófago real, mandei todos os trabalhadores sair. Eu seria o último a deixar a tumba, e a entrada seria selada atrás de mim.

Quando fiquei só, abri o embrulho que levara. Dele tirei o longo arco Lanata. Tanus o havia batizado com o nome de minha ama e eu o fizera para ele. Era um último presente de nós dois. Coloquei-o sobre a tampa de pedra do caixão.

Havia outro artigo em meu pacote. Era uma imagem *ushabti* esculpida por mim, que coloquei aos pés do sarcófago. Enquanto a talhava, arranjei três espelhos de cobre de modo a observar minhas feições e reproduzi-las fielmente. O boneco era um Taita em miniatura.

Na base, eu inscrevera as palavras: "Meu nome é Taita. Sou médico e poeta. Sou arquiteto e filósofo. Sou seu amigo. Responderei por você".

Ao sair do mausoléu, detive-me na entrada e olhei para trás pela última vez.

— Adeus, velho amigo — disse. — Fiquei mais rico por tê-lo conhecido. Espere-me do outro lado.



Levei muitos meses para terminar o trabalho na tumba real. Ao retrocedermos pelo labirinto, inspecionava pessoalmente cada passagem selada e cada aparato secreto que deixávamos para trás.

Eu estava só, pois minha ama e o príncipe haviam subido as montanhas até a fortaleza de Prester Beni-Jon. Havia seguido com toda a corte para preparar o casamento de Memnon e Masara. Hui os acompanhara para escolher os cavalos dentre as manadas etíopes que faziam parte do pagamento por termos invadido Adbar Seged e resgatado Masara.

Quando enfim meu trabalho na tumba terminou e os trabalhadores selaram a entrada do mausoléu, na face do penhasco, também eu rumei para as montanhas, vencendo os desfiladeiros frios e ventosos. Estava ansioso para não perder o banquete matrimonial, mas havia partido tarde. O acabamento do túmulo levara mais tempo do que previsto. Eu viajava o mais depressa que os cavalos podiam suportar.

Alcansei o palácio de Prester Beni-Jon cinco dias antes da boda e fui imediatamente à ala da fortaleza onde estavam alojadas minha ama e seu séquito.

— Não sorri desde a última vez que o vi, Taita — foi como ela me recebeu. — Cante para mim, conte-me suas histórias, faça-me rir.

Não era uma tarefa fácil, pois a melancolia havia penetrado profundamente sua alma, e a verdade era que eu mesmo não me sentia muito alegre. Percebi que algo além da dor a afetava. Logo abandonamos nossas tentativas de nos divertir e começamos a discutir os assuntos de Estado.

No que dizia respeito aos noivos, era apenas uma união por amor, o encontro de duas almas gêmeas abençoado pelos deuses, mas para o restante de nós o casamento de Memnon e Masara era um matrimônio real e um pacto entre duas nações. Havia tratados a negociar, dotes a estabelecer, acordos comerciais a ser definidos entre o rei dos reis, o senhor de Aksum, e a regente do Egito, portadora da dupla coroa dos dois reinos.

Como eu previra, minha ama a princípio ficara menos que embevecida pela perspectiva de seu único filho casar-se com uma mulher de outra raça.

— Eles são diferentes em tudo, Taita. Os deuses que veneram, a língua que falam, a cor de sua pele... Oh! Como gostaria que ele escolhesse uma moça de nosso povo.

— Ele o fará — tranqüilizei-a. — Ele se casará com cinquenta, talvez cem egípcias. Também desposará líbias, hurritas e hicsas. Todas as raças e nações que conquistar lhe darão esposas, kushita Thititas e assírias...

— Deixe de brincadeiras, Taita! — A rainha Lostris bateu o pé, lembrando seu antigo temperamento impetuoso. — Você sabe muito bem do que estou falando. Com as outras serão casamentos políticos. Este, o primeiro, é o casamento de dois corações.

O que ela dizia era verdade. A promessa de amor que Memnon e Masara trocaram naquele momento fugaz junto ao rio estava florescendo.

Tive o privilégio especial de estar junto deles naqueles dias acalorados. Ambos reconheciam e eram-me gratos por intervir em sua aproximação. Para os dois eu era um amigo de longa data, em quem confiavam sem hesitação.

Eu não partilhava as dúvidas de minha ama. Apesar de os dois jovens serem diferentes sob todos os aspectos que ela mencionara, seus corações eram feitos do mesmo molde. Ambos possuíam um senso de dedicação, uma bravura de espírito, um toque da ousadia e da crueldade que todo governante deve ter. Eram dois falcões, feitos um para o outro. Eu sabia que ela não o desviaria de seu destino. Pelo contrário, iria incentivá-lo e encorajá-lo a maiores conquistas. E eu me felicitei por meus esforços como alcoviteiro.

Num dia luminoso, observados por vinte mil homens e mulheres da Etiópia e do Egito que lotavam as encostas ao redor, Memnon e Masara postaram-se à margem do rio e quebraram o jarro d'água que o sumo-sacerdote de Osíris recolhera do Nilo.

Os noivos conduziram a caravana ao descer as montanhas, carregados com o dote de uma princesa e os tratados e protocolos de amizade selados entre as duas nações.

Atrás de nós, Hui e seus ajudantes conduziam uma manada de mil cavalos. Alguns deles eram o pagamento por nossos serviços, outros faziam parte do dote de Masara. No entanto, antes de alcançarmos a junção dos rios em Qebui, vimos a mancha escura sobre as planícies à nossa frente, como se uma nuvem tivesse sombreado a savana. Mas o sol brilhava no céu límpido. Os rebanhos de gnus haviam voltado em sua migração anual.

Algumas semanas depois, o Estrangulador Amarelo atacou nossos cavalos etíopes e os devastou como uma enxurrada nos desfiladeiros das montanhas.

Hui e eu esperávamos, é claro, que a peste atacasse na volta dos gnus, e nos havíamos preparado. Treinamos todos os cavaleiros e cocheiros para realizar a traqueotomia e tratar o corte com piche quente, para impedir a infecção até que os animais tivessem a chance de se recuperar do Estrangulador.

Durante muitas semanas nenhum de nós dormiu muito, mas no fim menos de dois mil dos novos cavalos morreram da doença. Antes da próxima cheia do Nilo, os que sobreviveram estavam fortes o suficiente para serem treinados com os coches.



Quando veio a inundação, os sacerdotes fizeram sacrifícios nas margens do rio, cada um a seu próprio deus, e consultaram os augúrios para o ano seguinte. Alguns perscrutavam as entranhas de carneiros sacrificados, outros observavam o vô das aves selvagens, outros ainda olhavam o interior de recipientes cheios de água do Nilo. Cada um fazia adivinhações a seu modo.

A rainha Lostris ofereceu sacrifício a Hapi. Eu a acompanhei no ritual litúrgico, respondendo com a congregação, mas meu coração estava distante dali. Sou filho de Hórus, assim como o senhor Kratas e o príncipe Memnon. Ofertamos ouro e marfim a nosso deus e oramos por sua orientação.

Assim como os homens, não é comum os deuses concordarem entre si. Mas naquele ano foi diferente. Com exceção de Anúbis, Thoth e a deusa Nut, o séquito celestial falou em uníssono. Os três — Anúbis, Thoth e Nut — são divindades menores e seus conselhos podem ser desprezados com segurança. Todos os grandes deuses — Amon-Rá, Osíris, Hórus, Hapi, Isis — e outros duzentos, maiores e menores, deram o mesmo conselho: "Chegou a hora para voltar à sagrada terra negra de *Kemit*".

O senhor Kratas, que é um pagão de coração e um cínico por natureza, sugeriu que todo o clero havia conspirado para colocar essas palavras na boca de seus padroeiros. Embora eu tenha demonstrado minha indignação diante dessa blasfêmia, secretamente inclinava-me a concordar com a opinião de Kratas.

Os sacerdotes são homens indolentes, habituados ao conforto, e durante quase duas décadas nós vivêramos a vida dura de nômades e guerreiros na terra agreste de Kush. Acho que eles tinham saudade de Tebas, mais ainda que minha ama. Talvez não tivessem sido os deuses, mas homens que aconselharam o retorno para o norte.

A rainha Lostris convocou o grande conselho de Estado, e quando fez a proclamação, endossando os ditames divinos, os nobres e sacerdotes levantaram-se e aplaudiram como uma só pessoa. Eu ovacionei da mesma forma que os demais, e naquela noite meus sonhos encheram-se de visões de Tebas e imagens daqueles dias longínquos em que Tanus, Lostris e eu éramos jovens e felizes.



Desde a morte de Tanus não havia comandante supremo de nossos exércitos, e o conselho de guerra encontrava-se em reuniões secretas. É claro que fui excluído desses conclaves, mas minha ama contava-me tudo o que se dizia.

Depois de longos debates, o comando foi oferecido a Kratas. Ele levantou-se diante dos outros, grisalho e coberto de cicatrizes como um velho leão, e deu sua grande gargalhada.

— Sou um soldado — disse. — Obedeço ordens, não as dou. Dêem-me o comando dos shilluks, e seguirei meu chefe até as fronteiras da morte e além dela. — Ele desembainhou a espada e apontou-a

para o príncipe. — Ele é o homem que seguirei. Salve, Memnon! Que viva para sempre.

— Que viva para sempre! — todos gritaram, e minha ama sorriu. Ela e eu havíamos preparado exatamente esse resultado.

Aos vinte e dois anos, o príncipe Memnon foi elevado ao posto de Grande Leão do Egito e comandante de todos os seus exércitos. Imediatamente ele começou a planejar o retorno.

Embora meu posto fosse apenas o de Mestre do Cavalo Real, eu participava do estado-maior do príncipe Memnon. Com frequência ele me chamava para solucionar problemas logísticos que encontrava. Durante o dia, eu conduzia seu coche com o estandarte azul a flutuar sobre nossas cabeças enquanto ele passava em revista os regimentos e os chefiava nos exercícios bélicos.

Muitas noites, nós três, o príncipe, Kratas e eu, ficávamos até tarde em volta de um jarro de vinho, discutindo a Restauração do reino. Nessas ocasiões, a princesa Masara nos fazia companhia, servindo as taças com suas próprias mãos morenas e graciosas. Depois sentava-se numa almofada de pele de carneiro aos pés de Memnon e bebia cada palavra. Quando nossos olhares se cruzavam, ela sorria.

A primeira preocupação era evitar a difícil e onerosa travessia das cataratas no percurso rio abaixo. Estas só poderiam ser navegadas na estação das cheias, e assim limitavam o período em que poderíamos viajar.

Propus a construção de outra frota abaixo da quinta catarata com esta, transportaríamos nosso exército até o ponto de partida para atravessar o deserto numa grande curva. Quando alcançássemos novamente o rio, acima da primeira catarata, construiríamos outra esquadra de galés de combate rápidas e balsas para nos transportar até Elefantina.

Eu tinha certeza de que se fizéssemos tudo no tempo certo, surpreendendo a frota hicsa ancorada em Elefantina, aplicaríamos um terrível golpe ao inimigo e poderíamos capturar as galés necessárias para aumentar nossas forças. Quando conquistássemos uma posição-chave, poderíamos trazer a infantaria e os coches pela garganta da primeira catarata e enfrentar os hicsos nas planícies aluviais do Egito.

Começamos a primeira fase da Restauração na cheia seguinte. Em Qebui, que fora nossa capital por tantos anos, deixamos apenas uma guarnição. Qebui seria mais tarde apenas um entreposto comercial do império, através do qual seguiriam para o norte as riquezas de Kush e da Etiópia.

Quando a frota principal zarpou para o norte, Hui e eu, com quinhentos cavaliços e um esquadrão de coches, permanecemos na retaguarda para esperar a volta da migração de gnus. Ela veio subitamente como de costume, numa enorme mancha preta que se espalhava pelas savanas douradas. Fomos com os coches ao seu encontro.

Era fácil capturar aqueles possantes animais. Perseguindo-os com os coches, nos emparelhávamos e laçávamos suas feias cabeças. Os gnus não tinham a rapidez e a fogueira de nossos cavalos. Debatiam-se brevemente com as cordas e depois se resignavam. Em dez dias havíamos recolhido mais de seis mil deles aos currais construídos na margem do Nilo com esse objetivo.

Era ali que sua falta de energia e força ficava mais evidente. Sem motivo aparente, morriam aos milhares, apesar de os tratarmos com dedicação. Dávamos-lhes de comer e beber da mesma maneira que aos nossos cavalos. Era como se seus espíritos errantes não pudessem ser aprisionados e eles ficassem abatidos.

Afinal perdemos mais de metade dos que capturamos, e muitos outros morreram na longa viagem para o norte.



Dois anos depois que a rainha Lostris ordenou a Restauração, nosso povo reuniu-se na margem leste do Nilo acima da quarta catarata. Diante de nós estendia-se a rota do deserto, cortando caminho pelo meio da grande curva do rio. Durante todo o ano precedente, caravanas de carroças haviam partido dali, cada qual carregada de jarros de água do Nilo selados com tampas de madeira e piche quente. Montamos postos de provisão de água a cada dez milhas na estrada poeirenta. Em cada um destes, trinta mil jarros d'água foram enterrados para evitar que rachassem e estourassem sob os raios inclementes do sol.

Éramos quase cinqüenta mil almas e quase tantos animais, inclusive meu rebanho cambaleante de gnus. As carroças d'água deixavam o rio todas as tardes, numa tarefa infundável.

Esperávamos à margem do Nilo o surgimento da lua nova para clarear o caminho através da imensidão. Havíamos planejado partir na estação mais fresca do ano, mas ainda assim o calor e o sol seriam mortais para homens e animais. Viajaríamos somente à noite.

Dois dias antes da partida, minha ama disse:

— Taita, quando foi a última vez que você e eu passamos um dia pescando no rio? Prepare seus caniços e um bote.

Compreendi que ela desejava me dizer algo muito importante. Flutuamos pelas águas verdes até que amarrei o bote a um salgueiro na margem oposta, fora do alcance de ouvidos curiosos.

Primeiro conversamos sobre a partida iminente pelo deserto e as perspectivas da volta a Tebas.

— Quando verei seus muros reluzentes de novo, Taita? — suspirou minha ama, e só pude lhe responder que não sabia.

— Se os deuses forem indulgentes, poderemos estar em Elefantina na próxima estação, quando a cheia do Nilo elevar nossos navios sobre a primeira catarata. Depois nossos destinos flutuarão como o rio, segundo os acasos da guerra.

Mas esse não era o motivo pelo qual me chamara até ali. Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela perguntou:

— Há quanto tempo Tanus nos deixou, Taita? Respondi com a voz engasgada:

— Ele iniciou sua jornada para os campos do paraíso há mais de três anos, senhora.

— Então faz muito mais que isso que me deitei em seus braços pela última vez — ela murmurou, e assenti. Eu não tinha muita certeza da direção que tomavam seus pensamentos.

— Sonhei com ele quase todas as noites desde então, Taita. Seria possível que ele tenha deixado sua semente em meu ventre enquanto eu dormia?

— Tudo é possível no céu — respondi cautelosamente. — Dissemos ao povo que Tehuti e Bekatha foram concebidas dessa forma. Mas, com toda a seriedade, nunca ouvi falar que isso tenha acontecido.

Ficamos em silêncio por um instante. A rainha Lostris deslizou a mão pela água e a ergueu, vendo as gotas escorrer de seus dedos. Então tornou a falar sem olhar para mim.

— Acho que vou ter mais um filho — murmurou. — Minha lua vermelha falhou.

— Senhora... — respondi-lhe calmamente e com tato. — Está chegando à época da vida em que os rios de seu ventre começarão a secar.

As mulheres egípcias são como flores do deserto, que desabrocham cedo mas também fenecem depressa. Ela balançou a cabeça.

— Oh, não, Taita. Não é isso. Sinto a criança crescendo dentro de mim.

Olhei para ela em silêncio. Mais uma vez senti as asas da tragédia roçar-me, agitando o ar e eriçando-me os pêlos dos braços.

— Não precisa me perguntar se tive outro homem. — Dessa vez ela falou olhando diretamente para meus olhos. — Sabe que não.

— Isto eu sei muito bem. Mas não posso acreditar que você tenha sido impregnada por um fantasma, por mais amado e bem-vindo que ele seja. Talvez seu desejo de mais um filho tenha influído em sua imaginação.

— Examine meu útero, Taita — ela ordenou. — Há uma coisa viva dentro de mim. E cresce a cada dia.

— Farei isso hoje à noite, na privacidade de sua cabine. Não aqui no rio, onde olhos curiosos poderiam nos ver.



Minha ama deitou-se nua sobre o lençol e examinei primeiro seu rosto e depois seu corpo. Vendo-a com os olhos de um homem, ainda me parecia encantadora, mas como médico eu podia enxergar com nitidez as cruéis transformações impostas pelos anos e pelas atribulações da vida na natureza selvagem. Seus cabelos estavam agora mais prateados que pretos, e as preocupações da regência haviam esculpido em seu rosto mensagens sombrias. Ela estava envelhecendo.

Seu corpo era o recipiente que havia gerado três outras vidas. Mas agora seus seios estavam vazios, não havia o leite de uma nova gravidez a inchá-los. Ela estava magra. Eu devia ter notado isso antes, uma magreza inatural, quase uma emaciação. Mas seu ventre projetava-se como uma pálida bola de marfim, fora de proporção com os braços e pernas finos.

Pousei a mão levemente sobre sua barriga, nas estrias prateadas onde a pele um dia se distendera para acomodar a carga maravilhosa. Senti a coisa em seu interior e soube de pronto que aquilo não era vida sob meus dedos. Era morte.

Não encontrei palavras. Afastei-me de Lostris, fui até o convés e olhei para o céu cheio de estrelas. Eram frias e distantes. Assim como os deuses, não se importavam. De nada adiantaria suplicar-lhes, deuses ou estrelas.

Eu conhecia aquela coisa que crescia dentro de minha ama. Já havia sentido nos corpos de outras mulheres. Depois de mortas, eu lhes abrira o útero e vira o que as havia matado. Era horrível e disforme, sem semelhança com qualquer coisa humana ou mesmo animal. Era uma bola amorfa de carne vermelha e irada, uma coisa de Seth.

Passou-se muito tempo até que reuni coragem e voltei à cabine.

Minha ama havia se coberto com um roupão. Estava sentada no meio da cama e olhava para mim com aqueles enormes olhos verde-escuros que nunca envelheciam. Parecia a garotinha que eu conhecera um dia.

— Senhora,, por que não me contou sobre a dor? — perguntei delicadamente.

— Como você sabe da dor? — ela retrucou num sussurro. — Tentei escondê-la de você.



A caravana partiu pelo deserto, viajando ao luar pelas areias prateadas. Às vezes a rainha Lostris caminhava comigo e as duas princesas saltitavam a nosso lado, excitadas pela aventura. Outras, quando a dor era forte, minha ama viajava na carroça que eu havia equipado confortavelmente. Eu sentava-me junto dela e segurava sua mão até que a poção feita com o pó da flor do sono realizasse sua mágica e lhe desse descanso.

Toda noite viajávamos apenas até o próximo posto de abastecimento d'água, pela estrada já bem batida pelos milhares de veículos que nos haviam precedido. Durante os longos dias ficávamos sob os toldos das carroças, cochilando no calor sufocante.

Fazia trinta dias e noites que estávamos na estrada quando, de madrugada, deparamos com uma visão impressionante. Uma vela sem barco no deserto, deslocando-se suavemente sobre a areia para o sul. Foi somente depois de viajarmos muitas milhas que compreendemos nossa ilusão. O casco da galé estivera escondido pela barranca do Nilo, e além das dunas o rio corria eternamente. Havíamos terminado a travessia.

O príncipe Memnon e todo o seu estado-maior encontrava-se lá para nos receber. A esquadra de novas galés estava quase completa. Fora a vela de uma delas que avistamos ao nos aproximar. Todas as pranchas e mastros haviam sido cortados e serrados nas grandes planícies de Kush e transportados pela grande curva do rio. Os coches estavam montados. Hui havia conduzido os cavalos pelo deserto, e as carroças transportaram sua ração. Até mesmo meus gnus esperavam em currais à margem do rio.

Embora as caravanas que traziam as mulheres e crianças ainda estivessem a caminho, o corpo principal de nossa nação já havia chegado.

Fora um empreendimento que desafiava a razão, uma missão de proporções divinas. Apenas homens como Kratas, Remrem e Memnon poderiam tê-la levado a cabo em tão pouco tempo.

Agora somente a primeira catarata ainda se interpunha entre nós e a terra sagrada do Egito.

Proseguimos mais uma vez para o norte. Minha ama navegou no navio construído para ela e as princesas. Havia uma cabine grande e arejada para ela, e eu a dotara de todos os luxos disponíveis. As cortinas eram de lã etíope bordada e os móveis, de acácia escura incrustada de marfim e ouro de Kush. Decorei os tabiques com pinturas de flores, pássaros e outras coisas bonitas.

Como sempre, eu dormia aos pés do leito de minha ama. Três noites depois da partida, acordei no meio da noite. Ela chorava baixinho, e embora abafasse os soluços com um travesseiro, o tremor de seus ombros me havia despertado. Fui acudi-la imediatamente.

— A dor voltou?

— Não quis acordá-lo, mas parece uma espada no meu ventre. Preparei-lhe uma dose da flor do sono mais forte do que costumava-lhe administrar. A dor começava a triunfar sobre a flor.

Ela a bebeu e se aquietou por um momento. Depois disse:

— Não pode cortar essa coisa do meu corpo, Taita?

— Não, senhora, não posso.

— Então me abrace. Abrace-me como quando eu era criança. Subi em sua cama e tomei-a nos braços. Estava magra e leve como uma menina, e embalei-a suavemente. Um instante depois ela dormiu.



A frota atingiu a cabeceira da primeira catarata acima de Elefantina e atracamos na margem do rio, que fluía lentamente antes de sentir a pressão das corredeiras e mergulhar pela garganta. Esperamos que o resto do exército fosse transportado até lá — todos os cavalos, os coches e os regimentos de shilluks de Kratas. Aguardamos também que o Nilo subisse e liberasse a catarata à nossa passagem.

Enquanto esperávamos, enviamos espiões pela garganta, vestidos como camponeses, sacerdotes e mercadores com produtos à venda. Desci a cachoeira com Kratas para mapear e marcar a travessia. Agora, com a água baixa, todos os problemas ficavam expostos. Pintamos marcas nas rochas acima da linha da cheia, para que mesmo quando a inundação as cobrisse soubéssemos onde se escondiam os obstáculos. Esse trabalho durou várias semanas, e quando voltamos ao ancora-douro da frota o exército estava reunido diante dele. Enviamos os grupos de batedores para encontrar uma rota para os coches e cavalos através do deserto rochoso do Egito. Não poderíamos arriscar carga tão preciosa nas violentas águas das cataratas.

Nossos espiões começaram a regressar de Elefantina, isolada e secretamente, em geral à noite. Trouxeram as primeiras notícias de nossa terra materna que recebíamos depois de tantos anos de exílio.

O rei Salitis ainda governava, mas estava velho, com a barba branca. Seus dois filhos eram os poderosos comandantes das legiões hicsas. O príncipe Beon liderava a infantaria e o príncipe Apachan, os coches.

O poderio hicsa superava todas as nossas expectativas. Os espiões relataram que Apachan dispunha de doze mil coches. Havíamos trazido de Kush apenas quatro mil. Beon possuía quarenta mil arqueiros e soldados de infantaria. Mesmo com os shilluks de Kratas, somávamos somente quinze mil. Estávamos em grave inferioridade.

Havia também notícias animadoras. O grosso das forças hicsas estava estacionado no delta do Nilo, e Salitis havia estabelecido em Mênfis sua capital. Seriam necessários dois meses para ele deslocar suas forças para o sul até Elefantina e Tebas. Não conseguiria levar os coches rio acima enquanto a cheia não cedesse e a terra secasse. Havia um único esquadrão guardando a cidade de Elefantina — apenas cem coches para repelir nossa invasão. Eram do tipo antigo, de rodas maciças. Ao que parece os hicsos ainda não haviam desenvolvido a roda raiada.

O príncipe Memnon nos explicou seu plano de batalha. Passaríamos pela catarata na cheia e tomaríamos Elefantina. Depois, enquanto Salitis se deslocasse para o sul para nos enfrentar, marcharíamos para Tebas, erguendo a população em rebeliões no trajeto.

Podíamos esperar que Salitis nos combatesse com o exército completo nas planícies aluviais diante de Tebas, depois que as águas do Nilo baixassem. E podíamos esperar que a disparidade de números dos dois exércitos fosse então reduzida em parte pelas tropas egípcias que abraçariam nosso estandarte.

Soubemos pelos espiões que os hicsos não suspeitavam da presença do nosso exército de libertação tão próximo de suas fronteiras, e poderíamos contar com o elemento surpresa em nosso primeiro ataque. Soubemos também que Salitis havia adotado o modo de vida egípcio. Vivia em nossos palácios e adorava nossos deuses. Mesmo o velho Suthek havia mudado de nome para Seth, e ainda era o principal deus.

Embora seus primeiros oficiais fossem hicsos, muitos capitães e sargentos de Salitis haviam sido recrutados entre os egípcios, e metad dos soldados comuns era da nossa nacionalidade. A maioria destes era criança ou ainda não havia nascido na época do nosso êxodo. Perguntava-me a quem eles seriam leais quando o príncipe Memnon conduzisse nosso exército para o Egito.

Agora tudo estava pronto. Os batedores haviam demarcado uma rota pelo deserto na margem oeste, e as carroças d'água haviam depositado estoques de ração e água ao longo dela, o suficiente para que nossos coches alcançassem as férteis planícies egípcias. Nossas galés estavam preparadas e tripuladas para o combate. Quando o Nilo subisse navegaríamos, mas enquanto isso havia um último ritual a executar.

Subimos ao penhasco que dominava o rio, onde ainda se encontrava o obelisco que minha ama mandara erigir duas décadas antes. Era uma elegante coluna de pedra, apontando para o límpido céu africano.

Minha ama estava fraca demais para galgar a trilha áspera até o topo. Dez escravos a carregaram numa cadeira e a depositaram sob o alto monumento. Ela caminhou lenta e dolorosamente até a base da coluna, apoiada ao braço do príncipe Memnon, e observou a inscrição gravada no granito. Toda a nossa nação a observava, todas aquelas almas que haviam voltado até esse ponto de onde partíramos tantos anos antes.

Minha ama leu a inscrição. Sua voz estava fraca, mas ainda era sonora e chegou com nitidez até mim, atrás dos grandes senhores e generais.

— "Eu, rainha Lostris, regente do Egito e viúva do faraó Mamose, o oitavo desse nome, mãe do príncipe real Memnon, que governará os dois reinos depois de mim, ordenei a construção deste monumento..."

Quando ela terminou, voltou-se para seu povo e abriu os braços.

— Fiz o que me foi exigido — disse, e sua voz recuperou parte da antiga força. — Conduzi-os de volta à fronteira de sua terra. Minha tarefa está terminada e abdicó da regência.

Ela fez uma pausa, e por um instante seus olhos encontraram os meus acima das cabeças dos nobres. Fiz um gesto discreto para encorajá-la e ela continuou:

— Cidadãos do Egito, é justo que tenham um verdadeiro faraó para conduzi-los nos últimos passos para casa. Dou-lhes o divino faraó Ta-mose, que foi o príncipe real Memnon. Que viva para sempre!

— Que viva para sempre! — a nação clamou a uma só voz. — Que viva para sempre!

O faraó Tamose adiantou-se e encarou seu povo.

— Que viva para sempre! — todos gritaram pela terceira vez, e nosso novo faraó tirou a espada azul da bainha cravejada de pedras e saudou-os com ela.

No silêncio que se seguiu, a voz de Memnon soou forte e ecoou pelas encostas íngremes:

— Aceito essa missão sagrada. Juro pela minha fé na vida eterna servir meu povo e minha terra por toda a vida. Não me esquivarei a esse dever, e clamo aos deuses para que testemunhem meu juramento.



A inundação chegou. As águas ergueram-se pelas rochas que guardavam a entrada da garganta, e sua cor transformou-se de verde em cinza. A catarata começou a rugir como uma fera no covil, e a nuvem de borrifo ergueu-se para o céu, tão alta quanto os penhascos que ladeavam o Nilo.

Subi a bordo da galé líder com o senhor Kratas e o faraó. Soltamos as amarras e zarpamos pela correnteza. Os remadores, usando apenas tangas, ergueram os rostos para ver Kratas na plataforma do leme, agarrando o remo condutor com seus punhos de urso.

Na proa, dois grupos de marinheiros sob o comando do rei estavam prontos para desviar-nos das rochas. Fiquei ao lado de Kratas, com o mapa da corredeira aberto sobre o convés, pronto para alertar sobre as curvas e desvios do canal. Eu não precisava realmente do mapa, pois havia memorizado cada linha traçada nele. Além disso, colocara homens de confiança nas bordas da garganta e nas ilhas à frente, munidos de bandeiras para sinalizar o caminho.

Quando a correnteza se acelerou sob o casco, dei um último olhar para trás e vi o resto da esquadra a nos seguir em fila, pronta para descer a catarata. Depois olhei novamente para diante e senti o punho do medo apertar minhas entranhas, de tal forma que fui obrigado a pressionar as nádegas. A frente, a garganta esfumaçava como a boca de uma fornalha.

Nossa velocidade aumentou sem percebermos. Os remadores mal tocavam a superfície da água com os remos, apenas o suficiente para manter a proa voltada no rumo da correnteza. Flutuamos tão depressa e tão suavemente que parecíamos estar à deriva. Foi apenas ao olhar para as margens e vê-las passar correndo que percebi como avançávamos depressa. Os portais de pedra da garganta voavam ao nosso encontro. E quando vi a expressão contraída de Kratas dei-me conta do verdadeiro perigo de nossa empreitada. Kratas só fazia aquela cara quando enxergava as garras da morte muito próximas.

— Vamos, seus embusteiros! — ele gritou para a tripulação. — Hoje farei suas mães orgulhar-se de vocês, ou darei trabalho aos embalsa-madores.

O rio era cortado por três ilhas, e o canal se afinilou.

— Desviar para bombordo e seguir a cruz azul. — Eu tentei parecer tranquilo, mas naquele momento senti o convés inclinar-se sob meus pés e agarrei-me à balaustrada.

Voamos por uma queda d'água cinzenta e nossa proa balançou loucamente. Pensei que já estivéssemos desgovernados e esperei ouvir o choque com a rocha e ver o convés estourar sob meus pés. Então vi a proa se aprumar e a cruz azul pintada na parede de pedra surgir bem à nossa frente.

— Firme para estibordo quando chegarmos à bandeira! — minha voz guinchou, mas enxerguei o homem no centro da ilha, sinalizando a curva. Kratas empurrou o leme e gritou para os remeiros:

— Direita, recuar esquerda, firme à frente!

O convés rugeu forte quando entramos na curva.

A parede de rocha passou voando a nosso lado, veloz como um cavalo a galope. Mais uma curva e surgiram as primeiras corredeiras. A rocha negra atravessava nosso caminho e a água encastelava-se nela, assumindo suas formas, avolumando-se em altas ondas. Abria-se em canais estreitos e tranqüilos, enrolava-se sobre si mesma e explodia em véus brancos através dos quais as rochas rosnavam para nós com suas presas negras. Meu estômago contraiu-se quando saltamos sobre a borda e despencamos. Lá no fundo, giramos e sacolejamos como um caule de capim seco num redemoinho.

— Para a esquerda! — Kratas berrou. — Remem até balançar suas bolas!

Conseguimos nos firmar e embicamos para a próxima brecha nas rochas. A água branca inundou o convés e entrou nos meus olhos, sibilando nas laterais do navio. As ondas erguiam-se acima da popa.

— Pelo prepúcio inflamado de Seth! Não me divertia tanto desde que montei minha primeira cabra! — Kratas riu, e a rocha aproximou-se como um elefante atacando. Tocamos nela uma vez, raspando o ventre do navio. O convés vibrou sob nossos pés e senti tanto medo que não consegui gritar. Então a equipe de Memnon nos impeliu com as varas e seguimos adiante.

Atrás de nós escutei o ruído de uma das velhas galés a espatifar-se. Não ousei me virar, pois examinava a próxima curva, mas logo vi destroços e cabeças de homens semi-afogados boiando e girando na torrente. Eles gritavam por nós ao ser arrastados e atirados contra os escolhos, e não os podíamos socorrer. A morte estava em nossos calcanhares e corríamos sentindo seu odor.

Naquela hora vivi cem vidas e morri cada uma delas. Mas afinal fomos impelidos do fundo da catarata para o curso principal do rio. Das vinte e três galés que haviam entrado na garganta, dezoito nos acompanharam. As outras foram esmagadas, e os cadáveres das tripulações afogadas passavam por nós no bojo cinzento do Nilo.

Não houve tempo para comemorarmos o sucesso. Bem à frente estava a ilha de Elefantina, e em ambas as margens erguiam-se as saudosas muralhas e os edifícios da cidade.

— Arqueiros, preparar armas! — o rei Tamose ordenou da proa. — Içar o estandarte azul! Tambor, aumentar a cadência para velocidade de ataque!

Nossa pequena esquadra rumou em direção à massa de embarcações que atravancava os arredores de Elefantina. A maioria era de barcos de comércio e de transporte. Passamos por eles buscando as galés inimigas. Os hicsos haviam tripulado seus navios de combate com marinheiros egípcios, pois ninguém conhecia melhor o rio. Somente os oficiais eram hicsos, e a maioria estava em terra, divertindo-se nas casas de prazer do porto.

Nossos espões nos haviam explicado qual era a bandeira do almirante hicsos, uma flâmula escarlate e dourada tão comprida que sua extremidade mergulhava na água. Dirigimo-nos para o navio que a ostentava, e Memnon o abordou pela amurada, acompanhado de vinte homens.

— Liberdade do tirano hicsos! — eles bradaram. — Em defesa do Egito!

A tripulação os olhava incrédula. Havia sido tomada completamente de surpresa e a maioria estava desarmada. Suas armas estavam trancadas nos porões, pois os oficiais hicsos não lhes tinham confiança.

As demais galés da esquadra haviam escolhido cada qual um navio inimigo e o abordara com presteza. Em todos eles a reação dos tripulantes foi a mesma. Depois da primeira surpresa, gritavam a pergunta:

— Quem são vocês? E a resposta era:

— Egípcios! O exército do verdadeiro faraó Tamose. Unam-se a nós, compatriotas! Expulsem o tirano!

Eles se voltaram contra os oficiais hicsos e os derrubaram antes que os pudessemos alcançar. Depois abraçavam nossos homens, bradando as boas-vindas:

— Pelo Egito! — gritavam. — Por Tamose! Pelo Egito e por Tamose! A saudação correu de navio em navio. Os homens dançavam nas amuradas e enxameavam para o topo dos mastros para arrancar as bandeiras hicsas. Arrombaram os depósitos de armas e se apossaram de arcos e espadas.

Depois desembarcaram em levas. Retiravam os hicsos das tavernas e os destroçavam com golpes sangrentos, de modo que os esgotos vertiam um jorro escarlate nas águas do porto. Correram pelas ruas até os alojamentos da milícia e atacaram a guarda.

— Pelo Egito e por Tamose! — entoavam.

Alguns oficiais hicsos lideraram seus homens e resistiram por algum tempo em bolsões cercados pela multidão. Então Kratas e Memnon desembarcaram com seus veteranos, e em duas horas a cidade era nossa.

A maioria dos coches hicsos estava abandonada, mas metade de um esquadrão escapava pelo portão leste e galopava pela avenida através dos campos inundados até a terra seca.

Abandonei o navio e corri pelos becos que bem conhecia, até a torre norte nas muralhas da cidade. Dali eu sabia que teria a melhor visão da cidade e do campo ao redor. Com tristeza, observei a fuga do destacamento de coches. Cada um que escapasse agora teria de ser combatido mais tarde, e eu queria aqueles cavalos. Quando ia me virar novamente para a cidade, vi uma pequena coluna de poeira erguendo-se do sopé dos íngremes montes ao sul.

Protegi os olhos para examiná-la, sentindo uma pontada de excitação. A poeira vinha em nossa direção rapidamente e consegui distinguir as formas escuras sob ela.

— Por Hórus, é Remrem! — sussurrei com prazer. O velho guerreiro havia trazido a primeira divisão de coches pelo terreno acidentado das montanhas mais depressa do que eu julgava possível. Fazia apenas dois dias que ele havia partido.

Observei com orgulho profissional quando a primeira divisão, em coluna de quatro, abriu-se numa única linha de frente. Hui e eu os havíamos treinado bem. A manobra foi executada à perfeição, e Remrem tinha os hicsos a sua mercê. Metade de seus veículos ainda estava na avenida. Parecia-me que o comandante inimigo nem percebera os esquadrões compactos que avançavam para seu flanco exposto. Acho que ainda devia estar olhando para trás. No último instante ele tentou abrir sua formação para receber o ataque de Remrem, mas era tarde demais. Teria feito melhor em dar meia-volta e fugir.

Os coches de Remrem caíram sobre ele numa onda, arrastando-o como destroços na correnteza do Nilo. Olhei até ter certeza de que Remrem havia capturado a maior parte dos cavalos hicsos, e só então suspirei aliviado e virei-me para a cidade.

A população liberta estava enlouquecida de alegria. Dançava pelas ruas, agitando qualquer pedaço de pano azul que encontrasse, pois era a cor do faraó Tamose. As mulheres amarravam fitas azuis nos cabelos, e os homens envolviam faixas na cintura e nos braços.

Ainda havia lutas isoladas, mas aos poucos os hicsos sobreviventes foram derrubados ou arrancados dos prédios que tentavam defender. Um dos alojamentos foi incendiado com centenas de

homens em seu interior. Ouvi os gritos dos soldados enquanto queimavam, e logo um cheiro semelhante ao de leitão assado chegou até mim.

É claro que houve saques, e alguns de nossos cidadãos mais distintos invadiam as tavernas e carregavam jarros de vinho pelas ruas. Quando um dos jarros se quebrava, punham-se de quatro e bebiam o líquido da sarjeta, como porcos.

Vi três homens perseguir uma garota por um beco. Quando a agarraram, atiraram-na ao chão e rasgaram sua saia. Dois deles seguraram os membros da jovem enquanto o terceiro a violava. Não olhei o resto.

Assim que Memnon e Kratas conquistaram os últimos bolsões de resistência hicsa, puseram-se a restabelecer a ordem na cidade. Esquadrões de soldados disciplinados marchavam pelas ruas, usando o cabo das lanças para acalmar os bêbados e os bandos delirantes.

Memnon ordenou que um punhado dos que foram apanhados em flagrante estupro e pilhagem fossem estrangulados no ato, e os cadáveres foram pendurados pelos tornozelos nos portões da cidade. A noite, Elefantina estava silenciosa, e os homens e as mulheres decentes puderam passear em segurança.

Memnon estabeleceu seu quartel-general no palácio do faraó Ma-mose, que um dia havia sido nosso lar em Elefantina. No instante em que desci da torre corri para nossos velhos aposentos no harém.

Continuavam arrumados luxuosamente e haviam escapado aos saqueadores. Seu antigo ocupante tratara meus murais com o merecido respeito, o jardim aquático era uma profusão de lindas plantas e os tanques estavam cheios de peixes e lótus. O jardineiro egípcio contou-me que o comandante da guarnição hicsa que havia morado ali admirava os hábitos egípcios e tentara imitá-los.

Em alguns dias eu havia restaurado os quartos e jardins de maneira a receber novamente minha ama. Depois procurei Memnon e pedi-lhe permissão para trazer a rainha para casa.

O faraó estava preocupado com o fardo de manter o comando de seu reino. Havia milhares de assuntos que exigiam sua atenção, mas ele os deixou de lado por um momento e me abraçou.

— Tudo está correndo bem, Tata.

— Um feliz retorno, majestade — respondi —, mas ainda há muito a ser feito.

— É uma ordem real que quando estivermos a sós, como agora, você continue a me chamar de Mem. — Ele sorriu para mim. — Mas tem razão, há muito a fazer e pouco tempo antes que Salitis e suas hostes marchem do delta para nos enfrentar. Vencemos a primeira escaramuça. As grandes batalhas estão por vir.

— Há um dever que me dará grande prazer, Mem. Preparei os aposentos para a rainha-mãe. Posso subir o rio e trazê-la para sua casa em Elefantina? Ela já esperou demais para pisar o solo egípcio.

— Vá imediatamente, Tata — ele ordenou —, e traga também a rainha Masara.

O rio estava cheio demais e a estrada pelo deserto era dura demais. Cem escravos carregaram as liteiras das duas rainhas pelas margens do Nilo, através das gargantas e pelo nosso vale verdejante.

Não foi mera coincidência que o primeiro prédio que encontramos ao atravessar a fronteira fosse um pequeno templo. Eu havia planejado o trajeto para nos levar até lá.

— Que santuário é este, Taita? — minha ama perguntou, puxando a cortina da liteira.

— É o templo do deus Akh-Hórus, senhora. Deseja rezar aqui?

— Obrigada — ela sussurrou, compreendendo que eu havia preparado aquilo. Ajudei-a a descer da liteira e ela se apoiou pesadamente em mim quando entramos na escuridão refrescante do edifício de pedra.

Oramos juntos, e tive certeza de que Tanus estava escutando as vozes das duas pessoas que mais o haviam amado. Antes de continuarmos, minha ama ordenou-me que entregasse aos sacerdotes todo o ouro que tínhamos conosco e prometeu enviar mais para manter e embelezar o templo.

Quando alcançamos o palácio de Elefantina ela estava exausta. A cada dia a coisa em seu útero aumentava, alimentando-se de seu corpo frágil. Deitei-a no sofá sob a *barrazza* no jardim aquático. Ela fechou os olhos e descansou por um instante. Depois tornou a abri-los e sorriu para mim suavemente.

— Fomos muito felizes aqui... Mas voltarei a Tebas antes de morrer? Não pude lhe responder. Era inútil fazer promessas que eu não poderia cumprir.

— Se eu morrer antes disso, prometa que me levará de volta e construirá para mim uma tumba nas montanhas, de onde eu possa avistar minha linda cidade.

— Prometo-lhe de todo o coração — respondi.



Nos dias seguintes Aton e eu ressuscitamos nossa antiga rede de espões e informantes por todo o Alto Reino. Muitos dos que trabalhavam para nós haviam morrido, mas outros continuavam vivos. Usando o ouro e o patriotismo como arma para convencer os jovens, eles recrutaram espões em todas as aldeias e cidades. Em pouco tempo tínhamos espões no palácio do sátrapa hicsu em Tebas e outros mais ao norte, até o delta no Baixo Reino. Por intermédio deles soubemos quais regimentos inimigos estavam estacionados em cada cidade e quais se encontravam em marcha. Conhecemos suas capacidades e os nomes e hábitos de seus comandantes. Sabíamos exatamente o número de navios e coches, e quando a inundação do Nilo cedeu pudemos acompanhar o deslocamento para o sul daquela enorme massa de homens e artefatos bélicos que avançava para Tebas com o rei Salitis.

Consegui infiltrar mensagens do faraó Tamose para os egípcios que faziam parte dos regimentos inimigos, conclamando-os à revolta. Eles começaram a desertar para nossas fileiras, trazendo mais informações importantes. Em pouco tempo o pequeno vazamento nos exércitos hicsos tornou-se uma enxurrada de desertores. Dois regimentos completos de arqueiros vieram marchando com a bandeira azul a tremular no alto e cantando "Pelo Egito e por Tamose!".

As tripulações de cem galés de combate amotinaram-se e mataram os oficiais hicsos. Quando vieram navegando rio acima para juntar-se a nós, conduziam à sua frente uma frota de barcos que haviam capturado no porto de Tebas, carregados de cereais, óleo, sal, juta e madeira — tudo o que era necessário para a guerra.

A essa altura todas as nossas forças haviam ultrapassado a catarata e se dispuseram ao redor da cidade, exceto o pequeno rebanho de gnus, que eu havia deixado para trás. De meu observatório na torre norte, vi as fileiras de cavalos estendendo-se por milhas nas duas margens, e a fumaça das fogueiras dos acampamentos deixavam o ar azulado.

A cada dia nos tornávamos mais fortes, e todo o Egito fermentava com excitação e expectativa. O aroma inebriante da liberdade perfumava cada alento nosso. *Kemit* era uma nação em pleno processo de

renascimento. Cantavam-se hinos patrióticos nas ruas e tavernas, as prostitutas e os comerciantes de vinho engordavam.

Aton e eu, debruçados sobre nossos mapas e despachos secretos, víamos emergir uma imagem diferente. Vimos o gigante hicsso despertar e estender o punho fechado em nossa direção. De Mênfis e de todas as cidades e aldeias do delta haviam partido regimentos do rei Salitis. Todas as estradas estavam apinhadas de coches, e o rio, coalhado de navios. Tudo isso se movia em direção a Tebas.

Esperei até saber que o senhor Apachan, comandante dos coches hicsos, havia atingido Tebas e estava acampado diante das muralhas com todos os seus veículos e cavalos. Então apresentei-me ao conselho de guerra do faraó Tamose.

— Majestade, venho relatar que o inimigo tem agora cento e vinte mil cavalos e doze mil coches reunidos em Tebas. Em dois meses o Nilo terá baixado ao nível que permitirá a Apachan iniciar o avanço final.

Até mesmo Kratas parecia preocupado.

— Já vimos situações piores... — ele começou, mas o rei o interrompeu.

— Posso ver em seu rosto que o Mestre do Cavallo Real tem mais a nos dizer. Estou certo, Taita?

— O faraó está sempre certo — concordei. — Peço-lhe permissão para trazer meus gnus, que estão na catarata.

Kratas riu.

— Pela cabeça calva de Seth, Taita, você pretende cavalgar contra os hicsos naqueles animais imbecis?

Acompanhei sua risada, educadamente. O senso de humor de Kratas era tão sutil quanto os selvagens shilluks que ele comandava.

Na manhã seguinte, Hui e eu partimos rio acima para trazer os gnus. Havia então apenas trezentos desses tristes animais vivos, dos seis mil iniciais, mas estavam mansos e podiam ser alimentados pela mão. Nós os conduzimos em passo lento, para não os enfraquecer ainda mais.

Os cavalos que Remrem havia capturado na primeira batalha rápida com os coches hicsos em fuga haviam sido deixados à parte dos cavalos que trouxéramos de Kush.

Hui e eu colocamos os gnus no mesmo pasto com os cavalos, e depois do primeiro estranhamento entre as duas espécies todos pastaram juntos pacificamente. A noite, guardamos os gnus e cavalos hicsos no mesmo curral. Deixei Hui a vigiá-los e voltei para o palácio.

Agora confesso que senti muita incerteza e preocupação nos dias que se seguiram. Eu havia depositado demasiada fé no sucesso do meu plano, que, afinal, dependia de um fato natural que eu não compreendia inteiramente. Se falhasse, estaríamos diante da fúria de um inimigo pelo menos quatro vezes mais numeroso que nós.

Trabalhei até tarde com Aton, e dormia sobre meus papiros na biblioteca do palácio quando fui sacudido por várias mãos. Hui gritou em meu ouvido:

— Vamos, velho preguiçoso! Acorde! Quero lhe mostrar uma coisa. Havia cavalos à nossa espera no cais. Corremos para eles assim que a balsa nos depositou em terra. Galopamos ao luar durante todo o trajeto, margeando o rio, e chegamos com os animais espumando. Os cavaliços tinham lâmpadas acesas e trabalhavam no curral à luz amarelada.

Sete cavalos hicsos já estavam deitados, com o pus amarelo brotando de seus focinhos. Os cavaliços cortavam as traquéias dos animais e inseriam nelas os caniços ocos, para salvá-los do sufocamento.

— Funcionou! — Hui gritou, dando-me um abraço apertado e fazendo-me dançar em círculo. — O Estrangulador Amarelo funcionou! Conseguimos!

— Fui eu quem imaginou isso, não fui? — eu lhe disse com toda a dignidade que seu espalhafato me permitia. — Pois é claro que funcionou!

As balsas estavam atracadas na margem há semanas, prontas para aquele momento. Embarcamos os cavalos imediatamente, todos os que ainda se mantinham de pé. Os gnus continuaram no curral. Sua presença seria difícil de explicar no lugar para onde íamos.

Com uma das galés capturadas aos hicsos rebocando cada uma das balsas, remamos na correnteza no rumo norte. Com cinquenta remos de cada lado e o vento e a correnteza a nos impelir, singramos velozmente para Tebas, para levar nosso presente ao senhor Apachan.



Assim que passamos por Kom-Ombo, baixamos a bandeira azul e içamos bandeiras hicsas. A maior parte das tripulações das galés que rebocavam as balsas havia nascido sob o jugo hicsa. Alguns eram mestiços e falavam fluentemente a língua estrangeira.

A dois dias de Kom-Ombo fomos abordados por uma galé hicsa, que encostou no nosso navio e mandou um grupo de soldados inspecionar a carga.

— Cavalos para os coches do senhor Apachan — nosso capitão lhes disse. O pai dele era hicsa e a mãe, uma nobre egípcia. Ele adotou um ar natural, e tinha credenciais convincentes. Depois de uma rápida inspeção, os hicsos nos deixaram passar. Fomos parados e abordados mais duas vezes antes de chegarmos a Tebas, mas a cada vez nosso capitão conseguiu enganar os oficiais inimigos que subiram a bordo.

Minha principal preocupação agora era o estado dos cavalos. Apesar de nossos esforços, eles começavam a morrer, e metade dos que ainda viviam estavam em péssimas condições. Atiramos as carcaças no rio e navegamos para o norte o mais depressa possível.

Meu plano inicial era vender os cavalos ao intendente do exército hicsa no porto de Tebas, mas ninguém que conhecesse cavalos compraria aquele rebanho lastimável. Hui e eu decidimos por outra via.

Controlamos o tempo do último trecho da viagem para chegarmos a Tebas ao crepúsculo. Meu coração doeu quando reconheci todos os marcos familiares. As muralhas da cidadela reluziam em tons cor-de-rosa aos últimos raios do sol. As três elegantes torres que eu havia construído para o senhor Intef, e que apropriadamente se chamavam Dedos de Hórus, continuavam apontando para o céu.

O Palácio de Memnon, na margem oeste, que eu deixara inacabado, fora terminado pelos hicsos. Até eu tinha de admitir que a influência asiática era harmoniosa. Aquela luz, as agulhas e torres adquiriam uma qualidade misteriosa e exótica. Desejei que minha ama estivesse ali para partilhar comigo aquele momento da volta ao lar. Havíamos ansiado por ele durante metade de sua vida.

Mesmo no lusco-fusco era possível distinguir a grande quantidade de homens, cavalos, coches e carroças disposta diante dos muros da cidade. Apesar de eu ter recebido relatórios detalhados, não conseguira visualizar tal multidão. Meu ânimo retraiu-se ao vê-la, e lembrei-me do galante e pequeno exército que deixara em Elefantina.

Íríamos precisar de todos os favores dos deuses e de um bom quinhão de sorte para triunfamos contra tais hostes. Quando a noite chegou, as fogueiras dos hicsos iluminaram a planície como uma constelação. Pareciam infinitas, estendendo-se até o limite da visão.

Ao nos aproximarmos sentimos seu cheiro, o odor peculiar emitido por um exército de prontidão. E uma mescla de muitos cheiros, de fogueiras feitas com estéreo, da comida sendo preparada, o aroma adocicado de feno recém-cortado, o cheiro de amoníaco dos cavalos e o das latrinas humanas a céu aberto, de couro, piche, suor eqüino, serragem e cerveja azeda. O mais forte é o cheiro dos homens — dezenas de milhares de homens vivendo amontoados em tendas, choças e barracos.

Seguimos navegando, e os sons flutuavam sobre a água iluminada pelas estrelas até nosso navio silencioso: os bufos e relinchos dos cavalos, o barulho dos ferreiros martelando lanças e espadas nas bigornas, os chamados das sentinelas e as vozes dos homens cantando, discutindo e rindo.

No convés ao lado da cabine do capitão, eu o orientava em direção à margem leste. Lembrei-me do cais dos mercadores de madeira junto à muralha. Se continuasse ali, seria o melhor ponto de desembarque para nossa manada.

Encontrei a entrada da doca e nos movemos a remo. O cais estava exatamente como eu me lembrava. Ao encostarmos, o mestre do porto subiu a bordo apressadamente, pedindo nossos papéis e a licença para comerciar.

Eu o lisonjeei, fazendo reverências e sorrindo obsequiosamente.

— Excelência, houve um terrível acidente. Minhas licenças foram sopradas pelo vento, um truque de Seth, sem dúvida.

Ele bufou como um sapo e então cedeu, quando coloquei em sua mão gorda um pesado anel de ouro. Ele testou o metal entre os dentes e afastou-se sorrindo.

Mandei um dos cavaliços à terra para apagar as tochas que iluminavam o cais. Não queria que olhares curiosos notassem o estado dos cavalos. Alguns animais estavam fracos demais para se levantar, outros cambaleavam e espirravam, babando o muco malcheiroso. Tivemos de lhes colocar cabrestos e forçá-los a sair da balsa para o cais. Afinal havia apenas cem cavalos fortes o suficiente para andar.

Conduzimos o rebanho pela trilha das carroças até o terreno elevado onde estavam as manadas principais, segundo nossos espões. Estes também nos haviam fornecido a senha da primeira divisão de coches hicsos, e os que falavam a língua entre nós respondiam ao chamado das sentinelas.

Fizemos os cavalos marchar por toda a extensão do acampamento inimigo. Ao passar, íamos soltando os animais, deixando alguns deles a vagar por entre as linhas de cada divisão hicsa. Movíamos-nos tão naturalmente que ninguém deu o alarme. Chegamos a conversar e brincar com os cavaliços inimigos que encontrávamos pelo caminho.

Quando os primeiros raios da aurora surgiram no horizonte, voltamos ao cais. Apenas uma das galés não havia esperado. As demais haviam partido para o sul assim que descarregaram a remessa de animais doentes.

Embarcamos no nosso navio, e embora Hui e os outros cavaleiros se tenham atirado ao convés, exaustos, eu permaneci na amurada a observar os muros da minha linda cidade, coloridos pela luz pura da manhã, desaparecer atrás de nós.

Dez dias mais tarde entramos no porto de Elefantina. Depois de me apresentar ao faraó Tamose, corri para o jardim aquático no harém. Minha ama estava deitada à sombra do quiosque, pálida e tão magra que não pude evitar um tremor das mãos quando me abaixei em reverência. Ela chorou ao ver-me.

— Senti sua falta, Taita. Resta tão pouco tempo para ficarmos juntos.



O Nilo começou a baixar para seu leito normal. Os campos negros emergiram da inundação, reluzindo sob uma nova capa de lama fértil. As estradas começaram a secar, liberando o caminho para o norte. Logo seria época de arar e de guerrear. Aton e eu esperávamos ansiosamente, avaliando cada relatório de nossos espiões ao norte. Enfim chegou a informação pela qual estivéramos esperando e rezando. A notícia foi trazida por uma *felucca* veloz, que voou com o vento norte. Ela atracou na terceira ronda noturna, mas o mensageiro encontrou-nos ainda trabalhando na cela de Aton, à luz de lamparinas.

Corri com o papiro sujo para os apartamentos reais. Os guardas tinham ordens de me deixar passar a qualquer hora, mas a rainha Masara encontrou-me na entrada do quarto do rei.

— Não vou deixá-lo acordar o rei agora, Taita. Ele está exausto. É sua primeira noite de sono ininterrupto em um mês.

— Majestade, preciso vê-lo. Tenho ordens expressas dele para... Enquanto discutíamos, uma voz jovem e profunda chamou-me detrás da cortina.

— É você, Tata?

A cortina foi aberta e o rei surgiu diante de nós em sua esplêndida nudez. Era um homem como poucos que já conheci, esguio e rijo como a lâmina da espada azul, majestoso em suas partes viris, de modo que ao olhá-lo fiquei ainda mais cômico de minha própria deficiência.

— O que é, Tata?

— Despachos do norte, do acampamento hicsu. Uma terrível pestilência está devastando as linhas inimigas. Metade de seus cavalos estão contaminados e milhares de outros são atacados pela doença a cada dia.

— Você é um mágico, Tata. Como pudemos caçar de você e seus gnus? — Ele agarrou-me os ombros e olhou fixamente nos meus olhos. — Está pronto para cavalgar comigo para a glória?

— Estou pronto, faraó.

— Então atrele Rocha e Corrente e erga o estandarte azul sobre meu coche. Vamos para nossa casa, Tebas.



Assim, chegamos à cidade dos cem portões com quatro divisões de coches e trinta mil soldados a pé. As hostes do rei Salitis estendiam-se diante de nós, mas além dessa multidão os Dedos de Hórus nos saudavam, e as muralhas de Tebas brilhavam com um reflexo perolado à luz da madrugada.

O exército hicso movimentava-se possantemente diante de nós, como uma piton gigantesca se desenrolando, coluna após coluna, fileira após fileira. Suas lanças brilhavam e os capacetes dourados dos oficiais fulguravam ao sol.

— Onde estão Apachan e seus coches? — perguntou o rei, e olhei para o Dedo de Hórus mais próximo do rio. Tive de apertar os olhos para enxergar os minúsculos estandartes coloridos que tremulavam no alto da torre.

— Apachan tem cinco divisões no centro e mais seis na reserva. Estão escondidas atrás das muralhas. — Li os sinais de bandeira que o espião havia colocado na mais alta das três torres. Eu sabia que dali ele teria uma visão completa do campo de batalha.

— Isso são apenas onze divisões, Tata — o rei fuzilou. — Sabemos que ele tem vinte. Onde estão as outras?

— O Estrangulador Amarelo — respondi. — Abateu cada cavalo que ainda estava de pé.

— Por Hórus, espero que você esteja certo e que Apachan não tenha preparado uma surpresa para nós. — Ele tocou meu ombro. — Os dados estão no copo, Tata. É tarde demais para trocá-los agora. Devemos dar este golpe com o que os deuses nos forneceram. Vamos fazer a revista das tropas.

Peguei as rédeas e conduzi o coche real diante do nosso exército. O faraó exibia-se para seus soldados. Sua presença lhes daria ânimo e enrijeceria as colunas. Conduzi os cavalos pelas longas fileiras num trote puxado. Rocha e Corrente haviam sido escovadas até que seu pêlo brilhasse como cobre polido ao sol. A carroceria do coche real fora revestida com uma fina camada de ouro, a única concessão que eu havia feito em minha exigência de leveza.

O ouro foi batido até ficar mais fino que uma folha de papiro, e acrescentava menos de cem *deben* ao peso total do veículo, mas tinha um efeito esplêndido. Amigo ou inimigo que o olhasse não duvidaria de que era o coche do faraó, e seria tomado de orgulho ou de medo no calor da batalha. Numa longa vara de bambu tremulava o pendão azul, bem acima de nossas cabeças, e os homens ovacionaram quando passamos diante das fileiras.

No dia em que deixamos Qebui para iniciar a Restauração, eu havia feito a promessa de não cortar meus cabelos enquanto não oferecesse um sacrifício no templo de Hórus, no centro de Tebas. Agora eles chegavam-me à cintura, e para esconder as mechas grisalhas eu os havia tingido com hena importada das terras além do rio Indo. Era uma basta cabeleira dourada que levava minha beleza à perfeição. Eu usava um saiote simples de linho branco e a Comenda de Ouro sobre o peito nu. Não queria de modo algum empanar a glória do meu jovem faraó, por isso não usava maquiagem nem qualquer outro ornamento.

Passamos diante dos regimentos compactos de lanceiros shilluks, no centro. Os magníficos e sanguinários negros pagãos eram o rochedo que ancorava nossas linhas. Eles nos saudaram quando passamos:

— *Kajan!* Tanus! *Kajan!* Tamose!

Suas plumas de avestruz tremularam como a espuma do rio nas cataratas quando eles ergueram as lanças. Avistei entre eles o senhor Kratas, que gritou para mim. Suas palavras perderam-se no clamor de dez mil vozes, mas li em seus lábios:

— Você e eu vamos nos embebedar hoje à noite em Tebas, velho bandido.

Os shilluks estavam alinhados em longas colunas. Kratas os havia exercitado incessantemente nas táticas que eu o ajudara a criar para enfrentar os coches. Além das longas lanças, cada um deles levava um feixe de dardos menores e uma atiradeira de madeira e couro para lançá-los com maior potência. Haviam fincado no chão piquetes aguçados, formando uma paliçada diante das fileiras. Os coches hicsos teriam de atravessar aquela barreira pontiaguda para alcançá-los.

Os arqueiros egípcios estavam a postos atrás deles, prontos para avançar entre os lanceiros ou recuar, conforme exigissem as circunstâncias da batalha. Eles ergueram os arcos curvos e saudaram o faraó:

— Tamose! Egito e Tamose!

O rei usava a coroa de guerra azul. Na testa, o aro dourado do *uraeus* mostrava as cabeças entrelaçadas do abutre e da serpente com olhos de pedras preciosas, o símbolo dos dois reinos. Tamose retribuiu a ovação erguendo a espada azul.

Percorremos o flanco esquerdo, e antes de voltarmos, Memnon de-teve-me com a mão no ombro. Por um rápido instante olhamos para trás, além do campo. Os hicsos já estavam avançando. Sua linha de frente era duas vezes mais extensa que a nossa.

— Segundo seu próprio tratado, Tata — ele disse —, uma defesa circunspecta até que o inimigo esteja comprometido, e então um ataque rápido e audacioso.

— Aprendeu bem a lição, senhor.

— Com certeza seremos flanqueados, e Apachan provavelmente lançará suas primeiras cinco divisões de coches contra o centro.

— Concordo, Mem.

— Mas sabemos o que precisamos fazer, não é, Tata? — Ele bateu no meu ombro e recuamos para nossos coches, à espera na retaguarda.

Remrem chefiava a primeira divisão, Astes, a segunda e o senhor Aqer, a terceira. Recentemente promovido ao grau de Melhor dos Dez Mil, o capitão Hui comandava a quarta divisão. Dois regimentos de shilluks guardavam nossas provisões e os cavalos de reserva.

— Olhe para aquele velho cão de caça — Memnon indicou Remrem. — Está louco para sair correndo. Por Hórus, hoje vou ensinar-lhe a ter um pouco de paciência.

Ouvimos soar as trombetas no centro.

— Começou. — Memnon apontou para a frente e vimos os coches hicsos emergir da nuvem de poeira. — Sim, Apachan soltou seus carros.

Ele olhou para nossas divisões, e Remrem levantou a espada.

— A primeira está pronta, majestade — ele bradou com ânimo, mas Memnon ignorou-o e sinalizou para o senhor Aqer. A terceira divisão avançou em coluna de quatro atrás de nós, e o faraó os conduziu.

Os coches hicsos aproximavam-se lentamente, pesados e imponentes, visando o centro de nossa linha. Memnon cortou à frente deles, interpondo nossa delgada coluna entre suas hordas e a nossa infantaria. Então, a um sinal dele, rodamos em linha aberta diretamente para o inimigo. Parecia suicídio, tão inútil quanto impelir uma de nossas frágeis galés de madeira contra as rochas das cataratas.

Quando nos aproximamos, nossos arqueiros dispararam sobre os hicsos, visando os cavalos. Abriram-se brechas em suas linhas quando os animais despencaram sob as setas, e no último momento possível nossa linha dissolveu-se como fumaça soprada pelo vento. Nossos cocheiros usaram sua velocidade e habilidade superiores e, em vez de colidir com a linha hicsa e ser esmagados sob sua potência, desviamos para as brechas e as penetramos.

Saímos na retaguarda do ataque hicsa e fizemos uma curva fechada a galope, reorganizando a linha, e mais uma vez utilizamos nossa velocidade para atacar os hicsos por trás, disparando as flechas de curta distância.

Os coches inimigos eram construídos de forma a proteger a frente dos ocupantes, e seus arqueiros ficavam posicionados na plataforma para disparar adiante. A confusão se espalhou enquanto eles tentaram revidar nosso ataque pela retaguarda. Apressados, alguns condutores manobram os coches para nos enfrentar e chocaram-se com seus vizinhos. As temíveis lâminas das rodas dilaceraram as pernas dos cavalos, fazendo-os cair relinchando num emaranhado de corpos.

A confusão disseminou-se quando a primeira revoada de flechas dos arqueiros egípcios ergueu-se sobre as fileiras compactas de shilluks e caiu sobre os hicsos. Imediatamente, Memnon deu ordem para nos determos, deixando o inimigo correr para a paliçada de estacas pontiagudas. Metade de seus cavalos foi ferida ou morta pelas pontas afiadas. Os que conseguiram passar depararam com os shilluks e uma nuvem de dardos. Os cavalos hicsos entraram em pânico, escoiceando e empinando.

Os coches que ainda mantinham o controle atiraram-se nas falanges shilluks. Não encontraram resistência. As fileiras negras abriram-se diante deles, permitindo que os cavalos as atravessassem, e depois fecharam-se novamente.

Todos aqueles demônios negros e altos eram atletas e acrobatas. Saltaram para as plataformas dos coches em disparada, atacando os ocupantes com lanças e adagas. Engoliram a primeira carga de coches da mesma forma que um polvo abocanha uma sardinha com seus múltiplos braços e o corpo amorfo.

Os espadachins hicsos avançavam, aproveitando a carga dos coches, mas agora estavam expostos. Cavalos desgarrados e os coches restantes corriam de volta para as fileiras cerradas de infantaria, obrigando-as a abrir-se para deixá-los passar. Nesse momento dispersaram-se pelo campo, e Memnon aproveitou a oportunidade.

Os cavalos estavam cansados, e Memnon levou-os para a reserva. Trocamos de parelha. Num instante os cavaliços desprenderam Rocha e Corrente e atrelaram novos animais. Tínhamos na retaguarda seis mil cavalos descansados e de prontidão. Perguntei-me quantos animais hicsos haveriam escapado ao Estrangulador e quantas parelhas descansadas eles teriam à espera.

Ao rodarmos de volta para a linha, Remrem nos chamou desesperadamente:

— Majestade! A primeira! Deixe minha divisão atacar!

O faraó ignorou-o e sinalizou para Astes. A segunda divisão adiantou-se por trás de nós e entrou em formação a trote.

A infantaria hicsa continuava enredada no meio do campo. Havia-se estendido para abranger nossa linha menor, mas perderam a formação. A linha estava retorcida e amontoada. Com sua visão de general, Memnon localizou o ponto mais fraco, uma saliência no flanco esquerdo.

— Segunda divisão, avançar! Em marcha-trote. Adiante! Coluna de oito. Atacar!

Avançamos contra a saliência na linha inimiga, de oito em oito, esmagando-os e abrindo a formação. Seu flanco esquerdo vacilou, enquanto o direito continuou avançando. Estavam todos espalhados pelo campo, tentando organizar o centro. Memnon reuniu a terceira divisão a galope e mandou-a rasgar o centro inimigo.

Um instante antes de iniciarmos o ataque, olhei para a cidade. A poeira quase impedia a visão, mas divisei duas bandeirinhas brancas no topo do Dedo de Hórus. Era o sinal de advertência de meu vigia. Então virei o corpo e olhei para o forte a leste.

— Senhor! — gritei, apontando para trás. O rei acompanhou meu braço e viu o primeiro esquadrão de coches hicsos trotar para fora do esconderijo, atrás da curva da muralha. Outros o seguiram como uma coluna de formigas guerreiras em marcha.

— Apachan está empenhando suas reservas para salvar a infantaria — gritou Memnon, acima do fragor da batalha. — Mais um instante e ele nos teria apanhado por trás. Muito bem, Tata.

Tivemos de permitir que a infantaria escapasse, e manobramos em linha para enfrentar os coches de Apachan. Disparamos uns contra os outros através do campo coalhado de coches destruídos, flechas e dardos perdidos, cavalos mortos ou feridos e homens agonizantes. Ao nos aproximarmos, ergui-me na plataforma e observei à frente. Havia algo incomum no ritmo dos coches inimigos. Então me dei conta.

— Senhor — gritei —, veja os cavalos! Estão usando animais doentes. O peito das parelhas dianteiras estava pintado com uma camada brilhante de muco amarelo, que escorria de suas bocas abertas. Enquanto eu olhava, um dos cavalos tropeçou e caiu de cabeça, levando junto seu companheiro de parilha.

— Doce Isis, você tem razão! Os cavalos deles estão acabados antes de começar — disse Memnon.

Ele viu imediatamente o que devia fazer. Foi uma amostra de seu maravilhoso controle, a capacidade de deter a carga de coches em pleno ataque. Naquele último instante ele desistiu do choque frontal.

Abrimo-nos como uma flor, para ambos os lados, diante do avanço hicsos. Viramos e corremos de volta para nossas próprias linhas, atraindo-os e forçando ao máximo os cavalos doentes e sem fôlego do inimigo.

Disparamos à frente deles em formação cerrada, enquanto suas linhas se esgarçavam na medida em que os cavalos mais fracos sucumbiam. Alguns caíam como se tivessem sido atingidos na cabeça por uma flecha.

Outros simplesmente reduziam o passo e paravam, com as cabeças pendentes e o muco brotando dos focinhos.

Os cavalos de Aqer estavam agora quase esgotados. Haviam avançado em duas cargas furiosas sem descanso. Ainda perseguido pelo remanescente da divisão de Apachan, Memnon conduziu-os até a quarta divisão, de Hui, alinhada com Remrem e a primeira divisão.

— Faraó! A primeira está pronta. Deixe-me ir! Em nome de todos os deuses, deixe-me ir! — Remrem rugiu de frustração.

Memnon mal olhou em sua direção. Manobrei meu coche para o lado de Hui. Um grupo de cavaleiros tirou das varas nossos cavalos ensopados e trouxe um novo par. Enquanto a divisão exausta do senhor Aqer passava diante de nós, vimos os hicsos que se aproximavam.

— Está pronto, capitão Hui? — Memnon chamou-o, e Hui ergueu o arco em continência.

— Pelo Egito e por Tamose! — gritou.

— Então, avante! Atacar! — Memnon riu, e nossos cavalos saltaram, disparando à frente.

Havia seis divisões completas de coches de Apachan dispersas pelo campo diante de nós. A metade dos veículos estava quebrada, com os cavalos caídos ou cambaleantes, sufocando na agonia do Estrangulador Amarelo. A maioria dos demais reduzira o passo e arfava. Mas os coches restantes vinham em boas condições.

Avançamos para enfrentá-los de frente. No centro do ataque vinha um coche mais alto, com o cocheiro vestido de bronze reluzente. Na plataforma ia um homem tão alto que aparecia acima do condutor. Usava o capacete dourado da realeza hicsa, e sua barba escura estava trançada com fitas coloridas que flutuavam ao vento como belas borboletas sobre um arbusto florido.

— Apachan! — Memnon o desafiou. — Você é um homem morto. Apachan o escutou e localizou nosso coche dourado. Desviou-se para vir ao nosso encontro e Memnon bateu no meu ombro.

— Ponha-me ao lado do porco barbado. Chegou a hora da espada, finalmente.

Apachan disparou duas flechas contra nós. Memnon aparou uma delas com o escudo e eu esquivei-me da outra, mas sem perder a concentração. Observava as terríveis lâminas giratórias nas rodas de Apachan. Eram capazes de destroçar as pernas dos meus cavalos.

Atrás de mim ouvi um ruído áspero quando Memnon desembainhou a espada azul presa ao painel lateral, e com o canto dos olhos vislumbrei o reflexo da lâmina erguendo-se.

Para confundir o condutor hicsa, desviei os cavalos para a direita, mas no instante em que começamos a mudar de rumo, alterei novamente a direção. Evitei as facas e passei junto dele, então fiz meia-volta rápida.

Com a mão desocupada agarrei o gancho de abordar e atirei-o sobre o painel lateral do outro coche. Agora estávamos presos, mas eu tinha vantagem, pois estávamos atrás dele.

Apachan girou o corpo e tentou acertar-me com a espada, mas ajoelhei-me e Memnon aparou o golpe com o escudo. Então brandiu a espada azul. Uma lasca de bronze desprendeuse da arma de Apachan, arrancada pelo aço de Memnon, e o hicsa gritou enraivecido e incrédulo, levantando o escudo de cobre diante do próximo golpe.

Apachan era um excelente espadachim, mas não se comparava ao meu rei e à espada azul. Memnon deixou em frangalhos o escudo do outro, e depois golpeou com força a espada de bronze de Apachan, que tentava defender a cabeça. A lâmina azul partiu o bronze com facilidade, e o inimigo ficou apenas com o cabo na mão.

Escancarou a boca e berrou para nós. Os dentes no fundo de sua mandíbula eram pretos e podres, e sua saliva espirrou em meu rosto numa nuvem. Memnon utilizou com maestria o golpe reto clássico. Enfiou a ponta da espada azul pela boca de Apachan até o fundo da garganta. Um grito furioso foi sufocado pela torrente de sangue vivido que jorrou de seus lábios.

Cortei a corda do gancho e deixei que o coche hicsa corresse livremente. Os cavalos estavam descontrolados e rumaram para a linha de coches em combate. Apachan agarrou-se ao painel, mantendo-se ereto apesar de moribundo. O sangue lhe esguichava da boca, escorrendo pela placa peitoral.

A visão encheu de temor seus cocheiros. Estes tentavam impelir os cavalos doentes e cambaleantes, mas nós corríamos a seu lado, despejando nossas lanças sobre eles. Seguimos o inimigo por todo o

trajeto de volta, até chegarmos ao alcance de seus arqueiros. Um enxame de flechas caiu à nossa volta e tivemos de nos deter.

— Ainda não terminou — adverti Memnon, enquanto marchávamos de volta com nossos cavalos exaustos. — Você derrotou os coches de Apachan, mas ainda tem de enfrentar a infantaria de Beon.

— Leve-me até Kratas — o faraó ordenou.

Parei o coche em frente aos regimentos shilluks, e Memnon chamou Kratas.

— Que ímpeto, meu senhor! — disse o rei.

— Majestade, temo que meus companheiros adormeçam se não encontrarem algum trabalho para eles.

— Então vamos ouvi-los cantar enquanto você os conduz em busca de serviço.

Os shilluks começaram a avançar. Moviam-se com um meneio curioso, e a cada terceiro passo batiam os pés em uníssono, com uma força que fazia o solo tremer sob os pés descalços e calosos. Cantavam com suas vozes profundas e melodiosas, um som semelhante ao de um enxame de abelhas pretas furiosas, e percutiam as lanças contra os escudos de couro.

Os hicsos eram disciplinados e corajosos. Não teriam conquistado meio mundo se não o fossem. Havíamos destruído seus coches, mas eles vieram ao encontro do ataque de Kratas protegidos por um muro de escudos de bronze.

Os dois exércitos chocaram-se como touros em luta. O touro preto e o branco travaram os chifres e combateram peito a peito, lança contra lança.

Enquanto os dois exércitos de infantaria combatiam, o faraó conteve seus coches, usando-os com habilidade e ousando tacar apenas quando havia uma brecha ou um ponto fraco nas posições inimigas. Quando um grupo de infantaria hicsa ficou isolado à esquerda, ele enviou a divisão de Aqer e o aniquilou com duas cargas ligeiras. Depois o senhor Beon tentou enviar reforços para auxiliar sua frente cercada, mas o faraó mandou Astes com quinhentos coches para barrá-los.

Os hicsos reuniram todos os coches que lhes restavam e todos os cavalos que ainda se mantinham de pé e os enviaram contra nosso flanco direito. Memnon mandou Hui e Astes encontrá-los e cortar seu ataque. Remrem amaldiçoava, suplicava e andava de um lado para outro junto a seu coche, mas o faraó ignorou suas súplicas.

Memnon e eu rodeamos a batalha no coche dourado, observando cada alteração no conflito. Ele enviava reforços exatamente para os pontos onde eram mais necessários, com uma noção de tempo e previsão que não pode ser ensinada ou aprendida. Era como se o ritmo e a pulsação da batalha batessem em seu coração e ele os sentisse no sangue.

Eu sempre procurava Kratas no meio do combate. Várias vezes o perdi de vista e temi que houvesse caído, mas então seu capacete reaparecia, com a pena de avestruz cortada e o bronze borrifado com seu próprio sangue e o de outros homens.

Ali no centro, onde Kratas lutava, os hicsos começaram a ceder. Em suas linhas distendidas a ponto de romper-se, foi como o vazamento inicial numa barragem de terra. As fileiras inimigas começaram a tombar sobre si mesmas, sob a pressão incessante.

— Pelo amor de Hórus e a compaixão de todos os deuses, Tata, este é o momento de nossa vitória!

Memnon havia percebido antes de mim.

Galopamos até onde Remrem continuava à espera, e o faraó o saudou:

— Está pronto, meu senhor Remrem?

— Estou pronto desde a madrugada, majestade, mas não sou senhor.

— Está discutindo com seu rei, senhor? Agora é um nobre. O centro inimigo está se rompendo. Leve seus coches e persiga-os até Mênfis!

— Que o faraó viva para sempre! — o senhor Remrem bradou, e saltou para o coche. Ele conduziria a primeira divisão, enfim. Seus cavalos estavam descansados e fortes, com o espírito impaciente por tanta demora.

Eles esmagaram o flanco direito dos hicsos. Atravessaram o inimigo quase sem sofrer baixas, rodearam-nos e atingiram o centro pela retaguarda. Foi no momento perfeito, quando a batalha oscilava, que o centro hicso caiu. Num átimo eles começaram a bater em retirada.

Recuaram em disparada para os portões da cidade, mas até mesmo os shilluks de Kratas estavam cansados demais para persegui-los. Metidos até os joelhos em pilhas de soldados mortos e moribundos, eles descansavam apoiados em suas lanças e deixaram o inimigo fugir. Foi então que o gênio de Memnon se revelou. Ele havia guardado a primeira divisão para esse momento. Ela assumiu a caçada, e vi a espada de Remrem erguer-se e cair num ritmo terrível, enquanto os perseguia.

Os primeiros inimigos em fuga alcançaram os portões da cidade, mas os encontraram trancados. Meus espiões e agentes haviam trabalhado bem. A população de Tebas se rebelara e a cidade era nossa. Os portões foram fechados para as legiões hicsas derrotadas.

Remrem perseguiu os hicsos até que a noite caiu e seus cavalos ficaram esgotados. Ele os fez correr trinta milhas para o norte, e cada passo da estrada ficou juncado de armas abandonadas e corpos feridos.



Conduzi o coche do faraó até o portão principal da cidade. Ele ergueu-se na plataforma e gritou para os sentinelas na amurada logo acima:

— Abram os portões! Deixem-me entrar!

— Quem pede para entrar em Tebas? — gritaram os guardas. - Tamose, senhor dos dois reinos.

— Salve o faraó! Que viva para sempre!

Os portões se abriram e Memnon tocou meu ombro.

— Vamos, Tata. Virei-me e olhei para ele.

— Perdoe-me, majestade. Fiz o juramento de nunca entrar nesta cidade senão ao lado de minha ama, a rainha Lostris. Devo lhe passar as rédeas.

— Apeie — ele ordenou delicadamente. — Vá buscar sua ama e cumpra a promessa.

Ele pegou as rédeas de minhas mãos e desci para a estrada poeirenta. Vi-o conduzir o coche dourado pelo pórtico e escutei a ovação, como o rugido das águas na catarata em plena cheia. O povo de Tebas saudava seu rei.

Fiquei à beira da estrada enquanto nosso exército exausto acompanhava o faraó pela cidade. Percebi que preço amargo havíamos pago pela vitória. Não poderíamos perseguir os hicsos antes de

reconstruir nosso exército. A essa altura o rei Salitis estaria novamente forte e seus cavalos, recuperados do Estrangulador Amarelo. Havíamos vencido a primeira batalha, mas eu sabia que haveria muitas pela frente antes que o tirano fosse expulso do nosso Egito.

Procurei Kratas quando os regimentos shilluks passaram, mas não o vi.

Hui havia reservado um coche e cavalos descansados para mim.

— Irei com você, Taita — ele ofereceu, mas sacudi a cabeça.

— Viajarei mais depressa sozinho — retruquei. - Vá para a cidade e comemore seu triunfo. Mil belas garotas o estarão esperando.

Antes de tomar a estrada para o sul, fui até o campo de batalha. Os chacais e hienas já se banquetavam, seus uivos e rosnados misturando-se aos gemidos dos agonizantes. Os mortos estavam empilhados como detritos na margem do rio depois da inundação.

Conduzi o coche até onde eu havia visto Kratas pela última vez, e era o trecho mais horripilante do tenebroso campo. Os cadáveres empilhavam-se até a altura das rodas do coche. Vi o capacete de Kratas caído na terra que o sangue transformara em lama. Desci e apanhei-o. O penacho havia desaparecido e o capacete estava todo amassado e dentado por golpes fortes.

Atirei-o de lado e comecei a procurar o corpo de Kratas. Vi sua perna surgindo debaixo de uma pilha de corpos. Eram shilluks e hicsos deitados juntos na trégua da morte. Arrastei-os para o lado e encontrei Kratas, deitado de costas. Estava ensopado de sangue escuro coagulado, o cabelo tingido de rubro e o rosto, uma máscara negra e espessa de lama.

Ajoelhei-me ao lado dele e murmurei:

— Por que todos têm de morrer? Todos a quem realmente amo precisam morrer? — Inclinei-me e beijei seus lábios ensangüentados.

Kratas sentou-se e olhou para mim. Então deu aquele seu grande sorriso de menino.

— Pelo muco ressequido das narinas de Seth! Isso sim foi uma luta!

— Kratas! — Eu olhava para ele sem acreditar. — Você realmente viverá para sempre.

— Não duvide disso nem por um instante, meu rapaz. Mas agora preciso de um gole.

Corri até o coche e apanhei o frasco de vinho. Ele o segurou com o braço estendido e deixou o líquido vermelho escorrer pela garganta. Quando esvaziou a garrafa, jogou-a para o lado e arrotou.

— Isso foi o bastante para começar. — Ele piscou para mim. — Agora me indique a taverna mais próxima, velho pervertido.



Levei a notícia até Elefantina mais depressa do que um navio poderia navegar contra a correnteza, pois era um homem só no coche e os cavalos corriam ligeiros. Troquei de parrelha em cada posto de revezamento na rota para sul, e galopei sem cessar. Os cavaleiros davam-me uma bebida ou um pedaço de pão de milho com queijo enquanto trocavam os cavalos, e não dormi nem descansei.

Durante a noite, as estrelas e a lua indicavam-me o caminho, e Hórus guiou minhas mãos cansadas nas rédeas, pois apesar de todos os membros me doerem e eu oscilar de exaustão na plataforma, não tive

percalços.

Em cada posto de troca e em cada aldeia do trajeto, eu gritava a alegre notícia:

— Vitória! Vitória completa! O faraó triunfou em Tebas. Os hicsos caíram.

— Louvados sejam os deuses! — todos me felicitavam. — Vivam o Egito e Tamose!

Eu continuava galopando, e ainda hoje se fala na minha cavalgada para o sul. Lembrem do cocheiro fantasmagórico com os olhos vermelhos, a túnica empoeirada e manchada de sangue, os longos cabelos esvoaçantes — o arauto da vitória levando para Elefantina notícias da batalha que impeliu o Egito rumo à liberdade.

Conduzi de Tebas até Elefantina em dois dias e duas noites, e chegando ao palácio mal tive forças para alcançar o jardim aquático. Minha ama estava deitada e atirei-me de joelhos a seu lado.

— Senhora — balbuciei entre os lábios rachados e com a garganta obstruída pela poeira. — O faraó alcançou uma poderosa vitória. Vim levá-la para casa.



Navegamos rio abaixo até Tebas. As princesas ajudavam a fazer companhia à mãe e a alegrá-la. Sentadas no convés, cantavam para ela, compunham versos e riam, mas seu riso tinha nuances de tristeza e seus olhos demonstravam grande preocupação quando olhavam para minha ama. A rainha Lostris estava frágil como uma ave ferida. Seus ossos não tinham peso, e a carne estava translúcida como madrepérola. Eu conseguia erguê-la e carregá-la com tanta facilidade como se tivesse dez anos de idade. A poção da flor do sono já não detinha mais a dor que lhe mordida o ventre como um terrível caranguejo.

Carreguei minha ama para a proa da galé quando as muralhas de Tebas finalmente surgiram depois da curva do Nilo. Apoiei-a com um braço ao redor dos ombros emaciados e lembremo-nos das cenas felizes, revivendo inúmeros momentos da nossa juventude.

Mas o esforço a fatigou. Quando atracamos diante do Palácio de Memnon, metade da população de Tebas nos esperava para dar-lhe as boas-vindas. O faraó Tamose estava à frente da enorme multidão.

Os carregadores a levaram à terra na liteira e todos a saudavam com grande carinho. Embora a maioria das pessoas ali jamais a houvesse visto, a lenda da rainha bondosa havia perdurado durante seu longo exílio. As mães erguiam seus filhos pedindo a bênção de Lostris e tentavam tocar sua mão que pendia da borda da liteira.

— Reze a Hapi por nós — pediam. — Reze por nós, mãe do Egito. O faraó Tamose caminhou ao lado da liteira como se fosse o filho de uma mulher comum, e Tehuti e Bekatha seguiam logo atrás. As princesas sorriam alegremente, embora lágrimas reluzissem em suas pálpebras.

Aton e eu havíamos preparado os apartamentos da rainha. A porta, mandei que todos nos deixassem, inclusive o rei. Deitei-a no sofá sob a parreira no terraço, de onde ela podia ver do outro lado do rio as muralhas reluzentes de sua amada Tebas.

Quando escureceu, carreguei-a para o quarto. Ao deitá-la nos lençóis de linho, ela olhou para mim.

— Taita — murmurou. — Pela última vez, você consultaria o oráculo de Amon-Rá para mim?

— Senhora, nada posso lhe recusar. — Inclinei a cabeça e fui buscar a cesta de médico.

Sentei-me de pernas cruzadas no chão ao lado dela, e Lostris viu-me preparar as ervas. Esmaguei-as no almofariz de alabastro e aqueci água na chaleira de cobre.

Levantei a taça fumegante e brindei a Lostris.

— Obrigada — ela sussurrou, e esvaziei a taça. Fechei os olhos e esperei pela conhecida e vertiginosa queda por sobre a fronteira da realidade para o mundo dos sonhos e das visões.

Quando retornei, as lamparinas pingavam e esfumaçavam nos suportes e o palácio estava silencioso. Não havia qualquer som vindo do rio ou da cidade adormecida na margem oposta, apenas o doce trinado de um rouxinol nos jardins e a leve respiração de minha ama deitada no travesseiro.

Pensei que estivesse dormindo, mas no instante em que ergui a mão trêmula para enxugar o suor frio e nauseante de meu rosto, ela abriu os olhos.

— Pobre Taita... Foi ruim?

Havia sido pior que na vez anterior. Minha cabeça doía e minha visão ondulava. Soube que nunca mais consultaria o oráculo. Aquela fora a última vez e eu só o havia feito por ela.

— Vi o abutre e a serpente parados de cada lado do rio, divididos pelas águas. Vi as águas subir e descer cem vezes. Vi cem colheitas de milho e cem pássaros voar sobre o rio. Abaixo deles, vi a poeira da batalha e o relâmpago das espadas. Vi a fumaça de cidades incendiadas misturar-se à poeira. Finalmente vi a serpente e o abutre se reunir. Vi-os enlaçar-se e copular sobre um lençol de seda azul. Havia bandeiras azuis nas muralhas da cidade e a tremular nos pilares do templo. Vi os estandartes azuis dos coches que percorriam o mundo. Vi monumentos tão altos e poderosos que durarão dez mil anos. Vi os povos de cinquenta nações diferentes inclinar-se diante deles.

Suspirei e pressionei as têmporas com os dedos para conter a pulsação em minha cabeça, e depois disse:

— Essa foi minha visão.

Nenhum de nós falou ou se moveu por um longo tempo, então minha ama disse suavemente:

— Cem estações se passarão antes que os dois reinos se unam, cem anos de guerras e dificuldades antes que os hicsos sejam finalmente expulsos do solo sagrado do Egito. Será duro e amargo para meu povo suportar.

Eu interpretei o resto da visão para ela:

— Mas eles se unirão sob a bandeira azul, e os reis de sua linhagem conquistarão o mundo. Todas as nações lhes prestarão homenagens.

— Fico feliz com isso. — Ela suspirou e adormeceu.

Eu não dormi, pois sabia que a rainha Lostris ainda precisava de mim a seu lado.

Naquela hora antes do amanhecer que é a mais escura da noite ela despertou e gritou:

— Que dor! Doce Isis, que dor!

Preparei para ela uma dose da poção da flor vermelha. Depois de um momento, a rainha falou:

— A dor passou, mas sinto frio. Abrace-me, Taita, aqueça-me com seu corpo.

Tomei-a nos braços e enlacei-a até ela dormir. Despertou mais uma vez quando os primeiros raios de sol se esgueiraram pela porta do terraço.

— Amei apenas dois homens na minha vida — ela murmurou —, e você é um deles. Talvez na próxima vida os deuses tratarão nosso amor com mais bondade.

Nada consegui responder. Ela fechou os olhos pela última vez, deslizou suavemente e me deixou. Seu último sopro não foi mais forte que o anterior, mas senti o frio em seus lábios quando os beijei. — Adeus, minha ama — sussurrei. — Adeus, meu amor.



Escrevi estes papiros nos setenta dias e noites do embalsamamento real. São meu último tributo a minha ama. Antes que os embalsamadores oficiais a levassem, fiz a incisão em seu lado esquerdo, como havia feito em Tanus. Abri-lhe o ventre e retirei o terrível demônio que a matara. Era uma coisa de carne e sangue, mas não era humana. Quando a atirei ao fogo, amaldiçoei-a e insultei o desprezível deus Seth que a colocara no corpo de Lostris.

Preparei dez vasos de alabastro para guardar estes papiros, e os deixarei junto dela. Eu mesmo estou pintando os murais de sua tumba. São os mais belos que já criei, cada pincelada uma expressão do meu amor.

Desejaria poder ficar com ela no túmulo, pois estou esgotado pela dor. Mas tenho as duas princesas e meu rei para cuidar. Eles precisam de mim.

## Nota do autor

Em 5 de janeiro de 1988, o dr. Duraid ibn ai Simma, do Departamento de Antigüidades egípcio, abriu e entrou numa tumba do Vale dos Nobres, na margem ocidental do Nilo. O motivo de esta tumba não ter sido escavada antes era que no século 9º d.C. fora construída no local uma mesquita islâmica. Somente depois de longas e delicadas negociações com as autoridades religiosas as escavações foram permitidas.

Ao entrar na passagem que levava à câmara mortuária, o dr. Al Simma foi recebido pelo maravilhoso espetáculo dos murais que revestiam completamente as paredes e o forro. Eram as pinturas mais elaboradas e vivas que ele encontrara numa vida inteira dedicada ao estudo arqueológico.

Ele me disse que percebeu imediatamente ter feito uma descoberta importante, pois dentre os hieroglifos das paredes destacava-se o selo de uma rainha egípcia que nunca fora registrada.

Sua excitação e sua expectativa aumentaram ao se aproximar da câmara fúnebre, mas ele ficou frustrado quando viu que os selos sobre a porta estavam danificados e a entrada fora forçada. Em tempos antigos, a tumba havia sido roubada e esvaziada dos sarcófagos e todos os tesouros.

Não obstante, o dr. Al Simma conseguiu datá-la com razoável precisão, como pertencente àquela noite escura de conflito e desastre que se abateu sobre o Egito por volta de 1780 a.C. No século seguinte os dois reinos estiveram em franca decadência. Temos poucos registros dos fatos desse período, mas, finalmente, do caos surgiu uma linhagem de príncipes e faraós que acabou expulsando o invasor hitita e conduziu o Egito a seu período de maior glória. Dá-me grande prazer pensar que o sangue de Lostris, Tanus e Memnon corria forte em suas veias.

Quase um ano depois de a tumba ter sido aberta pela primeira vez, enquanto os assistentes do dr. Al Simma copiavam e fotografavam as decorações murais, uma parte do reboco caiu, revelando um nicho oculto em que havia dez vasos de alabastro selados.

Quando o dr. Al Simma me pediu para ajudar na transcrição dos rolos de pergaminho contidos nos vasos, senti-me honrado e vibrante. Eu não estava, é certo, qualificado a trabalhar nos pergaminhos originais, grafados em escrita religiosa. Esse trabalho foi realizado no Museu do Cairo por uma equipe internacional de egiptólogos.

O dr. Al Simma pediu-me para reescrever essa transcrição original num estilo que a tornasse mais acessível ao leitor moderno. Tendo isso em vista, incluí alguns anacronismos no texto. Por exemplo, em certos trechos utilizei medidas modernas de distância e peso. Também me permiti algumas palavras que Taita jamais usou, mas que, tenho certeza, o teria feito se fizessem parte do vocabulário da época.

Pouco depois de iniciar o trabalho com os textos, todas as minhas reservas se desfizeram e me envolvi totalmente com a época e a personalidade do autor original. Apesar de sua pretensão e imodéstia, criei uma simpatia e uma afeição pelo escravo Taita que se estenderam milênios atrás.

Ficou-me a percepção de quão pouco as emoções e aspirações humanas se modificaram em todo esse tempo, e a duradoura excitação de saber que até hoje nas montanhas da Abissínia, perto da nascente do Nilo Azul, a múmia de Tanus repousa na tumba inviolada do faraó Mamose.

<sup>[1]</sup> Provavelmente a papoula, originária do Oriente Médio, de cujas sementes se extraem substâncias entorpecentes como a morfina e a heroína. (N. do T.)

<sup>[2]</sup> A palavra "hicso" tem origem egípcia e significa "rei pastor" ou "chefe do deserto". Essa denominação identificava no antigo Egito tanto os líderes quanto os diversos povos nômades de origem asiática que invadiram o norte do Nilo no século 18 a.C. (N. do T.)